



O CORTADOR DE PEDRAS

CAMILLA
LÄCKBERG

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O CORTADOR DE PEDRAS

**CAMILLA
LÄCKBERG**

Tradução
Marcelo Barbão

 Planeta

Copyright © Camilla Läckberg, 2005

Edição original por Forum, Suécia, 2005.

Edição publicada de acordo com Nordin Agency, Suécia e Pontas Literary & Film Agency, Espanha.

Título original: *The Stonecutter*

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

www.academiadeinteligencia.com.br

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Läckberg, Camilla, 1974

O cortador de pedras / Camilla Läckberg ; tradução Marcelo Barbão. – São Paulo :
Editora Planeta do Brasil, 2011. Tradução de: The stonecutter.

ISBN 978-85-7665-759-0

1. Ficção sueca. I. Barbão, Marcelo. II. Títul.

11-5764.
029518

CDD-839.73

CDU: 821.113.6-3

Para Ulle – Toda a felicidade do mundo

Capítulo 1

A pesca de lagosta já não era mais a mesma. No passado, pescadores profissionais e esforçados se matavam para pegar os crustáceos negros. Agora turistas de verão passavam uma semana pescando lagostas somente por diversão. E tampouco obedeciam às regras. Ele tinha visto muito disso nos últimos anos. Escovas discretamente usadas para remover as visíveis ovas das fêmeas e fazer com que a pesca fosse legal, roubo das armadilhas de outras pessoas. Alguns até mergulhavam na água e tiravam as lagostas direto das armadilhas. Às vezes, ele se perguntava onde tudo isso ia terminar e se sobrava alguma honra entre os pescadores de lagostas. Numa ocasião encontrou até uma garrafa de conhaque na armadilha que ele puxou, em vez do número desconhecido de lagostas que tinham sido roubadas. Pelo menos aquele ladrão teve alguma honra ou senso de humor.

Frans Bengtsson suspirou fundo enquanto subia suas armadilhas, mas seu rosto se iluminou quando viu duas maravilhosas lagostas na primeira delas. Ele tinha um bom olho para onde as lagostas costumavam se juntar, bem como um bom número de pontos favoritos onde as armadilhas podiam ser colocadas com a mesma sorte, todo ano.

Três armadilhas depois, e ele tinha acumulado uma pilha considerável das criaturas valiosas. Realmente não entendia o motivo de preços tão escandalosos. Não que elas não fossem apetitosas, mas se tivesse de escolher, preferia arenque para o jantar. Eram mais gostosos e tinham melhor preço. Mas a renda da

pesca de lagosta era um acréscimo mais do que bem-vindo para sua aposentadoria nessa época do ano.

A última armadilha parecia estar presa, e ele colocou o pé na lateral do barco para ter mais apoio enquanto tentava soltá-la. Sentiu a armadilha ceder aos poucos e esperou que não estivesse danificada. Ele olhou sobre a borda de seu velho *snipa* de madeira para ver que tipo de coisa estava ali dentro. Mas não foi a armadilha o que viu primeiro. Uma mão branca apareceu na superfície agitada da água, parecendo por um momento que estava apontando para o céu.

Seu primeiro instinto foi soltar a linha e deixar aquilo que estava flutuando na superfície desaparecer novamente nas profundezas juntamente com sua armadilha de lagostas. Mas depois o profissional voltou a assumir o controle, e ele continuou puxando o fio que prendia a armadilha. Ainda havia bastante força em seu corpo, e ele ia precisar dela. Usou toda a força para puxar sua descoberta macabra para dentro do barco. Ele não perdeu a compostura até que o corpo pálido e sem vida caísse no deque com um baque. Era uma criança que ele tinha tirado do mar. Uma garota, com os cabelos compridos cobrindo seu rosto, e lábios tão azuis quanto os olhos, que agora miravam o céu.

Bengtsson se debruçou sobre a murada e vomitou.

Patrik estava mais exausto do que achava possível. Todas as suas ilusões de que os bebês dormiam muito tinham sido completamente destruídas nos últimos dois meses. Ele passou as mãos pelos cabelos castanhos curtos, mas só conseguiu deixá-los ainda mais desganhado. E se *e/e* achava que estava cansado, não conseguia nem imaginar como Erica devia estar se sentindo. Pelo menos não precisava se levantar à noite para amamentar. Além disso, estava realmente preocupado com ela. Não conseguia se

lembrar de tê-la visto sorrir desde que havia chegado da maternidade, e suas olheiras estavam bem escuras. Quando via o olhar de desespero de Erica pela manhã, era difícil deixá-la com Maja. Mas precisava admitir que era um grande alívio ser capaz de ir para seu mundo adulto familiar. Ele amava Maja mais do que tudo, mas ter um bebê em casa era como pisar num mundo estranho e pouco familiar, com todos os tipos de novas preocupações se escondendo a cada esquina. Por que ela não dormia? Por que gritava? Sentia calor? Ou muito frio? O que são essas manchas estranhas em sua pele? Arruaceiros adultos eram, pelo menos, algo que ele conhecia, algo com que sabia lidar.

Ele olhou perdido para os papéis à sua frente e tentou limpar as teias de aranha de seu cérebro para continuar trabalhando. Quando o telefone tocou, quase pulou da cadeira, e precisou de mais três toques antes que pudesse se recuperar o suficiente para atender.

– Patrik Hedström.

Dez minutos depois, ele pegou seu casaco de um gancho na parede, foi até a sala de Martin Molin e disse:

– Martin, um velho pescador que estava recolhendo armadilhas para lagosta, um tal de Frans Bengtsson, encontrou um corpo.

– Onde? – perguntou Martin, confuso. A dramática notícia havia atordoado a sonolenta manhã de segunda-feira na delegacia de Tanumshede.

– Perto de Fjällbacka. Ele está ancorado no cais da praça Ingrid Bergman. Precisamos ir. A ambulância já está a caminho.

Não foi preciso repetir. Martin pegou seu casaco para encarar o frio de outubro e seguiu Patrik até o carro. A viagem até Fjällbacka foi rápida, e Martin teve de se segurar no apoio da porta quando o carro fez as curvas fechadas a toda velocidade.

– Foi um afogamento acidental? – perguntou Martin.

– Como é que eu vou saber? – disse Patrik, sentindo um remorso instantâneo por ter sido brusco. – Desculpe, não consegui dormir o suficiente.

– Tudo bem – falou Martin. Vendo como Patrik tinha a aparência cansada nas últimas semanas, ele estava mais do que disposto a perdoá-lo.

– Tudo que sabemos é que ela foi encontrada há uma hora. De acordo com o velho, não parecia estar havia muito tempo na água. Mas vamos descobrir isso logo – Patrik continuou falando enquanto dirigia por Galärbacken até o cais, onde um *snipa* de madeira estava atracado.

– Você disse “ela”?

– Sim, é uma garota, uma menina.

– Ah, merda – disse Martin, desejando ter seguido seu instinto e ficado na cama com Pia em vez de ir trabalhar naquela manhã.

Eles estacionaram no Café Bryggan e correram para o barco. Por incrível que pareça, ninguém tinha percebido ainda o que acontecera, então não havia necessidade de afastar os curiosos habituais.

– A garota está ali no chão do barco – disse o velho que os encontrou no cais. – Eu não quis tocá-la mais do que o necessário.

Para Patrik, não foi difícil reconhecer a palidez na cara do velho. Era a mesma do seu próprio rosto sempre que via um corpo.

– Onde você a encontrou? – perguntou Patrik, usando a pergunta para adiar o confronto com a garota morta mais alguns segundos. Ele ainda não a tinha visto, mas seu estômago já estava se revirando.

– Perto de Porsholmen. Lado sul da ilha. Ela ficou presa à linha da quinta armadilha. Se não fosse por isso, teria demorado mais

para encontrá-la. Talvez nunca, se as correntes a tivessem levado para o mar.

Não surpreendeu Patrik que Bengtsson soubesse como um corpo reagia aos efeitos do mar. Todos os pescadores mais antigos sabiam que um corpo primeiro afundava, depois aos poucos subia à superfície, após se encher de gases, até que, finalmente, depois que mais tempo passava, afundava novamente. Nos velhos tempos, afogamento era um risco real para um pescador, e Bengtsson já devia ter saído para procurar vítimas infelizes antes.

Como se quisesse confirmar isso, o pescador falou:

– Ela não estava ali havia muito tempo. Ainda não tinha começado a flutuar.

Patrik assentiu com a cabeça.

– Você comentou isso quando ligou para informar o ocorrido. Bom, acho que é melhor darmos uma olhada.

Martin e Patrik caminharam devagar até a ponta do cais onde o barco estava atracado. Foi só quando estavam quase chegando que conseguiram enxergar o suficiente pela murada para discernir o que havia no chão do deque. A garota tinha ficado de barriga para cima quando o velho a puxou do barco, com os cabelos molhados e emaranhados cobrindo a maior parte do rosto.

– A ambulância chegou – disse Patrik.

Martin assentiu debilmente. Suas sardas e os cabelos avermelhados pareciam bem mais fortes contra o rosto branco, e ele lutava para controlar a náusea.

O cinza do clima e o vento que tinha começado a soprar criavam um cenário pavoroso. Patrik acenou para os paramédicos, que parecia não ter pressa para descarregar uma maca do veículo e levá-la até eles.

– Afogamento acidental? – o primeiro dos dois paramédicos perguntou apontando na direção do barco.

– Parece que sim – respondeu Patrik. – Mas o legista terá de confirmar. Seja como for, vocês não têm nada a fazer, exceto transportá-la.

– Já sabíamos disso – falou o homem. – Vamos colocá-la na maca.

Patrik assentiu. Ele sempre pensou que situações nas quais crianças tinham sido vítimas de acidentes eram as piores coisas que um policial podia encontrar no trabalho. Desde que Maja havia nascido, o desconforto que sentia parecia ter sido multiplicado por mil. Agora seu coração doía ao pensar na tarefa que estava à sua frente. Assim que a garota fosse identificada, eles teriam de destruir a vida dos pais dela.

Os médicos entraram no barco. Pegaram a garota com cuidado e a levantaram até o cais. Seus cabelos ruivos molhados caíram sobre as tábuas como um ventilador ao redor do rosto pálido, e os olhos sem vida pareciam estar mirando as nuvens cinzentas.

No começo, Patrik tinha olhado para outro lado, mas agora relutantemente havia se virado para a garota. Foi então que seu coração pareceu ter sido agarrado por uma mão gelada.

– Oh, não. Oh, não. Meu Deus.

Martin olhou para ele, consternado. Depois percebeu o que Patrik queria dizer.

– Você sabe quem é ela?

Patrik assentiu, mudo.

Capítulo 2

Strömstad 1923

Agnes nunca teria ousado dizer em voz alta, mas às vezes achava que tivera sorte por sua mãe ter morrido quando ela nasceu. Dessa forma, tinha o pai todo para si e, considerando o que tinha ouvido falar de sua mãe, não teria como controlá-la assim tão fácil. Mas seu pai não tinha coragem de negar nada à filha órfã. Agnes estava consciente desse fato e o explorava ao máximo. Certos parentes e amigos, com boas intenções, haviam tentado mostrar isso ao pai, mas mesmo se ele fizesse tentativas pouco consistentes de dizer não à sua querida, cedo ou tarde, seu lindo rostinho ganhava. Aqueles olhos grandes podiam facilmente se encher de lágrimas que escorriam pelo rosto. Quando as coisas chegavam a esse ponto, o coração dele cedia, e Agnes conseguia o que queria.

O resultado era que agora, aos dezenove anos, Agnes era uma garota muito mimada. Várias pessoas que a tinham conhecido ao longo dos anos provavelmente se atreveriam a dizer que ela era bem desagradável. As garotas, principalmente, afirmariam isso. Os garotos, Agnes tinha descoberto, raramente olhavam para além de seu belo rosto, seus olhos grandes, seus cabelos compridos e grossos, tudo que fazia seu pai lhe dar qualquer coisa que quisesse.

A casa deles em Strömstad era uma das maiores na cidade. Ficava no alto da colina, com vista para o mar. Tinha sido paga, em parte, com a fortuna herdada da mãe e parcialmente com o

dinheiro que o pai havia ganhado com o comércio de granito. Ele estivera perto de perder tudo uma vez, durante a greve de 1914, quando os trabalhadores da pedreira se levantaram como um só homem contra as grandes empresas. Mas a ordem foi restaurada no final; e, depois da guerra, os negócios voltaram a prosperar. A pedreira em Krokstrand, perto de Strömstad, em particular, começou a dar muito lucro com vendas principalmente para a França.

Agnes não se preocupava muito com a origem do dinheiro. Ela tinha nascido rica e sempre viveu como vivem as pessoas ricas. Não fazia diferença se o dinheiro era herdado ou conquistado, contanto que pudesse comprar joias e roupas finas. Ela sabia que nem todo mundo via as coisas assim. Os pais de sua mãe tinham ficado horrorizados quando a filha decidiu se casar com o pai de Agnes. Sua riqueza era recém-adquirida, e os pais dele tinham sido pobres. O jovem casal sentia-se deslocado nas festas; por isso só eram convidados quando não havia ninguém de fora da família. Até mesmo essas reuniões eram embaraçosas. Os pobres coitados não tinham ideia de como se comportar em locais finos, e suas contribuições para as conversas eram impreterivelmente pobres. Os avós maternos de Agnes nunca entenderam o que sua filha tinha visto em August Stjernkvist, ou melhor, Persson, seu sobrenome de batismo. Sua tentativa de subir a escada social simplesmente mudando de sobrenome era algo que não enganava ninguém. Mas os avós adoravam a neta e competiam com o pai para mimá-la depois que a mãe morreu tão repentinamente ao dar à luz.

– Querida, vou até o escritório.

Agnes se virou quando o pai entrou no quarto. Ela estava tocando o grande piano perto da janela, principalmente porque sabia como ficava bonita sentada ali. A música não era seu forte.

Apesar das caras lições de piano que tinha tido desde pequena, só conseguia tocar de maneira passável a partitura que estava à sua frente.

– Papai, o senhor pensou naquele vestido que lhe mostrei outro dia? – Olhou para ele com súplica e percebeu que ele estava dividido, como sempre, entre seu desejo de falar não e sua incapacidade de fazê-lo.

– Querida, acabei de comprar um vestido novo em Oslo para você...

– Mas aquele tinha forro acolchoado, papai. O senhor não espera que eu use um vestido com forro na festa de sábado, quando está tão quente, não é mesmo?

Ela fez uma careta de repreensão e esperou a reação dele. Se, contrariamente a seus hábitos, ele continuasse resistindo, ela teria de tremer os lábios e, se isso não ajudasse, bem, algumas lágrimas normalmente funcionavam. Mas hoje o pai parecia cansado, e Agnes não achou que seria preciso muito esforço de sua parte. Como sempre, ela estava certa.

– Está bem, vá até a loja amanhã e faça o pedido. Mas você vai acabar matando seu pai algum dia. – Ele balançou a cabeça, mas não conseguiu deixar de sorrir quando ela pulou sobre ele e beijou-lhe o rosto.

– Agora, escute – ele falou. – É melhor você se sentar e praticar suas escalas. É possível que eles peçam para você tocar algo no sábado, então esteja preparada.

Satisfeita, Agnes voltou a se sentar no banquinho do piano e obedientemente começou a praticar. Ela já podia imaginar a cena. Os olhos de todos estariam fixos nela quando se sentasse ao piano sob a luz das velas, usando seu novo vestido vermelho.

A enxaqueca estava finalmente começando a diminuir. A faixa de ferro que parecia estar ao redor de sua testa estava se soltando aos poucos, e ela conseguiu, com cuidado, abrir os olhos. O andar de cima estava silencioso. Bom. Charlotte se virou na cama e fechou os olhos novamente, adorando a sensação de que a dor diminuía. Aos poucos, isso foi substituído por uma sensação relaxante nos membros.

Depois de descansar mais um pouco, ela se sentou com calma na beira da cama e massageou as têmporas. Ainda estavam um pouco frágeis depois da crise, e ela sabia pela experiência que a dor ainda continuaria por um par de horas.

Albin devia estar dormindo lá em cima. Isso queria dizer que, tranquilamente, poderia esperar mais um minuto antes de subir. Deus sabia que ela precisava de todo descanso que pudesse conseguir. O aumento do estresse nos últimos meses tinha tornado as dores de cabeça mais frequentes, sugando toda a sua energia.

Charlotte decidiu ligar para sua amiga sofredora e perguntar como ela estava indo. Apesar de estar estressada no momento, não conseguia parar de se preocupar com o estado mental de Erica. As duas mulheres não se conheciam havia muito tempo. Tinham começado a conversar porque estavam sempre se encontrando com seus carrinhos de bebê. Erica com Maja e Charlotte com seu Albin, de oito meses. Depois que descobriram que viviam tão perto uma da outra, passaram a se encontrar quase todo dia. Mas Charlotte logo começou a se preocupar com sua nova amiga. Claro, ela não conhecera Erica antes do nascimento de Maja, mas sua intuição dizia que era pouco comum que sua amiga estivesse tão apática e deprimida como nos últimos dias. Charlotte tinha até tocado, com cuidado, no assunto de depressão pós-parto com Patrik. Mas ele havia descartado a ideia, dizendo que ter um bebê era uma grande

mudança e que tudo ficaria bem assim que eles criassem uma rotina.

Ela pegou o telefone no criado-mudo e discou o número de Erica.

– Oi, é a Charlotte.

Erica parecia grogue e cansada quando respondeu, e Charlotte ficou ainda mais preocupada. Algo não estava bem. De jeito nenhum.

Mas depois de uns instantes, Erica se animou um pouco. Até Charlotte pensou que era bom conseguir conversar por alguns minutos e adiou o inevitável por mais tempo. Mas logo teria de subir e encarar a realidade que a esperava.

Como se intuísse o que Charlotte estava pensando, Erica perguntou como estava a busca de casas.

– Lenta. Muito lenta. Niclas está trabalhando o tempo todo, parece. Ele nunca tem tempo para andar de carro por aí e olhar as casas. E não há muitas opções para escolher agora, para dizer a verdade, então acho que vamos ficar por aqui mais tempo. – Ela suspirou profundamente.

– Vai dar tudo certo, você vai ver. – A voz de Erica era reconfortante, mas infelizmente Charlotte não colocou muita fé nisso. Ela, Niclas e os filhos já estavam vivendo com sua mãe e Stig fazia seis meses. Parecia, agora, que ficariam mais um semestre. Isso podia ser bom para Niclas, que estava na clínica de manhã até a noite, mas para Charlotte, presa com as crianças, era insuportável.

Na teoria, tinha parecido tão bom quando Niclas sugeriu a ideia. Havia uma vaga para médico do distrito em Fjällbacka e, depois de cinco anos em Uddevalla, eles achavam que estavam prontos para mudar de cenário. Além disso, Albin estava a caminho, concebido como uma última tentativa de salvar o casamento. Então, por que

não recomeçar completamente a vida? Quanto mais ele falava do plano, melhor ele parecia. E a ideia de ter acesso a babá, agora que teriam duas crianças, também tinha soado tentadora. Mas a realidade era totalmente diferente. Demorou poucos dias para Charlotte se lembrar exatamente por que tinha lutado tanto para sair da casa dos pais. Por outro lado, poucas coisas tinham mudado da forma como eles esperavam. Mas isso não era um assunto que podia discutir com Erica, não importava quanto quisesse. Era preciso manter o segredo ou poderia destruir toda a família.

A voz de Erica interrompeu seus devaneios.

– Então, como está sua mãe? Você já está ficando louca?

– Para dizer o mínimo. Tudo que faço está errado. Sou muito brava com as crianças, sou muito liberal com as crianças, obrigo-as a usar muitas roupas, deixo que usem pouca roupa, elas não comem o suficiente, dou muita comida para elas, estou muito gorda, sou muito descuidada... A lista nunca termina e já estou até aqui – ela falou, levando a mão até a testa.

– E Niclas?

– Oh, não. Niclas é perfeito aos olhos da mamãe. Ela o agrada e bajula o tempo todo e sente pena por ele ter uma vida tão sem sentido. Para ela, Niclas não faz nada errado.

– Mas ele não vê como ela a trata?

– Como eu disse, ele quase nunca está em casa. E minha mãe se comporta da melhor maneira quando Niclas está por perto. Sabe o que ele disse ontem, quando tive a audácia de reclamar? “Mas Charlotte, querida, por que você não cede um pouquinho?” Ceder um pouquinho? Se eu ceder mais, vou ser completamente apagada. Fiquei tão brava que não lhe disse uma palavra desde então. Agora ele provavelmente está sentado no trabalho, sentindo pena de si

mesmo por ter uma esposa tão injusta. Não me espanta que eu tenha tido a pior enxaqueca do mundo hoje de manhã.

Um som vindo do andar de cima fez com que Charlotte se levantasse, apesar de relutante.

– Erica, preciso subir e dar uma olhada no Albin. Ou a mamãe vai repetir todo o discurso de mártir antes que eu chegue lá... Mas lembre-se, vou visitá-la esta tarde com uns docinhos. Só falei de mim mesma e nem perguntei como você está. Mas a gente se vê mais tarde.

Ela desligou e passou os dedos rapidamente pelos cabelos antes de respirar fundo e subir.

Não deveria ser assim. Não deveria mesmo ser assim. Ela tinha pesquisado muitos livros sobre como criar uma criança e como seria a vida de mãe, mas nada do que tinha lido a preparou para a realidade da situação. Em vez disso, sentia que tudo que fora escrito era parte de um gigantesco complô. Os autores falavam sobre hormônios felizes e flutuar numa nuvem cor-de-rosa quando se segurava o bebê, sentindo um “amor à primeira vista” totalmente natural e arrebatador em relação àquela coisinha linda. Claro que era mencionado, de passagem, que se poderia sentir mais exausta do que nunca na vida. Mas mesmo esse fato era cercado por uma aura romântica e considerado parte do maravilhoso pacote da maternidade.

Besteira! Era a avaliação honesta de Erica depois de dois meses como mãe. Mentiras, propaganda, lixo! Ela nunca se sentira tão infeliz, cansada, brava, frustrada e esgotada antes da chegada de Maja. E não tinha sentido nenhum tipo de amor incondicional quando aquela coisinha vermelha, barulhenta e, sim, feia foi colocada em seu peito. Apesar de seus instintos maternos terem começado a aparecer devagar, ela ainda sentia como se um

estranho tivesse invadido seu lar. Às vezes, quase se arrependia de ela e Patrik terem decidido ter um filho. Eles estavam tão bem, só os dois. Depois o egoísmo que compartilhavam com o resto da humanidade havia se combinado com o desejo de ver seus próprios genes perfeitos se reproduzirem. Num só golpe eles tinham mudado sua vida, e ela havia se reduzido a uma máquina de produzir leite com hora marcada.

Como esse bebê podia ser tão voraz era algo impossível de entender. Maja estava constantemente pendurada nos peitos de Erica, cheios de leite e que também tinham aumentado de tamanho, a ponto de ela se sentir como dois seios ambulantes. Seu físico no geral não era algo de que podia se vangloriar. Quando chegou em casa da maternidade, ainda parecia estar grávida, e os quilos a mais não tinham desaparecido tão rapidamente quanto desejava. Seu único consolo era que Patrik também tinha ganhado peso durante a gravidez, comendo como um cavalo. Agora ele também carregava uns quilos a mais na barriga.

Ainda bem que a dor já tinha quase desaparecido, mas ela ainda se sentia suada, inchada e, no geral, asquerosa. Suas pernas não eram depiladas fazia vários meses, e ela precisava urgentemente de um corte de cabelo, talvez algumas luzes para se livrar da cor marrom desbotada dos fios geralmente loiros que usava na altura do ombro. Erica teve um momento sonhador, mas então a realidade tomou conta. Como ela poderia sair da casa para ir ao salão? Oh, como invejava Patrik. Por pelo menos oito horas por dia ele podia estar no mundo real, no mundo dos adultos. Agora, sua única companhia era Ricki Lake e Oprah Winfrey, zapeando indiferentemente a TV enquanto Maja mamava sem parar.

Patrik garantia a Erica que preferia ficar em casa com as duas em vez de ir trabalhar, mas ela podia ver em seus olhos que o marido

realmente sentia alívio por ter a chance de escapar do mundinho delas por um tempo. E ela se solidarizava com isso. Ao mesmo tempo, sentia uma amargura crescendo dentro de si. Por que tinha de aguentar esse peso quando aquilo havia sido uma decisão mútua e deveria ser um projeto de ambos? Ele não deveria carregar uma parte igual do peso?

Então, todo dia ela controlava a hora em que ele tinha prometido voltar para casa. Se o marido se atrasasse cinco minutos, ela era consumida pela irritação e, se demorasse ainda mais, podia esperar um verdadeiro ataque de fúria. Assim que Patrik entrava, ela colocava Maja em seus braços, se sua chegada coincidissem com um dos raros momentos em que não estava dando o peito. Então Erica caía na cama com fones de ouvido, só para se afastar dos gritos do bebê por um tempo.

Ela suspirou enquanto estava sentada segurando o telefone. Não parecia haver nenhuma esperança. Mas suas conversas com a amiga eram uma pausa bem-vinda na melancolia. Como mãe de duas crianças, Charlotte era um porto seguro ao qual se agarrar e estava sempre calma. Erica sentia vergonha de admitir que também era bom ouvir os problemas dela em vez de focar somente nos seus.

Claro, havia outra fonte de preocupações na vida de Erica – sua irmã Anna. Elas só tinham conversado poucas vezes depois do nascimento de Maja, e havia a sensação de que algo estava errado. Anna parecia apagada e distante quando conversavam pelo telefone, mas afirmava que tudo estava bem. E Erica estava tão envolvida em seu próprio sofrimento que não sentia vontade de pressionar a irmã para ter mais informações. Mas algo estava errado, ela tinha certeza.

Ela afastou os pensamentos de preocupação e passou Maja de um peito para o outro, o que fez com que o bebê reclamasse um pouco. Indiferente, pegou o controle remoto e mudou de canal. *Glamour* estava para começar. A única coisa que Erica podia esperar ansiosamente era o café com Charlotte à tarde.

Lilian mexeu a sopa com movimentos vigorosos. Ela tinha de fazer tudo na casa. Cozinhar, limpar e cuidar das crianças. Pelo menos Albin tinha finalmente dormido. Sua expressão se suavizou ao pensar no neto. Era um anjinho. Quase não fazia barulho. Nada a ver com a outra. Ela franziu o cenho e mexeu ainda mais rápido, fazendo pequenas gotas se espalharem pela borda do prato e pela superfície da pia.

Já tinha preparado uma bandeja com copos no balcão, pratos de sopa e colheres. Então pegou cuidadosamente a panela do fogão e despejou a sopa no prato. Sentiu o aroma subindo com o vapor e sorriu satisfeita. Sopa de galinha era a favorita de Stig. Ela esperava que ele comesse com apetite.

Pegou cuidadosamente a bandeja e, usando o cotovelo, abriu a porta que dava para a escada. Sempre subindo e descendo escadas, ela pensou irritada. Algum dia acabaria caindo e quebrando uma perna, e aí eles veriam como seria difícil ficar sem ela. Fazia tudo por eles, como uma escrava. Neste exato momento, por exemplo, Charlotte estava no porão, deitada na cama, com alguma desculpa ridícula de estar com enxaqueca. Que mentira deslavada. Se havia alguém com dor de cabeça por aqui, era a própria Lilian. Ela não conseguia imaginar como Niclas aguentava. O dia todo trabalhando duro na clínica, fazendo o melhor para cuidar de sua família e ter de vir para casa, para um porão onde parecia que uma bomba havia explodido. Só porque estavam vivendo ali temporariamente não queria dizer que não podiam

limpar e manter o lugar arrumado. E Charlotte tinha a coragem de insistir que seu marido deveria ajudar a cuidar das crianças quando chegava em casa à noite. Em vez disso, o que ela deveria fazer era deixá-lo descansar depois de um dia de trabalho, sentado em paz na frente da TV e manter as crianças longe o mais que pudesse. Não é de se estranhar que a garota mais velha fosse tão impossível. Sem dúvida, ela podia ver quão pouco respeito sua mãe demonstrava pelo pai. Isso só podia levar a uma coisa.

Com passos determinados, Lilian subiu os últimos degraus, levando a bandeja para o quarto de hóspedes. Foi onde instalou Stig quando ele ficou doente. Não aguentaria seus ruídos no quarto. Se fosse cuidar dele de forma apropriada, teria de dormir bem.

– Querido? – Ela abriu a porta com cuidado. – Acorde agora, trouxe uma sopinha. É a sua favorita: de galinha.

Stig deu um sorriso fraco.

– Não tenho fome, talvez mais tarde – ele disse, fraco.

– Besteira, nunca vai ficar bom se não comer direito. Vamos, sente-se, e eu o ajudo.

Ela o ajudou a se sentar na cama e depois ocupou um lugar na ponta. Como se ele fosse uma criança, Lilian o alimentou com a sopa, limpando os cantos de seus lábios.

– Viu, não foi tão ruim, não é mesmo? Sei exatamente o que meu querido precisa e, se você comer direito, ficará bom rapidinho, vai ver.

Mais uma vez o mesmo sorriso fraco como resposta. Lilian o ajudou a se deitar e cobriu as pernas dele com o cobertor.

– E o médico?

– Mas, querido, você se esqueceu? Niclas é o médico agora, temos nosso próprio médico bem aqui em casa. Tenho certeza de que ele vai dar uma olhada em você à noite. Ele disse que só

precisava rever o diagnóstico mais uma vez e consultar um colega em Uddevalla. Tudo vai se resolver logo, você vai ver.

Lilian serviu a última colherada a seu paciente e levou a bandeja com o prato de sopa vazio. Ela desceu as escadas, balançando a cabeça. Agora tinha de ser enfermeira também, além de todo o resto que precisava fazer.

Ouviu uma batida na porta da frente e correu escada abaixo.

A mão de Patrik bateu na porta com toques rápidos. Ao redor deles o vento tinha ganhado força. Gotas de chuva caíam, não de cima, mas por trás dos dois, já que as rajadas de chuva varriam a fina bruma do chão. O céu tinha ficado escuro, o cinza-claro marcado por nuvens cinza-escuras, e o marrom sujo do mar estava longe de seu brilho azulado de verão, com muitas ondas agitadas. O mar estava cheio de gansos brancos, como a mãe de Patrik costumava dizer.

A porta se abriu, e tanto Patrik quanto Martin respiraram fundo para conseguir reservas extras de força. A mulher parada na frente deles era vários centímetros mais baixa do que Patrik e muito, muito magra. Tinha cabelos curtos enrolados numa permanente e pintados de um tom de castanho indeterminado. Suas sobrancelhas eram um pouco cerradas e tinham sido depiladas um pouco demais e substituídas por um par de linhas desenhadas com um lápis negro, o que lhe dava um visual um pouco engraçado. Mas não havia nada de engraçado na situação que estavam enfrentando.

– Olá, somos da polícia. Estamos procurando Charlotte Klinga.

– É minha filha. Do que se trata?

Sua voz era um pouco aguda demais para ser agradável. Patrik tinha ouvido muitas coisas sobre a mãe de Charlotte por Erica para saber como devia ser complicado ouvi-la o dia todo. Mas tais questões triviais perderiam qualquer importância.

– A senhora poderia dizer que queremos falar com ela?

– Claro, mas do que se trata?

Patrik insistiu.

– Gostaríamos de falar com sua filha primeiro. Se não se importa... – Ele foi interrompido pelos passos na escada e um segundo depois viu o familiar rosto de Charlotte aparecer na porta.

– Olá, Patrik! Que bom vê-lo! O que está fazendo aqui?

De repente, uma expressão preocupada tomou conta de seu rosto.

– Aconteceu algo com Erica? Acabei de falar com ela e parecia estar tudo bem, pensei...

Patrik levantou a mão. Martin ficou em silêncio, com os olhos fixos no chão. Ele normalmente adorava seu emprego, mas no momento estava amaldiçoando o dia em que decidiu ser policial.

– Podemos entrar?

– Agora você está me deixando nervosa, Patrik. O que aconteceu? – Um pensamento atravessou sua mente. – Foi o Niclas, houve algum acidente de carro ou algo assim?

– Vamos entrar primeiro.

Como nem Charlotte nem sua mãe pareciam capazes de se mover, Patrik tomou a iniciativa e levou-as até a cozinha, com Martin seguindo-os. Notou, de passagem, que não tinham tirado os sapatos, que com certeza estavam deixando pegadas de lama no caminho. Mas um pouco de lama não faria muita diferença agora.

Ele fez um gesto para que Charlotte e Lilian se sentassem do outro lado da mesa da cozinha, e as duas obedeceram em silêncio. Patrik e Martin se sentaram diante delas.

– Sinto muito, Charlotte, mas tenho... – ele hesitou – péssimas notícias. – As palavras travaram em sua boca. Sua escolha de

palavras já parecia errada, mas havia uma forma certa de dizer o que precisava?

– Há uma hora um pescador de lagostas encontrou uma pequena garota afogada. Sinto muito mesmo, Charlotte... – Ele não conseguiu continuar. Apesar de ter as palavras em sua mente, elas eram tão horríveis que se recusavam a sair. Mas não precisava dizer mais nada.

Charlotte tentou respirar, com um som gutural e ofegante. Ela se agarrou à mesa com as duas mãos, como se quisesse se manter na posição vertical e, com olhos vazios, encarou Patrik. No silêncio da cozinha, aquela respiração ofegante parecia mais alta do que um grito. Patrik engoliu seco para conter as lágrimas e manter a voz calma.

– Deve ser um erro. Não pode ser a Sara! – Lilian virava o rosto para Patrik e Martin, alternadamente, mas o primeiro só balançava a cabeça.

– Sinto muito – ele repetiu –, mas eu vi a garota, e não há dúvidas de que é a Sara.

– Mas ela disse que ia até a casa da Frida brincar. Eu a vi indo naquela direção. Deve ser um erro. Tenho certeza de que ela está lá brincando. – Como se estivesse num transe, Lilian se levantou e foi até o telefone na parede. Ela olhou a agenda pendurada ao lado e discou os números.

– Olá, Veronika, é a Lilian. Ouça, Sara está aí? – Ela ouviu por um segundo e depois deixou cair o telefone, que ficou pendurado pelo fio, balançando.

– Ela não foi para lá. – Lilian sentou-se pesadamente na cadeira e olhou para os policiais sem saber o que fazer.

O grito surgiu do nada, e tanto Patrik quanto Martin pularam. Charlotte estava gritando, sem se mover, com olhos que pareciam

não ver nada. Era um som alto, primitivo e perfurante. A dor crua que forçava esse grito deu arrepios nos dois policiais.

Lilian se jogou sobre a filha, tentando abraçá-la, mas Charlotte empurrou-a bruscamente.

Patrik tentou falar por cima do grito.

– Tentamos contatar o Niclas, mas ele não estava na clínica. Deixamos uma mensagem para que voltasse para casa assim que possível. E o pastor está a caminho. – Ele dirigiu as palavras mais para Lilian do que para Charlotte, que estava completamente fora de alcance agora. Patrik sabia que tinha lidado terrivelmente com a situação. Ele deveria ter contado a notícia na presença de um médico, para que ele administrasse um sedativo, se fosse necessário. Infelizmente, o único médico em Fjällbacka era o pai da garota, e eles não o tinham encontrado. Patrik se virou para Martin.

– Ligue para a clínica do seu celular e veja se uma enfermeira pode vir aqui agora. E peça para trazer um sedativo.

Martin fez o que ele pediu, aliviado por ter uma desculpa para sair da cozinha por um instante. Dez minutos depois, Aina Lundby entrou sem bater. Ela deu uma pílula para acalmar Charlotte e depois, com a ajuda de Patrik, a levou até a sala, para que pudesse se deitar no sofá.

– Eu não deveria tomar um sedativo, também? – perguntou Lilian. – Sempre tive problemas nervosos, e algo assim...

A enfermeira, que parecia ter a mesma idade de Lilian, apenas bufou e continuou arrumando, com um cuidado maternal, o cobertor sobre Charlotte, que batia os dentes como se estivesse com frio.

– Você vai sobreviver sem isso – a enfermeira disse, juntando suas coisas.

Patrik se virou para Lilian e disse calmamente:

– Teremos de falar com a mãe da amiga que Sara ia visitar. Qual é a casa?

– A azul subindo a rua – disse Lilian, sem olhar nos olhos dele.

Quando o pastor bateu na porta alguns minutos depois, Patrik sentiu que ele e Martin tinham feito tudo que podiam. Os dois saíram da casa, que tinha sido tomada pela dor com a notícia que trouxeram e entraram no carro. Mas Patrik não ligou o motor.

– Que inferno – disse Martin.

– Realmente – falou Patrik.

Kaj Wiberg olhou pela janela da cozinha direto para a casa dos Florin.

– O que será que a vaca velha fez agora? – ele murmurou petulante.

– O que foi? – perguntou sua esposa Monica, da sala.

Ele se virou um pouco na direção dela e respondeu gritando.

– Tem um carro de polícia estacionado na frente da casa dos Florin. Tenho certeza de que algo errado está acontecendo. Essa velha vizinha é minha cruz.

Monica foi até a cozinha com um olhar preocupado.

– Você realmente acha que tem algo a ver com a gente? Nós não fizemos nada. – Ela estava penteando os cabelos loiros e lisos, mas parou para olhar pela janela.

Kaj suspirou.

– Tente falar isso para ela. Não, é só esperar até o Tribunal de Pequenas Causas concordar comigo sobre a questão da sacada. Aí ela vai ficar com a cara no chão. Espero que custe muito dinheiro para destruir aquela coisa.

– É, mas você acha que estamos fazendo a coisa certa, Kaj? Afinal, entra só uns centímetros na nossa propriedade e não

atrapalha em nada. E agora o pobre Stig está doente de cama e tudo o mais.

– Doente, ah, sim, muito obrigado. Eu ficaria doente também se tivesse de viver com aquela velha horrorosa. O que é certo é certo. Se eles construíram uma sacada que invade nossa propriedade, terão de pagar ou destruir a maldita coisa. Eles nos forçaram a cortar nossa árvore, não foi? Nossa linda bétula, reduzida a lenha só porque Lilian Florin achou que estava bloqueando sua vista para o mar. Ou estou errado? Será que esqueci algo por aqui? – Ele se voltou com ódio para a esposa, incensado pela lembrança de todas as injustiças que tinham sofrido nos dez anos que eram vizinhos dos Florin.

– Não, Kaj, você está certo. – Monica olhou para o chão, ciente de que recuar era a melhor defesa quando seu marido ficava nesse estado. Para ele, Lilian Florin era como uma bandeira vermelha na frente de um touro, e não adiantava tentar colocar um pouco de bom senso na cabeça dele quando o nome da vizinha era citado. Apesar de Monica admitir que não era culpa só de Kaj. Lilian não era uma pessoa fácil e, se tivesse deixado os dois em paz, nunca teriam chegado a esse ponto. Ao contrário, ela os arrastou por várias disputas nos tribunais, por todos os motivos, de projetos incorretos na propriedade, um caminho que passava pelo terreno atrás de sua casa, um barracão que ela afirmava ficar muito perto de sua propriedade e, claro, a linda bétula que tinham sido forçados a cortar uns dois anos antes. E tudo começou quando eles começaram a construir a casa onde viviam agora. Kaj tinha vendido sua empresa de suprimentos para escritório por vários milhões de coroas e tinha decidido se aposentar, vender a casa em Göteborg e se estabelecer em Fjällbacka, onde sempre passavam os verões. Mas eles certamente não encontraram muita paz. Lilian havia feito

milhares de objeções na nova construção. Tinha organizado petições e coletado reclamações para tentar impedi-los. Quando não conseguiu, começou a brigar sobre tudo que pudesse imaginar. Exacerbada pelo temperamento volátil de Kaj, a disputa entre vizinhos tinha crescido e ultrapassado todo bom senso. A sacada que os Florin tinham construído era apenas o último capítulo da batalha. O fato de que parecia que os Wiberg iam ganhar dera ânimo a Kaj, e ele estava feliz por explorar sua conquista.

Kaj suspirou animado enquanto continuava espiando por trás da cortina.

– Agora dois sujeitos estão saindo da casa e entrando no carro da polícia. É só esperar que vão bater aqui na nossa porta a qualquer minuto. Bom, o que quer que seja, vou contar a eles os fatos. E Lilian Florin não é a única que pode fazer uma queixa na polícia. Ela não saiu para gritar palavrões uns dois dias atrás, dizendo que eu podia ter certeza de que ia receber o que merecia? Intimidação ilegal, acho que é assim que se chama. Ela podia ir presa por isso... – Kaj passou a língua pelos lábios, animado, e se preparou para a próxima batalha.

Monica suspirou e voltou para sua poltrona na sala. Pegou uma revista feminina e começou a ler. Não tinha mais energia para se importar.

– Poderíamos ir conversar com a amiga e a mãe, não acha? Já que estamos aqui.

– Certo – disse Patrik com um suspiro, entrando no carro. Eles não precisavam ir de carro, já que eram apenas umas poucas casas subindo a rua à direita, mas ele não queria bloquear a garagem dos Florin com o pai de Sara a caminho.

Com um olhar solene, eles bateram na porta da casa azul, que estava a três portões de distância. Uma garota da idade de Sara

abriu a porta.

– Oi, você é a Frida? – perguntou Martin com uma voz doce. Ela assentiu e abriu passagem para que os dois pudessem entrar. Eles pararam por um momento no corredor, enquanto Frida os observava. Incomodado, Patrik finalmente disse:

– Sua mãe está?

A garota não disse nenhuma palavra, mas saiu correndo e virou à esquerda, entrando no que Patrik achou que devia ser a cozinha. Ele ouviu um murmúrio baixo, e uma mulher de cabelos escuros, de uns trinta anos, veio até eles. Seus olhos estavam nervosos e curiosos. Patrik viu que ela não sabia quem eram.

– Boa tarde, sra. Karlgren. Somos da polícia – disse Martin, aparentemente pensando a mesma coisa. – Podemos conversar com a senhora? Em particular? – Ele olhou para Frida. A mãe empalideceu, pensando nas coisas que não seriam corretas para os ouvidos de sua filha.

– Frida, suba e vá brincar no seu quarto.

– Mas, mamãe... – a garota protestou.

– Sem discussão. Vá pro seu quarto e fique lá até eu chamar.

A garota parecia prestes a responder mais uma vez, porém o tom frio na voz da mãe mostrou que essa era uma daquelas batalhas que ela não ia vencer. Carrancuda, Frida se arrastou pelas escadas, olhando várias vezes para os adultos, esperando que mudassem de ideia. Ninguém se moveu até a garota chegar ao topo e fechar a porta do quarto.

– Podemos nos sentar na cozinha.

Veronika Karlgren levou-os até uma cozinha grande e confortável, onde aparentemente estava preparando o almoço.

Eles se cumprimentaram com um aperto de mão educado, se apresentaram e depois se sentaram à mesa. A mãe de Frida pegou

umas xícaras, serviu café e colocou alguns biscoitos num prato. Patrik viu que as mãos dela tremiam e percebeu que tentava adiar o inevitável, o que eles vinham contar. Mas finalmente não havia motivo para prolongar aquilo, e ela se sentou pesadamente na cadeira em frente aos dois.

– Aconteceu algo com a Sara, não foi? Por que Lilian ligaria e depois desligaria daquela forma?

Patrik e Martin ficaram sentados em silêncio segundos demais, já que cada um esperava que o outro começasse. O silêncio era uma forma de confirmação que fez lágrimas começarem a brotar nos olhos de Veronika.

Patrik limpou a garganta.

– Sim, infelizmente, tivemos de informar que Sara foi encontrada afogada essa manhã.

Veronika respirou fundo, mas não disse nada.

Patrik continuou:

– Parece que foi um acidente, mas estamos fazendo perguntas para ver se podemos determinar exatamente como aconteceu. – Ele olhou para Martin, que estava pronto, com a caneta e o bloco.

– De acordo com Lilian Florin, Sara deveria ter vindo aqui hoje, para brincar com sua filha Frida. Era algo que as garotas tinham planejado? É segunda, afinal, por que não foram à escola?

Veronika estava olhando para a mesa.

– As duas ficaram doentes esse fim de semana, então Charlotte e eu decidimos que não iam para a escola, mas podiam brincar. Sara deveria vir antes do almoço.

– Mas ela não veio?

– Não, não veio. – Veronika não disse mais nada, e Patrik precisou fazer outras perguntas para conseguir mais informações.

– Você não ficou imaginando por que ela não apareceu? Por que não ligou e perguntou onde ela estava?

Veronika hesitou.

– Sara era um pouco... como posso dizer? Diferente... Ela mais ou menos fazia o que queria. Era comum não aparecer como tinham combinado, porque de repente decidia fazer outra coisa. As garotas às vezes brigavam por isso, acho, mas eu não queria me envolver. Pelo que ouvi, Sara sofria de um desses problemas com várias iniciais, então não é bom piorar a situação... – Ela ficou ali sentada, rasgando um guardanapo em pequenos pedaços. Uma pilha de papel branco estava crescendo à sua frente.

Martin olhou por cima de seu bloco com o cenho franzido.

– Um problema com várias iniciais? Do que você está falando?

– Sabe, uma dessas coisas que toda criança parece ter hoje em dia: ADHD, DDA, MBD e sei lá mais como elas se chamam.

– Por que você acha que havia algo de errado com a Sara?

Ela deu de ombros.

– As pessoas falavam. E acho que fazia sentido. Sara podia ser completamente impossível às vezes, então ou ela sofria de algum problema ou não tinha sido criada direito. – Ela se retraiu por falar de uma garota morta daquela forma e rapidamente abaixou os olhos. Com ainda mais força, voltou a rasgar o guardanapo e logo não havia mais nada para rasgar.

– Então você não viu Sara a manhã inteira? E ela nem ligou?

Veronika negou balançando a cabeça.

– E tem certeza de que Frida também não a viu?

– Tenho, ela ficou em casa comigo o tempo todo, então, se tivesse falado com Sara, eu saberia. E Frida estava um pouco irritada por ela não ter aparecido, então tenho certeza de que não se falaram.

– Bom, então, acho que não temos muito mais para perguntar.
Com uma voz um pouco trêmula, Veronika perguntou:

– Como está a Charlotte?

– Como se pode esperar dentro das circunstâncias – foi a única resposta que Patrik conseguiu dar.

Nos olhos de Veronika ele viu o abismo aberto que todas as mães devem experimentar quando, por um instante, imaginam os próprios filhos como vítimas de um acidente. E ele também viu o alívio que dessa vez fosse o filho de outra pessoa e não o dela. Não podia reprovar essa sensação. Tinha pensado várias vezes em Maja na última hora. Visões de seu corpo sem vida tinham tomado sua mente e quase feito seu coração parar. Ele também estava grato por ter sido o filho de outra pessoa e não o dele. A sensação podia não ser honrada, mas era humana.

Capítulo 3

Strömstad, 1923

Ele fez um julgamento prático de onde seria mais fácil quebrar a pedra e depois pegou o martelo e o cinzel. Com muita exatidão, o granito se dividiu exatamente onde havia calculado. A experiência o havia ensinado naqueles anos todos, mas o talento natural também era responsável. Ou você tinha ou não.

Anders Andersson amava as pedras desde que havia começado a trabalhar na pedreira quando era garoto, e elas também o amavam. Mas era uma profissão que também tinha seus problemas. O pó do granito prejudicava seus pulmões cada vez mais a cada ano, e as lascas que voavam podiam arruinar a visão de um homem num dia ou anuviar sua vista com o tempo. No frio do inverno, era impossível fazer o trabalho usando luvas, então seus dedos congelavam até sentir que iam cair. No verão, ele suava muito com o calor. E, mesmo assim, não queria outro emprego. Fosse cortando as pedras de 10 centímetros cúbicos para pavimentar as ruas conhecidas como “duas örings” ou tendo o privilégio de trabalhar em algo mais avançado, ele adorava cada minuto doloroso e cansativo. Sabia que esse era o trabalho que tinha nascido para fazer. Com vinte e oito anos, suas costas já doíam, e ele tossia interminavelmente com qualquer umidade, mas quando focava sua energia na tarefa à sua frente, a indisposição era esquecida, e ele sentia somente a dureza angular da pedra sob seus dedos.

O granito era a pedra mais linda que conhecia. Ele tinha vindo de Blekinge para a província de Bohuslän, como muitos trabalhadores faziam havia anos. O granito em Blekinge era consideravelmente mais difícil de trabalhar do que nas regiões perto da fronteira norueguesa. Conseqüentemente, os cortadores de Blekinge eram bastante respeitados graças à habilidade que tinham adquirido por trabalhar com material menos maleável. Já fazia três anos que estava naquele lugar, atraído pelo granito desde o começo. Havia algo na cor rosada contra o cinza e na ingenuidade necessária para partir a pedra corretamente que o atraía. Às vezes, ele falava com a pedra enquanto trabalhava, adulando-a como se fosse uma peça incrivelmente difícil ou acariciando-a amorosamente se fosse fácil de trabalhar e macia como uma mulher.

Não que faltassem ofertas do artigo genuíno. Como outros trabalhadores solteiros, ele tinha sua diversão quando a ocasião se apresentava, mas nenhuma mulher o atraía a ponto de seu coração bater mais forte. Ele aprendeu a aceitar isso. Vivia bem sozinho. Era bem-visto por seus companheiros, então sempre o convidavam para um jantar feito por mãos de mulher. E tinha a pedra. Era tão mais bonita e fiel do que a maioria das mulheres que tinha conhecido. Ele e a pedra faziam uma boa parceria.

– Ei, Andersson, pode vir aqui um momento?

Anders interrompeu seu trabalho no grande bloco e se virou. Era o capataz, e ele sempre sentia uma mistura de ansiedade e apreensão. Se o capataz quisesse algo de você, eram boas ou más notícias. Ou uma oferta de mais trabalho ou um aviso de que você podia ir para casa sem um tostão no bolso. Na verdade, Anders acreditava mais na primeira alternativa. Ele sabia que era muito capaz na sua profissão, e havia provavelmente outros que receberiam um pé na bunda antes dele, se a força de trabalho

tivesse de ser cortada. Por outro lado, a lógica nem sempre vencia. Lutas políticas e por poder mandavam bons trabalhadores para casa, então nada estava garantido. Seu forte envolvimento no movimento sindical o deixava vulnerável, caso o patrão tivesse de demitir. Trabalhadores politicamente ativos não eram apreciados.

Ele deu uma olhada final no bloco de pedra antes de ir ver o capataz. Era uma peça encomendada, então cada interrupção em seu trabalho significava perda de dinheiro. Para esse trabalho em particular, estava ganhando dois öres por pedra, por isso o nome "dois örings". Ele teria de trabalhar duro para recuperar o tempo perdido se o capataz demorasse.

– Bom dia, Larsson – disse Anders, fazendo uma medida com o chapéu na mão. O capataz era um forte defensor dos protocolos. Não mostrar respeito era algo passível de demissão.

– Bom dia, Andersson – murmurou o homem rechonchudo, mexendo no bigode.

Anders esperou tenso o que estava por vir.

– Bom, é assim. Temos um pedido da França para uma grande pedra memorial. Vai ser uma estátua, então pensamos em você para cortá-la.

Seu coração se encheu de alegria, mas ele também sentiu um pouco de medo. Era uma grande oportunidade receber a responsabilidade de cortar o material bruto para uma estátua. Poderia pagar bem mais do que o trabalho comum e era mais divertido e mais desafiador. Mas, ao mesmo tempo, era um risco enorme. Ele seria o responsável até o embarque da estátua e, se algo desse errado, não receberia nenhum öre por todo o trabalho realizado. Havia a história de um cortador que tinha recebido a incumbência de duas estátuas e, quando terminava os últimos estágios do trabalho, cometeu um erro e arruinou as duas. Dizem

que ficou tão enlouquecido que se matou, deixando uma viúva e sete filhos. Mas essas eram as condições. Não havia nada que ele pudesse fazer, e a oportunidade era muito boa para deixar passar.

Anders cuspiu nas mãos e esticou-a para o capataz, que fez o mesmo para as unirem com um firme aperto. Era um acordo. Anders ficaria encarregado do trabalho da pedra memorial. Ficou um pouco preocupado com o que diriam na pedreira. Havia muitos homens com bem mais anos de trabalho do que ele. Alguns reclamariam, sem dúvida, de que a comissão deveria ter ido para um deles, especialmente porque tinham família para sustentar. Com a chegada do inverno, teriam visto o dinheiro extra como bem-vindo. Ao mesmo tempo, todos sabiam que Anders era o cortador mais habilidoso de todos, apesar de ser jovem. Esse consenso acabaria com todas as reclamações. Além disso, Anders escolheria alguns para trabalhar com ele e já tinha mostrado anteriormente que pesava com sabedoria os prós e os contras de quem era mais habilidoso e de quem precisava muito de um dinheiro extra.

– Venha até meu escritório amanhã e vamos discutir os detalhes – disse o capataz, mexendo no bigode. – O arquiteto não virá antes da primavera, mas já recebemos os planos e podemos começar a trabalhar.

Anders fez uma careta. Provavelmente demoraria um par de horas para ver todos os desenhos, e isso significava mais tempo longe do trabalho que estava fazendo agora. No momento, precisaria de todo öre, porque os termos diziam que o trabalho na pedra memorial seria pago no final, quando tudo estivesse terminado. Isso significava que ele teria de tentar fazer umas horas a mais. Mas a interrupção involuntária do seu trabalho não era o único motivo de insatisfação. De alguma forma, o escritório sempre o deixava desconfortável. As pessoas que trabalhavam ali tinham

mãos brancas muito suaves e se moviam com todo o cuidado em suas roupas elegantes, enquanto ele parecia um desajeitado. E apesar de sempre se lavar bem, não dava para esconder o fato de que a sujeira estava incrustada em sua pele. Mas o que tinha de ser feito tinha de ser feito. Ele teria de se arrastar até aquele lugar e ver os desenhos; depois voltaria para a pedreira, onde se sentia em casa.

– Nos vemos amanhã, então – disse o capataz, balançando o corpo de um lado para o outro. – Às sete. Não se atrase – ele ameaçou, e Anders apenas assentiu. Não havia nenhum risco. Não era sempre que se recebia uma oferta dessas.

Com ânimo renovado, voltou para a pedra em que estava trabalhando. A felicidade que sentia o fez lapidar a pedra como manteiga. A vida era boa.

Ela estava girando no espaço. Uma queda livre entre os planetas e outros corpos celestiais que espalhava um doce brilho ao seu redor, enquanto ela acelerava no meio deles. Cenas de sonhos estavam misturadas com pequenos lampejos da realidade. Em seus sonhos, ela via Sara. Estava sorrindo. Seu pequeno corpinho era tão perfeito. Branco alabastro com dedos longos e sensíveis em suas pequenas mãos. Já nos primeiros minutos de vida ela tinha agarrado o dedo indicador de Charlotte e segurado como se fosse sua única âncora nesse ameaçador mundo novo. E talvez fosse. Porque o apertão firme de sua filha em seu dedo indicador se tornaria um apertão ainda mais forte em seu coração nos dias seguintes. Um apertão que, mesmo naquele momento, ela sabia que ia durar toda a vida.

Então ela cruzou com o sol no seu caminho pelo céu, e sua incrível luz ao lembrar dos cabelos de Sara. Vermelhos como o fogo.

Vermelhos como o próprio demônio, alguém tinha dito brincando, e ela se lembrou no sonho que não tinha gostado dessa piada. Não havia nada demoníaco na criança deitada em seus braços. Nada demoníaco nos cabelos vermelhos que ficavam, no começo, de pé como os de um punk, mas que com os anos haviam crescido, longos e grossos, até chegar aos ombros.

Mas agora o pesadelo a afastava da sensação dos dedos da criança ao redor de seu coração e da visão dos cabelos ruivos que batiam nos ombros magros de Sara quando ela pulava, cheia de vida. Em vez disso, via os cabelos escuros na água, as fitas flutuando ao redor da cabeça de Sara como uma auréola desfigurada. Estava indo de um lado para o outro e, por baixo, ela via longos braços verdes de alga marinha tentando alcançá-la. Até o mar tinha encontrado prazer nos cabelos ruivos de sua filha, tomando-os para si. No pesadelo, via o alabastro branco se tornar azul e roxo, e os olhos de Sara, fechados e mortos. Ainda mais lentamente a garota começou a se virar na água, com os dedos do pé apontando para o céu e as mãos ao redor do estômago. Então, a velocidade aumentou e, quando estava girando tão rápido, que um pequeno redemoinho se formou nas águas cinzentas, os braços verdes recuaram. A garota abriu os olhos. Estavam completamente brancos.

O grito que a acordou parecia vir de um abismo profundo. Foi só quando sentiu as mãos de Niclas em seus ombros, sacudindo-a, que percebeu que era sua própria voz. Por um instante, o alívio tomou conta dela. Todo o mal tinha sido um sonho. Sara estava viva e bem; era apenas um pesadelo criando uma armadilha para ela. Mas então ela viu os olhos de Niclas e o que enxergou fez um novo grito se formar em seu peito. Ele o sufocou abraçando-a forte, para que o grito se metamorfoseasse em profundos soluços. Sua camisa estava

molhada na parte da frente, e ela sentiu o estranho gosto salgado de suas lágrimas.

– Sara, Sara – ela murmurou. Apesar de estar acordada agora, ela ainda sentia-se caindo no espaço. A única coisa que a segurava era a pressão dos braços de Niclas ao redor de seu corpo.

– Eu sei, eu sei. – Ele a embalou, a voz grossa.

– Onde você estava? – ela soluçou baixinho, mas ele continuou embalando e acariciando seus cabelos com uma mão trêmula.

– *Shhhh*, estou aqui agora. Volte a dormir...

– Não consigo!

– Consegue sim. *Shhhh*... – E ele a embalou ritmicamente até que a escuridão e os sonhos voltaram a dominá-la.

A notícia havia se espalhado pela delegacia enquanto eles estavam fora. Crianças mortas eram uma raridade, vítimas dos ocasionais e raros acidentes de carro, talvez. Nada mais podia lançar tanta tristeza em todo o prédio.

Annika olhou inquisitivamente para Patrik, quando ele e Martin passaram pela recepção, mas o policial não tinha vontade de falar com ninguém. Só queria ir para seu escritório e fechar a porta. Eles passaram por Ernst Lundgren no corredor, mas ele também não disse nada, então Patrik logo entrou no silêncio de sua pequena sala, e Martin fez o mesmo. Não havia nada em seu treinamento profissional que os preparasse para situações assim. Informar alguém de uma morte era uma das tarefas mais odiosas da profissão. Informar pais da morte de um filho num acidente era pior do que tudo. Desafiava todo bom senso e decência. Ninguém deveria ser forçado a dar esse tipo de notícia.

Patrik se sentou, descansou a cabeça entre as mãos e fechou os olhos. Logo abriu-os novamente, porque tudo que conseguia ver no escuro, atrás de suas pálpebras, era a pele azulada e pálida de

Sara, além dos olhos voltados para o céu. Ele pegou o porta-retrato que estava na sua frente e aproximou o vidro o máximo que conseguiu do rosto. A primeira foto de Maja. Exausta e roxa, nos braços de Erica na maternidade. Feia, mas linda, daquela forma única que só quem viu seu filho pela primeira vez pode entender. E Erica, esgotada e com um sorriso fraco, mas com uma nova sensação de determinação e orgulho por ter realizado algo que só podia ser descrito como um milagre.

Patrik sabia que estava sendo sentimental e piegas. Mas foi só então, naquela manhã, que ele entendeu o alcance da responsabilidade que tinha sido colocada em suas mãos com o nascimento de sua filha. Somente agora tinha percebido a extensão tanto do seu amor quanto do seu medo. Quando viu a garota afogada deitada como uma estátua no deque do barco, por um momento desejou que Maja nunca tivesse nascido. Pois como poderia viver com o risco de perdê-la?

Colocou cuidadosamente a foto de volta na mesa e se encostou na cadeira, com as mãos apertadas ao redor da cabeça. De repente achou que não fazia sentido continuar com as tarefas que estava fazendo antes de receber a ligação de Fjällbacka. Mais do que tudo, queria ir para casa, se arrastar até a cama e puxar o cobertor sobre a cabeça pelo resto do dia. Uma batida na porta interrompeu suas terríveis rumações.

– Pode entrar – ele disse, e Annika abriu a porta com cuidado.

– Oi, Patrik, desculpe o incômodo. Só queria dizer que o legista ligou e disse que receberam o corpo. Vamos ter o relatório da autópsia depois de amanhã.

Patrik fez um gesto cansado.

– Obrigado, Annika.

Ela hesitou:

– Você a conhecia?

– Eu encontrei a garota, Sara, e a mãe algumas vezes nos últimos tempos. Charlotte e Erica ficaram amigas depois que Maja nasceu.

– O que você acha que aconteceu?

Ele suspirou e mexeu nos papéis que estavam à sua frente, sem olhar para cima.

– Ela se afogou, tenho certeza de que você sabe disso. Aparentemente, foi até o cais brincar, caiu na água e não conseguiu sair. A água é tão fria que provavelmente teve hipotermia. Mas ir contar a Charlotte, isso foi o mais terrível... – Sua voz falhou e ele se virou para que Annika não visse como as lágrimas ameaçavam cair de seus olhos.

Ela fechou com cuidado a porta da sala e o deixou em paz. Não ia conseguir trabalhar muito num dia como esse, também.

Erica olhou novamente para o relógio. Charlotte deveria ter chegado há meia hora. Ela ajeitou Maja, que estava dormindo em seu colo e pegou o telefone. Tocou várias vezes na casa de Charlotte, mas ninguém atendeu. Que estranho. Ela deve ter saído e esquecido que deviam se encontrar aquela tarde. Se bem que não costumava fazer isso.

Erica sentia que tinham ficado amigas em pouco tempo. Talvez porque as duas estivessem em momentos complicados da vida, talvez porque eram simplesmente muito parecidas. Era engraçado, realmente. Ela e Charlotte pareciam mais irmãs do que ela e Anna. Sabia que Charlotte estava preocupada por ela, e isso dava uma sensação boa em meio a todo o caos. Toda a sua vida, Erica tinha se preocupado com outras pessoas, especialmente Anna. Ser vista, uma vez, como a pessoa frágil e amedrontada parecia algo estranhamente libertador.

Ao mesmo tempo, ela sabia que Charlotte tinha seus próprios problemas. Não era só o fato de que ela e a família tinham sido forçadas a viver na casa de seus pais, Lilian e Stig. Lilian, especialmente, não parecia alguém de fácil convivência. Mas algo incerto e tenso surgia no rosto de Charlotte sempre que falava sobre o marido Niclas. Erica só o tinha encontrado rapidamente em poucas ocasiões, mas sua impressão foi de que ele não era confiável. Ou talvez isso fosse muito forte. Talvez fosse uma sensação de que Niclas era uma dessas pessoas que tinham boas intenções, mas no final sempre permitiam que as próprias necessidades e desejos tivessem precedência sobre as dos outros. Charlotte lhe contara algumas coisas que confirmaram essa impressão, embora tivesse de ler nas entrelinhas, já que sua amiga normalmente falava bem do marido. Charlotte admirava Niclas e em várias ocasiões tinha dito diretamente que não conseguia entender como tinha tido tanta sorte. Parecia inconcebível que tivesse se casado com alguém como ele.

Erica podia ver, claro, que de um ponto de vista puramente objetivo, ele era bem mais bonito do que Charlotte. Alto, loiro e lindo era a análise das senhoras sobre o novo médico. E ele certamente tinha uma boa formação acadêmica, ao contrário da esposa. Mas se alguém olhasse para as qualidades internas, veria que a situação era exatamente oposta. Niclas devia agradecer à sorte. Charlotte era um ser humano amoroso, sábio e gentil, e assim que Erica conseguisse sair do estado apático em que se encontrava, ia fazer tudo que pudesse para que Charlotte percebesse seus pontos fortes. Infelizmente, no momento, Erica não tinha energia para fazer nada além de refletir sobre a situação da amiga.

Algumas horas depois, a escuridão tinha tomado conta do céu, e a tempestade havia chegado ao ponto mais alto lá fora. Erica viu pelo relógio que devia ter dormido uma ou duas horas com Maja, que estava usando seu peito como chupeta. Estava a ponto de ligar novamente para Charlotte quando ouviu a porta da frente se abrir.

– Olá? – ela chamou. Patrik ainda demoraria para chegar, então talvez fosse Charlotte.

– Sou eu. – A voz de Patrik parecia vazia, e Erica imediatamente sentiu algo desconfortável.

Quando ele entrou na sala, Erica ficou ainda mais preocupada. Seu rosto estava cinza, e seus olhos tinham uma expressão vazia que não sumiu enquanto não viu Maja, ainda dormindo nos braços de Erica. Com dois longos passos, ele se aproximou delas e, antes que Erica pudesse reagir, Patrik pegou o bebê, apertando-o forte contra o peito. Não parou nem quando Maja acordou com o choque de ser levantada tão abruptamente e começou a chorar o mais alto possível.

– O que está fazendo? Está assustando a Maja!

Erica tentou tirar o bebê de Patrik, para tentar acalmá-lo, mas o marido evitou sua tentativa e simplesmente a abraçou ainda mais forte. Maja agora estava chorando histérica, e por falta de ideia melhor Erica deu um tapa no braço de Patrik e disse:

– Pare com isso! O que você tem? Não consegue ver que ela está apavorada?

Então Patrik pareceu cair em si. Olhou confuso para a filha que estava com o rosto vermelho de raiva e medo.

– Desculpe.

Ele entregou Maja a Erica, que fez o melhor que pôde para acalmá-la. Depois de alguns minutos, ela conseguiu, e os gritos de Maja deram lugar a um choro fraco. Erica se voltou para Patrik, que

tinha se sentado no sofá e estava olhando para a tormenta do lado de fora.

– O que aconteceu, Patrik? – disse Erica, agora num tom mais suave. Ela não conseguia evitar que a estranheza transparecesse em sua voz.

– Tivemos o comunicado de uma criança afogada hoje. Aqui de Fjällbacka. Martin e eu atendemos a chamada. – Ele fez uma pausa, incapaz de continuar.

– Oh, meu Deus, o que foi? Quem era?

Então seus pensamentos começaram a rodar até se juntarem todos de uma vez, como pequenas partes de um quebra-cabeça.

– Oh, meu Deus – ela repetiu. – É a Sara, não é? Charlotte deveria ter vindo aqui tomar café essa tarde, mas não apareceu, e ninguém atendeu quando liguei para a casa dela. Foi isso, não foi? Foi a Sara que você encontrou, não é?

Patrik só conseguiu assentir. Erica se afundou na poltrona para evitar que suas pernas falhassem. Ela podia ver Sara pulando no sofá da sala, algo que havia acontecido dois dias antes. Com os cabelos ruivos compridos voando sobre a cabeça e o riso crescendo dentro dela como uma força primitiva impossível de ser parada.

– Oh, meu Deus – disse Erica mais uma vez, colocando a mão sobre a boca enquanto sentia seu coração afundar como uma pedra em seu estômago. Patrik só ficou olhando pela janela, e ela via, no perfil dele, que estava com o maxilar bem comprimido.

– Foi tão horrível, Erica. Não estive com Sara muitas vezes, mas vê-la ali deitada naquele barco, totalmente sem vida... Fiquei imaginando Maja. Desde então, meus pensamentos estão agitados. Não consigo parar de pensar na hipótese de algo assim acontecer com Maja. E depois, ter de contar a Charlotte o que aconteceu...

Erica emitiu um ruído choroso e atormentado. Ela não tinha palavras para descrever a profundidade da compaixão que sentia por Charlotte e também por Niclas. Entendeu imediatamente a reação de Patrik e se pegou abraçando Maja ainda mais forte. Nunca ia deixá-la escapar. Ia ficar ali sentada, bem quietinha em seu joelho, para sempre. Mas Maja se contorceu inquieta, intuindo, como a maioria das crianças, que as coisas não eram como deveriam ser.

Do lado de fora, a tempestade continuava forte. Patrik e Erica ficaram sentados ali por muito tempo, assistindo à violência da natureza. Nenhum deles conseguia parar de pensar na criança que foi tomada pelo mar.

O legista Tord Pedersen começou a tarefa com uma expressão resoluta incomum no rosto. Depois de muitos anos na profissão, ele havia desenvolvido uma atitude endurecida – desejável ou repugnante, dependendo de como as pessoas vissem aquilo – o que significava que a maioria das coisas horrorosas que ele observava em seu trabalho deixavam poucos traços no final do dia. Mas havia algo em abrir uma criança que entrava em conflito com seu instinto e quebrava toda a rotina, minando o profissionalismo objetivo que seus anos como legista tinham criado. O desamparo de uma criança destruía todos os muros defensivos que sua psique poderia levantar, então sua mão estava tremendo um pouco quando ele se aproximou do peito da garota.

Quando ela foi trazida, tinham dito que afogamento era a suposta causa da morte. Agora dependia de ele confirmar ou refutar aquela hipótese. Mas até o momento não havia nada que pudesse ver, a olho nu, que contradissesse aquilo.

O brilho implacável na sala de autópsias enfatizava a palidez azulada da garota, de forma que ela parecia estar congelada. A fria

mesa de alumínio sob o corpo parecia refletir o frio, e Pedersen tremeu dentro de seu jaleco verde. A menina estava deitada ali, nua, e ele sentiu como se a estivesse violando quando começou a cortar seu corpo indefeso. Mas se forçou a apagar essa sensação. Sabia que a tarefa que estava realizando era importante, tanto pela garota quanto pelos pais, mesmo se não percebessem isso. Era necessário para o processo de luto ter uma determinação final da causa da morte. Apesar de parecer não existir ambiguidades nesse caso, as regras existiam por um motivo. Ele sabia disso em nível profissional, mas como ser humano e pai de dois garotos, ele às vezes se perguntava, em casos como esse, quanta humanidade havia no trabalho que estava realizando?

Capítulo 4

Strömstad, 1923

— **A**gnes, só tenho reuniões chatas hoje. Não é uma boa ideia vir comigo.

— Mas eu quero ir com você. Estou tão entediada. Não tenho nada para fazer.

— E suas amigas?

— Estão todas ocupadas – respondeu Agnes, amuada. – Britta está se preparando para seu casamento, Laila vai até Halden com os pais, para visitar seu irmão, e Sonja precisa ajudar a mãe. – Numa voz triste, ela acrescentou: – Imagine ter uma mãe para ajudar... – E olhou para seu pai por baixo da franja. Sim, a armadilha tinha funcionado, como sempre.

Ele suspirou.

— Bem, então venha se quiser. Mas precisa prometer que vai se sentar e ficar quieta, que não vai ficar correndo como um tufão ou falando com os funcionários. A última vez você deixou todos completamente confusos; demorou vários dias para que conseguissem se recuperar. – Ele não conseguiu deixar de sorrir para a filha. Ela era incontrolável, sem dúvida, mas era difícil encontrar alguma garota mais deslumbrante daquele lado da fronteira norueguesa.

Agnes sorriu feliz, tendo se saído vitoriosa mais uma vez, e recompensou o pai com um abraço e um tapinha em sua grande barriga.

– Ninguém tem um pai como o meu – ela falou, e August Stjernkvist sorriu com prazer.

– O que eu faria sem você? – ele disse meio a sério, meio de brincadeira, abraçando-a.

– Oh, você não precisa se preocupar com isso. Não vou a lugar nenhum.

– Não nesse momento, pelo menos – ele disse com o rosto sombrio, acariciando seus cabelos escuros. – Mas não vai demorar para um homem vir aqui e roubá-la de mim. Se conseguir encontrar algum bom, quer dizer – ele sorriu. – Até agora as chances não foram boas, devo dizer.

– Bom, não posso aceitar qualquer homem – Agnes riu em resposta. – Não com o exemplo que eu tive. É claro, então, que sou implicante.

– Escute aqui, minha garota, basta de adulação – falou August. – Mexa-se se quiser vir comigo até o escritório. Não seria bom que o patrão chegasse tarde.

Apesar de suas palavras de ameaça, demorou uma hora para que eles conseguissem sair. Primeiro ela teve de arrumar os cabelos e as roupas, mas quando Agnes ficou pronta, seu pai precisou admitir que o resultado tinha valido a pena.

– Desculpe o atraso – disse August quando entrou na sala onde três homens estavam sentados esperando. – Mas espero que me perdoem quando virem a razão do meu atraso. – Ele fez um gesto para Agnes, que estava bem atrás dele. Ela trajava um vestido vermelho justo no corpo, que acentuava sua cintura fina. Apesar de muitas garotas terem cortado o cabelo, como era a moda nos anos 1920, Agnes tinha sido inteligente o suficiente para resistir à tentação. Seus cabelos escuros e grossos estavam presos num simples rabo de cavalo. Ela sabia a impressão que causava, graças

ao espelho em casa. Agora Agnes explorava completamente sua imagem parada diante dos homens, removendo suas luvas lentamente e deixando que a cumprimentassem, um a um.

Com grande satisfação, ela conseguia ver que estava alcançando seu objetivo. Dois deles caíram como peixe, enquanto seguravam sua mão um tempinho a mais. Mas o terceiro homem era diferente. Para sua surpresa, Agnes sentiu que seu coração bateu mais rápido. O homem grande e forte quase nem olhou para ela e só tocou rapidamente sua mão. As mãos dos outros dois pareceram macias e quase femininas contra a dela, mas a desse homem era diferente. Ela podia sentir os calos contra suas palmas, e seus dedos eram longos e fortes. Por um momento, pensou em não soltar a mão dele, mas se conteve e simplesmente olhou de forma tímida. Os olhos dele, que só a miraram rapidamente, eram castanhos, e ela pensou que havia sangue valão em sua família.

Depois das apresentações, ela correu para se sentar num canto e colocou as mãos no colo. Pôde ver seu pai hesitar por um momento. Ele provavelmente teria preferido que ela esperasse fora da sala, mas a menina fez sua expressão mais angelical e suplicante. Como sempre, fez o que ela queria. Sem falar nada, acenou com a cabeça, mostrando que ela podia ficar. E a garota decidiu que ia se sentar quieta como um ratinho de igreja, para não correr o risco de ser mandada para fora da sala como uma criança. Não queria ser sujeitada a esse tipo de tratamento na frente daquele homem.

Normalmente, depois de uma hora de participação silenciosa, ela teria quase chorado de tédio, mas não dessa vez. A hora passou voando e, quando a reunião terminou, Agnes estava segura de sua causa. Ela queria aquele homem, mais do que já havia almejado qualquer outra coisa.

E geralmente, tudo o que queria, ela conseguia.

– Não deveríamos visitar o Niclas? – Asta implorou ao marido. Mas não viu nenhum sinal de compaixão na fria expressão dele.

– Eu disse que esse nome nunca mais deveria ser mencionado na minha casa! – Arne olhou pela janela da cozinha e não havia nada além de granito no seu olhar.

– Mas depois do que aconteceu com a garota...

– Punição de Deus. Não falei que isso ia acontecer algum dia? Não, tudo isso é culpa dele. Se tivesse me escutado, isso nunca teria acontecido. Nada de ruim acontece com as pessoas que temem a Deus. E agora não vamos mais falar desse assunto!

Um soco atingiu a mesa.

Asta suspirou. Claro que respeitava o marido, e ele normalmente estava certo, mas nesse caso ela se perguntava se não poderia estar errado. Algo em seu coração dizia que aquilo não poderia ser desígnio de Deus. Claro que eles deveriam correr para o lado de seu filho quando ele acabava de sofrer um golpe tão terrível. É verdade que ela nunca conhecera a garota, mas ainda assim era sua própria carne e sangue, e as crianças pertencem ao reino de Deus, é o que diz a Bíblia. Mas esses eram os pensamentos de uma mulher submissa. Arne era homem, afinal, e sabia o que era melhor. Sempre tinha sido dessa forma. Como muitas vezes antes, ela não expressou seus pensamentos e se levantou para limpar a mesa.

Muitos anos tinham se passado desde que tinha visto o filho. Eles se encontravam às vezes, claro; era inevitável agora que ele voltara para Fjällbacka, mas ela sabia que não devia parar e falar com o filho. Niclas havia tentado falar com ela algumas vezes, mas Asta sempre olhava para outro lado e continuava caminhando rapidamente, como tinha sido instruída a fazer. No entanto, não

tinha afastado seus olhos rápido o suficiente para evitar ver o sofrimento nos olhos de seu filho.

Mas a Bíblia dizia que era preciso honrar pai e mãe, e o que tinha acontecido naquele dia tanto tempo atrás, em sua visão, havia sido um rompimento com a palavra de Deus. É por isso que não podia deixar que ele voltasse a habitar seu coração.

Olhou para Arne sentado à mesa. Suas costas ainda estavam retas como um pinheiro, e seus cabelos escuros não tinham escasseado apesar de umas partes estarem grisalhas. Os dois já tinham mais de setenta. Ela se lembrava como todas as garotas se ofereciam quando os dois eram jovens, mas Arne nunca parecera minimamente interessado. Os dois se casaram quando ela tinha apenas dezoito anos e, até onde sabia, o marido nunca tinha olhado para outra mulher. Tampouco era particularmente entusiasmado com assuntos carnis em casa. A mãe de Asta sempre dizia que era o dever de uma mulher suportar esse aspecto do casamento. Não era algo que se devia desfrutar, então Asta se considerava feliz já que nunca teve grandes expectativas.

Ainda assim, tiveram um filho. Um garoto loiro, grande e esplêndido, que era a cara da mãe, mas tinha poucos traços do pai. Talvez tenha sido por isso que as coisas deram errado. Se ele se parecesse mais com o pai, Arne poderia ter se conectado mais com o filho. Mas não foi assim. O garoto foi dela desde o começo, e Asta o amou o máximo possível. Mas não foi o suficiente. Porque quando chegou o dia decisivo, e ela foi forçada a escolher entre o garoto e seu pai, desapontou o filho. Como poderia ter sido diferente? Uma esposa deve ficar ao lado do marido, era algo que aprendeu desde criança. Mas às vezes, em certos momentos, quando as luzes se apagavam, e ela deitava na cama olhando para o teto, surgiam os pensamentos. Ela se perguntava como algo que tinha aprendido ser

o correto podia parecer tão errado. É por isso que era um alívio que Arne sempre soubesse exatamente como as coisas deveriam ser. Muitas vezes ele dizia que o julgamento de uma mulher não é confiável; o papel do homem era liderar a mulher. Havia segurança nisso. Como seu pai era igual a Arne em muitos aspectos, um mundo no qual o homem tomava as decisões era o único que ela conhecia. E ele era tão inteligente, seu Arne. Todo mundo concordava com isso.

Até mesmo o novo pastor havia elogiado Arne recentemente. Ele afirmou que Arne era o sacristão mais confiável com quem já tivera o privilégio de trabalhar, e Deus só podia estar grato de ter servos tão leais. Arne contou isso para ela, cheio de orgulho, ao voltar para casa. Mas não era por acaso que ele ocupava o cargo de sacristão em Fjällbacka nos últimos vinte anos. Sem contar os infelizes anos em que aquela mulher foi a pastora, claro. Asta não queria que esses anos voltassem por nada no mundo. Graças a Deus a mulher finalmente entendeu que não era bem-vinda e desistiu, abrindo o caminho para um pastor de verdade. Como Arne tinha sofrido durante aquele tempo. Pela primeira vez em mais de cinquenta anos de casamento, Asta viu seu marido com lágrimas nos olhos. A ideia de uma mulher no púlpito de sua amada igreja quase o havia destruído. Mas ele também tinha dito que confiava que Deus finalmente expulsaria os vendilhões do templo. E também dessa vez, Arne estava certo.

Seu único desejo era que ele pudesse, de alguma forma, encontrar espaço em seu coração para perdoar o filho pelo que tinha acontecido. Até esse dia, ela nunca conseguiria sentir felicidade novamente. Mas também percebia que se Arne não pudesse perdoar Niclas agora, depois desse terrível incidente, não havia nenhuma esperança de reconciliação.

Se ela tivesse podido conhecer a garota. Agora era tarde demais.

Dois dias tinham se passado desde que Sara fora encontrada. A forte tristeza daquele dia tinha começado a se dissipar quando todos foram forçados a retomar suas responsabilidades diárias, que não tinham desaparecido porque uma criança estava morta.

Patrik estava escrevendo as últimas linhas de um relatório sobre um caso de assalto quando o telefone tocou. Viu no display quem estava ligando e atendeu com um suspiro. Seria melhor terminar aquilo de uma vez. Ouviu a familiar voz do legista Tod Pedersen do outro lado. Eles trocaram cumprimentos educados antes de entrar na verdadeira razão da conversa. A primeira indicação de que Patrik não ouvia o que esperava foram as rugas entre as sobrancelhas. Depois de mais um minuto, seu rosto ficou ainda mais marcado e, quando ouviu tudo que o legista tinha para informar, bateu forte o telefone. Tentou se recompor por um minuto, enquanto pensamentos voavam em sua cabeça. Depois levantou-se, pegou o caderno no qual havia feito anotações enquanto os dois conversavam e foi até a sala de Martin. Na verdade ele deveria ter ido ver Bertil Mellberg primeiro, que era o chefe de polícia, mas sentiu que precisava discutir a informação que havia recebido com alguém de confiança. Infelizmente, seu chefe não se encaixava nessa categoria. Martin era o único colega que se qualificava.

– Martin?

Ele estava no telefone quando Patrik entrou, mas apontou para uma cadeira. A conversa parecia estar terminando, e Martin concluiu com um “hummm... claro... eu também... você também” baixinho, enquanto corava como se sentisse vergonha.

Apesar de suas próprias preocupações, Patrik não conseguiu se conter e provocou seu jovem colega um pouco.

– Então, com quem você estava conversando?

Ele recebeu um murmúrio inaudível em resposta, e o rosto de Martin ficou ainda mais vermelho.

– Alguém ligando para informar um crime? Um dos nossos colegas de Strömstad? Ou de Uddevalla? Ou talvez Leif G. W. Persson, interessado em escrever sua biografia?

Martin se agitou na cadeira, mas depois murmurou algo um pouco mais audível:

– Pia.

– Ah, entendo, *Pia*. Eu nunca teria imaginado. Vamos ver, quanto tempo, três meses, certo? Deve ser um recorde para você, não? – Patrik continuou provocando. Até o último verão, Martin era conhecido como um tipo de especialista em casos amorosos curtos e infelizes, normalmente por causa de sua infalível capacidade de se aproximar de mulheres que já estavam comprometidas e não queriam mais do que uma aventura. Mas Pia não só era solteira, mas também era uma jovem muito atraente e séria.

– Vamos comemorar três meses no sábado – os olhos de Martin brilharam. – E vamos morar juntos. Ela acabou de ligar para me dizer que encontrou um apartamento perfeito em Grebbestad. Vamos dar uma olhada esta tarde. – Sua cor tinha voltado ao normal, mas ele não conseguia esconder como estava totalmente apaixonado.

Patrik lembrou-se de como ele e Erica se sentiam no começo do relacionamento. A.B. Antes do bebê. Ele a amava muito, mas aquela paixão violenta, de repente, parecia tão distante quanto um sonho incerto. Fraldas sujas e noites sem dormir desempenharam um papel nisso, com certeza.

– Mas e você – quando vai fazer de Erica uma mulher honesta? Não quer ser reconhecido como o pai legal de Maja?

– Isso é problema meu, não seu... – disse Patrik com um sorriso.

– Então, você veio aqui para ficar falando da minha vida particular ou tem algo para me dizer? – Nesse momento, Martin recuperou a compostura.

De repente, o rosto de Patrik ficou sério. Ele se lembrou de que enfrentavam algo que estava longe de ser uma piada.

– Pedersen acabou de ligar. Ele está mandando o relatório da autópsia de Sara por fax, mas resumiu o conteúdo para mim. O que ele me contou mostra que seu afogamento não foi acidental. Ela foi assassinada.

– Que diabos você está falando? – Martin levantou as mãos consternado, batendo no porta-lápis, ignorando completamente as canetas que se espalharam pela mesa. Em vez disso, focou toda a atenção em Patrik.

– No começo, ele pensou, como nós, que tinha sido um acidente. Não havia nenhuma marca visível no corpo, e ela estava completamente vestida, com roupas apropriadas para a estação, exceto pelo fato de não estar com nenhum casaco, mas ele poderia ter se soltado e boiado. No entanto, o mais importante de tudo: quando examinou os pulmões, encontrou água neles. – Ficou em silêncio.

Martin levantou as mãos novamente e abriu os olhos:

– Então o que ele encontrou que não se encaixa na hipótese de acidente?

– Água doce.

– Água doce?

– Isso, ela não tinha água salgada nos pulmões como era de se esperar se tivesse se afogado no mar. Era água doce, *presumivelmente* de banheira, é preciso dizer. Pedersen encontrou resíduos tanto de sabão quanto de xampu na água, o que sugere que era de banheira.

– Então, ela se afogou numa banheira? – disse Martin, que parecia cético. Eles estavam tão convencidos de que havia sido um trágico afogamento acidental, mas normal, que ele achava difícil ajustar-se a essa nova teoria.

– É o que está parecendo. Também explica as marcas que Pedersen encontrou no corpo.

– Achei que você tinha dito que não havia feridas no corpo?

– Bom, não à primeira vista. Mas quando eles levantaram os cabelos perto da nuca e observavam com mais atenção, puderam ver claramente marcas que combinavam com uma mão. Uma mão que a segurou embaixo da água.

– Jesus Cristo! – Martin parecia que ia passar mal. Patrik tinha se sentido da mesma forma quando ouviu a informação pela primeira vez. – Então, estamos lidando com um homicídio – disse Martin, como se estivesse tentando se convencer do fato.

– Estamos e já perdemos dois dias. Precisamos começar a bater nas portas, entrevistar família e amigos, e descobrir tudo que pudermos sobre a garota e quem a conheciam.

Martin fez uma careta, e Patrik entendeu sua reação. Não ia ser nada divertido. A família já estava devastada, e agora a polícia teria de entrar e piorar tudo. Muito frequentemente, as crianças eram assassinadas por quem mais sofreria com sua morte. Então Patrik e Martin não podiam demonstrar a compaixão que normalmente seria esperada quando se encontra uma família que perdeu uma criança.

– Já foi falar com Mellberg?

– Não – Patrik suspirou. – Mas vou lá agora. Como fomos nós que atendemos ao chamado naquele dia, pensei em pedir para você me acompanhar na investigação. Alguma objeção? – Ele sabia que a pergunta era meramente retórica. Nenhum dos dois queria ver seus

colegas Ernst Lundgren ou Gösta Flygare conduzindo algo mais desafiador do que roubos de bicicletas.

Martin negou com a cabeça.

– Certo – disse Patrik –, então vamos começar já.

O superintendente Mellberg olhou para a carta à sua frente como se fosse uma cobra venenosa. Era uma das piores coisas que poderiam acontecer com ele. Mesmo aquele incidente vergonhoso com Irina no verão passado era ridículo em comparação.

Pequenas gotas de suor começaram a se formar na testa, apesar de a temperatura em seu escritório estar bastante gelada. Mellberg limpou o suor sem prestar muita atenção e, ao mesmo tempo, conseguiu deslocar os poucos fios de cabelo que ainda tinha e que ajeitava cuidadosamente no alto de sua careca. Incomodado, estava tentando arrumar tudo de novo em seu lugar quando ouviu alguém batendo na porta. Deu um último tapa nos cabelos e soltou um mal-humorado:

– Pode entrar!

Hedström parecia imperturbável pelo tom de voz de Mellberg, mas tinha um olhar estranhamente sério no rosto. Normalmente o superintendente achava que, com frequência, Patrik mostrava uma falta de decoro desagradável. Ele preferia trabalhar com homens como Ernst Lundgren, que sempre tratavam seus superiores com o respeito que mereciam. Quanto a Hedström, sempre sentia que o homem mostrava a língua assim que virava as costas. Mas o tempo separaria o joio do trigo, Mellberg pensou severamente. Com toda a sua experiência na polícia, ele sabia que as figuras muito suaves e os que faziam muitas piadas sempre saíam primeiro.

Por um segundo, conseguiu esquecer o conteúdo da carta, mas quando Hedström se sentou na cadeira do outro lado da mesa, Mellberg se lembrou de que o papel estava ali, bem à vista.

Rapidamente ele a colocou na primeira gaveta. Teria de lidar com aquela questão logo.

– Então, qual é o problema? – Mellberg podia ouvir sua voz tremendo um pouco pelo choque da carta e se forçou para controlá-la. Nunca mostre fraqueza – esse era o seu lema. Se ele mostrasse o pescoço para seus subordinados, eles logo cravariam os dentes nele.

– Um homicídio – Patrik disse tenso.

– Como é? – Mellberg suspirou. – Um dos nossos amigos brutos acertou a esposa com muita força?

O rosto de Hedström ainda estava estranhamente sério.

– Não – ele falou. – Tem a ver com o acidente de afogamento do outro dia. Ou melhor, não foi nenhum acidente. A garota foi assassinada.

Mellberg soltou um assobio baixo.

– Não me diga, não me diga – ele murmurou enquanto pensamentos confusos percorreram sua cabeça. Por um lado, sempre ficava bravo por crimes perpetrados contra crianças e, por outro, tentava fazer uma avaliação rápida de como essa situação inesperada o afetaria como chefe de polícia de Tanumshede. Havia duas formas de olhar: ou como uma grande quantidade de trabalho administrativo extra ou como uma forma de avançar na carreira, o que poderia levá-lo de volta à cidade grande, Göteborg. Apesar de ter de admitir que a conclusão bem-sucedida das duas investigações de homicídio em que tinha se envolvido até agora não tinham terminado com o efeito desejado. Mas, cedo ou tarde, algo convenceria seus superiores de que ele devia estar na delegacia central. Talvez essa fosse a passagem.

Ele percebeu que Hedström esperava algum tipo de resposta e bruscamente acrescentou:

– Você está falando que alguém assassinou uma criança? Bom, esse pervertido não vai escapar.

Mellberg fechou o punho para mostrar a gravidade de suas palavras, mas isso só fez uma expressão de preocupação aparecer nos olhos de Patrik.

– Não quer saber a causa da morte? – perguntou Hedström, como se quisesse ajudar. Mellberg considerou seu tom de voz extremamente irritante.

– Claro, ia perguntar isso. Então, o que o legista falou sobre o caso?

– Ela se afogou, mas não foi no mar. Eles só encontraram água doce nos pulmões e, como também encontraram resíduos de sabão e coisas assim, Pedersen presumiu que provavelmente fosse água de banheira. Então a garota, Sara, foi afogada numa banheira e depois carregada até o mar e jogada ali. Foi uma tentativa de fazer parecer um acidente.

A imagem que a história de Hedström criou na mente de Mellberg fez o chefe tremer e, por um momento, ele esqueceu todas as suas chances de promoção. Ele acreditava já ter visto tudo em seus anos na força. Tinha orgulho de ser capaz de manter uma atitude objetiva, mas havia algo no assassinato de uma criança que tornava impossível permanecer indiferente. Ultrapassava todas as fronteiras da decência atacar uma garotinha. O sentimento de indignação que o assassinato despertava dentro dele era algo estranho, mas, era preciso admitir, bastante agradável.

– Nenhum suspeito óbvio? – ele perguntou.

Hedström balançou a cabeça.

– Não, aparentemente não há nenhum problema na família, e não há outros ataques registrados contra crianças em Fjällbacka.

Nada nesse estilo. Então provavelmente deveríamos começar entrevistando a família, não acha? – perguntou Patrik, hesitante.

Mellberg compreendeu imediatamente aonde ele queria chegar. Não tinha objeções. Tinha funcionado bem no passado deixar Hedström fazer o trabalho pesado, e então ele poderia aparecer quando o caso estivesse resolvido. Não que fosse algo que se envergonhasse de fazer. Afinal, saber delegar responsabilidades era a chave de uma liderança bem-sucedida.

– Parece que você quer liderar essa investigação.

– Bom, eu na verdade já estou no caso. Martin e eu respondemos ao chamado e já nos encontramos com a família da garota.

– Bom, parece uma boa ideia, então – disse Mellberg, assentindo. – Só me mantenha informado.

– Está bem – disse Hedström com um gesto. – Então Martin e eu vamos começar.

– Martin? – disse Mellberg com um tom negativo. Ele ainda estava irritado com a falta de respeito na voz de Patrik e agora via uma chance de colocá-lo em seu lugar. Às vezes Hedström agia como se fosse o chefe da delegacia. Essa seria uma excelente oportunidade para mostrar quem tomava as decisões por ali.

– Não, acho que não posso abrir mão do Martin agora. Eu o designei para investigar uma série de roubos de carro ontem, possivelmente uma gangue báltica agindo na área, então ele está com muito trabalho. Mas... – ele fez uma pausa para conseguir efeito dramático, desfrutando o olhar estressado de Hedström. – Ernst não está com tanto trabalho agora, então provavelmente será bom que vocês dois trabalhem nesse caso juntos.

Agora Patrik tinha começado a se contorcer como se estivesse agonizando, e Mellberg sabia que, figuradamente, tinha colocado o

dedo na ferida mais sensível, bem no meio do olho do policial. Ele decidiu aliviar um pouco a agonia de Hedström.

– Mas vou colocá-lo à frente da investigação, então Lundgren vai se reportar diretamente a você.

Apesar de Ernst Lundgren ser um colega mais agradável do que Hedström, Mellberg era inteligente o suficiente para perceber que o sujeito tinha certas limitações. Seria estúpido dar um tiro no próprio pé...

Assim que a porta se fechou atrás de Hedström, Mellberg pegou a carta novamente e a leu pela décima vez.

Morgan fez uns exercícios de alongamento com os dedos e ombros antes de se sentar na frente do computador. Ele sabia que às vezes podia mergulhar tão profundamente no mundo à sua frente que acabava sentado na mesma posição por horas. Verificou se tinha tudo de que precisava ali perto para não ter de se levantar a menos que fosse absolutamente necessário. Sim, estava tudo ali. Uma grande garrafa de Coca-Cola, uma grande barra de toffee Heath, um chocolate Snickers tamanho gigante. Isso bastaria por algum tempo.

Os papéis que recebeu de Fredrik estavam pesados em seu colo. Continham tudo que ele precisava saber. Todo o mundo de fantasia que ele mesmo era incapaz de criar estava ali dentro dos plásticos da pasta e logo se converteria em uns e zeros. Isso era algo que ele dominava. Enquanto emoções, imaginação, sonhos e contos de fadas nunca tinham, por um capricho da natureza, encontrado espaço em seu cérebro, ele era um mago nos lógicos e elegantemente previsíveis uns e zeros, os pequenos impulsos elétricos no computador que eram convertidos em algo legível na tela.

Às vezes, ele se perguntava como seria realizar o que Fredrik era capaz de fazer. Criar outros mundos em seu cérebro, resumindo as sensações de outras pessoas e entrar em suas vidas. Geralmente essas especulações levavam Morgan a dar de ombros e ignorá-las como se fossem pouco importantes. Mas durante os períodos de profunda depressão que às vezes o atacavam, ele ocasionalmente sentia todo o peso de sua deficiência e do desespero que o havia tornado tão diferente de todas as outras pessoas.

Ao mesmo tempo, era um consolo saber que não estava sozinho. Ele visitava frequentemente os sites de pessoas que eram como ele e tinha trocado e-mails com algumas delas. Numa ocasião, tinha até se encontrado com uma dessas pessoas em Göteborg, mas nunca mais faria aquilo. O fato de que eram essencialmente tão diferentes das outras pessoas tornava difícil que conseguissem se relacionar um com o outro, e o encontro tinha sido um fracasso do começo ao fim.

Mesmo assim tinha sido ótimo descobrir que havia outros. Saber aquilo era suficiente. Ele na verdade não ansiava por nenhuma sensação de comunidade, algo que parecia tão importante para pessoas comuns. Sentia-se melhor quando estava completamente sozinho em sua pequena cabana, apenas com seus computadores como companhia. Às vezes, tolerava a presença de seus pais, mas eram os únicos. Era seguro passar algum tempo com eles. Ele tinha tido muitos anos para aprender a entendê-los, interpretar todas as complexas comunicações não verbais na forma de expressões faciais, linguagem corporal e milhares de outros pequenos sinais que seu cérebro simplesmente parecia não estar preparado para lidar. Os dois também tinham aprendido a se adaptar, a falar de uma forma que ele pudesse entender, pelo menos adequadamente.

A tela à sua frente estava em branco e esperando. Esse era o momento de que ele mais gostava. Pessoas comuns poderiam dizer que "amavam" tal momento, mas ele não tinha muita certeza do que era o "amor". Talvez fosse o que sentia agora. Aquela sensação interna de satisfação, de pertencer, de ser normal.

Morgan começou a digitar, fazer seus dedos correrem pelo teclado. De vez em quando olhava para a pasta no seu colo, mas era mais frequente olhar fixamente para a tela. Ele nunca deixava de se impressionar com o modo como os problemas que tinha para coordenar os movimentos de seu corpo e seus dedos desapareciam milagrosamente sempre que estava trabalhando. De repente, ele era tão hábil como sempre deveria ter sido. Eles chamavam isso de "deficiência de habilidades motoras", os problemas que tinha para fazer seus dedos se moverem como deviam quando precisava amarrar os sapatos ou abotoar a camisa. Sabia que era parte do diagnóstico. Entendia precisamente o que o tornava diferente dos outros, mas não conseguia fazer nada para mudar a situação. Por isso, pensava que era errado chamar os outros de "normais", enquanto pessoas como ele eram tratadas como "anormais". Na verdade era somente o preconceito da sociedade que o colocava no grupo errado. Era simplesmente diferente. Seus processos de pensamento simplesmente se moviam em outras direções. Não eram necessariamente piores, só não eram os mesmos.

Ele parou para tomar um gole de Coca-Cola direto da garrafa, depois seus dedos voltaram a se mover rapidamente pelo teclado.

Morgan estava feliz.

Capítulo 5

Strömstad, 1923

Anders deitou na cama com as mãos atrás da cabeça, olhando para o teto. Já era tarde e, como sempre, sentia o peso de um longo dia de trabalho nos braços e nas pernas. Mas, essa noite, não conseguia relaxar. Tantos pensamentos passeavam por sua mente que era como tentar dormir no meio de um enxame de abelhas.

A reunião sobre a pedra memorial tinha ido bem e era uma das razões para suas ruminções. Ele sabia que o trabalho seria um desafio e tinha imaginado várias formas de realizá-lo, tentando decidir a melhor maneira de proceder. Já sabia onde queria cortar a grande pedra da montanha. No canto sudoeste da pedreira havia um penhasco de bom tamanho que ainda estava intocado. Era onde ele achava que podia cortar um pedaço grande e bom de granito. Com um pouco de sorte, a pedra estaria livre de qualquer defeito ou problemas que poderiam fazê-la quebrar.

A outra razão para sua contemplação era a garota com cabelos escuros e olhos azuis. Ele sabia que eram pensamentos proibidos. Garotas como aquela não eram para alguém como ele; não deveria nem pensar nisso. Mas não conseguia evitar. Quando segurou sua mãozinha, precisou se forçar a soltá-la. Cada segundo que sua pele tocou a dele, sentiu mais dificuldade em soltá-la, e nunca gostou de brincar com fogo. A reunião toda tinha sido um teste. Os ponteiros no relógio da parede pareciam ter feito o tempo parar e ele

precisou se segurar para não virar e olhar para ela, sentada ali tão quietinha no canto.

Anders nunca tinha visto nada tão lindo. Nenhuma garota ou mulher que tivesse sido parte transitória de sua vida poderia se comparar. Ela pertencia a um mundo totalmente diferente. Suspirou e virou de lado, tentando mais uma vez dormir. O novo dia começaria às cinco horas, como sempre, e não levaria em conta se ele tinha ficado a noite toda acordado pensando em seus assuntos.

Ouviu um barulho forte. Parecia uma pedra acertando sua janela, mas o som foi tão rápido que ele se perguntou se havia imaginado aquilo. De qualquer forma, estava tudo quieto agora, então voltou a fechar os olhos. Mas ouviu outra vez o mesmo som. Não havia dúvida. Alguém estava jogando pedrinhas na janela. Anders se sentou na cama. Deveria ser um dos amigos com quem às vezes tomava uma cerveja. Pensou indignado que se sua senhoria viúva acordasse, alguém teria de pagar por isso. Seu acordo de aluguel tinha funcionado bem nos últimos três anos, e ele não precisava de problemas.

Com cuidado, destravou e abriu a janela. Ele vivia no térreo, mas um grande arbusto com lilases bloqueava sua visão. Precisou forçar a vista para ver quem estava parado sob a luz da lua.

E não conseguiu acreditar em seus olhos.

Ela hesitou por um bom tempo. Até colocou e tirou o casaco duas vezes. Mas finalmente Erica se decidiu. Não havia nada errado em oferecer seu apoio; então poderia ver se Charlotte queria receber visitas ou não. Era impossível ficar sentada em casa quando sabia que sua amiga estava atolada em seu inferno particular.

No caminho viu as evidências da tempestade que caíra dois dias antes ainda espalhadas pelo caminho. Árvores tinham tombado,

havia cercas e escombros por todos os lados, misturados com pequenas pilhas de folhas vermelhas e amarelas. Mas o vento também parecia ter apagado uma camada de outono que cobria a cidade. Agora o ar parecia fresco e estava claro como uma vidraça limpa.

Maja gritava o máximo que podia, e Erica caminhou mais rápido. Por alguma razão, o bebê parecia ter decidido que era totalmente inútil ficar deitada no carrinho se estava acordada e por isso protestava bastante alto mais uma vez. Seus gritos fizeram o coração de Erica acelerar, e pequenas gotas de suor apareceram em sua testa. Um instinto primitivo lhe dizia que precisava parar o carrinho imediatamente e pegar Maja para salvá-la dos lobos, mas ela ficou dura. A casa da mãe de Charlotte era perto, e ela logo chegaria lá.

Era estranho que um único evento pudesse alterar tão completamente a forma como ela via o mundo. Erica sempre pensou que as casas junto à enseada embaixo do campo de Sälvik pareciam um pacífico caminho de pérolas na estrada, com uma visão do mar e das ilhas. Agora uma tristeza parecia ter caído sobre os telhados e, especialmente, sobre a casa da família Florin. Hesitou mais uma vez, mas agora estava tão perto que parecia ridículo voltar. Eles podiam pedir que fosse embora, se achassem que era uma hora inoportuna. Os testes de amizade serviam para tempos de crise, e ela não queria ser uma dessas pessoas que, por precaução exagerada e talvez até covardia, evitavam amigos que estavam passando por problemas.

Bufando, empurrou o carrinho até o alto da colina. A casa dos Florin estava no meio do caminho e Erica parou por um segundo na calçada para recuperar o fôlego. Os gritos de Maja tinham chegado

a um nível de decibéis que seria proibido num local de trabalho, então correu para estacionar o carrinho e pegá-la nos braços.

Por vários segundos ficou parada na porta da frente com a mão levantada e o coração batendo forte. Finalmente, bateu com firmeza na porta. Havia uma campainha, mas enviar aquele horrível ruído pela casa parecia de alguma forma muito invasivo. Passou um longo momento em silêncio, e Erica estava a ponto de se virar e ir embora quando ouviu passos dentro da casa. Foi Niclas quem abriu a porta.

– Oi – ela disse, com a voz baixa.

– Oi – disse Niclas, a tristeza evidente em seus olhos vermelhos e brilhantes de lágrimas no rosto pálido. Erica pensou que ele parecia alguém que tinha morrido, mas ainda estava condenado a caminhar pela Terra.

– Perdoe-me por importunar, não é o que eu queria, só pensei...

– Ela procurou palavras, mas não encontrou nenhuma. Um silêncio pesado caiu sobre entre eles. Niclas fixou o olhar no próprio pé e, por um segundo desde que batera na porta, Erica esteve a ponto de sair correndo da casa.

– Você gostaria de entrar? – ele perguntou.

– Você acha que tudo bem? – perguntou Erica. – Quer dizer, você acha que seria alguma... – Procurou a palavra correta – ajuda?

– Ela tomou um sedativo e não está realmente... – Não terminou a sentença. – Mas disse várias vezes que queria ligar para você, então seria bom se a confortasse.

O fato de que Charlotte tinha se preocupado por não ter ligado para cancelar, depois do que tinha acontecido, mostrava a Erica como sua amiga devia estar confusa. Mas quando seguiu Niclas até a sala, não conseguiu evitar o choro. Se Niclas parecia um morto-vivo, Charlotte parecia alguém que fora enterrado havia muito

tempo. Nada parecida com a Charlotte enérgica, calorosa e viva. Era como se uma casca vazia estivesse deitada no sofá. Seus cabelos escuros, que normalmente formavam uma onda ao redor do rosto, agora estavam escorridos. O peso extra que sua mãe sempre tinha criticado parecia simplesmente apropriado aos olhos de Erica, fazendo Charlotte parecer uma daquelas voluptuosas mulheres Dalecarlian de Anders Zorn. E como agora estava enrolada em um cobertor, seu rosto e seu corpo tinham ganhado um aspecto feio e pouco saudável.

Ela não estava dormindo. Pelo contrário, seus olhos estavam vidrados no espaço vazio e, sob o cobertor, ela tremia um pouco, como se sentisse frio. Sem tirar o casaco, Erica instintivamente correu até Charlotte e se ajoelhou no chão ao lado do sofá. Colocou Maja ao seu lado, e o bebê pareceu sentir o clima e ficou em silêncio, dessa vez.

– Oh, Charlotte, eu sinto muito. – Chorando, Erica passou a mão no rosto de Charlotte, mas não havia nenhum sinal de vida em seu olhar vazio.

– Ela fica assim o tempo todo? – perguntou, virando-se para Niclas. Ele ainda estava parado no meio da sala, balançando um pouco. Finalmente, assentiu e esfregou os olhos com a mão.

– É o medicamento. Mas assim que paramos com as pílulas, ela começa a gritar. Parece um animal ferido. Não consigo suportar o som.

Erica se voltou para Charlotte e acariciou seus cabelos. Parecia que não tomava banho havia dias, e seu corpo tinha um leve odor de suor e medo. Sua boca se movia como se quisesse dizer algo, mas no começo era impossível entender qualquer coisa daquele murmúrio. Depois de tentar por um momento, Charlotte disse numa voz rouca:

– Eu não pude ir. Devia ter ligado.

Erica balançou a cabeça vigorosamente e continuou a acariciar os cabelos da amiga.

– Isso não importa. Não se preocupe.

– Sara... morreu – disse Charlotte, focando o olhar em Erica pela primeira vez. Seus olhos estavam tão cheios de tristeza que pareciam queimar.

– Sim, Charlotte. Sara morreu. Mas Albin está aqui e Niclas. Vocês precisam se ajudar agora. – Ela podia ouvir que parecia estar apenas repetindo chavões, mas talvez a simplicidade de um clichê pudesse ajudar. Mas a única resposta que Charlotte deu foi um sorriso amargo, depois disse numa voz fraca:

– Nos ajudar.

O sorriso parecia doloroso, e aparentemente havia algum tipo de mensagem subliminar em sua voz amarga quando repetiu aquelas palavras. Mas talvez Erica estivesse imaginando coisas. Fortes sedativos podiam produzir estranhos efeitos.

Um som atrás deles a fez virar. Lilian estava parada na porta e parecia estar com raiva. Dirigiu seu olhar para Niclas.

– Não falamos que Charlotte não deveria receber nenhuma visita?

A situação ficou incrivelmente desconfortável para Erica, mas Niclas aparentemente não notou o tom de voz de sua sogra. Como não recebeu nenhuma resposta dele, Lilian voltou a olhar para Erica, que ainda estava sentada no chão.

– Charlotte está se sentindo muito frágil para ter pessoas entrando e saindo. Eu achei que todos fossem perceber isso! – Ela fez um gesto como se quisesse espantar Erica de perto da filha, como se ela fosse uma mosca, mas pela primeira vez os olhos de

Charlotte mostraram algum sinal de vida. Ela levantou a cabeça do travesseiro e olhou direto para a mãe.

– Quero que Erica fique aqui.

O protesto de sua filha só aumentou a raiva de Lilian, mas, com aquela demonstração óbvia de sua vontade, a mãe engoliu o que estava a ponto de falar e foi para a cozinha. A comoção tirou Maja de seu silêncio temporário, e seus gritos agudos tomaram conta da sala. Com esforço, Charlotte se sentou no sofá. Niclas saiu de sua letargia e se apressou para ajudá-la. Ela o afastou bruscamente e abraçou Erica.

– Tem certeza de que consegue se sentar? Não é melhor deitar e descansar mais? – perguntou Erica ansiosa, mas Charlotte só balançou a cabeça.

Sua fala estava um pouco enrolada, mas com um esforço visível, ela conseguiu dizer:

– ...deitada aqui muito tempo. – Então seus olhos se encheram de lágrimas, e ela sussurrou: – Não foi sonho?

– Não, não foi um sonho – disse Erica. Já não sabia mais o que dizer. Sentou-se no sofá ao lado de Charlotte, colocou Maja no colo e um braço no ombro da amiga. Sua camiseta parecia úmida colada contra a pele, e Erica imaginou se ousaria sugerir a Niclas que a ajudasse a dar um banho nela e trocar suas roupas.

– Quer tomar outro remédio? – disse Niclas, não ousando nem olhar para sua esposa depois de ser rejeitado tão bruscamente.

– Chega de remédios – disse Charlotte, balançando vigorosamente a cabeça outra vez. – Preciso ficar alerta.

– Gostaria de tomar um banho? – perguntou Erica. – Tenho certeza de que Niclas ou sua mãe poderiam ajudá-la.

– Você não pode me ajudar? – disse Charlotte, cuja voz estava agora mais forte a cada sentença.

Erica hesitou por um momento, depois disse:

– Claro.

Com Maja em um braço, ela ajudou Charlotte a se levantar e sair da sala.

– Onde é o banheiro? – perguntou Erica. Niclas apontou sem falar nada para uma porta no final do corredor.

A caminhada até aquela porta parecia infinita. Quando passaram pela cozinha, Lilian as viu. Estava a ponto de abrir a boca e falar algo quando Niclas se aproximou e a silenciou com um olhar. Erica podia ouvir um murmúrio agitado vindo da cozinha, mas não prestou muita atenção. A coisa mais importante era que Charlotte se sentisse bem, e ela acreditava firmemente nas propriedades restauradoras de um banho e de uma mudança de roupas.

Capítulo 6

Strömstad, 1923

Não era a primeira vez que Agnes tinha escapado da casa. Era tão fácil. Era só abrir a janela, subir até o telhado e descer por uma árvore, cuja frondosa copa ficava bem ao lado da casa. Era muito fácil. Depois de pensar cuidadosamente, tinha decidido não usar vestido, o que dificultaria a descida pela árvore. Em vez disso, escolheu um par de calças apertadas na coxa.

Sentia uma animação enorme, à qual nem queria ou podia resistir. Era ao mesmo tempo assustador e agradável sentir algo tão forte por alguém, e ela percebeu que as paixões ligeiras que sentira antes tinham sido coisa de criança. O que ela sentia agora eram as emoções de uma mulher adulta e eram mais poderosas do que podia imaginar. Durante as muitas horas em que passou refletindo desde aquela manhã, tinha ocasionalmente tido clareza suficiente para entender que a ansiedade pelo fruto proibido era altamente responsável pelo calor em seu peito. Mesmo assim, a sensação era real, e ela não tinha o hábito de negar nada a si mesma. Não ia começar agora, apesar de não ter um plano claro. Somente a consciência do que queria, e de que o queria agora. Consequências não eram algo que levava em consideração, afinal, as coisas sempre tendiam a funcionar para ela, então por que mudaria agora?

Nem pensou que Anders poderia não querê-la. Até então, nunca havia conhecido um homem que fosse indiferente a ela. Homens

eram como maçãs numa árvore, e só era preciso esticar a mão para pegá-las, apesar de estar inclinada a admitir que essa maçã poderia apresentar um risco um pouco maior do que a maioria. Ela já tinha beijado homens casados sem o conhecimento do pai e, em algumas ocasiões, até tinha ido mais longe do que isso, mas eram todos mais seguros do que o homem com quem ia se encontrar. Pelo menos pertenciam à sua classe. Apesar de escândalos poderem ter irrompido se suas relações com qualquer um deles tivessem sido descobertas, tais casos teriam sido vistos com certa indulgência. Mas um homem da classe trabalhadora. Um operário da pedreira. Ninguém ousaria pensar naquilo. Simplesmente nunca ocorreria a eles.

No entanto, ela estava cansada dos homens de sua classe. Moles, pálidos, com apertos de mão flácidos e vozes agudas. Nenhum deles era homem da mesma forma que o que estava prestes a encontrar. Tremeu ao se lembrar da sensação de sua mão cheia de calos contra a dela.

Não tinha sido fácil descobrir onde ele vivia. Não sem levantar suspeitas. Mas um olhar na folha de pagamentos durante um momento sozinha tinha fornecido seu endereço, e depois ela conseguiu descobrir qual era o quarto dele espionando pelas janelas.

A primeira pedrinha não produziu nenhuma resposta, e ela esperou um momento, com medo de acordar a velha dona da pensão. Mas ninguém se moveu dentro da casa. Fez uma pausa para se arrumar sob a etérea luz da lua. Tinha escolhido roupas simples e escuras para não acentuar a diferença social entre eles. Por essa razão também tinha feito uma trança nos cabelos e a prendido no alto da cabeça, num penteado simples que era comum entre as mulheres da classe trabalhadora. Satisfeita com o

resultado, pegou outra pedrinha e jogou contra a janela. Então viu uma sombra se mexer lá dentro, e seu coração parou de bater. A euforia da caçada soltou adrenalina em seu corpo, e Agnes sentiu o rosto ficar vermelho. Quando ele abriu a janela, espantado, a menina saiu de trás dos arbustos que cobriam parcialmente a janela e suspirou fundo. A caçada começava.

Foi com peso no coração e passos duros que Patrik saiu do escritório de Mellberg. Que maldito idiota! Esse era o pensamento que imediatamente veio à sua cabeça. Compreendeu perfeitamente que o superintendente o tinha forçado a trabalhar com Ernst só para deixá-lo mal. Se não fosse tão trágico, seria quase cômico. Que estúpido.

Patrik entrou no escritório de Martin, sua linguagem corporal assinalando que as coisas não tinham acontecido da forma que eles imaginavam.

– O que ele falou? – perguntou Martin com um mau presságio na voz.

– Infelizmente, não pode abrir mão de você. Quer que continue trabalhando em alguma investigação de roubo de carros. Mas aparentemente não tem nenhum problema em ficar sem Ernst.

– Está brincando? – disse Martin em voz baixa, já que Patrik não tinha fechado a porta. – Você e Lundgren vão trabalhar juntos?

Patrik assentiu sem muito ânimo.

– Parece que sim. Se soubéssemos quem era o assassino, podíamos mandar um telegrama e parabenizá-lo. Essa investigação vai afundar se eu não conseguir afastá-lo o máximo possível.

– Que merda! – disse Martin, e Patrik só podia concordar. Depois de um momento de silêncio, bateu a mão na coxa e se levantou, tentando mostrar um pouco de entusiasmo.

– Suponho que não tenho mais nada a fazer, exceto trabalhar.
– Por onde pretende começar?
– Bom, a primeira coisa será informar aos pais da garota sobre as recentes descobertas e cuidadosamente tentar fazer algumas perguntas.

– Vai levar Ernst junto? – Martin perguntou, meio cético.
– Não, acho que vou tentar escapar sozinho. Com sorte, posso esperar para informá-lo sobre essa mudança de investigação mais tarde.

Mas quando saiu no corredor percebeu que Mellberg tinha estragado seus planos.

– Hedström! – a voz de Ernst, lamuriosa e alta, machucou seus ouvidos.

Por um instante, Patrik considerou voltar correndo para a sala de Martin e se esconder, mas resistiu a esse impulso infantil. Pelo menos uma pessoa nessa equipe recentemente formada teria de se comportar como um adulto.

– Aqui! – ele acenou para Lundgren, que se aproximou bravo. Alto, magro e com uma expressão rabugenta no rosto, Ernst não era nada bonito. O melhor que fazia era adular e dar chutes. Não tinha nem o temperamento nem a capacidade para o trabalho normal da polícia. E depois do incidente do último verão, Patrik considerava o colega completamente perigoso por causa de sua temeridade e desejo de se mostrar. E agora era forçado a ser parceiro de Lundgren. Com um suspiro profundo, aproximou-se.

– Acabei de conversar com Mellberg. Ele disse que a garotinha foi assassinada e que vamos liderar a investigação juntos.

Patrik parecia estar nervoso. Sinceramente esperava que Mellberg não tivesse decidido diminuir sua autoridade.

– O que acho que Mellberg disse é que eu vou liderar a investigação, e você vai trabalhar comigo. Não é? – disse Patrik numa voz doce.

Lundgren olhou para baixo, mas não rápido o suficiente para que Patrik deixasse de vislumbrar um brilho de ódio em seus olhos. Tinha arriscado, mas aparentemente havia funcionado.

– Sim, acho que é isso mesmo – disse Ernst irritado. – Bom, por onde começamos... chefe?

Ele falou a última palavra com profundo desdém, e Patrik fechou os punhos, frustrado. Depois de cinco minutos de parceria já queria esganar o sujeito.

– Vamos até a minha sala. – Ele caminhou na frente e se sentou na mesa. Ernst sentou-se na cadeira de visita com as longas pernas rentes a sua frente.

Dez minutos depois Ernst tinha recebido todas as informações, e eles pegaram seus casacos para ir até a casa onde os pais de Sara viviam.

A viagem até Fjällbacka aconteceu em total silêncio. Nenhum deles tinha nada a falar para o outro. Quando chegaram ao alto da colina e pararam na casa dos Florin, Patrik reconheceu o carrinho parado do lado de fora. Seu primeiro pensamento foi: oh, merda! Mas logo reviu sua reação. Poderia ser bom para a família se Erica estivesse ali. Pelo menos para Charlotte. Era com ela que estava mais preocupado; não tinha nenhuma ideia de como a mãe de Sara receberia a notícia que traziam. As pessoas reagiam de formas tão variadas. Ele já tinha conhecido parentes que achavam melhor que seu ente querido tivesse sido assassinado do que se a morte tivesse sido acidental. Porque tinham alguém para culpar e eram capazes de focar sua dor em algo específico. Mas não sabia se era assim que os pais de Sara reagiriam.

Com Ernst bem atrás, Patrik subiu até a porta da frente e bateu com cuidado. A mãe de Charlotte abriu, e ele conseguiu ver que a mulher estava brava. Seu rosto estava vermelho, e seus olhos tinham um brilho que fez Patrik desejar nunca ter nenhum problema com ela.

Quando reconheceu Patrik, ela fez um esforço visível para se controlar e colocou uma expressão interrogativa.

– A polícia? – ela falou, abrindo passagem para deixá-los entrar.

Patrik estava a ponto de apresentar o colega, quando Ernst disse:

– Já nos conhecemos. – Ele cumprimentou Lilian, que respondeu.

Bem, bem, pensou Patrik. Claro, com o número de queixas feitas por e contra Lilian e seu vizinho, a maioria das pessoas já devia conhecê-la. Mas hoje havia uma questão mais séria do que uma pequena disputa entre vizinhos.

– Podemos entrar por um momento? – perguntou Patrik. Lilian concordou e levou-os até a cozinha, onde Niclas estava sentado à mesa. Ele também tinha uma expressão de ódio no rosto. Patrik olhou procurando Charlotte e Erica. Niclas percebeu e disse:

– Erica está ajudando Charlotte a tomar banho.

– Como está Charlotte? – perguntou Patrik enquanto Lilian fazia café para os dois e colocava as xícaras diante deles.

– Ela tem estado totalmente fora de si. Mas ajudou muito que Erica tivesse vindo. É a primeira vez que Charlotte foi capaz de se levantar, tomar um banho e trocar de roupa desde que... – ele hesitou – aquilo aconteceu.

Patrik estava lutando consigo mesmo. Deveria falar com Niclas e Lilian em particular e pedir para Erica dar a notícia para Charlotte ou ela estaria forte o suficiente para ouvir com os outros? Decidiu pela segunda opção. Se ela estava de pé agora e também tinha o

apoio da família, então tudo estaria bem. E Niclas era médico, afinal.

– Por que exatamente vocês estão aqui? – disse Niclas confuso, olhando espantado primeiro para Ernst depois para Patrik.

– Acho que deveríamos esperar até Charlotte se juntar a nós.

Tanto Lilian quanto Niclas pareceram contentes por esperar, mas trocaram um olhar rápido e inescrutável. Cinco minutos se passaram em silêncio. Conversar sobre amenidades teria sido muito estranho sob essas circunstâncias.

Patrik olhou ao redor na cozinha. Era agradável, mas claramente era o domínio de uma completa obsessiva-compulsiva. Tudo estava incrivelmente limpo e organizado em linhas retas. Um pouco diferente da cozinha de sua própria casa, ele refletiu, onde geralmente havia um caos total na pia enquanto o lixo estava lotado de embalagens de comida congelada que podia ser esquentada no micro-ondas. Então ouviu a porta se abrir, e lá estava Erica segurando Maja dormindo num braço. Ao seu lado estava Charlotte, recém-saída do banho. O olhar de espanto de Erica logo mudou para preocupação, e ela passou o outro braço por baixo do cotovelo de Charlotte para guiar a amiga até uma cadeira. Patrik não sabia como Charlotte estava antes, mas agora ela tinha um pouco de cor no rosto, e os olhos estavam claros e alertas.

– O que estão fazendo aqui? – perguntou Charlotte numa voz que ainda estava rouca por tantos dias alternando entre gritos e silêncio. Ela olhou para Niclas, que deu de ombros para indicar que também não sabia.

– Queríamos esperar por você antes de... – Patrik não conseguiu falar enquanto procurava uma boa forma de apresentar o que tinha a dizer. Ainda bem que Ernst ficou de boca fechada e deixou Patrik resolver a situação.

– Recebemos mais informações sobre a morte de Sara.
– Descobriram algo mais sobre o acidente? O quê? – perguntou Lilian, ansiosa.

– Parece que não foi um acidente.

– O que estão dizendo? Por que não foi um acidente? – disse Niclas obviamente frustrado.

– Realmente não foi um acidente. Sara foi assassinada.

– Assassinada? O que você quer dizer? Ela se afogou, não foi? – Charlotte parecia confusa, e Erica segurou sua mão. Maja ainda estava dormindo nos braços da mãe, sem noção do que acontecia ao seu redor.

– Ela foi afogada, mas não no mar. O legista não encontrou água do mar em seus pulmões como esperava. Era água doce, aparentemente de uma banheira.

O silêncio ao redor da mesa parecia explosivo. Patrik olhou preocupado para Charlotte, e Erica fixou seus grandes olhos no rosto do marido, visivelmente alarmada.

Patrik entendeu que a família estava chocada e começou, cuidadosamente, a fazer perguntas para trazê-los de volta à realidade. No momento, pensou que seria a melhor tática. Ou, pelo menos, esperava que fosse. De qualquer forma, era seu dever e, pelo bem tanto de Sara quanto da família, ele precisava continuar com as perguntas.

– Então agora precisamos repassar com detalhes a cronologia de tudo que Sara fez aquela manhã. Qual de vocês a viu por último?

– Eu – disse Lilian. – Eu a vi por último. Charlotte estava deitada no porão descansando, e Niclas tinha saído para trabalhar, então cuidei da Sara por um tempo. Logo depois das nove, ela disse que ia até a casa da Frida. Colocou o casaco e saiu. Acenou quando saiu
– disse Lilian num tom de voz vazio e mecânico.

– Poderia ser mais precisa na hora? Eram nove e vinte? Nove e cinco? Cada minuto importa – disse Patrik.

Lilian pensou um pouco.

– Acho que eram umas nove e dez. Mas não tenho certeza.

– Certo, vamos dar uma olhada e ver se algum dos vizinhos viu algo, então podemos corroborar a hora. – Ele fez uma anotação no caderno e continuou: – E depois disso ninguém a viu?

Eles balançaram a cabeça.

Ernst perguntou bruscamente.

– Então o que o resto estava fazendo naquele momento?

Patrik se contraiu por dentro e xingou a técnica de entrevista pouco sensível do colega.

– O que Ernst quer dizer é que os procedimentos de rotina exigem que perguntemos tanto a você quanto a Charlotte as mesmas coisas, Niclas. Pura rotina, como falei, só para descartá-los como suspeitos o mais rápido possível.

A tentativa de diluir o impacto da pergunta de seu colega pareceu funcionar. Tanto Niclas quanto Charlotte responderam sem mostrar grande angústia e pareceram aceitar a explicação de Patrik para essa pergunta desconfortável.

– Eu estava na clínica – disse Niclas. – Começo a trabalhar às oito.

– E você, Charlotte? – perguntou Patrik.

– Como minha mãe falou, eu estava deitada no porão, descansando. Eu estava com enxaqueca – ela respondeu com uma voz surpresa. Como se tivesse ficado chocada por ter visto aquilo como um grande problema na sua vida.

– Stig estava em casa também. Ele estava no andar de cima, descansando. Ele está de cama faz algumas semanas – explicou

Lilian. Ela parecia contrariada por Patrik e Ernst ousarem perguntar sobre as atividades de sua família.

– Ah, sim, Stig, vamos precisar falar com ele também em algum momento, mas isso pode esperar – disse Patrik, que teve de admitir que havia esquecido completamente do marido de Lilian.

Seguiu-se um longo silêncio. Ouviu-se o choro de uma criança em outro cômodo, e Lilian se levantou para cuidar de Albin. Como Maja, ele tinha dormido durante toda a comoção. Ainda estava meio adormecido e tinha a expressão séria de sempre quando Lilian o trouxe para a cozinha. Ela voltou a se sentar na cadeira e deixou o neto brincar com a corrente de ouro que trazia no pescoço.

Ernst respirou fundo e parecia a ponto de fazer mais algumas perguntas, mas um olhar de aviso de Patrik o fez parar. Patrik, porém, continuou, com cuidado.

– Podem pensar em alguém que poderia fazer algum mal a Sara?

Charlotte olhou de forma incrédula e disse com sua voz rouca:

– Quem iria machucar a Sara? Ela só tinha sete anos. – Sua voz falhou, estava fazendo um óbvio esforço para se controlar.

– Então, ninguém consegue pensar em qualquer motivo? Ninguém que queira fazer mal a vocês, nada desse estilo?

Aquela última pergunta fez Lilian falar. O vermelho de raiva que tinha no rosto quando eles chegaram, voltou a aparecer.

– Alguém que quisesse nos machucar? Eu acho que sei. Só há uma pessoa que se encaixa nessa descrição e é nosso vizinho Kaj. Ele odeia nossa família e faz de tudo para transformar nossa vida num inferno há anos!

– Não seja idiota, mamãe – disse Charlotte. – Você e Kaj brigam *entre si* há anos, por que ele iria querer machucar a Sara?

– Aquele homem é capaz de qualquer coisa. Ele é um psicopata, estou dizendo. E dê uma boa olhada em seu filho Morgan. Ele não

bate bem da cabeça, e pessoas assim são capazes de qualquer coisa. É só olhar todos aqueles doidos que puderam voltar às ruas e o que eles fizeram. Ele deveria ser preso se alguém tivesse bom senso!

Niclas colocou a mão em seu braço para acalmá-la, mas não surtiu nenhum efeito. Albin choramingou quando ouviu o tom das vozes.

– Kaj me odeia simplesmente porque finalmente encontrou alguém que ousa contrariá-lo. Acha que é muito importante só porque foi o gerente de uma empresa e tem muito dinheiro. É por isso que ele e a esposa puderam se mudar para cá, e todo mundo na cidade os trata como algum tipo de realeza. Ele é totalmente rude, então eu não descartaria que pudesse fazer algo.

– Pare, mamãe! – a voz de Charlotte agora estava dura, e ela olhou para a mãe. – Não faça uma cena.

A explosão de sua filha fez Lilian parar de falar. Ela apertou os dentes com raiva, mas não ousou contrariá-la.

– Então – Patrik hesitou, um pouco chocado com as afirmações veementes de Lilian –, além do seu vizinho, não conseguem pensar em mais ninguém que tenha algo contra a família?

Todos negaram. Ele fechou o caderno.

– Então não temos mais perguntas por ora. Mais uma vez, quero dizer que sinto muito pela perda de vocês.

Niclas assentiu e se levantou para acompanhar os policiais até a porta. Patrik se virou para Erica.

– Vai ficar ou quer uma carona para casa?

Com os olhos fixos em Charlotte, Erica respondeu:

– Vou ficar mais um pouco aqui.

Do lado de fora da casa, Patrik parou para respirar fundo.

Stig podia ouvir as vozes crescendo e diminuindo no andar de baixo. Ele tentava imaginar quem tinha vindo visitá-los. Como sempre, ninguém se preocupava em informá-lo sobre o que estava acontecendo. Mas talvez fosse até melhor. Para ser honesto, ele não sabia se podia aguentar saber de todos os detalhes do que estava acontecendo. De alguma forma era melhor ficar deitado ali, na cama, em seu casulo particular e deixar sua mente processar em paz e silêncio todos os sentimentos que a morte de Sara haviam provocado. Sua doença de alguma forma tornara mais fácil lidar com a dor. A dor física estava sempre atacando sua consciência e afastando uma parte do tormento emocional.

Com grande esforço, Stig se virou na cama e olhou para a parede. Ele amava a garota como se fosse sua própria neta. Naturalmente, via que ela podia ser difícil e mal-humorada, mas nunca quando vinha vê-lo. Era como se instintivamente sentisse todo o problema da doença que estava devastando seu corpo. Ela mostrava respeito tanto por ele quanto pela doença. Era provavelmente a única que percebia como ele estava mal. Com os outros, Stig fazia um esforço para não mostrar como sentia dor. Tanto seu pai quanto seu avô tinham morrido sofrendo e humilhados em quartos lotados de hospitais, e esse era o destino que ele lutava para evitar. Então, para Lilian e Niclas, sempre conseguia reunir as últimas reservas de energia e mostrar uma fachada relativamente controlada. E a doença parecia estar fazendo sua parte para ajudá-lo a ficar longe do hospital. De vez em quando ele melhorava, talvez sentindo-se mais fraco e mais cansado do que o normal, mas totalmente capaz de funcionar no dia a dia. Mas sempre piorava e acabava voltando para a cama por umas duas semanas. Niclas tinha começado a parecer cada vez mais

preocupado, mas graças a Deus Lilian o havia convencido, até agora, de que era melhor que Stig ficasse em casa.

Ela era um verdadeiro presente de Deus. Claro que eles tinham tido suas brigas durante os mais de seis anos que estavam casados, e às vezes Lilian podia ser difícil, mas seu lado melhor e mais doce surgia quando cuidava dele. Desde que Stig adoecera, os dois estavam vivendo uma relação bastante simbiótica. Lilian adorava tomar conta dele, e ele adorava que ela o fizesse. Agora Stig tinha dificuldade de imaginar que tinham chegado tão perto de se separar. Não havia nada tão ruim que não trouxesse algo de bom junto, foi o que sempre pensou. Mas isso foi antes de o pior de todos os males possíveis ter recaído sobre eles. E Stig não conseguia ver nada de bom nisso.

A garota entendia o estado dele. Sua mão macia sobre o rosto dele tinha sido um apoio que conseguia sentir mesmo agora. Ela se sentava na beira da cama e contava tudo que tinha lhe acontecido naquele dia, e ele assentia e ouvia com atenção. Stig não a tratava como uma criança, mas como um igual. Ela gostava daquilo.

Que Sara tivesse morrido era algo inconcebível.

Ele fechou os olhos e deixou uma forte onda de dor tomar conta de si.

Capítulo 7

Strömstad, 1923

Foi um outono estranho. Anders nunca tinha se sentido tão exausto e tão cheio de energia ao mesmo tempo. Agnes parecia infundir uma nova força nele, e às vezes ele se perguntava como seu corpo podia ter funcionado antes da entrada dela em sua vida.

Depois daquela primeira noite, quando ela reuniu toda a coragem que tinha e veio até sua janela, sua vida inteira mudou. Agora, o sol não brilhava antes da chegada de Agnes e desaparecia quando eles se separavam. No primeiro mês, eles tinham se aproximado com cuidado. Ela era muito tímida e quieta, e ele ainda estava espantado que Agnes tivesse ousado dar aquele primeiro passo. Era estranho que fosse tão ousada, e por isso sentiu ainda mais carinho ao pensar que havia se afastado tanto de seus princípios por ele.

Ele admitia que, no começo, havia hesitado. Sentira que haveria problemas no horizonte e só conseguia ver como essa situação era impossível. Mas a sensação dentro dele era tão forte que de alguma forma conseguiu se convencer de que tudo daria certo no final. E ela estava vibrando de confiança. Quando apoiava a cabeça no ombro dele e descansava a pequena mão sobre a dele, sentia como se pudesse mover montanhas por ela.

Não havia muito tempo para se encontrarem. Ele só chegava da pedreira bem tarde e depois precisava levantar cedo de manhã

para voltar a trabalhar. Mas Agnes sempre encontrava uma forma, e ele a amava por isso. Os dois davam longos passeios pela periferia da cidade sob a proteção da noite e, apesar do frio outonal, sempre encontravam algum ponto seco onde podiam sentar e se beijar. Quando as mãos começaram a se aventurar sob a roupa um do outro, já era o fim de novembro, e ele sabia que tinham chegado a uma encruzilhada.

Começou a falar com cuidado do futuro. Não queria que ela tivesse problemas, amava-a demais para isso, mas, ao mesmo tempo, seu corpo estava exigindo que escolhesse o caminho que os levaria à união. No entanto, suas tentativas de falar sobre seu tormento eram silenciadas por um beijo dela.

– Não vamos falar nisso – Agnes disse, beijando-o novamente. – Amanhã, quando eu for até sua casa, não venha até mim. Em vez disso, deixe-me entrar.

– Mas e a viúva... – Anders disse antes que ela o interrompesse mais uma vez com um beijo.

– *Shhhh* – ela disse. – Vamos ficar em silêncio como dois ratinhos. – Ela acariciou seu rosto e continuou: – Dois ratinhos silenciosos que se amam.

– Mas e... – ele continuou, nervoso e ao mesmo tempo excitado.

– Não pense tanto – ela disse com um sorriso. – Vamos apenas viver o presente. Quem sabe, amanhã podemos estar mortos.

– Oh, não, não fale isso – ele disse, puxando-a para perto. Ela estava certa. Ele pensava demais.

– É melhor verificarmos isso imediatamente – disse Patrik suspirando.

– Não vejo nenhum motivo – murmurou Ernst. – Lilian e Kaj brigam há anos, mas parece difícil acreditar que isso fosse motivo

suficiente para que matasse a garota.

Patrik ficou espantado.

– Parece que você os conhece. Tive a mesma impressão quando Lilian abriu a porta.

– Só conheço o Kaj – disse Ernst. – Somos de um grupo de velhos que se junta para jogar cartas de vez em quando.

Patrik franziu o cenho.

– É algo com que preciso me preocupar? Para ser honesto, não tenho certeza se você deveria participar de uma investigação nessas circunstâncias.

– Besteira – disse Ernst com amargura. – Se não pudéssemos trabalhar num caso por causa de alguma pequena objeção, nunca poderíamos investigar nada. Todo mundo conhece todo mundo nesta cidade, você sabe disso tão bem quanto eu. E sou perfeitamente capaz de separar meu trabalho da minha vida pessoal.

Patrik não ficou realmente satisfeito com aquela resposta, mas também sabia que Ernst estava certo, até certo ponto. A cidade era tão pequena que todo mundo tinha alguma conexão com todo mundo, então não seria possível usar isso como desculpa para tirar um policial de alguma investigação. Se isso acontecesse, seria por causa de uma relação consideravelmente mais próxima. Mas era uma pena. Por um segundo, ele tinha sentido o ar matutino e visto uma chance para se livrar de Lundgren.

Caminhando lado a lado, eles se aproximaram da casa vizinha. Uma cortina se mexeu na janela próxima à porta, mas voltou a se fechar tão rápido que não conseguiram ver quem estava espiando.

Patrik observou a casa, a “atração turística”, como Lilian a tinha chamado. Ele a via todo dia quando saía e voltava para casa, mas nunca tinha prestado muita atenção. Concordou que não era muito

bonita. Tinha um design moderno, com muito vidro e ângulos artificiais. Parecia que o arquiteto recebera carta branca, e Patrik precisava admitir que, até certo ponto, Lilian tinha razão. A casa era perfeita para a revista *Beautiful Homes*, mas combinava tão pouco com a velha vizinhança quanto um adolescente em uma festa de aposentados. Quem disse que dinheiro e bom gosto andavam de mãos dadas? O arquiteto da cidade devia estar cego no dia em que aprovou a permissão para construir.

Patrik se virou para o colega.

– Kaj faz que tipo de trabalho? Já que está em casa durante a semana, quero dizer? Lilian disse algo sobre diretor-gerente.

– Ele vendeu a empresa e se aposentou cedo – disse Ernst, com tom ainda mal-humorado depois de ter seu profissionalismo questionado. – Mas também é o técnico da equipe de futebol. É bastante bom, na verdade. Teria sido profissional quando era jovem, mas teve algum tipo de acidente que o impossibilitou. E falo de novo, isso é uma perda de tempo. Kaj Wiberg é um sujeito realmente bom, e qualquer pessoa que falar algo diferente está mentindo. Tudo isso é simplesmente ridículo.

Patrik ignorou os comentários dele e subiu os degraus da entrada.

Eles tocaram a campainha e esperaram. Logo ouviram passos, e a porta foi aberta por um homem que Patrik presumiu ser Kaj. Ele sorriu quando viu Ernst.

– Oi, Lundgren, como estão as coisas? Não era dia de jogar hoje, era?

Seu sorriso desapareceu assim que percebeu que nenhum dos dois reagiu. Ele revirou os olhos.

– Então, o que a bruxa velha fez dessa vez? – Ele os levou até a grande sala de estar e se sentou pesadamente na poltrona,

apontando o sofá para os policiais.

– Bom, não que não sinta pena pelo que aconteceu com eles; foi uma verdadeira tragédia. Mas é incrível que ela tenha a coragem de continuar brigando conosco mesmo nessas circunstâncias. Acho que mostra bem o tipo de pessoa que ela é.

Patrik ignorou esse comentário e analisou o homem à sua frente. Era magro, de estatura mediana, com o físico de um cachorro de corrida e os cabelos curtos e grisalhos. Mesmo assim, havia algo realmente estranho nele – era o tipo de homem que as testemunhas nunca seriam capazes de descrever se decidisse roubar um banco.

– Estamos conversando com todos os vizinhos que podem ter visto algo. Não tem nada a ver com nenhuma briga. – Patrik já tinha decidido, antes de entrarem, que não ia falar nada sobre Lilian ter mencionado seu vizinho.

– Entendo – disse Kaj num tom que demonstrava um pouco de desapontamento. Uma clara indicação de que a briga com sua vizinha tinha se tornado um elemento constante e quase essencial em sua vida.

– Mas por que as perguntas? – ele continuou. – É trágico que uma garotinha tenha se afogado, mas por que a polícia precisa continuar investigando? Não deve haver mais nada que vocês possam fazer – ele sorriu, mas logo mudou de expressão quando viu que Patrik não achou a situação nem um pouco engraçada. Então pareceu ter percebido algo.

– Estou errado? As pessoas estão falando que a garota se afogou, mas sabe como gostam de falar. Se a polícia começa a fazer perguntas, isso só pode significar uma causa da morte diferente. Estou certo ou não? – ele falou, animado.

Patrik o olhou com desprezo. O que havia de errado com as pessoas? Como elas podiam ver a morte de uma garotinha como algo empolgante? Ninguém tinha nenhuma decência mais? Ele se forçou a manter uma expressão neutra quando respondeu a Kaj.

– Bom, isso é parcialmente correto. Não posso entrar em detalhes, mas acontece que Sara Klinga foi assassinada, então é de extrema importância que possamos descobrir tudo que ela fez naquele dia.

– Assassinada – disse Kaj. – Uau, isso é horrível. – Sua expressão era solidária, mas Patrik conseguia sentir, mesmo sem ver, que a solidariedade não era muito profunda.

Patrik precisou reprimir o desejo de dar um tapa na cara de Kaj. Achou a falsa compaixão do homem nojenta, mas disse apenas:

– Como mencionei, não posso entrar em detalhes, mas se você viu Sara na segunda de manhã, então é importante que saibamos onde e quando. Quanto mais preciso for, melhor.

Kaj franziu a testa pensou por um tempo:

– Deixe-me ver, segunda. Sim, eu a vi em algum momento da manhã, mas não consigo me lembrar exatamente quando. Ela saiu da casa correndo. Aquela menina nunca caminhava normalmente, sempre estava pulando de um lado para o outro como uma bola de borracha.

– Você viu em que direção ela foi? – perguntou Ernst, falando pela primeira vez durante a visita. Kaj olhou para ele, espantado; aparentemente, achou engraçado ver seu parceiro de cartas trabalhando.

– Não, só vi quando chegou até a calçada. Ela se virou e acenou para alguém antes de desaparecer, mas não vi para que lado foi.

– E não se lembra a que horas foi isso? – perguntou Patrik.

– Realmente não, mas deve ter sido perto das nove. Desculpe não poder ser mais exato.

Patrik hesitou um momento antes de continuar.

– Parece-me que você e Lilian Florin não têm um relacionamento exatamente amigável.

Kaj bufou alto.

– Sim, realmente é possível dizer isso. Não há provavelmente ninguém que possa ter um “relacionamento amigável” com aquela bruxa.

– Há alguma razão especial para esse... – Patrik procurou a palavra correta – antagonismo?

– Não que seja preciso ter alguma razão especial para brigar com Lilian Florin, mas acontece que eu tenho uma excelente desculpa. O problema começou assim que compramos o terreno e estávamos a ponto de construir uma casa aqui. Ela teve problemas com o design e fez tudo o que pôde para tentar parar a construção. Criou uma pequena tempestade de protestos, devo dizer. – Ele sorriu. – Uma tempestade de protestos em Fjällbacka. Conseguir ouvir meus joelhos tremendo? – Kaj abriu os olhos e fingiu sentir medo, depois riu. Quando parou com os joelhos, continuou: – Bom, conseguimos nos livrar dessa pequena comoção, apesar de ter custado tempo e dinheiro. Mas desde então, foi uma coisa atrás da outra. E tenho certeza de que vocês sabem os extremos a que ela está disposta a ir. Tem sido simplesmente um inferno todos esses anos. – Ele se encostou na poltrona e cruzou as pernas.

– Não teria sido melhor ter vendido a casa e se mudado para outro lugar? – Patrik perguntou com cautela, mas a pergunta fez com que o fogo brilhasse nos olhos de Kaj.

– Mudar? De jeito nenhum! Eu nunca daria a ela a satisfação. Se alguém deveria se mudar, é ela. Agora estou só esperando a

decisão da corte de apelações.

– Corte de apelações? – perguntou Patrik.

– Eles construíram uma varanda na casa deles sem olhar o código de construções primeiro. E ela entra dois centímetros na minha propriedade, então, é ilegal. Terão de derrubar a varanda assim que o veredicto sair. Deve ser resolvido a qualquer momento, e mal posso esperar para ver a cara da Lilian – sorriu Kaj.

– Não acha que eles têm problemas maiores no momento do que a existência ou não de uma varanda? – Patrik não pôde deixar de lembrar.

O rosto de Kaj ficou sério.

– Certamente não sou insensível à tragédia deles, mas o que é justo é justo. E tais coisas não são importantes para a Justiça – ele acrescentou, olhando para Ernst, esperando apoio. Ernst assentiu, dando a Patrik outra razão para se preocupar com a participação dele nessa investigação. Havia vários motivos para se preocupar antes mesmo de descobrir que Ernst era amigo de uma das pessoas na lista de investigados.

Ele se separaram para cobrir as casas na vizinhança. Ernst murmurou algo enquanto se arrastava pelo vento cortante. Seu corpo alto parecia receber o vento de forma mais eficiente e, como era muito desajeitado, balançava para a frente e para trás, lutando para manter seu equilíbrio. Ele conseguia sentir o gosto de bile no fundo da boca. Mais uma vez tinha de receber ordens de um garoto metido, com pouco mais da metade de sua idade. Era um mistério para Ernst. Por que seus anos de experiência e sua habilidade eram sempre esquecidos? Uma conspiração era a única explicação que podia imaginar. Ele não entendia bem os motivos ou o cérebro por trás disso tudo, mas não importava. Aparentemente ele era visto

como uma ameaça precisamente por causa das qualidades que sabia possuir.

Bater nas portas era terrivelmente chato, e ele queria estar no interior de algum lugar, onde estivesse quente. As pessoas também não tinham nada de importante a dizer. Ninguém tinha visto a garotinha naquela manhã, e tudo que podiam dizer era como aquilo tinha sido terrível. E Ernst precisava concordar. Por sorte, nunca fora estúpido bastante para ter filhos. Havia conseguido manter distância das mulheres também, achava, reprimindo de forma eficiente o fato de que foram as mulheres que nunca mostraram muito interesse nele.

Olhou para Hedström, que estava cobrindo as casas à direita da dos Florin. Às vezes seus dedos coçavam de vontade de dar um soco no nariz de seu colega. Tinha visto o olhar de Hedström quando foi forçado a aguentá-lo naquela manhã. Isso tinha dado a Ernst um breve momento de satisfação. De outra forma, Hedström e Molin só queriam saber de trabalhar juntos e se recusavam a ouvir os colegas mais velhos, como ele e Gösta. Bom, Gösta não era provavelmente o melhor exemplo de bom policial, Ernst precisava admitir, mas seus muitos anos na força mereciam respeito. E não era espantoso que tivesse perdido o interesse em colocar tanta energia em seu trabalho na situação atual. Quando Ernst pensava em tudo aquilo, era provavelmente culpa dos policiais mais jovens que ele não sentisse vontade de trabalhar e tentasse pular fora sempre que possível. Era um pensamento reconfortante. Naturalmente não era sua culpa. Não que ele não sentisse um pouco de vergonha em relação ao seu desempenho medíocre no trabalho, mas era bom finalmente poder apontar a fonte do problema. O cerne da questão, pode-se dizer. Era tudo culpa desses

jovens metidos. De repente, a vida parecia muito, muito melhor. Ele bateu na porta seguinte.

Frida penteava cuidadosamente os cabelos de sua boneca. Era importante para ela que ficasse bom, porque ia a uma festa. A mesa diante dela já estava pronta, com café e bolos. Pequenas xícaras de plástico com lindos pratinhos vermelhos. Naturalmente, eram bolos de mentirinha, mas as bonecas não podiam comer os de verdade, então tudo bem.

Sara sempre pensou que era besteira brincar de boneca. Ela dizia que eram muito velhas para isso. Bonecas são para bebês, Sara tinha dito, mas Frida adorava brincar com bonecas. Sara podia ser bastante cansativa às vezes. Ela sempre precisava decidir tudo. Tudo tinha de ser da forma que queria ou ela ficava de mau humor e quebrava coisas. A mamãe sempre ficava brava com Sara quando ela quebrava as coisas da Frida. Depois Sara ia para casa, e a mamãe ligava para a mãe de Sara, e sua voz ficava muito brava. Mas quando Sara era boazinha, Frida gostava muito dela, por isso ainda queria brincar com a amiga. Esperando que fosse boazinha.

Não entendia o que tinha acontecido com Sara. A mamãe tinha explicado que ela estava morta, que tinha se afogado no mar, mas onde estava então? No céu, a mamãe tinha dito, mas Frida ficou muito tempo olhando para o céu e não viu nada. Tinha certeza de que, se Sara estivesse no céu, teria acenado. Como não tinha feito nada, queria dizer que não estava lá. Então a pergunta era: onde estava? Não podia somente desaparecer, podia? Imagine se a mamãe desaparecesse dessa forma. Frida sentiu muito medo. Se Sara desapareceu, as mamães também podiam sumir? Abraçou forte sua boneca, tentando afastar essa ideia terrível.

Havia algo mais que ela se perguntava também. A mamãe tinha dito que os homens que vieram, tocaram a campainha e contaram

sobre Sara eram policiais. Frida sabia que sempre se devia contar tudo à polícia. Não era possível mentir para eles. Mas ela tinha prometido a Sara não contar a ninguém sobre o velho nojento. Tinha de manter sua promessa para alguém que tinha morrido? Se Sara tinha morrido, então ela não iria descobrir o que Frida havia contado sobre o velho. Mas e se voltasse e ficasse sabendo que Frida tinha denunciado? Ficaria ainda mais brava do que antes. Poderia até destruir tudo no quarto de Frida, incluindo sua boneca. Frida decidiu que era melhor não falar nada sobre o velho nojento.

– Flygare, você tem um minuto? – Patrik tinha sido cuidadoso ao bater na porta de Gösta, mas viu seu colega fechar rapidamente um jogo de golfe no computador.

– Claro, provavelmente tenho um minuto – disse Gösta, taciturno, ao perceber que Patrik vira suas atividades pouco nobres durante o horário de trabalho. – Tem a ver com a garota? – ele continuou num tom mais agradável. – Ouvi de Annika que não foi um acidente. Terrível – ele afirmou, balançando a cabeça.

– Isso mesmo, Ernst e eu estivemos conversando com a família – disse Patrik, sentando-se. – Contamos que agora é uma investigação de assassinato. Perguntamos a todos os membros da família onde eles estavam na hora que Sara desapareceu e se sabiam de alguém que iria querer machucá-la.

Gösta olhou de forma inquisitiva a Patrik.

– Você acha que alguém na família poderia ter matado a menina?

– No momento, não acho nada. De qualquer forma, é importante eliminá-los da investigação o mais rápido possível. Ao mesmo tempo, precisamos checar se há algum criminoso sexual conhecido na área.

– Mas achei que a garota não tivesse sido violada, pelo que Annika me contou – disse Gösta.

– Não de acordo com o que o legista pôde ver, mas uma garotinha assassinada... – Patrik não precisou terminar a sentença para que Gösta entendesse o que ele queria dizer. Havia muitas histórias na mídia sobre a exploração de crianças para que ignorassem essa possibilidade.

– Por outro lado – continuou Patrik –, para minha surpresa, recebi uma resposta imediata quando perguntei se eles sabiam de alguém que pudesse querer machucá-los.

Gösta levantou a mão:

– Deixe-me adivinhar: Lilian jogou Kaj para os lobos.

Patrik fez uma pequena carranca.

– Bom, acho que dá para colocar nesses termos. De qualquer forma, parece não haver nenhum respeito entre eles. Verificamos toda a vizinhança e tivemos uma entrevista informal com Kaj também. Dá pra dizer que há muito rancor sob a superfície.

Gösta riu.

– Sob a superfície não é a expressão que eu usaria. É um drama que está acontecendo à luz do dia há quase dez anos. E, pessoalmente, estou cansado disso.

– Bom, Annika me disse que você cuidou das reclamações que um fez contra o outro nesses dez anos. Pode me contar um pouco sobre isso?

Sem responder imediatamente, Gösta se virou e pegou uma pasta na estante atrás de sua mesa. Ele folheou rápido e encontrou o que estava procurando.

– Só tenho as coisas mais recentes aqui, o resto está arquivado.

Patrik assentiu.

Gösta continuou folheando, dando uma olhada em algumas das páginas que encontrou.

– Você pode levar essa pasta. Há muitos detalhes aqui. Reclamações de ambos os lados sobre tudo que dá para imaginar.

– Tipo o quê?

– Invasão. Kaj aparentemente invadiu a propriedade deles uma vez, e a vida dele foi realmente ameaçada: Lilian claramente disse a Kaj que ele deveria ter cuidado se valorizava sua vida. – Gösta continuou virando as páginas. – E então temos uma série de reclamações contra o filho de Kaj, Morgan. Lilian afirmou que ele estava espiando, eu estou citando: “garotos como ele possuem uma necessidade sexual ultradesenvolvida, ouvi falar, então tenho certeza de que estava planejando me violentar”. E essa é apenas uma pequena seleção.

Patrik balançou a cabeça espantado.

– Eles não têm nada melhor para fazer?

– Aparentemente, não – disse Gösta, seco. – E, por alguma razão, sempre insistem em me procurar com suas reclamações. Mas vou deixar isso com você da próxima vez – falou, entregando a pasta para Patrik, que a recebeu com certa apreensão.

– Mas mesmo que os dois sejam pessoas insuportáveis, acho difícil acreditar que Kaj tenha chegado ao ponto de matar a garota.

– Tenho certeza de que está certo – disse Patrik, levantando-se com a pasta nas mãos –, mas como disse, agora o nome dele foi citado, então pelo menos preciso examinar a possibilidade.

Gösta hesitou.

– Me avise se precisar de mais alguma ajuda. Mellberg não devia estar falando sério quando disse que você e Ernst deveriam cuidar disso sozinhos. É uma investigação de homicídio, afinal. Então seu eu puder ajudar em algo...

– Obrigado, agradeço. E acho que você está certo. Mellberg estava provavelmente só querendo me irritar. Nem mesmo ele poderia falar que você ou Martin não teriam autorização para me ajudar. Então pensei em chamar todos para uma reunião, provavelmente amanhã. Se Mellberg tiver algo contra, terá de se explicar. Mas como disse, não acho que vá dizer nada.

Agradeceu a Gösta com um movimento de cabeça antes de sair e virar à esquerda para entrar em sua sala. Sentado em sua cadeira, Patrik abriu a pasta e começou a ler. Acabou sendo uma viagem à mesquinhez humana.

Capítulo 8

Strömstad 1923

A mão tremeu um pouco enquanto batia cautelosamente no vidro da janela. Ela se abriu de repente, e Agnes pensou satisfeita que ele devia estar ali sentado esperando. Estava quente no quarto, e ela não sabia se o rosto dele estava vermelho pelo calor ou pela perspectivas das horas que passariam juntos. Provavelmente o segundo motivo, pensou, porque sentia o mesmo calor em seu próprio rosto.

Finalmente tinham chegado ao momento pelo qual ela ansiava desde que tinha jogado a primeira pedrinha em sua janela. Instintivamente, ela sabia que precisava tomar cuidado com ele. E, se havia uma coisa que sabia fazer, era entender os homens. Entendê-los e proporcionar o tipo de mulher que queriam. No caso de Anders, isso significava que teria de bancar a violeta desabrochando por algumas semanas intermináveis, apesar de sua vontade de entrar em seu quarto e deitar na sua cama logo na primeira noite. Mas sabia que ele se assustaria com esse comportamento. Se queria ganhá-lo, teria de jogar. Puta ou Madona. Ela podia ser as duas.

– Está com medo? – ele perguntou quando Agnes se sentou ao lado dele na cama estreita.

Ela conteve um sorriso. Se ele soubesse como tinha experiência no que iam fazer, estaria tremendo de medo. Mas Agnes não podia mostrar seu verdadeiro eu. Não agora, quando pela primeira vez

queria um homem tanto quanto ele a queria. Então, olhou para o chão e simplesmente assentiu, tímida. Quando Anders tentou deixá-la mais segura colocando seus braços ao redor dela, Agnes só conseguiu sorrir por cima do ombro dele.

E então procurou a boca dele. Quando seus lábios se tocaram e o beijo ficou sério, sentiu que ele gentilmente desabotoava sua blusa. O rapaz se movia a um ritmo devastadoramente lento. Ela queria arrancar a própria blusa. Mas sabia que destruiria a imagem que tinha passado semanas criando. Logo seria capaz de conter o lado apaixonado de sua natureza, mas a essa altura ele poderia atribuir a si mesmo o crédito por tê-la instigado. Os homens eram tão simples.

Quando caiu a última peça de roupa, ela puxou as cobertas modestamente sobre si. Anders acariciou seus cabelos e olhou em seus olhos, pedindo silenciosamente sua permissão. Depois esperou por um movimento afirmativo antes de se deitar ao seu lado.

– Poderia apagar a vela? – ela pediu, com uma voz fraca e assustada.

– Claro, com certeza – ele respondeu, embaraçado por não ter percebido que ela poderia preferir a escuridão. Virou-se para o criado-mudo e apagou a vela com os dedos. No escuro, ela sentiu que ele se virava e começava lentamente a explorar seu corpo.

No momento exato, ela soltou um gemido de dor fingido, esperando que ele não visse a ausência de sangue como um sinal revelador. Mas julgando pela ternura que se seguiu, ele não suspeitou de nada, e ela se sentiu satisfeita com seu próprio desempenho. Como teve de conter seus instintos naturais, tinha sido um pouco mais chato do que esperava, mas o potencial estava ali. Logo seria capaz de florescer de uma forma que se tornaria uma surpresa agradável para ele.

Deitada no vão do braço dele, ela pensou se poderia iniciar cuidadosamente uma segunda rodada, mas decidiu esperar um pouco. Por algum tempo, teria de se contentar com interpretar bem seu papel. Ele estava exatamente onde ela queria. Agora era somente uma questão de recuperar o máximo de dividendos de todo o tempo que havia investido nele. Se jogasse bem suas cartas, poderia ter uma boa diversão durante todo o inverno.

Monica andava com seu carrinho, substituindo os livros nas prateleiras. Ela sempre amou os livros. Depois de quase morrer de tédio no primeiro ano em casa depois que Kaj vendeu a empresa, tinha agarrado a oportunidade quando ouviu que a biblioteca precisava de alguém para ajudar meio período. Kaj achou que era loucura trabalhar quando não precisava, e Monica suspeitou que parecia uma perda de prestígio para ele. Mas ela estava se divertindo demais para se importar. Havia uma boa atmosfera no trabalho, e ela precisava de alguma sensação de ser parte da comunidade para ver algum sentido na vida. Kaj ficava cada vez mais nervoso e rabugento a cada ano, e Morgan não precisava mais dela. Também não haveria nenhum neto; pelo menos era pouco provável. Até mesmo aquela alegria lhe tinha sido negada. Ela não podia deixar de sentir um pouco de inveja quando as outras mulheres no trabalho falavam sobre seus netos. A luz em seus olhos fazia Monica sentir inveja. Claro que amava Morgan. Amava muito, apesar de o filho nunca ter sido fácil. E acreditava que ele a amava também. Só não sabia como demonstrar. Talvez nem soubesse que o que sentia se chamava amor.

Tinha demorado muitos anos para que entendessem que havia algo errado com ele. Quer dizer, sabiam que alguma coisa não era como deveria ser, mas não havia nada em sua experiência que

explicasse o que observavam em Morgan. Ele não era mentalmente atrasado, ao contrário, era muito inteligente para a idade. Ela não achava que era autista, porque não se fechava em sua concha nem tinha aversão a ser tocado – todas as reações que eram geralmente associadas ao autismo, de acordo com o que tinha lido. Morgan tinha ido para a escola muito antes que hiperatividade e déficit de atenção se tornassem termos comuns, então esses diagnósticos nunca foram nem levados em consideração. E, mesmo assim, Monica percebeu que algo não estava bem. Ele se comportava de forma estranha e parecia resistir a qualquer orientação. Simplesmente não parecia compreender a comunicação invisível entre as pessoas, e as regras que governam o relacionamento social eram como hebreu para ele. Morgan continuava fazendo e dizendo as coisas erradas, e Monica sabia que as pessoas falavam pelas suas costas, presumindo que o comportamento do filho era causado pela falta de disciplina por parte dela. Mas Monica sabia que era mais do que isso. Até suas habilidades motoras eram erráticas. Ele estava sempre causando pequenos e grandes acidentes por causa de sua falta de jeito. Às vezes, os acidentes não eram nem acidentes, mas algo que ele fazia de propósito. Isso era o que mais a preocupava, já que parecia impossível ensinar a Morgan a diferença entre certo e errado. Eles tinham tentado tudo: punições, subornos, ameaças e promessas, todas as ferramentas que os pais usam para introduzir consciência nos filhos. Mas nada funcionou. Morgan podia fazer as coisas mais horríveis sem mostrar nenhum remorso quando era descoberto.

No entanto, quinze anos antes, tiveram um golpe improvável de sorte. Um dos muitos professores que haviam visitado naqueles anos tinha uma verdadeira paixão por sua profissão e lia tudo que podia encontrar sobre novas pesquisas na área. Um dia, ele contou

que tinha descoberto um diagnóstico que se encaixava na condição de Morgan: síndrome de Asperger. Uma forma de autismo, que o paciente tinha a inteligência normal ou alta. O peso de todos aqueles anos pareceu desaparecer dos ombros de Monica no minuto em que ouviu o termo pela primeira vez. Ela sentiu o gosto em sua língua com prazer: Asperger. Não foi algo que tinham simplesmente imaginado, nem era culpa de falhas na forma como ele havia sido criado. Ela estava certa de que era difícil e até impossível para Morgan compreender algo que fazia o dia a dia muito mais fácil para todas as outras pessoas: linguagem corporal, expressões faciais e significados implícitos. Nada disso ficava registrado no cérebro dele. Pela primeira vez conseguiram ajudá-lo de verdade. Ou melhor, *ela* conseguiu. Para dizer a verdade, Kaj não se envolvia muito com Morgan. Não desde que percebeu friamente que seu filho nunca atenderia suas expectativas. Depois disso, Morgan tinha se tornado o garoto de Monica. Então foi ela que leu tudo que podia encontrar sobre Asperger e desenvolveu algumas ferramentas básicas que ajudariam seu filho a enfrentar o dia. Pequenos cartões que descreviam vários cenários e como alguém devia se comportar, jogos de representação no qual eles praticavam várias situações e conversas para tentar fazê-lo entender racionalmente o que seu cérebro se recusava a assimilar intuitivamente. Ela também trabalhou muito para falar claramente com Morgan. Para esclarecer as metáforas, exageros e figuras de linguagem que as pessoas usavam para dar cor e significado à linguagem. Em grande parte, Monica conseguiu. Pelo menos ele tinha aprendido a funcionar de forma razoável no mundo, mas ainda se mantinha bastante isolado. Com seus computadores.

Foi por isso que Lilian Florin tinha conseguido transformar a vaga sensação de irritação de Monica em ódio. Era capaz de tolerar todo

o resto. Não dava a mínima para códigos de construção, invasões e ameaças. Até onde sabia, Kaj tinha tanta culpa na briga quanto a outra, e até acreditava que ele gostava daquilo. Mas o fato de Lilian ter atacado Morgan várias vezes havia liberado a ferocidade de uma tigresa em Monica. Apenas o fato de ser seu filho diferente parecia dar a Lilian e a muitos outros, para falar a verdade, liberdade para menosprezá-lo. Deus nos livre que alguém fosse um pouco diferente. O mero fato de que ainda vivesse, não na casa, mas no mesmo terreno que seus pais, irritava muitas pessoas. Mas nenhuma delas era tão maldosa quanto Lilian. Algumas das acusações que ela fez deixaram Monica tão brava que quase não conseguia enxergar direito. Muitas vezes, ela se arrependeu de ter se mudado para Fjällbacka. Até tinha falado isso para Kaj algumas vezes, mas sabia que não fazia diferença. Ele era muito briguento.

Ela colocou os últimos livros na prateleira e fez outra rodada para ver se havia outros para pegar. Mas suas mãos tremiam de raiva quando repassou na mente todos os maldosos ataques contra Morgan que Lilian havia instigado naqueles anos todos. Ela não só tinha chamado a polícia algumas vezes, mas também tinha espalhado falsos rumores na cidade, e aquele tipo de fofoca era quase impossível de refutar. Onde há fumaça, há fogo, como dizem. Apesar de praticamente todo mundo saber que Lilian Florin era uma fofqueira regular, suas palavras gradualmente eram aceitas como verdade, graças à força da repetição.

Agora ela também ganhava muita simpatia na cidade. Muito da maldade de Lilian tinha sido perdoado num golpe só. Ela acabara de perder uma neta, afinal. Mas mesmo isso não fazia Monica sentir pena dela. Não, estava guardando sua compaixão para a filha. Como Charlotte poderia ser filha de Lilian era um mistério. Seria

difícil encontrar uma pessoa mais decente, e Monica sentia tanta pena de Charlotte que parecia que seu coração ia explodir.

Mas não pretendia gastar uma única lágrima com Lilian.

Aina pareceu surpresa quando o médico chegou à clínica no horário habitual, oito da manhã.

– Oi, Niclas – ela disse hesitante. – Achei que você viria mais tarde hoje.

Ele só balançou a cabeça e foi para a sala de exames. Não tinha energia para explicar. Simplesmente não podia ficar em casa nem mais um minuto, apesar da culpa que sentia por fazer isso parecer um peso em seus ombros. Mas era uma culpa diferente e muito pior que fazia com que deixasse Charlotte sozinha em casa com seu desespero, na companhia de Lilian e Stig. Uma culpa que fazia sua garganta apertar a ponto de ser difícil respirar. Se ele tivesse ficado ali mais um minuto teria sufocado, tinha certeza disso. Não conseguia nem olhar para o rosto de Charlotte ou enfrentar seu olhar. A dor nos olhos dela, juntamente com sua própria consciência pesada, era mais do que podia aguentar. Por isso tinha fugido para o trabalho. Era covarde, sabia. Mas havia muito tempo tinha perdido todas as ilusões sobre si mesmo. Não era uma pessoa forte nem corajosa.

Mas nunca quis que Sara fosse afetada. Não queria que ninguém fosse afetado. Niclas apertou o braço contra o peito quando se sentou, como se estivesse paralisado atrás da grande mesa, cheia de cadernos e outros papéis. A dor era tão forte que podia senti-la subindo e descendo por suas veias e se acumulando em seu coração. De repente, entendeu como devia ser um ataque do coração. Aquela dor não podia ser pior do que essa.

Niclas passou a mão pelos cabelos. O que tinha acontecido, o que precisava ser resolvido, estava na sua frente como um enigma

desconcertante. E, mesmo assim, precisava resolvê-lo. Era forçado a fazer algo. De alguma forma, precisava se livrar da situação em que estava. Tudo havia funcionado tão bem antes. Charme, habilidade e um sorriso aberto e honesto o salvaram da maioria das consequências de suas ações, mas talvez tivesse chegado finalmente ao fundo do poço.

O telefone começou a tocar diante dele. O horário de consulta tinha começado. Apesar de se sentir tão devastado, precisava curar os doentes.

Com Maja num carregador de tecido preso à barriga, Erica fez uma tentativa desesperada de limpar a casa. Ainda se lembrava da visita anterior de sua sogra, então estava empurrando o aspirador pela sala quase descontroladamente. Com sorte, Kristina não teria nenhum motivo para subir, por isso, se Erica conseguisse deixar o andar de baixo apresentável antes que ela chegasse, tudo estaria bem.

A última vez que Kristina os visitara, Maja tinha apenas três semanas, e Erica ainda estava perplexa. A poeira acumulada parecia do tamanho de pequenos ratos, e os pratos sujos estavam empilhados na pia. Claro que Patrik tinha feito algumas tentativas para começar a limpar, mas como Erica colocava Maja em seus braços assim que chegava em casa, ele não tinha conseguido fazer nada além de tirar o aspirador do armário.

Assim que Kristina entrou, seu rosto revelou o nojo, que só desapareceu quando ela olhou para a neta. Nos três dias seguintes, Erica ouviu em meio à sua perplexidade como Kristina murmurava que era bom que tivesse vindo ou Maja acabaria desenvolvendo algum tipo de asma no meio de toda aquela poeira. Dizia que na sua época ninguém se sentava para assistir à TV o dia todo. As mulheres conseguiam cuidar dos bebês e de um monte de irmãos,

limpar a casa e também garantir uma boa refeição para quando o marido chegasse do trabalho. Felizmente, Erica estava fraca demais para se irritar com os comentários da sogra. Na verdade, estava grata pelos momentos que tinha para si quando Kristina, orgulhosa, saía para passear com Maja no carrinho ou ajudava a dar banho e trocar o bebê. Mas agora Erica tinha recuperado um pouco da sua força e, combinada com sua constante melancolia, isso a fazia entender instintivamente que seria melhor tentar evitar ao máximo qualquer crítica da sogra.

Ela olhou para o relógio. Uma hora para Kristina chegar, e ainda não tinha lavado os pratos. Provavelmente deveria tirar mais o pó também. Olhou para a filha. Maja tinha dormido tranquila no carregador, ao som do aspirador, e Erica pensou se aquilo não ajudaria quando ela tivesse de colocar o bebê para dormir. Até então todas as tentativas tinham sido acompanhadas por protestos altos, mas tinha lido que bebês gostavam de dormir com sons monótonos, como o aspirador ou um secador de roupas. Valia a pena tentar, pelo menos. Nos últimos tempos, a única forma de fazer a filha dormir era colocá-la deitada sobre a barriga ou os peitos de Erica, e isso estava começando a ficar insuportável. Talvez devesse testar os métodos que tinha lido no *The Baby Book*, o excelente manual de cuidados de crianças escrito por Anna Wahlgren, mãe de nove. Ela o tinha lido antes do nascimento de Maja, com um monte de outros livros sobre o assunto, mas quando se tratava de um bebê real, todo o conhecimento teórico que havia assimilado saía pela janela. Em vez disso, ela e Patrik praticavam um tipo de filosofia de sobrevivência *ad hoc* com Maja. Erica sentia que poderia ser o momento de retomar o controle. Não fazia sentido que um bebê de dois meses controlasse toda a casa. Se

Erica conseguisse controlar um pouco a situação, seria uma coisa, mas podia sentir como estava gradualmente caindo na escuridão.

Uma batida leve na porta interrompeu seus pensamentos. Ou uma hora tinha passado em tempo recorde, ou sua sogra havia chegado mais cedo. A segunda hipótese era a mais provável, e Erica olhou a sala desalentada. Oh, bom, nada a fazer sobre isso agora. Ela só precisava esboçar um sorriso e deixar a sogra entrar. Ela abriu a porta da frente.

– Mas, minha querida, você está parada aí com Maja na corrente de ar! Ela vai pegar um resfriado, sabe disso?

Erica fechou os olhos e contou até dez.

Patrik esperava que as coisas melhorassem quando sua mãe viesse visitá-los. Sabia que ela podia ser um pouco... exagerada, podia-se dizer. Apesar de Erica normalmente não ter problema em lidar com a sogra, ela não tinha sido a mesma desde o nascimento de Maja. Ao mesmo tempo, precisava muito de um descanso e, como ele não podia ajudá-la, precisavam usar os recursos disponíveis. Mais uma vez, perguntou-se se deveria tentar encontrar alguém com quem Erica pudesse conversar, um profissional. Mas quem poderia procurar? Não, era provavelmente melhor deixá-la lidar com as coisas sozinha. A depressão certamente passaria assim que tivessem uma rotina estabelecida. Pelo menos era nisso que ele tentava acreditar. Mas não podia evitar um pouco de suspeita, uma suspeita de que talvez estivesse querendo acreditar porque era a solução mais fácil.

Ele se forçou a parar de pensar sobre sua casa e voltou para as notas que estavam à sua frente. Tinha convocado uma reunião na delegacia às nove horas, dali a cinco minutos. Como suspeitava, Mellberg não fizera objeções sobre envolver outras pessoas; parecia ver aquilo como inevitável. Qualquer outra coisa teria sido idiota,

até para os padrões de Mellberg. Como poderiam conduzir uma investigação de homicídio com apenas dois detetives, Ernst e ele?

O primeiro a chegar foi Martin, que se sentou na única cadeira da sala. Os outros teriam de trazer suas próprias cadeiras.

– Como foi com o apartamento? – perguntou Patrik. – Era bom?

– Era fantástico! – disse Martin, os olhos brilhando. – Alugamos no ato. Fim de semana que vem você pode vir e ajudar a carregar as caixas.

– Ah, é mesmo? – Patrik riu. – Que ótimo. Eu dou uma resposta assim que conversar com a patroa em casa. Erica controla os meus horários no momento, então não posso prometer nada.

– Eu entendo – disse Martin. – Tenho vários favores que posso pedir a pessoas cuja mudança ajudei a fazer, então provavelmente não vamos precisar de você.

– Que conversa é essa de se mudar? – perguntou Annika, entrando com uma xícara de café numa mão e um caderno na outra. – Devo realmente acreditar em meus ouvidos? Vai finalmente se juntar ao resto de nós e sossegar, Martin?

Ele ficou vermelho, como sempre acontecia quando Annika o provocava, mas não deixou de sorrir.

– É, você ouviu direito. Pia e eu encontramos um apartamento em Grebbestad. Vamos nos mudar em duas semanas.

– Bom, fico feliz por ouvir isso – disse Annika. – Estava na hora. Eu andava preocupada que você acabasse na estante, juntando pó. Então... quando vamos ouvir a corrida dos pezinhos?

– Ah, dá um tempo – disse Martin. – Lembro como você enchia o Patrik quando ele conheceu a Erica, e agora veja como as coisas terminaram para ele. O pobre sentiu tanta pressão para procriar com sua mulher que agora está sentado aí, parecendo dez anos

mais velho. – Ele piscou para Patrik mostrando que estava brincando.

– Bom, me avise se precisar de alguma dica sobre como conseguir isso – falou Patrik, rindo.

Martin estava a ponto de completar outro comentário quando Ernst e Gösta tentaram passar ao mesmo tempo pela porta com suas cadeiras. Reclamando, Gösta deixou Ernst passar, que se posicionou indiferente no meio da sala.

– Vai ser apertado com todo mundo aqui – disse Gösta, fulminando Martin e Annika, que puxaram suas cadeiras.

– Sempre há lugar para mais um, como minha mãe costumava dizer – comentou Annika um pouco sarcástica.

Mellberg veio andando por último; contentou-se em ficar parado na porta.

Patrik espalhou os papéis na mesa e respirou fundo. Toda a força do que significava dirigir uma investigação de homicídio o atingira repentinamente. Não era a primeira vez, mas ele ainda estava nervoso. Não gostava de ser o centro das atenções, e a gravidade da tarefa colocava um peso em seus ombros. Mas a outra opção era que Mellberg tomasse conta, e Patrik queria evitar aquilo a todo custo. Então era questão de começar.

– Como vocês sabem, agora recebemos a confirmação de que a morte de Sara Klinga não foi um acidente, mas um assassinato. Ela se afogou, mas a água em seus pulmões era doce, não salgada, o que indica que se afogou em outro lugar e depois foi jogada no mar. Sei que nada disso é novidade, mas todos os detalhes estão no relatório do legista Pedersen, de que Annika fez cópias para vocês. – Ele passou uma pilha de relatórios pela mesa e cada um pegou o seu.

– Algo pode ser deduzido com base na água encontrada em seus pulmões? Por exemplo, aqui diz que havia reminiscências de sabão na água. Poderíamos descobrir que tipo de sabão era? – perguntou Martin, apontando um item no relatório da autópsia.

– Sim, por sorte podemos – respondeu Patrik. – Uma amostra da água foi enviada para o Laboratório Forense Nacional para análise, e em alguns dias vamos saber o que eles conseguiram encontrar.

– E as roupas? – continuou Martin. – Podemos dizer se estava vestida ou não quando foi afogada na banheira? Porque podemos quase certamente assumir que foi numa banheira que ela foi afogada, não?

– A resposta é a mesma. As roupas foram enviadas e, até recebermos os resultados, sei o mesmo que vocês.

Ernst revirou os olhos, e Patrik olhou duramente para ele. Sabia precisamente o que estava se passando pela cabeça do homem. Estava com ciúmes porque era Martin e não ele que tinha pensado em perguntas inteligentes. Patrik se questionava se Ernst alguma vez entenderia que eles trabalhavam juntos para conseguir resolver uma tarefa, aquilo não era uma disputa individual.

– Estamos lidando com um crime sexual? – perguntou Gösta, fazendo Ernst parecer ainda mais bravo, se é que isso era possível. Até seu parceiro em letargia tinha conseguido fazer uma pergunta relevante.

– Impossível dizer – respondeu Patrik. – Mas eu gostaria que Martin começasse a checar se há alguém na nossa lista que foi condenado por crimes sexuais contra crianças.

Martin assentiu e tomou nota.

– Então precisamos também olhar melhor para a família – disse Patrik. – Ernst e eu tivemos uma conversa preliminar com eles quando informamos que Sara tinha sido assassinada. Também

conversamos com o indivíduo que a mãe de Sara apontou como possível suspeito.

– Deixe-me adivinhar – disse Annika com um tom ácido. – Poderia ser talvez um tal Kaj Wiberg?

– Isso mesmo – disse Gösta. – Eu entreguei a Patrik todos os documentos que tenho sobre as disputas deles nos últimos anos.

– Uma perda de tempo e recursos – disse Ernst. – É completamente absurdo acreditar que Kaj teve algo a ver com a morte da garota.

– Oh, claro, vocês dois se conhecem – disse Gösta e lançou um olhar questionador a Patrik para ver se ele sabia disso. Patrik confirmou com a cabeça que sabia.

– De qualquer forma – interrompeu Patrik quando Ernst tentava falar outra coisa –, vamos continuar investigando Kaj para decidir o mais rápido possível se ele está envolvido. E precisamos manter todas as opções abertas nesse ponto. Primeiro precisamos descobrir mais sobre a garota e sua família. Acho que Ernst e eu devemos começar conversando com os professores de Sara para ver se eles sabem de algum problema com a família. Como sabemos tão pouco, podemos precisar de alguma ajuda da imprensa local também. Seria capaz de ajudar com isso, Bertil?

Ele não obteve nenhuma resposta e repetiu um pouco mais alto:

– Bertil? – Ainda nenhuma resposta. Mellberg parecia estar distante, imerso nos próprios pensamentos, ali parado na porta. Depois de levantar a voz um pouco mais, Patrik finalmente conseguiu uma reação.

– Oh, desculpe. O que você disse? – perguntou Mellberg. Patrik achava difícil acreditar que ele era o chefe daquele lugar.

– Estava perguntando se você poderia falar com a imprensa. Contar que foi um assassinato e que a informação de qualquer

pessoa pode interessar. Tenho a sensação de que vamos precisar da ajuda do público nesse caso.

– Oh, ah, claro – disse Mellberg, que ainda tinha um olhar confuso no rosto. – Certo, vou falar com a imprensa.

– Está bem. Isso é tudo que podemos fazer por ora – disse Patrik, batendo a mão na mesa. – Mais alguma pergunta?

Ninguém disse nada e, depois de alguns segundos de silêncio, todos começaram a juntar suas coisas como se tivessem recebido ordens.

– Ernst? – Patrik parou seu colega no momento em que este alcançava a porta. – Você consegue se aprontar para sair em meia hora?

– Sair para onde? – perguntou Ernst com seu mau humor habitual.

Patrik respirou fundo. Às vezes, imaginava se sua boca apenas parecia se mexer, sem que o som saísse.

– Até a escola de Sara. Para conversar com seus professores – ele disse, enunciando cuidadosamente cada palavra.

– Oh, certo, isso. Claro, estarei pronto em meia hora – disse Ernst, virando as costas.

Patrik olhou feio para ele. Daria a esse parceiro indesejado mais alguns dias antes de ousar desafiar Mellberg e discretamente voltar a trabalhar com Molin.

Capítulo 9

Strömstad, 1924

O prazer da novidade tinha realmente começado a passar. O inverno havia sido cheio de encontros, e no começo Agnes tinha adorado cada momento. Mas agora o inverno estava acabando, a primavera aproximava-se calmamente e ela sentia a indolência começar. Para ser honesta, não via mais nele o que antes tinha sido tão atraente. Claro que Anders era bonito, não podia negar, mas sua fala era simples e pouco educada, além de ele ter um constante cheiro de suor. Também tornara-se cada vez mais difícil entrar escondida em seu quarto, agora que a escuridão do inverno estava terminando. Não, ela teria de colocar um fim nisso, foi o que decidiu na frente do espelho em seu quarto.

Olhou os últimos detalhes de seu vestido e desceu para tomar café da manhã com seu pai. Tinha visto Anders no dia anterior, então seu corpo ainda estava tomado por uma grande fadiga. Sentou-se na mesa do café depois de beijar o pai no rosto e começou a quebrar a casca de um ovo fervido. A exaustão fez o cheiro do ovo embrulhar seu estômago.

– O que foi, meu coração? – perguntou August preocupado, olhando por cima da mesa.

– Só estou um pouco cansada – ela respondeu. – Não dormi muito bem a noite passada.

– Pobrezinha – ele disse, compreensivo. – Tente comer algo, depois volte para a cama. Talvez devêssemos chamar o dr. Fern.

Você tem andado estranha todo o inverno.

Agnes não pôde deixar de rir, apesar de esconder o sorriso com o guardanapo. Com um olhar abatido, respondeu ao pai:

– Sim, estou um pouco esgotada. Mas foi provavelmente por causa da escuridão do inverno. Mas espere só a chegada da primavera, e eu vou me sentir mais bem-disposta de novo.

– Hummm, bom, vamos ver. Mas pense nisso. Talvez o médico devesse dar uma olhada em você mesmo assim.

– Sim, papai – ela falou, forçando-se a dar uma mordida no ovo.

Não deveria ter feito aquilo. No instante em que colocou a clara fervida na boca, sentiu o estômago revirar e algo subir pela garganta. Ela pulou da mesa e com a mão na boca e correu para o banheiro que tinham no térreo. Foi só levantar a tampa antes de uma cascata do jantar de ontem, misturada com bile, atingir a privada. Sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Seu estômago se revirou várias vezes. Esperou um pouco e, quando parecia que não ia vomitar mais, lavou a boca com nojo e saiu do banheiro com as pernas bambas. Do lado de fora, seu pai estava preocupado.

– Querida, como está se sentindo?

Ela apenas balançou a cabeça e engoliu em seco para tentar se livrar do gosto repulsivo de vômito em sua boca.

August colocou o braço ao redor de seus ombros, levou-a até o salão e a sentou num dos sofás. Colocou a mão na testa dela.

– Agnes, você está suando frio. Vou ligar para o dr. Fern imediatamente e pedir que venha dar uma olhada em você.

Ela só conseguiu assentir com a cabeça e depois deitou no sofá fechando os olhos. A sala estava girando por trás de suas pálpebras fechadas.

Era como viver num mundo de sombras sem conexão com a realidade. Anna não tinha realmente outra escolha e, mesmo assim, estava consumida por dúvidas se havia feito a coisa certa. Sabia que mais ninguém entenderia. Depois de finalmente ter conseguido romper com Lucas, por que tinha voltado? Principalmente quando ele tinha feito aquilo com Emma. A resposta era que tinha voltado porque achava que era a única chance para ela e seus filhos sobreviverem. Lucas sempre foi perigoso, mas se continha. Agora era como se algo tivesse explodido dentro dele, e seu autocontrole tivesse se tornado uma insanidade taciturna. Era a única forma de descrever: insanidade. Isso sempre fez parte dele; ela sentia. Na verdade, talvez tivesse sido aquela misteriosa sensação de perigo potencial que a atraía no começo. Agora aquilo tinha chegado à superfície, e ela temia por sua vida.

O fato de que o havia deixado e levado as crianças não era a única razão para sua loucura ter aflorado. Vários fatores tinham se combinado para aquele curto-circuito dentro dele. Até seu trabalho, que sempre havia sido a área mais bem-sucedida, o havia traído. Uns poucos negócios fracassados, e sua carreira tinha acabado. Pouco antes de Anna voltar, ela conversou com um de seus colegas, que disse que Lucas estava começando a agir de forma cada vez mais irracional no trabalho quando as coisas não iam bem. Ele tinha explosões repentinas de raiva e ataques agressivos. Por fim, empurrou um cliente importante contra a parede e foi demitido no ato. O cliente tinha feito uma denúncia, então haveria uma investigação assim que a polícia tivesse tempo.

As informações sobre a condição mental de Lucas a deixaram preocupada, mas foi só quando ela voltou para casa um dia e encontrou o apartamento totalmente destruído que percebeu que não tinha escolha. Ele ia machucá-la ou, até pior, machucar as

crianças, se ela não cedesse e voltasse para ele. A única forma de criar um pouco de segurança para Emma e Adrian era ficar o mais perto possível do inimigo.

Anna sabia disso e mesmo assim parecia sentir que estava brincando com fogo. Era praticamente uma prisioneira na própria casa, com um carcereiro agressivo e irracional. Primeiro, ele a forçou a deixar seu trabalho de meio período na Casa de Leilões de Estocolmo, um emprego que adorava. Só permitia que ela deixasse o apartamento para comprar comida ou levar as crianças para a escola. Até o momento, não tinha conseguido encontrar outro emprego, nem mesmo havia tentado. Teve de desistir do grande e elegante apartamento em Östermalm, e agora eles viviam apertados num pequeno apartamento de dois dormitórios na periferia. Mas contanto que ele não batesse nas crianças, Anna podia aguentar qualquer coisa. Ela mesma ficava com uns machucados no corpo de vez em quando, mas, de certa forma, era como colocar um vestido antigo e familiar. Tinha vivido assim por tantos anos que seu breve período de liberdade agora parecia irreal, um sonho que acontecera só uma vez. Anna também fazia o melhor que podia para esconder das crianças o que estava acontecendo. Ela tinha conseguido convencer Lucas de que eles deviam continuar mandando as crianças para a creche e tentava fingir que a vida deles era a mesma de sempre. Mas não tinha certeza de que estava conseguindo enganar os filhos. Pelo menos não a Emma, que agora tinha quatro anos. No começo, ela ficou extasiada por voltarem a morar com o pai, mas Anna tinha começado a notar que a filha a olhava de uma forma perplexa.

Apesar do fato de Anna continuar tentando se convencer de que tinha tomado a decisão certa, percebia que não poderiam viver o resto da vida assim. Quanto mais irracional Lucas ficava, mais medo

ela sentia. Tinha certeza de que um dia ele cruzaria a linha e a mataria. A pergunta era como poderia escapar. Tinha pensado em ligar para Erica e pedir ajuda, mas Lucas cuidava do telefone como uma águia. E havia algo dentro dela que a impedia. Tinha confiado em Erica tantas vezes antes e sentia, pela primeira vez, que devia resolver esse problema sozinha, como uma adulta. Aos poucos, ela bolou um plano. Teria que juntar provas suficientes contra Lucas para que o abuso não pudesse ser negado. Depois ela e as crianças teriam um lugar seguro para morar e novas identidades. Às vezes, era tomada pelo desejo de pegar as crianças e simplesmente fugir para o abrigo de mulheres mais próximo, mas sabia muito bem que, sem provas contra Lucas, seria apenas uma solução temporária. Eles acabariam voltando para o inferno.

Então, começou a documentar tudo que conseguia. Numa das lojas de departamento no caminho para a creche, havia uma cabine de fotos. Ela entrava ali e tirava fotos de seus machucados. Escrevia a data e a hora em que tinha apanhado e escondia as anotações e as fotos dentro do porta-retrato com a foto do casamento dela e de Lucas. Havia um simbolismo nisso que Anna apreciava. Logo teria material suficiente para confiar seu destino e o de seus filhos às autoridades. Até lá, simplesmente aguentava Lucas. E tentava sobreviver.

Era a hora do recreio quando Patrik e Ernst entraram no estacionamento da escola. Uma multidão de crianças estava do lado de fora, brincando ao vento, bem agasalhadas e aparentemente despreocupadas com o frio. Mas Patrik estava tremendo e correu para dentro da escola.

A filha deles frequentaria essa escola daqui alguns anos. Era um pensamento agradável, e ele conseguia ver Maja disparando pelo corredor com tranças loiras e um espaço entre seus dentes da

frente, da mesma forma que Erica aparecia na foto de quando era criança. Esperava que Maja fosse como sua mãe. Erica tinha sido incrivelmente bonita quando pequena. Ainda era, para ele.

Bateram aleatoriamente na porta da primeira classe que viram, que estava aberta. A sala era luminosa e agradável, com grandes janelas e desenhos feitos pelas crianças nas paredes. Uma jovem professora estava sentada na mesa, imersa nos papéis à sua frente. Ela pulou quando ouviu a batida.

– Pois não? – Apesar de ser jovem, já tinha adquirido aquele tom de voz professoral, o que fez Patrik reprimir o desejo de fazer uma reverência.

– Somos da polícia. Estamos procurando a professora de Sara Klinga.

Uma sombra tomou conta de seu rosto, e ela assentiu.

– Sou eu. – Ela se levantou e veio cumprimentá-los. – Beatrice Lind. Ensino do primeiro ao terceiro ano. – Ela apontou para as pequenas cadeiras perto das carteiras escolares. Patrik sentiu-se um gigante quando se sentou com cuidado. A visão de Ernst tentando coordenar todas as partes de seu corpo desengonçado para que coubessem na pequena cadeira o fez sorrir. Mas assim que Patrik voltou seu olhar para a professora, sua expressão tornou-se novamente sombria, e ele se concentrou na tarefa que o havia trazido ali.

– Foi uma terrível tragédia – disse Beatrice, com a voz trêmula. – Que uma criança possa estar aqui um dia e estar morta no seguinte... – Agora seu lábio também tremia. – E afogada...

– Sim, especialmente quando parece que sua morte não foi um acidente. – Patrik tinha pensado que a notícia já teria se espalhado entre todos da cidade, mas Beatrice parecia chocada.

– O quê? O que você quer dizer? Não foi acidente? Mas ela se afogou, não foi?

– Sara foi assassinada – disse Patrik, percebendo como aquilo soava brusco. Num tom de voz mais gentil, acrescentou: – Ela não morreu por acidente, então precisamos descobrir mais coisas sobre Sara. Como era, se havia problemas em sua família, esse tipo de coisa.

Ele podia ver que Beatrice ainda estava mal com a notícia, mas parecia estar pensando o que aquilo podia significar. Depois de um tempo, ela se recompôs e disse:

– Bom, o que há para falar de Sara? Ela era... – procurou a palavra correta – uma criança muito cheia de vida. E isso era bom e ruim. Não havia nenhum momento calmo quando Sara estava por perto e, para ser honesta, podia ser difícil manter a ordem na classe às vezes. Ela era uma espécie de líder, controlando os outros e, se eu não a impedisse, tudo terminava em caos. Ao mesmo tempo... – Beatrice hesitou novamente e parecia estar pesando em cada palavra com muito cuidado – ao mesmo tempo, era exatamente essa energia que a tornava tão criativa. Era incrivelmente talentosa no desenho e em todas as outras matérias artísticas, com a imaginação mais ativa que já vi. Era simplesmente uma criança muito criativa, tanto quando fazia piadas ou como quando produzia uma obra de arte.

Ernst se contorceu na cadeira e disse:

– Ouvimos dizer que ela tinha um desses problemas com iniciais, DDA ou sei lá qual é o nome.

Seu tom desrespeitoso fez Beatrice olhar para ele com dureza e, para espanto de Patrik, seu colega chegou a se encolher.

– Sara tinha mesmo DDA, está correto. Ela recebia aconselhamento especial para isso. Temos muita experiência nesse

campo, então podemos dar a essas crianças o que precisam para viver da melhor maneira. – Parecia uma palestra, e Patrik entendeu que era algo importante para ela.

– Como esses problemas se manifestavam em Sara? – perguntou Patrik.

– Da forma como descrevi. Ela tinha muita energia e podia, às vezes, ser muito briguenta. Mas, como disse, também era muito criativa. Não era má nem desagradável, nem tinha sido criada de forma errada, como muitas pessoas ignorantes poderiam falar de crianças como Sara. Ela simplesmente tinha dificuldade em controlar seus impulsos.

– Como as outras crianças reagiam ao comportamento dela? – Patrik estava realmente curioso.

– Variava. Algumas não conseguiam se relacionar com ela e se afastavam. Outras pareciam capazes de aguentar suas explosões com tranquilidade e se davam bem com ela. Diria que sua melhor amiga era Frida Karlgren. Elas moravam perto uma da outra.

– Sim, falamos com ela – disse Patrik assentindo. Ele se mexeu na cadeira mais uma vez. Estava começando a sentir pontadas na perna e podia perceber uma cãibra se formando na panturrilha direita. Esperava de coração que Ernst estivesse se sentindo igualmente desconfortável.

– E na família dela? – interrompeu Ernst. – Sabe se Sara tinha algum problema em casa?

Patrik precisou suprimir um sorriso quando viu que seu colega estava realmente massageando suas panturrilhas.

– Infelizmente não posso ajudá-los – disse Beatrice, apertando os lábios. Era óbvio que ela não tinha o costume de contar histórias sobre o lar de seus alunos. – Só vi seus pais e sua avó uma vez.

Eles pareceram pessoas estáveis e agradáveis. E nunca tive nenhuma indicação de Sara de que havia algo errado.

Um sinal tocou forte para marcar o fim do recreio, e uma forte comoção no corredor revelou que as crianças tinham obedecido ao chamado. Beatrice se levantou e com a mão mostrou que a conversa tinha acabado. Patrik conseguiu se levantar da cadeira. Com o canto do olho viu Ernst massageando uma perna, que estava dormente. Como dois velhos, eles saíram cambaleando da classe depois de se despedir da professora.

– Droga, que cadeiras mais desconfortáveis – disse Ernst enquanto mancava até o carro.

– Bom, acho que não somos mais tão flexíveis – disse Patrik, afundando-se no banco do motorista. De repente o assento confortável com bastante espaço para a perna pareceu um luxo incrível.

– Fale por si mesmo – murmurou Ernst. – Minha condição física é quase tão boa quanto era na adolescência, mas ninguém merece se sentar naquele maldito móvel em miniatura.

Patrik mudou de assunto:

– Certamente não conseguimos muito nessa visita.

– Parece que a garota era uma peste – disse Ernst. – Hoje em dia parece que qualquer criança que não sabe como se comportar é desculpada com alguma porcaria de variação da DDA. No meu tempo, esse tipo de comportamento ganhava algumas palmadas. Mas agora as crianças precisam ser medicadas e tranquilizadas por psicólogos e mimadas. Não me admira que essa sociedade esteja indo para o caos. – Ernst olhou melancólico pela janela do lado do passageiro e balançou a cabeça.

Patrik não achou que seu comentário merecia uma resposta. Realmente não havia sentido.

– Vai alimentá-la novamente? Na minha época não alimentávamos mais do que de quatro em quatro horas – disse Kristina, lançando um olhar recriminador para Erica quando ela se sentou na poltrona para dar o peito a Maja depois de apenas duas horas e meia.

Nessa situação Erica sabia que não valia a pena discutir, então simplesmente ignorou o comentário de Kristina. Era só mais um dos muitos que tinham sido feitos naquela manhã, e Erica sentia que logo chegaria ao seu limite. Suas tentativas fracassadas de limpar a casa de maneira adequada tinham sido notadas, exatamente como previa. Agora sua sogra estava correndo com o aspirador como uma louca, murmurando comentários sobre seu tópico favorito: poeira causando asma em crianças pequenas. Antes disso, ela tinha entrado na cozinha e cuidado de todos os pratos na pia e no escorredor, enquanto instruía Erica sobre a forma correta de lavá-los. Os pratos tinham de ser lavados logo para que os vestígios de comida não grudassem, e o melhor era fazer isso no ato. Caso contrário, eles acabavam empilhados. Trincando os dentes, Erica tentou focar na longa soneca que seria capaz de tirar quando Kristina saísse com o carrinho. Mas estava começando a se perguntar se valia a pena.

Ela se sentou confortavelmente na poltrona e tentou fazer Maja mamar. Mas o bebê sentia a tensão no ar. Tinha ficado inquieta e alvoroçada na maior parte da manhã e agora resistia a tomar o leite que era oferecido. Erica suava enquanto disputava essa batalha de vontades com sua filhinha. Foi só quando Maja finalmente desistiu e começou a mamar que Erica relaxou. Com cuidado, para que não tivesse lutado em vão, ligou a TV. Estava passando a novela *The Bold and the Beautiful*, e Erica tentou

submergir na complexa relação entre Brooke e Ridge. Kristina olhou para a tela de TV enquanto corria com o aspirador.

– Argh, como você consegue assistir a essa porcaria? Por que não lê um livro?

Erica retaliou aumentando o volume da TV. Por um minuto, permitiu-se a satisfação de tal resposta rancorosa. Mas quando viu a expressão indignada de sua sogra, abaixou o volume. Sabia que pagaria um alto preço por qualquer tentativa de rebelião. Olhou para o seu relógio. Bom Deus, era pouco antes do meio-dia. Faltava uma eternidade para que Patrik voltasse para casa. E então outro dia como hoje se seguiria, até que Kristina fizesse as malas e fosse para casa, convencida de que tinha sido uma ajuda inestimável para o filho e a nora. Mais dois dias intermináveis...

Capítulo 10

Strömstad, 1924

O clima ameno faz maravilhas pelo humor dos trabalhadores da pedreira. Quando Anders chegou ao trabalho, conseguiu ouvir como alguns de seus companheiros já tinham começado as rítmicas canções de trabalho que acompanhavam o som dos martelos acertando os pés-de-cabra. Estavam ocupados fazendo buracos para colocar a pólvora que iria explodir os blocos de granito maiores. Um homem segurava o pé-de--cabra, e dois se revezavam martelando até que tivessem feito um buraco substancial direto na pedra. Depois a pólvora negra era jogada e acesa. Já tinham feito tentativas com dinamite, mas não havia funcionado bem. A pressão da detonação era muito grande e pulverizava o granito, fazendo-o se espalhar em todas as direções.

Os homens cumprimentaram Anders quando ele passou, sem interromper o ritmo do trabalho.

Com alegria no coração, ele caminhou até onde estava trabalhando na estátua. O progresso tinha sido dolorosamente lento durante o inverno; em vários dias o frio tornara quase impossível trabalhar na pedra. Por longos períodos, ele tinha sido forçado a simplesmente parar e esperar que o clima melhorasse, dificultando a possibilidade de ganhar um bom salário. Mas agora podia começar a trabalhar de verdade na grande peça de granito e não estava reclamando. O inverno trouxera outras razões para ele ser feliz.

Às vezes, Anders quase não conseguia acreditar que era verdade, que tal anjo tivesse descido à Terra e deitado em sua cama. Cada minuto que passavam juntos era uma lembrança preciosa que guardava num lugar especial em seu coração. Mas, às vezes, pensamentos do futuro podiam atrapalhar essa felicidade. Ele tinha tentado falar do assunto com ela em várias ocasiões, mas Agnes sempre o silenciava com um beijo. Eles não deviam falar dessas coisas, dizia, geralmente acrescentando que tudo ia dar certo. A interpretação de Anders era que isso significava que ela também esperava que tivessem um futuro juntos. Às vezes, chegava a acreditar em suas palavras, que tudo ia dar certo. No fundo, ele era um verdadeiro romântico, e a crença de que o amor iria superar todos os obstáculos estava firmemente enraizada em sua alma. Claro que não pertenciam à mesma classe social, mas ele era um trabalhador habilidoso. Seria capaz, sem dúvida, de dar uma boa vida a ela, se tivesse a chance. E se ela sentisse o mesmo amor que ele, então as coisas materiais não seriam importantes. Uma vida compartilhada com ele valeria alguns sacrifícios. Num dia como esse, com o sol de primavera aquecendo seus dedos, estava convencido de que tudo acabaria da forma como esperava. Agora apenas esperava receber permissão para falar com o pai dela. Depois, pensaria em preparar o discurso de sua vida.

Seguindo o coração acelerado, martelou meticulosamente a estátua. Em sua cabeça, as palavras continuavam a girar. Com a imagem de Agnes.

Arne estudava cuidadosamente o obituário no jornal. Franziu o nariz. Ele suspeitava daquilo. Tinham escolhido um ursinho de pelúcia como ilustração, e esse era um costume que realmente odiava. Um obituário deveria conter os símbolos da igreja cristã,

nada mais. Um ursinho era algo simplesmente herege. Mas não esperava nada diferente. O garoto fora um desapontamento do começo ao fim e nada que fizesse poderia surpreender Arne. Era realmente uma vergonha que uma pessoa temente a Deus como ele tivesse um filho que repudiava de forma tão obstinada o caminho correto. As pessoas que não sabiam de nada tinham tentado reconciliá-los. Disseram que seu filho, pelo que tinham ouvido, era um homem bom e inteligente. Também tinha uma profissão honrada, já que era médico, afinal. A maioria era de mulheres que tinham vindo a sua casa falar essas besteiras. Os homens sabiam que não deviam comentar coisas que não conheciam. Claro que ele precisava concordar que seu filho tinha uma profissão apropriada e parecia estar bem. Mas, se não tivesse Deus em seu coração, nada daquilo tinha sentido.

O maior sonho de Arne era ter um filho que seguisse os passos do avô e se tornasse pastor. Ele mesmo tinha sido forçado a deixar essa ambição de lado cedo, pois seu pai bebeu todo o dinheiro que deveria ir para o seminário. Em vez disso, precisou se contentar em trabalhar como sacristão na igreja. Pelo menos ainda podia passar os dias na casa de Deus.

Mas a igreja não era mais o que tinha sido. As coisas costumavam ser diferentes. No passado, todos sabiam seu lugar, e o pastor recebia o respeito apropriado. As pessoas também seguiam as palavras do pastor Schartus da melhor forma possível e não se ocupavam com coisas de que até os pastores pareciam gostar hoje em dia: dança, música e viver juntas sem se casar, para citar apenas uns poucos vícios. Mas a coisa mais difícil para Arne aceitar era que as mulheres agora tinham o direito de atuar como representantes de Deus. Ele não conseguia entender isso. A Bíblia era perfeitamente clara nesse ponto: "A mulher deve ficar em

silêncio na congregação”. O que havia ali para discutir? As mulheres não tinham por que ser membros do clérigo. Podiam ajudar bastante como as esposas dos pastores ou até diáconas, mas, fora isso, deveriam permanecer em silêncio na congregação. Fora uma época triste quando aquela mulher assumiu a igreja de Fjällbacka. Arne se viu forçado a dirigir até Kville nos domingos, para participar da missa, e simplesmente se recusava a trabalhar. Pagou um preço alto, mas tinha valido a pena. Agora a odiosa criatura tinha ido embora. Claro, o novo pastor era um pouco moderno demais para o seu gosto, mas pelo menos era homem. Agora só faltava garantir que a cantora feminina se tornasse um capítulo temporário na história da igreja de Fjällbacka. Uma cantora não era tão ruim quanto uma pastora, claro, mas mesmo assim.

Taciturno, Arne virou a página do jornal regional, *Bohuslänningen*. Asta continuava a andar pela casa com a cara fechada. Ele sabia que era por causa da garota. O que a incomodava era que seu filho agora vivia tão perto. Mas ele tinha explicado que Asta precisava ser forte em sua fé e verdadeira em sua convicção. Concordava que era uma pena o que havia acontecido com a garota, mas isso somente provava sua visão. O filho deles não tinha se mantido no caminho certo e, cedo ou tarde, teria de ser punido. Voltou a página para olhar o ursinho no obituário. Era uma vergonha total, com certeza...

Mellberg não sentiu a mesma satisfação normal de quando era o foco da atenção da mídia. Não tinha nem chamado a coletiva de imprensa, apenas juntado alguns repórteres dos jornais locais em sua sala. A lembrança da carta que recebera superava todo o resto agora, e ele estava tendo dificuldades para se concentrar em qualquer outra coisa.

– Vocês têm alguma pista sólida que estão investigando? – Um repórter novo esperava ansioso sua resposta.

– Nada que possamos comentar na situação atual – respondeu o chefe.

– Alguém na família é suspeito? – A pergunta veio de um repórter do jornal concorrente.

– Estamos mantendo todas as nossas opções em aberto no momento, mas não temos nada concreto que aponte numa direção específica.

– Foi um crime sexual? – O mesmo repórter perguntou.

– Não posso afirmar isso – disse Mellberg vagamente.

– Como vocês confirmaram que foi assassinato? – interveio o terceiro jornalista. – Ela tinha feridas que indicassem que foi homicídio?

– Por causa das investigações, não posso comentar sobre isso – disse Mellberg, vendo que a frustração crescia no rosto dos jornalistas. Lidar com a imprensa, era sempre como andar sobre uma linha fina. Dar o suficiente para que sentissem que a polícia estava fazendo o trabalho dela, mas não a ponto de atrapalhar a investigação. Normalmente, ele se via como um mestre desse equilíbrio, mas hoje estava tendo dificuldades. Não sabia o que fazer com a informação que tinha recebido na carta. Seria verdade?

Um dos repórteres tinha um olhar de queixa, e Mellberg percebeu que não tinha ouvido a pergunta.

– Perdão, poderia repetir a pergunta? – disse confuso, e a expressão do repórter se tornou perplexa. Eles já tinham realizado muitas coletivas desse tipo, e o superintendente normalmente agia de forma grandiosa e presunçosa, em vez de tímida e dispersa como estava hoje.

– Certo. Perguntei se há qualquer razão para os pais da região se preocuparem com a segurança de suas crianças.

– Sempre recomendamos que os pais cuidem de seus filhos, mas quero enfatizar que isso não deve levar a algum tipo de histeria em massa. Estou convencido de que foi um evento isolado e que logo teremos o suspeito sob a nossa guarda.

Ele se levantou, como um sinal de que a reunião tinha acabado. Os repórteres obedientemente fecharam seus blocos de anotações e guardaram suas canetas, agradecendo. Todos sentiram que poderiam ter questionado o superintendente um pouco mais, ao mesmo tempo, era importante para a imprensa regional manter uma boa relação com a polícia local. Eles deixariam as perguntas difíceis para seus colegas nas grandes cidades. Aqui em Bohuslän, eram vizinhos dos assuntos de suas entrevistas. Tinham filhos nos mesmos times e nas mesmas escolas, então precisavam ignorar qualquer desejo de dar um furo pelo bem da harmonia na comunidade.

Mellberg se inclinou para trás, satisfeito. Apesar de sua falta de foco, os jornais não tinham recebido nenhuma informação a mais do que tinha a intenção de dar, e amanhã a notícia seria divulgada na primeira página de todos os jornais da área. Por sorte, isso faria o público acordar e começar a ligar com pistas. Se a polícia tivesse sorte, receberia algo de valor no meio de todos os trotes que normalmente recebiam.

Ele puxou a carta e começou a reler. Ainda não conseguia acreditar em seus olhos.

Capítulo 11

Strömstad, 1924

Ela estava deitada no quarto com uma toalha fria na testa. O médico a examinou cuidadosamente e depois aconselhou que descansasse. Agora ele estava no andar de baixo, no escritório, falando com seu pai e, por um momento, ela se preocupou que pudesse ser algo sério. Uma expressão de alarme havia surgido nos olhos dele, mas desapareceu num instante. Depois, o médico deu um tapinha no ombro dela e disse que tudo ficaria bem. Ela só precisava descansar um pouco.

Ela não conseguiu contar a ele a verdadeira razão de seu mal-estar. Todas aquelas noites acordada até tarde durante o inverno tinham afetado sua saúde. Esse era o diagnóstico que tinha feito para si, mas precisava mantê-lo em segredo. Por sorte o dr. Fern receitaria algum remédio restaurador. Como agora tinha decidido terminar suas escapadas com Anders, logo estaria bem como antes. Enquanto isso, não era ruim ficar na cama e ser servida por uma ou duas semanas. Agnes pensou no que pediria para o almoço. Agora que despejara o jantar de ontem no banheiro, podia sentir o estômago roncando e pedindo para ser forrado. Talvez panquecas ou aquelas excelentes almôndegas que a cozinheira fazia, com batatas cozidas, caldo de carne cremoso e amoras.

Passos na escada a fizeram tremer um pouco sob as cobertas e gemer. Ia pedir as almôndegas, tinha decidido, um segundo antes de a porta se abrir.

A raiva tinha crescido dentro dele desde o dia anterior. O descaramento daquela mulher, aquela maldita não tinha nenhum escrúpulo. Acusando-o para a polícia. Kaj não era estúpido; sabia muito bem que os rumores logo estariam se espalhando por toda a cidade, então realmente não fazia nenhuma diferença o que ele falasse. A única coisa que ficaria na cabeça das pessoas era que a polícia tinha ido até sua casa para fazer perguntas sobre a morte da garota. Ele fechou os punhos até os dedos ficarem brancos. Depois de um momento de hesitação, colocou o casaco e saiu, caminhando com passos decididos. A cerca de madeira que ele tinha colocado entre os dois terrenos o impedia de atravessar direto, então caminhou até a rua e entrou no jardim da casa dos Florin. Tinha se certificado de que tanto Niclas quanto Charlotte tivessem saído da casa antes de se aproximar. Ia falar umas boas para aquela vadia. Como tinha assumido que ela, como todo mundo na cidade, raramente trancava a porta da frente, entrou sem bater e foi direto para a cozinha. Lilian deu um salto quando ele entrou, mas logo se recuperou, e seu rosto assumiu uma expressão superior. Realmente se achava alguém importante. Como se fosse uma maldita rainha e não somente uma velha numa cidadezinha de merda.

– Que diabos foi isso de mandar a polícia até minha casa? – ele gritou, dando um soco na mesa da cozinha.

Ela olhou de uma forma fria.

– Eles perguntaram se sabíamos de alguém que poderia desejar causar mal a nossa família, então imediatamente pensei em você. E se não sair correndo da minha casa, vou chamar a polícia. Então eles verão por si mesmos do que você é capaz.

Ele precisou se segurar para não pular sobre ela e colocar as mãos ao redor de seu pescoço. A aparente calma de Lilian só

intensificava sua raiva e pontos escuros começaram a dançar diante de seus olhos.

– Tente fazer isso, sua puta de merda!

– Não pense que não farei. Porque você pode apostar que vou. Está sempre nos importunando, além de nos ameaçar e aborrecer. – Ela colocou a mão no peito de forma exagerada e assumiu a expressão de mártir que ele tinha aprendido a odiar em todos esses anos.

Mais uma vez ela conseguiu usar o mesmo truque. Retratá-lo como vilão, e a si mesma como vítima. Quando a verdade era o oposto. Ele tinha tentado ser alguém melhor, realmente tinha. Tentou permanecer acima da confusão e recusou-se a descer ao nível dela. Mas um par de anos atrás, tinha decidido que se era guerra que ela queria, era guerra que ia ter. Desde então, não tinha havido limites.

Ele mais uma vez precisou se controlar e simplesmente falou por entre os dentes cerrados:

– Você não conseguiu, de qualquer forma. A polícia não pareceu acreditar muito nas mentiras que conta sobre mim.

– Bom, há muitas outras possibilidades que a polícia pode investigar – Lilian disse num tom desagradável.

– O que você quer dizer? – perguntou Kaj, mas respondeu sua própria pergunta quando percebeu o que ela estava falando. – Deixe Morgan fora disso, está ouvindo?

– Eu nem vou precisar falar nada. – Seu tom era ainda mais malevolente. – A polícia, sem dúvida, logo vai descobrir por si mesma que alguém vivendo ao lado não bate bem da cabeça. E todos sabem o que alguém assim pode fazer. Se não, tudo que precisam fazer é olhar os relatórios arquivados.

– Aquelas queixas eram pura besteira, e você sabe disso! Morgan nunca nem colocou o pé na sua propriedade, muito menos ficou olhando pelas suas janelas.

– Bom, eu sei o que vi – disse Lilian. – E a polícia vai chegar às mesmas conclusões, assim que olhar os arquivos.

Ele não respondeu nada. Não havia sentido em perder seu tempo.

Então a raiva se apoderou dele.

Profundamente mergulhado nos papéis em sua mesa, Martin deu um pulo quando Patrik bateu na porta de sua sala.

– Não queria matá-lo de um ataque do coração – disse Patrik com um sorriso. – Está ocupado?

– Não, pode entrar – ele falou, acenando para Patrik. – Então, como foi? Descobriu algo sobre a família com o professor? Ele contou algo?

– Ela – esclareceu Patrik. – Não tinha muito a contar – ele falou, batendo impacientemente a mão na perna. – Não sabia de nenhum problema na família da Sara. Mas descobrimos um pouco mais sobre a menina. Sara aparentemente tinha DDA e podia ser bem difícil.

– Em que sentido? – perguntou Martin, que tinha somente uma vaga compreensão de um diagnóstico que se tornara tão comum nos últimos anos.

– Ela era irritável, inquieta e agressiva se as coisas não fossem feitas do seu jeito. Tinha também dificuldades para se concentrar.

– Parece uma garota complicada – disse Martin.

Patrik assentiu.

– Sim, é assim que vejo também, apesar de a professora não ter dito isso abertamente, claro.

– Você percebeu algo assim quando a viu?

– Era Erica que a via com mais frequência. Eu só a encontrei poucas vezes, e tudo de que me lembro é que a achei muito cheia de energia. Mas nada que me causasse alguma impressão.

– Então qual é exatamente a diferença entre DDA e TDAH? – perguntou Martin. – Parece que já ouvi os dois sendo usado para descrever as mesmas condições.

– Não faço ideia – disse Patrik dando de ombros. – E não sei se o problema dela tem algo a ver com seu assassinato, mas precisamos começar por algum lugar, não é?

Martin assentiu e depois apontou para os papéis à sua frente.

– Olhei os relatórios que recebemos sobre crimes sexuais nos últimos anos, e não há nada que se encaixe. Alguns poucos relatórios de ataques cometidos contra crianças por membros da família, mas tivemos de retirar as acusações por falta de provas. Temos uma condenação por um caso assim. Você provavelmente se lembra do pai que atacou a filha, não?

Patrik concordou. Poucos casos haviam deixado um gosto ruim na sua boca.

– Torbjörn Stiglund, sim, mas ele provavelmente ainda está na prisão, não é?

– Sim, eu liguei e confirmei. E não saiu em nenhum dia. Então podemos riscá-lo na lista. Quanto ao resto, são principalmente estupros, mas contra adultos; e há uns poucos casos de molestamento, também contra adultos. Por falar nisso, um nome conhecido apareceu aqui. – Martin apontou para a pasta que Patrik tinha visto pela última vez na sua própria mesa, mas que agora estava ali na do colega. – Espero que não se importe por eu ter pegado a pasta da família Florin da sua sala.

Patrik balançou a cabeça.

– Não, claro, está tudo bem. Presumo que você esteja falando das reclamações de Lilian contra Morgan Wiberg?

– Sim, ela afirma que ele estava olhando pela janela de sua casa e tentou espíá-la várias vezes enquanto trocava de roupa.

– É, eu li isso – Patrik falou, suspirando. – Mas honestamente não sei o que pensar de todos esses relatórios. Nenhuma das afirmações parece ter qualquer base na realidade. São basicamente acusações feitas pelos dois lados e uma forma especialmente eficiente de gastar o tempo e os recursos da polícia.

– Estou inclinado a concordar com você. Mas não podemos fechar os olhos ao fato de que há um potencial *voyeur* na casa ao lado. Sabe, crimes sexuais geralmente começam com esse tipo de atividade – disse Martin.

– Eu sei, mas ainda parece exagerado. Vamos supor que Lilian esteja falando a verdade – o que eu duvido muito. *Era* uma mulher velha que Morgan estava tentando ver nua, afinal. Não há nada que sugira que ele teria qualquer interesse sexual em crianças. Além disso, nem sabemos se o assassinato de Sara começou com um ataque sexual. Nada na autópsia indica isso. Mas poderia valer a pena dar uma olhada mais de perto no Morgan. Conversar com ele, pelo menos.

– Você acha que há uma chance de que eu possa ir junto? – Martin disse, esperançoso. – Ou está começando a preferir o Ernst?

Patrik riu.

– Esse dia nunca vai chegar. Até onde sei, você é bem-vindo. A questão é o que Mellberg vai dizer sobre isso.

– Bom, podemos pelo menos perguntar. Acho que ele está um pouco mais calmo nos últimos dias. Quem sabe, talvez esteja ficando mais molenga com a idade.

– Duvido – disse Patrik com um sorriso. – Mas vou descobrir se ele concorda com o plano. Podíamos ir lá essa tarde. Tenho uma papelada para preencher antes.

– Para mim está ótimo. Aí posso terminar com essas coisas também – disse Martin, apontando para a pilha de relatórios. – Espero ter um relatório completo à tarde. Mas como falei, não espere muita coisa, não parece ter nada que se encaixe.

Patrik assentiu:

– Faça o melhor que puder.

Gösta tinha quase dormido na frente de seu computador. Só o barulho de seu queixo batendo no peito o acordava e impedia que entrasse de vez na terra dos sonhos. Se pudesse esticar as pernas um pouco, ele pensou. Se pudesse tirar uma soneca, estaria pronto para trabalhar mais tarde. Como na Espanha. As pessoas ali entendiam o valor de tirar uma *siesta*. Mas não na Suécia, claro que não. Ali você tinha de aguentar um dia de trabalho com oito horas e ainda manter o entusiasmo e a motivação para trabalhar. Que terrível país esse em que vivia.

O som alto do telefone o despertou.

– Droga – ele falou. Seu humor não melhorou quando reconheceu o número telefônico no visor. O que aquela velha queria agora? Aí ele se lembrou de que deveria ser um pouco mais simpático considerando o que tinha acontecido. Então prometeu ser paciente e atendeu.

– Gösta Flygare, delegacia de Tanumshede.

A voz do outro lado estava agitada, e ele precisou pedir para que ela se acalmasse, assim, poderia entender o que estava falando. Não pareceu ajudar, então ele repetiu:

– Lilian, você precisa falar um pouco mais devagar, quase não consigo entender o que está dizendo. Agora respire fundo e repita o

que acabou de dizer.

Parecia que finalmente estava funcionando, e ela recomeçou. Gösta levantou as sobrancelhas enquanto ouvia. Era uma mudança inesperada dos eventos. Depois de acalmá-la, finalmente desligou. Pegou sua jaqueta e foi até a sala de Patrik.

– Ei, Hedström. – Gösta não tinha se importado em bater na porta, mas Patrik estava trabalhando com a porta aberta e, na opinião de Gösta, era culpa dele se as pessoas entrassem direto.

– Pois não? – falou Patrik.

– Acabei de receber uma ligação da Lilian Florin.

– É mesmo? – repetiu Patrik, a atenção desperta.

– Algo parece estar acontecendo lá. Ela afirma que Kaj a atacou.

– O que você está falando? – Patrik se levantou, ficando frente a frente com Gösta.

– É, ela afirma que ele foi até sua casa há pouco e começou a gritar, e, quando ela tentou expulsá-lo, começou a bater nela.

– Isso parece uma loucura total – disse Patrik incrédulo.

Gösta deu de ombros.

– Seja como for, foi o que ela me contou. Prometi que iríamos lá imediatamente. – Ele mostrou sua jaqueta.

– Sim, claro – disse Patrik, pulando da cadeira e agarrando sua jaqueta do mancebo no canto.

Vinte minutos depois, eles estavam de volta à casa dos Florin. Lilian abriu a porta assim que bateram e deixou que entrassem. No momento em que pisaram no corredor, ela começou a mexer os braços loucamente.

– Estão vendo o que ele fez comigo?! – Ela apontou para um leve vermelho no rosto e depois levantou a manga da blusa e mostrou uma marca vermelha na parte superior do braço. – Se ele não for

preso por isso, então... – Ela estava ainda mais nervosa e parecia ter dificuldades em falar de tanto ódio.

Patrik colocou uma mão tranquilizadora no outro braço e disse:

– Vamos dar uma boa olhada nisso, eu prometo. Por falar nisso, um médico a examinou?

Ela balançou a cabeça.

– Não, é preciso? Ele me bateu no rosto e agarrou meu braço com força, mas não acho que os machucados sejam sérios – ela admitiu relutante. – Mas talvez vocês precisem de fotografias como provas? – O rosto de Lilian se iluminou por um momento antes de Patrik acabar com aquela esperança.

– Não, isso não será necessário agora que tivemos a chance de ver as feridas. Vamos até lá conversar com Kaj. Depois vamos decidir o que fazer mais tarde. Existe alguém para quem possa ligar, para vir ficar com você?

Lilian assentiu.

– Claro, posso pedir a minha amiga Eva.

– Ótimo. Acho que você deveria ligar para ela. Depois faça uma xícara de café e tente descansar um pouco. Isso tudo vai ser resolvido, você vai ver. – Patrik tentava soar tranquilizador, mas para ser honesto havia algo naquele comportamento histriônico que o incomodava. Algo não parecia estar certo.

– Devo fazer uma reclamação formal? Preencher algum formulário? – perguntou Lilian, esperançosa.

– Vamos tratar disso depois. Antes de tudo, Patrik e eu vamos conversar com Kaj. – Gösta parecia autoritário, o que era incomum, mas Lilian não aceitou as vagas promessas.

– Não me diga que você pretende deixar essa questão para lá, porque são preguiçosos demais para intervir quando uma mulher indefesa está sujeita a esse horrível ataque. Porque não pretendo

ficar quieta, pode ter certeza. Primeiro vou ligar para seu chefe, depois vou aos jornais se precisar e...

Gösta a interrompeu e disse com a voz dura:

– Ninguém está planejando esquecer a questão, Lilian, mas no momento é isto que vamos fazer: primeiro, vamos conversar com Kaj e depois vamos cuidar das formalidades. Se você tiver alguma objeção, pode ligar para o nosso chefe, Bertil Mellberg, na delegacia, e fazer uma reclamação. Caso contrário, vamos voltar assim que falarmos com o acusado.

Depois de uma breve discussão interna, Lilian pareceu aceitar que era hora de recuar.

– Bem, se é assim que tem de ser, então acho que vou ligar para a Eva. Mas estou contando que vocês vão voltar daqui a pouco – ela murmurou carrancuda. Depois não conseguiu resistir a mais uma demonstração e bateu a porta atrás deles tão forte que ecoou por toda a vizinhança.

– O que você acha disso tudo? – disse Patrik, ainda não acreditando que Gösta tivesse conseguido mostrar sua autoridade.

– Não sei, mas eu... – disse Gösta, refletindo sobre as palavras. – Algo parece não estar... encaixando.

– Concordo, é o que acho também. Kaj já tinha partido para a violência em todos esses anos de brigas?

– Não, e, se tivesse, já teríamos conversado sobre isso, acredite em mim. Por outro lado, ele nunca tinha sido acusado de assassinato antes.

– Você está certo – respondeu Patrik. – Mas ele não parece o tipo que usaria violência, se entende o que estou falando. Ele parece mais alguém que tentaria passar a perna nela, se tivesse a oportunidade.

– Sim, estou inclinado a concordar com você. Mas vamos ver o que ele tem a dizer primeiro.

– Acho que sim – disse Patrik e bateu na porta.

Capítulo 12

Strömstad, 1924

No minuto em que seu pai entrou, uma mão gelada pareceu agarrar o coração de Agnes. Algo estava errado. Algo estava muito errado. August parecia ter envelhecido vinte anos desde a última vez que o vira, e ela instantaneamente entendeu que devia estar morrendo. Era a única coisa que poderia ter causado rugas tão profundas no rosto de seu pai em tão pouco tempo.

Ela pôs a mão no peito e se preparou para o que estava a ponto de ouvir. Mas havia algo que não se encaixava. A tristeza que esperava ver nos olhos do pai estava ausente; em vez disso, eles estavam pretos de raiva. Era uma estranha resposta, para dizer o mínimo. Por que ficaria bravo por ela estar morrendo?

Apesar de ser baixo, ele se aproximou com um ar de ameaça do lado da cama onde estava deitada, e Agnes instintivamente fez o máximo para parecer lamentável. Isso sempre havia funcionado melhor nas poucas ocasiões em que seu pai tinha ficado realmente bravo com ela. Mas parecia não estar dando certo dessa vez, e a sensação de inquietação aumentou. Depois pensou em algo. Mas era tão inacreditável e espantoso que instantaneamente o descartou.

Mas o pensamento voltou, sem misericórdia. Depois viu que os lábios de seu pai estavam se movendo numa tentativa de falar, mas ele estava tão bravo que suas cordas vocais eram incapazes de

produzir som. Foi quando percebeu, aterrorizada, que a louca especulação era agora uma possibilidade palpável.

Lentamente, ela se afundou ainda mais nas cobertas. Quando a mão de seu pai, de repente, desceu com força sobre seu rosto, e ela sentiu a pontada de uma dor inesperada, seus receios se transformaram em certeza.

– Sua, sua... – gaguejou seu pai, desesperadamente procurando as palavras que estavam tentando sair de seus lábios. – Sua, sua vagabunda! Quem... o quê? – ele continuou gaguejando. De sua posição reclinada, viu como ele engolia em seco repetidamente, como se tentasse evitar que as palavras saíssem. Nunca tinha visto seu robusto e bondoso pai dessa maneira antes, e achou a visão aterrorizante.

Agnes também sentia um espanto incrível em meio ao medo. Como isso podia ter acontecido? Eles tinham tomado as precauções necessárias e sempre paravam a tempo. Nas suas piores fantasias, ela nunca tinha imaginado que poderia terminar encrencada. Claro que já tinha ouvido falar em outras garotas que ficavam grávidas por acidente, mas sempre pensava com desdém que elas não tinham se cuidado. Deixavam o homem ir mais longe do que devia.

E agora aí estava ela. Seus pensamentos voavam febrilmente em busca de uma solução. As coisas sempre tinham funcionado para ela. Claro que essa situação poderia ser resolvida também. Precisava fazer seu pai entender, como sempre tinha conseguido quando se metia em alguma confusão. Claro, nunca tinha sido algo tão sério, mas durante toda a sua vida ele a tinha salvado e facilitado seu caminho. Tinha de fazer o mesmo agora. Ela se sentia cada vez mais calma depois que passou o choque inicial. Naturalmente, a situação poderia ser solucionada. Papai ficaria bravo por um tempo, podia aguentar isso, mas ele a ajudaria a se

livrar desse problema. Havia lugares aonde se podia ir fazer algo para resolver isso, era só uma questão de dinheiro e, pelo menos com isso, ela não precisava se preocupar.

Feliz por ter elaborado um plano, abriu a boca para falar e começar a bajular seu pai. Mas suas palavras foram silenciadas antes de poder começar, quando a mão de August novamente acertou seu rosto com um tapa. Agnes olhou para ele incrédula. Nunca imaginara que ele levantaria a mão para ela, e agora tinha lhe dado dois tapas. A injustiça de seu tratamento engendrou uma raiva dentro dela que a fez se sentar na cama e novamente abrir a boca para tentar explicar. Plaf! Um terceiro tapa acertou seu rosto já quente, e Agnes sentiu lágrimas de ódio encherem seus olhos. Por que tratá-la dessa forma? Em resignação, deitou de novo no travesseiro e olhou confusa e brava para seu pai, que pensou conhecer tão bem. Mas o homem diante dela era um estranho.

Lentamente, ela começou a perceber que sua vida poderia estar prestes a mudar para pior.

Uma batida cuidadosa na porta fez Niclas olhar para cima. Não esperava nenhum paciente e estava muito ocupado com todos os papéis que tinham se acumulado na sua mesa. Ele franziu a sobancelha, aborrecido.

– Sim? – Seu tom era desdenhoso, e a pessoa do lado de fora pareceu hesitar. Mas então a maçaneta se moveu, e a porta se abriu lentamente.

– Estou interrompendo?

Sua voz era medrosa, como ele lembrava, e a expressão de desdém desapareceu imediatamente.

– Mãe? – Niclas pulou da cadeira e olhou espantado para a pequena mulher parada hesitante na porta. Ela sempre despertava

os instintos protetores dele e, nesse momento, ele só queria correr e abraçá-la. Mas sabia que, com os anos, ela se tornara precavida com essas demonstrações abertas de afeto. Só a deixaria embaraçada, então Niclas se conteve e esperou que ela tomasse a iniciativa.

– Posso entrar? Ou você está ocupado? – Ela olhou para a pilha de papéis na frente dele e fez um movimento para sair.

– Não, claro que não, entre, entre. – Ele sentiu-se um estudante e correu até a mesa para puxar uma cadeira para ela. Ela se sentou com cuidado, na borda da cadeira e olhou ao redor, nervosa. A mãe nunca o tinha visto em seu consultório, então ele compreendeu que parecia estranho vê-lo nesse ambiente. Na verdade, ela quase não o tinha visto em todos esses anos, então só isso já devia parecer estranho. Como se tivesse se metamorfoseado de um garoto de dezessete anos em um adulto num instante. Esse pensamento fez a raiva começar a crescer no peito. Havia tantas coisas que ambos tinham se negado, ele e sua mãe, por causa daquele velho nojento. Graças a Deus Niclas tinha conseguido escapar dele, mas, quando observou a mãe, percebeu que os anos não tinham sido generosos com ela. Viu a mesma expressão atemorizada e submissa em seu rosto que existia quando ele a tinha deixado, agora piorada por todas as novas rugas adquiridas.

Niclas se sentou numa cadeira perto da dela, mas não muito perto, e esperou que a mãe começasse. Ela realmente não sabia o que tinha vindo falar. Depois de um momento de silêncio, disse:

– Sinto muito, muito mesmo pela garota, Niclas. – Foi tudo que falou, e tudo que ele conseguiu fazer foi assentir.

– Não a conheci... mas gostaria de ter conhecido. – Sua voz tremeu um pouco, e ele sentiu as emoções que estavam sob a

superfície. Deve ter sido muito difícil para ela vir até aqui. Até onde sabia, ela nunca tinha desobedecido as ordens de seu pai antes.

– Ela era maravilhosa – ele disse e, apesar de ter um nó na garganta, não sentiu nenhuma lágrima se formar. Tinham sido tantas nos últimos dias que achava que todas já tinham sido choradas. – Ela tinha os seus olhos, mas não sei de onde vieram os cabelos ruivos.

– Minha avó tinha os cabelos ruivos mais lindos que já se viu. Deve ter sido dela – sua mãe hesitou antes de falar o nome, mas finalmente conseguiu – que Sara herdou os cabelos ruivos.

Asta olhou para as mãos em seu colo.

– Eu a vi alguma vezes. Ela e o garoto. Também vi sua esposa quando estava caminhando com eles. Mas nunca disse nada. Nós apenas trocamos olhares. Agora eu gostaria de ter falado com a garota pelo menos uma vez. Ela sabia que tinha uma avó aqui?

Niclas assentiu.

– Eu falei muito sobre você. Ela sabia seu nome, e nós também mostramos suas fotos. As poucas que levei comigo quando... – Ele deixou as palavras morrerem. Nenhum dos dois ousou pisar no campo minado que tinha levado ao afastamento entre eles.

– É verdade o que eu ouvi? – Ela levantou os olhos e olhou direto para ele pela primeira vez. – Alguém machucou a garota?

Ele tentou responder, mas as palavras ficaram presas na garganta. Havia tantas coisas que queria contar, tantos segredos que pesavam como uma pedra gigante em seu peito. Só queria jogar-se aos pés dela. Mas não podia. Muitos anos tinham se passado.

Então vieram as lágrimas que ele achou que tinham acabado. Elas escorriam pelo seu rosto. Não ousou olhar para sua mãe, mas os instintos dela suplantaram todas as repreensões e proibições e

não demorou para Niclas sentir os frágeis braços dela ao redor de seu pescoço. Era tão pequena, e ele, tão grande, mas naquele momento a situação parecia ao contrário.

– Está tudo bem. – Com mãos práticas, ela massageava suas costas, e ele sentia os anos voltarem e se tornou uma criança outra vez. Amparado pelas mãos de sua mãe. Seu hálito quente e a voz amorosa em seu ouvido, as garantias de que tudo ficaria bem. Que os monstros embaixo da cama estavam realmente apenas em sua imaginação e desapareceriam se ele mandasse. Mas dessa vez o monstro estava ali para ficar.

– O papai sabe? – ele perguntou com a boca no ombro dela. Niclas sabia que não devia perguntar, mas não conseguiu evitar. Sentiu que ela ficou rígida imediatamente e se afastou do abraço consolador. A mágica havia sido quebrada, e ela sentou-se novamente parecendo uma velha senhora esgotada e cinzenta, que tinha ficado ao lado do pai quando Niclas mais precisou dela. Seus sentimentos eram tão ambivalentes. Ele gostava tanto dela, mas ainda estava cheio de amargura e desprezo porque ela não o defendeu quando mais precisou.

– Ele não sabe que estou aqui – foi tudo que ela disse, e Niclas viu que, mentalmente, ela já tinha saído pela porta. Mas não podia deixá-la ir ainda. Mesmo que fosse só por um momento, queria que a mãe ficasse ali e sabia como conseguir isso.

– Quer ver fotos das crianças? – perguntou sutilmente, e ela concordou.

Foi até a mesa e abriu a primeira gaveta. Pegou o álbum de fotos e entregou, sem querer olhar. Ainda não estava pronto para isso.

Com reverência, Asta olhou as fotos, sorrindo com tristeza a cada imagem. O que ela tinha perdido de repente se tornou incrivelmente tangível.

– Como são adoráveis – falou com orgulho de avó na voz. Mas estava misturado com tristeza, pois uma das crianças tinha morrido.

– Você usa o sobrenome de sua esposa? – ela perguntou hesitante, colocando o álbum no colo.

– Uso – disse Niclas, os olhos fixos em algum ponto atrás dela. – Não quis manter o nome dele.

Ela simplesmente assentiu, triste.

– Você não precisa voltar a trabalhar? – ela acrescentou desconfortável, olhando para ele sentado atrás de sua mesa.

Niclas mexeu nos papéis à sua frente e engoliu com força as últimas lágrimas.

– Não vi nenhuma alternativa se quisesse sobreviver – disse.

Sua mãe se contentou com essa explicação, mas a preocupação em seus olhos aumentou.

– Só não se esqueça dos que ainda estão aqui – ela disse amorosa, acertando o ponto fraco no peito com incrível precisão.

Mas ele sentia como se fosse duas pessoas. Uma que queria estar em casa com Charlotte e Albin e nunca mais deixá-los, e outra que queria escapar para o trabalho, longe da dor que piorava quando era compartilhada. Acima de tudo, não queria ver sua própria culpa espelhada no rosto de Charlotte. Era por isso que seu instinto de fuga tinha, pelo menos agora, vencido a batalha. Queria contar tudo isso para sua mãe. Queria colocar sua cabeça no colo dela, mesmo sendo adulto, e contar tudo, depois ouvir suas palavras garantindo que tudo ficaria bem. Mas o momento passou e, depois de colocar o álbum na mesa, ela se levantou e caminhou até a porta.

– Mãe?

– Sim? – ela se virou.

Niclas entregou o álbum de foto para ela.

– Pode levar, temos muito mais fotos.

Asta hesitou, mas depois aceitou, como se fosse uma joia preciosa e frágil. Ela o colocou com cuidado na bolsa.

– É melhor que as esconda bem – ele falou baixinho com um sorriso amargo, mas ela já tinha fechado a porta atrás de si.

Ele olhou para o teto e deu um pequeno chute na parede. Não conseguia entender como aquilo podia ter terminado assim. Por que ele? E por que não se opôs quando ainda era possível?

Os pôsteres na parede o faziam lembrar de quem queria ser. Normalmente os heróis que o cercavam conseguiam motivá-lo a lutar mais, a fazer um esforço maior. Hoje, estavam simplesmente deixando-o louco. Nunca teriam aguentado essa merda. Teriam se recusado imediatamente. Feito o que devia ser feito. Por isso eram quem eram hoje. Por isso eram heróis. Ele mesmo era somente uma merdinha e nunca seria nada. Exatamente como Rune sempre dissera. Não quis acreditar nele quando disse aquilo. Tinha ficado bravo e pensado que, por Deus, ia mostrar a Rune que ele estava errado. Ia mostrar a ele que era um herói e depois Rune se sentiria mal por ter dito aquelas palavras duras. Todas as humilhações. Depois seria ele quem estaria no comando, e Rune teria de implorar de joelhos para conseguir um minuto de seu tempo.

A pior coisa era que no começo até gostava de Rune. Quando sua mãe o conheceu, achou que ele era um cara legal. Dirigia um carrão americano e tinha amigos que andavam de moto, que às vezes o deixavam andar na garupa. Mas depois eles se casaram, e foi quando tudo começou a ficar diferente. De repente, Rune e sua mãe tiveram de mostrar que eram uma família direita, com uma casa, um Volvo e até uma porra de um trailer. Os amigos com motos desapareceram, foram trocados por outros Svensson normais, e havia jantares com outros casais nas noites de sábado.

E, claro, precisavam ter um filho. Tinha ouvido Rune falar isso para um dos casais vizinhos chatos. Que precisavam ter um filho dos dois. Naturalmente, ele adorava Sebastian, falou, mas depois acrescentou, com um tom de voz sério, que mesmo assim não era a mesma coisa que ter o *próprio* filho. Então quando Rune e sua mãe não conseguiram produzir seu próprio filho, Rune descontou no enteado. Sebastian precisou aguentar a frustração de ele e a esposa nunca terem conseguido conceber um filho. E quando a mamãe morreu de câncer há alguns anos, tudo piorou. Agora Rune estava realmente preso a uma criança que não era sua. Estava sempre falando isso, não importava quanto Sebastian tentasse mostrar que era grato por não ter sido enviado a algum lar adotivo quando sua mãe morreu. Rune insistiu em cuidar do garoto como se *fosse* dele. Mas às vezes Sebastian achava que se essa era a ideia de Rune de como cuidar do próprio filho, então era melhor que ele e a mamãe nunca tivessem conseguido ter um bebê.

Não que Rune batesse nele ou algo assim. Não, um Svensson decente e comum como Rune nunca faria isso. Mas, às vezes, até preferia que batesse. Então Sebastian teria algo mais tangível por que odiá-lo. Em vez disso, só abusava mentalmente – algo que não podia ser percebido em sua aparência física.

Enquanto olhava para o teto, Sebastian percebeu num instante de clareza por que tinha chegado à atual situação. Apesar de tudo, amava o padrasto. Rune era o único pai que conhecera, e a única coisa que Sebastian queria era agradá-lo e ser amado também. E era exatamente por isso que estava na merda. Entendeu isso. Não era estúpido. Mas ser esperto tampouco tinha ajudado. Continuava ali, sem saída.

– Que loucura vocês estão falando? – o rosto de Kaj tornara-se vermelho e parecia que ele ia sair correndo como um touro

enlouquecido até a casa da vizinha. Patrik discretamente bloqueou seu caminho e levantou as mãos num gesto de calma.

– Podemos nos sentar e conversar sobre isso em paz e silêncio?

A fúria parecia evitar que as palavras fossem registradas no cérebro de Kaj. Patrik e Gösta trocaram um olhar. De repente, não parecia tão inacreditável que ele pudesse ter atacado Lilian. Mas era perigoso pensar dessa forma e, até terem ouvido a versão de Kaj, era melhor não tirar nenhuma conclusão.

Depois que as palavras de Patrik tiveram alguns segundos para penetrar em sua mente, Kaj se virou e entrou em casa. Evidentemente esperava que Patrik e Gösta o seguissem, o que aconteceu depois de tirarem os sapatos. Quando entraram na cozinha, encontraram Kaj olhando para eles, encostado no balcão com os braços beligerantemente cruzados sobre o peito. Soltou uma mão por um momento e apontou para as cadeiras. Obviamente, não estava planejando se sentar.

– O que aquela velha bruxa disse agora? Que eu bati nela? É isso que ela está afirmando? – Seu rosto ficou vermelho de novo, e por um instante Patrik temeu que o homem sofreria um ataque do coração bem na frente deles.

– Recebemos uma queixa de agressão, sim – Gösta disse calmamente, antes de Patrik.

– Ela fez uma ocorrência, aquela puta! – gritou Kaj, e pequenas gotas de suor começaram a aparecer em sua testa.

– Oficialmente, Lilian não fez nenhuma ocorrência, ainda não – acrescentou Patrik. – Queríamos uma chance de conversar calmamente com você primeiro, então poderíamos chegar ao fundo disso tudo. – Olhou para seu bloco e continuou. – Então você realmente foi até a casa de Lilian Florin mais ou menos há uma hora?

Kaj assentiu relutante.

– Só queria ouvir que merda ela quis fazer quando me apontou como suspeito no assassinato daquela criança. Ela já fez um monte de coisas desprezíveis nesses anos todos, mas algo tão... – Mais gotas de suor apareceram, e sua raiva o deixou sem palavras.

– Então você entrou direto na casa dela? – Gösta perguntou. Ele também estava começando a parecer preocupado com a saúde de Kaj.

– Sim, que droga, se eu batesse ela nunca me deixaria entrar. Só queria ter uma chance de pegá-la desprevenida. Perguntar com quem ela achava que estava mexendo, merda. – Uma nota de ansiedade agora surgia na voz de Kaj pela primeira vez.

– E aí, o que aconteceu? – Patrik estava tomando nota enquanto Kaj falava.

– Foi só isso! – Kaj jogou suas mãos para frente. – Eu provavelmente gritei um pouco, admito isso, e ela me mandou sair de sua casa. Como tinha dito o que queria, fui embora.

– Então você não bateu nela?

– Provavelmente queria dar um soco no seu nariz, mas não sou tão estúpido.

– Isso é um não? – perguntou Patrik.

– É um não – respondeu Kaj carrancudo. – Eu não encostei nela e, se a velha afirma que encostei, está mentindo. O que não me surpreenderia nem um pouco. – Agora ele estava começando a soar realmente preocupado.

– Alguém pode corroborar sua história? – perguntou Gösta.

– Não, ninguém. Eu vi Niclas sair de manhã e só fui lá depois que Charlotte saiu com o bebê no carrinho. – Ele limpou o suor com uma mão e a passou na perna da calça.

– Bom, infelizmente é sua palavra contra a dela – disse Patrik. – E Lilian tem marcas no braço.

Kaj estava murchando a cada palavra que Patrik dizia. Sua agressividade inicial tinha sido substituída por resignação. De repente, ele se levantou.

– E o marido dela? Ele estava na casa. Droga, eu esqueci completamente dele. É como um fantasma. Ninguém nunca vê o Stig. Mas ele devia estar na casa. Talvez tenha visto ou ouvido algo.

O pensamento renovou sua coragem, e Patrik olhou para Gösta. Eles não tinham pensado em Stig. Não tinham nem falado com ele sobre a morte de Sara. Kaj estava certo. Stig tinha estado praticamente invisível para a investigação até agora. Tinham esquecido completamente dele.

– Vamos conversar com ele também – disse Patrik. – Depois veremos o que acontece. Mas se ele não acrescentar nada, as coisas não vão ficar boas para você se Lilian decidir registrar a ocorrência...

Ele não precisava explicar seu raciocínio. Kaj estava bem consciente das possíveis consequências.

Charlotte caminhava sem destino pela cidade. Albin dormia tranquilamente em seu carrinho. Desde que parou de tomar os sedativos, quase não tinha conseguido olhar para ele. Mas sabia o que tinha de fazer. Ela o trocava, vestia e alimentava, mas mecanicamente, sem qualquer sentimento. E se acontecesse de novo? Imagine se algo acontecesse com ele também. Ela nem sabia como conseguiria viver sem Sara. Colocou um pé na frente do outro, forçando-se a avançar. Mas na verdade só queria se enfiar num burquinho no meio da rua e nunca mais sair. Não podia fazer isso, nem podia se afundar na bruma dos medicamentos de novo. Porque, apesar de tudo, Albin ainda estava ali. Apesar de não

conseguir olhar para ele, sentia em todos os nervos de seu corpo que ainda tinha um filho que estava muito vivo. E para o bem dele, ela tinha de continuar respirando. Mas era muito difícil.

E também havia Niclas, que tinha voltado ao trabalho. Apenas três dias depois de sua filha ter sido assassinada, ele já estava de volta ao consultório, tratando de resfriados e pequenos machucados. Talvez até estivesse conversando casualmente com os pacientes, flertando com as enfermeiras e desfrutando do papel de médico poderoso. Charlotte sabia que estava sendo injusta. Sabia que Niclas sofria tanto quanto ela. Só desejava que pudessem compartilhar a dor, em vez de tentarem separadamente encontrar uma razão para continuar respirando por mais um minuto e o seguinte e o seguinte. Não era o que ela queria, mas não conseguia deixar de sentir raiva e desdém porque ele a havia abandonado agora, quando mais precisava dele. Por outro lado, talvez não devesse esperar outra coisa. Quando pôde contar com ele? Quando Niclas foi algo mais do que uma criança que contava com ela para resolver todas as deprimentes tarefas que faziam parte da vida diária da maioria das pessoas? Mas não da dele. Ele devia ter o direito de brincar por toda a vida. Fazer somente o que era divertido e agradável. Charlotte ficou surpresa por ele ter terminado a faculdade de Medicina. Ela nunca acreditou que o marido aguentaria passar por todos os estágios obrigatórios e os exaustivos turnos de trabalho. Mas as recompensas potenciais tinham, provavelmente, sido tentadoras o suficiente para mantê-lo motivado. Queria ser respeitado pelos outros. Uma pessoa feliz e bem-sucedida. Pelo menos aparentemente.

A única razão pela qual tinha ficado com ele era porque ocasionalmente via aquele outro homem. O que era vulnerável e conseguia mostrar o que estava sentindo. O que ousava revelar seu

eu verdadeiro e não precisava manter seu charme ao máximo o tempo todo. Eram essas visões que a fizeram se apaixonar por Niclas, apesar de isso agora parecer ter acontecido há muito tempo. Nos últimos anos, essas ocasiões pareciam acontecer com cada vez menos frequência, e ela não sabia mais quem ele era ou o que queria. Às vezes, em seus momentos de fraqueza, tinha se perguntado se ele, na verdade, queria ter uma família. Para ser brutalmente honesta consigo mesma, acreditava que se tivesse a escolha, ele teria preferido uma vida sem obrigações familiares. Mas devia estar gostando um pouco disso ou não teria ficado tanto tempo. Durante os recentes dias negros, ela tinha esperado, em seus momentos egoísmo, que pelo menos isso pudesse aproximá-la de Niclas. Mas estava errada. Agora eles estavam mais distantes do que antes.

Sem perceber, Charlotte tinha caminhado até o Acampamento de Fjällbacka e agora estava parada na frente da casa de Erica. A visita de sua amiga no dia anterior fora muito importante, mas Charlotte ainda tinha dúvidas. Ela passara toda a sua vida tentando ocupar o mínimo de espaço possível, nunca exigindo nada para si, nunca causando nenhum problema. Entendia como sua dor afetava as outras pessoas e não tinha certeza se queria ser um peso para Erica. Ao mesmo tempo, realmente precisava ver um rosto amigo. Queria conversar com alguém que não se afastasse ou, como no caso de sua mãe, aproveitasse a oportunidade para dizer o que ela deveria ter feito.

Albin tinha começado a se contorcer, e ela cuidadosamente o tirou do carrinho. Ainda sonolento, ele olhou ao redor e ficou bravo quando Charlotte bateu na porta diante deles. Uma mulher de meia-idade que ela não conhecia abriu a porta.

– Olá? – disse Charlotte com incerteza, mas depois percebeu que devia ser a mãe de Patrik. Uma vaga lembrança de alguma época distante antes da morte de Sara flutuou até a superfície e a fez lembrar de que Erica tinha mencionado uma visita de sua sogra.

– Olá, está procurando a Erica? – perguntou a mãe de Patrik. Sem esperar uma resposta, ela deixou Charlotte entrar.

– Ela está acordada? – perguntou Charlotte.

– Está sim, está dando de mamar para a Maja. Eu parei de contar quantas vezes ela já fez isso hoje. Bom, acho que não entendo os costumes modernos. No meu tempo, as crianças eram alimentadas a cada quatro horas e nunca mais do que isso, e essa geração certamente não tem nada do que reclamar. – A mãe de Patrik continuou falando, e Charlotte a seguiu nervosa. Depois de ser tratada com todo cuidado por vários dias, parecia estranho ouvir alguém falar num tom de voz normal. Depois, viu que a sogra de Erica talvez tenha percebido quem ela era e a normalidade desapareceu, tanto de sua voz quanto de seus movimentos. Ela colocou a mão na boca e disse:

– Perdoe-me, não percebi quem era você.

Charlotte não sabia o que responder. Sua única reação foi abraçar Albin.

– Eu realmente peço desculpas... – A sogra de Erica parecia dançar, indo de uma perna para a outra, e aparentava querer estar em qualquer outro lugar, menos na presença de Charlotte.

Era assim que ia ser a partir de agora?, pensou Charlotte. As pessoas se afastando como se ela tivesse a peste, sussurrando e apontando para suas costas e dizendo: “Lá vai a mulher cuja filha foi assassinada”, mas sem ousar olhá-la nos olhos. Talvez fosse por nervosismo, porque não tinha ideia do que falar ou talvez fosse algum tipo de medo irracional de que tragédias fossem contagiosas

e pudessem se espalhar por sua própria vida se se aproximassem muito.

– Charlotte? – Erica chamou da sala, e a velha ficou obviamente aliviada por ter uma desculpa para sair. Devagar e um pouco hesitante, Charlotte foi ver Erica, que estava sentada na poltrona dando o peito a Maja. A cena pareceu tanto familiar quanto estranhamente remota. Quantas vezes nos últimos dois meses ela viera e encontrara a mesma cena? Mas esse pensamento também fazia aparecer a imagem de Sara. A última vez que estivera ali, Sara tinha vindo junto. De um ponto de vista puramente intelectual, sabia que tinha sido no último domingo, mas ainda não conseguia entender aquilo direito. Conseguia ver como Sara pulara no sofá branco, com seus longos cabelos ruivos voando pelo rosto. Lembrava-se de ter dado uma bronca nela. Falado firme para que parasse. Tudo parecia tão pequeno agora. Que mal ela poderia causar se pulasse um pouco nas almofadas? O pensamento a deixou tonta, e Erica precisou se levantar para ajudá-la a se sentar na poltrona mais próxima. Maja reclamou quando o peito de Erica foi retirado repentinamente de sua boca, mas Erica ignorou os protestos da filha e a colocou no berço.

Com os braços de Erica ao seu redor, Charlotte ousou fazer a pergunta que permanecera em seu subconsciente desde que a polícia chegou com a notícia da morte de Sara na segunda. Ela perguntou:

– Por que eles não localizaram o Niclas?

Capítulo 13

Strömstad, 1924

Anders tinha acabado de trabalhar no pedestal da estátua quando o capataz o chamou na pedreira. Ele suspirou e franziu o rosto, não gostava que perturbassem sua concentração. Mas claro que precisava obedecer, como sempre. Colocou as ferramentas cuidadosamente na caixa perto do bloco de granito e foi ouvir o que o capataz tinha a dizer.

O homem gordo estava mexendo nervosamente no bigode.

– O que você fez agora, Andersson? – disse ele, meio brincando, meio preocupado.

– Eu? O que foi? – disse Anders, removendo as luvas de trabalho e olhando espantado.

– O escritório central está chamando você. Precisa descer lá. Agora mesmo.

Droga, Anders xingou em silêncio. Havia algo mais que precisava ser mudado na estátua agora, na última hora? Aqueles arquitetos ou “artistas”, ou qualquer droga que escolhessem se chamar, não tinham ideia do que estavam fazendo quando se sentavam em seus estúdios e redesenhavam seus esboços. Depois esperavam que o escultor conseguisse fazer as mudanças na pedra com a mesma facilidade. Eles não entendiam que, desde o começo, tinha planejado a direção dos cortes e marcado os lugares onde tinha de cortar, com base no desenho original. Uma mudança no esboço mudaria todo o seu ponto de partida e, no pior dos casos, a pedra

poderia quebrar, o que faria que todo o trabalho tivesse sido em vão.

Mas Anders também sabia que não adiantava protestar. Era o cliente que tomava as decisões. Ele era somente um escravo sem rosto que devia realizar todo o trabalho duro que a pessoa que tinha desenhado a estátua não podia ou não queria fazer.

– Bom, acho que vou ter de descer e ouvir o que querem – disse Anders com um suspiro.

– Pode não ser nada muito importante – disse o capataz, que sabia precisamente o que Anders temia e mostrava um pouco de solidariedade, para variar.

– Bom, não tem por que adiar – respondeu Anders antes de sair.

Um pouco depois, bateu de leve na porta do escritório e entrou. Limpou o melhor que pôde os sapatos, mas percebeu que não fazia muita diferença, já que suas roupas estavam cheias de pó e lascas de granito, e suas mãos e seu rosto também estavam sujos. Mas tinha sido obrigado a descer rapidamente, então teriam de aguentar. Juntou sua coragem e seguiu o homem da recepção até a sala do diretor.

Uma olhada rápida ao redor da sala fez seu coração quase parar. Entendeu imediatamente que a reunião não tinha nada a ver com a estátua. Questões muito mais sérias estavam prestes a ser discutidas.

Havia somente três pessoas na sala. O diretor estava sentado atrás de sua mesa, e todo o seu semblante irradiava um ódio controlado. Num canto, Agnes estava sentada olhando para o chão. E na frente da mesa estava sentado um homem que Anders não conhecia, olhando para ele com uma escancarada curiosidade.

Sem saber como agir, Anders avançou um metro na sala e parou com uma postura quase militar. Não importava o que estava por vir,

ele aguentaria como homem. Cedo ou tarde, eles iam terminar nessa situação; só gostaria de poder ter escolhido as circunstâncias.

Procurou os olhos de Agnes, mas ela se recusava a olhar para cima e continuava mirando seus sapatos. Sentiu pena dela. Devia estar achando tudo isso incrivelmente difícil. Mas eles ainda tinham um ao outro e, depois que o pior da tormenta passasse, podiam começar uma vida juntos.

Anders passou a olhar calmamente para o homem atrás da mesa. Esperou o pai de Agnes falar. Demorou bastante tempo até que isso acontecesse, e os ponteiros do relógio pareciam se mover incrivelmente devagar. Quando August Stjernkvist finalmente falou, sua voz tinha um tom frio e metálico.

– Entendo que você e minha filha têm se encontrado secretamente.

– As circunstâncias nos forçaram a isso, sim – respondeu Anders calmamente. – Mas nunca tive nada além de intenções honradas com relação a Agnes – ele continuou, olhando direto para Stjernkvist. Por um segundo, pensou ter visto surpresa no rosto do diretor. Aparentemente, essa não era a resposta que ele esperava.

– Entendo, bem. – Stjernkvist limpou a garganta para ganhar tempo e decidir como lidar com a declaração. Depois sua raiva voltou.

– E como você pretendia fazer isso? Uma garota rica e um escultor pobre. Você é tão estúpido a ponto de acreditar que isso seria possível?

Anders titubeou frente ao tom de desprezo na voz do homem. Ele tinha sido estúpido? Toda a sua certeza tinha começado a perder força antes que a raiva o bombardeasse, e ele percebesse de repente como a ideia parecia absurda quando dita em voz alta. Obviamente, isso nunca seria possível. Ele sentiu o coração se

partindo aos poucos em vários pedaços e procurou desesperadamente o olhar de Agnes. Seria o fim? Ele nunca mais a veria? Ela ainda não tinha levantado os olhos.

– Agnes e eu nos amamos – ele disse baixinho, ouvindo como parecia um homem condenado oferecendo suas últimas palavras de defesa.

– Conheço minha filha bastante melhor do que você, rapaz. E a conheço muito melhor do que ela acha. Claro, eu a mimei e dei muito mais liberdade do que deveria ter recebido, mas também sei que é uma garota ambiciosa. Nunca teria sacrificado tudo por um futuro com um operário.

As palavras o feriram como fogo, e Anders queria gritar que ele estava errado. Seu pai não estava descrevendo a Agnes que ele conhecia, de jeito nenhum. Ela era boa e doce e, acima de tudo, o amava tão apaixonadamente quanto ele a amava. Claro que estava pronta a fazer os sacrifícios necessários para que fossem capazes de viver juntos. Apenas com a força de vontade, tentou fazê-la levantar a cabeça e contar ao pai como eram as coisas, mas a garota permaneceu silenciosa e desdenhosa. Gradualmente, o chão começou a se abrir embaixo de seus pés. Não só estava a ponto de perder Agnes, entendia também que, dadas as condições, não poderia manter seu emprego.

Stjernkvist falou novamente, e então Anders achou que podia sentir um pouco de dor por trás da raiva.

– Mas as coisas tomaram uma nova luz repentina. Sob circunstâncias normais eu teria feito tudo o que pudesse para impedir que minha filha terminasse com um cortador de pedra. Mas vocês dois já evitaram isso me apresentando um fato consumado.

Espantado, Anders se perguntou do que estava falando.

Stjernkvist viu a expressão de espanto e continuou.

– Ela está esperando um filho, claro. Vocês dois devem ser completos idiotas por não terem pensado nessa eventualidade.

Anders respirou ofegante. Estava inclinado a concordar com o pai de Agnes. Eles tinham sido idiotas. Ele estava tão convencido quanto Agnes de que as precauções que tinham tomado eram suficientes. Agora tudo tinha mudado. Seus sentimentos estavam girando, deixando-o ainda mais confuso. Por um lado, não conseguia evitar uma sensação de felicidade ao pensar que sua amada Agnes estivesse grávida de seu filho; por outro, sentia vergonha diante do pai dela e entendia sua raiva. Ele também teria ficado furioso se alguém tivesse feito aquilo com sua filha. Anders esperou tenso que o diretor continuasse.

Pesaroso, August Stjernkvist disse, ainda se recusando a olhar para a filha.

– Naturalmente só há uma solução. Você vão se casar, e para isso eu chamei o juiz Flemming hoje. Ele vai casá-los imediatamente, e vamos lidar com as formalidades depois.

No seu canto, Agnes levantou a cabeça pela primeira vez. Para espanto de Anders, não viu nenhuma alegria em seus olhos, somente desespero. Seu tom de voz foi de súplica quando falou:

– Papai querido, por favor não me force a isso. Há outras formas de resolver o problema, e você não pode me forçar a casar com ele. Afinal, é apenas um simples... operário.

As palavras caíram como um chicote sobre o rosto de Anders. Ele parecia vê-la pela primeira vez, como se tivesse se metamorfoseado em outra pessoa.

– Agnes? – falou, como se pedisse para ela continuar sendo a garota que amava, apesar de já saber que todos os seus sonhos estavam agora desmoronando ao seu redor.

Ela o ignorou e continuou a apelar desesperadamente ao pai. Mas August nem olhava para a filha. Olhava somente para o juiz e dizia:

– Faça o que tem de fazer.

– Por favor, papai! – Agnes gritou, jogando-se aos pés dele num apelo dramático.

– Silêncio! – disse o pai, mirando-a com olhos frios. – Não seja ridícula. Não pretendo tolerar nenhum ataque histérico de sua parte. Você fez sua cama, agora deite-se nela! – gritou.

A filha se calou imediatamente. Com um olhar agonizante, Agnes levantou-se relutante e deixou o juiz realizar sua tarefa. Foi um casamento estranho, com a noiva parada a alguns metros de distância do noivo. Mas a resposta à pergunta do juiz foi “sim” dos dois, apesar de muita relutância de um lado e muita confusão do outro.

– Então, agora está feito – garantiu August depois do fim da cerimônia. – Claro que você não pode mais trabalhar aqui – completou. Anders simplesmente abaixou a cabeça para confirmar que esperava isso. Seu novo sogro continuou:

– Porém não importa que tenha se comportado mal, não posso deixar minha filha sem dinheiro; devo isso à mãe dela.

Agnes olhava tensa para ele, ainda com uma pequena esperança de que não teria de perder tudo.

– Arrumei uma vaga para você na pedreira em Fjällbacka. Um dos outros escultores pode terminar a estátua. Também paguei o primeiro mês de um quarto e cozinha num dos acampamentos. Depois desse mês você terá de se virar.

Agnes soltou um soluço. Levou a mão à garganta como se estivesse a ponto de engasgar, e Anders se sentiu a bordo de um barco que estava afundando aos poucos. Se ainda tivesse a

esperança de construir algum futuro com Agnes, ela havia sido esmagada quando viu o desdém com que ela olhava para seu novo marido.

– Querido, adorado pai, por favor – ela rogou mais uma vez. – Você não pode fazer isso comigo. Eu prefiro me matar a me mudar para um acampamento fedido com esse homem.

Anders fez uma careta ao ouvir suas palavras. Se não fosse pela criança, ele teria virado as costas e partido, mas um homem de verdade cuidava de suas obrigações, não importa a dificuldade das circunstâncias. Isso tinha ficado marcado nele desde criança. Então permaneceu na sala que agora parecia sufocante e pequena, tentando imaginar seu futuro com uma mulher que obviamente o achava repulsivo. Ela seria sua companhia por toda a vida.

– O que está feito está feito – disse August para sua filha. – Esta tarde você vai juntar as coisas que conseguir carregar, depois a carruagem os levará a Fjällbacka. Escolha suas coisas com sabedoria. Provavelmente não terá muito uso para vestidos de festa – acrescentou com rancor, mostrando como sua filha o machucara. Sua alma nunca se recuperaria disso.

Quando a porta se fechou atrás deles, o silêncio era gigantesco. Então Agnes olhou para Anders com tanto ódio que ele precisou se controlar para não recuar. Uma voz interior o mandava fugir enquanto ainda havia tempo, mas seus pés não obedeciam. Parecia que estavam presos ao chão.

Uma premonição de que os tempos não seriam fáceis o fez sentir um arrepio.

Morgan viu os policiais chegarem e irem embora. Mas não perdeu tempo pensando o que queriam na casa dos pais. Ele não costumava se preocupar com essas coisas.

Ele se esticou. Agora era o fim de tarde e tinha ficado sentado quase o dia todo em seu computador, como sempre. Sua mãe se preocupava com o que isso acabaria fazendo com suas costas, mas ele não via nenhuma razão para se preocupar com isso antes que algo realmente acontecesse. Claro que suas costas tinham começado a se encurvar, mas não sentia dor. Enquanto o problema fosse somente de aparência, não era nada que seu cérebro registrasse. Para alguém que não era normal, de qualquer forma, não importava se estivesse um pouco encurvado também.

Era um alívio poder se sentar em paz. Agora que a garota tinha morrido, aquele elemento perturbador tinha desaparecido. Ele realmente não gostava dela. De verdade. Ela sempre vinha atrapalhar quando ele estava mais mergulhado em seu trabalho e fingia não ouvir quando ele a mandava embora. As outras crianças tinham medo dele. Contentavam-se em apontar o dedo para suas costas quando ele deixava as paredes de sua casa. Mas ela não. Ficava se intrometendo, exigindo atenção e recusando-se a ter medo quando ele gritava. Às vezes, ficava tão frustrado que gritava com as mãos sobre os ouvidos na esperança de que ela fosse embora. Mas ela só dava risada. Então era realmente ótimo que não voltasse mais. Nunca mais.

A morte o fascinava. Havia algo na finalidade daquilo que mantinha seu cérebro preocupado com a morte em todas as suas formas. Os jogos que ele adorava eram os que tinham muita morte. Sangue e morte.

Ocasionalmente, tinha pensado em tirar a própria vida. Não porque não queria mais viver, mas porque queria ver como era estar morto. No passado, havia revelado suas intenções. Disse abertamente aos pais que estava pensando em se matar. Era só uma questão de compartilhar informações. Mas a reação deles o fez

manter esses pensamentos para si. Houve um rebuliço tremendo, seguido por mais visitas ao psicólogo, ao mesmo tempo que eles, ou pelo menos sua mãe, tinham começado a controlá-lo o tempo todo. Morgan não gostava disso.

Não entendia por que todo mundo tinha tanto medo da morte. Todas as emoções incompreensíveis que outras pessoas pareciam possuir se tornavam mais intensas e numerosas assim que a conversa tratava da morte. Ele realmente não conseguia entender. A morte era um estado do ser, assim como a vida. Por que uma coisa seria melhor do que a outra?

Mais do que tudo ele teria gostado de estar presente quando cortassem a garota na autópsia, poder observar. Ver o que as outras pessoas achavam tão aterrorizante. Talvez a resposta fosse encontrada quando eles a abrissem. Talvez a resposta estivesse no rosto das pessoas que a abrissem.

Às vezes, ele sonhava que estava deitado num necrotério. Numa daquelas mesas frias de metal, nada sobre seu corpo nu. Em seus sonhos, via o brilho do metal pouco antes que o patologista fizesse o corte reto em seu tórax.

Mas ele nunca contou a ninguém sobre esses pensamentos. Depois iriam pensar que ele era realmente louco, não somente diferente dos outros, um rótulo com o qual tinha aprendido a viver durante todos aqueles anos.

Morgan voltou ao código na tela do computador. Adorava a calma e o silêncio. Era realmente ótimo que ela tivesse morrido.

Lilian abriu a porta antes que eles tivessem chance de bater. Patrik suspeitava que ela tinha ficado esperando por eles desde que saíram. Na entrada havia um par de sapatos que não estava ali antes, e Patrik presumiu serem da amiga de Lilian, Eva, que tinha vindo dar apoio moral.

– Então – disse Lilian. – O que ele falou em defesa própria? Podemos terminar aquele relatório para vocês o prenderem?

Patrik respirou fundo.

– Gostaríamos de conversar com seu marido primeiro, antes de continuar. Ainda há algumas coisas que precisam ser esclarecidas.

Por um segundo, ele viu incerteza no rosto dela, mas Lilian recuperou imediatamente sua expressão beligerante.

– Isso está absolutamente fora de questão. Stig está doente. Está no andar de cima descansando e não pode ser perturbado em nenhuma circunstância. – Sua voz soava tensa, com um toque de nervosismo. Patrik conseguiu perceber que Lilian também tinha se esquecido de Stig como uma potencial testemunha. Por isso era até mais importante que pudessem conversar com ele.

– Infelizmente, precisamos falar com ele. Tenho certeza de que poderá nos receber por um ou dois minutos – disse Patrik na voz mais autoritária que podia fazer, tirando a jaqueta ao mesmo tempo para enfatizar sua intenção.

Lilian estava a ponto de abrir a boca para protestar quando Gösta disse num tom de voz mais oficial.

– Se não pudermos falar com Stig, isso poderia ser considerado um caso de obstrução da justiça. Não ficaria nada bem no relatório oficial.

Patrik tinha dúvidas se a declaração de seu colega poderia ser sustentada a longo prazo, mas pareceu ter o efeito desejado em Lilian, que se virou furiosa para as escadas. Quando parecia que ela planejava subir com eles, Gösta colocou uma mão firme em seu ombro.

– A gente encontra o caminho, obrigado.

– Mas... – Seus olhos brilharam, procurando algum protesto válido, mas finalmente desistiu. – Bom, não digam que não avisei.

Stig *não* está bem e, se ele piorar porque vocês vieram fazer um monte de perguntas, então...

Eles deixaram a declaração no ar enquanto subiam. O quarto de hóspedes estava à esquerda e, como Lilian tinha deixado a porta aberta, não foi difícil encontrar o marido. Stig estava instalado confortavelmente na cama, mas estava acordado e tinha virado a cabeça para a porta, esperando. A julgar pela altura da voz de Lilian, que agora falava na cozinha, sem dúvida percebeu que eles estavam subindo. Patrik entrou no quarto antes de Gösta e precisou se forçar para respirar. O homem deitado na cama estava tão frágil e esquelético que seus ossos sob as cobertas pareciam saltados. O rosto estava fundo, e a pele, cinza, tinha um aspecto pouco saudável. Os cabelos tinham ficado prematuramente brancos, deixando-o com aparência bem mais velha. Havia um odor nauseante de doença no quarto, e Patrik precisou suprimir o desejo de respirar somente pela boca.

Sem muita certeza, ele estendeu a mão para Stig e se apresentou. Gösta fez o mesmo e depois olharam ao redor do pequeno quarto procurando um lugar para se sentar. Pareceu muito importuno ficar de pé diante de Stig em seu leito. Ele levantou uma mão cinzenta e apontou para a ponta da cama.

– Infelizmente, isso é tudo que posso oferecer. – Sua voz estava seca e fraca, e Patrik ficou mais uma vez chocado, o homem parecia completamente exausto. Ele parecia doente demais para estar em casa. Deveria estar num hospital. Mas isso não era problema deles e, afinal, havia um médico morando ali.

Patrik e Gösta se sentaram cuidadosamente na ponta da cama. Stig sorriu um pouco quando a cama balançou, e Patrik pediu desculpas apressadamente, com medo de que isso causasse dor. Stig negou com um aceno de mão.

Patrik limpou a garganta.

– Antes de tudo, gostaria de começar oferecendo minhas condolências pela perda de sua neta. – Ele ouviu de novo como sua voz parecia formal, um tom que ele mesmo desprezava.

Stig fechou os olhos e pareceu se forçar a responder. As palavras obviamente mostravam as emoções que ele estava lutando para superar.

– Tecnicamente, Sara não era realmente minha neta – o avô dela, pai de Charlotte, morrera havia oito anos –, mas no meu coração ela sempre foi minha neta. Cuidei dela desde que era um bebê até... – ele fez uma pausa – agora no final. – Voltou a fechar os olhos, mas quando reabriu parecia ter recuperado a compostura.

– Conversamos um pouco com o resto da família – disse Patrik –, para descobrir exatamente o que aconteceu naquela manhã. Eu gostaria de saber se você ouviu algo em especial. Por exemplo, sabe a que horas Sara saiu de casa?

Stig balançou a cabeça.

– Eu tomo pílulas para dormir que são bem fortes e normalmente não acordo antes das dez. E nessa hora ela já tinha... saído. – Ele fechou mais uma vez os olhos.

– Quando perguntamos para sua esposa se ela podia pensar em alguém que quisesse machucar a Sara, ela falou do vizinho de vocês, Kaj Wiberg. Você concorda com essa afirmação?

– Lilian disse que Kaj matou a Sara? – Stig olhava para eles cético.

– Bom, não diretamente, mas ela indicou que haveria razões para que seu vizinho pudesse querer o mal da sua família.

Stig deu um longo suspiro.

– Bom, nunca entendi o que se passa entre esses dois. A briga já existia antes da minha chegada, antes de Lennart morrer. Para ser

honesto, não sei quem jogou a primeira pedra e ousou dizer que Lilian é tão capaz de manter o fogo aceso quanto Kaj. Tentei ficar fora disso o máximo que pude, mas não é fácil. – Ele balançou a cabeça. – Não, realmente não entendo por que eles fazem essas coisas. Para mim, minha esposa é uma mulher doce e simpática, mas quando se trata de Kaj e da família dele, ela parece ter um desses pontos cegos. Sabe, às vezes acho que ela e Kaj gostam disso tudo. Que vivem para essa batalha. Mas isso parece absurdo. Por que alguém faria isso voluntariamente, com ações na Justiça e tudo? E isso custa dinheiro para nós. Kaj consegue pagar, mas nós não estamos tão bem, somos dois aposentados. Não, por que alguém iria querer ficar brigando dessa forma?

A pergunta era puramente retórica. Stig não estava esperando uma resposta.

– Eles já chegaram a se agredir fisicamente? – Patrik perguntou interessado.

– Deus do céu, não – disse Stig enfático. – Não são tão loucos. – Ele riu.

Patrik e Gösta trocaram um olhar.

– Você ouviu quando Kaj veio aqui mais cedo hoje?

– Sim, foi impossível deixar de ouvir – disse Stig. – Houve uma comoção medonha na cozinha, e ele estava gritando e tudo. Mas Lilian o botou para fora com o rabo entre as pernas. – Ele olhou para Patrik. – Realmente não entendo algumas pessoas. Quero dizer, independentemente dos problemas que tenham um com o outro, era de se esperar que ele mostrasse um pouco de compaixão, considerando o que aconteceu. Com Sara, quero dizer.

Patrik concordou que a compaixão deveria ser a resposta imperante nesses dias, mas, ao contrário de Stig, não colocou toda a culpa em Kaj. Lilian também havia demonstrado uma alarmante

falta de respeito pela situação. Ele sentiu uma suspeita crescer dentro de sua mente. Continuou as perguntas, buscando uma confirmação.

– Você viu Lilian depois que Kaj veio aqui? – Segurou a respiração esperando a resposta.

– Claro – respondeu Stig, que estava tentando imaginar por que Patrik perguntaria aquilo. – Ela subiu com uma xícara de chá e me contou como Kaj havia se comportado vergonhosamente.

Agora Patrik estava começando a entender por que Lilian tinha ficado tão desconfortável quando eles disseram que queriam conversar com Stig. Ela havia cometido um erro tático ao se esquecer do marido.

– Você percebeu algo diferente nela? – perguntou Patrik.

– Diferente? O que você quer dizer? Ela parecia estar um pouco brava, mas não é de se estranhar.

– Nada que indicasse que tinha recebido um tapa no rosto?

– Tapa no rosto? Não, claro que não. Quem está fazendo essa acusação? – Stig parecia espantado, e Patrik quase sentiu pena dele.

– Lilian afirma que Kaj a atacou quando esteve aqui. E nos mostrou marcas, inclusive no rosto, para provar.

– Mas ela não tinha nenhuma marca no rosto depois que Kaj esteve aqui. Não entendo... – Stig se mexeu, o que o levou a fazer outra careta de dor.

A expressão de Patrik estava fechada quando olhou para Gösta e indicou que haviam terminado.

– Vamos descer e conversar novamente com sua esposa – ele falou, tentando se levantar com o máximo de cuidado.

– Está bem, mas quem poderia...?

Eles deixaram Stig deitado com um olhar confuso. Patrik suspeitou que ele provavelmente teria uma conversa séria com a esposa depois que os dois fossem embora. Mas primeiro eles é que iam ter uma conversa séria com Lilian.

Ele estava fervendo de raiva quando desceu. Não fazia nem três dias que Sara tinha morrido, e Lilian já estava tentando usar a morte da menina como arma na briguinha com Kaj. Era tão... insensível que ele quase não conseguia acreditar que fosse possível. O que o deixava mais furioso era o fato de ela estar fazendo a polícia perder tempo e recursos quando precisavam focar toda sua energia para encontrar a pessoa que tinha assassinado sua neta. O fato de Lilian não ter pensado nas consequências era tão desprezível e perverso que Patrik quase não podia encontrar palavras para descrever suas ações.

Quando entraram na cozinha, ele percebeu, pela expressão de Lilian, que ela sabia que a batalha estava perdida.

– Conseguimos algumas informações interessantes com Stig – disse Patrik, sombrio. A amiga de Lilian, Eva, olhou para eles curiosa. Claro que ela tinha engolido toda a história de Lilian, mas em poucos minutos também veria a amiga sob uma nova luz.

– Não entendo por que vocês insistem em incomodar alguém que está doente na cama, mas a polícia claramente não tem consideração por ninguém hoje em dia – Lilian falou numa tentativa fracassada de retomar o controle.

– Você está certa sobre isso – disse Gösta, sentando-se calmamente numa das cadeiras de frente para Lilian e Eva.

Patrik puxou a cadeira ao lado e se sentou também.

– Foi uma boa ideia conversar com Stig, porque ele deu uma declaração impressionante. Talvez você queira nos ajudar, explicando-a.

Lilian não perguntou que declaração seu marido tinha dado. Ficou esperando em um silêncio furioso que eles continuassem. Foi Gösta quem falou em seguida.

– Ele disse que você subiu até o quarto dele depois que Kaj saiu e que não havia nenhum sinal de que alguém tivesse batido em você. Nem você mencionou nada para ele. Pode nos explicar isso?

– Acho que demora um pouco para as marcas ficarem visíveis – Lilian murmurou numa corajosa tentativa de salvar a situação. – E eu não queria preocupá-lo, considerando sua condição. Tenho certeza de que vocês entendem isso.

Eles entenderam mais do que isso. E ela sabia.

Patrik assumiu.

– Espero que você perceba a seriedade de inventar falsas acusações.

– Não inventei nada – disse Lilian, levantando a voz. Num tom mais calmo, ela continuou: – Bom, talvez eu... tenha exagerado um pouco. Mas só porque ele esteve à beira de me atacar. Pude ver isso em seus olhos.

– E as marcas que nos mostrou?

Ela não disse nada, nem precisava. Eles já sabiam que Lilian havia provocado as marcas antes da chegada deles. Pela primeira vez Patrik tinha começado a se perguntar se havia algo realmente errado com essa mulher.

Obstinadamente, ela continuou:

– Mas foi só porque vocês precisavam de um motivo para levá-lo para interrogatório. Aí poderiam procurar em paz por provas de que ele ou Morgan assassinaram Sara. Sei que foi um deles e só queria ajudá-los a encontrar o caminho.

Patrik olhou de forma incrédula. Ou ela era mais obstinada do que qualquer outra pessoa que já tinha conhecido, ou era

simplesmente louca. De qualquer forma, eles precisavam parar com essas idiotices.

– No futuro, gostaríamos que você nos deixasse fazer nosso trabalho. E pare de importunar a família Wiberg. Entendido?

Lilian assentiu, mas dava para ver que ela estava furiosa. Durante toda a conversa, a amiga parecia espantada. Ela deu uma desculpa e saiu com Patrik e Gösta. Aquela amizade sem dúvida havia sofrido um abalo.

Eles não discutiram a história de Lilian no caminho de volta à delegacia. A coisa toda era muito deprimente.

Stig sentiu uma pontada de inquietação ali deitado na cama. Tinha certeza de que Lilian ficaria brava, mas não sabia o que poderia ter feito. Ela parecia completamente normal quando subiu até o quarto. Simplesmente não tinha entendido toda essa besteira sobre Kaj atacá-la. Por que ela mentiria sobre algo assim?

Os passos na escada soavam tão furiosos quanto ele tinha temido. Por um instante, quis puxar as cobertas sobre a cabeça e fingir que estava dormindo, mas achou melhor não fazer isso. Claro que não podia ser algo tão importante. Ele simplesmente tinha contado a verdade; Lilian teria de entender. Além disso, a coisa toda devia ter sido um engano.

A expressão no rosto dela dizia mais do que ele queria saber. Evidentemente, Lilian estava furiosa com ele, e Stig literalmente tremeu com aquele olhar. Sempre tinha achado muito desagradável quando ela estava com aquele humor. Não conseguia entender que alguém como sua Lilian, tão adorável e doce, podia se transformar numa pessoa tão desagradável. De repente, ele se perguntou se o que a polícia tinha indicado poderia ser realmente verdade. Ela tinha feito uma acusação contra Kaj? Mas rejeitou a ideia. Só precisavam esclarecer essa confusão e depois tudo ficaria bem.

– Você não podia ter ficado de boca fechada? – Ela se aproximou dele, e o tom duro de sua voz mandou raios de dor pela cabeça dele.

– Mas, minha querida, eu só falei...

– A verdade? É o que você ia dizer? Que você simplesmente falou a verdade? Como a sua honestidade nos faz bem, Stig. Homens honestos e honrados que não se importam se isso coloca sua mulher em apuros. Achei que você estaria do meu lado.

Sentiu a saliva espirrando em seu rosto e quase não conseguiu reconhecer o rosto distorcido gritando sobre dele.

– Mas eu sempre estou do seu lado, Lilian. Só não sabia...

– Não sabia? Preciso explicar tudo para você, seu idiota estúpido?

– Mas você não me disse nada... e a polícia provavelmente só está imaginando todo esse absurdo. Quero dizer, você não inventaria algo assim, não é? – Stig lutava bravamente para encontrar algum tipo de lógica na raiva dirigida contra ele. Só agora percebia a marca no rosto de Lilian que estava começando a ganhar uma cor roxa. Ele franziu o cenho e lançou um olhar inquisidor para a esposa.

– Que marca é essa que você tem no rosto, Lilian? Não tinha isso quando subiu para me ver. Está dizendo que o que a polícia insinuou é verdade? Você inventou a história de que Kaj bateu em você quando esteve aqui? – Sua voz mostrava incredulidade, mas viu os ombros de Lilian caírem e não precisou de confirmação.

– Por que diabos você faria algo tão estúpido? – Agora os papéis tinham se invertido. A voz de Stig estava dura, e Lilian se afundou na ponta da cama, enterrando o rosto entre as mãos.

– Não sei, Stig. Posso ver agora que foi estúpido, mas queria que comessem a investigar Kaj e a família dele de forma séria. Tenho certeza de que estão envolvidos de alguma forma na morte de

Sara. Não falei sempre que aquele homem não tem escrúpulos? E aquele Morgan estranho, se enfiando nos arbustos e me espiando. Por que a polícia não faz algo?

Seu corpo estava tremendo com os soluços, e Stig juntou seu último bocado de ar para se sentar na cama apesar da dor e colocar os braços ao redor da esposa. Ele acariciou as costas dela, reconfortando-a, mas seus olhos estavam inquietos e pensativos.

Quando Patrik chegou em casa, Erica estava sentada sozinha no escuro, pensando. Kristina tinha levado Maja para dar um passeio, e Charlotte já tinha ido para casa. O que Charlotte havia contado a deixou preocupada.

Quando Erica ouviu Patrik abrir a porta da frente, levantou-se e foi encontrá-lo.

– Por que você está sentada aqui no escuro? – Ele deixou as sacolas de compras no balcão da cozinha e começou a acender as lâmpadas. O brilho a cegou por um segundo antes de seus olhos se acostumarem com a claridade. Depois, sentou-se pesadamente na mesa da cozinha e ficou olhando o marido arrumar as compras.

– Como a casa está agradável – ele disse, feliz, olhando ao redor.
– É muito bom que minha mãe possa vir e ajudar de vez em quando
– ele continuou, sem perceber que Erica parecia querer matá-lo com o olhar.

– Ah, sim, é uma delícia – ela falou, ácida. – Deve ser maravilhoso chegar em casa, e tudo estar limpo e bem organizado, para variar.

– Com certeza! – respondeu Patrik, ainda sem perceber que estava cavando sua própria sepultura a cada segundo.

– Então talvez você devesse pensar em ficar em casa no futuro, assim as coisas poderiam estar mais organizadas por aqui! – gritou Erica.

Patrik se assustou com o súbito aumento de volume na voz dela. Virou-se com um olhar espantado.

– O que foi que eu falei agora?

Erica levantou-se da cadeira e saiu da cozinha. Às vezes, ele era tão estúpido. Se não conseguia entender, ela não tinha energia para explicar.

Sentou-se na escuridão da sala e olhou pela janela. O clima do lado de fora refletia precisamente como ela se sentia por dentro. Cinza, tempestuoso, cruel e frio. Períodos aparentemente calmos com fortes tempestades ocasionais. Lágrimas começaram a correr por seu rosto. Patrik veio se sentar ao lado dela no sofá.

– Desculpe por ser tão tonto. Não deve ser fácil aguentar a minha mãe aqui em casa, não é?

Ela podia sentir o lábio inferior tremendo. Estava tão cansada de chorar. Sentia que não tinha feito outra coisa nos últimos meses. Só gostaria de ter estado mais preparada para como tudo seria. O contraste era tão grande se considerasse a alegria que sempre acreditou que sentiria quando tivesse um bebê. Nos piores momentos, quase chegou a odiar Patrik por não se sentir como ela. A sua parte racional ficava aliviada porque alguém precisava fazer a família funcionar. Mas desejava que, só por um momento, ele pudesse se colocar na mesma posição e entender como ela se sentia.

Como se pudesse ler seus pensamentos, ele falou:

– Gostaria de trocar de lugar com você, de verdade. Mas não posso, então você precisa parar de ser tão forte e me contar o que está acontecendo. Talvez devesse falar com outra pessoa, um profissional. As pessoas na creche poderiam nos ajudar.

Erica balançou a cabeça. A depressão iria passar com o tempo. Tinha de passar. Além disso, havia mulheres que estavam muito

piores do que ela.

– Charlotte passou por aqui hoje – ela comentou.

– Como ela está? – perguntou Patrik, com a voz baixa.

– Melhor, acho. – Ela fez uma pausa. – Vocês estão fazendo avanços?

Patrik se encostou no sofá e olhou para o teto. Ele soltou um suspiro profundo e disse:

– Infelizmente, não. Mal sabemos por onde começar. E, além disso, a doida da mãe da Charlotte parece estar mais interessada em encontrar mais munição para sua briga com o vizinho do que em nos ajudar na investigação. Ela não facilita nosso trabalho.

– Como assim? – Erica perguntou interessada.

Patrik fez um breve resumo dos eventos do dia.

– Você realmente acha que alguém na família de Sara poderia ter algo a ver com a morte dela? – perguntou Erica.

– Não, parece difícil acreditar nisso – comentou Patrik. – Todos possuem álibis plausíveis para onde estavam naquela manhã.

– Têm? – perguntou Erica num estranho tom de voz. Patrik estava a ponto de perguntar o que ela queria dizer com aquilo quando os dois ouviram a porta da frente se abrir e Kristina entrar com Maja nos braços.

– Não sei o que você fez com essa criança – dizia, brava. – Ela veio gritando o caminho de volta todo no carrinho e se recusa a se acalmar. Isso é o que acontece quando você a pega sempre que ela chora um pouquinho. Acaba ficando mimada. Você e sua irmã nunca choraram tanto...

Patrik interrompeu a conversa e foi cuidar de Maja. Erica sabia, pelo choro, que a filha tinha fome e, com um suspiro, sentou-se na poltrona, abriu o sutiã de amamentação e tirou o enchimento. Estava na hora, de novo...

Assim que ela entrou em casa, Monica sentiu que algo estava errado. A raiva de Kaj fluía até ela como ondas de som pelo ar, e imediatamente ela se sentiu mais exausta. O que acontecera dessa vez? Já estava cansada do temperamento dele há muito tempo, mas não conseguia se lembrar se já havia sido diferente. Estavam juntos desde a juventude, e talvez naquela época suas mudanças de humor parecessem excitantes e atraentes. Ela não conseguia mais se lembrar. Não que isso importasse; a vida tinha tomado seu curso. Ela ficou grávida, eles se casaram, Morgan nasceu, e um dia seguiu o outro. A vida sexual deles estava morta fazia anos; havia tempos ela dormia em seu próprio quarto. Talvez a vida fosse mais do que isso, mas ela tinha se acostumado a como eram as coisas. Claro que de vez em quando pensava em se divorciar. Numa ocasião, há quase vinte anos, tinha até feito uma mala em segredo e estava pronta para pegar Morgan e partir. Mas então decidiu fazer o jantar para Kaj primeiro, passar algumas camisas e ligar a máquina de lavar para não deixar um monte de roupas sujas. Quando percebeu, estava desfazendo as malas.

Monica foi até a cozinha. Sabia que encontraria Kaj ali porque era onde ele sempre se sentava quando estava bravo com alguma coisa. Talvez porque podia ficar de olho na razão usual de sua agitação. Ele tinha puxado a cortina de lado e estava olhando para a casa vizinha.

– Oi – disse Monica, mas não recebeu nenhum cumprimento civilizado em resposta. Em vez disso, ele imediatamente começou a vociferar um discurso cheio de ódio.

– Você sabe o que aquela vadia fez hoje? – Não esperou por uma resposta, nem Monica tinha a intenção de falar qualquer coisa. – Chamou a polícia e afirmou que eu a ataquei! Mostrou algumas

bostas de marcas que ela fez em si mesma e disse que *eu* tinha batido nela. Ela está completamente maluca!

Quando Monica foi até a cozinha, estava determinada a não se envolver na última briga de Kaj, mas isso era muito pior do que ela esperava. Contra sua vontade, sentiu a raiva crescer em seu peito. Mas primeiro precisava aliviar seus medos.

– E você tem certeza de que não a atacou, Kaj? Você tem uma tendência a perder as estribeiras...

Kaj olhou para ela como se a mulher tivesse ficado louca.

– Que merda você está falando? Realmente acha que sou um maldito estúpido para entregar tudo de bandeja assim? Adoraria dar um soco no nariz dela, mas acha que não sei o que ela faria? Claro, eu fui até lá e falei um monte, mas não *encostei* nela!

Monica podia ver que ele estava falando a verdade e não conseguiu evitar lançar um olhar rancoroso para a casa ao lado. Se Lilian pudesse deixá-los em paz!

– Então, o que aconteceu? Os policiais acreditaram nas mentiras dela?

– Não, graças a Deus. Descobriram que ela estava mentindo. Foram falar com Stig, e acho que ele destruiu a farsa toda. Mas foi por pouco.

Ela se sentou de frente para o marido na mesa da cozinha. Seu rosto estava vermelho, e ele batia os dedos com raiva na mesa.

– Não deveríamos jogar a toalha e nos mudar? Não podemos continuar assim. – Era um apelo que ela já tinha feito várias vezes antes, mas sempre via a mesma determinação nos olhos dele.

– Fora de questão, já falei isso. Ela nunca vai me expulsar da minha casa. Eu me recuso a dar essa satisfação.

Ele deu um soco na mesa para enfatizar suas palavras, mas não era necessário. Monica já tinha ouvido aquilo antes. Ela sabia que

era inútil. E, para ser honesta, tampouco queria deixar Lilian ganhar. Não depois do que aquela mulher tinha dito sobre Morgan.

Pensar no filho a fez mudar de assunto.

– Você deu uma olhada no Morgan hoje?

Com relutância, Kaj parou de olhar para a casa dos Florin e murmurou:

– Não, deveria? Você sabe que ele nunca sai do quarto.

– Verdade, mas pensei que você poderia ter ido lá e falado oi. Ver como ele está. – Ela sabia que isso não ia acontecer, mas não perdia as esperanças. Morgan era filho dele, afinal de contas.

– Por que deveria? – Kaj bufou. – Se ele quiser companhia, pode vir aqui. – Ele se levantou. – Tem algo para comer?

Em silêncio, ela se levantou e começou a preparar o jantar. Anos antes ela chegou a pensar que Kaj poderia fazer o jantar, já que estava em casa o tempo todo. Esse pensamento já não passava por sua mente. Tudo estava como sempre tinha sido. E sempre seria.

Capítulo 14

Fjällbacka, 1924

Nenhuma palavra tinha sido dita durante a viagem para Fjällbacka. Depois de passar muitas noites sussurrando coisas no ouvido um do outro, eles agora não tinham nada a dizer. Em vez disso, se sentaram, duros como soldados, olhando direto para a frente, os dois imersos em seus próprios pensamentos.

Agnes sentia como se o mundo tivesse desmoronado ao seu redor. Tinha sido realmente naquela mesma manhã que ela havia acordado em sua grande cama no elegante quarto da magnífica casa onde passara a vida toda? Como era possível que agora estivesse sentada nesse trem, com uma mala ao seu lado, a caminho de uma vida de miséria com um homem que não queria nem ter conhecido? Quase não conseguia olhar para ele. Numa ocasião, durante a viagem, Anders quis fazer uma tentativa de consolá-la. Agnes afastou a mão dele com uma expressão de tamanho desgosto que esperava que ele não tentasse mais nada.

Algumas horas depois, quando pararam diante de uma cabana que seria o seu lar, Agnes primeiro se recusou a sair do carro. Ela ficou sentada ali, incapaz de se mover, paralisada pela sujeira ao seu redor e pelo barulho das crianças sujas e nojentas que cercaram o táxi. Isso não poderia ser sua vida! Por um momento, foi tentada a pedir ao taxista que desse a volta e a levasse para a estação, mas percebeu como isso seria inútil. Para onde iria? Seu pai tinha deixado bem claro que não queria nada com ela. Levar

uma vida de dona de casa era algo que nunca tinha imaginado, mesmo se não estivesse com a criança na barriga. Todos os caminhos estavam fechados agora, exceto o que levava a essa choupana suja e miserável.

Com um nó na garganta, decidiu pelo menos sair do táxi. Fez uma careta quando seu pé afundou na lama. Pior ainda, estava usando seus adoráveis sapatos vermelhos com a ponta aberta e agora sentia a sujeira se infiltrando em suas meias e entrando em seus dedos. Pelo canto do olho, viu cortinas se abrindo para permitir que olhos curiosos se deleitassem com o espetáculo. Ela virou a cabeça. Podiam ficar olhando até que os olhos caíssem. O que importava o que pensavam? Eram reles servos. Nunca tinham visto uma verdadeira dama antes. Bom, isso seria uma coisa passageira. Ela acabaria encontrando uma forma de sair dessa situação; nunca tinha ficado numa posição da qual não conseguisse sair mentindo ou usando seu charme.

Decidida, pegou sua mala e caminhou até a cabana.

Na pausa matinal para o café, Patrik e Gösta contaram a Martin e Annika o que tinha acontecido no dia anterior. Ernst raramente aparecia antes das nove, e Mellberg achava que minaria seu papel de chefe tomar café com a equipe, então ficava em sua sala.

– Ela não entende que está dando um tiro no próprio pé? – falou Annika. – Deveria querer que vocês se concentrassem na busca do assassino em vez de perderem tempo com essa porcaria. – Era um eco do que Patrik e Gösta já tinham dito.

Patrik só balançou a cabeça.

– Bom, não sei se ela não consegue ver além do próprio umbigo ou se está simplesmente louca. Mas acho que devemos deixar isso

pra lá. Felizmente, conseguimos assustá-la um pouco ontem, e acho que não vai fazer aquilo de novo. Temos alguma outra pista?

Ninguém disse nenhuma palavra. Havia uma alarmante falta de provas e nenhuma pista com que trabalhar.

– Quando você falou que receberíamos os resultados dos exames? – perguntou Annika, quebrando o tenso silêncio.

– Segunda – disse Patrik.

– A família já foi descartada como suspeita? – perguntou Gösta, olhando para os outros por cima de sua xícara de café.

Patrik lembrou-se de repente do estranho tom de voz de Erica na noite anterior, quando ele falou dos álibis da família. Havia algo que o perturbava também; tudo que precisava fazer era descobrir o que era.

– Claro que não – ele falou. – Os membros da família são sempre suspeitos, mas não há nada concreto nessa direção.

– E os álibis deles? – disse Annika. Ela geralmente se sentia ignorada durante as investigações, então sempre adorava essas oportunidades de ouvir mais sobre o que estava acontecendo.

– Críveis, mas não confirmados, eu diria – falou Patrik. Ele se levantou para encher a xícara de café e ficou de pé, encostado no balcão. – Charlotte estava dormindo no andar de baixo por causa de uma enxaqueca. Stig declarou que também estava dormindo. Ele tinha tomado uma pílula para dormir e não tinha ideia do que estava acontecendo. Lilian estava em casa cuidando de Albin quando Sara saiu de casa, e Niclas estava no trabalho.

– Então nenhum deles tem um álibi que poderia ser considerado perfeito – disse Annika secamente.

– Ela está certa – falou Gösta. – Provavelmente fomos um pouco cuidadosos demais, não querendo pressioná-los muito. As

declarações podem definitivamente ser questionadas. Exceto por Niclas, nenhum álibi pode ser confirmado.

Era isso! Patrik percebeu o que o incomodava em seu subconsciente. Começou a caminhar de um lado para o outro.

– Mas Niclas *poderia não* estar no trabalho. Não se lembra? – falou, virando-se para Martin. – Não conseguimos encontrá-lo naquela manhã. Ele demorou quase duas horas para chegar em casa. Não sabemos onde realmente estava – ou por que mentiu e disse que estava na clínica.

Martin balançou a cabeça sem falar nada. Como puderam deixar isso passar?

– Não devíamos interrogar Morgan também, o filho da família vizinha? Verdade ou não, há relatórios acusando-o de espiar pelas janelas, para ver Lilian se despindo... se bem que não consigo imaginar por que, por Deus, alguém iria querer ver aquilo – disse Gösta, tomando outro gole de café enquanto olhava para os outros.

– Esses relatórios são bastante antigos. E como você disse, não há muitas provas de que as acusações sejam verdadeiras, especialmente considerando o que aconteceu ontem. – Patrik podia ouvir que soava impaciente. Não sabia se queria perder tempo investigando outra mentira de Lilian, velha ou nova.

– Por outro lado, já confirmamos que não temos muita coisa para investigar, então... – Gösta levantou as mãos, e três pares de olhos agora o encaravam com surpresa. Não era de sua índole mostrar qualquer iniciativa numa investigação. Mas, precisamente por ser um evento raro, eles acharam que deveriam prestar atenção. Para enfatizar o que estava falando, Gösta acrescentou: – Além disso, a menos que eu esteja errado, dá para ver a casa dos Florin da cabana dele, então o garoto poderia ter visto algo naquela manhã.

– Você está certo – disse Patrik, mais uma vez se sentindo um pouco estúpido. Ele deveria pelo menos ter considerado Morgan uma testemunha em potencial, pelo menos. – Certo, vamos fazer o seguinte: você e Martin conversam com Morgan Wiberg... – ele abaixou a voz, mas se forçou a continuar – e Ernst e eu vamos dar uma olhada melhor no pai de Sara. A gente volta a se encontrar à tarde.

– E eu? Posso fazer algo? – reclamou Annika.

– Fique perto do telefone. O caso teve uma boa dose de atenção na imprensa agora, então se tivermos sorte, algo de útil pode aparecer.

Annika assentiu e se levantou para colocar a xícara de café na pia. Os outros fizeram o mesmo, e Patrik foi até sua sala esperar Ernst chegar. Primeiro o mais importante. Eles precisavam conversar sobre a importância de chegar pontualmente ao trabalho durante uma investigação de homicídio.

Mellberg podia sentir o destino se aproximando. Só faltava um dia. A carta ainda estava na sua primeira gaveta. Ele não tinha ousado retomá-la. Mas já sabia seu conteúdo de cor. Era incrível que tantas emoções contrastantes pudessem estar brigando dentro dele. Suas primeiras reações tinham sido de descrença e raiva, suspeita e ódio. Mas vagarosamente um sentimento de esperança também tinha surgido. Era essa esperança que o havia surpreendido. Ele sempre considerara sua vida quase perfeita, pelo menos até ser transferido para essa porcaria de cidade. Depois disso, foi forçado a admitir que as coisas poderiam ficar mais lentas. Além da promoção que sentia merecer, não faltava nada em sua vida. Era verdade que o embaraçoso problema com Irina o tinha feito acreditar que havia outras coisas que queria da vida, mas esse episódio tinha ficado para trás.

Sempre sentiu orgulho de não precisar de ninguém. A única pessoa de quem tinha sido próximo, e de quem quis ser próximo, foi sua querida mãe, mas ela já falecera havia muito tempo. A carta, no entanto, implicava que tudo isso poderia mudar.

Sentiu a respiração pesada e difícil. Medo misturado com uma curiosidade impaciente. Parte dele queria que o dia corresse mais rápido, assim a incerteza do amanhã substituiria todas as dúvidas. Ao mesmo tempo, queria que o dia passasse lentamente, que o tempo parasse.

Por um momento, considerou mandar tudo para o inferno. Jogar a carta no lixo e esperar que o problema desaparecesse sozinho. Mas sabia que isso não ia funcionar.

Ele suspirou, colocou os pés na mesa e fechou os olhos. Poderia também esperar pacientemente o que o amanhã iria trazer.

Gösta e Martin passaram discretamente pela casa, esperando que ninguém os notasse enquanto iam até a cabana de Morgan. Nenhum deles estava com vontade de falar com Kaj. Queriam uma chance de conversar com Morgan em paz, sem os pais no meio. Além disso, ele era adulto, então não havia motivo para a presença dos pais.

Demorou muito para a porta se abrir, tanto que não tinham certeza se havia alguém em casa. Mas finalmente ela se abriu, e um homem loiro e pálido, com uns trinta anos, apareceu diante deles.

– Quem são vocês? – Sua voz era monótona, e o rosto não mostrava a expressão inquisidora que normalmente acompanhava esse tipo de questão.

– Somos da polícia – disse Gösta, apresentando os dois. – Estamos fazendo perguntas na vizinhança sobre a morte da garotinha Sara, sua vizinha.

– Entendo – disse Morgan, ainda com o mesmo rosto sem expressão. Ele não se moveu.

– Podemos entrar e conversar um pouco? – disse Martin. Estava começando a se sentir um pouco desconfortável na presença do estranho jovem.

– Melhor não. São dez horas, e eu trabalho das nove às onze e quinze. Depois almoço das onze e quinze ao meio-dia e depois volto a trabalhar do meio-dia até duas e quinze. Depois disso, tomo café na casa com mamãe e papai até três horas. Depois trabalho de novo até cinco e aí, janto. Depois vejo as notícias no canal 2 às seis horas, depois no canal 4 às seis e meia, depois no canal 1 às sete e meia e depois, novamente, no canal 2 às nove. Depois, durmo.

Ele ainda estava falando no mesmo tom monótono, parecendo não respirar durante todo o discurso. Sua voz também era um pouco alta e estridente demais, e Martin trocou um olhar com Gösta.

– Parece que você tem uma agenda bastante ocupada – disse Gösta –, mas, veja, é importante que converse conosco. Então realmente seria ótimo se pudesse nos dar uns minutinhos de seu tempo.

Morgan pareceu cogitar essa pergunta por um momento, mas depois decidiu concordar. Deu um passo para o lado e deixou-os entrar, mas era óbvio que não estava apreciando essa interrupção de sua rotina.

Martin ficou espantado quando entraram. A cabana consistia em uma pequena sala, que parecia servir tanto como sala de trabalho quanto quarto, e havia também uma pequena cozinha. O lugar parecia limpo e organizado, exceto por uma coisa. Havia pilhas de revistas por todos os lados. Caminhos estreitos foram organizados entre as pilhas para facilitar a movimentação entre as várias partes

da sala. Um caminho levava à cama, outro aos computadores e mais um à cozinha. Nas outras partes, o chão estava completamente coberto. Martin viu que a maioria das revistas era de computadores. A julgar pelas capas, aquela coleção tinha sido acumulada durante muitos anos. Algumas revistas pareciam novas, enquanto outras eram bastante antigas.

– Vejo que você se interessa por computadores – disse Martin.

Morgan meramente olhou para ele sem confirmar o que era óbvio nessa observação.

– Que tipo de trabalho você faz? – perguntou Gösta para preencher o silêncio embaraçoso.

– Crio jogos de computador. Principalmente fantasia – respondeu Morgan. Ele caminhou até os computadores, como se procurasse proteção. Martin notou que andava com um passo desajeitado, que ameaçava derrubar uma das pilhas de revistas. Mas, de alguma forma, ele conseguiu evitar isso e se sentou em frente a um computador sem causar nenhum acidente. Olhou de um jeito vago para Martin e Gösta, parados no meio das revistas. Estavam se perguntando como questionar esse estranho indivíduo. Havia algo errado com ele, mas não conseguiam saber o que era exatamente.

– Que interessante – disse Martin. – Sempre me perguntei como alguém conseguia criar aqueles mundos fantásticos. Deve ser necessária muita imaginação.

– Eu não crio os jogos, na verdade. Outras pessoas criam, eu só faço o código. Tenho síndrome de Asperger – acrescentou Morgan, com naturalidade. Martin e Gösta trocaram outro olhar espantado.

– Síndrome de Asperger? – disse Martin. – Infelizmente não sei o que é isso.

– Não, a maioria das pessoas não sabe – disse Morgan. – É uma forma de autismo, e normalmente está acompanhada por

inteligência normal ou alta. Eu possuo alta inteligência. Extremamente alta – ele acrescentou sem parecer colocar nenhuma emoção nessa declaração. – Quem tem Asperger possui dificuldades para entender coisas como expressões faciais, metáforas, ironia e tom de voz. O resultado é que temos problemas para interagir socialmente.

Parecia que ele estava lendo um livro, e Martin precisou fazer um esforço genuíno para acompanhar o discurso de Morgan.

– Então não consigo criar os jogos de computadores sozinho, já que isso demandaria imaginar os sentimentos de outras pessoas. Por outro lado, sou um dos melhores programadores na Suécia. – As palavras eram simplesmente declaração de um fato, sem qualquer colorido de orgulho.

Martin ficou fascinado. Nunca tinha ouvido falar em Síndrome de Asperger antes, e ouvir a explicação de Morgan o deixou genuinamente interessado. Mas estavam ali para trabalhar e era melhor começarem logo.

– Podemos sentar em algum lugar? – ele perguntou, olhando pela sala.

– Na cama – respondeu Morgan, apontando para uma cama estreita no canto da parede. Cuidadosamente, Gösta e Martin abriram caminho entre as pilhas de revistas e se sentaram na beira da cama. Gösta falou primeiro.

– Você deve saber o que aconteceu na última segunda-feira na casa dos Florin. Viu algo peculiar naquela manhã?

Morgan não respondeu, mas olhou para eles, sem expressão. Martin percebeu que “algo peculiar” poderia ser muito abstrato, então tentou reformular a pergunta de uma forma mais concreta. Não conseguia nem imaginar como seria difícil funcionar numa

sociedade sem ser capaz de interpretar todas as mensagens implicadas na comunicação humana.

– Você viu quando a garota saiu da casa? – ele disse hesitante, esperando que fosse preciso o suficiente para que Morgan respondesse.

– Sim, eu vi quando a garota saiu da casa – disse Morgan e depois ficou em silêncio, sem saber se havia algo mais a responder.

Martin estava começando a entender como as coisas funcionavam e perguntou com mais precisão:

– A que horas você a viu sair?

– Ela saiu às nove e dez – disse Morgan, ainda no mesmo tom alto e estridente.

– Você viu mais alguém naquela manhã? – perguntou Gösta.

– Sim.

– Quem você viu aquela manhã e a que horas? – disse Martin numa tentativa de antecipar Gösta. Ele sentiu que seu colega estava começando a ficar impaciente com o estranho entrevistado.

– Às quinze para oito, eu vi Niclas – respondeu Morgan.

Martin estava anotando tudo que ele respondia. Não duvidava que as horas estivessem exatas.

– Você conhecia Sara?

– Sim.

Gösta agora começou a se contorcer, e Martin correu para colocar uma mão de advertência no braço dele. Algo lhe dizia que uma explosão emocional não teria um efeito benéfico na tentativa de conseguir o máximo de informações de Morgan.

– Como você a conhecia?

A pergunta só levou a um olhar vazio de Morgan, e Martin refez a questão. Ele nunca tinha percebido como era difícil ser preciso

quando se fala ou quando normalmente se espera que a outra pessoa entenda a essência do que é dito.

– Ela vinha aqui às vezes?

Morgan assentiu:

– Ela interrompia minhas rotinas. Batia na porta quando eu estava trabalhando e queria entrar. Mexia nas minhas coisas. Uma vez ficou brava quando eu a mandei ir embora e derrubou algumas das minhas pilhas.

– Você não gostava dela? – disse Martin.

– Ela interrompia minhas rotinas. E derrubou minhas pilhas – disse Morgan, e isso era o mais próximo que podia chegar de mostrar qualquer emoção sobre a garota.

– O que você acha da avó dela?

– Lilian é uma pessoa horrível. É o que o papai diz.

– Ela falou que você espiou a casa dela pela janela. Você fez isso?

Morgan assentiu sem hesitação.

– Sim, espiei. Queria dar uma olhada. Mas mamãe ficou brava quando falei isso. Ela me disse que não devia fazer isso.

– Então você parou de fazer isso? – perguntou Gösta.

– Sim.

– Porque sua mãe disse que você não devia espiar? – o tom de Gösta era sarcástico, mas Morgan não percebeu.

– Sim, mamãe sempre me fala o que devemos e o que não devemos fazer. Praticamos coisas que devem ser feitas e ditas. Ela me ensina que mesmo se alguém diz uma coisa, pode significar outra completamente diferente. De outra forma, eu poderia dizer ou fazer a coisa errada. – Morgan olhou para o relógio. – São dez e meia. Eu deveria voltar ao trabalho agora.

– Não vamos atrapalhar muito mais – disse Martin, ficando em pé. – Por favor, perdoe-nos por perturbar sua rotina, mas, como policiais, nem sempre levamos essas coisas em consideração.

Morgan pareceu contente com essa explicação e já tinha se virado para a tela de computador.

– Fechem a porta ao sair – falou – ou ela fica batendo.

– Que tipo estranho – disse Gösta quando atravessavam o jardim até o carro que estava estacionado no outro quarteirão.

– Achei-o fascinante, de fato – falou Martin. – Nunca tinha ouvido falar em Síndrome de Asperger, e você?

Gösta riu.

– Não, isso é algo que não existia no meu tempo. Há tantos diagnósticos estranhos hoje em dia. Pessoalmente, acho que o termo “idiota” explica muita coisa.

Martin suspirou e se sentou no banco do motorista. Gösta não tinha muita empatia, com certeza.

Algo estava martelando no subconsciente de Martin. Algo que o fazia se questionar se tinham feito realmente as perguntas corretas. Lutou com sua memória, mas finalmente desistiu. Talvez só estivesse imaginando coisas.

A clínica estava envolta numa névoa cinzenta e só havia um carro no estacionamento. Ernst ainda estava aborrecido por ter recebido uma bronca de Patrik por chegar tarde. Desceu do carro e caminhou até a entrada principal. Furioso, Patrik bateu a porta do carro com força e correu atrás dele. Era como lidar com uma criança.

Passaram pelo balcão da farmácia e viraram à esquerda para chegar à área de recepção. Não havia ninguém, e seus passos ecoaram no corredor deserto. Finalmente, encontraram uma enfermeira e perguntaram onde estava Niclas. Ela os informou que

estava com um paciente, mas ficaria livre em dez minutos, e pediu que se sentassem e esperassem. Patrik sempre ficava fascinado com a similaridade de todas as salas de espera das clínicas. Os mesmos móveis tristes de madeira com estofados feios, a mesma arte sem sentido nas paredes e sempre as mesmas revistas chatas. Ele folheou uma publicação chamada *Care Guide* sem prestar atenção e ficou surpreso por descobrir como existiam tantas doenças das quais nunca tinha ouvido falar. Ernst tinha se sentado o mais longe possível, batendo nervoso os pés no chão. Ocasionalmente, Patrik o pegava olhando feio para ele, mas isso não o importunava. Ernst podia pensar o que quisesse, contanto que fizesse seu trabalho.

– O médico está livre agora – disse a enfermeira. Ela os acompanhou até a sala onde Niclas estava sentado atrás de uma mesa cheia de papéis. Parecia exausto. Levantou-se e os cumprimentou, esboçando até um sorriso. Mas o sorriso se transformou numa careta ansiosa.

– Alguma novidade na investigação? – ele perguntou.

Patrik balançou a cabeça.

– Estamos trabalhando o mais rápido que conseguimos, mas até agora sem muito progresso. Mas estamos a ponto de descobrir algo – ele falou, esperando soar reconfortante. No entanto, dentro de si, as dúvidas estavam piorando. Estava longe de ter certeza de que seriam bem-sucedidos.

– Em que posso ajudá-los? – perguntou Niclas cansado enquanto passava a mão pelos cabelos loiros.

Patrik não pôde deixar de refletir que o homem à sua frente parecia um modelo desses romances sobre lindas enfermeiras e médicos bonitões. Mesmo agora, seu charme continuava brilhando, e Patrik só conseguia imaginar como ele devia atrair as mulheres.

De acordo com o que tinha ouvido de Erica, isso era um problema no casamento com Charlotte.

– Temos algumas perguntas em relação a suas atividades na manhã de segunda – começou Patrik. Ernst ainda estava aborrecido e ignorou os olhares de Patrik para que participasse.

– Ah, sim? – perguntou Niclas, aparentemente tranquilo, mas Patrik achou que havia percebido uma mudança em seu rosto.

– Você nos contou que estava trabalhando.

– Sim, eu vim para cá às quinze para as oito, como sempre – disse Niclas, mas seu nervosismo era evidente.

– É isso que não entendemos – disse Patrik numa última tentativa de envolver Ernst. Mas seu colega só olhava obstinadamente pela janela, para o estacionamento.

– Tentamos encontrá-lo durante umas duas horas naquela manhã. E você não estava. Claro que poderíamos checar com a enfermeira – disse Patrik, gesticulando para a porta. – Presumo que ela toma nota dos horários e posso ver se você estava aqui naquela manhã.

Agora Niclas estava se retorcendo na cadeira, gotas de suor tinham aparecido em sua testa. Mas ele ainda lutava para parecer calmo, e Patrik precisou admitir que estava fazendo um bom trabalho. Numa voz tranquila, Niclas disse:

– Oh, agora me lembro. Eu tirei algum tempo para andar de carro e olhar algumas casas que estavam à venda. Não mencionei isso a Charlotte porque queria fazer uma surpresa.

A explicação teria parecido plausível se não fosse pela tensão que Patrik sentiu por baixo do tom de voz calmo. Ele não acreditou nem por um minuto no que Niclas estava dizendo.

– Poderia ser um pouco mais preciso? Que casas você foi olhar?

Niclas deu um sorriso nervoso e parecia estar tentando pensar numa forma de ganhar tempo.

– Eu teria de checar, não me lembro realmente – falou, hesitante.

– Não há muitas casas à venda por aqui no momento. Você deve pelo menos se lembrar dos bairros que visitou. – Patrik pressionou ainda mais e viu que Niclas estava ficando cada vez mais nervoso. Era evidente que ele não estava procurando casas naquela manhã.

Seguiu-se um momento de silêncio. Era óbvio que o cérebro de Niclas trabalhava rápido para tentar salvar a situação. Mas então Patrik o viu desistir, e todo seu corpo desmoronou. Agora talvez chegassem a algum lugar.

– Eu não... – a voz de Niclas falhou, e ele recomeçou. – Não quero que Charlotte fique sabendo disso.

– Não podemos prometer nada. As coisas têm uma tendência a aparecer uma hora ou outra, mas estamos dando uma oportunidade de você apresentar sua versão antes que outra pessoa nos conte.

– Você não entende. Isso iria destruir Charlotte completamente se... – Sua voz falhou de novo e, apesar de Patrik não ter ideia onde isso ia terminar, não pôde deixar de sentir certa simpatia por Niclas.

– Como falei, não posso prometer nada. – Ele esperou que Niclas contivesse a ansiedade e continuasse. Pensou na doce e gentil Charlotte e, de repente, sua simpatia estava misturada com repugnância. Às vezes, sentia vergonha de ter de ouvir os machos da espécie.

– Eu... – Niclas limpou a garganta. – Eu estava com alguém.

– E quem poderia ser? – perguntou Patrik. Ele já tinha desistido completamente de fazer Ernst participar da conversa. Mas, de

repente, o colega se virou e olhou para o entrevistado com grande interesse.

– Jeanette Lind.

– A dona da loja de presentes em Galärbacken? – perguntou Patrik. Ele conseguia se lembrar vagamente de uma mulher pequena, curvilínea e de cabelos negros.

Niclas assentiu.

– Isso, essa Jeanette. Nós... – mais uma vez a hesitação. – Nós estamos nos encontrando faz algum tempo.

– Quanto tempo?

– Uns dois meses. Três, talvez.

– Como vocês dois conseguem fazer isso? – A curiosidade de Patrik era genuína. Ele nunca entendeu como as pessoas conseguiam encontrar tempo para ter casos. Ou como ousavam. Principalmente numa cidade pequena como Fjällbacka, onde um carro estacionado por cinco minutos na porta da casa de alguém era suficiente para começar os rumores.

– Às vezes no almoço, às vezes eu dizia que estava trabalhando até tarde. Uma vez fingi que tinha recebido uma chamada urgente.

Patrik precisou se controlar para não se levantar e dar um soco naquele sujeito. Mas seus sentimentos pessoais eram irrelevantes. Eles só estavam investigando o álibi de Niclas.

– E na última segunda de manhã, você simplesmente tirou algumas horas para ver... Jeanette.

– Isso mesmo – disse Niclas numa voz rouca. – Falei que tinha algumas visitas médicas atrasadas, mas que poderia ser encontrado no meu celular se acontecesse algo.

– Mas não o encontramos. Tentamos contatá-lo através da sua enfermeira várias vezes, e você não atendeu.

– Eu esqueci de carregá-lo. Ele ficou sem bateria depois que deixei a clínica, mas nem percebi.

– E a que horas você saiu da clínica para encontrar sua amante?

A última palavra pareceu atingir Niclas como um tapa na cara, mas ele não falou nada. Em vez disso, passou a mão pelos cabelos mais uma vez e disse, cansado:

– Logo depois das nove e meia, acho. Fiz umas consultas telefônicas entre oito e nove e depois cuidei da papelada por meia hora. Então, entre nove e trinta e nove e quarenta, acho.

– E nós o encontramos pouco antes da uma. Foi então que você voltou para a clínica? – Patrik estava lutando para manter a voz neutra, mas não podia deixar de imaginar Niclas na cama com a amante, enquanto a filha estava morta no mar. Por qualquer ângulo que se olhasse, Niclas Klinga não apresentava uma figura atraente.

– Correto. Tinha de começar a atender à uma, então voltei uns dez minutos antes.

– Vamos ter de conversar com Jeanette para verificar sua história. Entende isso, não? – perguntou Patrik.

Niclas assentiu desanimado. Repetiu seu pedido mais uma vez:

– Tente manter a Charlotte fora disso: seria devastador para ela.

Você deveria ter pensado nisso antes, pensou Patrik, mas não disse nada em voz alta. Niclas provavelmente pensara a mesma coisa nos últimos dias.

Capítulo 15

Fjällbacka, 1924

Fazia tanto tempo que ele já não sentia nenhum prazer no trabalho que aqueles dias pareciam um sonho distante e prazeroso. A labuta diária o tinha feito perder todo entusiasmo, e agora ele trabalhava mecanicamente na tarefa que tivesse de cumprir. As exigências de Agnes pareciam nunca terminar. E ela não conseguia fazer o dinheiro durar, enquanto as famílias dos outros escultores conseguiam, apesar de geralmente terem muito mais filhos para alimentar. Tudo que trazia para casa parecia escorrer pelos dedos dela, e ele acabava indo trabalhar com fome, porque não havia dinheiro para comprar comida. Mas levava para casa todo öre que ganhava. O pôquer era a maior diversão entre os escultores. Os jogos aconteciam todas as noites e fins de semana e geralmente terminavam com alguns homens indo para casa com os bolsos vazios. Suas esposas havia muito tinham se resignado e mostravam a amargura no rosto.

Amargura era um sentimento que estava começando a tomar conta dele também. A vida com Agnes, que parecia ser um lindo sonho menos de um ano atrás, tinha se transformado numa espécie de punição. A única coisa que ele tinha feito de errado foi amá-la e colocar um filho dentro dela, mas, mesmo assim, estava sendo punido como se tivesse cometido o maior dos pecados mortais. Ele não conseguia nem se sentir feliz com a criança na barriga dela. Sua gravidez não tinha sido livre de dor e, agora que ela estava no

último estágio, as coisas estavam piores do que antes. Durante toda a gravidez, ela tinha reclamado de todos os tipos de dores e se recusado a cuidar das obrigações diárias. Isso significava que ele não só trabalhava na pedreira de manhã até a noite, mas também fazia todas as tarefas que eram competência da esposa. Não ajudava saber que os outros escultores se revezavam rindo ou sentindo pena dele por ter de fazer as tarefas da mulher. O mais frequente era que estivesse simplesmente muito exausto para se importar com o que os outros diziam.

Mesmo assim, Anders esperava o nascimento do filho. Talvez o amor materno fizesse Agnes parar de se sentir o centro do mundo. Um bebê precisava ser o centro da atenção, e isso provavelmente seria uma experiência útil para sua esposa. Porque ele se recusava a desistir da ideia de que o casamento poderia funcionar. Levava a sério suas promessas. Agora que tinham criado uma ligação legalmente reconhecida, não era algo a ser meramente dissolvido, não importa quão difícil a situação pudesse ser.

Naturalmente, ele olhava ocasionalmente para as outras mulheres no acampamento, mulheres que trabalhavam duro e nunca reclamavam. Pensou que a vida tinha sido injusta com ele, mas, ao mesmo tempo, percebia com toda a honestidade que ele era o responsável por essa situação. E, conseqüentemente, tinha perdido o direito de reclamar.

Com passos duros, seguiu para casa pelo caminho estreito. Esse dia tinha sido tão monótono quanto todos os outros. Passara o tempo cortando pedras de pavimentação, e um ombro estava doendo, onde um mesmo músculo tinha sido sujeitado a muita tensão. A fome estava comendo seu estômago também; não havia nada em casa que pudesse ter levado para o almoço. Se Jansson da cabana ao lado não tivesse ficado com pena e compartilhado seu

sanduíche, Anders não teria comido nada o dia todo. Não, pensou, a partir de agora, não iria mais confiar seus salários a Agnes. Ele ficaria responsável por comprar comida, assim como tinha assumido as outras tarefas. Podia aguentar ficar sem comida, mas não tinha nenhuma intenção de deixar seu filho com fome. Era o momento de começar a introduzir algumas rotinas diferentes em casa.

Suspirou e fez uma pausa por um momento antes de abrir a frágil porta de madeira e entrar em casa para encontrar a esposa.

Por trás da porta de vidro da recepção, Annika tinha uma boa visão de todo mundo que entrava e saía. Mas hoje tudo estava quieto. Somente Mellberg estava em sua sala, e ninguém tinha vindo à delegacia com alguma urgência. Mas a mesa dela estava cheia de atividade. A divulgação na mídia tinha produzido resultados, levando a uma confusão de ligações, mas ainda era muito cedo para dizer se havia algo que valia a pena investigar. Nem era ela quem decidiria isso. Simplesmente anotava toda informação, com o nome e o número de telefone do informante. As notas eram então passadas para o investigador responsável. Nesse caso, Patrik era o feliz receptor de uma grande dose de boatos e acusações infundadas que, na experiência dela, compunham a maior parte das chamadas.

Mas esse caso tinha gerado mais rumores do que o normal. Qualquer coisa que tivesse a ver com crianças normalmente criava comoção entre o público, e nada era pior do que um assassinato. Mas não era uma imagem agradável que ela tinha da população em geral quando atendia as ligações. O mais notável era o fato de que a tolerância moderna por homossexuais não tinha criado raízes fora das grandes cidades. Ela estava recebendo muitas dicas de homens que eram suspeitos simplesmente por causa da homossexualidade

confirmada ou especulada. Na maioria dos casos, os argumentos apresentados beiravam o ridículo. Era suficiente que um homem tivesse uma profissão não tradicional para Annika ouvir que deveria ser “um desses pervertidos”. De acordo com a lógica da cidade pequena, só isso já era suficiente para acusá-lo de todo tipo de coisas. Até o momento, ela tinha recebido diversos telefonemas sobre um cabeleireiro local, um florista de meio período e um professor que aparentemente tinha cometido o terrível erro de gostar de camisas cor-de-rosa. O mais suspeito de todos era um enfermeiro. Annika contava dez ligações sobre esse último indivíduo e colocou todas de lado com um suspiro. Às vezes, ela se perguntava quando o tempo avançaria nas cidades pequenas.

A ligação seguinte acabou sendo diferente. A mulher do outro lado da linha queria permanecer anônima, mas a dica que ela deu era, sem dúvida, interessante. Annika se animou e escreveu exatamente o que a mulher contou. Essa ia para o topo da pilha. Um arrepio percorreu suas costas, porque sentiu que tinha ouvido algo crucial para o caso. Era tão raro que pudesse ajudar a desvendar um caso que não pôde reprimir um sentimento de satisfação. Isso poderia ser um desses momentos. O telefone tocou, e ela atendeu. Outra ligação sobre o florista.

Relutantemente, Arne colocou os hinários nos bancos da igreja. Normalmente, gostava dessa tarefa, mas hoje não. Invenções modernas! Um serviço de música na noite de sexta, e não tinha nada a ver com música sacra. Alegre, animada e completamente pagã! Música deveria ser tocada na igreja durante o culto de domingo e, preferivelmente, hinos tradicionais do hinário. Hoje em dia, podia-se tocar qualquer coisa e, em alguns casos, as pessoas até eram levadas a bater palmas. Bom, ele estava feliz por não ser tão ruim quanto em Strömstad, onde o pastor trazia um artista pop

atrás do outro. Nessa noite, pelo menos, eram somente alguns jovens da faculdade de música que iriam se apresentar, não umas mulheres tontas de Estocolmo fazendo uma turnê pelo país com canções melosas que podiam tocar tanto na casa de Deus quanto para bêbados em parques públicos.

Seriam hinos de qualquer forma e, com cuidado meticuloso, Arne pendurou os números no quadro à direita do coro. Quando terminou de colar os números, deu um passo para trás para garantir que todos estavam alinhados. Sentia orgulho de ter todos os detalhes perfeitos.

Se pudesse criar a mesma ordem entre os seres humanos, tudo seria muito melhor. Em vez de pensar em suas idiotices, as pessoas poderiam ouvi-lo e aprender. Estava tudo na Bíblia, afinal. Tudo estava descrito nos menores detalhes, se se preocupassem em ler o que dizia as Escrituras.

Estava novamente sentindo a dor de não ser pastor. Depois de olhar cuidadosamente ao redor para garantir que estava sozinho, abriu a porta do coro e subiu com reverência no altar. Olhou para Cristo, esquelético e ferido pendurado na cruz. Isso era a vida. Estudar o sangue escorrendo das feridas de Jesus, observar como os espinhos cortavam seu crânio e depois abaixar a cabeça em respeito. Ele se virou e olhou para os bancos vazios. Na sua mente, eles estavam cheios de pessoas, sua congregação, seu público. Levantou timidamente as mãos para o ar e falou, numa voz dura e cheia de ecos: "Que o Senhor reluz sobre vocês...".

Imaginou as pessoas sendo tomadas por suas palavras. Viu como recebiam a bênção em seus corações e olhavam para ele com o rosto brilhando. Arne abaixou as mãos e deu uma olhada para o púlpito. Nunca tinha ousado subir ali, mas hoje era como se o Espírito Santo o estivesse preenchendo. Se seu pai não tivesse

ficado no caminho de seu chamado, ele poderia ter se aproximado do púlpito com o mesmo direito que tinha um pastor. Da plataforma, elevada acima das cabeças da congregação, ele poderia ter pregado a palavra de Deus.

Timidamente, caminhou até o púlpito, mas quando colocou o pé no primeiro degrau, ouviu a pesada porta da igreja se abrir. Tirou o pé e voltou para o lado do coro. A amargura que sentia queimava dentro do peito.

A loja só abria durante os meses de verão e nos feriados, então Patrik e Ernst precisaram procurar Jeanette no trabalho em que ganhava a vida durante os outros nove meses do ano. Era garçonete num restaurante em Grebbestad que ficava aberto no inverno, e Patrik sentiu seu estômago roncar quando entraram. Mas ainda era cedo para almoçar, então o lugar estava vazio. Uma jovem caminhava lentamente entre as mesas, arrumando-as.

– Jeanette Lind?

Ela se virou e olhou para eles:

– Sim, sou eu.

– Patrik Hedström e Ernst Lundgren. Somos da polícia de Tanumshede. Gostaríamos de fazer algumas perguntas, se estiver tudo bem.

Ela assentiu, mas em seguida abaixou a cabeça. Se tivesse algum poder de dedução, provavelmente sabia por que estavam ali.

– Gostariam de tomar café? – ela perguntou, e os dois assentiram.

Patrik ficou olhando enquanto ela foi até a cafeteira. Reconheceu seu tipo. Pequena, cabelos pretos e curvilínea. Grandes olhos castanhos, e cabelos com uma ondulação natural que ultrapassavam os ombros. Certamente a garota mais bonita de sua classe, talvez até a mais bonita da escola. Popular e sempre saindo

com rapazes mais velhos e mais *cool*. Mas quando terminava a escola, o auge dessas garotas também chegava ao fim. E acabavam ficando em suas cidades, conscientes de que pelo menos mantinham um pouco do status de estrela, enquanto em qualquer outra cidade pareceriam medíocres em comparação com as hordas de outras garotas bonitas. Patrik achava que Jeanette era bem mais jovem do que ele, e também bem mais jovem que Niclas. Vinte e cinco, no máximo.

Ela colocou uma xícara de café na frente de cada um deles e jogou os cabelos para trás quando se sentou à mesa. Na juventude, Jeanette tinha, sem dúvida, praticado esse movimento centenas de vezes na frente do espelho. Patrik precisou admitir que, no momento, ela tinha dominado o gesto de flerte.

– Está bem, mandem bala, ou sei lá como dizem nos filmes americanos. – Ela deu um sorriso irônico, e seus olhos diminuíram um pouco quando olhou para Patrik.

Contra sua vontade, ele teve de admitir que podia entender o que Niclas tinha visto nela. Também tinha passado muitos anos desejando as garotas mais bonitas da escola. Os garotos eram todos iguais. Mas nunca teve nenhuma chance. Baixinho, magro e com boas notas, era classificado como um dos caras médios. Só podia admirar de longe os garotos fortes que cabulavam as aulas de matemática para ficar na área de fumantes com um cigarro pendurado no canto da boca. Apesar de, com o tempo, claro, enquanto fazia seu trabalho, ter encontrado muitos desses rapazes. Alguns deles até podiam chamar a cela dos bêbados na delegacia de seu segundo lar.

– Estávamos falando com Niclas Klinga e... – ele hesitou – seu nome surgiu.

– Tenho certeza que sim – disse Jeanette, obviamente nem um pouco embaraçada com o contexto em que seu nome foi mencionado. Ela olhou com calma para Patrik e esperou que continuasse.

Ernst estava sentado quieto, como sempre, e com cuidado tomou um gole de seu café quente. Os olhares que dava a Jeanette contradiziam o fato de que era velho o suficiente para ser seu pai. Patrik olhou bravo para seu colega e precisou conter a vontade de chutar sua perna por baixo da mesa.

– Bom, ele disse que vocês estavam juntos na segunda de manhã, isso é correto?

Ela jogou os cabelos de novo, da forma como tinha praticado, e assentiu.

– É verdade, sim. Estávamos na minha casa. Tive folga na segunda.

– A que horas Niclas chegou a sua casa?

Ela examinou as unhas enquanto pensava no que responder. Eram compridas e benfeitas. Patrik se perguntou como conseguia trabalhar com as unhas tão compridas.

– Umas nove e meia, acho. Não, na verdade tenho certeza, porque coloquei o alarme para nove e quinze e estava no chuveiro quando Niclas chegou.

Ela sorriu, e Patrik começou a sentir nojo. Ele via Charlotte, Sara e Albin, mas tais imagens aparentemente não preocupavam Jeanette.

– E por quanto tempo ele ficou?

– A gente almoçou ao meio-dia, e ele tinha uma consulta à uma hora na clínica, então provavelmente saiu da minha casa uns vinte minutos antes, acho. Eu vivo em Kullen, então a clínica não fica longe. – Outro pequeno sorriso.

Agora Patrik realmente precisou se controlar para não mostrar seu desgosto. Mas Ernst parecia não ter nenhuma objeção a Jeanette. Olhava com crescente avidez para ela.

– E Niclas ficou na sua casa o tempo todo? Não saiu em nenhum momento?

– Não – ela disse, calma –, ele não foi a lugar nenhum, posso garantir.

Patrik olhou para Ernst e perguntou:

– Você tem algo a acrescentar? – Seu colega respondeu balançando a cabeça, então ele guardou suas notas.

– Voltaremos com mais perguntas, tenho certeza, mas por enquanto é isso.

– Bom, espero que tenha sido de alguma ajuda – ela disse, levantando-se. Não falou uma palavra sobre o fato de a filha de seu amante ter morrido. Que uma criança tivesse sido assassinada enquanto ela estava na cama com o pai. Havia algo de indecente em sua óbvia falta de empatia.

– Sim, obrigado – ele falou bruscamente, colocando a jaqueta que tinha deixado no espaldar da cadeira. Enquanto caminhavam para a porta, percebeu que ela tinha voltado a arrumar as mesas. Estava cantarolando alguma música, mas não conseguiu ouvir qual era.

Charlotte caminhava de um lado para o outro no quarto no porão onde estavam vivendo nos últimos meses. A dor em seu peito a deixava inquieta e a obrigava a continuar se movendo. Sentia-se culpada por não conseguir cuidar direito de Albin. Tinha deixado que sua mãe fizesse isso; em meio à sua dor não havia espaço para o bebê. No sorriso e nos olhos azuis dele, ela só conseguia ver Sara. Eles se pareciam tanto quando tinham a mesma idade; doía ver como eram parecidos. Também doía ver como ele era ansioso e

medroso. Era como se Sara tivesse sugado toda a energia que deveria ter sido dividida entre as duas crianças, não deixando nada para ele. Mas Charlotte sabia por que era assim. O segredo estava em seu peito. Esperava que pudesse consertar as coisas.

Charlotte se arrependera do que tinha dito a Erica no dia anterior. No momento, ela e Niclas precisavam ficar juntos; suas suspeitas só tornavam as coisas mais complicadas. Ela podia ver que ele estava sofrendo e, se essa tragédia não pudesse aproximá-los, então não havia nenhuma esperança.

Desde que tinha saído da névoa criada pelos sedativos, Charlotte tinha desejado que Niclas fosse o homem que ela esperava que ele pudesse ser. Carinhoso, atencioso e amoroso. Ela tivera visões disso antes e era esse lado dele que amava. Agora, só queria ser capaz de confiar nele; queria que ele fosse o mais forte dos dois. Mas não tinha sido assim. Ele tinha se fechado, voltado a trabalhar o mais rápido que pôde, deixando-a ali, entre os pedaços quebrados da vida deles.

Seu pé bateu em algo. Charlotte começou a se abaixar, mas parou abruptamente. Tinha pedido para Niclas tirar todas as coisas de Sara, e ele havia passado uma manhã inteira colocando tudo em caixas e levando para o sótão. Mas havia esquecido uma coisa. O ursinho de Sara estava meio enfiado embaixo da cama, e era isso que Charlotte havia sentido com o pé. Ela o pegou com gentileza e depois sentou-se na ponta da cama quando tudo começou a girar. O ursinho parecia estar sujo. Sara tinha se recusado a deixar que fosse lavado, então parecia ter saído de uma briga de rua. O bicho também exalava um cheiro estranho, e possivelmente era esse cheiro que não devia ser perdido na máquina de lavar e substituído pelo cheiro de sabão. O urso não tinha um olho, e Charlotte tocou os fios que antes mantinham um botão naquele lugar. Fazia umas

duas horas que ela tinha chorado, o intervalo sem lágrimas mais longo desde que a polícia trouxera a notícia da morte de Sara. Agora os soluços começaram a crescer em seu peito novamente. Charlotte abraçou o ursinho e se deitou na cama. Foi então que a dor tomou conta.

– Haverá ainda mais coisas estranhas? – Pedersen disse no telefone. – Pela primeira vez na história do mundo temos um resultado de análise que voltou mais rápido do que o previsto.

– Calma, eu preciso parar o carro – disse Patrik, procurando um lugar. Ernst apontou para um pequeno ponto na floresta ao lado da estrada que serviria.

– Certo, não sou mais um perigo para o trânsito. Então, o que os testes revelaram? – ele perguntou. Estava claro, pelo tom de voz, que não estava esperando muito. Provavelmente, só tinham conseguido identificar o que Sara havia comido no café da manhã. Quanto à água nos pulmões, Patrik tinha investigado um pouco por conta própria e descoberto que não havia muita esperança de que conseguissem identificar exatamente que tipo de sabão estava envolvido. Pedersen confirmou isso imediatamente.

– Como falei antes, a água era de tipo comum, e a mistura específica de substâncias encontradas nela mostra sem qualquer dúvida que era da área de Fjällbacka. Infelizmente, os vestígios de sabão não puderam ser ligados a nenhuma marca específica.

– Bom, isso não é um grande avanço – suspirou Patrik. Ele ficou desencorajado e mais uma vez sentiu o caso escorregando por entre seus dedos.

– Não, nada no que diz respeito ao que encontramos nos pulmões – disse Pedersen com um misterioso tom de voz. Patrik se endireitou no banco do motorista.

– O que mais você conseguiu? – perguntou, segurando a respiração enquanto esperava pela resposta.

– Certo, aqui vai, apesar de eu não saber o que significa – respondeu o legista. – A análise do conteúdo do estômago da garota confirma o que a família disse que ela comeu no café da manhã, mas... – Ele fez uma pausa, e Patrik quase gritou de impaciência. – Havia algo estranho em seu estômago. Parece que a garota comeu cinzas.

– Cinzas? – disse Patrik com um olhar espantado.

– Isso – falou Pedersen – e como encontramos isso no estômago, o laboratório deu outra olhada na água nos pulmões e encontrou pequenos vestígios de cinzas também. Tínhamos deixado de ver na primeira análise.

– Mas como ela poderia ter vestígios de cinzas no corpo? – Pelo canto dos olhos Patrik viu Ernst atentar e virar para encará-lo.

– É impossível dizer com certeza, mas depois de olhar os dados e repassar o relatório da autópsia, minha teoria é que alguém forçou as cinzas para dentro dela oralmente. Encontramos vestígios na boca e no esôfago também, apesar de a maior parte ter sido eliminada pela água.

Patrik não disse nada, mas os pensamentos estavam girando em sua cabeça. Por que alguém forçaria a garota a comer cinzas? Ele tentou se recuperar e focar no que precisava perguntar.

– Mas por que ela teria cinzas nos pulmões, se foi forçada a engoli-las?

– Mais uma vez, é somente especulação de minha parte, mas é possível que as cinzas tenham entrado pelo lado errado quando foram enfiadas pela boca. Se ela já estivesse na banheira quando foi forçada a engolir as cinzas, elas poderiam ter ido parar na água.

E quando foi afogada, as cinzas na água poderiam ter entrado nos pulmões.

Com uma clareza alarmante, Patrik conseguia ver a cena toda. Sara numa banheira, uma figura desconhecida e ameaçadora forçando um monte de cinzas em sua boca e depois segurando seu nariz e sua boca fechados para forçá-la a engolir. As mesmas mãos que mais tarde seguraram sua cabeça embaixo d'água até que as bolhas parassem de subir à superfície e tudo ficasse em silêncio.

Um som baixo saiu das árvores ao lado do carro e rompeu o silêncio opressivo. Com a voz baixa, ele disse a Pedersen:

– Pode mandar por fax tudo isso para nós?

– Já mandei. E o laboratório vai fazer mais testes com as cinzas para ver se conseguem encontrar algo útil ali. Mas eles não queriam esperar os resultados; acharam que era melhor passar essa informação imediatamente.

– Estavam certos quanto a isso. Quando você acha que podemos conseguir mais informações sobre as cinzas?

– No meio da semana que vem, acho – disse Pedersen. Então, acrescentou em voz baixa: – Como está indo? Algum avanço?

Era estranho o legista fazer perguntas sobre a investigação, mas isso não surpreendeu Patrik. A morte de Sara parecia ter afetado muitas pessoas, até mesmo as mais acostumadas com assassinatos. Ele pensou por um momento, antes de responder.

– Não muitos, infelizmente. Para ser honesto, não temos muitas coisas que nos ajudem. Mas com sorte isso nos dará alguma pista. Não que eu consiga ver como, neste momento, mas é uma informação estranha o suficiente para levar a alguma resposta.

– Esperemos que sim – disse Pedersen.

Patrik contou a Ernst um breve resumo do que tinham encontrado. Os dois ficaram sentados em silêncio por um momento,

enquanto o barulho continuava nos arbustos do lado de fora do carro. Patrik esperava ver um alce vir correndo na direção deles, mas eram provavelmente somente alguns pássaros ou esquilos correndo sobre as folhas caídas do outono.

– O que você acha, é hora de dar uma boa olhada no banheiro dos Florin?

– A gente já não devia ter feito isso? – perguntou Ernst.

– Pode ser – Patrik respondeu amargo, bem consciente de que Ernst estava certo. – Mas não fizemos, então antes tarde do que nunca.

Ernst não respondeu. Patrik pegou seu celular e fez as ligações necessárias para juntar a equipe técnica e de apoio de Uddevalla. Com as palavras de Ernst ainda nos ouvidos, fez seu pedido soar o mais urgente possível, e foi prometido que a equipe iria naquela mesma tarde.

Com um suspiro, Patrik ligou o carro e colocou em marcha a ré. Em sua cabeça, havia pensamentos sobre as cinzas. E a morte.

Capítulo 16

Fjällbacka, 1924

Agnes odiava sua vida. Ainda mais do que tinha pensado ser possível no dia em que chegou ao novo lar. Nunca em seus sonhos mais absurdos ela poderia ter imaginado que tudo seria tão pobre e miserável. E como se a questão física não fosse ruim o bastante, seu corpo tinha inchado e ela estava feia e estranha. Suava o tempo todo no calor do verão, e seus cabelos, antes penteados de forma tão cuidadosa, estavam soltos em fios escorridos. Ela não desejava nada mais do que se livrar da criatura que a tinha transformado nessa figura repulsiva; ao mesmo tempo, estava aterrorizada por dar à luz. O mero pensamento sobre isso a fazia se sentir débil.

Viver com Anders era também uma aflição. Se ao menos ele tivesse um pouco de coragem! Em vez daqueles olhos de cachorrinho que a seguiam por todos os lados, pedindo um pouco de atenção. Agnes sabia que as outras mulheres a desprezavam porque não passava o dia todo esfregando sua casa nojenta como elas. Nem esperava o marido ingrato com tudo pronto. Mas como esperavam que agisse da mesma forma? Afinal, vinda de uma classe social superior e com uma boa educação, ela era muito melhor do que as outras. Era insensato que Anders exigisse que ficasse de quatro e esfregasse o chão nojento ou corresse até a pedreira para levar o almoço dele. Além disso, ele tinha a coragem de reclamar da forma como gastava as poucas moedas que trazia

para casa. Na sua condição, ela não devia fazer nada e sempre comprava coisas boas quando ia ao mercado. Não deveria causar uma confusão terrível só porque se permitia algum luxo, em vez de gastar todo o dinheiro em manteiga ou farinha.

Agnes suspirou e colocou o pé inchado sobre o banquinho à sua frente. Na maioria das tardes sentava-se ali, ao lado da pequena janela, e sonhava com o modo como a vida poderia ser diferente. Se seu pai não fosse tão cabeça-dura. Às vezes, ela pensava em partir para Strömstad e se colocar de joelhos diante dele para pedir perdão. Se acreditasse que havia uma chance, mesmo mínima, de que esse gesto pudesse dar certo, ela já o teria feito. Mas conhecia seu pai e sabia no fundo de seu coração que não ajudaria. Ela estava presa ali e, até achar alguma forma de sair da atual situação, iria simplesmente esperar.

Ouviu passos na entrada. Com um suspiro percebeu que devia ser Anders chegando em casa. Se ele esperava que o jantar estivesse na mesa, ia ficar desapontado. Considerando a dor e o sofrimento que estava aguentando para ter o filho dele, era ele que devia preparar o jantar para ela. Não que houvesse muita comida na casa. O dinheiro sempre acabava uma semana depois do pagamento e ainda demorava mais uma semana para receber o salário seguinte. Mas, como ele se dava bem com o casal Jansson da porta ao lado, podia ir até lá e pedir um pedaço de pão e talvez pudesse conseguir um pouco de sopa.

– Boa noite, Agnes – disse Anders, abrindo timidamente a porta. Apesar de estarem casados havia mais de seis meses, não tinham desenvolvido nenhuma atmosfera familiar, e ele parecia perplexo parado ali na porta.

– Boa noite – ela bufou, fechando a cara para a aparência suja dele. – Você precisa trazer toda essa sujeira para dentro? Pelo

menos tire os sapatos.

Obediente, ele tirou os sapatos e colocou-os nos degraus do lado de fora.

– Tem algo para comer? – perguntou, o que fez Agnes olhar como se ele tivesse dito o pior dos xingamentos.

– Parece que eu posso ficar de pé cozinhando para você? Quase não consigo me levantar, e você espera que seu jantar estejaquentinho na mesa assim que chega em casa? E como eu poderia comprar o jantar? Você não traz dinheiro suficiente para que possamos fazer refeições apropriadas e no momento não sobrou nenhum öre. E a dona da venda não nos dá mais crédito, aquela velha miserável.

Anders fez uma careta com a menção ao crédito. Ele odiava estar em dívida, mas nos últimos seis meses, desde que passara a morar com Agnes, ela tinha comprado muitas coisas fiado.

– Bom, acho que deveríamos conversar sobre isso... – ele começou a falar, e Agnes começou a suspeitar de algo. Aquilo não parecia bem.

Anders continuou:

– Provavelmente é melhor que eu cuide do dinheiro de agora em diante.

Não olhou para ela quando disse isso, e Agnes conseguia sentir a raiva crescendo dentro de si. O que ele queria dizer com aquilo? Ela agora seria roubada da única alegria que tinha sobrado em sua vida?

Vendo vagamente a tempestade que suas palavras tinham provocado, Anders falou:

– Já é difícil para você ir até o mercado e, quando o bebê nascer, será ainda mais complicado, então o melhor é que eu cuide dessa tarefa.

Ela estava tão furiosa que não conseguiu falar nada. Então sua mudez temporária desapareceu, e ela disse exatamente o que pensava da ideia. Agnes conseguia ver que ele se retorcia de desconforto porque metade do acampamento podia ouvir o que estava dizendo e os nomes que usava contra ele, mas não ligava. Não se importava com o que os trabalhadores pensavam dela, mas ia garantir que Anders não deixasse de saber o que ela pensava dele, nem por um momento.

Apesar de todo o xingamento, ele se recusou a voltar atrás, para a grande surpresa dela. Pela primeira vez, ficou firme e deixou que gritasse quanto quisesse. Quando precisou parar para recuperar o fôlego, Anders disse calmamente que ela podia gritar até os pulmões arrebentarem, mas que era assim que as coisas seriam a partir de agora.

Agnes sentiu-se começar a hiperventilar, e a raiva a fez ficar vermelha. Seu pai sempre tinha cedido quando ela começava a ter ânsias de vômito e falta de ar, mas Anders simplesmente ficou olhando em silêncio e não fez nenhuma tentativa de consolá-la.

Ela sentiu uma forte dor na barriga e ficou em silêncio, horrorizada. Queria ir para casa e voltar para seu pai.

Monica sentiu o medo bater em seu estômago.

– A polícia esteve aqui?

Morgan assentiu, mas não tirou os olhos da tela. Ela sabia que era o horário errado para conversar com o filho. De acordo com sua agenda, deveria trabalhar agora, então ninguém podia conversar com ele. Mas ela não conseguia esperar. A preocupação estava se espalhando por todo o seu corpo, fazendo-a passar de uma perna para outra. Queria dar um forte abraço no filho, fazê-lo falar mais

sem que precisasse ficar perguntando cada detalhe sobre tudo, mas sabia que não tinha jeito. Ela teria de ter a paciência de sempre.

– O que eles queriam?

Ele ainda se recusava a tirar os olhos da tela e respondeu sem que os dedos diminuíssem o ritmo.

– Perguntaram sobre a garota que morreu.

O coração dela quase parou por um momento. Numa voz rouca, ela disse:

– Então, o que eles perguntaram?

– Se eu a tinha visto sair naquela manhã.

– Você tinha?

– Tinha o quê? – Morgan respondeu, distraído.

– Visto ela?

Ele ignorou a pergunta.

– Por que está me perguntando agora? Sabe que isso não se encaixa na minha agenda. Normalmente você vem aqui quando não estou trabalhando. – Sua voz aguda e alta não tinha nenhum traço de reclamação; estava apenas declarando um fato. Ela tinha se desviado das rotinas habituais, interrompido o ritmo dele e sabia que isso devia confundi-lo. Mas não podia evitar. Ela precisava saber.

– Você viu quando ela saiu?

– Sim, vi quando ela saiu – ele contou. – Conteí à polícia sobre isso, respondi todas as suas perguntas. Apesar de eles terem interrompido minha rotina também.

Agora ele se virou um pouco para ela e a encarou com seu olhar inteligente, mas peculiar. Os olhos eram sempre os mesmos. Nunca mudavam, nunca mostravam nenhuma emoção. Pelo menos, não recentemente. A essa altura, ele tinha aprendido a controlar um pouco sua vida. Quando era mais jovem, tinha violentas explosões

de raiva, desencadeadas pela frustração causada pelas coisas que não podia controlar ou escolhas que não conseguia fazer. Isso podia envolver qualquer coisa, desde decidir que ia tomar banho até o que queria jantar. Mas Monica e Morgan tinham aprendido a lidar com isso. Agora a vida era compartimentada, e as escolhas já estavam feitas. Ele tomava banho dia sim, dia não, tinha quatro pratos diferentes que ela alternava de acordo com um calendário móvel, e o café da manhã e o almoço eram sempre iguais. Seu trabalho tinha se tornado uma espécie de salvação para ele. Era algo em que se destacava, algo que oferecia um meio de dar vazão à sua alta inteligência e que se encaixava perfeitamente no temperamento especial de alguém com Síndrome de Asperger.

Era extremamente raro que Monica viesse vê-lo no horário errado de sua agenda. Ela nem conseguia se lembrar da última vez que tinha feito isso. Mas agora já o tinha perturbado, então podia continuar.

Ela seguiu um dos caminhos passando pelo meio das revistas e se sentou na beira da cama.

– Não quero que fale mais com eles se eu não estiver com você.

Morgan só assentiu. Depois se virou completamente, para olhar para ela. Agora ele estava montado na cadeira, com os braços cruzados no encosto.

– Você acha que eu poderia tê-la visto se tivesse pedido?

– Ver quem? – perguntou Monica, surpresa.

– Sara.

– O que você quer dizer? – Monica podia sentir o quarto girando. O estresse dos últimos dias tinha afetado seu equilíbrio, e a pergunta de Morgan a fez perder o autocontrole.

– Por que iria querer vê-la? – Não conseguia evitar a raiva na voz, mas como sempre ele não reagiu. Não tinha nem certeza de

que ele entendia que a mudança em seu tom de voz significava que estava brava.

– Para ver como ela está agora – ele respondeu, calmo.

– Por quê? – a voz ficou ainda mais alta, e ela podia sentir os punhos se fechando. O medo a deixou petrificada, e cada palavra de Morgan parecia outro passo na direção da escuridão que a aterrorizava.

– Para ver quão morta ela parece estar – disse o rapaz com o olhar fixo nela.

Monica teve dificuldade para respirar. Parecia que as paredes da pequena cabana estavam se fechando sobre ela. Não podia aguentar mais. Precisava de ar.

Sem dizer uma palavra, ela correu até a porta e saiu. O ar frio machucava sua garganta enquanto respirava profundamente. Depois de um tempo, podia sentir o pulso começar a diminuir.

Olhou com cuidado por uma das janelas. Morgan tinha se virado. Suas mãos voltaram a correr sobre o teclado. Ela encostou o rosto no vidro e ficou olhando para a nuca dele. Ela o amava tanto que doía.

Não havia nada que desse mais prazer a Lilian do que limpar a casa. O resto da família afirmava que ela era uma maníaca, mas isso não a incomodava. Contanto que se afastassem e não tentassem ajudá-la, ela ficava feliz.

Começou com a cozinha, como sempre. Todo dia a mesma rotina. Limpar as superfícies, passar o aspirador, esfregar o chão e, uma vez por semana, tirar tudo das prateleiras e armários para limpá-los por dentro. Quando terminava a cozinha, limpava o corredor, a sala e a varanda. O único aposento no térreo que não ia limpar naquele momento era o pequeno quarto de visitas onde Albin estava dormindo. Teria de limpá-lo mais tarde.

Arrastou o aspirador para cima. Stig quis comprar um modelo menor; ela se recusou, educada, mas firmemente. Tinha esse havia quinze anos, e ainda funcionava como se fosse novo. Muito melhor do que os modelos mais recentes que quebravam a cada quinze minutos. Mas era realmente pesado. Ela ofegava um pouco quando chegou ao corredor de cima. Stig estava acordado e virou-se para ela.

– Você vai se matar de tanto limpar – ele disse, numa voz fraca.

– Melhor do que ficar sentada sem fazer nada.

Era um velho ritual entre os dois. Ele a mandava trabalhar menos, e ela dava uma resposta ríspida. Ele poderia mudar de reclamação se ela parasse de cuidar de tudo na casa e transferisse alguma responsabilidade para os outros. Sem Lilian essa casa teria desabado rapidamente. Tudo estaria caindo aos pedaços. Ela era a cola que mantinha tudo junto, e todos sabiam. Se pelo menos mostrassem um pouco de gratidão às vezes. Não, em vez disso, ficavam todos mandando que ela pegasse mais leve. Lilian conseguia sentir a velha irritação se formando. Entrou no quarto de Stig. Ele parecia estar um pouco mais pálido hoje, foi o que pensou.

– Você parece estar pior – disse enquanto o ajudava a levantar sua cabeça da cama para que pudesse tirar o travesseiro. Ela o afofou e colocou embaixo de sua cabeça de novo.

– Eu sei. Hoje não está sendo um bom dia.

– Onde dói mais? – ela perguntou, sentando-se na beira da cama.

– Parece que em todos os lados – disse Stig sem forças, tentando sorrir.

– Você não pode ser mais preciso do que isso? – Lilian disse, irritada. Ela colocou as mãos sobre a cama e olhou para ele.

– Meu estômago – disse Stig. – Está meio agitado, e sinto uma dor intensa às vezes.

– Bom, Niclas vai dar uma olhada em você quando chegar à noite. Não pode ficar aqui nessa condição.

– Só não quero ir para o hospital. – Stig moveu a mão, como se quisesse apagar essa ideia.

– É Niclas que vai decidir isso, não você. – Lilian tirou alguns fiapos da colcha e olhou ao redor, procurando algo. – Onde está a bandeja com o café?

Ele apontou para o chão. Lilian se abaixou e olhou.

– Você não comeu nada – ela disse, furiosa.

– Não consegui.

– Você precisa comer ou nunca vai ficar bom, você sabe disso. Agora vou descer e fazer um pouco de sopa de tomate. Isso vai fazer bem.

Ele só concordou. Não havia motivo para argumentar com Lilian, quando estava nesse humor.

Furiosa, ela desceu as escadas. Por que sempre tinha de fazer tudo?

A recepção estava vazia quando Martin e Gösta voltaram para a delegacia. Annika devia ter saído mais cedo para almoçar. Martin viu que havia uma grande pilha de papéis com a letra de Annika em cima da mesa. Provavelmente informações da população que tinham começado a chegar.

– Você vai almoçar agora? – perguntou Gösta.

– Ainda não – falou Martin. – Podemos almoçar ao meio-dia?

– Provavelmente estarei morrendo de fome nesse horário, mas é melhor que almoçar sozinho.

– Está bem, fechado – disse Martin e foi até sua sala. Tinha feito um *brainstorming* na volta de Fjällbacka. Depois de olhar a lista

telefônica, encontrou o que estava procurando.

– Gostaria de falar com Eva Nestler – ele falou à telefonista que o atendeu. Disseram que havia algumas chamadas antes dele, e Martin esperou pacientemente na linha. Como sempre, alguma musiquinha horrível estava tocando, mas depois de algum tempo, começou até a achá-la bastante boa. Martin olhou para o relógio. Já estava esperando havia quinze minutos. Decidiu esperar mais cinco minutos, então tentaria mais tarde. Foi aí que ouviu a voz de Eva no telefone.

– Eva Nestler.

– Olá, meu nome é Martin Molin. Lembra-se de mim? Nós nos conhecemos uns meses atrás durante uma investigação de suspeita de abuso infantil. Estou ligando da delegacia de Tanumshede – ele acrescentou.

– Lembro, sim. Você trabalha com Patrik Hedström – disse Eva. – Eu tive mais contato com Patrik, mas lembro que nos conhecemos.

– Houve um momento de silêncio. – Em que posso ajudá-lo?

Martin limpou a garganta antes de falar:

– Você conhece algo chamado Síndrome de Asperger?

– Síndrome de Asperger. Sim, conheço.

– Temos um... – ele ficou em silêncio pensando em como se expressar. Morgan não podia ser classificado como suspeito, mas como envolvido numa investigação. Ele recomeçou. – Encontramos alguém com isso num caso em que estamos trabalhando agora, e eu gostaria de ter um pouco mais de informações sobre essa síndrome. Você acha que poderia me ajudar?

– Bom – Eva pareceu hesitar. – Acho que precisaria de algum tempo para refrescar minha memória. – Martin podia ouvi-la virando algumas páginas do que deveria ser sua agenda. – Eu havia reservado uma hora depois do almoço para umas coisas

particulares, mas para a polícia... – Ela fez uma pausa. – Senão, só terei outro dia livre na próxima terça.

– Hoje seria ótimo – Martin disse rapidamente. Ele tinha esperança de fazer isso por telefone, mas não era nenhum problema ir até Strömstad.

– Então, nos encontramos em uns 45 minutos?

– Claro – disse Martin. Depois pensou em algo. – Posso levar o almoço?

– Claro, por que não? Um pequeno retorno por meus impostos não seria nada mau. Estou brincando – ela acrescentou rápido, caso Martin não tivesse entendido.

– Sem problema – riu Martin. – Algum pedido especial de que tipo de comida seus impostos deveriam gerar?

– Algo leve seria bom, talvez uma salada. A maioria das pessoas tenta emagrecer para o verão, mas eu estou fazendo o oposto. Estou tentando perder peso para o inverno.

– Uma salada, então – disse Martin e desligou.

Ele pegou a jaqueta e parou na porta da sala de Gösta.

– Ei, vamos ter de cancelar o almoço hoje. Preciso ir até Strömstad conversar com Eva Nestler, a psicóloga que normalmente nos ajuda. – A expressão de Gösta o forçou a acrescentar. – Claro, você pode vir junto, se quiser.

Por um momento, Gösta pareceu querer ir. Mas olhou para fora e balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. Com esse clima, vou ficar aqui. Acho que vou ligar para Patrik e Ernst e ver se eles podem me trazer algo.

– Faça isso. Estou saindo agora.

Gösta já tinha se virado e não respondeu. Martin hesitou um momento na porta antes de levantar a gola e correr até o carro. Apesar de ter estacionado perto, ficou todo molhado.

Meia hora depois, estava parado perto do rio ao lado do consultório da Eva, que ficava no mesmo prédio da polícia de Strömstad, e ele presumiu que tinham muito a ver um com o outro. A polícia sempre precisava dos serviços de um psicólogo, por exemplo, quando uma vítima de abuso necessitava de ajuda profissional depois que uma investigação estivesse concluída. Não havia muitos psicólogos no condado; Eva era uma das poucas. Tinha uma excelente reputação e era considerada uma das melhores. Patrik só tinha elogios, e Martin esperava que ela pudesse ajudá-lo.

Na verdade, não sabia ao certo por que queria consultá-la. Morgan não era suspeito, afinal, mas a curiosidade de Martin tinha sido aguçada pelo que estava por trás de seu estranho comportamento e personalidade. A Síndrome de Asperger era algo completamente novo para Martin, e não seria nada mal conhecer um pouco mais.

Ele sacudiu sua jaqueta antes de pendurá-la na sala de espera. Sua camisa também estava molhada, e ele tremia um pouco. Numa sacola de papel, trazia duas saladas compradas na Coffee and Buns, e a recepcionista de Eva Nestler já tinha sido avisada de sua chegada. Ela só apontou na direção da porta com o nome de Eva. Martin bateu discretamente e ouviu uma voz dizer:

– Pode entrar.

– Olá, você veio rápido. – Eva olhou para o relógio. – Espero que não tenha ultrapassado nenhum limite de velocidade para chegar aqui. – Ela fingiu um olhar desaprovador, e ele riu.

– Não, nenhum risco de isso ter acontecido. Além do mais, eu sei que a polícia anda ocupada com outras coisas – sussurrou conspirador, com uma piscadela. Lembrou que tinha gostado de Eva desde que a conhecera. Ela tinha um talento especial para fazer as

peessoas relaxarem em sua companhia. Devia ser um dom especial das pessoas que escolhiam aquela profissão.

Martin colocou o almoço numa mesinha do consultório.

– Espero que goste de salada de camarão.

– Perfeito – respondeu Eva, levantando da escrivaninha e sentando-se numa das quatro cadeiras ao redor da mesa.

– Na verdade, estou me enganando – ela falou enquanto colocava todo o conteúdo do pequeno recipiente de molho na salada. – Depois de toda essa gordura líquida que cobriu os vegetais, eu poderia ter pedido um hambúrguer. Mas uma salada parece melhor, psicologicamente. Dessa forma eu consigo me convencer de que posso comer um pedaço de bolo à noite. – Ela riu tão forte que seus seios balançaram.

Martin podia ver por seu corpo que ela se convencera disso com frequência, mas estava vestida com elegância, e seus cabelos grisalhos tinham um estilo de corte curto que parecia moderno e apropriado para sua idade.

– Então, você queria saber mais sobre a Síndrome de Asperger – ela falou.

– Isso, ouvi falar disso pela primeira vez ontem e agora estou bastante curioso – disse Martin enquanto espetava um camarão com o garfo.

– Bom, eu sei alguma coisa sobre o tema, mas realmente nunca tive um paciente com esse diagnóstico, então precisei ler sobre o assunto antes de você chegar. O que você quer saber, mais especificamente? Há muita coisa sobre o assunto.

– Vejamos – disse Martin, pensando um pouco. – Talvez você pudesse me contar um pouco sobre o que caracteriza alguém com Síndrome de Asperger e como se pode identificar isso.

– Primeiro de tudo, é um diagnóstico pouco usado até recentemente. Provavelmente só apareceu há uns quinze anos, mas foi documentado pela primeira vez nos anos 1940 por Hans Asperger. É uma desordem funcional. Alguns pesquisadores agora afirmam que ele mesmo pode ter sofrido dessa síndrome.

Martin concordou e deixou Eva continuar.

– É uma forma de autismo, e é frequente a pessoa ter uma inteligência normal ou superior à média.

Martin se lembrou que Morgan tinha dito isso.

Eva continuou:

– O que a dificulta o diagnóstico é que os sintomas podem variar de um indivíduo para o outro e estão divididos em vários grupos. Algumas pessoas se voltam para si mesmas, como o autismo clássico, enquanto outras são extremamente expansivas. E a síndrome em si é raramente descoberta no começo. Os pais podem ficar preocupados que o comportamento de seus filhos seja anormal de alguma forma, sem serem capazes de dizer exatamente o que há de errado. E, como eu falei, o problema é que pode variar consideravelmente de uma criança para a outra. Algumas podem começar a falar bem cedo, outras bem tarde, e o mesmo ocorre com começar a caminhar e muitas outras áreas de desenvolvimento. Normalmente, o problema não aparece antes da idade escolar, mas isso também pode ser diagnosticado equivocadamente como DDA ou ADHD.

– E como o problema se manifesta então? – Martin estava tão fascinado que tinha parado de comer. Antes de entrar na academia de polícia, tinha pensado em estudar psicologia e às vezes se questionava se tinha feito a escolha errada. Nada era tão interessante quanto a psique humana em todas as suas muitas formas.

– Os sintomas mais óbvios são provavelmente as dificuldades que surgem com a interação social. As crianças se comportam constantemente de forma imprópria. Não entendem as regras sociais e podem ter uma tendência a falar somente a verdade, o que obviamente torna mais difícil conviver com outras pessoas. Há também um forte egocentrismo. Elas acham complicado relacionar-se com os sentimentos e as experiências de outras pessoas, e só se preocupam consigo mesmas. Geralmente não possuem muita necessidade de estar com outros. Se brincam com outras crianças, ou tentam decidir tudo, ou submetem-se completamente à vontade dos outros. O segundo comportamento é mais comum entre garotas com a síndrome. Outra clara indicação é que se a criança desenvolve um interesse especial, isso se torna uma obsessão. Crianças com Asperger têm a capacidade de se tornar bastante detalhistas e geralmente aprendem tudo que lhes interessa. Para os adultos geralmente é animador ver a criança desenvolver esse conhecimento, mas quem tem essa síndrome possui uma mente tão unidimensional e geralmente tão dedicada à sua paixão especial que os outros logo perdem o interesse. Quando a criança chega à idade escolar, pensamentos obsessivos e ações começam a ficar evidentes. Precisam fazer as coisas de uma forma específica e também forçam as pessoas ao seu redor a funcionar da mesma forma.

– E a linguagem? – perguntou Martin, lembrando-se de como Morgan se expressava de uma forma estranha.

– Exato, a linguagem é outra forte indicação. – Eva raspou o finzinho de sua salada da tigela de plástico e depois continuou. – É uma das maiores dificuldades que as pessoas com Síndrome de Asperger encontram em seu dia a dia. Quando nos comunicamos, normalmente expressamos muito mais do que nossas palavras

dizem. Usamos linguagem corporal e expressões faciais, modificamos a entonação de uma sentença, usamos diferentes ênfases e empregamos sorrisos e metáforas com frequência. Todas essas coisas apresentam dificuldades para alguém com Asperger. Uma expressão como “provavelmente vamos pular o café” poderia ser entendida como se devêssemos pular sobre uma xícara de café. Quando falam, eles também possuem dificuldades para entender como os outros estão escutando. A voz deles pode ser muito suave, quase como um sussurro, ou muito alta e aguda. Geralmente é arrastada e monótona.

Martin assentiu. A voz de Morgan se encaixava na última descrição.

– A pessoa que conheci também tinha uma maneira estranha de caminhar. Isso é comum?

Eva concordou:

– A função motora também é um sinal importante. Pode ser estranho, duro ou extremamente minimalista. A estereotipia pode também ocorrer frequentemente.

Ela pôde ver pela expressão de Martin que precisava explicar o último termo.

– Isso significa movimentos estereotípicos que são repetidos, como pequenas ondas da mão.

– Se a pessoa com Asperger tem problemas com seus movimentos motores, isso se aplica a tudo que faz? – Martin se lembrava de como os dedos do Morgan passeavam com facilidade pelo teclado.

– Não exatamente. É comum que em conjunção com seus interesses especiais, ou se estiver fazendo algo que o fascina, possa ter habilidades motoras perfeitas.

– Como é a adolescência para crianças com essa síndrome?

– Bom, isso é outra história. Mas você gostaria de um pouco mais de café antes de continuarmos? É um monte de informação para digerir. Você vai tomar notas ou sua memória é boa mesmo?

Martin apontou para o pequeno gravador que tinha colocado sobre a mesa.

– Minha assistente vai cuidar disso. Mas não vou recusar uma xícara de café.

Seu estômago estava reclamando um pouco. Salada não era o que normalmente comia no almoço, e ele sabia que precisaria parar numa barraca de cachorro-quente quando voltasse.

Depois de uns minutos, Eva voltou com uma xícara de café quente em cada mão. Sentou-se e continuou a falar:

– Onde estávamos? Ah, sim, a adolescência. Mais uma vez, esse é o momento em que é difícil diagnosticar alguém com Asperger se ele ou ela não tiverem sido diagnosticados antes. Tantos problemas comuns da adolescência surgem, mas geralmente são amplificados e tornam-se mais extremos pela síndrome. Higiene, por exemplo, é um grande problema. Muitos são descuidados com sua higiene diária. Não querem tomar banho, escovar os dentes ou trocar de roupa. Ir para a escola se torna problemático. Eles não conseguem entender a importância de se esforçar na escola, e os problemas continuam nas interações sociais com os colegas. Isso dificulta e às vezes torna impossível trabalharem em grupos, o que fica mais evidente na escola secundária e na educação física. A depressão é comum, bem como o comportamento antissocial.

A atenção de Martin foi aguçada nesse ponto.

– O que você incluiria nessa categoria?

– Coisas como crimes violentos, invasão de domicílio e incêndio.

– Então há um aumento da tendência das pessoas com Asperger de cometerem crimes violentos?

– Bom, não é que todas as pessoas com Asperger estejam mais inclinadas a cometer atos de violência, mas a porcentagem é definitivamente mais alta do que na população em geral. Como falei antes, eles possuem uma forte fixação no ego e têm dificuldade para entender e se envolver com os sentimentos dos outros. Falta de empatia é um forte traço na personalidade. Para simplificar um pouco, pode-se dizer que o bom senso é um conceito que falta em alguém com Asperger.

– Se uma pessoa com Asperger... – Martin hesitou – estivesse implicada numa investigação de homicídio, haveria alguma razão para prestar atenção nela?

Eva levou a pergunta a sério e fez uma pausa para pensar em sua resposta.

– Não posso responder isso. Claro que há, como falei, certas características no diagnóstico que diminuem a barreira que evita que a maioria das pessoas cometa atos de violência. Ao mesmo tempo, é uma quantidade mínima de gente com Asperger que chega ao extremo de cometer assassinato. Sim, eu leio os jornais, então sei de que caso você está falando – ela disse, mexendo a xícara de café, pensativa. – É minha opinião que seria extremamente arriscado seguir por esse caminho, se é que você me entende.

Martin assentiu. Ele sabia exatamente o que ela queria dizer. Tinha acontecido muitas vezes de pessoas terminarem sendo acusadas injustamente só porque eram diferentes. Mas conhecimento é poder, e ele ainda sentia que tinha sido importante dar uma olhada no mundo de Morgan.

– Eu gostaria de agradecer por falar comigo. Espero que as coisas que precisou adiar para conversar comigo não fossem urgentes.

– Não, imagine – disse Eva, levantando-se. – Uma necessidade urgente de renovar meu armário. Em outras palavras, nada que não possa esperar até a próxima semana.

Ela o acompanhou até a sala de espera e ficou aguardando enquanto colocava sua jaqueta, que já estava seca.

– Estou feliz por não ter de sair nesse clima horrível – disse Eva. Pela janela, eles olharam para a chuva que ainda estava caindo e criando grandes poças na praça.

– Sim, parece que vai ser um eterno outono – respondeu Martin, levantando a mão para se despedir.

– Obrigada pelo almoço, por falar nisso. E ligue se tiver mais perguntas. Foi um prazer poder me aprofundar um pouco no assunto. Não é sempre que posso fazer isso.

– Certo. Bom, ligo se precisar. Obrigado de novo.

Capítulo 17

Fjällbacka, 1924

Dar à luz foi mais horrível do que Agnes poderia ter imaginado. Ela ficou em trabalho de parto por quase quarenta e oito horas e chegou perto da morte, antes do médico finalmente apoiar todo seu peso sobre sua barriga e forçar a primeira criança a sair para o mundo. Porque havia duas. O segundo menino saiu logo em seguida, e a equipe mostrou orgulhosa os bebês para ela depois de lavá-los e enrolá-los em cobertores macios. Mas Agnes virou o rosto. Ela não queria ver as criaturas que tinham destruído sua vida e quase a mataram. Por ela, podiam dar os bebês ou jogá-los no rio ou fazer o que quisessem. As vozinhas agudas machucavam seus ouvidos. Depois de ser forçada a ouvir aquele som por um tempo, cobriu os ouvidos e gritou para a mulher que os segurava que os levasse embora. Horrorizada, a enfermeira obedeceu, e Agnes podia ouvir as pessoas sussurrando ao seu redor. Mas os gritos tinham diminuído, e agora ela só queria dormir. Dormir por uns cem anos, para ser acordada pelo beijo de um príncipe que a tiraria da miséria e a afastaria dos dois monstros exigentes que seu corpo tinha expelido.

Quando acordou, pensou primeiro que seu sonho tinha se tornado realidade. Uma figura escura e alta estava parada ao seu lado e, por um momento, pensou ter visto o príncipe pelo qual esperava. Mas depois a realidade caiu sobre dela. Viu que era a cara estúpida de Anders que se aproximava. A visão da expressão

amorosa em seu rosto a deixou enojada. Achava que as coisas entre eles seriam diferente agora, só porque tinha colocado dois filhos dele no mundo? Ela ficaria feliz se ele os levasse embora e a deixasse ser livre de novo. Por um breve momento, percebeu como esse pensamento fez uma sensação de júbilo crescer em seu peito. Não estava mais enorme, disforme e grávida. Podia ir embora se quisesse, encontrar a vida que merecia, a vida a que pertencia. Depois percebeu como isso seria impossível. Como não havia nenhuma chance de voltar para seu pai, para onde iria? Não tinha dinheiro e nenhuma maneira de conseguir dinheiro, a não ser se vendendo nas ruas. Até sua vida atual era melhor do que isso. A falta de esperanças de sua situação a fez virar a cabeça e soluçar. Anders passou a mão por seus cabelos. Se ela tivesse conseguido, teria levantado os braços para afastar as mãos dele.

– Eles são tão lindos, Agnes. São perfeitos – a voz dele falhou um pouco.

Ela não respondeu, apenas olhou para a parede e ignorou todo o resto. Se alguém viesse salvá-la.

Sara ainda não tinha voltado. A mãe tinha explicado que ela não ia voltar, mas Frida não tinha acreditado. Achou que era algo que a mãe tinha falado por falar. Sara não podia simplesmente desaparecer assim, podia? Se fosse assim, Frida lamentava não ter sido mais legal com ela. Não teria brigado tanto com Sara quando ela mexia em seus brinquedos, até deixaria que ficasse com eles. Agora, provavelmente, era tarde demais.

Ela foi até a janela e olhou novamente para o céu. Estava cinza e sujo. Sara não gostaria de morar ali, não é?

Também havia todo o segredo do velho. Claro que ela tinha prometido a Sara que não ia contar. Mas mãe disse que sempre

devia contar a verdade, e não contar algo era quase o mesmo que mentir, não?

Frida se sentou na frente de sua casa de bonecas. Era seu brinquedo favorito. Tinha pertencido à sua mãe quando ela era criança e agora era de Frida. Era difícil imaginar que sua mamãe tinha tido a mesma idade de Frida. Mamãe era tão... grande, agora.

A casa de bonecas mostrava claros traços de ser dos anos 1970. Devia representar uma casa de tijolos de dois andares e tinha móveis marrons e laranja. Os móveis eram os mesmo de quando sua mãe tinha brincado com a casa de bonecas. Frida achava que todos os móveis eram lindos, mas era uma pena que não tivessem mais coisas rosa e azul, azul era sua cor favorita. E rosa era a de Sara. Frida achava estranho. Todo mundo sabia que rosa e vermelho não combinavam, e Sara tinha cabelo ruivo, então não deveria gostar de rosa. Mas ela gostava mesmo assim. Sara era sempre assim. Do contra, mais ou menos.

Havia quatro bonecas que vinham com a casa. Duas bonecas filhas e uma mamãe e um papai. Então ela colocou as duas filhas uma de frente para a outra. Normalmente, queria ser a de verde, porque era a mais bonita, mas agora que Sara estava morta, ela podia ser a de verde. Frida seria a boneca de vestido marrom.

– Oi, Frida, você sabe que estou morta? – disse a boneca de Sara.

– Sei, mamãe me contou – disse a de marrom.

– O que ela contou?

– Que você foi para o céu e não pode mais vir brincar comigo.

– Que chato – disse a boneca de Sara.

Frida balançou a cabeça de sua boneca, confirmando.

– É, eu também acho. Se soubesse que você ia morrer e não viria mais brincar comigo, teria deixado você brincar com o que quisesse,

e eu não ia reclamar.

– Que pena – disse a boneca Sara. – Que eu esteja morta, quero dizer.

– Sim, que pena – disse a de marrom.

As duas bonecas ficaram em silêncio por um momento. Depois a boneca de Sara disse num tom de voz sério:

– Você não contou nada sobre o homem, não é?

– Não, eu prometi.

– Porque era nosso segredo.

– Mas por que não posso contar? O velho era nojento, não era? – A voz da boneca marrom parecia estridente.

– Por isso. O velho disse que eu não devia contar. E você sempre precisa fazer tudo que os velhos nojentos mandam.

– Mas você está morta, então o velho não pode fazer nada, pode?

A boneca de Sara não tinha nada a falar. Frida colocou cuidadosamente as duas dentro da casa e voltou para perto da janela. Tudo tinha de ser tão difícil, só porque Sara tinha morrido.

Annika voltou do almoço e chamou Patrik quando ele chegou com Ernst. Ele fez um gesto, com pressa para entrar em sua sala, mas ela insistiu. Patrik parou no corredor com uma expressão curiosa no rosto. Annika o examinou por cima dos óculos. Ele parecia exausto, e a chuva o havia deixado com a aparência de um gato molhado. Mas entre a bebê e o assassinato de uma criança, ele provavelmente não tinha muita energia para cuidar de si mesmo.

Ela via a impaciência nos olhos de Patrik e se apressou em contar o que queria informar.

– Recebi um bom número de ligações hoje, por causa da cobertura da mídia.

– Algo interessante? – disse Patrik sem muito entusiasmo. Era tão raro que recebessem algo útil do público que ele não tinha muita esperança.

– Sim e não – disse Annika. – A maioria delas foi feita pelos fofoqueiros normais que ligam para passar dicas sobre seus inimigos e todo tipo de pessoas, e nesse caso a homofobia foi realmente horrível. Aparentemente, qualquer homem que trabalhe com flores ou cortes de cabelo é automaticamente suspeito de ser homossexual e capaz de fazer coisas horríveis a crianças.

Patrik estava balançando de uma perna para a outra, e Annika falou mais rápido. Pegou a nota no topo da pilha e entregou para ele.

– Essa parece ser algo. Uma mulher ligou, recusou-se a dar o nome, mas disse que deveríamos dar uma olhada nos registros médicos do irmão mais novo de Sara. Foi tudo que ela contou, mas algo me diz que pode ser importante. Pode valer a pena investigar, seja como for.

Patrik não pareceu tão interessado quanto ela esperava. Por outro lado, não tinha ouvido o tom de urgência na voz da mulher que ligou. Seu tom era muito diferente da malícia vagamente disfarçada daqueles que adoravam espalhar fofocas.

– Sim, pode valer a pena investigar, mas não fique muito animada. Dicas anônimas normalmente não dão em nada.

Annika começou a falar algo, mas Patrik levantou as mãos.

– Eu sei, eu sei. Algo está me dizendo que essa é diferente. E prometo investigar. Mas vai ter de esperar um pouco. Temos coisas mais importantes para tratar no momento. Haverá uma reunião na sala de café em cinco minutos, aí eu conto mais. – Seus dedos tamborilaram na porta, e Patrik saiu levando a nota.

Annika ficou imaginando que nova informação teria surgido. Ela esperava que fosse algo que resolvesse o caso. O humor na delegacia andava muito ruim ultimamente.

Niclas não conseguia encontrar paz e tranquilidade no trabalho. A imagem do rosto de Sara não o deixava em paz, e a visita da polícia naquela manhã tinha feito ressurgir todos os sentimentos de ansiedade. Talvez fosse verdade o que todo mundo dizia, talvez tivesse voltado ao trabalho rápido demais. Mas, para ele, tinha sido uma maneira de sobreviver. Ajudava a deixar de lado os pensamentos que não queria ter e, em vez disso, focar sua atenção em úlceras, calos, febres e infecções de ouvido. Nada importava, contanto que não pensasse em Sara. Ou Charlotte. Mas agora a realidade tinha se intrometido sem perdão, e ele se sentia correndo na direção de um abismo. Não ajudava em nada que sua ansiedade fosse autoinfligida. Para ser honesto, e isso era pouco comum nele, não conseguia realmente entender por que fazia as coisas que fazia. Algo dentro dele parecia levá-lo à caça de algo que estava fora do alcance. Apesar do fato de já ter muito – ou, pelo menos, costumava ter muito. Agora sua vida estava em pedaços e nada que dissesse ou fizesse podia mudar isso.

Indiferente, Niclas folheou os registros à sua frente. Sempre tinha odiado a parte burocrática e hoje estava tendo muita dificuldade em se concentrar. Durante sua primeira consulta depois do almoço, tinha sido até brusco e mal-educado com uma paciente. Normalmente, ele era charmoso com todo mundo, não importava quem fosse. Mas hoje não tinha tido energia para mimar a velhinha que o procurara com suas dores imaginárias. A paciente em questão era uma frequentadora regular da clínica, mas agora talvez não voltasse mais. Sua opinião franca sobre o estado da saúde dela

não a agradara. Oh, bem, essas coisas já não pareciam importantes.

Com um suspiro, ele começou a juntar todos os registros médicos. Foi repentinamente tomado por sentimentos que tentara suprimir por tanto tempo e, com um único movimento, empurrou tudo que estava na mesa. Os papéis caíram no chão amontoados. Niclas não conseguiu tirar seu jaleco rápido o suficiente. Jogou-o no chão, pegou seu casaco e saiu correndo do consultório como se estivesse sendo perseguido pelo próprio demônio. O que era verdade, em certo sentido. Parou rapidamente para contar à enfermeira, com uma compostura forçada, que era preciso cancelar todas as suas consultas da tarde. Então correu para a chuva. Uma lágrima chegou até sua boca e o gosto salgado o fez imaginar a filha, flutuando no mar cinzento enquanto as ondas brancas dançavam na superfície ao redor de sua cabeça. Isso o fez correr ainda mais rápido. Suas lágrimas se misturaram com a chuva enquanto ele corria. Mais do que qualquer coisa, ele corria de si mesmo.

A cafeteira fez barulho e soltou fumaça, mas despejou o mesmo café preto de sempre. Patrik preferiu ficar ao lado do corredor, enquanto os outros pegavam suas xícaras e se sentavam. Todos estavam presentes, menos Martin, e Patrik estava prestes a perguntar se alguém o tinha visto, quando ele entrou correndo, sem fôlego.

– Desculpem o atraso, Annika me ligou e disse que havia uma reunião. Eu estava a caminho e...

Patrik levantou a mão.

– Vamos falar disso depois. Agora tenho algumas coisas para discutirmos.

Martin assentiu e se sentou na ponta da mesa, olhando curioso para Patrik.

– Recebemos o resultado das análises do estômago e dos pulmões de Sara. E encontraram algo estranho.

O clima ficou bastante tenso ao redor da mesa. Mellberg estava olhando muito atento para Patrik, e até Ernst e Gösta pareciam interessados, para variar. Annika estava fazendo anotações, como sempre, para que pudesse fazer a ata depois da reunião.

– Alguém forçou a garota a comer cinzas.

Se uma agulha tivesse caído no chão, teria feito o barulho de um trovão. Então Mellberg limpou a garganta.

– Cinzas? Você disse cinzas?

Patrik assentiu.

– Isso, encontraram cinzas no estômago e nos pulmões. A teoria de Pedersen é que alguém a forçou a engolir quando já estava na banheira. Algumas cinzas caíram na água e, quando ela foi afogada, acabaram nos pulmões.

– Mas por quê? – perguntou Annika espantada, esquecendo de tomar nota.

– Sim, essa é a pergunta. E também precisamos perguntar como essa informação pode nos ajudar. Já liguei e pedi um exame do banheiro da família Florin. Onde encontrarmos cinzas será a cena do crime.

– Mas você realmente acha que alguém na família... – Gösta não terminou a frase.

– Não acho nada – disse Patrik. – Mas se alguma outra cena do crime em potencial surgir, teremos de fazer perícias detalhadas também, principalmente se a busca dessa tarde não resultar em nada. A casa dos Florin ainda é o último lugar onde Sara foi vista, então poderíamos começar por ali. O que você acha, Bertil?

A pergunta era retórica. Mellberg não tinha se envolvido na investigação, mas todo mundo sabia que ele gostava de encorajar a ilusão de que estava controlando tudo.

Mellberg assentiu.

– Parece uma boa ideia. Mas por que os peritos não tinham feito o exame da casa ainda?

Patrik precisou se controlar para não fazer uma careta. Já era ruim o suficiente que Ernst tivesse apontado a mesma coisa um pouco antes, mas ter de ouvir isso de Mellberg piorava a situação. Era fácil ser esperto depois dos fatos. Se Patrik tivesse que ser completamente honesto, até agora não tinha nenhum motivo para fazer a perícia. Ele não achava nem que poderia ter obtido um mandado. Mas preferiu não apontar isso. Em vez disso, respondeu o mais vagamente possível:

– Acho que agora temos algo concreto para procurar, é o momento correto. De qualquer forma, a equipe de Uddevalla estará lá às quatro horas. Eu vou participar e gostaria que você também estivesse lá, Martin, se tiver tempo.

Patrik olhou disfarçadamente para Mellberg quando falou isso. Esperava que ele não insistisse em empurrar Ernst. Teve sorte. Mellberg não falou nada. Talvez toda a questão já tivesse sido esquecida.

– Claro, eu posso ir – disse Martin.

– Certo, então. A reunião terminou.

Annika tinha a intenção de contar a todos sobre a chamada que recebeu, mas eles já tinham se levantado, então decidiu esperar. Patrik recebera a informação, e ela tinha certeza de que a verificaria assim que pudesse.

A nota realmente estava no bolso de Patrik. Esquecida.

Stig ouviu os passos na escada e se levantou um pouco. Tinha ouvido as vozes de Niclas e Lilian no andar de baixo e sabia que estavam falando dele. Sentou-se com todo o cuidado. Parecia que mil facas cortavam seu estômago, mas quando Niclas entrou no quarto, o rosto de Stig não mostrava nenhuma expressão. A imagem de seu pai no hospital, indefeso e pequeno, definhando numa cama de hospital fria, tomou conta de seus pensamentos. Jurou mais uma vez que isso nunca aconteceria com ele. Sua condição era só temporária. Havia passado antes e não seria diferente agora.

– Lilian disse que você estava se sentindo pior hoje – Niclas se sentou na beira da cama e fez a expressão de médico preocupado. Stig viu que seus olhos estavam vermelhos. E não era estranho que o rapaz tivesse chorado. Perder uma filha. O próprio Stig sentia tantas saudades da menina que doía. Ele percebeu que Niclas esperava uma resposta.

– Oh, você sabe como são as mulheres. Exagerando tudo. Não dormi muito bem ontem à noite, foi isso, mas agora me sinto melhor. – A dor o fez cerrar os dentes, e precisou se esforçar para não mostrar o que estava sentindo.

Niclas olhou-o com suspeitas e tirou sua parafernália de uma grande maleta de médico que tinha trazido.

– Não tenho certeza se acredito em você, mas vamos começar medindo a pressão e checando seus sinais vitais. Aí, vamos ver.

Ele colocou o aparelho ao redor do braço magro de Stig e apertou até ficar bem preso. Observou o relógio enquanto esvaziava o aparelho; depois o retirou.

– Cento e cinquenta por oitenta, não está tão mal. Desabote a camisa para eu auscultar seu peito.

Stig obedeceu e desabotoou a camisa com dedos que estavam duros e desobedientes. O estetoscópio frio contra seu peito o fez perder o fôlego, e Niclas ordenou:

– Respire fundo.

Cada respirada doía, mas ele conseguiu fazer o que Niclas pediu. Depois de ouvir por um momento, o médico tirou o estetoscópio do ouvido. E encarou Stig.

– Bom, não há nada definitivo, mas se está se sentindo pior, então é importante que me conte. Não deveríamos fazer um check-up completo? Se eu o enviar até Uddevalla, eles podem fazer alguns testes e ver se há algo errado que não estou percebendo.

Balançando a cabeça, Stig mostrou sua aversão à ideia.

– Não, estou me sentindo muito bem agora. Não é necessário perder tempo e dinheiro comigo. Devo ter pegado algum vírus, mas vou melhorar. Já aconteceu antes, certo? – um tom de súplica escapou em sua voz.

Niclas balançou a cabeça e suspirou.

– Bom, depois não diga que não avisei. Todo cuidado é pouco quando o corpo começa a sinalizar que tem algo errado. Mas não vou forçá-lo. A saúde é sua, então a decisão é sua – apesar de eu não estar com vontade de descer e enfrentar a Lilian, posso dizer. Ela estava praticamente pronta para ligar para a ambulância quando entrei.

– Ela é muito ansiosa, a minha Lilian – brincou Stig, mas ficou em silêncio em seguida, quando as facas atingiram de novo seu estômago.

Niclas fechou sua maleta e continuou olhando com suspeitas para Stig.

– Você promete que vai me contar se sentir algo errado?

Stig assentiu:

– Com certeza.

Assim que ouviu os passos de Niclas descendo as escadas, ele deslizou dolorosamente para uma posição reclinada. A dor logo passaria. Era só ficar fora do hospital. Ele precisava evitar isso a todo custo.

O rosto de Lilian mostrava uma grande variedade de emoções quando abriu a porta. Patrik e Martin estavam na frente, com uma equipe de três técnicos, ou melhor, dois homens e uma mulher, atrás.

– Para que essa multidão?

– Temos um mandado para examinar seu banheiro.

Patrik achou difícil encará-la. Era estranho como sua profissão sempre o fazia se sentir como um merda insensível.

Lilian olhou para eles friamente. Mas depois de um momento, deixou-os entrar.

– Não façam muita bagunça lá, acabei de limpar – falou.

O comentário fez Patrik se arrepender de não ter pedido o exame antes. A julgar pelo que tinha visto na residência dos Florin, Lilian estava sempre limpando a casa. Se houvesse alguma evidência plausível no banheiro, já teria desaparecido a essa altura.

– Temos um banheiro aqui embaixo, com chuveiro, e um lá em cima, com banheira. – Lilian apontou para as escadas. – Tirem os sapatos – ela mandou, e todos obedeceram. – E não incomodem o Stig. Ele está descansando. – Com uma fúria bastante evidente, Lilian foi para a cozinha e começou a fazer barulho enquanto lavava os pratos.

Patrik e Martin trocaram olhares e levaram os técnicos até o andar de cima. Com o cuidado de não atrapalhar, eles deixaram a equipe trabalhar no banheiro e esperaram no corredor. A porta do quarto de Stig estava fechada, e eles falavam em voz baixa.

– Você realmente acha que isso é necessário? – disse Martin. – Quero dizer, nada indica que o assassino seja um membro da família e... bem, eles já estão passando por uns maus bocados.

– Você está certo, claro – respondeu Patrik, quase sussurrando. – Mas não podemos descartar ninguém simplesmente porque isso nos deixa desconfortáveis. Mesmo se a família não entender, estamos fazendo isso com a melhor das intenções. Se pudermos eliminá-los da lista de suspeitos, podemos dedicar mais energia a outras linhas de investigação. Não concorda?

Martin assentiu. Ele sabia que Patrik estava certo. O problema era a situação desagradável. Passos na escada os fizeram virar e encontrar o olhar inquisidor de Charlotte.

– O que está acontecendo? Minha mãe disse que vocês apareceram com todo um exército para olhar nosso banheiro. Por quê? – Sua voz se elevou um pouco, e ela tentou passar por eles. Patrik a impediu.

– Podemos nos sentar por um momento e conversar, por favor?

Charlotte olhou para os técnicos atrás deles e virou-se para descer.

– Vamos nos sentar na cozinha – ela disse, de costas para Martin e Patrik. – Quero que minha mãe também escute o que vocês têm a dizer.

Lilian ainda estava batendo os pratos, brava, quando eles entraram. Albin estava sentado num cobertor no chão, olhando para as atividades da avó com seus olhos grandes e sérios. O menino fazia uma careta de medo sempre que ela levantava a voz.

– Se vão desarrumar as coisas, presumo que vão deixar tudo como estava antes. – A voz de Lilian estava fria.

– Não posso prometer nada; eles podem precisar quebrar algo. Mas garanto que vão ser o mais cuidadosos possível – disse Patrik,

se sentando.

Charlotte pegou Albin do chão e sentou-se numa das cadeiras da cozinha com o garoto no colo. Ele se aninhou nos braços da mãe. Ela perdera peso e tinha olheiras escuras. Parecia que não conseguia dormir havia uma semana – o que podia ser verdade. Patrik viu que ela estava tentando controlar o lábio inferior, que tremia, quando perguntou:

– Então, por que tem um bando de policiais na minha casa de repente? Por que não estão procurando o assassino da Sara?

– Simplesmente estamos descartando todas as possibilidades, Charlotte. A questão é que... temos novas informações. Queria perguntar se você acha que existe alguma razão para que alguém quisesse obrigar a Sara a comer cinzas?

Charlotte olhou para ele como se Patrik estivesse louco. Abraçou Albin mais forte, o que o fez reclamar.

– Comesse cinzas? Do que você está falando?

Ele contou o que o legista tinha dito e viu que o rosto dela ficava mais pálido a cada palavra.

– Só uma pessoa louca faria algo assim. Agora entendo cada vez menos por que estão perdendo seu tempo *aqui*. – A última palavra saiu quase como um grito e, afetado pela ansiedade de sua mãe, Albin começou a gritar também. Ela o acalmou até o menino parar, mas sem tirar os olhos de Patrik.

Ele repetiu o que tinha dito a Martin um pouco tempo antes.

– É importante para podermos eliminar a família da investigação. Não há absolutamente nada que indique que alguém na sua família teve algo a ver com a morte de Sara. Mas não estaríamos fazendo nosso trabalho direito se não fizéssemos o possível para investigar essa possibilidade. Como sabem, isso aconteceu em outros casos.

Infelizmente não podemos ser sempre tão cuidadosos quanto gostaríamos.

Lilian bufou quando se virou da pia. Toda a sua postura mostrou o que achava do pequeno discurso de Patrik.

– Entendo, claro que sim – disse Charlotte. – Só não perca seu tempo quando poderia estar gastando-o de forma mais eficiente.

– Estamos trabalhando o máximo possível, examinando todas as possibilidades, posso garantir com certeza. – Num impulso Patrik se inclinou sobre a mesa e colocou a mão sobre a de Charlotte. Ela não se afastou, mas seu olhar era intenso, como se quisesse ver sua alma com os próprios olhos para saber se estava falando a verdade. Patrik não recuou. E o que ela viu era evidentemente satisfatório, porque abaixou os olhos e assentiu.

– Tudo bem, acho que posso confiar em vocês. Mas é sorte que Niclas não esteja em casa.

– Ele esteve aqui há pouco – disse Lilian sem se virar. – Deu uma olhada em Stig, mas depois saiu.

– Por que ele veio para casa? E por que ele não me contou que esteve aqui?

– Você estava dormindo, acho. E não faço ideia por que ele veio para casa no meio da tarde. Deve ter precisado descansar um pouco. Bem, eu falei que achava que era muito cedo para voltar a trabalhar, mas aquele rapaz é tão responsável que não consigo entender. É de se admirar isso...

Os comentários de Lilian foram interrompidos por um suspiro demonstrativo de Charlotte, então ela voltou para seus pratos com ainda mais frenesi. Patrik poderia praticamente sentir a tensão reverberando na cozinha.

– De qualquer forma, ele precisa ouvir isso. Vou ligar para a clínica.

Charlotte colocou Albin em seu cobertor no chão e ligou do telefone da parede da cozinha. Ninguém falou nada enquanto ela estava no telefone. Patrik só queria sair dali. Depois de alguns minutos, Charlotte desligou.

– Ele não está lá – disse sem acreditar.

– Não está lá? – Lilian se virou. – Então onde está?

– Aina não sabia. Disse que ele tirou uma folga o resto da tarde. Achou que tinha vindo para casa.

Lilian franziu o rosto, ainda olhando para os outros na cozinha.

– Bom, ele não ficou aqui mais do que quinze minutos. Deu uma olhada em Stig, depois saiu. E eu tive a impressão de que ia voltar ao trabalho.

Patrik e Martin trocaram um olhar. Tinham sua própria teoria de onde estaria o pai de luto.

O técnico responsável enfiou a cabeça na porta da cozinha.

– Vai demorar umas duas horas. Vocês terão os resultados assim que terminarmos.

Patrik e Martin levantaram, sentindo-se mal e se despediram de Charlotte e Lilian.

– Vamos indo. E se acharem algo que possa ter relação com as cinzas, vocês sabem onde nos encontrar.

Charlotte assentiu, o rosto pálido. Parada perto da pia, Lilian fingiu que era surda e nem se dignou a olhar para eles.

Os dois saíram da casa em silêncio e caminharam até o carro.

– Você pode me dar uma carona até minha casa? – pediu Patrik.

– Mas você deixou seu carro na delegacia. Não vai precisar dele para o fim de semana?

– Simplesmente não consigo voltar para lá agora. E ainda pretendo ir trabalhar um pouco no sábado ou domingo. Posso pegar o ônibus e depois voltar de carro.

– Pensei que você tinha prometido a Erica tirar todo o fim de semana de folga – disse Martin.

Patrik sorriu.

– É, eu sei, mas não contava com uma investigação de homicídio.

– Vou trabalhar no fim de semana, então me diga se houver algo que eu possa fazer.

– Ótimo, mas acho que preciso resolver tudo sozinho em paz e silêncio.

– Bem, você é o único que sabe do que precisa – disse Martin, entrando no carro. Patrik sentou-se no lado do passageiro – mas ele não tinha certeza de que Martin estivesse certo.

Finalmente, ela ia conseguir que a sogra saísse da casa. Erica quase não podia acreditar nisso. Todas as reprimendas, todos os comentários de quem sabe tudo e as reclamações traiçoeiras tinham consumido completamente suas reservas de paciência. Ela estava contando os minutos até que Kristina entrasse em seu Ford Escort e voltasse para casa. Se Erica sofria de falta de confiança como mãe antes da sogra chegar, agora estava ainda pior. Aparentemente nada do que fazia estava certo. Não sabia como vestir Maja da forma correta ou como alimentá-la; era muito brusca, muito desajeitada, muito preguiçosa, precisava descansar mais. Não havia fim para as reclamações de Kristina e, quando Erica se sentava com a filha no colo, sentia como se estivesse prestes a desistir. Nunca ia conseguir resolver tudo isso. À noite, sonhava que tinha deixado Maja com Patrik e fazia uma longa viagem. Para muito longe. Em algum lugar que era calmo e pacífico, sem nenhum bebê gritando, sem responsabilidades ou exigências. Em algum lugar onde pudesse deitar e ser uma garotinha de novo, e ter outra pessoa que cuidasse dela.

Ao mesmo tempo, havia um sentimento contrário dentro dela que a levava para o outro extremo. Um instinto protetor e uma certeza de que nunca seria capaz de abandonar a criança que estava em seus braços. Era tão impensável quanto cortar um braço ou uma perna. Elas eram uma só agora e teriam de enfrentar isso juntas. E foi quando começou a pensar no que Charlotte queria que fizesse, antes do terrível pesadelo da morte de Sara. Charlotte tinha dito que ela deveria conversar com alguém, uma pessoa que entendesse como estava se sentindo. Talvez sentir-se assim não fosse normal. Talvez não devesse ser assim.

A morte de Sara foi o que a fez repensar as coisas. Tinha colocado sua própria depressão em perspectiva, e isso tinha feito ser Erica, ao contrário de Charlotte, quem estava passando por um mau momento que poderia ser dissipado. Charlotte teria de viver com sua dor pelo resto da vida. Mas Erica poderia ser capaz de fazer algo sobre sua situação. Antes de falar com alguém, deveria tentar as recomendações de como cuidar de bebês feitas por Anna Wahlgren. Se conseguisse fazer Maja dormir em algum outro lugar que não em seu colo, seria um progresso. Só precisava juntar um pouco de coragem antes de começar seu projeto. E tirar a sogra da casa.

Kristina veio até a sala e olhou preocupada para Erica e Maja.

– Está dando o peito para ela de novo? Não deve ter passado mais do que duas horas desde a última vez. – Ela não esperou uma resposta e continuou: – De qualquer forma, tentei colocar um pouco de ordem nas coisas aqui. Toda a roupa está lavada e havia bastante, vou dizer. Não há pratos sujos e tirei a poeira de tudo. E por falar nisso, fiz uns hambúrgueres e coloquei-os no freezer, então há algo para comer além dessas horríveis comidas congeladas. Você precisa comer direito, sabe, e isso vale para Patrik também.

Ele trabalha duro o dia todo e depois precisa cuidar da Maja boa parte da noite, então precisa de todos os nutrientes possíveis. Devo dizer que fiquei chocada quando o vi. Ele parecia muito pálido e esgotado.

A litania continuou, e Erica precisou cerrar os dentes para resistir ao impulso de tampar as orelhas com as mãos e cantar, como uma garotinha. Claro que tinha algumas horas livres quando sua sogra estava ali, não podia negar isso, mas os problemas claramente superavam os benefícios. Com lágrimas ameaçando escapar, ela olhou inflexível para Ricki Lake na TV. Por que sua sogra não podia simplesmente ir embora?

Parecia que suas orações tinham sido ouvidas, pois Kristina colocou uma mala no corredor e começou a vestir o casaco e calçar os sapatos.

– Tem certeza de que vai conseguir cuidar de tudo sozinha?

Erica afastou seu olhar da TV e até conseguiu dar um pequeno sorriso.

– Claro, ficaremos bem. – Depois de um esforço quase hercúleo, ela acrescentou: – E muito obrigada por toda a ajuda.

Ela esperava que Kristina não notasse como estava sendo falsa. Aparentemente, a sogra não percebeu, pois assentiu graciosamente e disse:

– Bom, é ótimo poder ajudar. Eu volto em breve.

Puxe o carro daqui, mulher, Erica pensou intensamente, tentando levar, pela força do pensamento, sua sogra até a porta da frente. Miraculosamente, pareceu funcionar e, quando a porta se fechou atrás dela, Erica soltou um profundo suspiro de alívio. Mas não durou muito. No silêncio após a partida de Kristina, com o respirar rítmico de Maja como único ruído, ela começou a pensar em Anna. Ainda não tinha conseguido falar com a irmã, e Anna tampouco

tinha tentado ligar. Frustrada, discou o número do celular dela, mas como muitas vezes nas últimas semanas, caiu na caixa postal. Ela deixou uma breve mensagem pela enésima vez e depois desligou. Por que Anna não estava respondendo? Erica começou a pensar em vários planos para descobrir o que tinha acontecido com sua irmã, mas no final desistiu, pois estava completamente esgotada. Teria de esperar outro dia.

Lucas disse que ia sair para procurar emprego, mas ela não acreditou nele. Não do jeito que estava vestido, sujo e sem fazer a barba, sem falar do cabelo. Ela não tinha ideia aonde ele estava indo. Mas Anna sabia que era bom não perguntar. Perguntas eram ruins. Perguntas levavam a socos fortes que deixavam marcas visíveis. Na semana passada, ela não tinha conseguido levar as crianças à creche. As marcas no rosto eram tão óbvias que até mesmo Lucas percebeu que não deveria deixá-la sair.

Seus pensamentos continuavam girando em torno de como isso ia terminar. Tudo tinha ido de mal a pior tão rápido que fazia sua cabeça rodar. A época no elegante apartamento em Östermalm, com Lucas trabalhando como corretor de ações o dia todo, bem-vestido e calmo, parecia um sonho distante. Ela podia se lembrar que mesmo naquela época tinha desejado fugir, mas era difícil entender por quê. Comparado com sua vida agora, não podia ser tão difícil. Claro que apanhara algumas vezes, mas havia bons tempos também, e tudo tinha sido tão bom, tão estruturado. Agora ela olhava para o apartamento de dois cômodos apertado sentindo-se desesperançada. As crianças dormiam em colchões no chão da sala, e seus brinquedos estavam espalhados por todos os lados. Anna não conseguia nem juntá-los. Se Lucas chegasse em casa antes que ela encontrasse a energia para fazer a limpeza, as

consequências seriam certamente duras. Mas ela simplesmente não conseguia se importar.

O que mais a amedrontava era quando via nos olhos de Lucas que algo vital tinha desaparecido. Algo humano que sumira e fora substituído por algo muito mais tenebroso e perigoso. Ele tinha perdido quase tudo, e nada é mais perigoso do que uma pessoa que não tem mais nada a perder.

Por um momento, pensou em fazer uma tentativa de sair do apartamento e pedir ajuda. Pegar as crianças na creche, ligar para Erica e pedir para salvá-los. Ou ligar para a polícia. Mas foi só um pensamento. Nunca sabia quando Lucas poderia voltar para casa e, se ele chegasse no momento em que ela estivesse tentando escapar da prisão, ela nunca teria outra chance de fugir, ou uma chance de sobreviver.

Em vez disso, sentou-se na poltrona perto da janela e olhou para o jardim. Deixou que o crepúsculo descesse lentamente sobre sua vida.

Capítulo 18

Fjällbacka, 1925

O som do martelo batendo no cinzel estava acompanhado por seu assobio. Depois do nascimento dos meninos, ele recuperou a alegria que costumava sentir pelo trabalho e a cada dia ia para a pedreira com a certeza de que agora tinha algo por que trabalhar. Os gêmeos eram tudo que ele tinha sonhado. Tinham somente seis meses, mas já controlavam todo o seu mundo e todo o seu universo. Não conseguia parar de lembrar da imagem de suas cabecinhas carecas e sorrisos desdentados enquanto trabalhava. Fazia seu coração cantar, e ele ansiava para que a noite chegasse e pudesse ir para casa.

Pensar na esposa, ao contrário, fazia seus batimentos perderem o ritmo por um momento. Ela ainda não tinha se conectado com as crianças, apesar de agora já fazer tempo que quase morrera ao dar à luz. O médico havia dito que algumas mulheres podiam demorar muito tempo para se recuperar de tal experiência e que, às vezes, levavam meses para se conectar à criança ou, nesse caso, crianças. Mas agora, meio ano já tinha se passado. E Anders tinha feito o melhor que pôde para facilitar a vida para Agnes. Apesar de suas longas horas de trabalho, sempre cuidava dos meninos quando eles acordavam à noite e, como ela se recusava a dar-lhes o peito, também ajudava a alimentá-los. E trocava as fraldas sem reclamar, depois brincava com eles. Ao mesmo tempo, precisava passar muitas horas na pedreira, então Agnes era forçada a cuidar deles

enquanto isso. Isso o preocupava. Quando voltava para casa, geralmente descobria que não tinham sido trocados o dia inteiro e estavam chorando desesperados de fome. Tinha tentado conversar com a esposa sobre isso, mas ela simplesmente virava o rosto e se recusava a ouvir.

Finalmente, tinha ido até os Jansson e perguntado a Karin, esposa de Jansson, se ela poderia ir de vez em quando ver como estava sua família. Ela o olhou de um jeito inquisidor e depois prometeu fazer isso. Anders seria eternamente grato a ela. A mulher já tinha muito trabalho com os próprios filhos. As oito crianças tomavam todo o seu tempo, mas prometeu sem hesitar que ia olhar os filhos dele o máximo de vezes que pudesse. Uma pedra tinha sido tirada de seu coração com essa promessa. Às vezes, achava que tinha visto um brilho estranho nos olhos de Agnes, mas desaparecia tão rápido que se convenceu de que era apenas sua imaginação. Mas de vez em quando via aquele olhar durante o trabalho e precisava se segurar para não deixar o martelo e correr para casa, só para ter certeza de que os meninos estavam sentados no chão brincando, com o rosto corado e saudáveis.

Ultimamente, ele trabalhava mais do que o normal. De alguma forma, precisava encontrar uma maneira de Agnes ficar mais satisfeita com a vida ou ela tornaria todos infelizes. Desde que tinham se mudado para o alojamento da empresa, ela insistia para que alugassem uma casa na cidade, e Anders havia decidido fazer tudo que pudesse para atender essa vontade. Se isso a fizesse ficar mais dócil com ele e com os garotos, suas longas horas de trabalho valeriam a pena. Ele guardava todo öre que podia. Agora que controlava o dinheiro da casa, era possível economizar, apesar de isso significar que as refeições eram bastante sem graça. Sua mãe o havia ensinado a fazer muitos pratos, e ele sempre comprava os

ingredientes mais baratos que podia encontrar. Agnes, relutantemente, começou a assumir algumas das tarefas de esposa e, depois de algum treinamento, conseguiu cozinhar coisas decentes, então Anders tinha alguma esperança de que, num futuro próximo, poderia deixar para ela a responsabilidade de fazer o jantar.

Se ele pudesse se mudar para a cidade de Fjällbacka, onde as coisas eram um pouco mais alegres, talvez a situação melhorasse. Talvez até pudessem ter uma vida de casados novamente, algo que ela havia lhe negado por mais de um ano.

Diante dele, a pedra se quebrou no local perfeito, bem no meio. Anders achou que isso era um bom sinal – seu plano estava indo na direção correta.

Precisamente às 10h10, o trem chegou. Mellberg já estava esperando fazia meia hora. Várias vezes, esteve a ponto de fazer o retorno e voltar para casa. Mas isso não serviria de nada. Perguntariam por ele, e logo a fofoca se espalharia. Era melhor enfrentar toda essa situação inteiramente desagradável. Ao mesmo tempo, não conseguia ignorar o fato de que algo parecido com expectativa crescia em seu peito. No começo, não tinha sido capaz de identificar o sentimento. Era tão estranho sentir isso por alguma coisa, qualquer coisa, que demorou um bom tempo para descobrir que sensação era essa. Foi uma grande surpresa quando finalmente a identificou.

O nervosismo tornava impossível que ficasse parado na plataforma esperando a chegada do trem. Ele mudava constantemente de posição e pela primeira vez na vida quis fumar, para poder acalmar os nervos com um cigarro. Antes de sair de casa, olhara com desejo para a garrafa de vodka Absolut, mas tinha

se segurado. Não queria cheirar a álcool no primeiro encontro. As primeiras impressões eram importantes.

Depois um pensamento voltou a aparecer em sua cabeça e ficou ali. E se o que ela tinha dito não fosse realmente verdade? Era confuso não saber o que ele realmente queria, se desejava que fosse verdade ou mentira. Ele já tinha oscilado muitas vezes, mas no momento estava inclinando-se para que a carta fosse verdadeira. Não importava como isso soasse estranho.

Uma buzina a distância indicou que o trem de Göteborg se aproximava da estação. Mellberg avançou, despenteando seus cabelos. Com um movimento rápido e eficiente, colocou os cabelos para trás e arrumou tudo. Não queria parecer desalinhado desde o começo.

O trem chegou com tamanha velocidade que no começo Mellberg achou que não ia parar. Talvez continuasse até o desconhecido e o deixaria ali parado, com seus sentimentos de ansiedade e incerteza. Mas finalmente o trem diminuiu e, com muito barulho, parou. Ele olhou para as portas. De repente, percebeu que não sabia se o reconheceria. Ela não devia ter colocado uma flor na lapela dele ou algo assim? Depois notou que era a única pessoa esperando na plataforma, assim, pelo menos o passageiro seria capaz de encontrá-lo.

A porta mais ao fundo se abriu, e Mellberg sentiu seu coração parar por um segundo. Uma dama aposentada desceu com cuidado os degraus. O desapontamento ao vê-la fez seu coração voltar a bater. Mas então ele surgiu. E assim que Mellberg o viu, todas as dúvidas desapareceram. Foi tomado por uma alegria calma, estranha e dolorosa.

Os fins de semana passavam tão rápido, mas Erica adorava ter Patrik em casa. Sábado e domingo eram os dias em que ela

conseguia se concentrar. Então Patrik podia tomar conta de Maja pelas manhãs e em uma das noites normalmente ela usava a bomba, para que ele pudesse dar o leite para Maja. Isso significava que poderia ter uma noite inteira de sono abençoado, apesar de pagar um preço e acordar com os dois peitos tão doloridos que pareciam balas de canhão. Mas valia a pena. Ela nunca teria imaginado que o nirvana fosse ser capaz de dormir toda uma noite sem ser perturbada.

Mas esse fim de semana tinha sido diferente. Patrik fora trabalhar por algumas horas no sábado e estava silencioso e tenso. Apesar de entender o motivo, não gostava que ele não pudesse dedicar-se completamente a ela e a Maja. Seu desapontamento, por outro lado, a deixava com a consciência culpada e se sentindo uma má pessoa. Se o mau humor de Patrik pudesse levar à descoberta do assassino da filha de Charlotte e Niclas, então Erica deveria ser generosa o suficiente para perdoar sua falta de atenção. Mas lógica e racionalidade não pareciam ser seus pontos fortes atualmente.

No domingo à tarde, o clima nublado que tinha durado toda a semana finalmente se abriu, e eles deram uma longa caminhada pela cidade. Erica não deixava de se espantar como a aparição do sol podia, de repente, transformar os arredores completamente. Na tempestade, Fjällbacka parecia tão triste, implacável e cinza, mas agora a cidade brilhava de novo, na base da colina monolítica. Não existia nenhum traço das ondas que tinham quebrado contra o cais e causado a inundação da praça Ingrid Bergman. Agora o ar estava limpo e fresco, e a água, plácida, brilhava como se nunca tivesse sido diferente.

Patrik empurrava o carrinho, e Maja, por incrível que pareça, tinha dormido nele.

– Como você está, de verdade? – perguntou Erica, e Patrik deu um pulo, como se estivesse muito longe.

– Sou eu quem devia perguntar isso – disse Patrik, com a voz culpada. – Você já tem muitos problemas, não precisa se preocupar comigo também.

Erica enlaçou o braço no dele e encostou a cabeça no ombro do marido.

– Nós dois devemos nos preocupar um com o outro, certo? E para responder à sua pergunta anterior, as coisas estão melhores, preciso admitir. Mas estão piores também. Então agora responda à minha pergunta.

Ela reconheceu o estado mental de Patrik. Tinha sido a mesma coisa durante a última investigação de assassinato de que tinha cuidado, e dessa vez a vítima era uma criança. E, acima de tudo, era a filha de uma de suas amigas.

– Só não sei mais como continuar. Estou me sentindo assim desde que começamos a investigação. Repassei tudo várias vezes quando fui até a delegacia ontem, mas estou sem ideias.

– É verdade que ninguém viu nada?

Ele suspirou.

– É, tudo o que viram foi Sara saindo da casa. Depois disso, não há nenhum vestígio dela. É como se tivesse desaparecido numa nuvem e, de repente, reaparecido no mar.

– Tentei ligar para Charlotte algumas horas atrás, e Lilian atendeu – disse Erica, cautelosa. – Ela parecia estranha e rude, mais do que o normal. Tem algo que eu deveria saber?

Patrik hesitou, mas finalmente decidiu contar.

– Fizemos uns exames na casa deles na sexta. Lilian ficou um pouco brava com isso...

Erica levantou as sobrancelhas.

– Posso imaginar. Mas por que fizeram isso? Quero dizer, alguém fora da família deve ter cometido o crime, não acha?

Patrik deu de ombros.

– Sim, é mais do que provável. Mas não podemos simplesmente presumir que seja verdade. Temos de investigar tudo. – Estava começando a ficar irritado por todo mundo questionar a maneira como fazia seu trabalho. Não podia deixar de investigar a família simplesmente porque a ideia era desagradável. Era tão importante investigar a família de perto quanto examinar tudo que apontasse para um assassino de fora. Sem dicas que levassem a uma direção específica, todas as direções eram igualmente importantes.

Erica pôde sentir sua irritação, e deu um tapinha no braço do marido para mostrar que não quis ofender. Sentiu que ele relaxou.

– Precisamos comprar algo para o jantar? – Estavam passando pela velha clínica que agora era uma creche e viram o cartaz do supermercado Konsum.

– Algo gostoso.

– Está falando do jantar ou da sobremesa? – disse Patrik, descendo a pequena colina que levava até o estacionamento do Konsum. Erica olhou para ele, e Patrik riu.

– Os dois – ela respondeu. – Eu estava pensando em...

Quando os dois saíram do mercado com muitos produtos, Patrik perguntou surpreso:

– Foi minha imaginação ou a mulher atrás de nós estava me olhando de um jeito estranho?

– Você não estava imaginando. Era Monica Wiberg, a vizinha dos Florin. O nome de seu marido é Kaj, e eles têm um filho chamado Morgan, que, ouvi dizer, é um pouco estranho.

Agora Patrik entendeu por que a mulher tinha olhado com tanta raiva para ele. Claro que não era o policial que tinha interrogado

seu filho, mas bastava que fosse da mesma profissão.

– Ele tem Asperger – disse Patrik.

– Quem? – perguntou Erica, que já tinha se esquecido de quem estavam falando e se concentrava em prender o gorro de Maja, que tinha virado de lado enquanto a menina dormia, expondo sua orelha ao frio do outono.

– Morgan Wiberg – disse Patrik. – Gösta e Martin foram conversar com ele, que contou que tinha algo chamado Síndrome de Asperger.

– O que é isso? – perguntou Erica, curiosa, deixando Patrik empurrar o carrinho agora que as duas orelhas de Maja estavam igualmente cobertas pelo gorro.

Patrik contou algo do que tinha aprendido com Martin na sexta. Tinha sido uma boa ideia sair e se encontrar com a psicóloga.

– Ele é um suspeito? – perguntou Erica.

– Por enquanto não. Mas parece ter sido a última pessoa que viu Sara, então é bom sabermos o máximo possível sobre ele.

– Para garantir que não está focando nele por ser um pouco estranho. – Ela mordeu a língua assim que disse isso. – Desculpe, sei que você é mais profissional do que isso. É que numa cidade pequena assim, as pessoas diferentes são sempre as apontadas quando alguma coisa ruim acontece. Culpe o idiota da vila, esse tipo de coisa.

– Por outro lado, indivíduos incomuns sempre foram muito mais respeitados em pequenas comunidades do que nas grandes cidades. Um caráter excêntrico é somente outro lado da mesma moeda e é aceito dessa forma. Na cidade grande ele acabaria ficando bem mais isolado.

– Você está certo, mas esse tipo de tolerância sempre foi bastante inconstante. É o que estou dizendo.

– É, bem, de qualquer forma, Morgan não está sendo tratado diferente de qualquer outro, posso garantir isso.

Erica não respondeu, mas segurou novamente o braço de Patrik. No resto da caminhada de volta para casa, eles falaram de outras coisas. Mas, durante todo o tempo, ela podia sentir que os pensamentos dele estavam em outro lugar.

Na segunda-feira, o bom clima do dia anterior tinha desaparecido. Agora estava tão cinzento e frio como antes, e Patrik usava um suéter grande e grosso quando se sentou em sua mesa. No verão passado, o ar condicionado não tinha funcionado e era como trabalhar numa sauna. Agora as paredes pareciam úmidas, e ele tremia. O toque do telefone o fez acordar.

– Você tem uma visita – era a voz de Annika.

– Não estou esperando ninguém.

– Jeanette Lind diz que precisa vê-lo.

Patrik imaginou a morena curvilínea e se perguntou o que ela queria.

– Mande-a entrar – falou, levantando-se para receber a visita inesperada. Eles se cumprimentaram de forma polida no corredor fora de sua sala. Jeanette parecia muito cansada, e ele se perguntou o que teria acontecido desde a última sexta, quando a viu pela última vez. Muitos turnos noturnos no restaurante ou algum problema pessoal?

– Gostaria de uma xícara de café? – perguntou, e ela assentiu. – Sente-se, eu vou pegar – disse, apontando para uma das cadeiras.

Um momento depois, colocou duas xícaras em sua mesa.

– Então, como posso ajudá-la? – perguntou, colocando os braços na mesa e se inclinando para a frente.

Ela demorou uns segundos para responder. Com os olhos baixos, esquentou as mãos na xícara de café e parecia estar pensando em

como começar. Depois, jogou os cabelos grossos e pretos para trás e olhou direto para ele.

– Eu menti sobre Niclas estar comigo na última segunda – falou.

A expressão de Patrik não revelou sua consternação, mas por dentro sentiu algo forte saltar no peito.

– Conte mais – disse, calmo.

– Só contei o que Niclas tinha pedido para falar. Ele me deu os horários e pediu para que eu dissesse que estávamos juntos.

– E ele falou por que queria que você mentisse para ele?

– Tudo que disse era que se não fosse assim, as coisas ficariam complicadas. Seria mais simples para todos se eu desse um alibi para ele.

– E você não questionou isso?

Ela deu de ombros.

– Não, eu não tinha motivos para fazer isso.

– Mesmo com uma criança assassinada, você não achou que havia algo estranho no pedido dele de criar um alibi? – Patrik falou, incrédulo.

Jeanette deu de ombros de novo.

– Não – respondeu. – Quero dizer, Niclas dificilmente teria matado a própria filha, não é?

Patrik não respondeu. Depois de um momento, perguntou:

– Niclas não contou o que realmente estava fazendo naquela manhã?

– Não.

– E você não tem ideia?

Mais uma vez, o impassível movimento de ombros.

– Só presumi que ele tirou a manhã de folga. Ele trabalha duro, e a esposa está sempre reclamando que deveria ajudar na casa,

mesmo que ela fique ali o tempo todo. Provavelmente precisava de algum tempo livre.

– E por que arriscaria seu casamento pedindo que você criasse um álibi para ele? – perguntou Patrik, tentando em vão ler algo na fria expressão de Jeanette. A única coisa que revelava qualquer emoção era a forma como batia nervosamente as longas unhas na xícara de café.

– Não tenho ideia – ela disse impaciente. – Provavelmente pensou no que era menos pior, ser descoberto com uma amante ou ser suspeito do assassinato da própria filha.

Patrik achou que isso soava muito improvável, mas as pessoas reagem de forma estranha quando estavam estressadas; já tinha visto muitos exemplos diferentes.

– Se você achou que estava tudo bem dar um álibi na sexta, por que mudou de ideia agora?

Suas unhas continuaram a bater na xícara. Estavam muito benfeitas, até Patrik podia ver.

– Eu... pensei sobre isso no fim de semana e me pareceu errado. Quero dizer, uma criança está morta, não é? Vocês deviam saber tudo.

– Devíamos sim – disse Patrik.

Ele não tinha certeza se acreditava na explicação dela, mas não importava. Niclas não tinha mais nenhum álibi para segunda-feira de manhã – pior, tinha pedido para alguém inventar uma mentira. Era o suficiente para levantar a bandeira de perigo.

– Bom, preciso agradecê-la por vir até aqui para me contar isso – disse Patrik, ficando de pé.

Jeanette esticou a mão e manteve o aperto um pouco mais do que o comum quando se despediram. Inconscientemente, Patrik limpou a mão no jeans assim que ela saiu. Havia algo naquela

jovem de que ele não gostava. Mas graças a Jeanette, agora tinham uma pista sólida para continuar. Estava na hora de olhar Niclas Klinga mais de perto.

De repente Patrik se lembrou da nota que Annika tinha entregado. Com um leve pânico, enfiou a mão no bolso de trás da calça. Quando tirou o pedaço de papel, ficou grato que nem ele nem Erica tivessem lavado roupa no fim de semana. Leu a nota e depois se sentou para fazer algumas ligações.

Capítulo 19

Fjällbacka, 1926

Os meninos de dois anos estavam gritando atrás dela, e Agnes mandou que calassem a boca. Ela não sabia como os dois podiam fazer tanto barulho. Estavam realmente passando muito tempo na casa dos Jansson, aprendendo coisas com aqueles meninos nojentos, pensou Agnes. Ela preferiu fechar os olhos para o fato de que a vizinha tinha criado seus filhos desde que os dois tinham seis meses de idade. Mas as coisas iam mudar agora que eles estavam indo para a cidade. No assento do carro, Agnes parecia feliz. Se tudo desse certo, nunca mais teria de olhar para aquele acampamento miserável outra vez na vida. Agora estava um passo mais perto da vida que merecia. Ia, pelo menos, viver entre pessoas sensatas, num bairro que era cheio de vida e energia. A casa que estavam alugando não era muito bonita, apesar de os quartos serem mais limpos e mais iluminados, e até um pouquinho maiores, do que os da cabana. Mas pelo menos a casa estava localizada em Fjällbacka. Ela podia sair na rua sem enfiar o pé na lama e podia começar a cultivar amizades que fossem bem mais estimulantes do que simples esposas de escultores, que não faziam nada além de parir um filho atrás do outro. Finalmente teria a chance de conhecer outras pessoas com visões completamente distintas. Agnes preferiu ignorar o fato de que ela mesma poderia não ser uma amizade interessante para essas pessoas, já que agora pertencia à multidão de esposas de escultores que ela

mesmo desprezava. Ou achava que talvez vissem como era diferente.

– Johan, Karl, acalmem-se. Fiquem quietos no carro ou terão de descer e andar – disse Anders, virando-se para os garotos. Como sempre, Agnes achou que ele era muito tolerante com os dois. Se dependesse dela, Anders teria gritado muito mais alto e até dado um tapa na orelha deles. Mas nesse ponto ele era resoluto. Ninguém levantava a mão para seus filhos. Uma vez, pegou-a dando um tapa em Johan, e deu-lhe uma bronca tão dura que ela nunca mais ousou fazer isso. Em todo o resto, Anders fazia o que ela queria, mas quando o assunto eram Karl e Johan, ele tinha a última palavra. Até tinha escolhido seus nomes. Se são bons para reis, seriam bons para os meus filhos, tinha dito. Agnes apenas suspirara. Quanta besteira. Mas ela não se importava em nada com o nome dos meninos, então se ele queria que se chamassem assim, não tinha nenhuma objeção.

O melhor de tudo seria se afastar daquela intrometida sra. Jansson. Claro, tinha sido conveniente que a velha tomasse conta das crianças para ela, mas tinha feito isso por vontade própria. Ao mesmo tempo, seus olhares reprovadores só deixavam Agnes mais nervosa. Como se ela fosse uma má pessoa só porque não via como seu único propósito na vida limpar a merda da bunda das crianças.

Eles não podiam ir com o carro até a casa, que ficava numa das travessas pequenas e estreitas que levavam até o mar. Tiveram de carregar as coisas na última parte do trajeto. Anders fazia um par a mais de viagens para trazer seus poucos móveis. Agnes cumprimentou o velho que era o dono da casa e seria o senhorio deles e depois entrou em seu novo lar. Nunca pensou que iria considerar dois minúsculos cômodos numa casa pequena um

avanço em sua vida, mas comparado à cabana escura, aquilo parecia um castelo.

Quando entrou na casa, arrastando a saia, ficou feliz por descobrir que o inquilino anterior tinha deixado o lugar limpo e arrumado. Detestava viver na bagunça ou na sujeira, mas no pequeno espaço da cabana da empresa, não parecia uma grande ideia ficar limpando. Além disso, ela não gostava de limpar. Mas se conseguisse persuadir Anders, o mão-de-vaca, a comprar umas bonitas cortinas e um tapete, essa casa poderia ser aceitável.

Os garotos correram entre suas pernas e rodopiaram como loucos no quarto vazio, um atrás do outro. Agnes começou a ficar louca quando viu todo o barro que eles estavam espalhando com seus sapatos pelo chão limpo.

– Karl! Johan! – ela gritou, e os meninos pararam aterrorizados. Ela apertou os punhos contra as pernas para evitar dar um tapa neles. Em vez disso, agarrou os filhos pelo braço e os arrastou até a porta da frente. Permitiu-se dar um beliscão em cada um e viu com satisfação como seus rostos se desmancharam em lágrimas.

– Papai! – Karl começou a chorar, e Johan logo se juntou ao coro:

– Quero o papai!

– Calem a boca – falou Agnes, olhando ao seu redor, ansiosa. Não seria bom começar assim na nova casa. Mas os meninos tinham passado do ponto em que poderiam parar de chorar.

– Papai! – eles gritaram juntos, e Agnes se forçou a respirar fundo para se controlar e não fazer nada estúpido. Os garotos choraram ainda mais.

– Karin, queremos Karin – eles gritaram, enquanto se jogavam no chão e começavam a bater os punhos.

Eram malditos chorões, exatamente como o pai deles. E pensar que tinham a coragem de preferir aquela vadia nojenta à própria

mãe. Ela sentiu que seu pé começava a se contrair com uma vontade de chutá-los no estômago. Felizmente, nesse momento, Anders apareceu no alto da colina.

– O que está acontecendo aqui? – ele perguntou em seu melodioso sotaque Blekinge, e os garotos se levantaram no ato.

– Papai! A mamãe é má!

– Então, o que aconteceu agora? – ele perguntou resignado, lançando um olhar desaprovador a Agnes. Ela o amaldiçoou em silêncio. Nem sabia o que tinha acontecido e mesmo assim ficava do lado dos filhos. Nem se deu ao trabalho de explicar, só virou as costas e entrou na casa para limpar o barro que os meninos tinham deixado para trás. Atrás de si podia ouvi-los chorando com o rosto enterrado no casaco de Anders. Tal pai, tais filhos.

Monica faltou na segunda. Só havia passado uma semana desde que tinham encontrado a garota, mas parecia que vários anos tinham sido acrescentados à sua vida desde então. Ela ouviu Kaj murmurando na cozinha e sabia que era só uma questão de tempo. Como era de se esperar, lá veio:

– Monica-a-a-a. Onde está o café?

Ela fechou os olhos e respondeu com uma polidez forçada.

– Na lata, dentro do armário, em cima do fogão. No mesmo lugar em que esteve nos últimos dez anos – não pôde deixar de acrescentar.

Ouviu uma resposta murmurada da cozinha e se levantou suspirando. Era melhor ajudá-lo. Não conseguia entender como um homem já crescido podia ser tão incapaz. Como tinha sido capaz de dirigir uma empresa com trinta funcionários era algo que não podia compreender.

– Deixe comigo – ela falou, tirando a lata de café da mão dele.

– O que deu em você? – disse Kaj no mesmo tom de voz irritado.

Monica respirou fundo para se acalmar enquanto contava silenciosamente as colheres de café. Não valia a pena começar uma briga com Kaj, além de todo o resto.

– Nada – ela falou. – Só estou um pouco cansada. E não gosto que a polícia venha aqui conversar com o Morgan.

– Bom, e o que podemos fazer? – disse Kaj, sentando-se adiante da mesa da cozinha e esperando que o café fosse servido. – Ele é um adulto, mesmo que você se recuse a acreditar nisso – acrescentou.

– Você, entre todas as pessoas, deveria saber como as coisas são difíceis para o Morgan. Onde você esteve durante todos esses anos? Não é parte dessa família? – A irritação era evidente em sua voz, e ela começou a cortar o rocambole com mais energia do que o necessário.

– Sou parte dessa família tanto quanto você, muito obrigado. Por outro lado, nunca me inclinei a mimar tanto o Morgan. Nem arrastá-lo de um psicólogo para o outro. De que serviu isso? Ele só fica sentado na cabana o dia todo, cada vez mais estranho com o passar dos anos.

– Nunca o mimei – disse Monica, com os dentes cerrados de raiva. – Tentei dar a nosso filho o melhor cuidado que pudesse ter, considerando o problema com o qual precisa conviver. O fato de que você escolheu ignorá-lo é algo que precisa reconhecer. Se passasse com ele metade do tempo que gasta fazendo suas rotinas de exercícios...

Ela praticamente jogou o prato de rocambole sobre a mesa e se encostou na pia com os braços cruzados.

– Está bem, está bem – disse Kaj, tentando acalmá-la enquanto enfiava um pedaço do doce na boca. Também não estava com

vontade de brigar, tão cedo. – Não é preciso falar disso de novo. De qualquer forma, concordo com você que é horrível ter a polícia em casa. Por que não focam a atenção naquela maldita vagabunda do lado?

Agora que tinha entrado em seu tópico favorito, ele puxou a cortina e olhou para a casa dos Florin.

– Parece estar tudo quieto ali. Eu me pergunto o que estavam fazendo todos aqueles carros ali na sexta? E todas as caixas e equipamentos que estavam carregando?

Monica baixou a guarda relutantemente e se sentou na frente dele. Pegou um pedaço de rocambole apesar de não dever. Sua loucura por doces já tinha acrescentado muita gordura aos quadris. Mas Kaj parecia não se importar, então para que se esforçar?

– Não tenho ideia, e não vale a pena se importar com isso. A principal coisa é que deixem Morgan em paz.

O frio no estômago de Monica se recusava a diminuir. A cada dia, ficava cada vez pior. O açúcar no rocambole acalmou seus nervos por um tempo, mas ela sabia que a ansiedade logo retomaria o controle. Desesperada, olhou para Kaj. Pensou em contar tudo, mas logo percebeu como aquilo seria absurdo. Trinta anos juntos e não tinham nada em comum. Ele estava mastigando contente outro pedaço de rocambole, sem perceber as garras de lobo que rasgavam sua esposa por dentro.

– Você não deveria ir trabalhar? – disse Kaj quando parou de mastigar.

Típico. Monica devia ter saído havia uma hora, mas só agora ele percebeu que ela tinha ficado em casa.

– Liguei dizendo que estava doente. Não estou me sentindo bem.

– Você parece bem – ele disse, crítico. – Um pouco pálida, talvez. Bom, você sabe que estou sempre falando para você sair daquele

emprego. É uma loucura continuar se matando por algo se não precisa. Não precisamos do seu salário, de verdade.

Uma onda violenta tomou conta dela. Levantou-se de um salto.

– Não quero ouvir mais nada sobre isso. Fiquei em casa mais de vinte anos e não fiz nada além de passar suas camisas e preparar o jantar para você e seus sócios. Não tenho direito a ter minha própria vida?

Ela pegou o prato de rocambole, foi até a lata de lixo e jogou os últimos pedaços sobre o pó de café e os restos de comida. Depois deixou Kaj boquiaberto na mesa da cozinha. Não podia encará-lo nem mais um segundo.

Mia parou o carrinho de bebê no fundo da loja de ferramentas e checou se Liam estava dormindo. Ela só ia entrar correndo e comprar algumas coisas e não achou necessário levar o carrinho para dentro. O vento estava soprando forte, mas estava pior na frente da loja, o lado que dava para a água. No fundo, a loja estava protegida contra o vento pelo morro Veddeberget, e o carrinho estaria bem nos cinco minutos que ela planejava passar lá dentro.

A campainha tocou quando ela entrou. A loja estava cheia de tudo que trabalhadores manuais e amantes de barcos podiam precisar. Olhou a lista que Markus tinha feito para ver o que precisava comprar. Ele tinha prometido montar o resto das prateleiras no quarto do bebê no fim de semana se ela comprasse as ferramentas necessárias.

Mia estava feliz por finalmente terminar o quarto. O tempo passara e, apesar de Liam já ter seis meses, seu quarto ainda parecia estar em construção. Não era o quarto confortável e aconchegante com que ela sempre sonhara. O único problema era que dependia de seu namorado para terminar de arrumá-lo. Ela nunca tinha nem segurado um martelo na vida, e ele era muito

hábil, se estivesse com vontade; infelizmente, isso nem sempre acontecia.

Às vezes, ela se perguntava se o resto de sua vida seria assim. Quando eles se conheceram, achou a filosofia dele era maravilhosa: sempre se divertir e nunca fazer nada chato. Ela tinha aceitado o estilo de vida dele e por quase um ano tinham vivido de forma livre com muitas festas e decisões de última hora. Mas no final tinha cansado disso. Sentia as responsabilidades da vida adulta crescendo de forma mais insistente – principalmente desde que Liam tinha nascido. Enquanto isso, Markus continuou vivendo em sua pequena bolha; ela sentia como se tivesse de cuidar de duas crianças. Ele não contribuía nem com comida nem com o aluguel. Se ela não estivesse vivendo em casa e recebendo dinheiro dos pais, teriam morrido de fome.

Markus era bom em conseguir empregos, esse não era o problema. Não, o problema era que nenhum emprego atendia a suas altas expectativas, ou suas exigências de que tudo sempre precisava ser legal, então ele normalmente pedia demissão depois de poucas semanas. Vagabundeava por um tempo, vivendo do dinheiro dela até conseguir um novo emprego. Ele dormia a maior parte do dia também, então quase nunca ajudava, nem com o trabalho da casa, nem com Liam. Preferia ficar acordado a noite toda jogando videogame.

Para ser honesta, Mia tinha começado a se cansar da forma como estava vivendo. Tinha vinte anos e se sentia com quarenta. Ficava se ouvindo reclamar e às vezes, horrorizada, parecia sua mãe.

Mia suspirou enquanto caminhava entre as prateleiras. Olhou para a lista. Não foi difícil encontrar pregos e algumas outras coisas de que ele precisava, mas teve de pedir ajuda para encontrar os parafusos. Quando tinha finalmente terminado e estava a ponto de

pagar, olhou para o relógio. Quinze minutos tinham se passado enquanto estava marcando os itens na lista e sentiu o suor escorrer pelas axilas. Esperava que Liam não tivesse acordado. Correu para a porta com as compras e, assim que colocou o pé para fora, ouviu seus gritos agudos, como tinha temido. Mas eles soavam diferentes dos gritos de quando estava bravo, faminto ou aborrecido. Eram gritos de total pânico que ecoavam estridentes na parede de pedras de Veddeberget.

O instinto maternal de Mia dizia que algo estava errado, e ela soltou as sacolas e correu até o carrinho. Quando olhou para baixo, seu coração parou por um instante enquanto tentava entender o que estava vendo. O rosto de Liam estava preto com algo que parecia cinza ou fuligem. Em sua boca aberta, aos gritos, ela também via um monte de cinzas, e ele ficava colocando a língua para fora, numa tentativa de se livrar daquela coisa nojenta. A parte de dentro do carrinho estava cheia do pó negro e, quando Mia levantou seu filho tomado de pânico e o apertou contra o peito, seu casaco ficou coberto daquilo. Sua mente não conseguia pensar em nenhuma teoria sensata sobre o que tinha acontecido, mas com Liam nos braços correu de volta para Järnboden. Tudo que ela sabia era que alguém tinha feito algo a seu filho. Enquanto o funcionário ligava pedindo ajuda, Mia tentava desesperadamente tirar as cinzas da boca de Liam usando um guardanapo de papel.

Somente uma pessoa louca faria algo assim.

Às duas horas, eles tinham toda a informação de que precisavam. Annika tinha feito o trabalho pesado, e Patrik agradeceu com uma voz grave todas as páginas que tinham vindo por fax numa corrente contínua. Bateu na porta de Martin, mas entrou sem esperar por uma resposta.

– Olá – disse Martin e conseguiu fazer o cumprimento parecer uma pergunta. Ele sabia que Patrik e Annika tinham estado trabalhando e só precisava ver o rosto do detetive para saber que seus esforços tinham valido a pena.

Patrik não respondeu, mas se sentou na cadeira em frente à mesa de Martin e colocou as folhas de fax na frente do colega sem comentar nada.

– Presumo que você tenha descoberto algo – disse Martin, pegando os papéis.

– Sim, depois que conseguimos um mandado, foi como abrir a caixa de Pandora. Há todo tipo de informação. Veja você mesmo.

Patrik encostou na cadeira e esperou que Martin terminasse de olhar as impressões.

– Isso não parece bom – disse Martin depois de um tempo.

– Não mesmo – disse Patrik, balançando a cabeça. – Albin foi levado à clínica um total de treze vezes com algum tipo de machucado. Perna quebrada, cortes, queimaduras e só Deus sabe o que mais. É como ler um livro sobre abuso infantil.

– E você acha que foi Niclas, e não Charlotte, que fez tudo isso? – Martin apontou para a pilha de faxes.

– Primeiro, não há prova de que realmente tenha ocorrido abuso infantil. Ninguém encontrou nenhum motivo para começar a fazer perguntas antes e, teoricamente, ele poderia ser a criança mais azarada do mundo. Dito isso, sabemos que é muito improvável. É possível que alguém tenha abusado de Albin em várias ocasiões. Se foi Niclas ou Charlotte, bem, é impossível saber com certeza. Mas, no momento, Niclas é de quem mais temos suspeitas, então estou presumindo que ele é o candidato mais provável, no mínimo.

– Poderiam ser os dois? Já ocorreram casos assim, você sabe.

– Claro – disse Patrik. – Tudo é possível, e não podemos descartar isso. Mas considerando o fato de que Niclas mentiu sobre seu álibi – e também tentou fazer outra pessoa mentir por ele – gostaria de trazê-lo aqui para um interrogatório mais sério. Você concorda com isso?

Martin assentiu:

– Totalmente. Vamos trazê-lo, apresentar essa informação e ver o que tem a dizer.

– Ótimo, é isso que vamos fazer, então. Podemos ir lá imediatamente?

Martin concordou:

– Estou pronto se quiser ir.

Uma hora depois, eles tinham Niclas sentado na mesa da sala de interrogatório. Ele parecia obstinado, mas não protestou quando o tiraram da clínica. Era como se não tivesse energia para fazer qualquer objeção. Em nenhum momento durante a viagem até a delegacia tinha perguntado por que queriam falar com ele. Em vez disso, simplesmente olhou a paisagem e deixou o silêncio falar por si. Durante um breve momento, Patrik sentiu um pouco de compaixão. Parecia que o cérebro de Niclas só agora tinha registrado o fato de que sua filha estava morta e no momento estava devotando toda a sua energia para lidar com essa informação. Então Patrik se lembrou do conteúdo dos relatórios médicos, e sua compaixão desapareceu imediatamente.

– Você sabe por que queremos conversar com você? – Patrik começou a falar, calmo.

– Não – respondeu Niclas, olhando para a mesa.

– Recebemos algumas informações que são... – Patrik fez uma pausa de efeito – perturbadoras.

Nenhuma resposta de Niclas. Todo o seu corpo se inclinou para a frente e, em cima da mesa, suas mãos tremiam um pouco.

– Você quer saber que tipo de informação temos? – perguntou Martin tranquilo, mas Niclas não respondeu.

– Então, vamos contar – continuou Martin, olhando para Patrik, que limpou a garganta.

– Antes de tudo, a declaração que nos deu sobre onde estava na segunda-feira de manhã não estava correta.

Nesse momento Niclas olhou para eles pela primeira vez. Patrik achou ter visto surpresa, que desapareceu rapidamente. Na falta de qualquer resposta verbal, Patrik continuou.

– A pessoa que era seu álibi se retratou. Em bom sueco: Jeanette nos contou que você não estava com ela, como afirmava, e também disse que você pediu para ela mentir.

Nenhuma reação de Niclas. Parecia que todas as emoções tinham desaparecido dele, deixando para trás apenas um vácuo. Ele não mostrava raiva, espanto, consternação ou qualquer sentimento que Patrik tinha previsto. Esperou que falasse algo, mas o silêncio prevaleceu.

– Gostaria de comentar algo? – Martin o provocou.

Niclas balançou a cabeça.

– Se essa é a história dela...

– Talvez você possa nos contar onde estava durante as horas em questão.

Niclas só deu de ombros. Depois disse em voz baixa:

– Não tenho nenhuma intenção de fazer qualquer declaração. Nem entendo por que estou aqui e por que estão me fazendo essas perguntas. É a minha filha que está morta. Por que eu iria machucá-la? – Ele levantou os olhos e virou para Patrik, que viu a brecha para a próxima pergunta.

– Talvez porque você tenha o hábito de abusar de seus filhos. Pelo menos de Albin.

Niclas sentiu o baque e olhou para Patrik com a boca aberta. Um ligeiro tremor de seu lábio foi a primeira indicação de emoção que viram.

– Do que você está falando? – perguntou Niclas inseguro, e seus olhos iam de Patrik a Martin.

– Nós sabemos – disse Martin calmo, apontando para a pilha de papéis na frente dele. Tinha feito cópias do fax para que os dois detetives tivessem as informações.

– O que vocês acham que sabem? – questionou Niclas, e sua voz continha um tom de desafio. Mas não pôde deixar de olhar para os papéis na frente de Martin.

– Treze vezes, Albin foi tratado por vários tipos de machucados. O que isso mostra para você, como médico? Que conclusão tiraria se alguém chegasse treze vezes com uma criança que sofreu queimaduras, cortes e teve ossos quebrados?

Niclas apertou os lábios.

Patrik continuou:

– Bom, você não o levou para a mesma clínica todas as vezes. Isso seria jogar com o destino, não? Mas quando juntamos relatórios do hospital em Uddevalla e das clínicas na região, resultou num total de treze ocorrências. Ele é uma criança com muita tendência a sofrer acidentes, ou o quê?

Niclas continuou sem responder. Patrik olhava para as mãos dele. Seriam capazes de machucar uma criancinha?

– Talvez exista uma explicação para isso – disse Martin, com uma voz falsamente gentil. – Quero dizer, posso entender que as coisas fiquem descontroladas de vez em quando. Vocês médicos trabalham muitas horas e estão esgotados e estressados. Sara

também era uma garota que exigia muito, e ter um bebê pode ser o suficiente para acabar com qualquer um. Todas as frustrações que precisam ser liberadas, que precisam encontrar uma saída. Apesar de tudo, somos apenas seres humanos, não é mesmo? E isso poderia explicar por que não há nenhum informe de “acidentes” desde que você se mudou para Fjällbacka. Conseguiu mais ajuda na casa, um trabalho menos estressante, e tudo de repente fica mais fácil. Não há mais necessidade de descarregar suas frustrações.

– Você não sabe nada sobre mim ou minha vida. Não se engane de achar que sabe – disse Niclas com uma inesperada amargura, olhando para a mesa. – Não vou mais falar disso, então você pode parar com toda as besteiras psicológicas.

– Está falando que não tem nenhum comentário sobre tudo isso?
– disse Patrik, apontando para as cópias dos relatórios.

– Não tenho nada para falar. Já disse – respondeu Niclas olhando para a mesa.

– Você entende que precisamos entregar todos esses dados para o Serviço Social, não? – disse Patrik, se inclinando para Niclas. Mais uma vez, ele viu somente um leve tremor nos lábios.

– Faça o que tiver de fazer – disse Niclas numa voz rouca. – Você vai me manter aqui ou posso ir embora?

Patrik levantou.

– Você pode ir. Mas vamos chamá-lo para outras perguntas.

Ele acompanhou Niclas até a entrada principal, mas nenhum dos dois fez qualquer movimento para se despedir.

Patrik voltou para a sala de interrogatório, onde Martin estava esperando.

– O que você achou? – disse Martin.

– Realmente não sei. Para começar, eu esperava uma reação mais forte.

– É, parece que ele está completamente desligado do mundo exterior. Mas eu presumo que pode ser a forma como a dor o afetou. De acordo com o que você me contou, ele se jogou no trabalho como se nada tivesse acontecido. Além disso, foi forçado a parecer forte em casa quando Charlotte desmoronou. Se ela está se sentindo melhor agora, talvez Niclas tenha começado a sentir a dor. O que estou dizendo é que não podemos presumir que ele possa ter feito algo, apesar de seu comportamento estranho. As circunstâncias são realmente extraordinárias.

– É, você está certo – disse Patrik com um suspiro. – Tampouco podemos ignorar certos fatos. Ele pediu para Jeanette mentir sobre seu álibi, e ainda não sabemos onde realmente estava naquela manhã. E eu não nasci ontem – esses relatórios mostram claramente que Albin sofreu abusos. Se eu tivesse de adivinhar quem é o mais provável agressor, seria Niclas.

– Então vamos mandar o relatório para o Serviço Social, como você disse? – perguntou Martin.

Patrik hesitou.

– Deveríamos fazer isso imediatamente, mas algo me diz para esperar alguns dias, até descobrirmos mais coisas.

– Certo, é você quem manda – disse Martin. – Eu só espero que saiba o que está fazendo.

– Para ser honesto, não tenho ideia – disse Patrik, com um sorriso estranho. – Não sei merda nenhuma.

Erica correu quando ouviu as batidas na porta. Maja estava deitada de costas no chiqueirinho, e Erica tinha ficado sentada num canto do sofá perdida num torpor exausto. Ela pulou e foi abrir a porta. Quando viu quem estava parado do lado de fora, levantou as sobrancelhas um pouco espantada.

– Oi, Niclas – falou, mas não fez nenhum movimento para deixá-lo entrar. Eles só tinham se visto algumas vezes, e Erica estava imaginando por que ele tinha decidido vir até a casa dela.

– Oi – ele disse hesitante e depois ficou em silêncio. Após alguns segundos, falou: – Posso entrar um momento? Preciso conversar com você.

– Claro – disse Erica, ainda espantada. – Entre, vou fazer um pouco de café.

Ela foi até a cozinha e preparou o café enquanto Niclas pendurava seu casaco. Então pegou Maja do chão, porque a menina tinha começado a reclamar um pouco e serviu o café com a mão livre antes de se sentar à mesa da cozinha.

– Eu reconheço isso – disse Niclas com uma risada quando se sentou diante de Erica. – Todas as mães parecem ter a habilidade de fazer com uma mão tudo que se faz com as duas. Não sei como conseguem.

Erica sorriu. Era incrível como o rosto de Niclas mudava quando ele sorria. Mas logo voltou a ficar sério, e seu rosto se fechou.

Ele tomou um gole de café como se quisesse ganhar tempo. Erica estava morta de curiosidade. O que queria com ela?

– Você está provavelmente se perguntando por que estou aqui – ele falou como se estivesse lendo a mente dela. Erica não respondeu. Niclas tomou outro gole da xícara e depois continuou: – Sei que Charlotte esteve aqui e conversou com você.

– Não posso contar o que nós...

Ele levantou a mão.

– Não, não estou aqui para descobrir o que Charlotte pode ter contado para você. Estou aqui porque você é a melhor amiga que ela tem nesta cidade e, pelo que vi quando foi em casa, é uma boa amiga. E Charlotte vai precisar de uma amiga agora.

Erica olhou para ele, curiosa. Ao mesmo tempo, tinha uma estranha premonição sobre o que Niclas ia falar. Sentiu uma mãozinha em seu rosto e se virou para Maja, que estava olhando para cima contente, tentando agarrar seus cabelos. Para falar a verdade, ela não sabia se queria continuar ouvindo. Algo dentro dela queria ficar no casulo onde estava vivendo nos últimos meses. Apesar de sentir como se estivesse sufocando, ao mesmo tempo tudo era seguro e familiar. Mas ela reprimiu o impulso de falar o que queria. Voltou a olhar para Niclas e disse:

– Vou tentar ajudá-lo no que puder.

Niclas assentiu, mas depois pareceu hesitar. Após girar a xícara de café nas mãos por um tempo, respirou fundo e disse:

– Eu traí a Charlotte. Traí minha família da pior maneira possível. Mas há outra coisa. Algo que está nos afundando, nos separando. Coisas que agora precisamos enfrentar. Charlotte não sabe da minha traição ainda, mas eu vou contar, e então ela vai precisar de você.

– Você pode me contar – disse Erica com a voz calma e um alívio evidente, Niclas começou a contar tudo de uma vez, de forma incoerente e desagradável.

Quando terminou, o alívio em seu rosto era evidente. Erica não sabia o que dizer. Acariciava o rosto de Maja, como se quisesse defendê-la de uma realidade muito feia e horrível. Uma parte dela queria se levantar e mandá-lo ao inferno. A outra parte queria abraçá-lo e dar tapinhas em suas costas, para consolá-lo. Em vez disso, falou:

– Você precisa contar tudo a Charlotte. Vá para casa agora e conte tudo que me contou. E eu estarei aqui se ela precisar conversar. Depois... – Erica fez uma pausa, insegura de como continuar – depois, vocês dois terão de dar um jeito na vida. Se

Charlotte, e estou dizendo se ela puder perdoá-lo, então você terá de assumir a responsabilidade de fazer o casamento funcionar. A primeira coisa que precisa fazer é providenciar para que os dois saiam daquela casa. Charlotte já está ficando louca com Lilian, e sei que a coisa está piorando desde que Sara morreu. Vocês dois precisam de uma casa própria. Um lar onde possam se reencontrar, onde possam sofrer sua perda em paz. Onde possam voltar a ser uma família.

Niclas assentiu.

– Eu sei que você está certa. Deveria ter feito isso há muito tempo, mas estava tão envolvido em meus próprios problemas que não vi...

Ele se inclinou para a frente e olhou para a mesa. Quando levantou, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Sinto tantas saudades dela, Erica. Tanta que parece que estou me desfazendo. Sara está morta, Erica. Só agora consigo entender isso. Sara morreu.

As lágrimas deslizaram pelo rosto dele e pingaram na mesa. Todo seu corpo estava tremendo e seu rosto estava contorcido, quase irreconhecível. Erica pegou na mão dele. Por muito tempo, ficaram ali sentados enquanto Niclas extravasava sua dor.

Naquele fim de semana, voltou a acontecer. Havia passado umas duas semanas desde a última vez, então Sebastian tinha começado a desejar que tudo fosse somente um sonho ou que terminasse de uma vez por todas. Mas aqueles momentos voltaram. Os momentos de ódio, negação e dor.

Se ele soubesse como lutar contra aquilo. Sempre que acontecia, sentia a falta de vontade paralisar seu corpo e tinha de se deixar levar.

Sebastian abraçou os joelhos e se sentou no topo do Veddeberget. Do alto, poderia olhar toda a baía. Estava frio e ventando, mas era bonito. Por um momento, parecia a mesma coisa tanto dentro quanto fora. Se bem que um pouco de chuva teria feito as coisas melhorarem. Porque era precisamente do jeito que ele se sentia por dentro. Como se estivesse chovendo. Limpando tudo que era bom e pleno. Como se estivesse sendo arrastado por um gigantesco bueiro.

E Rune tinha dado uma bronca nele, para piorar. Gritou e disse que não o via fazendo nenhum esforço. Que precisava fazer mais. Que não teria nenhum futuro se não trabalhasse mais, porque era evidente que não parecia ser bom nos estudos. Mas ele tinha tentado. O mais que podia naquelas circunstâncias. Não era culpa dele que tudo tivesse dado merda.

Seus olhos estavam molhados. Com raiva, ele os limpou com a ponta de sua blusa. A última coisa que queria era se sentar ali resmungando como um bebê chorão. Especialmente quando era tudo culpa sua. Se ele tivesse sido um pouco mais forte, aquilo não teria que acontecer. Não a primeira vez. Nem a segunda também. Nem todas as outras.

Agora, as lágrimas estavam escorrendo, e ele começou a esfregar tão forte com a manga de sua blusa que seu rosto começou a ficar vermelho.

Por um momento, teve o impulso de acabar com tudo. Seria tão fácil: uns poucos passos até a ponta e poderia pular. Em alguns segundos, tudo estaria acabado, e ninguém se importaria. Rune ficaria aliviado, com certeza. Não precisaria cuidar do filho de ninguém. Talvez até pudesse conhecer alguém e ter o filho que tanto queria.

Sebastian se levantou. O pensamento ainda era tentador. Ele caminhou lentamente pela colina e olhou para baixo. Era uma queda íngreme. Tentou imaginar como seria. Voar pelo ar, a falta de peso por uns poucos momentos, e depois o baque quando seu corpo tocasse o chão. Ele sentiria algo naquele instante? Ele fez um teste e colocou um pé sobre a borda da colina e deixou-o livre no ar. Nesse momento, ficou pensando que talvez não morresse com a queda. E se ele sobrevivesse, mas ficasse aleijado ou algo assim? Um vegetal babão pelo resto da vida. Então Rune realmente teria algo para reclamar. Se bem que, sem dúvida, o abandonaria num hospital como um saco de lixo o mais rápido possível.

Com o pé pendurado sobre a borda, Sebastian hesitou. Depois, sentou-se novamente e aos poucos recuou. Com os braços sobre o peito, ele olhou para o horizonte. Muito longe.

Assim que Niclas chegou à porta, ela jogou-se sobre ele.

– O que aconteceu? Aina ligou e disse que a polícia veio e o tirou do trabalho, isso é verdade? – a voz de Lilian estava ansiosa, chegando a demonstrar pânico. – Eu não disse nada a Charlotte – ela acrescentou.

Niclas a afastou, mas Lilian não era tão fácil de dispensar. Ela o seguiu até a cozinha, bombardeando-o com perguntas. Ele a ignorou, foi até a cafeteira e serviu-se de uma grande xícara de café. A máquina estava desligada, e o café estava quase frio, mas não importava. Ele precisava de café ou de bastante uísque, mas provavelmente era melhor se não escolhesse o álcool.

Ele se sentou à mesa, e Lilian seguiu seu exemplo, enquanto continuava olhando para ele. Que tipo de ideias idiotas a polícia tinha inventado agora? Não sabiam que Niclas era alguém que devia ser respeitado, um médico, um homem bem-sucedido? Mais uma vez, ela estava espantada por sua filha ter tido tanta sorte, por

ter conquistado um bom partido. Claro, eles eram só adolescentes quando começaram a sair, mas Lilian tinha visto imediatamente que Niclas era um homem com futuro e encorajara a relação. Ela atribuiu à sorte que Niclas tivesse escolhido Charlotte entre todas as outras garotas que corriam atrás dele. Ela era bastante bonita, claro, quando fazia um esforço, mas mesmo na adolescência, tinha quilos a mais e o pior de tudo era que não tinha ambições. E, mesmo assim, Charlotte tinha conseguido o que sua mãe desejava acima de tudo. Lilian mostrava o sucesso de seu genro como uma estrela no peito, mas agora tudo estava em risco. Ela estava aterrorizada com os fofoqueiros da cidade, que imediatamente iam começar a espalhar rumores se soubessem que a polícia tinha levado Niclas para interrogá-lo. Os olhos dele estavam completamente vermelhos de tanto chorar, então deve ter sido difícil.

– Bom, o que eles queriam?

– Tinham só algumas perguntas – disse Niclas sem dar importância, bebendo o café morno em grandes goles.

– Que tipo de perguntas? – Lilian se recusava a desistir. Se teria de aguentar o assédio toda vez que fosse até a cidade, pelo menos queria saber o que havia acontecido.

Mas Niclas a ignorou. Levantou-se e colocou a xícara de café vazia na máquina de lavar.

– Charlotte está lá embaixo?

– Está descansando – disse Lilian, sem esconder a raiva por não conseguir uma resposta.

– Vou descer para conversar com ela.

– Sobre o que vai conversar? – Lilian ainda não tinha desistido. Mas agora era demais para Niclas.

– Isso é entre nós. Já falei que não foi nada demais. Presumo que tenho a permissão de conversar com minha própria esposa sem precisar informá-la, não é? Erica está certa, está na hora de Charlotte e eu termos nossa própria casa.

Lilian se afundou com cada sílaba. Niclas sempre a tinha tratado com respeito, então suas palavras agora pareciam tapas na cara. Especialmente depois de tudo que tinha feito por ele. Por ele e Charlotte. A injustiça fez seu sangue ferver, e ela procurou algo cáustico para dizer, mas não encontrou nada antes que ele já estivesse na metade da escada. Ela voltou a se sentar na mesa da cozinha. Os pensamentos faziam sua cabeça girar. Como ele podia falar desse jeito com ela? Que só tinha boas intenções. Tinha feito sacrifícios constantes e deixado seus próprios interesses por último. Eles eram como sanguessugas, arrancando toda a energia dela. Lilian podia ver tudo muito claramente agora. Stig, Charlotte e agora Niclas também. Todos a exploravam. Tomavam e tomavam de sua mão estendida, sem dar nada em troca.

Charlotte estava sentada pensando em seu pai. Era estranho, mas durante os oito anos que se passaram desde sua morte, tinha pensado cada vez menos nele. As lembranças tinham se tornado imagens vagas e desfocadas de alguns poucos momentos específicos. Mas desde a morte de Sara, ela se lembrava dele de forma tão clara como se tivesse morrido ontem.

Eles eram muito próximos, ela e Lennart. Muito mais próximos do que ela e a mãe já tinham sido. Às vezes, era quase como se compartilhassem a mesma alma. Ele sempre conseguia fazê-la rir. Sua mãe quase nunca ria, e Charlotte não conseguia se lembrar de um único momento em que todos estivessem rindo juntos. Seu pai tinha sido o diplomata da família, sempre mediando e tentando explicar as coisas. Por exemplo, por que Lilian continuava

aborrecendo sua filha, por que nada do que Charlotte fazia era bom o bastante. Por que ela nunca conseguia alcançar as expectativas da mãe. Por outro lado, nunca tinha sido um desapontamento para seu pai. Aos olhos dele, ela era perfeita; Charlotte sabia disso.

Foi um choque quando ficou doente. A doença progrediu tão lenta e gradualmente que demorou muito tempo para perceberem que estava evoluindo. Às vezes, Charlotte se questionava se podia ter evitado sua morte se tivesse sido mais observadora. Visto os sinais antes. Mas na época, ela e Niclas viviam em Uddevalla, e ela estava grávida de Sara. Tinha ficado tão envolvida em sua própria vida. Quando finalmente percebeu que ele não estava se sentindo bem, teve de juntar forças com Lilian e brigar com ele até conseguir que fizesse um exame médico. Mas já era tarde demais. Depois disso, tudo aconteceu tão rápido. Somente um mês depois, ele já estava morto. Os médicos disseram que tinha contraído uma doença rara que atacava o sistema nervoso e gradualmente havia tomado seu corpo. Também disseram que mesmo que tivesse vindo antes, não ajudaria. Mas Charlotte ainda se sentia culpada.

Ela se perguntava se poderia manter sua lembrança mais viva se tivesse tido mais espaço para fazer o luto. Mas Lilian tinha ocupado todo o espaço que havia. Havia exigido todo o luto para si e que sua dor tivesse precedência sobre a de todo o resto. Uma infinidade de pessoas havia passado pela casa da família nas semanas seguintes à morte de Lennart, e para elas Charlotte poderia ter sido parte da mobília. Todas as condolências, todas as expressões de pesar estavam direcionadas para Lilian, que dominava as plateias como uma rainha. Nesses momentos, Charlotte tinha odiado a mãe. A ironia era que pouco antes de receberem a notícia do diagnóstico de Lennart, ela achou que seu pai ia deixar Lilian. As brigas e discussões tinham aumentado, e uma separação parecia inevitável.

Mas então Lennart ficou doente, e Charlotte percebeu que sua mãe tinha deixado todos os velhos rancores de lado e se devotou completamente a seu marido. Foi só depois disso que Charlotte sentiu a incrível necessidade que a mãe tinha de ser o centro das atenções.

Mas os anos se passaram, e ela deixou a amargura de lado. A vida era muito curta para ser desperdiçada com sentimentos ruins em relação a sua mãe. Nem ela teve tempo para pensar em seu pai ou ficar de luto por ele. Não era mais o caso. A vida a tinha abatido e deixado dolorida, jogada na beira da estrada. Agora ela tinha todo o tempo do mundo para pensar no homem que devia estar aqui nesse momento. Que teria sabido o que dizer, que teria acariciado seus cabelos e dito que tudo ia ficar bem. Lilian, como sempre, estava preocupada demais consigo mesma para ter tempo de ouvir, e Niclas, bem, era Niclas. Qualquer esperança que tivesse de que aquela tragédia pudesse aproximá-los havia se extinguido. Era como se ele tivesse se fechado dentro de seu próprio casulo. Claro, nunca tinha deixado que ela se aproximasse muito, mas agora era como uma sombra entrando e saindo de sua vida. Ele deitava a cabeça no travesseiro ao lado do dela toda noite, mas depois eles ficavam ali, lado a lado, cuidando para não se tocarem. Com medo de que um súbito e inesperado contato de pele pudesse abrir as feridas que seria melhor deixar fechadas. Tinham passado por tanta coisa juntos e, contra tudo, pelo menos, tinham mantido uma ilusão de unidade, mas agora ela se perguntava se poderiam chegar ao fim.

Passos na escada a afastaram desses pensamentos. Ela olhou para cima e viu Niclas. O relógio mostrou que ele havia chegado umas duas horas antes.

– Oi, já está em casa? – ela disse surpresa, começando a se levantar.

– Não se levante, precisamos conversar. – O coração dela afundou. O que quer que ele tivesse para dizer não devia ser nada bom.

Capítulo 20

Fjällbacka, 1928

A vida na casa não foi tudo que ela esperava. Quem ela era agora ainda falava mais alto do que a pessoa que já tinha sido. A cada ano, sua amargura aumentava, e a vida que tinha vivido antes de se casar parecia mais com um sonho distante. Ela tinha realmente usado vestidos finos, tocado piano em festas elegantes, visto homens competindo para dançar com ela? Acima de tudo, houve um momento em que realmente podia comer toda a comida e todos os doces que quisesse?

Tinha pesquisado como andaria seu pai e, para sua satisfação, ouviu que ele estava muito mal. Vivia agora sozinho na mansão e só saía para ir trabalhar. Isso deixou Agnes satisfeita; ao mesmo tempo, ela alimentava uma pequena esperança de que poderia recuperar o amor dele se sua vida chegasse a um ponto extremo de tristeza. Mas os anos passavam, nada acontecia, e essa esperança ia desaparecendo cada vez mais.

Os garotos tinham agora quatro anos e eram completamente incorrigíveis. Corriam como selvagens pelo bairro, mesmo pequenos, e Agnes não tinha nem o desejo nem a energia para discipliná-los corretamente. E Anders trabalhava ainda mais horas, agora que precisava viajar da cidade até a pedreira. Saía antes de os garotos acordarem e chegava em casa depois que tinham ido para a cama. Só aos domingos, conseguia passar algum tempo com

eles e, nesse dia, os meninos ficavam tão felizes por que o pai estava em casa que se comportavam como anjinhos.

Não tiveram outros filhos, Agnes se certificou disso. Anders tinha feito algumas tentativas estranhas de falar sobre o assunto, e sobre seu desejo de ter acesso à cama dela, mas não foi difícil falar não. O desejo que algum dia havia sentido por ele desaparecera completamente. Agora ela sentia apenas nojo e tremia com o pensamento de sentir seus dedos sujos e lacerados perto de sua pele. O fato de que não protestou contra o celibato forçado também aumentou seu desgosto com ele. O que algumas pessoas chamariam de consideração, ela chamava de covardia, e o fato de que ele ainda fazia a maior parte do trabalho da casa só reforçava essa imagem. Nenhum homem de verdade lavaria as roupas de seus filhos ou faria seu próprio almoço. Mas ela fechava os olhos ao fato de que o motivo para isso era porque ela se recusava a realizar essas tarefas.

– Mamãe, Johan me bateu! – Karl veio correndo até onde ela estava sentada, nos degraus da frente, fumando um cigarro, um péssimo hábito que tinha adquirido nos últimos anos. Ela pedia desafiadoramente dinheiro a Anders para comprar cigarros, sempre esperando que ele objetasse.

Agnes lançou um olhar frio para o menino que chorava diante dela e devagar soltou uma nuvem de fumaça no rosto dele. O menino começou a tossir e esfregou os olhos. Quis abraçá-la numa tentativa de conseguir consolo, mas como tantas vezes antes, ela se recusou a responder com afeto. Era tarefa de Anders distribuir carinho. Ele mimava tanto os meninos que ela não precisava fazer nada. Empurrou bruscamente Karl e deu um tapa em seu traseiro.

– Não chore, simplesmente acerte-o também – ela disse calmamente, soltando outra baforada de fumaça no límpido ar de

primavera.

Karl olhou para ela com toda a tristeza de ser rejeitado mais uma vez. Depois, baixou a cabeça e caminhou na direção do irmão.

Pouco tempo antes, a vizinha tinha tido a coragem de vir falar que Agnes devia cuidar melhor de seus filhos. Ela tinha visto os dois brincando sozinhos no cais perto do porto. Agnes tinha simplesmente olhado feio para a velha megera e depois, com calma, mandou que fosse cuidar de seus próprios assuntos. Considerando que sua filha mais velha tinha ido para a cidade e, de acordo com os rumores, ganhava a vida se mostrando como Deus a tinha feito, não tinha nenhuma moral para falar como Agnes devia cuidar de seus filhos. A mulher fez uma expressão de ofendida e depois foi embora, murmurando algo sobre os "pobres garotos", mas não ousou voltar a bater na porta dela, o que era exatamente a intenção de Agnes.

Ela se recostou sob o sol da primavera, lembrando-se de que não devia ficar por muito tempo sob os raios que criavam uma sensação tão boa no rosto. Queria manter a cor branca que era a marca de uma mulher de classe superior. A única coisa que tinha mantido de sua vida anterior era sua aparência, e isso era algo que explorava ao máximo, tentando colocar um pouco de cor em sua existência cinzenta. Era incrível o que podia conseguir do dono do mercado em troca de consentir com um abraço ou talvez mais, desde que houvesse o suficiente para ganhar. Dessa forma, ela podia trazer um pouco de doce e comida extra, apesar de não compartilhar nada com a família. Ela até conseguiu um pouco de tecido que escondeu cuidadosamente de Anders. Por enquanto, teria de ser contentar em tocá-lo ocasionalmente, esfregando-o no rosto para sentir sua delicadeza. O açougueiro tinha dado umas indiretas, mas havia limites para o que faria por apenas uns finos cortes de carne. O

dono da venda era um homem relativamente jovem e bonito, e não era nada mal trocar uns beijos no quarto do fundo, mas o açougueiro era um sujeito gordo e ensebado, na casa dos sessenta. Agnes precisaria conseguir bem mais do que um pedaço de alcatra para permitir que seus dedos de linguíça com sangue seco debaixo das unhas escorregassem por baixo do vestido dela.

Ela sabia que as pessoas estavam falando pelas suas costas. Mas quando percebeu que nunca recuperaria seu status social anterior, não se importou mais. Que falassem. Se pudesse encontrar formas para conseguir algumas das coisas boas na vida, não tinha intenção de permitir que as visões de um bando de trabalhadores de mente fechada evitasse isso. E se isso também deixasse Anders bravo quando ouvisse o que as pessoas estavam falando de sua esposa, melhor ainda. Aos olhos de Agnes, era culpa do marido que ela tivesse terminado onde estava e ficava feliz por causar-lhe dor.

Mas nas últimas semanas algo a estava incomodando. Agnes sentia como se alguma coisa estivesse acontecendo, mas ela não fazia parte disso. Várias vezes, tinha pegado Anders perdido em seus pensamentos, olhando para o espaço como se estivesse contemplando algo importante. Numa ocasião, até tinha perguntado se estava pensando em algo em especial, mas ele negou, apesar de isso não a ter convencido. Estava envolvido em algo, ela tinha certeza. Algo que a afetaria, mas, por alguma razão, não tinha a permissão de saber o que era. A coisa toda a estava deixando louca, mas nessa situação, ela conhecia seu marido bem o bastante para perceber que não era bom pressioná-lo para que revelasse algo antes que estivesse pronto. Podia ser teimoso como uma mula se quisesse.

Pensativa, pegou o pacote de cigarros e levantou-se para entrar. Ficou imaginado para onde os garotos poderiam ter corrido, mas

depois deu de ombros, que se cuidassem sozinhos. De sua parte, ela tinha a intenção de tirar uma soneca.

A tarde transcorreu lentamente. Patrik tinha passado muito tempo olhando os registros médicos de Albin. Estava imaginando se fizera a escolha correta quando decidiu esperar para entregá-los às autoridades do Serviço Social. Mas algo dizia que precisava saber mais antes de fazer isso. Depois que as rodas burocráticas começassem a girar, seria difícil parar o processo, e ele sabia que tanto a polícia quanto os médicos relutavam em informar suspeitas de abuso infantil. Havia sempre o risco de uma explicação natural, mas ninguém estaria disposto a considerar aquela possibilidade depois que o Serviço Social se envolvesse. Além disso, não havia ocorrido nenhum incidente desde que a família Klinga tinha se mudado para Fjällbacka. Aparentemente, a situação se estabilizara. Mas ele não podia ter certeza absoluta e, se Albin se machucasse de novo, a responsabilidade estaria em seus ombros.

O telefone tocou e interrompeu seus pensamentos sombrios.

– Patrik Hedström.

– Olá, aqui é Lars Kalfors da polícia de Göteborg.

– Sim? – disse Patrik. O homem soava como se ele devesse reconhecer seu nome, mas não podia se lembrar de tê-lo ouvido antes. E não tinha ideia de por que alguém de Göteborg ligaria.

– Acabamos de mandar algumas informações relativas a um caso atual para você. Foi enviada aos seus cuidados, acredito.

– Ah, é? – perguntou Patrik, ainda mais espantado. – Não me lembro de ter visto nenhuma mensagem de Göteborg em minha mesa. Quando foi enviado e sobre o que era?

– Eu entrei em contato com vocês há umas três semanas. Trabalho na divisão que lida com exploração sexual de crianças e

estamos rastreando um grupo de pornografia infantil. Encontramos uma pessoa do seu distrito, e foi por isso que entrei em contato.

Patrik sentiu-se um idiota, mas não tinha ideia do que o homem estava falando.

– Com quem você conversou aqui?

– Bom, acho que você estava de licença paternidade naquele dia, então eu conversei com... deixe-me ver... – Parecia que o homem estava mexendo numas folhas. – Aqui está. Falei com um Ernst Lundgren.

Patrik sentiu a raiva enevoando seus olhos, fazendo-o enxergar tudo vermelho. Estava se imaginando com as mãos ao redor do pescoço de Ernst e começando a apertar aos poucos. Com uma calma forçada, ele disse:

– Devemos ter tido uma falha de comunicação aqui na delegacia. Talvez você possa me passar as informações. Depois eu vejo o que aconteceu.

– Claro, tudo bem.

Kalfors deu uma visão geral do que estavam investigando e como andava o caso de pornografia infantil que tinha agora a mais alta prioridade. Quando chegou à parte em que a delegacia de Tanumshede poderia contribuir com algo, Patrik respirou fundo. Ele se forçou a ouvir tudo, depois prometeu que dariam atenção imediata à questão. Depois disso, se despediu com as expressões educadas de sempre. Mas assim que desligou, já estava de pé. Atravessou a sala em duas passadas e gritou no corredor:

– ERNST!

Erica estava sentada no sofá, tentando organizar seus pensamentos, quando uma batida na porta a fez pular de novo. Ela adivinhava quem era e foi abrir a porta. Charlotte estava ali parada.

Estava sem casaco e parecia que havia corrido até lá. O suor estava escorrendo por sua testa, e ela tremia descontroladamente.

– Meu Deus, você está horrível – disse Erica, mas instantaneamente se arrependeu de sua escolha de palavras e puxou Charlotte para o calor da casa.

– É um mau momento? – perguntou Charlotte, tímida, e Erica balançou a cabeça.

– Claro que não. Você é bem-vinda aqui a qualquer momento, sabe disso.

Charlotte só assentiu, ainda tremendo, com os braços em volta do corpo. Seus cabelos estavam colados na cabeça por causa do suor e do ar úmido, e um cacho caía sobre seus olhos. Ela parecia um cachorrinho molhado abandonado.

– Gostaria de tomar um pouco de chá? – perguntou Erica.

Charlotte tinha um olhar perdido, misturado com a expressão assombrada que estava ali desde que recebera a notícia sobre Sara. Mas assentiu com gratidão em resposta à oferta de Erica.

– Sente-se, eu já volto – disse Erica e foi até a cozinha. Ela deu uma olhada em Maja na sala, que parecia contente e estudava Charlotte como se estivesse interessada.

– Vou molhar seu sofá se me sentar – disse Charlotte, como se isso fosse o fim do mundo.

– Não se preocupe, depois seca – respondeu Erica. – Olha, eu só tenho chá de morango silvestre, tudo bem ou você acha muito doce?

– Tudo bem – disse Charlotte. Erica suspeitou que seria o mesmo se ela tivesse oferecido chá de cavalo.

Erica voltou logo, carregando uma bandeja com duas grandes xícaras de chá, uma jarra de mel e duas colheres. Colocou tudo na mesa em frente ao sofá e se sentou ao lado de Charlotte.

Cuidadosamente, a amiga levantou a xícara e bebeu um pouco de chá. Erica sentou-se quieta ao seu lado e fez o mesmo. Não queria forçá-la a falar, mas sentia a necessidade quase física de que a amiga confiasse nela. Talvez simplesmente não soubesse por onde começar. Erica imaginava se Niclas tinha dito a Charlotte que havia conversado com ela. Depois de outro longo silêncio em que os murmúrios de Maja eram o único som na sala, Charlotte respondeu à pergunta.

– Sei que esteve aqui. Ele me contou. Então você já sabe que está tendo um caso. De novo, eu deveria acrescentar. – Uma risada amarga escapou dos lábios de Charlotte, e as lágrimas que ela esteve segurando finalmente começaram a sair.

– Eu sei sim – disse Erica. Também sabia o que sua amiga queria dizer com o “de novo”. Charlotte tinha contado sobre os vários casos de Niclas. Mas também que acreditava que iriam acabar quando decidiram recomeçar em Fjällbacka. Ele tinha prometido que seria um recomeço nesse assunto também.

– Ele está tendo esse caso há vários meses. Pode imaginar? Há vários meses. Aqui, em Fjällbacka. E ninguém os pegou. Ele deve ter uma sorte incrível. – Sua risada agora tinha um pouco de histeria, e Erica colocou uma mão consoladora sobre o joelho da amiga.

– Quem é? – Erica perguntou, em voz baixa.

– Niclas não contou?

Erica balançou a cabeça, então Charlotte disse:

– Alguma vagabunda de vinte anos. Não sei quem é. Jeanette alguma coisa. – Charlotte balançou a mão. Isso não fazia diferença; era a traição de Niclas que importava.

– Não posso contar toda a merda que tenho aguentado nesses anos. Todas as vezes, eu o perdoei, esperando que mudasse, e

disse que iria esquecer e prometia seguir em frente. E que dessa vez ia ser realmente diferente. Íamos nos afastar de todas as coisas que tinham acontecido, viver numa cidade diferente, mudar de vida, ou foi o que pensei. – Veio aquela risada horrível. Mas continuou chorando.

– Sinto muito mesmo, Charlotte. – Erica acariciou seu ombro.

– A gente está junto há tantos anos. Tivemos dois filhos, passamos por coisas que ninguém nem imagina. Perdemos uma criança e agora isso.

– Por que ele resolveu contar para você agora? – perguntou Erica, dando um gole no chá.

– Ele não disse? – Charlotte perguntou, surpresa. – Você não vai acreditar nisso. Mas ele me contou que foi porque a polícia o levou para ser interrogado hoje.

– É mesmo? – Não que Patrik contasse tudo que acontecia no trabalho, mas ela não tinha nem ideia de que estavam particularmente interessados em Niclas. – Por quê?

– Ele disse que não sabia de fato. Mas descobriram sobre seu caso com essa garota e que deveria ser por isso que eles queriam interrogá-lo. Mas está tudo esclarecido agora, ele disse. Sabem que nunca poderia machucar a própria filha; queriam apenas que ele respondesse algumas perguntas.

– Tem certeza de que esse é o único motivo? – Erica não conseguiu deixar de perguntar. Ela sabia o suficiente sobre o emprego de Patrik para perceber que parecia uma desculpa bem fraca para levar alguém para um interrogatório. Especialmente o pai da vítima. Ao mesmo tempo, começou a questionar o motivo de Niclas para visitá-la. Afinal, ela não era somente a amiga da esposa, também morava com o detetive encarregado da investigação.

Charlotte parecia confusa.

– Bom, foi o que ele falou, de qualquer forma. Mas houve algo...

– O quê?

– Oh, não sei, só que parece que ele não me contou tudo, agora que você mencionou. Mas eu estava tão focada no que ele disse sobre a amante que fiquei provavelmente surda e cega para todo o resto.

Charlotte parecia tão amarga que Erica teve vontade de pegá-la nos braços e cuidar dela como se fosse um bebê. Mas ela sempre se sentiu um pouco desconfortável com o contato físico, então só continuou acariciando as costas de Charlotte.

– E você não tem nenhuma ideia de que outras razões poderiam existir? – Ela estava imaginando coisas ou uma sombra cruzou, de repente, o rosto de Charlotte? A sombra desapareceu tão rapidamente que não teve certeza.

A resposta de Charlotte foi, pelo menos, rápida e confiante.

– Não tenho ideia do que poderia ser. – Então ficou em silêncio e bebeu um pouco de chá. Estava mais calma do que quando chegara e tinha parado de chorar. Mas a expressão em seu rosto estava sombria, e, se um coração machucado pudesse ser visível do lado de fora, então era como as pessoas veriam o coração de Charlotte naquele momento.

– Como você conheceu o Niclas? – perguntou Erica, mais por curiosidade do que por qualquer razão terapêutica.

– Bom, é uma história bem confusa, preciso dizer. – Pela primeira vez, sua risada parecia quase genuína. – Ele estava um ano à minha frente no ginásio. Eu nunca tinha prestado muita atenção nele, porque estava apaixonada por um dos seus amigos. Mas, por alguma razão, Niclas se interessou por mim e começou a demonstrar isso, então aos poucos comecei a gostar dele também.

Acabamos saindo por um ou dois meses e depois fui eu que me cansei.

– Você terminou com ele?

– Não precisa soar tão surpresa, vou acabar ficando ofendida. – Ela riu, e Erica a acompanhou.

– Infelizmente, não mantive minha decisão por mais de uns dois meses. Depois, fui vê-lo uma noite, e o carrossel voltou a rodar. Dessa vez ficamos juntos todo o verão, até ele sair para beber com os amigos. Quando voltou, inventou uma história, caso eu ouvisse de outros como ele tinha desaparecido na noite anterior. Afirmava que tinha bebido muito e desmaiado atrás de um bar, mas a verdade apareceu logo, e nossa relação terminou pela segunda vez. Depois disso, fiquei aliviada por ter saído com apenas algumas lágrimas. Niclas começou a sair com todas as garotas de Uddevalla, como se todo dia fosse seu último, e não dava para acreditar em algumas das histórias que cheguei a ouvir. Preciso admitir que, em algumas ocasiões, fui mais fraca na carne do que no espírito, mas esses episódios me deixaram com um gosto amargo na boca. Olhando para trás, provavelmente teria sido melhor se a história tivesse terminado ali, e Niclas tivesse continuado um simples erro de adolescência. Mas apesar de detestar o que ele tinha se tornado, preciso dizer que não o esqueci. Uns dois anos depois, nos reencontramos por acaso, e o resto é história, como dizem. Acho que eu devia saber no que estava me metendo.

– As pessoas mudam. O fato de tê-la enganado quando era adolescente não significa que você deveria presumir automaticamente que ele ia fazer o mesmo adulto. A maioria das pessoas amadurece com o tempo.

– Niclas não, aparentemente – disse Charlotte, deixando a amargura tomar conta de novo. – Mas não consigo chegar a odiá-lo.

Passamos por coisas demais juntos, e às vezes vejo momentos em que seu verdadeiro eu aparece. Em algumas ocasiões, consigo vê-lo vulnerável e aberto, e é por causa desses momentos que eu o amo. Também conheço sua história familiar, e o que aconteceu com seu pai quando ele tinha dezessete anos, então provavelmente vi tudo isso como algum tipo de circunstância atenuante. E, mesmo assim, é difícil compreender por que ele iria querer me machucar assim.

– O que você vai fazer agora? – perguntou Erica. Ela olhou para Maja e não conseguiu acreditar quando viu que sua filha tinha dormido sozinha na cadeirinha. Isso nunca tinha acontecido antes.

– Não sei. Não consigo lidar com isso agora. E, de alguma forma, parece que não importa. Sara está morta, e nada do que Niclas faça ou diga pode chegar a machucar tanto. Niclas quer que recomeçemos, encontremos nosso próprio lar e nos mudemos da casa de mamãe e de Stig o mais rápido possível. Mas não tenho ideia do que fazer agora...

Ela abaixou a cabeça. Depois, levantou-se abruptamente.

– Preciso ir para casa. Mamãe já passou muito tempo cuidando do Albin hoje. Obrigada por me deixar desabafar tudo isso com você.

– Você é sempre bem-vinda aqui, sabe disso.

– Obrigada. – Charlotte deu um abraço rápido em Erica e depois desapareceu tão rapidamente quanto tinha chegado.

Erica voltou para a sala. Espantada, parou na frente da cadeirinha e olhou para sua filha dormindo. Talvez houvesse esperança para sua vida, afinal. Infelizmente, ela não sabia se Charlotte podia dizer o mesmo.

Morgan tinha chegado à sua parte favorita do jogo de computador em que estava trabalhando. A parte em que acontecia o primeiro golpe de espada. A cabeça do homem rolava e, de

acordo com o roteiro, deveria haver muitos efeitos exagerados. Seus dedos corriam pelo teclado e, na tela, a cena surgia à velocidade da luz. Ele admirava e invejava as pessoas que podiam escrever as histórias, que depois o contratavam para transformá-la em realidade virtual. Se havia algo de que sentia falta na vida, era a imaginação que os outros tinham, que permitia romper todas as fronteiras para que as ideias fluíssem livremente. Claro que ele tinha tentado. Às vezes, até tinha se forçado a tentar. Escrever redações na escola, por exemplo. Tinha sido um pesadelo. Às vezes, os alunos recebiam um tema ou somente uma imagem, e a partir dela tinham de criar toda uma série de eventos e personagens. Ele nunca tinha passado da primeira frase. Depois sua mente parecia se fechar. Ficava em branco. O papel continuava vazio na frente dele, gritando para ser preenchido com palavras, mas nenhuma vinha. Os professores o repreendiam. Pelo menos até mamãe ir lá e conversar com eles, depois que seus pais tinham recebido o diagnóstico. Então, os professores só olhavam suas tentativas com curiosidade, observando-o como se fosse um alienígena. Não sabiam como estavam certos. Era assim que ele se sentia na sua carteira escolar, com o papel em branco diante dele e o som das canetas de seus colegas ao redor. Uma forma de vida alienígena.

Quando Morgan descobriu o mundo dos computadores, se sentiu em casa pela primeira vez. Isso era algo fácil para ele, algo que podia dominar. Se era uma peça estranha do quebra-cabeça, então tinha finalmente encontrado outra peça que se encaixava perfeitamente.

Quando era mais jovem, tinha se dedicado às linguagens de programação como um maníaco. Lera tudo que podia encontrar sobre o assunto e podia desenvolver o que tinha aprendido durante

horas sem fim. Havia algo nos números e letras, usados em combinações engenhosas, que tinha captado sua atenção. Mas quando seu interesse por computadores tomou conta, do dia para a noite, ele perdeu o fascínio pelos códigos. O conhecimento ainda estava lá e, sempre que quisesse, podia usar tudo que tinha aprendido, mas simplesmente não o interessava mais.

O sangue escorrendo pela ponta da espada o fez pensar novamente na garota. Ele se perguntava se o sangue dela tinha congelado agora que estava morta. Se era somente uma massa densa enchendo suas veias. Talvez tivesse se tornado marrom como sangue coagulado; ele tinha visto isso uma vez quando tentou cortar os pulsos. Fascinado, olhou o sangue gotejando, vendo a forma como o fluxo gradualmente diminuía, coagulava e começava a mudar de cor.

Sua mãe tinha ficado chocada quando entrou no quarto. Ele tentou explicar que só queria ver como era morrer, mas sem nenhuma palavra, ela o enfiou no carro e o levou até o hospital. Mesmo que não fosse necessário. Doía se cortar, então ele não tinha feito um corte profundo, e o sangue já tinha coagulado. Mas sua mãe ficou histérica do mesmo jeito.

Morgan não entendia por que a morte parecia um conceito tão amedrontador para as pessoas normais. Era só um estado do ser, assim como viver. E, em certos momentos, a morte parecia muito mais tentadora para ele do que a vida. Por isso, às vezes, invejava a garota. Porque agora ela sabia. Sabia a solução do enigma.

Ele se forçou a se concentrar no jogo de computador de novo. Às vezes pensar sobre a morte fazia várias horas passarem antes que pudesse ver. E isso atrapalhava sua agenda.

Parecendo mal-humorado, Ernst se sentou na frente de Patrik, recusando-se a olhar para ele. Em vez disso, estudava seus sapatos

sujos.

– Responda, droga! – gritou Patrik. – Você recebeu uma ligação de Göteborg sobre pornografia infantil?

– Recebi – Ernst respondeu irritado.

– E por que ninguém ficou sabendo disso?

Houve um longo silêncio.

– Vou repetir – disse Patrik numa voz baixa e ameaçadora –, por que você não nos informou?

– Não achei que fosse tão importante – disse Ernst, evasivo.

– Você achou que não era tão importante! – O tom de voz de Patrik era gelado, e ele bateu a mão na mesa com tanta força que seu teclado pulou.

– Não – respondeu Ernst.

– E por que não?

– Bom, havia tanta coisa acontecendo na época... E parecia um pouco improvável, quer dizer, esse é o tipo de coisa que acontece nas grandes cidades.

– Não fale besteira – disse Patrik, sem ser capaz de esconder sua raiva. Ele se levantou da cadeira e ficou parado atrás da mesa. Sua raiva o fazia parecer uns dez centímetros mais alto.

– Você sabe muito bem que pornografia infantil não tem nada a ver com geografia. Acontece em cidades pequenas também. Então pare de falar merda e me conte a verdadeira razão. E, acredite, se for o que estou pensando, você vai se meter em sérios problemas!

Ernst levantou os olhos e enfrentou Patrik, mas sabia que era hora de colocar as cartas na mesa.

– Só achei que não era plausível. Quer dizer, conheço o sujeito e não parecia algo em que ele fosse se envolver. Então pensei que os policiais de Göteborg pudessem ter cometido um erro, e uma pessoa inocente iria sofrer se eu divulgasse a informação. Você

sabe como é – ele disse, olhando para Patrik. – Não mudaria nada se eles ligassem de novo, um tempo depois e dissessem: “Oh, perdão, mas ocorreu um erro aqui e vocês podem esquecer aquele nome que passamos...”. O nome dele já estaria na lama. Então pensei em esperar um pouco e ver o que acontecia.

– *Esperar um pouco e ver o que acontecia!* – Patrik estava tão furioso que precisou se forçar a enunciar cada sílaba, para não gaguejar.

– Bom, quer dizer, você precisa concordar que toda essa coisa é absurda. Ele é bem conhecido por todo o trabalho que faz com jovens. Faz muitas coisas boas, posso afirmar.

– Que se dane o tipo de coisa que ele faz. Se nossos colegas em Göteborg ligam e dizem que o nome dele surgiu numa investigação de pornografia infantil, então nós *temos* de dar uma olhada. Esse é o nosso trabalho, porra! E se vocês dois são colegas...

– Não somos colegas – murmurou Ernst.

– ... ou amigos ou a merda que seja, não faz nenhuma diferença, não vê isso? Não dá para ficar sentado e tomar decisões sobre o que vai ser e o que não vai ser investigado baseado no que você sabe ou não sabe!

– Depois de todos esses anos na força... – Ernst não conseguiu terminar a sentença antes de Patrik interrompê-lo.

– Depois de todos esses anos na força você deveria saber o que fazer! E você não pensou em dizer nada quando o nome dele apareceu numa investigação de assassinato? Isso não teria sido um bom momento para nos contar sobre a ligação?

Ernst tinha voltado a estudar seus sapatos e não sentiu vontade de discutir. Patrik se sentou e suspirou. Ele dobrou os braços e olhou para Ernst.

– Bem, não há muito que possamos fazer agora. Recebemos todos os dados de Göteborg e vamos trazê-lo aqui para interrogatório. Também conseguimos um mandado para fazer uma busca na casa dele. É melhor você rezar para que ele não tenha ficado sabendo disso e conseguido eliminar todas as provas. E Mellberg foi informado. Tenho certeza de que vai querer conversar com você.

Ernst não disse uma palavra quando se levantou da cadeira. Sabia que tinha cometido provavelmente a pior besteira de sua carreira. E, no seu caso, havia cometido muitas.

– Mamãe, se eu prometo manter um segredo, por quanto tempo devo mantê-lo?

– Não sei – respondeu Veronika. – Você não deveria contar os segredos dos outros, deveria?

– Hummm – disse Frida, desenhando círculos em seu iogurte com a colher.

– Não brinque com a comida – disse Veronika, limpando o escorredor brava. Depois, parou no meio do que estava fazendo e se virou para sua filha.

– Por que está perguntando?

– Não sei – disse Frida, dando de ombros.

– Sabe sim. Agora, me conte, por que está perguntando? – Veronika se sentou na cadeira ao lado da filha e olhou para ela, atenta.

– Se não se deve contar os segredos dos outros, então não posso contar nada, posso? Mas...

– Como assim? – Veronika tentava convencê-la, mas com cuidado.

– Mas se a pessoa para quem você prometeu algo está morta, ainda precisa manter o segredo? E se você contar algo e depois a

pessoa que está morta voltar e ficar muito brava?

– Querida, foi para a Sara que você prometeu guardar um segredo? – Frida continuava fazendo círculos em seu iogurte. – Já conversamos sobre isso antes, e você precisa acreditar em mim quando digo que sinto muito, mas Sara nunca mais vai voltar. Sara está no céu e vai ficar lá para sempre.

– Para sempre, por toda a eternidade das eternidades? Mil milhão de milhão de anos?

– Isso, mil milhão de milhão de anos. E quanto ao segredo, não acho que Sara ficaria brava se você contasse só para mim.

– Tem certeza? – Frida olhava nervosa para o céu cinza que ela conseguia ver pela janela da cozinha.

– Certeza absoluta. – Veronika colocou uma mão sobre o braço da filha, para confortá-la.

Depois de um momento de silêncio, enquanto Frida aparentemente pensava no que sua mãe tinha dito, a garota falou hesitante.

– Sara estava com muito medo. Havia um velho nojento que a deixava com medo.

– Um velho nojento? Quando foi isso? – Veronika esperou tensa pela resposta da filha.

– Um dia antes de ela ter ido para o céu.

– Tem certeza de que foi nesse dia?

Brava por sua mãe duvidar dela, Frida fechou a cara.

– Si-i-im, certeza absoluta. Conheço todos os dias da semana. Não sou um bebê.

– Não, não, sei disso. Você já é grande e claro que sabe os dias – Veronika disse para tranquilizá-la.

Depois, com cuidado, tentou conseguir mais informações. Frida ainda estava brava por sua falta de confiança, mas a tentação de

dividir seu segredo finalmente foi mais forte.

– Sara disse que o velho era realmente nojento. Veio falar com ela quando estava brincando perto da água e era malvado.

– Sara disse que ele era malvado?

– Hum-hum – disse Frida, achando que era uma resposta suficiente.

Paciente, Veronika continuou.

– O que ela disse exatamente? Como ele foi malvado?

– Ele a agarrou pelo braço até doer. Assim, ela contou. – Frida demonstrou agarrando forte o próprio braço. – E falou coisas tontas também.

– Que tipo de coisas tontas?

– Sara não entendeu tudo. Só disse que sabia que eram indecentes. Parecia como “ilha do remo” ou algo assim.

– Ilha do remo? – disse Veronika, espantada.

– Eu falei que era tonto, e Sara não entendeu. Mas era indecente, foi o que ela disse. E ele não falava normal com ela, gritava. Bem alto. E isso fez com que seus ouvidos doessem. – Agora Frida demonstrava colocando as mãos sobre os ouvidos.

Com cuidado, Veronika afastou as mãos da menina e disse:

– Sabe, esse pode ser um segredo que você terá de contar a outras pessoas além de mim.

– Mas você disse... – Frida parecia brava, e seus olhos procuraram, nervosos, o céu cinzento.

– Eu sei o que disse, mas sabe o que acontece? Realmente acho que a Sara iria querer que você contasse esse segredo para a polícia.

– Por quê? – perguntou Frida, ainda preocupada.

– Porque quando alguém morre e vai para o céu, a polícia quer saber todos os segredos que aquela pessoa tinha. E as pessoas

normalmente querem que a polícia saiba todos seus segredos também. É o trabalho da polícia descobrir tudo.

– Então, eles precisam saber todos os segredos? – disse Frida, espantada. – Eu preciso contar sobre as vezes em que não quis comer todo o meu sanduíche e o escondia embaixo da almofada?

Veronika não pôde deixar de sorrir.

– Não, acho que a polícia não precisa saber esse segredo.

– Não estou falando enquanto estiver viva, mas, se eu morrer, você vai ter de contar?

O sorriso desapareceu do rosto de Veronika. Ela balançou a cabeça. A conversa tinha tomado um caminho desagradável. Gentilmente, acariciou os cabelos loiros da filha e sussurrou:

– Não precisa se preocupar com isso, porque você não vai morrer.

– Como sabe disso, mamãe? – perguntou Frida.

– Apenas sei. – Veronika levantou-se abruptamente de sua cadeira e, com o coração apertado, a ponto de ter dificuldades de respirar, saiu para o corredor. Sem se virar, para que sua filha não pudesse ver as lágrimas, falou com uma voz que saiu desnecessariamente brusca. – Coloque o casaco e os sapatos. Vamos conversar com a polícia agora.

Frida obedeceu. Mas quando caminharam até o carro, ela involuntariamente vacilou sob o pesado céu cinza. Esperava que mamãe estivesse certa. Esperava que Sara não ficasse brava.

Capítulo 21

Fjällbacka, 1928

Com amor, ele vestiu os garotos e penteou seus cabelos. Era domingo, e ele ia levá-los para passear. Era difícil vesti-los, porque estavam pulando de alegria por poderem sair com o pai, mas finalmente estavam prontos para ir. Agnes não respondeu quando os garotos se despediram. Anders ficou triste ao ver mais uma vez os olhos sedentos e desapontados dos dois quando olharam para a mãe. Ela parecia não entender, mas eles queriam sentir seu perfume e seus braços ao redor deles. A ideia de que pudesse saber disso, mas deliberadamente negasse esse gesto aos filhos, era uma possibilidade que Anders nem queria imaginar, mas algo em que pensava com cada vez mais frequência. Agora que os garotos tinham quatro anos, ele só podia deduzir que havia algo antinatural na forma como Agnes se relacionava com eles. No começo tinha pensado que era por causa do parto difícil, mas com o passar dos anos, ela parecia continuar sem se conectar aos filhos.

De sua parte não havia nada mais feliz para ele do que quando descia a colina de mãos dadas com as crianças. Os meninos ainda eram tão pequenos que preferiam correr do que caminhar. Às vezes, precisava acelerar o passo para acompanhá-los, ainda que suas pernas fossem muito mais longas. As pessoas sorriam e tiravam o chapéu quando os dois vinham correndo pela rua principal. Ele sabia que eram uma visão bonita – o pai, grande e alto usando a roupa de domingo, e os garotos, também, tão bem-vestidos quanto

os filhos de um escultor podiam ser e com os cabelos loiros desgrenhados que eram uma cópia exata dos dele. Tinham até os mesmos olhos castanhos. Anders sempre ouvia que eram iguais ao pai e se enchia de orgulho. Às vezes, até se permitia um suspiro de gratidão por não terem puxado a Agnes na aparência ou nos modos. Durante esses anos, tinha percebido uma dureza nela, que sinceramente esperava que as crianças não herdassem.

Quando ele passava pelo mercado da vila, acelerava os passos e evitava olhar naquela direção. Naturalmente, precisava ir lá de vez em quando para comprar coisas, mas desde que tinha ouvido o que as pessoas estavam falando, tentava limitar suas visitas o máximo possível. Se pudesse acreditar que não havia nenhuma verdade no que os fofoqueiros estavam comentando, poderia ter entrado ali com a cabeça erguida. A pior coisa era que não duvidava dos rumores nem por um minuto. E mesmo se tivesse duvidado, o sorriso superior do dono do mercado e o ousado tom de voz teriam sido suficientes para convencê-lo. Muitas vezes, Anders se perguntava se devia impor algum limite. Se não fosse pelos meninos, teria resolvido isso há muito tempo. Mas os gêmeos o forçavam a procurar outra opção que não fosse abandonar a esposa, e ele acreditava que tinha encontrado. Anders tinha um plano. Havia levado um ano de trabalho duro para desenvolvê-lo, mas agora estava ficando mais concreto. Assim que algumas partes se encaixassem, ele seria capaz de oferecer um recomeço para sua família, uma chance de fazer tudo certo. Talvez pudesse então dar a Agnes mais do que ela ansiava para que a escuridão que parecia estar crescendo dentro de seu coração desaparecesse. Pensou que já podia ver como sua nova vida seria e como ela poderia oferecer a todos muito mais do que a atual.

Apertou a mão dos meninos mais forte e sorriu para eles, que se viraram para olhar para o pai.

– Papai, podemos tomar um refrigerante? – perguntou Johan, com a esperança de que o bom humor do pai significasse que concordaria com o pedido.

E ele concordou. Depois de pensar por um momento, Anders assentiu, e os garotos comemoraram e pularam de alegria. Comprar um par de refrigerantes significaria uma visita ao mercado, claro, mas valeria a pena. Logo, tudo aquilo acabaria.

Gösta se sentou em sua sala, desabando sobre a mesa. O clima estava tenso, para dizer o mínimo, desde que o erro de Ernst tinha sido revelado. Ele balançou a cabeça. Seu colega cometera uma série de erros nesses anos, mas dessa vez tinha ido longe demais ao ignorar os procedimentos de trabalho de um oficial de polícia. Pela primeira vez, Gösta achou que Ernst poderia realmente ser demitido por causa de suas ações. Nem mesmo Mellberg poderia defendê-lo depois dessa.

Desesperançado, olhou pela janela. Era a época do ano que mais odiava. Era ainda pior do que o inverno. Ele ainda tinha a lembrança do verão bem fresca em sua cabeça e conseguia recordar todos os pontos de todas as partidas de golfe que tinha jogado. Quando o inverno chegasse, pelo menos um esquecimento piedoso teria começado a dominar, e ele às vezes se perguntava se tinha realmente feito aquelas tacadas perfeitas no campo de golfe ou se tudo tinha sido apenas um lindo sonho.

O telefone interrompeu seus pensamentos.

– Gösta Flygare.

– Oi, Gösta, é a Annika. Olha, estou com Pedersen na linha, e ele está procurando o Patrik, mas não consigo encontrá-lo agora. Poderia conversar com o médico?

– Claro, pode passar. – Ele esperou uns segundos. Depois, ouviu o clique na linha e a voz do legista.

– Alô?

– Oi, estou aqui. É o Gösta Flygare.

– Ouvi que Patrik tinha saído. Mas você também está trabalhando na investigação do assassinato da garotinha, não?

– Todo mundo na delegacia está ajudando.

– Ótimo, então você pode anotar a informação que acabamos de receber, mas é importante que tudo seja passado para Hedström.

Gösta se perguntou por um segundo se Pedersen já tinha ouvido sobre o erro de Ernst, mas depois percebeu que era impossível. Ele provavelmente só queria enfatizar que o chefe das investigações deveria receber todas as informações. E Gösta não tinha nenhuma intenção de cometer os mesmos erros de Lundgren, com certeza. Hedström ia saber tudo, até mesmo a mais tênue limpada de garganta.

– Vou anotar, e depois você me manda por fax, como sempre, certo?

– Claro – disse Pedersen. – Recebemos as análises das cinzas agora. Quer dizer, as cinzas que a garota tinha no estômago e nos pulmões.

– Estou familiarizado com os detalhes – disse Gösta, que não pôde deixar de mostrar um pouco de irritação na resposta. Pedersen achava que ele era somente um garotinho de recados na delegacia ou o quê?

Se percebeu a irritação de Gösta, Pedersen a ignorou e continuou, calmamente:

– Bom, descobrimos algumas coisas interessantes. Primeiro, as cinzas não são exatamente frescas. Os resíduos, pelo menos certas

porções, poderiam ser caracterizados como... – ele fez uma pausa – bem velhas.

– Velhas? – repetiu Gösta, ainda mal-humorado. Mas ele não podia negar que estava curioso. – O que exatamente significa “velho”? Estamos falando da Idade da Pedra ou dos Loucos Anos 1960?

– Bom, aí está o problema. De acordo com o laboratório, é incrivelmente difícil saber. A melhor estimativa que pude conseguir foi de que as cinzas têm entre cinquenta e cem anos.

– Cinzas de cem anos? – disse Gösta, espantado.

– É ou talvez cinquenta. Ou algo entre os dois. Mas essa não foi a única coisa incrível que eles encontraram. Havia também partículas finas de pedra nas cinzas. Granito, para ser preciso.

– Granito? De onde as cinzas poderiam ser então? Não poderia ser um pedaço de granito que queimou, poderia?

– Não, pedras não queimam, como sabemos. A pedra devia estar esmagada em finas partículas desde o começo. Ainda estão trabalhando no material para tentarem dizer algo mais definitivo. Mas...

Gösta pôde perceber que algo grande estava a caminho.

– Sim? – incentivou.

– O que podem dizer, neste ponto, é que parece ser uma mistura. Encontraram vestígios de madeira misturada com... – ele fez uma pausa, mas depois continuou – matéria orgânica.

– Matéria orgânica? Está dizendo o que eu acho que está? São cinzas de um corpo humano.

– Bom, é o que mostram as análises. Ainda não é possível determinar se são humanas ou de algum animal. E não estão certos de que irão conseguir determinar isso, mas o laboratório vai tentar.

E como eu falei, de qualquer forma está misturado com outras substâncias: madeira e granito.

– Que coisa absurda – disse Gösta. – Então alguém guardou essas cinzas antigas.

– Isso, ou as encontrou em algum lugar.

– É verdade, poderia ser isso também.

– Então, isso pode dar algumas pistas – disse Pedersen, seco. – Espero que possamos descobrir mais coisas em alguns dias, por exemplo, se eram realmente restos humanos nas cinzas. Até lá, espero que isso ajude.

– Vai ajudar, sim – disse Gösta, já imaginando a cara de seus colegas quando ele contasse o que tinham descoberto. A pergunta era como essa informação poderia ser usada.

Ele desligou e foi até a máquina de fax. O que estava girando em sua cabeça era a informação sobre as partículas de granito que Pedersen tinha mencionado. Isso devia ser uma pista.

Mas o pensamento escapou.

Asta gemeu quando se levantou. O velho piso de madeira tinha sido colocado quando a casa foi construída e só podia ser limpo com sabão e água. Mesmo sabendo que seu corpo iria sobreviver por mais algum tempo, a cada ano que passava era mais difícil se ajoelhar para fazer a limpeza.

Olhou para a casa. Tinha vivido ali por quarenta anos. Ela e Arne. Antes, ele tinha vivido aqui com os pais, que continuaram morando com os recém-casados. Os dois morreram repentinamente num intervalo de poucos meses. Ela tinha vergonha de pensar naquilo, mas tinham sido anos difíceis. O pai de Arne era rude como um general, e sua mãe não era melhor. Arne nunca tinha discutido isso com ela, mas sabia por comentários aleatórios que tinha apanhado muito quando era pequeno. Talvez por isso era tão duro com Niclas.

Um garoto que pensa que é amado com o chinelo vai distribuir amor com o chinelo quando for sua vez. Apesar de, no caso de Arne, ter sido um cinto, claro. O cinto marrom que ficava pendurado do lado de dentro da porta da despensa e que era usado sempre que seu filho tinha feito algo que não agradava ao pai. Mas quem era ela para questionar a forma como Arne criava o filho deles? Certamente ficava com o coração amargurado ao ouvir os gritos abafados de dor do menino e sempre limpava as lágrimas dele quando a surra terminava, mas Arne era quem sabia o que fazer.

Com dificuldade, subiu numa cadeira da cozinha e tirou as cortinas. Ainda não podia ver nenhuma sujeira, mas, como Arne sempre dizia, se alguma coisa ficava suja, era porque deveria ter sido limpa muito antes. Parou abruptamente, com as mãos acima da cabeça, bem no momento em que estava pronta para tirar o suporte da cortina. Não tinha feito a mesma coisa naquele dia horrível? Sim, acreditava que sim. Estava ali, mudando as cortinas, quando ouviu vozes altas vindas do jardim. Naturalmente estava acostumada a ouvir a voz brava de Arne, mas o que era incomum era que Niclas também tivesse levantado sua voz. Era tão inconcebível e as possíveis consequências, tão absurdas, que pulou correndo da cadeira e foi até o jardim.

Eles estavam ali, parados, se encarando, como dois combatentes. Suas vozes, que tinham parecido altas dentro da casa, agora machucavam os ouvidos. Incapaz de parar, tinha corrido até Arne e agarrado seu braço.

– O que está acontecendo aqui? – ainda podia ouvir como sua voz parecera desesperada. E assim que segurou o braço de Arne, percebeu que era a coisa errada a fazer. Ele ficou em silêncio e se virou para ela com olhos completamente vazios de qualquer emoção. Então, levantou a mão e deu um forte tapa nela. O silêncio

que se seguiu foi horrível. Eles ficaram os três completamente parados, como uma estátua de pedra com três cabeças. Então ela viu, em câmera lenta, Niclas colocar seu braço para trás, fechar o punho e mirar na cabeça do pai. O som do primeiro soco no rosto de Arne quebrou o silêncio abruptamente e colocou tudo em movimento de novo. Sem acreditar, Arne levou a mão ao rosto e olhou para o filho. Depois Asta viu o braço de Niclas ir para trás novamente e voar até Arne. Depois disso, parecia que nunca ia parar. Niclas se movia como um autômato, batendo sem parar. Arne recebia os golpes sem parecer entender o que estava acontecendo. Finalmente, suas pernas não aguentaram, e ele caiu de joelhos. Niclas estava ofegante. Olhava para o pai de joelhos, com sangue escorrendo do nariz. Virou-se e saiu correndo.

Depois daquele dia, ela não teve permissão de voltar a mencionar o nome de Niclas. Ele tinha dezessete anos.

Asta desceu cuidadosamente da cadeira com as cortinas nos braços. Ultimamente, tinha começado a ter pensamentos inquietantes, e não era nenhum acidente que as lembranças daquele dia estivessem voltando justo agora. A morte da garota tinha liberado muitos sentimentos, tanta coisa que ela tinha tentado esquecer nesses anos. Uma percepção de quanto tinha perdido por causa da cabeça-dura de Arne a tinha dominado, despertando emoções que só tornariam a vida mais difícil para ela. Mas assim que foi visitar o filho na clínica, tinha começado a pensar no que aceitou sem questionar nesses anos todos. Talvez Arne não soubesse tudo, afinal. Talvez não fosse Arne quem deveria decidir como as coisas iam ser, até para ela. Talvez pudesse começar a tomar as próprias decisões sobre sua vida. Esses pensamentos a deixaram nervosa, e ela os afastou para mais tarde. No momento, tinha cortinas para lavar.

Patrik bateu na porta de forma autoritária. Já se esforçava para manter sua expressão neutra. Dentro dele, sentia a repugnância crescendo e deixando um gosto ruim na boca. Esse era o mais baixo de todos, o tipo mais repugnante de pessoa que podia imaginar. O único consolo, e isso não era algo que Patrik diria em voz alta, era que depois que esse tipo de pessoa ia para a cadeia, não tinha sossego na prisão. Pedófilos estavam na base da cadeia alimentar e eram tratados de acordo. Merecidamente.

Ele ouviu passos se aproximando e se afastou. Martin estava tenso atrás dele, e havia vários colegas de Uddevalla parados mais atrás, inclusive alguns que poderiam fornecer conhecimentos valiosos nesses casos – conhecimentos na área de computadores.

A porta se abriu, e Kaj apareceu. Como sempre, estava formalmente vestido, e Patrik se perguntou se ele tinha alguma roupa casual. Ele mesmo sempre enfiava um par de calças de agasalho velhas e uma camiseta confortável assim que chegava em casa.

– O que foi dessa vez? – Kaj enfiou a cabeça para fora e franziu a testa quando viu dois carros de polícia parados na sua porta. – É realmente necessário ficar mostrando a presença de vocês assim? A velha ao lado provavelmente deve estar esfregando as mãos de prazer. Se têm algo a me perguntar, era só ligar ou mandar uma só pessoa em vez de toda a tropa!

Patrik o observou por um momento, imaginando se Kaj realmente se sentia tão seguro com policiais uniformizados aparecendo na sua porta a ponto de isso não levantar nenhuma suspeita de que tinha sido descoberto. Ou talvez fosse simplesmente um ótimo ator. Bom, eles descobririam logo.

– Temos um mandado de busca na sua residência. E queremos que venha até a delegacia para interrogatório. – A voz de Patrik

saiu extremamente formal e não revelou nenhuma das emoções que estava sentindo.

– Um mandado de busca na minha casa? Para quê? Foi aquela maldita mulher que inventou isso? Juro que vou... – Kaj deu um passo para fora e parecia estar pensando em ir até a casa dos Florin. Patrik levantou a mão, e Martin bloqueou o caminho.

– Isso não tem nada a ver com Lilian Florin. Temos informações que o envolvem com pornografia infantil.

Kaj ficou duro. Agora Patrik percebeu que não estava atuando antes. Realmente não tinha considerado aquela possibilidade. Gaguejando, tentou recuperar sua compostura.

– O qu... o que... o que você está falando? – Mas seus protestos pareceram impotentes, e o choque fez seus ombros caírem.

– Como disse, tenho um mandado de busca e pedimos que venha conosco até um dos carros, pois queremos continuar essa conversa em paz e tranquilidade na delegacia.

O gosto ruim na boca forçava Patrik a continuar engolindo. Ele queria se jogar sobre Kaj e enchê-lo de pancadas, perguntar como, por que, o que o atraía nas crianças, garotos, que ele não conseguia sentir numa relação adulta. Mas haveria muito tempo para essas perguntas. A coisa mais importante era garantir as provas.

Kaj pareceu ficar completamente paralisado e sem responder ou pegar sua jaqueta entrou, obediente, no banco traseiro de um dos carros da polícia.

Patrik virou para seus colegas de Uddevalla.

– Vamos levá-lo e começar o interrogatório. Façam o que tiverem de fazer aqui e liguem se encontrarem algo que pudermos usar. Sei que não preciso dizer, mas vou reforçar de todas as formas: levem

todos os computadores e não se esqueçam que o mandado inclui a cabana na propriedade. Sei que há pelo menos um computador ali.

Seus colegas assentiram e entraram na casa com expressões determinadas.

Com uma sensação de júbilo, Lilian passou lentamente pelos carros da polícia enquanto ia para casa. Era como se seus sonhos tivessem se tornado realidade. Toda uma falange de policiais do lado de fora da casa do vizinho e, acima de tudo, Kaj com uma expressão abatida tinha sido forçado a entrar no banco traseiro de uma das viaturas. Um sentimento de alegria tomou conta dela. Depois de todos esses anos de problemas com ele e sua família, seu comportamento tinha finalmente chegado ao limite. Deus sabe como ela sempre tinha se comportado corretamente. Estava errada em querer fazer tudo com decoro? Era culpa dela que ele tivesse feito coisas que fugiam do espírito de comunidade, obrigando-a a responder com força? E as pessoas tinham a coragem de afirmar que ela era briguenta. Ah, sim, tinha ouvido a fofoca se espalhando pela cidade. Mas negava qualquer responsabilidade pelos problemas entre eles. Se Kaj não continuasse atrapalhando e fazendo coisas estúpidas, não teria arrumado nenhuma confusão. Em circunstâncias normais, ninguém era tão gentil e tranquila quanto ela. E não sentia nenhuma culpa por ter dito à polícia sobre o estranho filho deles. Todo mundo sabia que, cedo ou tarde, pessoas como ele, que tinham algo errado na cabeça, causavam problemas. Talvez tivesse exagerado um pouco o comportamento de Morgan em sua declaração à polícia, mas só fizera isso para evitar futuros problemas. Pessoas como ele podiam inventar qualquer coisa se tivessem permissão para continuar soltas e era de conhecimento comum que tinham um impulso sexual hiperativo.

Mas agora todo mundo ia ver como as coisas eram de verdade. Não era na porta da *sua* casa que a polícia estava. Ela parou na frente da porta da casa vizinha para assistir ao espetáculo com os braços cruzados e um sorriso malévolos nos lábios.

Quando o carro de polícia foi embora levando Kaj, ela entrou meio relutante. Pensou por um momento em ir até lá, como uma cidadã preocupada, e perguntar o que estava acontecendo. Mas a polícia tinha desaparecido dentro da casa vizinha antes de ter pensado nisso, e ela não queria parecer uma enxerida, a ponto de ir até lá e bater na porta.

Enquanto tirava os sapatos e pendurava o casaco, imaginou se Monica saberia o que estava acontecendo. Talvez devesse ligar para ela na biblioteca e contar, como boa vizinha, claro. Mas a voz de Stig, vinda do andar de cima, a interrompeu antes que pudesse decidir.

– Lilian, é você?

Ela subiu. Ele parecia fraco hoje.

– Sim, querido, sou eu.

– Onde você estava?

Ele parecia muito mal quando Lilian entrou no quarto. Que pobre alma tinha se tornado agora. Um sentimento de carinho cresceu dentro dela quando percebeu como o marido dependia de seus cuidados. Gostava de se sentir tão necessária. Era como quando Charlotte era criança. Que sentimento de poder tinha sido ser responsável por uma vida tão indefesa. Na verdade, era o período de que mais tinha gostado. Aos poucos, conforme Charlotte crescia, ia escapando cada vez mais das mãos de sua mãe. Se Lilian pudesse, teria congelado o tempo e impedido que continuasse a crescer. Mas quanto mais tentava se aproximar da filha, mais ela se afastava. Em vez disso, o pai de Charlotte tinha, mesmo sem

merecer, recebido todo o amor e respeito de que *Lilian* achava ser merecedora. Era a mãe da Charlotte, afinal. O pai sempre devia estar abaixo da mãe. Era ela que tinha dado à luz e, durante os primeiros anos, quem tinha atendido todas as necessidades da filha. Então Lennart tinha tomado o controle, aproveitando os frutos de todo seu trabalho. Tinha transformado Charlotte na filhinha do papai. Depois que Charlotte se mudou, e os dois ficaram sozinhos, ele começou a falar em divórcio, como se Charlotte fosse a única que contasse em todos aqueles anos.

A lembrança fez sua raiva crescer até a garganta, e ela se forçou a sorrir para Stig. Pelo menos, ele precisava dela. Assim como Niclas, até certo ponto, apesar de o genro não saber. Charlotte não tinha ideia de quanta sorte tinha tido. Em vez disso, ficava sempre reclamando que seu marido nunca ajudava, que não fazia sua parte com as crianças. Ingrata, é o que ela era. Mas Lilian também tinha começado a se sentir profundamente desapontada com Niclas. Ele vinha para casa, a atacava e falava em se mudar. Mas Lilian sabia muito bem de onde vinham esses choramingos. Simplesmente não achava que ele seria tão facilmente influenciável.

– Você está tão séria – disse Stig, tentando segurar sua mão. Ela fingiu não perceber e começou a arrumar cuidadosamente a cama.

Stig sempre ficava do lado de Charlotte, então Lilian não podia contar nada do que estivera pensando. Então, disse:

– Tem algo estranho acontecendo no vizinho. Carros de polícia por todo lado. Não é nada bom, posso dizer, ter esse tipo de gente vivendo tão perto.

Stig se sentou. O movimento o fez sentir dor e segurar o estômago. Mas o rosto estava cheio de esperança.

– Deve ser por causa de Sara. Você acha que descobriram alguma coisa?

Lilian assentiu.

– Não me surpreenderia. Por que outro motivo eles mandariam todo um contingente?

– Seria uma bênção para Charlotte e Niclas se pudéssemos finalmente colocar um fim com isso.

– Verdade, e você sabe como isso me deixou arrasada também, Stig. Agora talvez eu possa recuperar a paz na minha alma novamente.

Ela deixou Stig dar uns tapinhas em sua mão, e sua voz estava adorável como sempre quando falou:

– Claro, querida. Você tem um bom coração, isso foi muito terrível para você. – Ele virou a mão dela e beijou sua palma.

Lilian deixou que segurasse sua mão por mais um segundo, mas depois a puxou. Disse, bruscamente:

– É bom ouvir alguém se preocupando comigo para variar. Vamos esperar que seja isso e eles prendam Kaj por Sara.

– O que mais você acha que poderia ser? – Stig pareceu surpreso.

– Bom, não sei. Realmente não pensei nisso. Mas eu, de todas as pessoas, sei do que ele é capaz...

– Quando é o funeral? – interrompeu Stig.

Lilian levantou da cama.

– Ainda estamos esperando o corpo voltar. Provavelmente na próxima semana.

– Por favor, não use a palavra “corpo”. Estamos falando de nossa Sara.

– Ela, na verdade, é a minha neta, não sua – atacou Lilian.

– Eu a amava também, e você sabe disso – disse Stig, gentil.

– Sim, querido, Eu sei. Perdoe-me. Tudo isso é muito duro para mim, e ninguém parece entender. – Ela enxugou uma lágrima,

percebendo o remorso no rosto de Stig.

– Não, sou eu que devia pedir perdão. Foi estúpido da minha parte. Pode me perdoar, querida?

– Claro – disse Lilian, magnânima. – E agora acho que você deveria descansar e não pensar muito em tudo isso. Vou descer e fazer um pouco de chá para você. Depois, seria bom se você dormisse um pouco.

– O que eu fiz para merecer você? – disse Stig para a esposa, com um sorriso.

Não tinha sido fácil para Mellberg se concentrar no trabalho. Não porque ele tivesse alguma vez priorizado essa parte de sua vida, mas normalmente era capaz de fazer alguma coisa. E a situação que Ernst tinha provocado deveria tomar uma grande parte de seus pensamentos. Mas desde o último sábado, nada tinha sido igual. Em seu apartamento, o garoto estava jogando videogame. Os novos que ele tinha comprado ontem. Mellberg sempre tinha controlado bem seu bolso, mas mesmo assim sentiu uma necessidade repentina de ser generoso. E videogames estavam no topo da lista, então seriam videogames. Mellberg tinha comprado um Xbox e três jogos; apesar de ter ficado chocado com o preço, não mudou de ideia.

Porque o garoto era dele, afinal. Simon, seu filho. Se havia tido alguma dúvida antes, elas tinham sido varridas assim que o viu descer do trem. Era como ver a si mesmo quando jovem. O mesmo físico corpulento, os mesmos traços faciais fortes. As emoções que tinham despertado nele eram incríveis. Mellberg ainda estava chocado por ser capaz de ter sentimentos tão profundos. Sempre tinha sentido orgulho de não precisar de ninguém. Bom, com a possível exceção de sua mãe.

Ela sempre dizia que era um pecado e uma vergonha que genes tão excelentes como os dele não fossem transmitidos. E ela tinha razão, sem dúvida. Era uma das principais razões por que gostaria que sua mãe tivesse conhecido seu filho. Para mostrar que ela estava certa. Foi só dar uma olhada no garoto para ver que tinha herdado muitas das características de seu pai. Tal pai tal filho. A mãe do garoto tinha dito em sua carta que ele era preguiçoso, desmotivado, insubordinado e ia mal na escola. Mas isso falava mais sobre as habilidades para educá-lo do que sobre o garoto. Ele só precisava passar algum tempo com o pai, uma figura paterna. Era só uma questão de tempo até se transformar num homem de verdade.

Naturalmente, achava que Simon pelo menos poderia ter dito "obrigado" quando ganhou os videogames, mas o pobre garoto estava provavelmente tão chocado por ter ganhado aquele presente que nem tinha o que dizer. Sorte que Mellberg fosse tão bom em julgar pessoas. Não seria produtivo forçar nada nesse ponto, ele sabia pelo menos isso sobre como cuidar de uma criança. Apesar de não ter nenhuma experiência prática no assunto, precisava admitir, mas quão difícil poderia ser? Era provavelmente uma questão de usar o bom senso. O garoto era adolescente, afinal, e as pessoas diziam que era uma fase difícil, mas na opinião de Mellberg, era simplesmente uma questão de encontrar a linguagem apropriada: gírias para os camponeses e latim para os acadêmicos. E se havia alguém que sabia como conversar com as pessoas no nível delas, era Mellberg. Estava convencido de que não haveria nenhum problema.

Vozes no corredor anunciaram que Patrik e Martin estavam de volta. Com aquele maldito pedófilo. Esse era um interrogatório do

qual ele tinha a intenção participar, para variar. E dessa vez, seria forçado a não ser condescendente.

Capítulo 22

Fjällbacka, 1928

Começou como outro dia qualquer. Os garotos correram para a casa dos vizinhos pela manhã, e ela teve a sorte de terem permanecido ali até a tarde. A velha até sentiu pena e alimentou os dois, então não precisou preparar o almoço, apesar de nunca fazer mais do que uns sanduíches. Essa mudança a deixara de bom humor, tanto que fez a concessão de limpar o chão. Assim, tinha certeza de que receberia um merecido elogio de seu marido à noite. Mesmo não se importando com o que ele pensava, ainda gostava de receber atenção e considerava os elogios como luxos.

Quando ouviu Anders subindo a escada, Karl e Johan já estavam dormindo, e ela lia uma revista feminina na mesa da cozinha. Olhou para ele distraidamente e fez um gesto com a cabeça, mas depois sentiu ansiedade. Ele não parecia tão cansado e triste como normalmente fazia quando chegava em casa; tinha um brilho nos olhos que fazia muito tempo ela não via. Uma vaga sensação de desconforto despertou dentro dela.

Ele sentou numa das cadeiras de madeira, cruzou as mãos e colocou-as sobre a mesa.

– Agnes – ele começou a falar e depois parou. O silêncio durou tempo suficiente para que a sensação ruim em seu estômago crescesse e se transformasse em um nó. Ele obviamente tinha algo em mente, e se havia algo que ela aprendera na vida, era que surpresas raramente eram boas.

– Agnes – ele falou de novo. – Estive pensando muito sobre nosso futuro e nossa família, e cheguei à conclusão de que precisamos mudar.

Certo, até agora ela estava entendendo. Simplesmente não conseguia visualizar o que ele poderia fazer para melhorar a vida dela.

Anders continuou com um orgulho óbvio.

– Então foi por isso que fiz horas extras o máximo que pude no ano passado e guardei todo o dinheiro para poder comprar passagens de ida.

– Passagens? Para onde? – perguntou Agnes, com a sensação estranha crescendo. Também ficou brava por descobrir que ele tinha escondido dinheiro dela.

– Para os Estados Unidos – disse Anders, que parecia esperar uma reação positiva. Em vez disso, Agnes sentiu o choque transformar seu rosto. O que aquele idiota tinha feito agora?

– Estados Unidos? – foi tudo que conseguiu dizer.

Ele assentiu, contente.

– Sim, vamos partir na próxima semana e você pode acreditar que tive muito trabalho para conseguir tudo. Estive em contato com alguns suecos de Fjällbacka que foram para lá, e eles me garantiram que há muito trabalho para alguém como eu. Alguém com talento pode conquistar um bom futuro “*over there*”. – Disse essas últimas palavras num inglês com forte sotaque, evidentemente orgulhoso de que já sabia duas palavras em sua nova língua.

Agnes queria se inclinar para a frente e dar um tapa bem no meio daquele rosto feliz. O que ele estava pensando? Era tão ingênuo a ponto de acreditar que ela ia entrar num barco e partir para uma terra estrangeira com ele e seus moleques? Para terminar

numa posição ainda mais dependente, num país desconhecido, com língua e pessoas estranhas? Claro que ela odiava a vida naquele lugar, mas pelo menos havia a possibilidade de algum dia sair do inferno em que havia se metido. Apesar de, para ser honesta, ter contemplado a ideia de viajar para os Estados Unidos, mas sozinha, sem ele e as crianças agarradas em suas pernas.

Mas Anders não viu o horror no rosto dela. Cheio de felicidade, pegou as passagens e colocou-as sobre a mesa. Desesperada, Agnes olhou os quatro pedaços de papel, espalhados como um leque na frente dela. Queria se encolher e chorar.

Tinha uma semana. Uma miserável semana para conseguir sair daquela situação. Ela se forçou a sorrir para Anders.

Monica tinha ido de carro até Konsum para fazer compras, mas de repente deixou a cestinha de compras no chão e saiu pela porta sem levar nada. Algo dizia que tinha de ir para casa. Sua mãe e sua avó tinham o mesmo "poder". Podiam sentir coisas, e Monica havia aprendido a ouvir sua intuição.

Ela pisou no acelerador de seu pequeno Fiat quando chegou na estrada que cruzava a montanha, passando o bairro de Kullen. Quando alcançou a curva da estrada que levava a Sälvik, viu o carro de polícia estacionado na frente de sua casa e soube que estava certa em seguir seus instintos. Estacionou bem atrás do carro da polícia e desceu aterrorizada com o que poderia encontrar. Toda as noites da semana anterior, tinha sonhado a mesma coisa. Policiais vinham até sua casa e descobriam a única coisa que tinha feito o máximo para apagar de sua mente. Agora era realidade, não um sonho, e ela se aproximou com relutância. Tentando adiar o inevitável. Foi então que ouviu Morgan chorando e começou a correr. Até o caminho do jardim, até a cabana dele. Ele estava

parado na frente da porta da cabana gritando com dois policiais. Com os braços esticados, estava tentando bloquear a entrada.

– Ninguém pode entrar na minha casa! É minha!

– Temos um mandado – disse um policial, tentando convencê-lo.

– Precisamos fazer nosso trabalho, então, por favor, nos deixe entrar.

– Não, vocês vão bagunçar tudo! – Morgan abriu os braços ainda mais.

– Prometemos que vamos ser cuidadosos e perturbar o mínimo possível. Por outro lado, podemos ter de levar algumas coisas conosco – se você tiver um computador aí dentro, por exemplo.

Morgan interrompeu o policial com um grito abafado. Seus olhos iam de um lado para o outro, e o corpo tinha começado a tremer incontrolavelmente.

– Não, não, não, não, não – ele repetia. Parecia pronto a defender seus computadores com a vida, e Monica acreditava que isso estava perto da verdade. Ela correu para o grupo.

– O que está acontecendo? Posso ajudar?

– Quem é você? – perguntou o policial mais próximo dela, mas sem tirar os olhos de Morgan enquanto falava.

– Sou a mãe de Morgan. Moro aqui. – Ela apontou para a casa principal.

– Poderia explicar para o seu filho que temos um mandado para entrar na cabana e fazer uma busca? Também temos permissão para levar qualquer computador que possa estar aí dentro.

À menção dos computadores, Morgan começou a balançar a cabeça violentamente e voltou a repetir:

– Não, não, não, não...

Com muita calma, Monica foi até ele. Com os olhos fixos nos policiais, colocou o braço ao redor do filho e acariciou as costas

dele.

– Poderiam me contar primeiro por que estão aqui? Depois, tenho certeza de que poderei ajudá-los.

O policial mais jovem parecia embaraçado e abaixou os olhos. O mais velho, que certamente estava mais endurecido pelo trabalho, respondeu calmamente:

– Levamos seu marido para interrogatório e temos um mandado para fazer uma busca na residência.

– Posso perguntar por quê? – Ela podia sentir que isso havia soado desnecessariamente frio, mas ver os policiais parados ali, tentando passar por Morgan sem dar uma explicação razoável era algo que não iria aceitar.

– O nome de seu marido apareceu ligado à posse de pornografia infantil.

A mão que acariciava as costas de Morgan ficou parada no ar. Ela tentou falar, mas tudo que saiu foi um sussurro.

– Pornografia infantil? – Ela limpou a garganta para tentar retomar o controle da voz. – Vocês devem ter cometido um erro. Meu marido, envolvido com pornografia infantil?

Pensamentos começaram a girar em sua cabeça. Coisas que sempre questionou, sempre pensou. Mas a sensação de alívio era mais forte. Eles não tinham vindo pelo que ela mais temia.

Demorou uns segundos para se recuperar e depois se virou para Morgan.

– Agora me escute. Você precisa deixar que entrem na cabana. E precisa deixar que levem os computadores. Você não tem escolha, é a polícia. Eles têm direito.

– Mas e se eles bagunçarem tudo? E a minha agenda? – A voz aguda não era o tom normal, pois mostrava uma sensibilidade incomum.

– Tenho certeza de que serão cuidadosos, como disseram. E você não tem escolha. – Ela reforçou essa última sentença e pôde sentir que ele começava a se acalmar. Era sempre mais fácil para Morgan lidar com situações nas quais não tinha escolha.

– Vocês prometem não bagunçar tudo?

Os policiais assentiram, e Morgan começou a se afastar da porta.

– E vocês precisam ser cuidadosos com os arquivos nos computadores. Tenho muitos trabalhos guardados ali.

Eles concordaram mais uma vez, e então ele saiu do caminho, deixando que entrassem.

– Por que estão fazendo isso, mamãe?

– Não sei – mentiu Monica. Alívio ainda era a emoção dominante dentro dela. Mas aos poucos começou a compreender o que os policiais tinham dito. Um sentimento de desgosto começou a se formar em seu estômago e subir. Ela pegou Morgan pelo braço e o levou para a frente da casa. Olhava preocupada para a cabana enquanto se afastava.

– Não se preocupe, eles prometeram tomar cuidado.

– Vamos entrar na casa? – disse Morgan. – Eu não costumo entrar em casa a essa hora do dia.

– Não, eu sei disso – disse Monica. – Mas hoje teremos de fazer algo totalmente diferente. Não podemos atrapalhar os policiais. Então você precisa ir comigo até a casa da tia Gudrun.

Ele pareceu confuso.

– Mas só vamos lá no Natal. Ou quando um deles faz aniversário.

– Eu sei – disse Monica, paciente. – Mas hoje teremos de abrir uma exceção.

Ele pensou nisso por um momento e depois decidiu que havia lógica no que a mãe estava falando.

Enquanto caminhavam até o carro, Monica viu pelo canto do olho a cortina se mexer na cozinha dos Florin. Lilian estava na janela, olhando para eles. Estava sorrindo.

– Então, Kaj. Essa não é uma situação agradável. – Patrik se sentou encarando-o, com Martin ao seu lado e Mellberg sentado discretamente numa cadeira no canto. Para grande alívio de Patrik, ele tinha se oferecido voluntariamente para ter um papel passivo no interrogatório. Patrik teria preferido não tê-lo ali, mas ele era o chefe, afinal.

Kaj não respondeu. Abaixou a cabeça, dando a Patrik e Martin uma boa visão do alto de sua cabeça. Seus cabelos tinham ficado ralos com o passar dos anos, então a careca rosa brilhava entre os tufo de cabelo escuro.

– Você tem uma explicação de por que seu nome aparece numa lista de compradores de pornografia infantil? E não me venha com a velha história de que deve ser um erro. Seu nome e endereço estão na lista, então não há motivo para duvidar de que foi você que fez o pedido.

– Alguém deve estar tentando me incriminar – Kaj murmurou.

– Ah, verdade? – disse Patrik, a voz cheia de sarcasmo. – Então, talvez você possa nos explicar por que alguém se daria ao trabalho de tentar colocá-lo na cadeia. Que tipo de archi-inimigos você fez nesses últimos anos?

Kaj não respondeu. Martin bateu a mão na mesa para que ele prestasse atenção, o que fez Kaj pular.

– Não ouviu minha pergunta? Quem estaria interessado em mandá-lo para a prisão?

Ainda nenhuma resposta, então Martin continuou.

– Não é algo fácil de responder, é? Porque não há ninguém.

Havia várias páginas impressas na frente dos dois policiais. Patrik as folheou por um momento, em silêncio, tirando algumas páginas e colocando-as sobre uma pilha.

– Você deve perceber que temos muito material sobre você. Temos o nome dos outros que... – procurou o termo correto – compartilham o mesmo interesse e com quem você esteve em contato. Temos informações de quando pediu material deles, sabemos que você mesmo já forneceu material e também temos registros das sessões de bate-papo que nossos colegas em Göteborg conseguiram capturar. Há muitos sujeitos talentosos no uso de computadores, acho que você entende. E eles não são enganados pelos elaborados firewalls que vocês montam para que ninguém possa hackear seu pequeno grupo e espiar os assuntos que discutem. Nada é completamente seguro, você sabe.

Então Kaj olhou para cima, e seus olhos iam sem parar de Patrik para os impressos na frente dele. Todo seu mundo estava desmoronando enquanto o ponteiro de segundos ia se movendo no relógio de parede atrás dele. Patrik viu que ele ficou abalado pela revelação de que alguém tinha sido capaz de acessar os arquivos que achava que estavam completamente protegidos. Agora Kaj estava se perguntando claramente o quanto eles sabiam. Era o momento certo de pressioná-lo um pouco mais.

– Neste exato momento, estamos fazendo uma busca em toda a sua casa. E nossos colegas não são amadores. Não há nenhum esconderijo que já não tenham encontrado. Nenhum cubículo secreto e genial que não possam encontrar. E seu computador será enviado a Uddevalla, para ser examinado por alguns caras que são verdadeiros hackers. Sabe, caras que poderiam entrar em bancos na internet e passar dinheiro de uma conta para outra se quisessem e se não estivessem do lado da lei.

Patrik achou que poderia estar exagerando um pouco as habilidades de seus colegas, mas Kaj não sabia disso. E dava para ver que a tática estava funcionando. Pequenas gotas de suor tinham começado a aparecer na testa de Kaj, e ele podia sentir, mesmo sem ver, que suas pernas tinham começado a tremer incontrolavelmente.

– E mesmo que você seja um amador quando se trata de computadores, talvez Morgan tenha dito que mesmo apagando um arquivo, isso não significa que ele tenha desaparecido. Nossos técnicos podem restaurar quase tudo, desde que o hard drive não tenha sido danificado.

Martin continuou de onde Patrik parou.

– Assim que tiverem a chance de examinar seu computador, vão nos contar. Depois, vamos saber exatamente o que você andou fazendo. Göteborg e nossa equipe estão trabalhando com força total para tentar identificar as crianças que aparecem no material que a polícia confiscou. A informação que temos até agora indica que suas vítimas favoritas são garotos. Isso está correto? Bom, é verdade, Kaj? Você prefere garotos sem pelos no peito – meninos jovens e inocentes?

O lábio inferior de Kaj estava tremendo, mas ele continuou sem dizer nada.

Patrik se inclinou e abaixou a voz. Agora tinha chegado o momento de entrar na questão real do interrogatório.

– Mas e as garotas? Funciona com garotinhas também? Pequenas tentações que vivem tão perto, bem ao lado, na casa da vizinha. Deve ter sido quase irresistível. Principalmente se era uma chance de se vingar de Lilian. Que sensação. Bem no nariz dela, para vingar todos aqueles anos de injustiça. Mas algo deu errado, não foi? Como aconteceu? A garota começou a lutar, disse que ia contar

para a mãe, então você foi obrigado a afogá-la para que calasse a boca?

Boquiaberto, Kaj olhou primeiro para Patrik, depois para Martin. Seus olhos estavam grandes e brilhantes. Ele balançou a cabeça.

– Não, não tive nada a ver com isso. Nunca encostei nela, juro!

As últimas palavras saíram como um grito, e parecia que Kaj ia ter um ataque cardíaco a qualquer momento. Patrik pensou se deveria interromper o interrogatório, mas decidiu continuar um pouco mais.

– E por que deveríamos acreditar em você? Temos provas de que tem interesse sexual em crianças e logo saberemos se há alguma prova de que realmente atacou alguma. Uma garota de sete anos vivendo na casa ao lado da sua foi encontrada afogada. É uma estranha coincidência, não acha?

Ele não mencionou que nenhum traço de ataque sexual tinha sido encontrado em Sara. Mas como Pedersen havia dito, isso não necessariamente significava que não havia acontecido.

– Mas juro que não tive nada a ver com a morte da garota! Ela nunca entrou em nossa casa, juro!

– Isso ainda precisa ser confirmado – disse Martin, áspero, olhando para Patrik. Viu a mesma expressão “que droga” nos olhos dele. Patrik deu um leve aceno, e Martin se levantou para fazer uma ligação. Tinham se esquecido de pedir uma equipe de técnicos para verificar o banheiro. Quando aquele erro foi corrigido, e ele teve a resposta de que iriam cuidar disso imediatamente, voltou para a sala de interrogatório. Patrik ainda estava perguntando sobre Sara.

– Então, você realmente espera que acreditemos quando diz que nunca ficou tentado a... se interessar pela garota vizinha. Ela era uma menina muito doce, também.

– Não a toquei, estou falando. E não a chamaria de doce. Uma maldita filha de Satã era o que era. Enfiando-se em nosso jardim no verão e arrancando todas as flores de Monica. Sem dúvida, com ordens de sua maldita avó.

Patrik ficou chocado ao ver como o nervosismo de Kaj desapareceu rapidamente, e seu ódio por Lilian Florin tomou conta. Mesmo nessas circunstâncias, os sentimentos estavam tão arraigados que por um momento fizeram Kaj esquecer por que estava sentado ali. Foi então que Patrik percebeu que a realidade voltava à mente do homem, e os ombros dele caíram quando se encurvou sobre a mesa.

– Não matei a garotinha – disse Kaj em voz baixa. – E nunca a toquei, juro.

Patrik mais uma vez trocou um olhar com Martin e depois tomou uma decisão. Eles provavelmente não iam conseguir mais nada agora. Com sorte, teriam mais material depois que a busca fosse concluída na casa e no computador de Kaj. E, se tivessem realmente sorte, os técnicos encontrariam algo quando examinassem o banheiro.

Martin levou Kaj de volta para a cela, e Mellberg saiu logo em seguida. Patrik continuou onde estava. Olhou para o relógio. Já estava cansado. Queria ir para casa e beijar Erica, enterrar o nariz no pescocinho de Maja e se embebedar com o perfume dela. Era provavelmente a única coisa que poderia dissipar o horrível sentimento que tinha depois de se sentar na mesma sala que Kaj. Uma sensação de inadequação também o fazia buscar a segurança de seu lar. Pessoas como Kaj não deveriam ficar livres. Principalmente se tinham a morte de uma garotinha na consciência.

Estava a ponto de sair quando Annika o parou.

– Você tem visitas; estão esperando faz algum tempo. Gösta quer conversar urgentemente com você. E tenho uma pista que deveria olhar imediatamente.

Patrik deu um suspiro e deixou a porta se fechar. Parecia que teria de desistir do plano de ir para casa. Agora parecia que, em vez disso, teria de ligar para Erica e avisar que chegaria tarde. Era uma conversa que preferia evitar.

O dedo de Charlotte hesitou diante da campainha. Depois, ela se decidiu, respirou fundo e apertou o botão. Ouviu tocar. Por um segundo, pensou em se virar e fugir, mas ouviu passos do lado de dentro e se forçou a esperar.

Reconhecia vagamente a mulher que abriu a porta. A cidade era suficientemente pequena para que tivessem se cruzado, e ela viu que a outra mulher sabia exatamente quem ela era. Depois de um momento de hesitação, Jeanette abriu a porta.

Charlotte ficou surpresa ao ver como era jovem. Vinte e cinco, Niclas tinha dito quando ela o pressionou. Não sabia por que queria saber esses detalhes. Era como uma necessidade primitiva, um desejo de saber o máximo possível. Talvez fosse por que esperava entender, de alguma forma, o que ele estava procurando, algo que ela aparentemente não podia dar. E talvez fosse por isso que tivesse sido inexoravelmente arrastada até ali. Ela nunca havia confrontado nenhuma amante de Niclas antes. Teve vontade de vê-las, mas nunca ousara. Mas, depois da morte de Sara, tudo tinha mudado. Era como se ela fosse invulnerável. Todos os terrores tinham desaparecido. Já tinha sofrido o pior que poderia acontecer com uma pessoa. Tudo que antes a havia paralisado e aterrorizado, agora pareciam obstáculos insignificantes. Não que tivesse sido fácil vir ali, não diria isso. Mas tinha conseguido. Sara estava morta, então podia fazer o que quisesse.

– O que você quer? – Jeanette olhou para ela, cautelosa.

Charlotte sentiu-se grande em comparação com a outra mulher, que não passava de 1,60 m. Com 1,75 m, Charlotte se sentia uma gigante. Jeanette também não tinha perdido suas medidas com duas gestações. Charlotte não pôde deixar de perceber que os seios dela na blusa apertada não precisavam de sutiã para ficarem levantados. Na sua mente, imaginou Jeanette nua, na cama com Niclas, que acariciava seus seios perfeitos. Balançou a cabeça para se livrar da imagem. Já tinha passado tempo demais com esse tipo de autotortura durante os anos. Mas essas imagens não a incomodavam tanto. Ela tinha outras piores em sua cabeça – imagens de Sara, boiando na água.

Charlotte se forçou a voltar à realidade. Numa voz calma, disse:

– Só quero conversar com você um pouco. Poderíamos tomar uma xícara de café?

Ela não sabia se Jeanette esperava que aparecesse ou se achava a situação tão surreal que não conseguia entender. De qualquer forma, o rosto de Jeanette não mostrou nenhuma surpresa. Ela simplesmente concordou e foi até a cozinha, seguida por Charlotte.

Curiosa, ficou olhando o apartamento. Era mais ou menos o que imaginava. Era pequeno, com dois quartos, cheio de móveis de madeira, cortinas de babado e lembranças de viagens ao exterior como principal decoração. Jeanette aparentemente guardava cada öre que ganhava para fazer viagens para lugares ensolarados, e essas viagens eram, aparentemente, o ponto alto de sua vida. Exceto quando estava trepando com homens casados, quer dizer, Charlotte pensou amargamente enquanto se sentava na mesa da cozinha. Ela não se sentia tão segura quanto esperava que aparentasse. Seu coração batia forte, deixando-a nervosa. Mas tinha olhado bem o rosto da outra mulher, vendo pela primeira vez

que tipo de pessoa poderia pesar mais do que votos de casamento, filhos e decência na balança de um homem.

Para sua surpresa, Charlotte ficou desapontada. Sempre imaginou que as amantes de Niclas fossem de uma classe totalmente diferente. Claro, Jeanette era bonita e curvilínea, não dava para ignorar isso, mas era tão – procurou a palavra certa – tão *insípida*. Não irradiava nenhum calor, nenhuma energia. Pelo que Charlotte podia ver dela e de sua casa, essa mulher não parecia ter a capacidade ou a ambição de fazer nada além de seguir o curso da vida.

– Aqui está – disse Jeanette irritada, colocando uma xícara diante de Charlotte. Depois se sentou do outro lado da mesa e, nervosa, começou a beber seu café. Charlotte percebeu que ela tinha unhas compridas e perfeitas. Outra coisa que não existia no mundo das mães de crianças pequenas.

– Está surpresa por eu ter vindo? – disse Charlotte, observando com calma ostensiva a mulher que estava na sua frente.

Jeanette deu de ombros.

– Não sei. Talvez. Não pensei muito nisso.

Pelo menos era honesta, pensou Charlotte. Se era ousadia ou somente estupidez, ainda não era possível saber.

– Você sabia que Niclas me contou sobre você?

Mais uma vez o mesmo movimento de ombros.

– Sabia que isso ia acontecer cedo ou tarde.

– Como você sabia disso?

– As pessoas falam muito nessa cidade. Sempre há alguém que viu alguém em algum lugar, e elas sentem a necessidade de contar para os outros.

– Parece que essa não é a primeira vez que você faz isso – disse Charlotte.

Um pequeno sorriso surgiu nos cantos da boca de Jeanette.

– Não posso fazer nada se os melhores já têm dona. Não que isso os incomode muito.

Charlotte fechou um pouco os olhos.

– Então Niclas não se preocupava com isso também? Que fosse casado e tivesse dois filhos? – A palavra “tivesse” ficou presa em sua garganta, e ela sentiu as emoções aflorarem de novo, ameaçando tomar conta. Com um esforço, conseguiu controlá-las.

Sua hesitação aparentemente fez Jeanette perceber que poderia ter certas obrigações humanas. Com a voz dura, falou:

– Sinto por sua filha. Pela Sara.

– Não mencione o nome da minha filha, obrigada – disse Charlotte com uma voz tão fria que fez Jeanette ter um arrepio. Abaixou os olhos e mexeu seu café.

– Mas responda a pergunta que eu fiz: Niclas se preocupava por dormir com você quando tinha uma família em casa?

– Ele não falava de você – disse Jeanette, evasiva.

– Nunca?

– Tínhamos outras coisas para fazer em vez de falar sobre você – soltou Jeanette, antes de perceber mais uma vez que, por certa decência, era melhor tomar cuidado com o que falava.

Charlotte olhou para ela enojada. Mas sentia ainda mais por Niclas, que claramente não tinha problemas em jogar fora tudo que compartilhavam por isto, uma garota estúpida e pouco inteligente que achava que o mundo estava a seus pés simplesmente porque tinha sido escolhida a mais bonita no colegial. Sim, Charlotte conhecia o tipo. Muita atenção durante seus anos mais impressionáveis tinham inflado o ego de Jeanette até chegar a proporções enormes. Machucar outras pessoas, tomar o que não pertencia a ela, essas coisas significavam nada para garotas assim.

Charlotte se levantou. Tinha se arrependido de vir. Teria preferido manter a imagem da amante de Niclas como uma mulher linda, inteligente e apaixonada. Alguém que pudesse ver como concorrência. Mas essa garota era barata. Pensar em Niclas com Jeanette fez seu estômago virar, e ela podia sentir o pouco respeito que tinha por ele desaparecer completamente.

– Não precisa me acompanhar – ela falou e deixou Jeanette sentada na mesa da cozinha. No caminho, acabou derrubando um asno de cerâmica, com a inscrição “Lanzarote 1998”, que estava em uma mesa no corredor. Ele caiu e se quebrou em mil pedaços. Um asno por outro, pensou Charlotte, olhando feliz os restos antes de fechar a porta atrás de si.

Capítulo 23

Fjällbacka, 1928

Foi num domingo que a catástrofe aconteceu. O barco para os Estados Unidos deveria partir de Göteborg na sexta, e eles já tinham empacotado a maioria das coisas. Anders enviara Agnes até a cidade para comprar os últimos itens que achava que precisariam *over there* e até tinha dado um pouco de dinheiro para ela, algo raro.

Ela tinha a cesta cheia de compras quando virou a esquina e começou a subir a colina. Podia ouvir as pessoas gritando ao longe e apertou o passo. Viu a fumaça algumas casas antes da sua e percebeu que estava mais forte no alto da colina. Agnes largou a cesta e correu. A primeira coisa que viu foi o fogo. Enormes labaredas saindo das janelas da casa, e as pessoas correndo de um lado para o outro como galinhas com a cabeça cortada. Os homens e algumas mulheres estavam carregando baldes de água. O resto das mulheres colocava as mãos na cabeça, gritando em pânico. O fogo tinha se espalhado por várias casas e parecia estar destruindo todo o bairro. Espalhou-se com uma velocidade incrível. Agnes observava a cena com a boca e os olhos abertos, chocada. Nada poderia tê-la preparado para essa visão.

Uma espessa fumaça preta começou a subir por cima das casas, deixando o ar cinzento e pesado, como uma neblina. Agnes ainda estava parada como se estivesse congelada quando uma das vizinhas veio até ela e a agarrou pelo braço.

– Agnes, venha comigo, não fique parada aí olhando. – Tentou puxá-la, mas Agnes não conseguia se mover. Os olhos cheios de lágrimas por causa da fumaça enquanto olhava as ruínas de sua casa. Parecia que era a que mais queimava.

– Anders... os garotos... – ela disse, sem forças. A vizinha agora a puxava desesperada pela blusa para afastá-la da cena.

– Não sabemos nada ainda – disse a mulher, que Agnes se lembrava vagamente se chamar Britt ou talvez Britta. Ela continuou: – Todo mundo recebeu a ordem de se juntar na praça do mercado. Talvez sua família já esteja ali – ela disse, mas Agnes podia sentir a dúvida em sua voz. A mulher sabia tão bem quanto ela que não encontraria nenhum deles ali.

Ela se virou lentamente e sentiu o calor do fogo esquentando suas costas. Apática, seguiu Britt ou Britta pela colina, permitindo ser levada até a praça, onde o choro das mulheres preenchia o ar. Mas todas ficaram em silêncio quando Agnes apareceu. O rumor já tinha se espalhado; enquanto estavam chorando por seus lares e posses perdidas, Agnes ia chorar por seu marido e seus dois meninos. Todas as mães olhavam para ela com o coração dolorido. Independentemente do que podiam ter dito ou pensado sobre ela antes, naquele momento era a mãe que tinha perdido seus filhos, e todas abraçaram seus pequenos com mais força.

Agnes não conseguia deixar de olhar o chão. E não chorou.

Elas se levantaram quando Patrik se aproximou. Veronika segurava a mão da filha com força e não a soltou nem quando Patrik as levou até sua sala. Apontou para as duas cadeiras, e elas se sentaram.

– Então, como posso ajudá-las? – perguntou Patrik, sorrindo para Frida quando notou sua expressão ansiosa. Ela olhou para sua mãe,

que assentiu.

– Frida tem algo para lhe contar – disse Veronika, fazendo outro gesto para a filha.

– Na verdade, é um segredo – disse Frida, com a voz fraca.

– Oh, um segredo – disse Patrik. – Que emocionante. – Ele podia ver que a garota estava com muitas dúvidas se deveria ou não contar, então continuou: – Mas, sabe, o papel da polícia é ouvir os segredos de todo mundo, então realmente não tem nenhum problema se você contar.

Isso fez o rosto de Frida se iluminar.

– Então você sabe todos os segredos do mundo?

– Bom, talvez não todos – disse Patrik. – Mas quase todos. Então, que tipo de segredo você sabe?

– Havia um velho nojento que assustava Sara – ela disse, agora falando mais rápido. – Ele era muito ruim e disse que ela era uma “ilha do remo”, e Sara ficou com muito medo. Mas eu não devia contar a ninguém, porque ela tinha medo que o velho voltasse.

Ela respirou. Patrik sentiu as sobrancelhas arquearem. Ilha do remo?

– Como era o velho, Frida? Você consegue se lembrar?

Ela assentiu.

– Era supervalho. Uns cem anos, pelo menos. Como o vovô.

– O avô dela tem sessenta – disse Veronika e não pôde deixar de sorrir.

Frida continuou.

– Seu cabelo era todo grisalho e suas roupas, todas pretas – ela parecia que ia continuar, mas se afundou na cadeira. – É tudo que lembro – disse triste, e Patrik piscou para ela.

– Excelente. E é um bom segredo para contar para a polícia.

– Então, você não acha que Sara vai ficar brava comigo quando voltar do céu, porque eu contei o segredo dela?

Veronika respirou fundo, pronta para explicar novamente as realidades da morte para a filha, mas Patrik a interrompeu.

– Não, porque sabe o que eu acho? Que Sara está muito feliz no céu e não vai querer voltar, e tenho certeza de que ela não se importa se você contou o segredo dela.

– Tem certeza? – disse Frida cética.

– Certeza – assegurou Patrik.

Veronika se levantou.

– Bom, sabe onde vivemos se precisar perguntar mais alguma coisa. Mas realmente acho que a Frida não sabe mais do que isso – ela hesitou. – Você acha que poderia ser...?

Patrik balançou a cabeça e comentou:

– Impossível dizer, mas foi ótimo você ter vindo me contar isso. Toda informação é importante.

– Posso andar num carro de polícia? – perguntou Frida, dando um olhar de súplica para Patrik.

Ele riu:

– Hoje não, mas vou ver se podemos marcar para outro dia.

Ela pareceu contente com isso e seguiu a mãe pelo corredor.

– Obrigado por virem – disse Patrik, cumprimentando Veronika.

– Espero que peguem logo o homem que fez isso. Eu não consigo mais deixá-la sair sozinha – disse, acariciando os cabelos da filha.

– Estamos fazendo o melhor possível – disse Patrik, demonstrando mais confiança do que realmente estava sentindo, enquanto as acompanhava até a entrada.

Quando a porta se fechou atrás delas, pensou no que Frida tinha dito. Um velho nojento? A descrição que tinha dado não combinava com Kaj. Quem poderia ser?

Ele foi até Annika sentada em sua mesa. Depois de olhar para o relógio, perguntou:

– Você tinha alguma pista que eu deveria olhar?

– Sim, aqui estão – falou, entregando alguns papéis para ele. – E não se esqueça de que Gösta quer conversar com você também. Já deve estar se preparando para ir para casa, então é melhor falar com ele agora.

– Algumas pessoas têm sorte e conseguem ir para casa – suspirou. Erica não tinha ficado feliz quando ligou e ele agora se sentia com a consciência culpada.

– Ele provavelmente só vai para casa quando você deixar – disse Annika, olhando sobre os óculos para Patrik.

– Em teoria você está certa, mas, na prática, é melhor que Gösta vá para casa e descanse um pouco. Ele não contribui muito quando fica sentado aqui, resmungando.

Saiu mais bravo do que era sua intenção, mas às vezes ficava cansado de arrastar seus colegas. Dois deles, pelo menos. Oh, está bem, podia agradecer que a falta de iniciativa de Gösta causasse menos problemas que Ernst.

– Acho que é melhor descobrir o que ele quer.

Patrik pegou o pedaço de papel com a informação e foi até a sala de Gösta. Parou na porta, a tempo de ver o colega fechar o jogo de solitária no computador. O fato de seu colega estar ali perdendo tempo, enquanto Patrik trabalhava como um louco, deixou-o tão irritado que rangeu os dentes. Não poderia discutir com o colega agora, mas cedo ou tarde...

– Então, aí está você – disse Gösta, parecendo um pouco incomodado, e Patrik imaginou se “cedo” poderia ser a melhor opção.

– Eu tinha algo importante para resolver – disse Patrik, fazendo um esforço para não soar tão crítico quanto se sentia.

– Bom, tenho algumas coisas para contar também – disse Gösta, e Patrik ouviu, surpreso, certa ansiedade na voz do colega.

– *Shoot* – disse Patrik em inglês, percebendo depois, pelo olhar confuso de Gösta, que expressões em inglês provavelmente não eram o forte dele. A menos que estivessem relacionadas com golfe, claro.

Gösta contou sobre a conversa com Pedersen, e Patrik ouviu com grande interesse. Pegou as folhas de fax que o outro policial entregou e sentou-se para estudá-las.

– Sim, são inegavelmente interessantes – ele falou. – A pergunta é, como prosseguimos daqui em diante?

– Bem – disse Gösta. – Estive pensando na mesma coisa. A informação poderia nos ajudar a ligar alguém ao assassinato se encontrarmos a pessoa correta. Mas até lá, isso não nos dá muito para continuar.

– E eles não puderam dizer com certeza se os restos orgânicos eram animais ou humanos?

– Não – disse Gösta, balançando a cabeça. – Mas, em poucos dias, poderíamos conseguir a resposta para isso.

Patrik parecia pensativo.

– Conte-me novamente, Gösta, o que Pedersen disse sobre a pedra?

– Que era granito.

– Bastante comum aqui em Bohuslän, em outras palavras – disse Patrik irônico, passando a mão com desânimo pelos cabelos. – Se ao menos pudéssemos saber o que significam as cinzas, aposto que também saberíamos quem matou Sara.

Gösta assentiu.

– Bom, não vamos conseguir avançar agora – disse Patrik, levantando-se. – Mas é uma informação muito interessante. Por que você não vai para casa agora, Gösta, e continuamos amanhã cedo. – Ele até conseguiu dar um sorriso.

Não foi preciso falar duas vezes. Em dois minutos, Gösta tinha desligado seu computador, juntado suas coisas e estava a caminho da porta. Patrik não teria tanta sorte. Já eram quinze para as sete, mas ele se sentou em sua mesa para ler as notas que Annika tinha lhe entregado. Um momento depois, pegou o telefone.

Às vezes, Erica sentia como se estivesse fora do mundo real, encapsulada numa pequena bolha que continuava diminuindo. Agora estava tão pequena que sentia como se pudesse tocar as paredes se esticasse a mão.

Maja estava dormindo em seu colo. Mais uma vez, Erica tinha tentado deitá-la para que dormisse sozinha, mas a menina acordou poucos minutos depois, protestando em voz alta diante da enorme indignidade de se encontrar no berço. E justo quando estava dormindo tão bem no colo de sua mãe. Erica tinha pensado em tentar as sugestões no *Livro do Bebê*, mas até agora não tinha passado para a parte prática. Então, como sempre, desistiu e silenciou o choro do bebê colocando Maja em seu colo e deixando que dormisse ali. Geralmente dormia por uma ou duas horas, contanto que Erica não se mexesse muito e não fosse perturbada por barulhos altos do telefone ou da TV. Então Erica tinha, agora, que ficar sentada como uma pedra na poltrona por meia hora, com o telefone desligado e a TV no mudo. Claro, não havia nada de bom a essa hora, então ela estava assistindo a mais uma novela americana estúpida que a TV4 pelo jeito tinha comprado de baciada. Ela odiava sua vida.

Sentindo-se culpada, olhou para a bonequinha com a cabeça deitada sobre o travesseirinho. A boca do bebê estava meio aberta, e suas pálpebras se mexiam de vez em quando. O desespero de Erica não tinha nada a ver com falta de amor materno. Ela amava Maja intensa e sinceramente. Ao mesmo tempo, sentia como se tivesse sido invadida por um parasita alienígena que sugava todo o prazer de seu corpo e a forçava a uma existência menor que não tinha nada em comum com a vida de antes.

Às vezes, ela também sentia a mesma amargura com relação a Patrik. Ele podia fazer pequenas aparições em seu universo e depois escapar para o mundo real como uma pessoa normal, não entendia como era estar vivendo a vida dela. Mas em momentos mais lúcidos, percebia que não estava sendo justa. Afinal, como ele poderia entender? Não estava fisicamente ligado ao bebê da mesma forma que ela, nem emocionalmente, para dizer a verdade. Para o bem ou para o mal, o vínculo entre mãe e filha era tão forte no começo que funcionava como uma corrente e uma tábua de salvação.

Uma de suas pernas estava dormente, e Erica tentou mudar de posição com cautela. Era arriscado, sabia disso, mas a dor em sua perna era enorme. Maja começou a reclamar, abriu os olhos e imediatamente começou a procurar comida com a boca aberta. Com um suspiro, Erica deu o peito de novo. Até o momento, Maja só tinha dormido meia hora, e Erica sabia que não ia demorar para voltar a dormir. Sentada assim, sem se mexer, sua bunda ia fazer muito exercício. Não, droga, ela pensou no momento seguinte. Dessa vez, ia fazer Maja dormir sozinha!

Terminou sendo uma batalha de vontades. De um canto, Erica, setenta e dois quilos. Do outro, Maja, seis quilos. Com um firme controle, Erica empurrava o carrinho entre a sala e o corredor. Um

braço inteiro de distância, para a frente e para trás. Ela se perguntava como alguém poderia dormir num carrinho que balançava como se houvesse um terremoto, mas de acordo com o *Livro do Bebê*, isso era exatamente o necessário. Dar ao bebê instruções simples e claras de que “agora você vai dormir, mamãe tem a situação sob controle”. Mas, quinze minutos depois, Erica não poderia descrever exatamente sua situação como “sob controle”. Apesar de Maja, de acordo com todos os cálculos, dever estar extremamente cansada, ela gritava alto, furiosa por seu direito ao calor tranquilizador do corpo de sua mãe lhe ter sido negado. Por um momento, Erica ficou tentada a desistir e se sentar para amamentar a filha até que ela dormisse, mas depois pensou melhor. Não importa a raiva de Maja em relação ao novo regime, e quanto os gritos doíam no coração de Erica, ela estaria melhor com uma mãe feliz e com energia para cuidar dela. Então perseverou. Cada vez que Maja chorava em protesto, Erica empurrava firmemente o carrinho para a frente e para trás. Se Maja se aquietava e parecia a ponto de dormir, Erica parava com cuidado. De acordo com Anna Wahlgren, era importante parar o movimento do carrinho pouco antes de o bebê cair no sono. E aleluia! Meia hora mais tarde, Maja estava dormindo profundamente no carrinho. Com cuidado, Erica o levou até o estúdio, fechou a porta e se sentou no sofá com um sorriso satisfeito no rosto.

Seu bom humor continuou, mesmo já sendo oito e Patrik ainda não ter chegado em casa. Erica não tinha energia para se levantar e acender a luz, então, com o sol desaparecendo aos poucos, a casa tinha ficado totalmente escura. Agora a única luz vinha da tela da TV. Ela assistia, preguiçosamente, um dos muitos *reality shows* que passavam à noite, enquanto alimentava Maja mais uma vez. Para sua vergonha, precisava admitir que estava viciada em vários

desses programas, e Patrik tinha chegado a murmurar que estava cansado de pequenas intrigas e pessoas loucas por atenção da mídia. Seu tempo para assistir a programas de esportes tinha diminuído consideravelmente, mas como não era ele que precisava se sentar e alimentar Maja a noite toda, concordava que Erica fosse a dona do controle remoto. Ela tinha aumentado o volume, espantada como um bando de lindas garotas estavam dispostas a se mostrar e se embonecar para um jovem tonto que tentava convencê-las de que era um bom partido. Era óbvio para todos os telespectadores que ele considerava sua participação no programa uma forma de aumentar seu sucesso nos clubes mais modernos de Estocolmo. Erica, na verdade, concordava com Patrik que o programa era uma zona de inteligência zero, mas quando começava a assistir, não conseguia parar.

Um som na porta da frente a fez diminuir o volume. Por um instante seu velho medo do escuro reapareceu, mas, depois, ela se recuperou e percebeu que deveria ser Patrik finalmente chegando em casa.

– Está bem escuro aqui – ele disse, acendendo algumas lâmpadas antes de chegar até Erica e Maja. Ele se inclinou e beijou o rosto de Erica, depois acariciou gentilmente a cabeça de Maja e caiu no sofá.

– Desculpe por ter chegado tão tarde – ele disse. Apesar da irritação infantil de antes, a raiva de Erica tinha desaparecido completamente.

– Não importa – disse. – A gente se virou bem, nós duas. – Ela ainda estava eufórica por conseguir alguns momentos para si quando Maja estava dormindo no carrinho dentro do estúdio.

– Será que posso assistir a um pouco de hóquei? – Patrik lançou um olhar esperançoso para a TV sem ter percebido o bom humor

incomum de Erica.

Ela só bufou em resposta. Que pergunta tonta.

– Foi o que pensei – disse ele e se levantou. – Vou fazer uns sanduíches. Quer um?

Ela balançou a cabeça.

– Comi há pouco. Mas uma xícara de chá seria ótimo. Ela provavelmente vai ficar satisfeita logo. – Como se Maja entendesse o que Erica dissera, olhou contente para a mãe. Ela arrumou as roupas, colocou Maja no berço e foi ficar com Patrik na cozinha. Ele estava no fogão, colocando chocolate em pó numa panela cheia de leite. Erica parou atrás dele, abraçando-o forte. Era tão bom, e ela percebeu quão pouco contato físico eles tinham tido desde que Maja nascera. A maior parte da culpa era dela, precisava admitir.

– Como foi seu dia? – ela perguntou. Isso era outra coisa que havia tempos não fazia.

– Terrível – ele contou, pegando a manteiga, o queijo e o caviar da geladeira.

– Ouvi dizer que vocês levaram Kaj – comentou, com cuidado, sem saber quanto Patrik queria contar. Tinha decidido não falar nada sobre as visitas que tivera naquele dia.

– As fofocas se espalharam como fogo, presumo? – perguntou Patrik,

– Pode-se dizer isso.

– Então, o que as pessoas estão dizendo?

– Que ele deve ter tido algo a ver com a morte da Sara. É verdade?

– Não sei. – Patrik parecia tão cansado enquanto colocava o chocolate quente numa caneca e preparava dois sanduíches. Ele se sentou de frente para Erica e começou a molhar o sanduíche de queijo e caviar no chocolate quente. Depois de um tempo,

continuou: – Mas não o levamos para a delegacia pelo assassinato de Sara. Há outra razão.

Ele ficou em silêncio. Erica sabia que não devia se intrometer, mas não conseguiu deixar de perguntar. Em sua mente, ficava se lembrando do olhar apático de Charlotte.

– Mas existe algo que indique que ele possa ter algo a ver com a morte da Sara?

Patrik molhou outro sanduíche no chocolate, e Erica tentou não olhar. Achava esse hábito no mínimo bárbaro.

– Sim, pode existir. Mas teremos de esperar para ver. Não podemos assumir o risco de diminuir muito nosso foco. Há algo mais que precisamos investigar também – ele disse, evitando os olhos dela.

Ela parou de fazer perguntas. Alguns murmúrios de protesto vindos da sala indicavam que Maja estava ficando cansada de ser deixada sozinha. Patrik se levantou e foi pegar o moisés com sua filha dentro. Ela riu, agradecida, e balançou as mãos e os pés quando Patrik a colocou na mesa da cozinha. A preocupação em seu rosto desapareceu, e seus olhos recuperaram aquele brilho especial reservado para sua filha.

– Quem é o docinho do papai? A queridinha do papai teve um bom dia? Ela é a menininha mais doce do mundo? – ele balbuciou com o rosto perto de Maja. Depois o rosto da menina se contorceu, ficou vermelho e um barulho veio das regiões mais baixas seguido de um forte cheiro que se espalhou pela mesa. Erica se levantou automaticamente para resolver a situação.

– Eu faço isso, pode ficar sentada – disse Patrik, e Erica voltou a se sentar, agradecida.

Quando Patrik voltou com Maja recém-trocada e de pijama, ela contou com grande entusiasmo sobre o bem-sucedido truque do

carrinho e como tinha conseguido que Maja dormisse.

Patrik parecia cético.

– Ela chorou por quarenta e cinco minutos antes de dormir? É assim mesmo? Na TV, dizem que se eles choram, você deve dar o peito. Pode ser bom para ela chorar tanto assim?

Sua falta de entusiasmo e compreensão deixou Erica furiosa.

– Obviamente, o objetivo não é deixá-la chorar por quarenta e cinco minutos. Isso vai durar só alguns dias e, além disso, se você não acha que é uma boa ideia, pode ficar em casa e cuidar dela! Não é você que precisa ficar sentado aqui amamentando o dia todo. Deve ser por isso que não vê a necessidade de fazer mudanças!

Então, ela começou a chorar e subiu correndo. Patrik ficou sentado ali na mesa da cozinha, sentindo-se um idiota. Ele devia pensar antes de abrir a boca.

Capítulo 24

Fjällbacka, 1928

Dois dias depois, seu pai veio até Fjällbacka. Ela estava sentada no quartinho onde tinha encontrado um teto temporário, esperando com as mãos cruzadas no colo. Quando ele entrou, Agnes pensou que os rumores estavam certos. A aparência dele era terrível. Os cabelos tinham quase desaparecido do alto da cabeça. Poucos anos antes, ele era agradavelmente rechonchudo, mas agora estava à beira da obesidade, e sua respiração parecia irregular. Estava vermelho pelo esforço, mas, por baixo, havia um tom cinzento que se recusava a ceder ao vermelho. Ele não parecia nada bem.

Hesitou na porta, com uma expressão de descrença quando viu como o quarto era pequeno e escuro, mas ao ver Agnes, correu para abraçá-la. Ela não respondeu ao abraço, mantendo suas mãos no colo. Ele a traíra, e nada podia mudar esse fato.

August tentou fazê-la reagir, mas desistiu e a soltou. E, mesmo assim, não pôde deixar de acariciar seu rosto. Ela se afastou como se tivesse recebido um tapa.

– Agnes, Agnes, minha pobre Agnes. – Ele se sentou na cadeira ao lado dela, mas não tentou tocá-la novamente. A solidariedade em seu rosto dava náuseas. Era muito tarde para isso agora. Quatro anos atrás, ela tinha precisado dele, de seu carinho e conselhos paternais. Agora não fazia nenhuma diferença.

Ela deliberadamente evitava olhar para seu pai, que começou a falar com ela.

– Agnes, sei que errei e que nada do que possa dizer vai mudar isso. Mas deixe-me ajudá-la agora que está nessa situação. Volte para casa e deixe-me cuidar de você. As coisas podem voltar a ser como antes, tudo pode voltar ao que era. O que aconteceu foi horrível, mas juntos podemos deixar tudo para trás.

A voz ficou mais alta e afundou em ondas de perdão que batiam contra a dura casca do coração dela. Suas palavras pareciam uma repreensão.

– Querida Agnes, por favor, volte para casa. Você pode ter o que quiser.

Ela viu pelo canto do olho como as mãos dele tremiam, e seu tom suplicante lhe dava mais satisfação do que poderia ter imaginado. E ela *tinha* imaginado isso, tinha sonhado com esse momento muitas vezes durante os duros anos que havia enfrentado.

Lentamente, Agnes virou-se para olhar para ele. August tomou isso como um sinal de que tinha aceitado suas súplicas e tentou segurar as mãos da filha. Sem expressão, ela as afastou.

– Estou partindo para os Estados Unidos na sexta – contou, adorando a expressão desalentada no rosto de August.

– Es... Estados Unidos – gaguejou August, e Agnes viu como o suor começava a escorrer sobre os lábios dele. Ele teria esperado tudo, menos isso.

– Anders tinha comprado passagens para os quatro. Sonhava com um futuro para nós lá. Pretendo honrar o desejo dele e ir para lá sozinha – falou dramática, afastando os olhos do pai e voltando-se para a janela. Sabia que seu perfil era lindo na contraluz, e suas

roupas negras enfatizavam a palidez que ela tinha mantido tão cuidadosamente.

As pessoas a estavam tratando com cuidado nos últimos dois dias. Um pequeno quarto havia sido colocado à sua disposição, com a promessa de que poderia ficar quanto quisesse. Todas as fofocas, todo o desprezo que havia sido dirigido a ela, tudo isso desaparecera com o vento. As mulheres traziam comida e roupas. Tudo que usava agora ou era emprestado ou doado. Ela não tinha nada.

Os colegas de trabalho de Anders na pedreira também tinham vindo. Vestidos com suas melhores roupas de domingo e recém-banhados, ficaram com os chapéus na mão olhando para o chão. Apertaram a mão dela e murmuraram algumas palavras sobre Anders.

Agnes mal podia esperar para se afastar dessa multidão gasta e remendada. Queria entrar logo no navio que a levaria para outro continente. Queria deixar o ar marítimo limpar a sujeira e a decadência que se infiltrara sob sua pele como uma membrana. Por mais alguns dias teria de tolerar a solidariedade e as patéticas tentativas de demonstrar boa vontade. Depois partiria e não olharia para trás. Mas, primeiro, precisava conseguir o que queria do homem inchado e com o rosto vermelho sentado perto dela, esse homem que a tinha abandonado de forma tão cruel quatro anos antes. Agora ela o faria pagar muito por cada um desses quatro anos.

Seu pai continuava a gaguejar, ainda em choque pelas notícias que ela tinha acabado de dar.

– Mas, mas, como você vai viver lá? – ele perguntou, preocupado, limpando o suor da testa com um pequeno lenço que tirou do bolso.

– Não sei – respondeu com um suspiro melodramático, permitindo que uma sombra de preocupação tomasse conta de seu rosto. Desapareceu num instante, mas houve tempo suficiente para seu pai perceber.

– Não vai mudar de ideia, minha querida? Venha ficar com seu velho pai.

Ela balançou a cabeça, esperando que oferecesse outra sugestão. A esse respeito, ele não a desapontou. Era tão fácil manipular os homens.

– Não vai me deixar ajudá-la, pelo menos? Algum dinheiro para começar e uma mesada para se virar? Não posso fazer isso por você? De outra forma, vou me preocupar demais com você sozinha e tão longe.

Agnes fingiu pensar na ideia por um momento, e August acrescentou:

– E claro que posso garantir um bilhete melhor para a travessia. Uma cabine particular na primeira classe. Isso é um pouco melhor do que viajar apertada com um monte de pessoas.

Ela assentiu graciosamente e, depois de uma pausa, disse:

– Bom, sim, acho que poderia deixar que fizesse isso. Pode me dar o dinheiro amanhã. Depois do funeral – acrescentou, e August hesitou como se estivesse queimando por dentro.

Ele tentou encontrar as palavras corretas:

– Os garotos – começou com uma voz trêmula –, eles se pareciam com o nosso lado da família?

Eram a cara de Anders, mas, com uma voz de pedra, Agnes disse:

– Pareciam idênticos a fotos suas quando pequeno. Como se fossem pequenas cópias suas. E eles sempre perguntavam por que não tinham avô como as outras crianças. – Ela via como suas

palavras o machucavam, como se uma faca estivesse sendo enfiada no peito do pai. Uma mentira depois da outra, mas quanto mais a consciência dele pesasse, mais dinheiro daria.

Com lágrimas nos olhos, seu pai se levantou para ir embora. Na porta, ele se virou para olhar para Agnes uma última vez. Ela decidiu dar algumas migalhas e sorriu graciosa. Como tinha previsto, aquele pequeno gesto o deixou feliz, e ele sorriu com os olhos brilhando.

Com ódio, Agnes o observou ir embora. Ela só permitia que alguém a traísse uma vez. Depois disso, não havia segunda chance.

Patrik sentou no carro e tentou se concentrar na primeira tarefa do dia. Pensou que era importante dar seguimento o mais rápido possível à ligação que tinha feito pouco antes de sair do trabalho na noite anterior. Mas ele estava tendo dificuldades para esquecer as palavras estúpidas que tinha dito a Erica. Não pensou que seria tão difícil. Ele sempre acreditou que criar uma criança era fácil. Bom, podia ser muito trabalho, mas não a alta ansiedade que tinham sido os últimos dois meses. Ele suspirou, sentindo-se abatido.

Foi só quando estacionou na porta dos prédios de apartamento marrons e brancos na estrada sul de Fjällbacka que conseguiu se concentrar no presente e esquecer seus problemas em casa. O apartamento para o qual se dirigia ficava no primeiro bloco, na segunda escada, e ele subiu até o primeiro andar. O aviso na porta dizia "Svensson & Kallin". Ele bateu de leve. Sabia que o casal que morava no apartamento tinha uma criança e sabia como poderia ser ruim que um estranho a acordasse. Um jovem de uns vinte e cinco anos abriu a porta. Apesar de já ser nove e meia, ele parecia irritado, como se tivesse acabado de acordar.

– Mia, é para você.

Deixou Patrik entrar sem cumprimentá-lo e correu de volta para a sala. Patrik olhou dentro do cômodo que deveria ser um quarto de hóspedes, mas que agora mais parecia um salão de jogos, com computador, vários joysticks e pilhas de jogos sobre uma mesa. Um jogo de "atire para matar o maior número de inimigos possível" estava no computador. O jovem, que Patrik assumiu ser Svensson ou Kallin, começou a jogar como se tivesse entrado em outro mundo.

A cozinha estava à esquerda do corredor, e Patrik entrou ali depois de deixar os sapatos na porta da frente.

– Entre, estou alimentando Liam.

O pequeno estava sentado num cadeirão branco, comendo mingau e algum tipo de purê de frutas. Patrik acenou para ele e ganhou um sorriso.

– Sente-se – disse Mia, apontando para uma cadeira de frente para os dois.

Ele se sentou e pegou seu bloco de anotações.

– Poderia me dizer exatamente o que aconteceu ontem?

Um leve tremor na mão que segurava a colher mostrou como os eventos do dia anterior tinham sido pesados. Ela assentiu e relatou brevemente o que tinha acontecido. Patrik tomava notas, mas era a mesma informação que Annika tinha recebido, quando Mia ligou para fazer o relato.

– E você não viu ninguém perto do carrinho?

Mia balançou a cabeça. Liam, que aparentemente achou que sua mãe estava brincando, balançou a cabeça freneticamente também, o que tornou mais difícil alimentá-lo.

– Não vi ninguém. Nem antes, nem depois.

– Você parou o carrinho na parte de trás, foi o que disse?

– Sim, é mais escondido, e pensei que seria mais seguro deixá-lo ali. Queria levá-lo para dentro, mas ele estava dormindo e parecia um trabalho desnecessário arrastar o carrinho para dentro da loja. Eu só ia ficar uns poucos minutos.

– E depois, quando saiu, viu uma substância escura no carrinho e sobre Liam.

– Isso, ele estava gritando como um louco. Devem ter enchido a boca dele, mas Liam conseguiu cuspir a maior parte. A parte de dentro da boca estava preta.

– Você o levou para o médico?

Ela negou com a cabeça novamente, e Patrik viu que tinha tocado num assunto complicado.

– Não. Provavelmente deveria, mas estávamos com pressa para chegar em casa, e ele parecia estar bem, tirando o fato de estar com medo e bravo, então eu...

Sua voz falhou, e Patrik disse:

– Tenho certeza de que não é nada perigoso. Você fez a coisa certa. O garoto parece estar bem.

Liam balançou os braços, como se quisesse confirmar o que fora dito e depois abriu a boca para a próxima colher de mingau. Claro que não havia nada de errado com seu apetite, o que era evidenciado pelo gordo queixo.

– A roupa de que falei ontem, você...

Ela se levantou.

– Não lavei, não, como você me pediu. E está cheia daquela coisa preta. Parecem cinzas, acho.

Ela foi pegar a camisa. Liam olhou um bom tempo para a colher, que ela tinha deixado ao lado da tigela. Patrik hesitou por um segundo, depois se sentou na cadeira de Mia e continuou o trabalho da mulher. Duas colheres foram bem, mas depois Liam decidiu

imitar sons de carro, sujando todo o rosto e os cabelos de Patrik com mingau. Foi exatamente quando Mia voltou com a camisa. Ela não pôde segurar a risada.

– Veja só. Deveria tê-lo avisado ou pelo menos oferecido uma capa de chuva. Desculpe.

– Sem problema – disse Patrik tirando um pouco de mingau da testa. – Minha filha tem só dois meses, então é bom que eu pratique um pouco.

– Pode praticar – disse Mia, que se sentou e deixou que Patrik continuasse a alimentá-lo. – Aqui está – ela falou, colocando-a sobre a mesa.

Patrik olhou para a peça. Toda a frente estava preta e suja.

– Gostaria de levá-la comigo. Você se importa?

– Claro que não. Leve. Eu ia jogá-la fora de qualquer forma. Vou colocá-la num saco plástico para você.

Patrik pegou o saco e se levantou.

– Se você se lembrar de mais alguma coisa, ligue para a delegacia – ele falou, entregando seu cartão.

– Pode ter certeza. Só não consigo entender por que alguém faria algo assim. O que você acha que a camisa poderia revelar?

Ele só balançou a cabeça como resposta. Patrik não podia contar nada sobre os motivos de seu interesse. Porque nada tinha vazado para a imprensa sobre as cinzas que tinham encontrado em conexão com o assassinato de Sara. Ele olhou para Liam. Graças a Deus não tinha ido tão longe no caso dele. A pergunta era se o assassinato havia sido a intenção; talvez algo tivesse interrompido a pessoa que fez isso. Mas até analisarem as cinzas na roupa, não poderiam dizer se estavam ligadas à morte de Sara. Se bem que podia apostar que achariam a conexão. Não podia ser coincidência.

Quando Patrik voltou para o carro, pegou o celular no bolso do casaco. Não tinha ouvido o resultado da busca na casa de Kaj no dia anterior e achou um pouco estranho. Tinha muita coisa na cabeça para se preocupar com aquilo, mas agora estava pensando por que ninguém falara nada. Xingando, viu que tinha desligado o celular enquanto interrogava Kaj e depois se esquecera de religá-lo. O ícone de mensagens estava piscando. Ele apertou 133 e ouviu, tenso. Com um brilho de triunfo nos olhos, desligou o celular e o recolocou no bolso.

Patrik tinha escolhido de novo a cozinha como o local de reunião. Era o maior cômodo na delegacia, e ele também achava que a proximidade de um café novo era uma vantagem, diante da situação. Annika fora até a padaria no fim da rua e comprara doces e pães. Patrik não precisava torcer o braço de ninguém, por isso estava tranquilo encostado na pia enquanto todos se deliciavam com as altas calorias dos doces.

Ele limpou a garganta:

– Como vocês sabem, ontem aconteceram muitas coisas.

Gösta assentiu e se esticou para pegar outro doce. Mas Mellberg foi mais rápido do que ele. O chefe já estava no terceiro bolinho e parecia que aceitaria um quarto. Ernst sentou-se sozinho e todos evitaram olhar para ele. Desde que seu desastrosos erro fora descoberto, um tipo de sombra tenebrosa pairava sobre ele. Ninguém sabia quando o machado cairia. Todas essas questões tinham de ser adiadas enquanto estivessem envolvidos na fase mais intensa da investigação de homicídio. Mas todos sabiam que era só uma questão de tempo. Incluindo Ernst.

Todos os olhos estavam voltados para Patrik. Ele continuou.

– Acho que vou resumir o que temos até agora. A maioria vocês já sabe, mas pode ser bom ter uma visão geral de onde estamos.

Ele limpou a garganta mais uma vez, pegou uma caneta e começou a fazer anotações em uma grande lousa enquanto falava.

– Primeiro de tudo, trouxemos o pai, Niclas, para interrogá-lo e perguntamos sobre seu álibi. Ainda não sabemos onde ele estava na segunda de manhã, e a pergunta é: por que tentou criar um falso álibi? Também suspeitamos de abuso infantil, com base nas informações clínicas sobre os machucados que seu filho Albin sofreu. A pergunta é se Sara também era sujeitada ao abuso e se isso poderia ter avançado e se tornado um assassinato.

Ele desenhrou um ponto na lousa, escreveu “Niclas” do lado e desenhrou linhas para duas palavras: “álibi” e “suspeita de abuso”. Depois se virou para os colegas.

– Depois a amiguinha de Sara, Frida, veio ontem com sua mãe e contou que alguém que ela chamava de “velho nojento” tinha assustado muito Sara no dia anterior à sua morte. Ele se comportou de uma forma ameaçadora e também a chamou de “ilha do remo”. Alguém sabe o que isso significa?

Patrik olhou curioso para o grupo. No começo ninguém respondeu. Estavam sentados ali quietos e pareciam fazer um esforço para descobrir o que uma frase tão estranha poderia significar.

Annika olhou para eles, balançou a cabeça por causa da torpeza dos colegas e disse:

– Ele provavelmente disse “filha do Demo”.

Era tão óbvio que todos pareciam querer dar um tapa na própria testa.

– Claro – disse Patrik, também xingando sua própria estupidez. – Isso faz lembrar algum fanático religioso. E Frida descreveu o indivíduo como um velho com cabelos grisalhos. Martin, você

poderia falar com a mãe da Sara e ver se isso combina com alguém que eles conhecem?

Martin assentiu.

– Depois recebemos uma informação importante ontem. Uma jovem mãe parou o carrinho com o filhinho adormecido na parte de trás de Järnboden. Depois entrou na loja para comprar algo. Quando saiu, começou a gritar, porque a parte interna do carrinho estava coberta por algum tipo de substância preta que também estava na boca do garoto. Parecia que alguém o forçou a engolir a coisa. Fui até lá e conversei com a mãe do garoto esta manhã, e ela me deu a roupa que o menino estava usando. Toda a frente está coberta com algo que poderia ser cinzas.

O silêncio caiu sobre a mesa. Ninguém mastigava nem bebia café. Patrik continuou:

– Já mandei para análise, e algo me diz que é o mesmo tipo de cinzas que encontramos no estômago de Sara. Temos o horário bastante preciso de quando esse... ataque ocorreu, então isso poderia ser ótimo para checar álibis. Gösta, vamos cuidar disso.

Gösta assentiu e pegou os últimos pedacinhos de coco de seu prato.

A lousa estava agora coberta de notas e flechas, e Patrik fez uma pausa por um segundo com a caneta no ar. Depois fez mais um ponto e escreveu "Kaj" perto dele. Era óbvio para todos que tinha alcançado a parte do resumo que julgava mais importante.

– Depois que falamos com nossos colegas em Göteborg, veio à nossa atenção que Kaj Wiberg está envolvido numa investigação de um grupo de pedófilos.

Todos fizeram um esforço ainda maior para não olhar para Ernst, e ele se contorceu um pouco em sua cadeira.

– Trouxemos Kaj para interrogá-lo ontem e também realizamos uma busca em sua casa, com a ajuda de nossos colegas de Uddevalla. O interrogatório não produziu nada de concreto, mas foi só um primeiro passo, e vamos continuar nossas conversas com Kaj. Usando o material que estamos recebendo de Göteborg queremos ver se podemos identificar alguma vítima local. Kaj, como sabem, trabalhou muitos anos com jovens em Fjällbacka, então não é muito absurdo acreditar que ataques ocorreram durante esses anos.

– Existe algo indicando que ele poderia estar ligado ao assassinato de Sara? – perguntou Gösta.

– Vou chegar a isso daqui a pouco – respondeu Patrik evasivo, e Martin olhou-o espantado. Eles não tinham tido nenhuma sorte tentando encontrar qualquer conexão durante o interrogatório.

– A busca na casa de Kaj pode ter levado a um bom avanço na investigação.

A tensão aumentou consideravelmente, e Patrik não podia resistir a usá-la em prol do efeito. Depois, disse:

– Quando fizeram uma busca na casa de Kaj ontem, os oficiais encontraram o casaco de Sara.

Todos eles prenderam a respiração.

– Onde? – perguntou Martin, um pouco zangado por Patrik não ter contado nada.

– Essa é a questão – disse Patrik. – Não estava na casa principal, mas na cabana onde vive seu filho Morgan.

– Jesus Cristo – disse Gösta. – Eu podia jurar que aquele doido estava envolvido. Pessoas assim...

Patrik o cortou.

– Concordo que parece ruim, mas não quero ficar preso a essa teoria ainda. Antes de tudo, não sabemos se foi o pai ou o filho que

colocou o casaco ali; Kaj pode ter tentado escondê-lo. Segundo, há muitas outras questões sem respostas – por exemplo, a tentativa de Niclas de criar um álibi falso – então não podemos ignorá-las completamente. Temos de continuar trabalhando em *todos* os pontos que coloquei aqui na lousa. Alguma questão?

Mellberg falou.

– Excelente trabalho, Hedström. Parece bom. E, sem dúvida, deve checar todas as outras coisas que escreveu também. – Ele fez um gesto para a lousa. – Mas estou inclinado a concordar com Gösta. Aquele rapaz Morgan não parece muito bom, e se fosse você – falou, segurando sua mão teatralmente sobre seu peito –, eu seria mais duro com ele. Mas é claro que você é o responsável pela investigação, e a decisão é sua. – Mellberg falou de uma forma que tornava óbvio a todos que achava que Patrik deveria seguir seu conselho.

Patrik não respondeu, o que Mellberg interpretou como se sua mensagem tivesse sido entendida. Ele assentiu contente. Agora era só uma questão de tempo antes que o caso estivesse resolvido.

Resolutamente, Patrik voltou para sua sala e foi trabalhar nas tarefas do dia. O velho fedorento podia acreditar no que quisesse, mas Patrik não tinha intenção de dançar conforme a música *dele*. Naturalmente, o fato de que tinham encontrado o casaco na cabana de Morgan também o tinha feito tirar certas conclusões, mas algo – podia ser instinto, experiência ou somente um palpite – dizia que nem tudo era o que parecia.

Capítulo 25

Fjällbacka, 1928

De costas para o litoral sueco, ela fechou os olhos e sentiu a brisa em seu rosto. Esse era o gosto da liberdade.

O navio para os Estados Unidos tinha partido de Göteborg na hora certa, e o cais estava cheio de pessoas se despedindo de seus entes queridos tanto com esperança quanto com tristeza. Nenhum deles sabia se iriam voltar a se encontrar de novo. Os Estados Unidos estavam tão longe que a maioria das pessoas que ia para lá nunca voltava e só se comunicava por carta.

Mas ninguém tinha ido se despedir de Agnes. Era exatamente o que ela queria. Estava deixando sua velha vida para trás e partindo para uma nova terra. Com o cheque do seu pai no bolso e uma linda cabine na primeira classe, sentia pela primeira vez em anos que estava no caminho certo.

Por um momento, pensou em Anders e nos garotos. A igreja estava totalmente lotada para o funeral, e os choros altos tinham subido até o teto em um coro de tristeza. Mas ela não tinha chorado. Por trás de seu véu havia olhado para os três caixões perto do altar. Um grande e dois pequenos. Os caixões brancos estavam cobertos de flores e coroas. A maior era de seu pai. Ela havia proibido a presença dele.

Não que houvesse muito para colocar nos caixões. O fogo tinha sido tão violento, com um calor tão consumidor, que não sobrara quase nada. Então os caixões continham somente uns poucos

vestígios. O pastor havia sugerido que usassem urnas, considerando o estado das reminiscências, mas Agnes quis dessa forma. Três caixões que pudessem ser enterrados.

Alguns dos colegas de Anders tinham feito uma lápide. Uma para os três, com os nomes gravados de forma elegante.

Tinham sido as únicas vítimas do incêndio. De resto, só propriedades haviam sido destruídas, mas a perda fora bastante extensa. Toda a parte baixa de Fjällbacka, a parte mais perto do mar, agora estava carbonizada e em ruínas. Muitas casas desapareceram, e pilhas de madeira queimada se juntavam perto da água onde antes ficava o cais. Mas poucos tinham reclamado pela perda de suas casas. Sempre que sentiam desejo de chorar sobre o que tinham perdido, pensavam em Agnes e no que ela havia perdido. Todos daquela parte da cidade tinham ido ao funeral, e seus corações ficavam apertados quando imaginavam os garotinhos loiros andando de mãos dadas com o pai.

Mas a mãe deles não derramou nenhuma lágrima. Quando o funeral terminou, ela voltou aos seus aposentos temporários e empacotou alguns poucos pertences que tinha ganhado. Caridade. Ser forçada a aceitar esmolas era tão horrível que a deixava enjoada, mas ela nunca estaria à mercê da gentileza de outras pessoas novamente.

Quando estava no convés superior do barco, ninguém adivinharia que até recentemente, tinha vivido na pobreza. Roupas novas tinham sido adquiridas, e sua bagagem era a mais elegante que o dinheiro podia comprar. Com prazer, passou a mão pelo tecido macio de seu vestido. Que diferença das roupas gastas e velhas que tinha usado nos últimos quatro anos.

Tudo que sobrara de sua velha vida era uma caixa de madeira azul que fora enfiada no fundo de sua bagagem. A caixa em si não

era importante, mas sim seu conteúdo. Tinha escapado na noite anterior e a enchera para lembrá-la de que nunca mais deveria deixar algo impedir que tivesse a vida que merecia. Cometera o erro de confiar em um homem, e isso havia custado quatro longos anos de sua vida. Depois da forma como foi traída por seu pai, estava determinada a nunca deixar que outro homem fizesse o mesmo. E ela queria que seu pai pagasse caro por suas ações. A solidão era o preço mais alto, mas também queria garantir que o dinheiro dele viesse em sua direção. Merecia isso. E sabia precisamente que botões apertar para manter viva sua consciência culpada. Os homens eram tão fáceis de manipular.

Foi arrancada de seus pensamentos pelo barulho de alguém limpando a garganta. Ficou tão espantada que até deu um pulo.

– Ah, perdoe-me, espero não tê-la assustado, senhora.

Um homem elegantemente vestido sorriu suavemente e estendeu a mão para ela.

Agnes o olhou de forma rápida e prática antes de sorrir também e colocar sua mão enluvada na dele. O homem usava um terno caro, feito sob medida, e tinha mãos que nunca tinham visto o trabalho manual. Na casa dos trinta e com uma aparência agradável, sim, e até atraente. Nenhum anel na mão esquerda. A viagem poderia ser muito mais agradável do que tinha esperado.

– Agnes, Agnes Stjernkvist. E é senhorita, não senhora.

O amigo de Erica, Dan, viera visitá-la. Apesar de terem conversado por telefone algumas vezes, ele ainda não tinha ido conhecer Maja. Mas agora seu corpo enorme enchia todo o corredor e ele segurava o bebê de Erica com a facilidade de um pai experiente.

– Olá, minha garotinha. Que belezinha temos aqui – brincou, levantando-a na direção do teto. Erica teve de reprimir o impulso de agarrar sua filha, mas Maja não parecia se importar com a situação. E considerando que Dan tinha três filhas, provavelmente sabia o que estava fazendo.

– Então, como vai a mamãe? – ele perguntou, dando um de seus abraços de urso em Erica. Eles tinham namorado, havia muito tempo, mas já fazia vários anos que eram apenas bons amigos. A amizade tinha sofrido um revés dois anos antes, quando ambos se envolveram numa investigação de assassinato em circunstâncias desagradáveis, mas a passagem do tempo havia curado tudo. Depois que Dan se divorciou de sua esposa Pernilla, no entanto, não se viam com tanta frequência. Dan tinha iniciado uma vida de solteiro, com tudo que isso envolvia, enquanto Erica caminhou na direção oposta. Ele teve uma série de namoradas inadequadas, mas no momento estava solteiro. Erica achou que parecia estar mais feliz do que nunca. O divórcio havia feito algum estrago, e ele sempre lamentava não estar com as filhas mais do que uma vez a cada quinze dias, mas parecia ter se acostumado com a situação e seguido em frente.

– Você gostaria de dar uma volta conosco? – perguntou Erica. – Maja está começando a ficar cansada e, se dermos uma volta, ela provavelmente vai dormir no carrinho.

– Uma volta curta – murmurou Dan. – Está bastante frio lá fora e prefiro ficar aqui dentro, onde está quente.

– Só até ela dormir – Erica tentou convencer seu amigo, e ele recolocou os sapatos, mesmo relutante.

Ela manteve a promessa. Dez minutos depois, estavam de volta, e Maja dormia tranquila no carrinho.

– Você tem uma babá eletrônica? – perguntou Dan.

Erica balançou a cabeça.

– Não, preciso olhar como ela está de vez em quando.

– Você deveria ter falado. Eu poderia ter tentado encontrar alguma antiga.

– Espero que venha mais vezes agora – disse Erica –, para poder me trazer.

– Certo. Desculpe-me por demorar tanto para vir – ele explicou.

– Mas sei como são os primeiros meses, então eu...

– Não precisa se desculpar – disse Erica. – Está certo. Só agora me sinto pronta para receber visitas.

Eles se sentaram no sofá. Erica tinha trazido café e pão doce quente. Dan se serviu.

– Hummm – ele falou. – Você que fez? – Não pôde esconder um tom de espanto em sua voz.

Erica olhou feio para ele.

– Se fosse o caso, você não deveria parecer tão surpreso. Mas não, não fui eu. Minha sogra fez quando esteve aqui – precisou admitir.

– Achei que devia ser algo assim. Não estão queimados o suficiente para serem seus – Dan a provocou.

Erica não conseguiu pensar em nenhuma resposta inteligente. Ele estava certo. Ela nunca tinha sido muito boa cozinheira.

Depois de uma conversa agradável que colocou em dia o que estava acontecendo na vida dos dois, Erica se levantou.

– Preciso olhar a Maja.

Ela abriu com cuidado a porta da frente e olhou para o carrinho. Engraçado, Maja devia ter escorregado para debaixo das cobertas. Abriu a cobertura do carrinho com o máximo de delicadeza que pôde e levantou o cobertor. O pânico tomou conta dela. Maja não estava lá!

A coluna de Martin estalou quando se sentou, e ele esticou os braços acima da cabeça para endireitar a vértebra. A mudança de caixas e móveis o tinha feito se sentir um velho. De repente, percebeu que umas poucas horas de academia poderiam ser uma boa ideia, mas era muito tarde para recuperar o tempo perdido agora. De todo jeito, Pia sempre disse que gostava de seu corpo magrelo, então não via nenhuma razão para mudar. Mas as costas doíam muito.

O novo lugar provou ser ótimo, ele precisava admitir. Pia era quem decidia onde colocar tudo, e o resultado era muito melhor do que qualquer coisa que já tinha conseguido em seus apartamentos de solteiro. Ele só gostaria de poder ter mantido um pouco mais de suas próprias coisas. Só seu estéreo, a TV e uma estante modelo Billy da IKEA tinham sido aprovados. O resto de suas posses tinha sido enviado para o lixo sem misericórdia. Ele se entristeceu por ter de se separar do velho sofá de couro que tinha na sala. Concordava que a peça provavelmente já tinha visto dias melhores, mas as lembranças... ah, quantas lembranças.

Esse segundo pensamento poderia ser precisamente a razão pela qual Pia tinha sido tão firme em favor de um modelo Tomelilla da IKEA. Ele recebera permissão para manter uma velha mesa de cozinha, mas Pia logo comprou uma toalha que a cobria inteira.

Bem, isso era apenas um pouco de areia na máquina. Até o momento não havia nada negativo em morar com ela. Ele adorava voltar para casa e se encontrar com Pia toda noite, se aninhar com ela no sofá e assistir a alguma porcaria na TV, com a namorada deitada em seu colo. E adorava deitar na nova cama de casal e dormir com ela. Tudo era tão maravilhoso quanto tinha sonhado. Sabia que provavelmente devia estar triste pelo fim das loucas festas de seus dias de solteiro, pelo menos era o que alguns de

seus amigos diziam, mas sentia tanta falta disso quanto das ressacas no dia seguinte. E Pia, bem, era simplesmente perfeita.

Martin tirou o sorriso bobo apaixonado do rosto e procurou o número da família Florin para ligar. Esperava que não fosse aquela terrível harpia que atendesse. A mãe de Charlotte lembrava a velha caricatura de sogra.

Teve sorte. A própria Charlotte atendeu. Ele sentiu uma onda de compaixão quando percebeu como a voz dela parecia fraca.

– Sim, olá, é Martin Molin da delegacia de Tanumshede.

– Em que posso ajudá-lo? – perguntou Charlotte, cautelosa.

Martin sabia que uma ligação da polícia trazia tanto apreensão quanto esperança, então disse sem demora:

– Bom, só queria confirmar algo com você. Tivemos a informação de que alguém ameaçou Sara no dia anterior à... – ele gaguejou – sua morte.

– Ameaçou? – perguntou Charlotte, e ele quase pôde ver sua expressão espantada. – Quem falou isso? Sara não nos contou nada sobre isso.

– Sua amiguinha, Frida.

– Mas por que Frida não disse nada sobre isso antes?

– Sara a fez prometer não contar nada. Frida disse que era um segredo.

– Mas quem a ameaçaria? – Só agora Charlotte pensou em fazer a pergunta relevante.

– Frida não sabia quem era. Mas descreveu o homem como mais velho, com cabelos grisalhos e roupas pretas. E aparentemente a chamou de “filha do Demo”. Isso a faz lembrar de alguém?

– Certamente – disse Charlotte, por entre os dentes cerrados. – Certamente me faz lembrar alguém.

A dor tinha se intensificado nos últimos dias. Parecia que um animal faminto destroçava seu estômago com as garras.

Stig virou-se de lado com cuidado. Nenhuma posição era realmente confortável. Não importava como ele deitava, algum lugar doía. Mas doía principalmente no coração. Estava pensando em Sara com mais frequência. Sobre como tinham conversas longas e sérias sobre absolutamente tudo. Escola, amigos, as meditações precoces dela sobre tudo que acontecia ao seu redor. Ele não acreditava que outros tivessem dedicado algum tempo a conhecer esse outro lado dela. Focavam somente em seus traços estranhos, barulhentos e problemáticos. E Sara tinha reagido à imagem que tinham dela tornando-se ainda mais difícil, fazendo ainda mais barulho e quebrando coisas. Um círculo vicioso de frustração que nenhum deles sabia como quebrar.

Mas nas horas em que passava com ele, a menina tinha paz. Sentia muita saudades dela. Ele via muito de Lilian nela. A força e a determinação da mulher. Suas maneiras bruscas que mostravam tanto preocupação quanto amor enormes.

Como se pudesse ler a mente do marido, Lilian entrou no quarto. Stig estava imerso tão profundamente em seus pensamentos que nem ouviu os passos na escada.

– Fiz um pequeno almoço para você. Saí para comprar pão fresco – falou com um tom agudo, e ele sentiu o estômago se revirar só de olhar o que estava na bandeja.

– Não estou com muita fome agora – tentou convencê-la, ao mesmo tempo sabendo como os protestos seriam infrutíferos.

– Você precisa comer algo se quiser melhorar – disse Lilian em sua voz firme de enfermeira. – Aqui, eu ajudo.

Ela se sentou na beira da cama e pegou uma tigela de kefir da bandeja. Levantou a colher e a aproximou dos lábios dele. Stig

abriu a boca relutante e deixou que ela o alimentasse. A sensação do kefir descendo por sua garganta o deixou nauseado, mas permitiu que ela continuasse. As intenções eram boas, e ele basicamente sabia que Lilian estava certa. Se não comesse, nunca ficaria bom.

– Como se sente agora? – ela perguntou, enquanto pegava um dos últimos pãozinhos com manteiga e queijo e o segurava perto da boca dele para que pudesse dar uma mordida.

Ele engoliu e respondeu com um sorriso forçado:

– Acho que um pouco melhor, realmente. Dormi bem na noite passada.

– Que bom – disse Lilian, dando um tapinha na mão dele. – Não se pode brincar com a saúde, e você prometeu que vai me contar se piorar. Lennart era exatamente como você, cabeça-dura, e se recusou a deixar que alguém o examinasse até ser tarde demais. Às vezes, eu me pergunto se ele ainda estaria vivo se eu tivesse insistido mais... – Com um olhar triste, ficou com a colher parada no ar.

Com gentileza, Stig segurou a outra mão dela e disse:

– Você não precisa se culpar, Lilian. Sei que fez tudo que podia por Lennart quando ele estava doente, porque você é assim. Não deve se culpar pela morte dele. E estou me sentindo melhor, acredite. Já melhorei sozinho antes. Se puder descansar, tenho certeza de que vai passar. Isso é provavelmente só um “esgotamento”, como dizem hoje em dia. Não se preocupe comigo. Você tem outras coisas piores para se preocupar.

Lilian suspirou e assentiu.

– É, provavelmente você está certo. É muita coisa para mim agora.

– Claro, pobrezinha. Gostaria de me sentir melhor para poder apoiá-la mais em seu processo de luto. Também estou sofrendo terrivelmente pela garota. Não posso nem imaginar como você deve estar se sentindo. E como está Charlotte, por falar nisso? Já faz uns dias que ela não sobe para me ver.

– Charlotte? – disse Lilian, e por um momento ele pensou que tinha visto um brilho mal-humorado em seus olhos. Mas desapareceu tão rápido que Stig se convenceu de que tinha imaginado. Charlotte era tudo para Lilian, afinal. Estava sempre falando como vivia para sua filha e sua família.

– Bom, Charlotte está se sentindo melhor do que antes, pelo menos. Se bem que acho que deveria continuar tomando aqueles sedativos. Não entendo por que as pessoas tentam enfrentar a confusão sozinhas, quando existem muitos remédios bons que podem tomar. E claro que Niclas poderia dar uma receita para ela, mas ele se recusou a dar uma para mim. Já ouviu algo mais estúpido? Estou sofrendo também e estou tão mal quanto Charlotte. Sara era minha neta, não era?

A voz de Lilian tinha subido novamente para aquele tom agudo e irritante. Mas justo quando Stig sentiu que seu cenho se franzia, ela mudou o tom e voltou a ser a esposa amorosa e atenciosa que cuidava dele. Queria muito que voltasse ao seu jeito natural, depois que tudo isso passasse. O estresse e a tristeza a tinham afetado também.

– Agora que você comeu algo, precisa descansar – disse Lilian, se levantando.

Stig a impediu com um movimento.

– Você ouviu mais alguma coisa sobre por que a polícia levou Kaj para interrogatório? Tem algo a ver com Sara?

– Não ouvimos mais nada ainda. Seremos, provavelmente, os últimos a saber – reclamou Lillian. – Mas espero que o prendam.

Ela se virou e saiu, mas ele ainda teve tempo de ver um sorriso em seu rosto.

Capítulo 26

Nova York, 1946

A vida *over there* não tinha saído como que ela esperava. Linhas amargas de desapontamento tinham surgido ao redor de sua boca e de seus olhos, mas Agnes ainda era uma mulher linda quando chegou aos quarenta e dois anos.

O começo de sua estadia tinha sido maravilhosa. O dinheiro de seu pai garantia um estilo de vida bastante confortável, e as contribuições que recebia de seus admiradores ajudavam significativamente. Não faltava nada. O elegante apartamento em Nova York era usado para festas deliciosas, e as pessoas lindas não tinham dificuldades para encontrar sua casa. Ofertas de casamento tinham sido numerosas, mas ela havia esperado o momento certo, à caça de alguém ainda mais rico, mais estiloso, mais sofisticado. Enquanto isso, não havia recusado nenhuma forma de diversão. Era como se tivesse de compensar os anos perdidos e viver duas vezes mais rápido e selvagem do que os demais. Havia uma ansiedade febril na forma como amava, festejava e gastava dinheiro em roupas, joias e móveis para o apartamento. Aqueles anos pareciam tão distantes agora.

Quando a quebra de Kreuger aconteceu em 1932, seu pai perdeu tudo. Uns poucos investimentos impensandos, e a fortuna que tinha juntado desapareceu. Quando o telegrama chegou, ela sentiu tanta raiva pelo comportamento idiota dele que rasgou o papel em

pedacinhos e pisou neles. Como ele ousava perder tudo que um dia deveria ser dela? Tudo que deveria ser sua segurança, sua vida.

Ela enviou um longo telegrama como resposta, no qual dizia com exaustivos detalhes o que pensava do pai e como ele havia destruído sua vida.

Quando, uma semana depois, chegou um telegrama com a notícia de que ele tinha se matado com um tiro na cabeça, Agnes simplesmente o amassou e jogou no cesto de lixo. Ela não tinha ficado nem surpresa nem brava. Até onde sabia, era o que seu pai merecia.

Os anos que se seguiram foram duros. Não tão difíceis quanto os com Anders, mas uma luta para sobreviver da mesma forma. Agora, o único meio de conseguir isso era através da benevolência dos homens. Quando não teve mais recursos financeiros próprios, seus pretendentes finos e ricos foram aos poucos substituídos por namorados de status social inferior. As ofertas de casamento acabaram. Em vez disso, as propostas eram de natureza totalmente diferente, e enquanto os homens pagassem, ela não tinha nenhuma objeção. Também parecia que algo dentro dela tinha sido danificado pelo parto complicado dos filhos, então não podia engravidar, mas isso aumentava seu valor entre os parceiros ocasionais. Nenhum deles queria se ligar a ela por uma criança, e a própria Agnes preferia pular de um edifício do que passar novamente por aquela experiência atroz.

Agnes tinha sido forçada a desistir de seu lindo apartamento; o novo era muito menor, mais escuro e distante do centro da cidade. Ela não dava mais festas em sua casa e teve de vender ou penhorar a maioria de suas coisas.

Quando começou a Segunda Guerra Mundial, tudo o que estava ruim ficou ainda pior. E pela primeira vez desde que embarcara no

navio em Göteborg, Agnes sentiu saudades de casa. Essas saudades aumentaram gradualmente e, quando a guerra finalmente acabou, decidiu voltar para a Suécia. Em Nova York, não tinha nenhum valor, mas em Fjällbacka havia algo que podia chamar de seu. Depois do grande incêndio, seu pai tinha comprado o terreno onde ficava a casa e construído uma nova no mesmo lugar – talvez com a esperança de que um dia ela voltasse. A casa estava em seu nome, então não fora perdida, apesar de todo o resto ter desaparecido. Estivera alugada durante todos esses anos, e a renda era depositada numa conta, caso ela voltasse. Várias vezes, durante esses anos, tinha tentado ter acesso a esse dinheiro, mas o administrador sempre dizia que seu pai tinha estipulado que ela só conseguiria o dinheiro se voltasse para seu país. Na época, Agnes tinha amaldiçoado o que via como uma injustiça, mas agora precisava admitir com relutância que talvez não fosse algo tão estúpido, afinal. Ela calculou que seria capaz de sobreviver com aquele dinheiro por pelo menos um ano e, durante esse tempo, teria de encontrar alguém que a sustentasse.

Para que esse plano fosse bem-sucedido, seria forçada a manter a história que tinha criado sobre sua vida nos Estados Unidos. Vendeu tudo que tinha e gastou cada dólar num vestido de qualidade e num conjunto de malas finas. As malas estavam vazias – ela não tinha dinheiro suficiente para colocar nada dentro – mas ninguém perceberia isso quando desembarcasse. Parecia uma mulher de sucesso e também tinha elevado sua posição dizendo que era a viúva de um homem rico com empresas de natureza indefinida. “Algo na área de finanças”, era o que intencionava falar, com um dar de ombros blasé. Tinha certeza de que funcionaria. As pessoas na Suécia eram tão inocentes e tão facilmente impressionáveis por gente que tinha ido para a terra prometida.

Ninguém acharia estranho que Agnes voltasse para casa com tantos triunfos. Ninguém suspeitaria de nada.

O cais estava cheio de gente. Agnes era empurrada de um lado para o outro enquanto levava uma mala em cada mão. O dinheiro não tinha sido suficiente para uma passagem nem de primeira nem de segunda classe, então ela parecia um pavão no meio das massas cinzentas da terceira classe. Em outras palavras, não precisou enganar ninguém no barco fingindo que era uma dama. Contanto que desembarcasse em Göteborg, ninguém saberia como tinha feito a viagem.

Sentiu algo macio roçando sua mão. Agnes olhou para baixo e viu uma garotinha com um vestido branco olhando para ela com lágrimas escorrendo pelo rosto. A multidão aumentava ao seu redor, indo de um lado para o outro, e ninguém prestava atenção na garotinha que devia ter se perdido dos pais.

– Onde está sua mamãe? – perguntou Agnes no idioma que agora dominava quase perfeitamente.

A garota chorou ainda mais forte, e Agnes lembrou-se vagamente que crianças naquela idade podiam não ter começado a falar ainda. Na verdade, parecia que nem tinha aprendido a caminhar direito ainda e que ia cair no meio de tantos pés ao seu redor.

Agnes pegou-a pela mão e olhou ao redor. Ninguém parecia estar procurando por ela. Nada mais do que roupas feias para onde olhasse e, julgando pela maneira como a criança estava vestida, definitivamente parecia pertencer a uma classe social diferente. Agnes estava a ponto de pedir ajuda quando teve uma ideia. Era ousada, incrivelmente ousada, mas brilhante. Sua história sobre o marido rico que tinha morrido e a deixado viúva pela segunda vez não ganharia mais veracidade se também tivesse uma filha? E,

apesar de se lembrar quantos problemas os garotos tinham causado, provavelmente seria totalmente diferente com uma garotinha. Era doce como açúcar, aquela garota. Agnes podia vesti-la com lindas roupas e amarrar laços naqueles adoráveis cachos. Era uma bonequinha. O pensamento pareceu cada vez melhor para Agnes e, num piscar de olhos, ela se decidiu. Pegou as duas malas numa mão e a garota na outra e caminhou na direção do navio. Ninguém reagiu quando embarcou, e ela resistiu à tentação de olhar por sobre o ombro. O truque era fazer parecer que a criança era dela, e a menina tinha até parado de chorar, espantada, e a seguiu sem protestar. Agnes viu aquilo como um sinal de que estava fazendo a coisa certa. Parecia que seus pais não eram bons para ela, já que tinha ido tão facilmente com uma estranha. Em pouco tempo, Agnes seria capaz de dar tudo que a garota quisesse e sabia que seria uma excelente mãe. Os garotos tinham sido muito difíceis. Essa garotinha era diferente. Ela podia sentir. Tudo seria diferente.

Niclas veio para casa assim que ela ligou. Como não quis dizer o assunto, ele chegou à porta da frente com o coração saindo pela boca. Lilian estava descendo pela escada com uma bandeja na mão e pareceu surpresa.

– Por que você está em casa?

– Charlotte me ligou. Você não sabe o que é?

– Não, ela nunca me conta nada – reclamou Lilian. Depois deu um sorriso adulator. – Eu saí para comprar pães doces frescos, estão num saco na cozinha.

Ele a ignorou e desceu correndo as escadas para o porão. Não o surpreenderia se, naquele momento, Lilian estivesse escutando atrás da porta, tentando ouvir o que falavam.

– Charlotte?

– Estou aqui, trocando o Albin.

Ele entrou no banheiro e a viu de pé, ao lado do trocador e de costas para ele. Mesmo assim, pôde perceber que ela estava brava e tentou adivinhar o que teria acontecido daquela vez.

– O que é tão importante? Tenho pacientes esperando. – A melhor defesa era um bom ataque.

– Martin Molin ligou.

Ele tentou se lembrar do nome.

– O policial em Tanumshede – ela esclareceu, e Niclas se lembrou. O sujeito jovem e cheio de sardas.

– O que ele queria? – perguntou.

Charlotte, que tinha terminado de trocar e vestir Albin, se virou para o marido com o menino no colo.

– Eles descobriram que alguém tinha ameaçado a Sara. No dia anterior à sua morte. – Sua voz estava gelada, e Niclas esperou nervoso que a esposa continuasse.

– E?

– O homem que a ameaçou foi descrito como um velho com cabelos grisalhos e roupas pretas. Ele a chamou de “filha do Demo”. Isso se parece com alguém que você conhece?

A raiva correu por suas veias numa fração de segundo.

– Maldição – Niclas gritou e subiu as escadas correndo. Quando abriu a porta, quase derubou Lilian. Estava certo: a velha fofqueira estava parada ali, ouvindo. Mas não valia a pena pensar nisso agora. Colocou os sapatos sem se preocupar em amarrá-los, pegou seu casaco e correu até o carro.

Dez minutos depois, brecou bruscamente na casa de seus pais depois de cruzar muito rápido a cidade. A casa ficava ao lado da colina, bem acima do campo de minigolfe, e parecia exatamente

igual aos dias de sua juventude. Abriu a porta do carro e saiu sem se importar em fechá-la. Depois correu para a entrada. Parou por um segundo, respirou fundo e bateu forte na porta. Niclas esperava que seu pai estivesse em casa. Não importava quão pouco cristão ele fosse, não era apropriado fazer o que tinha a intenção de fazer numa igreja.

– Quem é? – perguntou a voz familiar e ríspida de dentro da casa. Niclas testou o trinco. Como sempre, a porta não estava trancada. Sem hesitar, entrou gritando.

– Onde está você, seu demônio covarde?

– O que está acontecendo? – Sua mãe veio da cozinha até o corredor com uma toalha e um prato na mão. Depois ele viu a figura austera de seu pai surgir da sala.

– Pergunte a ele. – Niclas apontou um dedo trêmulo para seu pai, de quem não se aproximava desde que tinha dezessete anos.

– Não sei do que ele está falando – disse Arne, recusando-se a falar diretamente com o filho. – Que coragem, vir aqui e ficar me xingando e gritando comigo. Já chega. Vá embora.

– Você sabe muito bem do que estou falando, seu velho maldito. – Niclas viu com satisfação como seu pai hesitava diante de suas palavras. – E como você pode ser covarde, ameaçando uma garotinha! Se foi você quem a matou, pode ter certeza de que nunca mais vai andar, seu maldito filho...

Sua mãe, que olhava para os dois homens, deu um grito. Isso era tão incomum que Niclas ficou quieto abruptamente, e até seu pai fechou a boca sem responder.

– Agora um de vocês pode ser razoável e me contar o que está acontecendo? Niclas, você não pode entrar aqui gritando e, se tem algo a ver com Sara, então eu tenho o direito de saber.

Depois de respirar fundo algumas vezes, Niclas falou com os dentes cerrados de raiva:

– A polícia descobriu – ele quase não conseguia olhar para o pai – que ele gritou e ameaçou Sara. No dia anterior à sua morte. – A fúria tomou conta dele novamente, fazendo-o gritar: – Que diabos você tem na cabeça? Assustar uma menina de sete anos e chamá-la de “filha do Demo” ou alguma besteira assim. Ela tinha sete anos, não entende, sete anos! E devo acreditar que foi só coincidência que você a ameaçou no dia anterior à sua morte! Não é?

Ele deu uns passos na direção de seu pai, que se afastou rápido.

Asta agora olhava para o marido.

– O garoto está falando a verdade?

– Não preciso responder a ninguém. Eu só respondo ao Senhor – disse Arne bombástico, virando-se de costas para a esposa e o filho.

– Nem tente isso. Você vai me responder agora!

Niclas olhava espantado enquanto sua mãe seguia Arne até a sala com as mãos na cintura, pronta para brigar. Arne também parecia chocado que a esposa o desafiasse assim. Estava abrindo e fechando a boca sem que qualquer som saísse.

– Me responda – continuou Asta, encurralando Arne no canto da sala conforme se aproximava. – Você viu a Sara?

– Sim, eu vi – disse Arne, desafiador, numa última tentativa de afirmar a autoridade que achava que possuía nos últimos quarenta anos.

– E o que você disse para ela? – Asta parecia ter ficado um metro mais alta. Niclas achou seu aspecto aterrador e, pelo olhar de seu pai, podia ver que o velho achava a mesma coisa.

– Tinha de ver se ela era mais séria do que seu pai. Se ela tinha puxado o meu lado da família.

– Seu lado – falou Asta. – Ah, sim, isso seria ótimo. Bajuladores beatos e mulheres esnobes, é o que você tem do seu lado da família. Isso é algo que vale a pena copiar? Então, qual foi a sua conclusão?

Com uma expressão dolorida, Arne disse:

– Silêncio, mulher, venho de gente temente a Deus. E não demorou muito para descobrir que a garota não era feita de bom material. Impudente, obstinada e barulhenta, nada do que as garotas devem ser. Tentei falar sobre Deus, mesmo, e ela me mostrou a língua. Então falei algumas verdades a ela. Ainda acredito que era meu direito fazer isso. Obviamente ninguém se importou em criar a criança de forma apropriada; era o momento de que alguém a guiasse.

– Então você a amedrontou – disse Niclas, fechando os punhos.

– Eu vi o Demônio na reação dela – disse Arne, orgulhoso.

– Seu maldito... – Niclas deu um passo na direção dele, mas parou quando alguém bateu na porta.

O tempo parou por um segundo e depois o momento passou. Niclas sabia que tinha estado na beira do abismo, mas havia recuado. Se tivesse atacado seu pai, não teria sido capaz de parar. Não dessa vez.

Deixou a sala sem olhar para nenhum dos dois e abriu a porta da frente. O homem do lado de fora parecia surpreso por vê-lo ali.

– Oh, olá. Martin Molin. Já nos encontramos. Sou da polícia. Gostaria de conversar com seu pai.

Niclas deixou que entrasse sem uma palavra. Sentiu que o policial olhava para ele enquanto caminhava até seu carro.

– Onde está o Martin? – perguntou Patrik.

– Foi até Fjällbacka – disse Annika. – Charlotte identificou nosso velho nojento sem muita dificuldade. É o avô de Sara, Arne

Antonsson. Um doido de acordo com Charlotte. Ele e o filho não se falam há vários anos.

– Espero que Martin se lembre de confirmar o álibi dele, tanto na manhã em que Sara foi assassinada quanto no incidente de ontem, com o menininho.

– A última coisa que fez foi revisar o horário de ontem. Entre uma e uma e trinta, não foi?

– Exato. Estou feliz por ter pelo menos uma pessoa com quem posso contar.

Os olhos de Annika se entrecerraram.

– Mellberg já conversou com Ernst? Quero dizer, fiquei surpresa quando ele apareceu hoje de manhã. Achei que ele já teria sido suspenso pelo menos, se não fosse demitido.

– É, eu sei, achei que era o que havia acontecido quando ele foi para casa ontem. Fiquei tão surpreso quanto você de encontrá-lo sentado ali, como se nada tivesse acontecido. Vou falar com Mellberg. Ele não pode deixar a coisa assim dessa vez. Se não fizer nada, eu peço demissão! – Patrik disse, franzindo o cenho.

– Não fale assim – disse Annika alarmada. – Converse com Mellberg. Tenho certeza de que ele tem um plano para lidar com Ernst.

– Nem você acredita nisso – disse Patrik, e Annika olhou para o outro lado. Ele estava certo. Ela duvidava disso.

Annika mudou de assunto.

– Quando vamos interrogar o Kaj novamente?

– Estava pensando em fazer isso agora. Mas prefiro que Martin esteja presente.

– Ele saiu há pouco, então pode demorar a voltar. Tentou avisá-lo, mas você estava no telefone.

– É, eu estava ocupado verificando o álibi de Niclas ontem. Que é bom, por falar nisso. Consultas com pacientes das doze às três horas. E não fiquei só na sua agenda; confirmei com cada paciente que ele viu.

– Então, o que isso quer dizer?

– Se eu soubesse – disse Patrik, massageando o nariz com os dedos. – Não muda o fato de que ele não tem um álibi para a manhã de segunda, e ainda é estranha a maneira como quis esconder sua localização. Seja como for, não estava envolvido no que aconteceu ontem. Gösta vai telefonar para o resto da família e ver onde estavam naquele horário.

– Assumo que Kaj também terá de responder isso com detalhes – disse Annika.

Patrik assentiu.

– É, pode apostar. E a esposa. E o filho. Acho que é melhor conversar com eles depois de interrogar Kaj de novo.

– E, apesar de tudo, o assassino ainda poderia ser outra pessoa, alguém que ainda não consideramos – disse Annika.

– É a pior parte. Enquanto corremos atrás do próprio rabo, o assassino provavelmente está sentado em casa, rindo da gente. Mas depois de ontem, pelo menos tenho certeza de que ele, ou ela, ainda está na vizinhança. E que é provavelmente alguém de Fjällbacka.

– Ou já temos o assassino preso – disse Annika, apontando para a cela.

Patrik sorriu.

– Ou já temos o assassino preso. Bom, não tenho tempo a perder, preciso conversar com alguém sobre um casaco...

– Boa sorte – gritou Annika para ele.

– Dan! Dan! – gritou Erica. Ela conseguia ouvir o pânico em sua voz e isso a deixava ainda mais brava. Mexia freneticamente no cobertor dentro do carrinho, como se a filha fosse capaz de se esconder num canto. Mas o carrinho estava vazio.

– O que foi? – perguntou Dan, que veio correndo, com um olhar ansioso no rosto. – O que aconteceu? Por que está gritando?

Erica tentou falar, mas sua língua parecia grudada e inchada, as palavras não saíam. Em vez disso, ela apontou com a mão trêmula para o carrinho, e Dan correu para olhar.

Ele fitou o espaço vazio, e Erica viu como ele entendeu o que havia acontecido.

– Onde está Maja? Ela desapareceu? Onde...? – Não terminou a frase, e começou a olhar para todos os lados. Erica se apoiava nele, tomada pelo pânico. Agora as palavras conseguiram sair de dentro dela.

– Precisamos encontrá-la! Onde está minha filha? Onde está Maja? Onde está?

– *Shhh*, calma, calma. Vamos encontrá-la. Não se preocupe, vamos encontrá-la. – Dan escondeu seu pânico para poder tranquilizar Erica. Colocou as mãos nos ombros dela e olhou bem para a amiga.

– Agora, precisamos ficar calmos. Vou sair e procurá-la. Você liga para a polícia. Vai ficar tudo bem.

Erica sentiu seu peito se mexer com espasmos, numa estranha imitação do ato de respirar, mas obedeceu. Dan deixou a porta da frente aberta, e um vento frio entrou na casa. Mas isso não a incomodou. Não sentia nada mais do que o pânico paralisante que fazia seu cérebro parar de funcionar. Simplesmente não conseguia se lembrar onde tinha deixado o telefone. Finalmente saiu correndo pela sala olhando embaixo das almofadas e jogando as coisas para

o alto. Finalmente se lembrou de que estava embaixo da mesinha de café da sala. Ela se jogou na direção dele e com dedos tensos discou o número da delegacia. Foi quando ouviu a voz de Dan do lado de fora.

– Erica, Erica, eu a encontrei!

Ela largou o telefone e correu para a porta da frente, seguindo a voz do amigo. Só de meias, ela desceu os degraus da frente e chegou à calçada. O frio molhado penetrava em sua pele, mas não se importava. Viu Dan correndo em sua direção com algo vermelho nos braços. Um choro terrível começou, e Erica sentiu o alívio tomar conta de si. Maja estava gritando, ela estava viva.

Erica atravessou os poucos metros que a separavam de Dan e agarrou Maja. Chorando, abraçou a filha por um segundo, antes de se ajoelhar, colocar Maja no chão e abrir o macacão vermelho para examiná-la. Ela parecia bem e agora estava gritando o máximo que podia, agitando os braços e as pernas. Ainda de joelhos, Erica levantou sua filha e apertou-a forte mais uma vez, enquanto deixava que as lágrimas de alívio se juntassem às gotas de chuva.

– Vamos, vamos entrar. Vocês duas vão ficar ensopadas – disse Dan gentilmente, enquanto ajudava Erica a se levantar. Sem soltar o bebê, ela o seguiu até a casa. O alívio que sentia era algo físico, de uma maneira que nunca poderia ter imaginado. Era como se tivesse perdido uma parte do corpo, que agora estava sendo reimplantada. Ela ainda estava chorando, e Dan tentava consolá-la com tapinhas no ombro.

– Onde você a encontrou? – ela conseguiu perguntar.

– Estava deitada no chão, na frente da casa.

Só agora os dois pareciam entender que alguém devia ter colocado Maja ali. Por alguma razão, essa pessoa deve tê-la tirado

do carrinho, saído da casa e deixado a garota dormindo no chão. O pânico de pensar nisso fez Erica voltar a chorar.

– *Shhhh...* já passou. – disse Dan. – A gente a encontrou, e ela parece estar bem. Mas é melhor ligar para a polícia. Não deu tempo de ligar para eles, não é?

Erica negou com a cabeça.

– Precisamos ligar para Patrik – ela disse. – Você pode fazer isso? Não quero nunca mais me separar dela. – Ela abraçou Maja ainda mais forte. Mas então percebeu algo que não tinha visto antes. Olhou para a blusa de Dan e afastou um pouco a menina para examiná-la também.

– O que é isso? – perguntou. – Que coisa preta é essa?

Dan olhou para o macacão sujo, mas só perguntou:

– Qual é o número do Patrik?

Com a voz trêmula, Erica disse o número do celular de Patrik e ficou olhando enquanto Dan discava. O medo crescia em seu estômago.

Os dias passavam devagar. A sensação de impotência de Anna era paralisante. Nada do que a irmã de Erica falasse ou fizesse escapava dele. Lucas observava cada passo, ouvia cada palavra.

A violência tinha aumentado também. Agora ele se deleitava abertamente com a dor e a humilhação dela. Ele fazia o que queria, quando queria, e Deus a ajudasse se protestasse ou resistisse. Não que ela pensasse em fazer isso agora. Era tão óbvio que havia algo de errado com a cabeça dele. Todas as barreiras tinham desaparecido e havia algo maligno em seus olhos que acionava o instinto de sobrevivência dela e lhe dizia para atender suas exigências. Pelo menos isso permitiria que sobrevivesse.

Ela mesma tinha se desconectado completamente. Era a visão de seus filhos que mais doía. Eles não tinham mais permissão de ir à

creche e passavam os dias na mesma existência sombria que ela. Sem entusiasmo e submissos, eles a observavam com olhos mortíços, e isso parecia uma acusação. Ela assumia toda a culpa pelo que estava acontecendo. Devia tê-los protegido. Deveria ter mantido Lucas longe da vida deles, precisamente como tinha sido sua intenção. Mas um único instante de medo a fez desistir. Ela se convenceu de que estava fazendo isso pelo bem das crianças, por sua segurança. Em vez disso, entregou-se à própria covardia. Era seu hábito sempre tomar o caminho de menor resistência, pelo menos à primeira vista. Mas dessa vez tinha julgado muito mal suas opções. Escolhera o caminho mais estreito, complicado e perigoso, e trouxera seus filhos junto.

Às vezes sonhava que o matava. Antecipando o que agora sabia ser a conclusão inevitável. Ocasionalmente, observava como ele dormia perto dela, durante as longas horas em que ficava acordada durante a noite, incapaz de relaxar o suficiente para fugir para os sonhos. Depois, imaginava com prazer como uma das facas da cozinha entrava em sua carne e cortava a frágil linha que o conectava à vida. Ou sentia a corda cortando suas mãos enquanto a enrolava no pescoço dele e apertava forte.

Mas não passavam de maravilhosos sonhos. Algo dentro dela, talvez uma covardia inerente, a fazia ficar deitada na cama enquanto esses pensamentos sombrios ricocheteavam dentro de seu crânio.

Às vezes imaginava o bebê de Erica. A garotinha que ainda não tinha visto. Invejava a criança. Estaria recebendo o mesmo calor, o mesmo cuidado que a própria Anna tinha recebido de Erica quando eram crianças, algo mais parecido com mãe e filha do que com irmãs? Mas na época não dava valor ao que Erica fazia por ela. Sentia-se sufocada e inferior. A amargura que sentia pela falta de

amor de sua mãe tinha, aparentemente, feito seu coração endurecer tanto que não era receptivo ao que sua irmã tentara lhe oferecer. Anna sinceramente esperava que Maja fosse mais capaz de aceitar o enorme oceano de amor que sabia que Erica era capaz de dar. Principalmente pelo bem da irmã. Apesar da diferença de idade e da distância que as separavam, Anna a conhecia muito bem. Sabia que se havia alguém que precisava desesperadamente receber amor de volta, era Erica. A coisa estranha era que Anna sempre a vira como sendo tão forte, e sua própria amargura fora diluída por esse sentimento. Agora que se sentia mais fraca do que antes, via sua irmã como era de verdade. Alguém que morria de medo de que todos vissem o que a mãe delas tinha visto, o que a tinha feito sentir que as duas irmãs não mereciam amor. Se Anna tivesse mais uma chance, abraçaria Erica com força e agradeceria por todos aqueles anos de amor incondicional. Agradecer pela preocupação, pelas broncas, pelo olhar preocupado quando pensou que Anna estava indo pelo caminho errado. Agradecer por tudo que antes fazia Anna se sentir sufocada e pressionada. Que irônico. Ela não sabia exatamente como era se sentir realmente sufocada e pressionada. Até agora.

O som da chave na porta a fez dar um salto. As crianças também pararam, alarmadas, suas brincadeiras desanimadas.

Anna se levantou e foi esperá-lo.

Schwarzenegger olhou preocupado para ele por trás dos óculos escuros. O Exterminador do Futuro. Se Sebastian fosse como ele. *Cool*. Forte. Uma máquina sem a capacidade de sentir.

Sebastian olhou para o pôster quando se deitou na cama. Ele ainda conseguia ouvir a voz de Rune, sua falsa voz de preocupação. Aquele tom pouco sincero, de carinho fingido. A única coisa que o

preocupava realmente era o que as pessoas fariam sobre *ele*. O que foi que o padrasto disse mesmo?

– Ouvi que foram feitas acusações terríveis contra Kaj. Tive dificuldades em acreditar que fossem verdade, mas ainda preciso fazer a pergunta: ele em alguma ocasião se comportou de maneira imprópria com você ou algum dos outros garotos? Ficou espiando no chuveiro ou algo assim?

Sebastian rira por dentro com a ingenuidade de Rune.

– Ficou espiando no chuveiro... – Isso não teria sido tão ruim. Era a outra coisa que ele não podia aguentar. Não agora, quando tudo estava começando a aparecer. Ele tinha uma ideia de como essas coisas funcionavam. Tiravam fotos, guardavam e trocavam, mas não importava quão bem a guardassem, todas iriam aparecer agora.

Não demoraria mais de uma manhã, depois a escola toda saberia. As garotas olhariam para ele, apontando e rindo. Os garotos fariam piadas sobre bichas e gestos estúpidos quando ele passasse. Ninguém teria a menor compaixão por ele. Ninguém veria o tamanho do buraco em seu peito.

Ele virou a cabeça um pouco para a esquerda e olhou para o pôster de Clint como Dirty Harry. Queria ter uma pistola como aquela. Ou até melhor, uma metralhadora. Poderia fazer como aqueles caras nos Estados Unidos. Entrar na escola com um casaco preto comprido e matar todo mundo que estivesse no caminho. Especialmente os mais populares, que iam tratá-lo pior. Mas sabia que isso era apenas uma ideia louca. Não queria machucar ninguém. Não era culpa deles, na verdade. Ele era o único culpado e só queria machucar a si mesmo. Poderia ter parado aquilo, claro. Alguma vez já tinha dito não? Não com todas as palavras. De

alguma forma, ele tinha esperado que Kaj visse como aquilo o perturbava, quanto o machucava, e parasse.

Tudo tinha sido tão complicado. Porque uma parte dele gostava de Kaj. Ele tinha sido ótimo, e no começo Sebastian recebia aquele sentimento paternal dele. O sentimento que nunca recebeu de Rune. Conseguia conversar com Kaj. Sobre a escola, sobre garotas, sobre mamãe e sobre Rune, e Kaj colocava o braço em seu ombro e escutava. Foi só depois de um tempo que as coisas começaram a dar errado.

A casa estava silenciosa. Rune tinha saído para trabalhar, feliz por ter confirmado o que achava que já sabia, que todas as acusações contra Kaj eram completamente infundadas. Ele provavelmente se sentaria no restaurante e reclamaria em voz alta como a polícia tinha feito acusações infundadas.

Sebastian levantou da cama e se preparou para sair. Parou na porta e se virou. Olhou cada um deles e fez um movimento com a cabeça, como se os cumprimentasse. Clint, Sly, Arnold, Jean-Claude e Dolph. Os que eram tudo que ele não era.

Por um momento, achou que eles tinham respondido.

A adrenalina ainda estava alta depois do encontro com seu pai, e Niclas sentia-se suficientemente beligerante para enfrentar a próxima pessoa com quem tinha contas a acertar.

Dirigiu por Galärbacken e parou quando viu que Jeanette estava em sua loja, preparando-se para abrir no Dia de Todos os Santos. Estacionou o carro e entrou. Pela primeira vez desde que tinham se conhecido, ele não sentiu nada quando a viu. Só um desgosto ácido e metálico, tanto por si mesmo quanto por ela.

– Que merda você acha que está fazendo?

Jeanette se virou e lançou um olhar frio quando ele bateu a porta atrás de si, fazendo o sinal de “Aberto” voar.

– Não sei do que você está falando. – Ela ficou de costas para ele e continuou a desempacotar uma caixa de suvenires, colocar preços e guardá-los nas estantes.

– Você sabe muito bem. Sabe exatamente do que estou falando. Você foi até a polícia e disse algumas besteiras sobre como eu a forcei a mentir e me dar um alibi. Quão baixo você pode descer? É vingança que está querendo ou só se diverte criando problemas? Que merda estava pensando? Eu perdi minha filha há uma semana. Não pode entender que não quero continuar enganando minha esposa?

– Você me prometeu – disse Jeanette, com os olhos brilhando. – Prometeu que ficaríamos juntos, que você se divorciaria de Charlotte, que teríamos nossos filhos. Me prometeu um monte de coisas, Niclas.

– Então, por que merda você acha que eu falei isso? Porque você adorava ouvir. Porque logo abria as pernas quando ouvia essas promessas sobre um anel e um futuro. Porque queria ter um pouco de prazer com você na cama de vez em quando. Não posso acreditar que seja tão estúpida a ponto de acreditar em mim. Conhece o jogo tão bem quanto eu. Não fui seu primeiro homem casado, tenho certeza – ele disse, rude, vendo como o rosto dela se contorcia como se tivesse levado um tapa. Mas ele não se importava. Já tinha cruzado a linha e não queria mostrar nenhum lado sensível ou evitar que se sentisse mal. Agora somente a verdade pura e não adulterada era apropriada e, depois do que ela tinha feito, ela merecia ouvir.

– Seu porco filho da puta – disse Jeanette, tentando pegar um dos objetos que estava desempacotando. No momento seguinte, um farol de porcelana voou na direção da cabeça de Niclas, mas ela errou e acertou a vitrine. Com um barulho ensurdecador, o vidro se

quebrou, e grandes estilhaços caíram no chão. O silêncio que se seguiu foi tão completo que ecoou pelas paredes. Como dois combatentes, eles se encararam com raiva mútua. Depois Niclas se virou e caminhou tranquilamente para fora. O único som era o vidro sendo esmagado embaixo de seus sapatos.

Arne olhava em silêncio enquanto ela fazia as malas. Se Asta não estivesse tão determinada, a visão dele a teria surpreendido tanto que teria parado o que estava fazendo. Arne nunca parecera tão indefeso. Mas sua fúria mantinha as mãos trabalhando, dobrando roupas e colocando-as na maior mala que tinham. Ela ainda não sabia como ia carregar tudo ou para onde iria. Não importava. Ela não queria ficar nem mais um minuto na mesma casa que ele. Finalmente, a venda tinha caído de seus olhos. Aquela sensação de dissonância que sempre teve, a sensação de que as coisas podiam não ser como Arne dizia, tinha finalmente tomado conta. Ele não era todo-poderoso. Ele não era perfeito. Era somente um homem fraco e patético, que adorava acostrar as outras pessoas. E também havia sua crença em Deus. Provavelmente não era muito profunda. Asta via claramente agora como ele usava a palavra de Deus de uma maneira que, estranhamente, sempre combinava com suas próprias visões. Se Deus era como o Deus de Arne, então ela não queria ter a mesma fé que ele.

– Mas Asta, não entendo. Por que está fazendo isso?

A voz dele estava chorosa como a de um garotinho, e ela nem queria responder. Arne ficou ali na porta, apertando as mãos enquanto via a esposa remover um item de roupa atrás do outro das gavetas e dos armários. Não queria voltar, então era melhor que levasse tudo de uma vez.

– Aonde você vai? Você não tem para onde ir!

Agora ele estava implorando, mas a natureza extraordinária da situação só a fez sentir um arrepio. Ela tentou não pensar em todos os anos que tinha perdido; felizmente era bastante pragmática. O que estava feito estava feito. Mas não queria perder nem mais um dia de sua vida.

Consciente de que estava a ponto de perder o controle da situação, Arne agora tentava um método mais conhecido. Pensou que poderia ganhar controle levantando a voz.

– Asta, você precisa parar com toda essa besteira! Desfaça as malas imediatamente!

Por um instante, ela parou de fazer as malas, mas só o suficiente para olhar de uma maneira que resumia os quarenta anos de opressão. Ela juntou toda a sua raiva, todo o seu ódio e os mandou para ele. Para sua satisfação, percebeu como ele se encolheu e diminuiu diante de seu olhar. Quando voltou a falar, foi numa voz quieta e tímida. A voz de um homem que percebeu que havia perdido o controle para sempre.

– Eu não quis... Quer dizer, claro que não deveria ter falado com a garota daquela forma, entendo isso agora. Mas ela não tinha nenhum respeito e, quando se comportou de maneira tão teimosa em relação a mim, pude ouvir a voz de Deus me falando que deveria intervir e...

Asta o cortou.

– Arne Antonsson. Deus nunca falou com você. Nunca vai falar. Você é muito estúpido e surdo para isso. E quanto a toda a besteira que ouvi nesses quarenta anos sobre como você nunca teve a chance de se tornar pastor porque seu pai bebeu todo o dinheiro – você deveria saber que não era dinheiro que estava faltando. Sua mãe cuidava muito bem da bolsa e não deixava seu pai beber mais do que o necessário. Mas ela me contou antes de morrer que não

tinha nenhuma intenção de jogar seu dinheiro fora mandando-o para o seminário. Ela pode ter sido uma mulher rude, mas tinha uma boa cabeça e podia ver que você não servia para pastor.

Olhando para ela, Arne estava tentando respirar enquanto ficava cada vez mais pálido. Por um momento, Asta pensou que ele estava tendo um ataque do coração e sentiu que hesitava contra sua vontade. Mas depois, se virou e saiu da casa. Deixou aos poucos o ar fluir entre seus lábios. Não sentia prazer em destruí-lo, mas no fim ele não deixou nenhuma alternativa.

Capítulo 27

Göteborg, 1954

Ela não entendia como podia fazer tantas coisas erradas. Mais uma vez havia terminado ali no porão, e o escuro parecia fazer o machucado em seu bumbum doer mais do que antes. Era a fivela do cinto que havia feito a ferida. A mamãe só usava a fivela quando ela tinha sido realmente má. Se conseguisse pelo menos entender o que havia de tão horrível em pegar uns biscoitos. Eles pareciam tão gostosos, e a cozinheira tinha feito tantos que ninguém iria perceber se um desaparecesse. Mas às vezes se perguntava se sua mãe percebia quando ela estava a ponto de colocar algo gostoso na boca. A mamãe aparecia atrás dela, sem fazer nenhum barulho, justo quando sua mão estava se aproximando de algo delicioso. Depois, tudo que podia fazer era ser forte e esperar que a mamãe estivesse num bom dia, assim a punição seria menor.

No começo, tentara lançar um olhar de piedade ao papai, mas ele sempre olhava para o outro lado. Pegava o jornal e ia se sentar na varanda, enquanto mamãe a punia como queria. Ela nem tentava mais conseguir alguma ajuda dele.

Tremia por causa do frio. Alguns poucos sons cresciam em sua cabeça enquanto imaginava ratos gigantes e aranhas enormes, e ela podia ouvi-los se aproximando. Era tão difícil sentir a passagem do tempo. Ela não sabia havia quanto tempo estava sentada ali no escuro, mas a julgar pelo barulho em seu estômago, tinham se passado algumas horas. Estava quase sempre faminta, e era por

isso que a mamãe a reprimia. Parecia haver algo dentro dela que sempre pedia comida, bolos e doces, algo que gritava para ser preenchido com açúcar. No momento, ela sentia o gosto da substância dura, seca e ruim que a mamãe sempre a obrigava a comer. Uma colherada forçada em sua garganta quando os golpes tinham sido dados, e era hora de se sentar no porão. A mamãe dizia que a estava alimentando com humildade. Mamãe também falava que a estava punindo para seu bem. Que uma garota não podia ser gorda, porque nenhum homem olharia para ela, e teria de passar toda a sua vida sozinha.

Na verdade, ela não entendia o que tinha de terrível nisso. Mamãe nunca parecia olhar para o papai com alegria nos olhos, e nenhum dos homens que ficavam ao redor da figura magra de mamãe, enchendo-a de elogios e babando parecia dar-lhe alguma satisfação. Não, ela preferia ficar sozinha do que viver na atmosfera gelada que existia entre seus pais. Talvez fosse por isso que a comida e os doces a tentavam tanto. Talvez fosse assim que pudesse adquirir uma camada protetora sobre sua pele tão sensível, tanto em relação às constantes reprimendas de sua mãe quanto às surras. Mesmo sendo tão jovem, já sabia que nunca atingiriam as expectativas de sua mãe. Ela tinha deixado isso bem claro. Mesmo assim, a menina realmente tentara. Tinha feito tudo que sua mãe dizia, tentando com bastante força diminuir a gordura que continuava a crescer sob sua pele. Mas nada parecia ajudar.

No entanto, ela tinha começado a descobrir quem na verdade era o culpado por tudo. Mamãe tinha explicado que era o papai que exigia muito delas e por isso a mamãe precisava ser tão rígida. No começo, isso pareceu um pouco estranho. Papai nunca levantava a voz e parecia fraco demais para exigir qualquer coisa da mamãe,

mas quanto mais a afirmação era repetida, mais começava a parecer verdade.

Ela tinha começado a odiar o pai. Se ele pudesse parar de ser tão malvado e pouco razoável, mamãe seria mais legal, e as surras parariam, e tudo seria melhor. Depois ela seria capaz de parar de comer e tornar-se tão magra e linda quanto a mamãe, e o papai sentiria orgulho das duas. Em vez disso, ele fazia a mamãe entrar escondida em seu quarto à noite e, chorando e sussurrando, descrever as várias formas como ele a atormentava. Nessas ocasiões, sempre dizia como era doloroso ser quem precisava cuidar das punições. Ela a chamava de querida, exatamente como quando era pequena e prometia que as coisas seriam diferentes. Uma pessoa fazia o que precisava fazer, dizia a mamãe, e depois a abraçava, o que era tão estranho e inesperado que, no começo, ela ficava dura, incapaz de responder ao abraço. Gradualmente, começou a desejar as ocasiões em que sua mãe colocava os braços finos ao redor de seu pescoço e sentia o rosto dela molhado pelas lágrimas. Nesse momento, sentia-se necessária.

Sentada ali no escuro, sentia o ódio contra seu pai crescer como um monstro dentro dela. Durante o dia, na luz, precisava esconder esse ódio atrás de sorrisos e reverências, fingindo que tudo estava bem. Mas ali no escuro, ela podia deixar que o monstro saísse, permitindo que crescesse em paz e silêncio. Ela na verdade se dava bem com o monstro. Tinha se tornado um velho e querido amigo, o único que ela tinha.

– Pode subir agora.

A voz que vinha de cima era clara e fria. Ela se abriu e escondeu novamente o monstro. Ele ficaria ali até ela voltar ao porão. Então poderia sair e voltar a crescer.

Patrik recebeu a ligação quando se preparava para acompanhar Kaj até a sala de interrogatório. Ouviu em silêncio e depois foi até a sala de Martin. Quando estava prestes a bater em sua porta, lembrou que Annika lhe dissera que Martin tinha ido até Fjällbacka e xingou a si mesmo quando percebeu que teria de ir com Gösta. Nem considerou Ernst. A raiva aumentou só de pensar nele. Se o sujeito soubesse o que era bom, ficaria o mais longe possível de Patrik.

Mas estava com sorte. Enquanto caminhava com passos duros até a sala de Gösta, ouviu a voz de Martin na recepção e correu para encontrá-lo.

– Aí está você. Droga, isso é ótimo. Pensei que não ia voltar a tempo. Precisa vir comigo imediatamente.

– O que aconteceu? – disse Martin, seguindo Patrik, que correu até a entrada principal depois de acenar para Annika por trás do vidro.

– Um jovem se enforcou. Deixou uma nota que menciona Kaj.

– Oh, merda.

Patrik se sentou no assento do motorista e ligou a sirene. Martin se sentiu uma velha senhora quando se segurou no apoio sobre a porta do lado do passageiro, mas com Patrik dirigindo, era uma questão de instinto de sobrevivência.

Meros quinze minutos depois, eles pararam diante da residência da família Rydén, na parte de Fjällbacka que, por alguma razão, era chamada de “O Pântano”. Uma ambulância estava estacionada na frente da casa baixa de tijolos, e os paramédicos se esforçavam para tirar uma maca da parte de trás. Um homenzinho com cabelos ralos e uns quarenta anos corria de um lado para o outro na rua e parecia em estado de choque. Quando Patrik e Martin estacionaram e saíram da viatura, um dos médicos foi até o homem, colocou um

cobertor amarelo sobre seus ombros e pareceu tentar convencê-lo a se sentar. O homem finalmente obedeceu. Com o cobertor bem enrolado, ele se afundou na calçada, entre a rua e um jardim de flores.

Já conheciam o pessoal da ambulância e não precisaram se apresentar. Em vez disso, só trocaram cumprimentos com um movimento de cabeça.

– Então, o que aconteceu? – perguntou Patrik.

– O padrasto chegou em casa e encontrou o enteado na garagem. Ele se enforcou. – Um dos paramédicos apontou para a porta da garagem, que alguém tinha fechado para que nada pudesse ser visto da rua.

Patrik olhou para o homenzinho sentado a alguns metros de distância. O que aquele homem tinha acabado de ver era algo que ninguém nunca deveria ver. Agora ele tremia, como se sentisse frio, e Patrik reconheceu aquilo como um sinal de choque. Mas era algo que os paramédicos deviam tratar.

– Podemos entrar?

– Sim, pensamos que deveríamos esperá-los antes de descer o garoto. Ele está pendurado há umas duas horas, então não tem pressa. Fomos nós que fechamos a porta da garagem, por falar nisso. Parece desnecessário deixá-lo pendurado em público.

Patrik deu um tapinha no ombro dele.

– Muito bem pensado. Pode ser que haja alguma conexão com nossa atual investigação de homicídio, então chamei os técnicos também. E foi bom vocês não o terem tirado dali. Eles devem chegar a qualquer minuto e sem dúvida vão querer a menor quantidade de pessoas por aqui. Sugiro que Martin e eu entremos e que vocês esperem aqui fora. Têm a situação sob controle? – ele apontou na direção do padrasto.

– Johnny vai cuidar dele. Está em choque. Mas tenho certeza de que poderão conversar um pouco com ele. Contou-nos que encontrou um bilhete no quarto do garoto. Não nos mostrou, então provavelmente ainda deve estar lá.

– Ótimo – disse Patrik e caminhou lentamente até a porta da garagem. Fez uma careta, tomando coragem enquanto se agachava para levantar a porta.

A visão era tão horrível quanto tinha esperado. Pôde ouvir Martin tossir atrás dele.

Por um momento, Patrik achou que o garoto estivesse olhando para ele, e precisou se segurar para não sair correndo. Um ruído de alguém se afogando o fez se lembrar de que deveria ter avisado Martin como proceder nesses casos. Mas agora era tarde demais. Ele se virou a tempo de ver Martin sair correndo da garagem até um arbusto, onde esvaziou o estômago.

Ouviu outro veículo parando perto do carro da polícia e da ambulância e presumiu que era a equipe técnica chegando. Tentou se mover com cuidado para não despertar a ira da equipe. Acima de tudo, não queria estragar nenhuma prova, se nem tudo fosse o que parecia. Mas nada do que viu contradizia sua conclusão de suicídio. Uma grossa corda pendurada de um gancho no teto. O laço estava ao redor do pescoço do garoto, e uma cadeira tinha sido chutada e estava caída no chão. Parecia uma cadeira de cozinha trazida de dentro da casa. A cadeira tinha um forro brilhante, que contrastava muito com a cena macabra.

Patrik ouviu uma voz conhecida atrás dele.

– Pobre diabo, não era muito velho, não? – Torbjörn Ruud, chefe da equipe técnica de Uddevalla, entrou na garagem e olhou para Sebastian.

– Catorze – disse Patrik, e ficaram em silêncio por um instante, encarando o incompreensível fato de que um garoto de catorze anos pudesse achar a vida tão insuportável que a morte era a única saída.

– Existe alguma razão para acreditar que não foi suicídio? – perguntou Torbjörn, enquanto preparava a câmera que trazia na mão.

– Não, nenhuma – disse Patrik. – Há até um bilhete, que ainda não vi. Mas esse bilhete cita uma pessoa envolvida numa investigação de homicídio, então não quero dar chance ao azar.

– A garota? – disse Torbjörn, e Patrik assentiu.

– Certo, então, em outras palavras, vamos tratar isso como morte suspeita. Peça a um dos outros para cuidar do bilhete, assim ele não será manuseado antes de tirarmos as impressões.

– Vou fazer isso agora – disse Patrik, aliviado por ter uma desculpa para sair da garagem. Foi até Martin, que limpava a boca com um guardanapo de papel.

– Desculpe – falou, olhando com tristeza para seus sapatos, manchados com o almoço.

– Não importa. Isso já aconteceu comigo – disse Patrik. – Agora os técnicos e depois os caras da ambulância vão cuidar do corpo. Vou dar uma olhada no bilhete, e você pode tentar falar com o padrasto.

Martin assentiu e se inclinou para limpar os sapatos. Patrik acenou para uma das técnicas de Uddevalla. Ela trouxe sua maleta de equipamentos e o seguiu, sem falar nada.

A casa estava estranhamente quieta quando entraram. O padrasto do menino ficou olhando os dois entrarem.

Patrik olhou em volta.

– Acho que está no andar de cima – disse a técnica. Ele achava que o nome dela era Eva. Fazia parte da equipe que tinha examinado o banheiro dos Florin.

– É, não estou vendo nada aqui embaixo que pareça o quarto de um adolescente, você deve estar certa.

Eles subiram as escadas, e Patrik de repente teve um flashback de seu próprio quarto de infância. Todas as casas pareciam ter sido construídas mais ou menos na mesma época, e ele conhecia bem o estilo, com papel de parede e escadas de pinho claro com um amplo corrimão.

Eva estava certa. No alto da escada havia uma porta aberta que dava para um quarto inegavelmente típico de adolescente. A porta, as paredes e até o teto estavam cobertos com pôsteres e não era preciso ser um gênio para descobrir o tema comum. O garoto adorava heróis de filmes de ação. Qualquer um que atirasse primeiro e perguntasse depois; estavam todos ali. Os homens eram maioria, claro, mas uma única mulher tinha conquistado um lugar na coleção – Angelina Jolie, como Lara Croft. Apesar de Patrik suspeitar que a violência dela não era o único motivo pelo qual Sebastian tinha colocado sua fotografia na parede – ela tinha um belo par de peitos, para ser mais exato. E ele não podia culpar o garoto.

Uma folha de papel no meio da mesa trouxe Patrik de volta à realidade. Eles foram dar uma olhada no bilhete. Eva colocou um par de luvas finas e tirou um saco plástico da maleta. Cuidadosa, segurando com o dedão e o indicador um canto da carta, ela a colocou no saco plástico e o entregou para Patrik. Agora ele poderia lê-la sem destruir qualquer impressão digital que poderia estar no papel.

Patrik leu a carta em silêncio. As palavras estavam tão cheias de dor que ele quase perdeu o equilíbrio. Mas limpou a garganta para manter a compostura e, quando terminou, entregou-a a Eva. Não tinha dúvida de que a carta era verdadeira.

Patrik sentiu-se tomado por raiva e determinação. Não podia oferecer a Sebastian um Schwarzenegger que faria justiça usando óculos escuros legais, mas podia oferecer a ajuda de Patrik Hedström. Tinha a esperança de que isso fosse suficiente.

Seu celular tocou, e ele atendeu distraído, ainda absorto na raiva que sentia por causa da morte sem sentido do garoto. Ficou um pouco surpreso por ouvir a voz de Dan no telefone. O amigo de Erica quase nunca ligava direto para ele. A expressão espantada de Patrik logo foi substituída por consternação.

Como a adrenalina ainda estava correndo por suas veias, Niclas achou que poderia resolver todos os seus problemas de uma vez, antes que seu instinto natural de fuga tomasse conta. Muitas das coisas que tinham dado errado em sua vida podiam ter como base o fato de que ele tinha medo de conflitos e enfraquecia quando era necessário ter muita força. Estava começando a perceber que devia agradecer a Charlotte pelas coisas que ainda eram boas em sua vida.

Quando parou na calçada em frente à sua casa, ficou sentado no carro por um minuto, apenas respirando. Precisava pensar no que ia dizer a Charlotte. Era essencial que encontrasse as palavras certas. Desde que tinha sido forçado a confessar que tivera um caso com Jeanette, ele sentia o abismo entre eles aumentando mais a cada minuto. As rachaduras na relação entre os dois já existiam, antes da revelação e da morte de Sara, então não era difícil que aumentassem. Logo seria tarde demais. O segredo que compartilhavam não os aproximou; ao contrário, tinha acelerado o

processo que os afastava. Era onde ele achava que tinham de começar. Se não fossem honestos sobre tudo a partir de agora, nada seria capaz de salvar o casamento. E pela primeira vez em muito tempo, talvez a primeira vez na vida, ele teve certeza do que queria.

Hesitante, saiu do carro. Algo dentro dele lhe dizia para correr, entrar no carro e voltar para a clínica, enterrar-se no trabalho, encontrar uma nova mulher para abraçar, voltar ao território conhecido. Mas ele sufocou essa necessidade, acelerou os passos e entrou em casa.

Ele conseguia ouvir vozes murmurando no andar de cima e sabia que Lilian deveria estar no quarto de Stig. Ainda bem. Ele não queria ter de enfrentar seu bombardeio de perguntas de novo e fechou a porta fazendo o mínimo de barulho possível.

Charlotte olhou espantada quando ele desceu ao porão.

– Você chegou cedo.

– Cheguei porque queria falar com você.

– Já não conversamos o suficiente? – ela disse, indiferente, e continuou a dobrar a roupa. Albin estava sentado no chão perto dela, brincando. Charlotte parecia esgotada. Niclas sabia que ela não conseguia dormir muito à noite; ficava deitada se mexendo, enquanto ele fingia não perceber. Não tinha conversado sobre isso com ela, não acariciou seu rosto nem a abraçou. A pele embaixo de seus olhos tinha manchas escuras, e ele conseguia ver como a esposa estava mais magra. Quantas vezes falara, bravo, que ela devia se cuidar e perder peso. Agora daria qualquer coisa para que ela voltasse a sua antiga forma.

Niclas se sentou na cama perto dela e pegou sua mão. A expressão chocada da esposa dizia que era algo que ele nunca

fazia. Sentiu-se estranho e por um momento teve vontade de fugir de novo. Mas continuou segurando a mão dela e disse:

– Sinto muito mesmo, Charlotte. Por tudo. Por todos os anos em que fiquei distante, tanto física quanto emocionalmente; por tudo de que a culpei em minha mente, apesar de ser minha culpa; pelos casos que tive; pela proximidade física que neguei a você e dei a outras; por não encontrar uma forma de sair logo desta casa; por não ouvi-la; por não amá-la o suficiente. Perdoe-me por tudo isso e mais. Mas não posso mudar o passado, só prometo que tudo será diferente a partir de agora. Você acredita em mim? Por favor, Charlotte, preciso ouvir que acredita em mim!

Ela levantou os olhos e o encarou. As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dela.

– Sim, acredito em você. Por Sara, acredito em você.

Ele simplesmente assentiu, incapaz de continuar. Depois limpou a garganta e disse:

– Então, há uma coisa que precisamos fazer. Pensei muito nisso, e não podemos continuar vivendo com um segredo. Só monstros vivem no escuro.

Depois de uma breve pausa, ela assentiu. Com um suspiro, deitou a cabeça no ombro dele e sentiu como se estivesse voltando a se apaixonar.

Ficaram sentados assim por muito tempo.

Ele chegou em casa em cinco minutos. Abraçou Erica e Maja por um longo tempo e depois apertou a mão de Dan, grato.

– Que golpe de sorte você estar aqui – comentou, acrescentando Dan à lista de pessoas por quem devia ser grato.

– Certo. Mas eu não entendo. Quem seria louco o suficiente para fazer isso? E por quê?

Patrik sentou-se ao lado de Erica no sofá, segurando a mão dela. Depois de olhar hesitante para a mulher, falou:

– Isso provavelmente tem alguma conexão com o assassinato de Sara.

Erica se alarmou:

– O quê? Por que você acha isso? Por que teria...?

Patrik apontou para o macacão de Maja no chão.

– Parecem cinzas. – Sua voz falhou, e ele precisou limpar a garganta para continuar. – Sara tinha cinzas em seus pulmões e também ocorreu um... – ele procurou a palavra correta – ataque contra outro bebê. Cinzas também estavam envolvidas.

– Mas o que isso significa? – Erica parecia espantada. Nada do que estava ouvindo fazia sentido.

– Não sei – disse Patrik, cansado, enquanto passava a mão pelos olhos. – Nós também não entendemos. Enviamos as cinzas que encontramos na roupa da outra criança para o laboratório, para ver se possui a mesma composição química das cinzas encontradas em Sara, mas não recebemos os resultados ainda. E agora eu pretendo enviar as roupas de Maja também.

Erica assentiu sem falar nada. Seu pânico tinha se metamorfoseado em um estado de choque ou transe. Patrik a abraçou.

– Vou ligar e avisar que ficarei em casa o resto do dia. Só preciso levar as roupas da Maja para que comecem a fazer as análises o mais rápido possível. Precisamos pegar quem fez isso – ele disse. Era uma promessa que fazia a si mesmo e a Erica. Sua filha estava bem, é verdade, mas a crueldade mental por trás dessa ação criava uma sensação estranha de que a pessoa que estavam procurando era extremamente perturbada.

– Pode ficar aqui até eu voltar? – ele perguntou Dan, que assentiu.

– Claro. Fico aqui enquanto você precisar de mim.

Patrik beijou Erica no rosto e acariciou Maja. Depois, pegou o macacão da menina, colocou o casaco e saiu correndo. Ele queria voltar logo para casa.

Capítulo 28

Göteborg, 1954

A garota era impossível. Agnes suspirou. Tinha tantas esperanças, tantos sonhos. Ela era tão doce quando pequena e, com seus cabelos escuros, tinha passado por sua filha. Agnes decidira chamá-la de Mary. Em parte porque fazia todos se lembrarem de seus anos nos Estados Unidos e pelo status que tinha conseguido por viver no exterior e em parte porque era um nome adorável para uma garota charmosa.

Mas depois de um par de anos algo tinha acontecido. A garota tinha começado a engordar em todas as direções, e a gordura cobria seu lindo rosto como uma máscara. Isso enojava Agnes. Quando a garota tinha quatro anos, suas coxas tremiam e as bochechas estavam caídas como as de um São Bernardo, mas nada parecia fazê-la parar de comer. E Deus sabe como Agnes tinha tentado. Nada funcionava. Eles escondiam a comida e colocavam cadeados, mas Mary era como um rato que conseguia sentir o cheiro de algo comestível. Agora, com dez anos, era uma montanha de gordura. As horas no porão pareciam não ter nenhum efeito; ao contrário, ela sempre subia ainda mais faminta do que antes.

Agnes simplesmente não entendia. Sempre tinha dado enorme importância à própria aparência, porque isso possibilitava que conseguisse as coisas que queria na vida. Era inconcebível que uma garota quisesse destruir suas chances dessa maneira.

Às vezes, ela se arrependia de sua decisão de trazer a garota consigo de Nova York. Mas só de vez em quando. Tudo tinha saído exatamente como imaginara. Ninguém podia resistir à rica viúva com a linda filhinha, e ela só havia demorado três meses para encontrar o homem que podia lhe dar o estilo de vida que merecia. Åke viera a Fjällbacka por uma semana em julho, para se divertir um pouco; em vez disso, foi enrolado de forma tão eficiente por Agnes, que a pediu em casamento depois de apenas dois meses. Com uma modéstia cheia de decoro, ela aceitou e, depois de um casamento pouco divulgado, ela e sua filha se mudaram para Göteborg, onde Åke tinha um grande apartamento em Vasagatan. A casa em Fjällbacka foi novamente alugada, e ela sentiu alívio ao escapar do isolamento de uma pequena cidade.

Tampouco tinha ficado feliz com as pessoas insistindo em lembrar seu passado. Fora há tanto tempo, mas Anders e os garotos ainda pareciam continuar de forma vívida na memória de todos. Ela não conseguia entender a necessidade de continuarem falando sobre o que tinha acontecido. Uma senhora teve até a coragem de perguntar a Agnes como ela conseguia viver no mesmo lugar onde sua família tinha morrido. A essa altura, já tinha conseguido fisgar Åke, então se deu a liberdade de ignorar o comentário, simplesmente dando as costas e se afastando. Isso seria motivo de fofocas, mas não importava. Ela havia alcançado seu objetivo. Åke tinha um cargo de prestígio numa empresa de seguros e seria capaz de proporcionar uma vida confortável para ela. Infelizmente, não parecia muito interessado numa vida social, mas ela logo mudaria isso. Pela primeira vez em anos, Agnes seria o centro das atenções numa linda festa. Queria ter música, champanhe, lindas roupas e joias, e ninguém seria capaz de tirar essas coisas dela. Apagou da memória seu passado de forma tão

efetiva que, no geral, parecia ter sido um sonho distante e desagradável.

Mas a vida tinha mais um truque na manga para ela. As festas não foram muitas, e ela não estava exatamente nadando em joias. Åke provou ser um notório mesquinho, e Agnes precisava lutar por cada öre. Ele também tinha exibido um desapontamento indecoroso quando, seis meses depois do casamento, chegou um telegrama dizendo que todos os bens que ela herdara de seu falecido marido tinham sido perdidos por causa de maus investimentos feitos pelo homem apontado para administrá-los em seu nome. Fora enviado por ela mesma, claro, mas Agnes ficou bastante orgulhosa da atuação teatral que realizou quando chegou a mensagem, inclusive a dramática cena do desmaio. Ela não havia contado com uma reação tão forte de Åke, e isso a fez suspeitar que a perspectiva de adquirir os bens dela tivera um papel maior na proposta de casamento do que ela imaginara. Mas o que estava feito estava feito para os dois, e agora precisariam se tolerar o melhor possível.

No começo, ela sentia apenas uma pequena irritação com a avareza dele e sua absoluta falta de iniciativa. O que mais gostava de fazer era ficar sentado em casa, toda noite, comendo o prato que era colocado à sua frente na mesa, lendo o jornal e talvez um par de capítulos de algum livro, depois colocava o pijama de velho e dormia pouco antes das nove. Quando eram recém-casados, ele tinha ocasionalmente se virado para seu lado da cama, mas agora, para alívio dela, suas necessidades tinham diminuído para duas vezes por mês, sempre com a luz apagada e sem nem se preocupar em tirar a parte de cima do pijama. Mas Agnes tinha percebido que na manhã seguinte era sempre mais fácil conseguir uma quantia modesta para seu uso pessoal, e ela nunca deixava passar uma oportunidade.

Só que, com o passar dos anos, sua irritação havia crescido até se transformar em ódio, e ela começara a procurar a arma certa para usar contra Åke. Quando percebeu que ele se aproximara da garota, entendeu que tinha descoberto a melhor forma de atacá-lo. Sabia que ele se opunha às punições dela, mas também que tinha medo do conflito e era muito fraco para defender a menina. E descobriu o grande prazer que sentia ao colocá-la, aos poucos, contra ele.

Agnes sabia bem quanto Mary precisava de um pouco de atenção e carinho. Se ela desse isso juntamente com o veneno nos ouvidos da menina, na forma de mentiras contra Åke, podia praticamente ver o ódio se espalhando e crescendo. Depois só precisava deixar que fizesse efeito em silêncio.

O pobre Åke não tinha nem ideia do que estava fazendo de errado. Via que a garota tornava-se cada vez mais distante e não podia deixar de ver o ódio em seus olhos. Ele provavelmente suspeitava que Agnes era a culpada, mas nunca conseguiu descobrir exatamente o que ela fazia para que a garota o detestasse tanto. Conversava com Mary sempre que podia e até tentava comprar seu perdão com os doces que sabia que ela gostava tanto. Mas nada parecia ajudar. Inexoravelmente, ela se afastava cada vez mais dele e, com essa distância, aumentava sua amargura em relação à esposa. Depois de oito anos de casados, Åke sabia que tinha cometido um grande erro, mas não conseguiu escapar dele. E, apesar de Mary se recusar a ter qualquer tipo de relação com ele, o homem ainda sentia que era a única pessoa capaz de garantir alguma segurança para ela. Se desaparecesse de sua vida, não podia imaginar o que sua esposa poderia fazer com a garota. Não tinha mais nenhuma ilusão sobre ela.

Agnes sabia bem disso. Às vezes, sua intuição era misteriosa, e ela podia ler as pessoas como um livro aberto.

Estava sentada em seu quarto, maquiando-se. Sem que Åke soubesse, nos últimos seis meses mantinha um caso com um dos melhores amigos dele. Ela prendeu seus cabelos escuros, que ainda não tinham nenhum fio grisalho, e passou um pouco de perfume atrás de suas orelhas, nos pulsos e no meio dos seios. Usava roupas íntimas pretas de seda decoradas com laços; ainda tinha um corpo que deixaria muitas jovens com inveja.

Estava ansiosa pelo encontro, que como sempre aconteceria no Hotel Eggers. Per-Erik era um homem de verdade, ao contrário de Åke, e ficara feliz por ele ter começado a falar em abandonar a esposa. Ela não era tão ingênua a ponto de acreditar nas promessas de um homem casado, mas sabia que ele apreciava seus conhecimentos na cama mais do que o normal. Sua esposinha gorda não tinha chance.

Mas ainda havia o problema de Åke. O cérebro de Agnes começou a trabalhar em alta velocidade. No espelho, via o rosto roliço da filha, e seus grandes olhos mirando-a famintos.

Apesar de ter tomado um longo banho e mudado de roupa, Martin achou que ainda conseguia sentir o cheiro de vômito do dia anterior. O suicídio e depois a ligação de Patrik contando que alguém tinha atacado Maja o deixara perturbado, e ele foi tomado por uma sensação de desamparo. Havia tantas coisas nesse caso, tantas coisas estranhas acontecendo ao mesmo tempo, que não tinha ideia como podiam encontrar sentido em tudo aquilo.

Na porta da sala de Patrik, ele hesitou. Por tudo que acontecera, não estava certo se o colega tinha vindo trabalhar hoje. Mas os

sons dentro da sala mostravam que Patrik já tinha chegado. Bateu sem fazer muito barulho.

– Entre – disse Patrik.

– Não tinha certeza se você estaria aqui – disse Martin. – Achei que poderia estar em casa com Erica e Maja.

– Eu queria ficar em casa – disse Patrik. – Mas, acima de tudo, quero pegar o psicótico que está fazendo isso.

– Mas Erica ficará bem sozinha em casa? – perguntou Martin, inseguro se deveria falar daquilo.

– Eu queria que alguém fosse lá e ficasse com elas, mas Erica insistiu que ficariam bem. Eu liguei e falei com seu amigo Dan, o cara que estava em nossa casa ontem, quando tudo aconteceu, e ele prometeu que passaria para dar uma olhada nelas.

– Conseguiram alguma impressão? – perguntou Martin.

– Infelizmente, não. Estava chovendo, então todos os traços desapareceram. Mas enviei a roupa de Maja com as cinzas para o laboratório, veremos o que vai aparecer. Na minha opinião, é meramente uma formalidade; seria muita coincidência se as cinzas não fossem compatíveis com as outras amostras.

– Mas por que Maja?

– Quem sabe? – disse Patrik. – Provavelmente deve ser um aviso para mim. Algo que fiz ou não fiz, ao longo do caso. Oh, não sei – ele falou, frustrado. – Mas o melhor que podemos fazer agora é continuar trabalhando a toda velocidade, para conseguir resolver isso o mais rápido possível. Até lá, ninguém pode relaxar.

– O que fazemos primeiro, interrogamos Kaj?

– Isso – disse Patrik, mal-humorado. – Interrogamos Kaj.

– Você sabe que Kaj estava aqui ontem quando...

– Claro que sim – disse Patrik, um pouco aborrecido. – Mas isso não significa que não esteja envolvido no caso de alguma forma. Ou

que não terá de responder por outros crimes.

– Certo, só estava me certificando – disse Martin, levantando as mãos na defensiva. – Vou pendurar meu casaco e o encontro lá – falou enquanto dirigia-se a seu escritório.

Patrik juntava suas coisas para ir à sala de interrogatório quando telefone tocou. Viu que era Annika e atendeu, esperando que não fosse nada importante. Estava louco para bater um papinho com o merda que estava preso. Mais do que nunca.

– Pois não? – ele sentiu que seu tom era brusco, mas Annika estava acostumada e não se ofenderia. Pelo menos era o que esperava.

Mas Patrik acabou ouvindo a ligação com interesse cada vez maior e depois disse:

– Certo, mande-os entrar.

Ele passou pela sala de Martin.

– Charlotte e Niclas estão aqui, me procurando. Teremos de esperar um pouco para fazer o interrogatório, primeiro vou ouvir o que eles querem.

Sem esperar por uma resposta, correu de volta para sua sala. Alguns segundos depois, ouviu passos e um murmúrio baixo no corredor. Quando os pais de Sara entraram, Patrik ficou chocado com a aparência de Charlotte. No curto período de tempo desde que a vira pela última vez, ela tinha envelhecido consideravelmente, e suas roupas estavam folgadas. Niclas também parecia esgotado, mas não tanto quanto sua esposa. Eles se sentaram nas cadeiras de visitante e, durante o silêncio que se seguiu, Patrik teve tempo de imaginar o que era tão importante para terem vindo sem avisar.

Foi Niclas que falou primeiro.

– Nós... Nós mentimos para você. Ou melhor, não contamos algumas coisas, e isso é provavelmente tão ruim quanto mentir. – Patrik sentiu seu interesse aumentando, mas decidiu esperar Niclas terminar de falar. Depois de um momento, ele continuou.

– Os machucados de Albin. Os que você pensou ou achou que eu tinha feito. Foi, foi... – Ele parecia estar procurando as palavras, e Charlotte assumiu seu lugar.

– Foi Sara. – Sua voz parecia mecânica e desprovida de emoções. Patrik se encolheu na cadeira. Não era o que esperava ouvir.

– Sara? – repetiu, espantado.

– Sim – disse Charlotte. – Você já sabe que Sara tinha problemas. Era difícil controlar seus impulsos, e ela podia ter os piores ataques de raiva. Antes de Albin nascer, ela direcionava sua raiva contra nós, mas éramos grandes o suficiente para nos defender e garantir que ela não nos machucaria e nem a si mesma. Mas, quando Albin chegou... – Sua voz falhou, e ela olhou para as mãos, que estavam tremendo no colo.

– Tudo ficou fora de controle depois que Albin nasceu – disse Niclas. – Achamos, e estávamos errados, que talvez fosse uma influência positiva para Sara ter um irmãozinho. Alguém por quem pudesse se sentir responsável e que quisesse proteger. Mas, vendo agora, foi provavelmente ingenuidade nossa. Ela o odiava por causa do tempo que ele exigia de nós. Aproveitava todas as oportunidades que podia para machucá-lo e, mesmo se tentássemos vigiá-los o tempo todo, era impossível. Ela era rápida... – Ele olhou para Charlotte, que assentiu timidamente.

Niclas continuou.

– Tentamos de tudo. Assistentes sociais, psicólogos, controle de agressividade, medicamentos. Não há nada que não tenhamos tentado. Experimentamos mudar sua dieta, tirar todo o açúcar e

todos os carboidratos rápidos porque algumas descobertas sugeriam que isso poderia ter um efeito positivo. Mas nada, absolutamente nada, parecia funcionar. Finalmente chegamos ao limite. Cedo ou tarde ela iria machucar alguém seriamente. Não queríamos mandá-la embora. E para onde iríamos enviá-la? Então, quando essa vaga na clínica de Fjällbacka foi aberta, pensamos que poderia ser a solução. Uma mudança completa de paisagem, com a mãe de Charlotte e Stig por perto para ajudar a aliviar um pouco da pressão. Parecia perfeito.

Agora foi a voz de Niclas que falhou. Charlotte segurou a mão dele e a apertou. Juntos, tinham passado por um inferno e de alguma forma tinham sobrevivido.

– Sinto muito mesmo – disse Patrik. – Mas também preciso perguntar: vocês têm alguma prova do que estão me contando?

Niclas assentiu:

– Entendo que você precise perguntar. Trouxemos uma lista de todas as pessoas que consultamos com a Sara. Também falamos com elas e contamos que a polícia poderia telefonar e fazer perguntas. E dissemos que não precisavam preservar a confidencialidade do paciente e que contassem tudo para vocês.

Niclas entregou a lista para Patrik, que não duvidou por um momento na veracidade do que tinha acabado de ouvir. Mas ainda assim era necessário corroborar.

– Já fez algum progresso? Com Kaj, quero dizer? – Charlotte perguntou hesitante.

– Estamos no processo de interrogatório. Infelizmente, é tudo que posso revelar.

Charlotte só mexeu a cabeça.

Patrik viu que Niclas queria dizer algo mais, porém estava indeciso. Ele esperou pacientemente.

– Em relação ao álibi... – Olhou para Charlotte, que novamente assentiu de forma quase imperceptível. – Recomendo que tenha outra conversa com Jeanette. Ela mentiu quando disse que eu não estava lá, para se vingar de mim por haver terminado nossa relação. Tenho certeza de que se a pressionar um pouco, a verdade aparecerá.

Patrik não ficou surpreso. Tinha pensado que algo parecia falso na história de Jeanette. Bem, ele podia resolver isso quando chegasse a hora. Se fosse necessário. Com sorte, a questão de se Niclas tinha ou não um álibi seria supérflua depois do interrogatório dessa tarde.

Eles se levantaram e trocaram cumprimentos. Depois, o celular de Niclas tocou. Ele atendeu a ligação no corredor e uma expressão perplexa logo surgiu em seu rosto.

– Hospital? Agora? Fique calma, já estamos indo.

Ele se virou para Charlotte, que estava parada ao lado de Patrik.

– Stig piorou muito. Está a caminho do hospital.

Patrik olhou para os dois enquanto corriam pelo corredor. Já não tinham sofrido o suficiente?

Arne tinha se refugiado na igreja. As palavras de Asta ainda estavam girando em sua cabeça como um enxame de vespas raivosas. Todo o seu mundo estava desmoronando e as respostas que esperava encontrar na igreja ainda não tinham se materializado. Em vez disso, era como se as paredes de pedra se fechassem aos poucos ao seu redor, enquanto se sentava no primeiro banco. E agora percebia algo que nunca havia percebido antes: Jesus ali em cima na cruz tinha um sorriso nos lábios?

Um som atrás dele o fez se virar. Alguns turistas alemães entraram pela porta falando alto e tirando fotos sem parar. Ele

sempre ficava incomodado com os turistas que vinham até ali em todas as estações do ano, e essa foi a gota d'água.

Arne se levantou e gritou, salivando.

– Saiam daqui! Agora! Fora!

Apesar de não entenderem uma palavra do que ele gritava, seu tom de voz não deixava espaço para dúvidas, e eles preferiram ir embora.

Feliz por ter finalmente retomado sua autoridade, Arne voltou a se sentar no banco, mas o sorriso desdenhoso de Jesus o levou novamente a um estado sombrio.

Um olhar no púlpito o fez voltar a sentir coragem. Era hora de fazer o que deveria ter feito havia muito tempo.

A vida era tão injusta. Não tinha sido forçado a lutar contra forças superiores a ele desde que tinha nascido? Ninguém nunca lhe deu nada. Ninguém via suas verdadeiras qualidades. Ernst simplesmente não entendia o que havia de errado com o resto das pessoas. Qual era o problema? Por que estavam sempre olhando de viés para ele, murmurando em suas costas, roubando as oportunidades que deveriam ter sido dele? Era assim que sempre tinha sido. Mesmo na escola, todos se juntavam contra ele. As garotas riam, e os meninos o maltratavam a caminho de casa. Nem mesmo quando seu pai caiu sobre uma forquilha, ele recebeu alguma solidariedade. Em vez disso, sabia o que as pessoas estavam falando com suas línguas acusadoras. Que sua pobre mãe provavelmente tinha algo a ver com isso. Elas simplesmente não tinham vergonha do que diziam.

Sempre acreditou que as coisas seriam melhores assim que saísse da escola. Quando entrasse no mundo real. Tinha escolhido se tornar policial porque teria a chance de mostrar a todos como era poderoso. Mas depois de vinte e cinco anos na força, precisava

admitir que as coisas não tinham saído da forma como planejou. Mas nunca antes tinha feito tanta merda quanto agora. Nunca poderia ter imaginado que Kaj teria algo a ver com essas coisas. Eles jogavam cartas juntos, afinal de contas. Kaj era um cara legal, e um dos poucos que realmente queriam sua amizade. E havia histórias de como acusações infundadas tinham destruído a vida de homens inocentes. Por isso, quando Ernst teve a chance de fazer um favor ao amigo, claro que fez. Não tinha nada de errado nisso, tinha? Ele teve a melhor das intenções quando deixou de informar aquela chamada de Göteborg, mas ninguém parecia entender. E agora tudo tinha explodido na sua cara. Por que ele sempre teve tanto azar? Era esperto o suficiente para perceber que o suicídio do garoto no dia anterior ia piorar sua situação.

Mas quando se sentou em sua mesa, banido para a solidão como um prisioneiro na Sibéria, Ernst teve uma ideia de gênio. Sabia exatamente como poderia tornar aquela situação algo favorável. Sua intenção era se transformar no herói do dia, e mostrar de uma vez por todas àquele moleque do Hedström quem era o policial mais experiente da força. Hedström provavelmente havia percebido como ele havia virado os olhos na reunião, quando Mellberg apontou que eles provavelmente deveriam olhar mais de perto do idiota da vila. Mas o luxo de um é o lixo do outro. Se Hedström não conseguia somar dois e dois para resolver o assassinato, então Ernst teria de entrar e fazer isso por ele. Era óbvio para qualquer um que Morgan era o culpado, e o fato de que o casaco da garota tivesse sido encontrado em sua cabana eliminava todas as dúvidas.

O mais atraente para Ernst era a brilhante simplicidade de seu plano. Ele traria Morgan para ser interrogado, faria com que confessasse em pouco tempo e assim prenderia o assassino. Ao mesmo tempo, poderia mostrar a Mellberg que ele, Ernst,

certamente ouvia o que seu superior dizia, enquanto Hedström não era só incompetente, mas também insubordinado. Depois disso, ele certamente reconquistaria as boas graças do chefe.

Levantou-se e foi até a porta, mostrando mais energia do que o normal. Agora dependia dele fazer o trabalho policial de alta qualidade. Olhou pelo corredor para garantir que ninguém espiava sua partida, mas a barra estava limpa.

Capítulo 29

Gotéborg, 1957

Mary não sentia nada ali embaixo da chuva. Nem ódio, nem prazer. Só um vazio gelado que preenchia todo o seu corpo, da camada exterior da pele até os ossos de seu esqueleto.

Sua mãe estava chorando ao seu lado. Estava mais bonita do que o normal. O vestido preto de luto ficava bem nela. Ninguém podia ignorar o efeito dramático de sua beleza. Com uma mão trêmula, ela deixou uma única rosa vermelha cair sobre o caixão do marido e depois se jogou chorando nos braços de Per-Erik. Bem atrás dele estava sua esposa, a compaixão completa em seu rosto, graças à total ignorância de quantas vezes seu marido tinha dormido com a mulher que agora molhava a lapela dele com suas lágrimas.

Mary olhava com um coração dolorido, desejando que sua mãe tivesse encontrado consolo nos braços dela. Dispensada mais uma vez. Rejeitada mais uma vez. A dúvida desceu sobre ela com força total, mas se forçou a aguentar. Não podia começar a questionar tudo agora; se o fizesse, iria afundar.

A chuva fria batia em seu rosto, que não mostrava nenhuma emoção. Com as pernas duras, ela caminhou alguns poucos passos até o buraco no chão e tentou soltar a rosa que estava em sua mão. O monstro despertou dentro dela, persuadindo-a, fazendo-a levantar o braço e segurar a rosa sobre o caixão negro brilhante que estava no buraco. Depois, ela viu, em câmera lenta, seus dedos

soltarem o talo espinhento e, com uma incrível lentidão, a flor flutuar até a superfície dura. Achou que tinha ouvido um eco quando ela bateu na madeira, mas ninguém mais pareceu reagir, então o som devia estar em sua cabeça.

Mary ficou ali pelo que pareceu uma eternidade antes de sentir um leve toque em seu ombro. A esposa de Per-Erik sorria gentilmente para ela e falou que era hora de ir. Na frente das duas, caminhava todo o cortejo do funeral, liderado por Agnes e Per-Erik. Ele tinha o braço ao redor do ombro de sua mãe, que apoiava a cabeça nele.

Mary olhou para a mulher ao seu lado e se perguntou desdenhosa como ela poderia ser tão estúpida e ingênua para não ver a aura de tensão sexual que cercava o casal na frente dela. Mary só tinha treze anos, mas conseguia ver tão claramente quanto a chuva. Bem, aquela mulher estúpida logo descobriria como era a realidade.

Às vezes, ela se sentia muito mais velha do que seus treze anos. Olhava a estupidez da humanidade com uma raiva que excedia em muito a de uma adolescente de sua idade – mas era porque tinha tido uma excelente professora. Sua mãe lhe ensinara que todo mundo só estava interessado em realizar seus próprios desejos e que uma pessoa precisava se virar para conseguir o que queria na vida. Nada deveria ficar no caminho, era o que sua mãe lhe havia explicado, e Mary fora uma aluna esplêndida. Agora ela se sentia esperta e experiente, pronta para receber o respeito que merecia de sua mãe. Afinal, ela tinha provado até onde ia o seu amor. Não tinha feito o maior sacrifício de todos por sua mãe? Agora ela receberia aquele amor com juro, sabia disso. Nunca mais teria de se sentar no porão escuro e ver o monstro crescer.

Com o canto do olho ela viu como Per-Erik a olhava com o rosto preocupado. Descobriu que tinha um amplo sorriso nos lábios e rapidamente o escondeu. Era importante manter as aparências. Era o que sua mãe sempre dizia. E sua mãe sempre estava certa.

O som das sirenes podia ser ouvido de longe. Stig queria se sentar e protestar, exigir que a ambulância fizesse uma curva e o levasse de volta para casa. Mas seus braços se recusavam a obedecer e, quando tentou falar, sua boca emitiu um som indistinto. O rosto preocupado de Lilian estava sobre ele.

– *Shhhh*, não tente falar. Guarde sua energia. Logo chegaremos a Uddevalla.

Relutantemente, ele desistiu de qualquer tentativa de lutar. Não tinha energia. A dor ainda estava ali e agora pior do que nunca.

Tinha acontecido tão rápido. De manhã, ele estava se sentindo muito bem e tinha até comido um pouco. Mas depois, o nível de dor tinha aumentado mais e mais e finalmente tornou-se insuportável. Quando Lilian subiu com o chá da manhã, ele não era mais capaz de falar, e ela derrubou a bandeja, apavorada. Depois começou todo o circo. O som das sirenes do lado de fora, o barulho na escada, mãos que o colocaram cuidadosamente sobre uma maca e dentro da ambulância. Seguido por uma corrida em alta velocidade, apesar de ele quase não ter sentido nada.

O medo de chegar ao hospital era ainda pior do que a dor que sentia. Em sua mente, via cada vez mais nítida a imagem de seu pai deitado na cama do hospital, tão pequeno e patético, tão diferente do homem feliz e barulhento que costumava levá-lo no ar quando era pequeno e lutava afetosamente quando era mais velho. Agora Stig sabia que ia morrer. Se fosse parar num hospital, era só questão de tempo.

Ele gostaria de levantar a mão e acariciar o rosto da Lilian. Ficaram juntos por tão pouco tempo. Claro, tiveram suas brigas e maus momentos, quando até pensou que acabariam se separando, mas conseguiram se reencontrar. Agora ela teria de encontrar outra pessoa com quem envelhecer.

Também sentiria saudades de Charlotte e das crianças. Da criança, ele se corrigiu e sentiu uma dor no coração que era mais do que física. Era a única coisa positiva que podia ver no que tinha acontecido. Estava firmemente convencido de que havia vida após a morte, um lugar melhor. Talvez pudesse encontrar a garota ali e descobrir o que realmente acontecera naquela manhã.

Ele sentiu a mão de Lilian em seu rosto. A inconsciência começou a dissolver a realidade, e ele fechou os olhos, grato. Pelo menos seria agradável escapar da dor.

O vento o machucava enquanto caminhava até a pequena cabana de Morgan. O entusiasmo de Ernst havia se dissipado um pouco no caminho, mas já estava novamente animado, agora que sua presa estava perto.

Uma batida autoritária abria seu caminho para a vitória e foi recompensada alguns segundos depois com o som de passos do lado de dentro. O rosto magro de Morgan apareceu na porta e, com sua voz estranha e monótona, ele disse:

– O que você quer?

A pergunta direta pegou Ernst de surpresa, e ele precisou se recuperar mentalmente por um momento antes de falar.

– Você precisa vir comigo até a delegacia.

– Por quê? – perguntou Morgan, e Ernst sentiu a irritação crescendo dentro dele. Que figura bizarra!

– Porque precisamos conversar com você sobre algumas coisas.

– Vocês levaram meus computadores. Não tenho mais meus computadores. Vocês levaram – repetiu Morgan, e Ernst viu uma oportunidade surgir.

– Exatamente, é por isso que você precisa vir comigo. Assim poderemos devolver seus computadores. Já terminamos de examiná-los – Ernst estava muito feliz com sua genialidade.

– Por que não podem trazê-los? Vocês os tiraram daqui.

– Quer seus computadores ou não? – explodiu Ernst. Sua paciência seriamente começava a se esgotar.

Depois de um momento de hesitação e alguma deliberação interna, a perspectiva de conseguir seus computadores de volta conquistou a relutância de Morgan de sair de sua zona de conforto.

– Vou com você. Para poder pegar meus computadores.

– Ótimo. Bom rapaz – disse Ernst, sorrindo para si mesmo enquanto Morgan ia pegar seu casaco.

Eles se sentaram em silêncio durante toda a viagem até a delegacia. Morgan olhava para a janela do seu lado, e Ernst não via nenhum motivo para conversar. Estava guardando sua munição para o interrogatório oficial. E conseguiria fazer o idiota falar.

Quando chegaram à delegacia, um pequeno dilema permanecia. Como Ernst ia levar o suspeito para ser interrogado sem que os outros percebessem o que pretendia fazer? Se descobrissem, arruinariam seu plano brilhante; isso não poderia acontecer sob nenhuma circunstância. Finalmente teve uma ideia à prova de erros. De seu celular, ligou para a recepção e com uma voz disfarçada disse a Annika que tinha um pacote para ser entregue pela porta de trás. Esperou alguns segundos segurando Morgan e então, com o coração saindo pela boca, entrou pela porta principal, esperando que Annika tivesse corrido para o outro lado da delegacia. Tinha funcionado. Ela não estava em seu lugar de

sempre. Ernst passou com Morgan pela recepção e entrou na primeira sala de interrogatório. Fechou a porta atrás de si e a trancou, depois se permitiu um pequeno sorriso triunfante antes de convidar Morgan a se sentar numa das cadeiras. Alguém tinha deixado uma janela meio aberta para arejar um pouco o ambiente. Estava solta e batia com a brisa. Ernst ignorou o barulho. Queria começar o mais rápido possível antes que alguém tentasse enfiar a cabeça ali.

– Então, meu amigo, aqui estamos nós. – Ernst fez uma grande encenação para tirar o gravador.

Os olhos de Morgan começaram a olhar em volta. Algo lhe dizia que as coisas não estavam certas.

– Você não é meu amigo – ele disse, determinado. – Não nos conhecemos, como poderia ser meu amigo? Amigos se conhecem. – Depois de uma pequena pausa, ele continuou: – Deveria pegar meus computadores. Vim aqui por isso. Você disse que meus computadores estavam prontos.

– Falei isso, sim – disse Ernst com um sorriso de escárnio. – Mas veja, eu menti. E você está certo sobre uma coisa: não sou seu amigo. Na verdade, agora sou seu pior inimigo. – Um pouco dramático talvez, mas Ernst ficou cruelmente feliz com essa frase. Lembrou que a ouvira num filme.

– Não quero mais ficar aqui – disse Morgan e começou a olhar para a porta. – Quero meus computadores de volta e quero voltar para casa.

– Pode esquecer isso. Vai demorar muito tempo antes de poder voltar para casa. – Maldição, ele era bom. Realmente deveria escrever roteiros para filmes de ação norte-americanos. Continuou: – Encontramos o casaco dela na sua cabana e temos muitas provas forenses que mostram que foi você quem a matou. – Pura mentira,

a última parte, mas Morgan não sabia disso. E nesse jogo não havia regras.

– Mas eu não a matei. Apesar de querer algumas vezes – ele acrescentou, sem emoção.

Ernst sentiu o coração bater mais rápido. O interrogatório ia melhor do que ele imaginara.

– Não adianta tentar mentir para mim. Temos outras provas e temos o casaco, então não precisamos de mais nada. Mas, claro, seria melhor se me contasse como fez. Então, talvez não tenha de passar a vida na prisão. Não poderá ter nenhum computador lá.

Agora ele viu pela primeira vez uma emoção genuína no rosto do idiota. Ótimo, parece que o pânico estava começando a aparecer. Então, ele amoleceria logo. Mas, para melhorar a situação ainda mais, tentaria um velho truque que tinha aprendido em *Nova York contra o crime* e no outro programa de policiais de que era fã. Deixaria o cara transpirando sozinho por um tempo. Se tivesse tempo de pensar em sua situação, ele confessaria mais rápido que Ernst pudesse dizer “Andy Sipowicz”.

– Preciso ir ao banheiro. Continuamos essa conversa daqui a pouco. – Ficou de costas para Morgan e começou a andar até a porta.

Morgan agora estava balbuciando incessantemente num tom de súplica.

– Não fiz nada. Não posso ficar na prisão pelo resto da vida. Não a matei. Não sei como o casaco foi parar na minha casa. Ela estava usando quando voltou para casa. Por favor, não me deixe aqui. Traga minha mãe, quero falar com minha mãe. Mãe pode resolver tudo isso, por favor...

Ernst fechou rapidamente a porta atrás de si para que os murmúrios do idiota não fossem ouvidos no corredor. Depois de uns

passos, Annika olhou para ele com suspeitas.

– O que você estava fazendo ali?

– Oh, estava só verificando uma coisa. Achei que tinha deixado minha carteira numa das salas de interrogatório.

Ela não pareceu acreditar, mas deixou passar. Um segundo depois, olhou pela janela e gritou:

– O que é isso?

– O que foi? – disse Ernst, sentindo uma súbita inquietação no estômago.

– Um cara acabou de pular uma das janelas e agora está correndo na direção da autoestrada.

– Que merda! – Ernst quase deslocou o ombro quando se jogou contra a porta; em sua pressa esqueceu que estava sempre trancada.

– Abra a porta, pelo amor de Deus! – ele gritou para Annika, e ela obedeceu apavorada. Ele abriu a segunda porta e saiu correndo atrás de Morgan. Viu como ele olhava para trás e corria ainda mais rápido. Horrorizado, Ernst viu uma minivan preta se aproximando em alta velocidade.

– Não-o-o-o! – gritou, em pânico.

Então veio o barulho, e tudo ficou quieto.

Martin se perguntava o que Charlotte e Niclas queriam falar com Patrik. Esperava que fosse algo que permitisse que Niclas fosse retirado da lista de suspeitos. A ideia de que o assassino pudesse ser o próprio pai da garota era muito horrenda.

Ele não conseguia entender Niclas. Os relatórios médicos de Albin eram bastante sérios, e o pai não conseguira convencê-lo de que não provocara os ferimentos do menino. Mesmo assim havia alguma coisa que não encaixava. Niclas era um homem complexo, para dizer o mínimo. Dava a impressão de ser uma pessoa doce e

estável quando o conhecia, mas parecia ter uma vida privada totalmente caótica. Apesar de Martin não ter sido nenhum anjo em seus dias de solteiro, agora que estava vivendo com outra pessoa, não podia entender como alguém podia trair sua cara-metade dessa forma. O que Niclas dizia a Charlotte quando chegava em casa depois de estar com Jeanette? Como poderia fazer seu tom de voz parecer natural? Como podia olhar para ela depois de rolar na cama com sua amante poucas horas antes? Martin simplesmente não conseguia entender.

Niclas mostrara um temperamento difícil de explicar. Martin tinha visto o olhar dele quando o encontrou na casa do pai. Parecia que queria matar o pai. Deus sabe o que poderia ter acontecido se ele não tivesse aparecido.

E mesmo assim. Apesar da natureza contraditória de Niclas, Martin não acreditava que ele tivesse conscientemente afogado a própria filha. E quais teriam sido os motivos para isso?

Seus pensamentos foram interrompidos quando ouviu passos no corredor e viu Charlotte e Niclas passarem correndo. Estava curioso para saber qual era a pressa.

Patrik apareceu na porta, e Martin levantou as sobrancelhas, questionando o colega.

– Era Sara que machucava o Albin – disse Patrik, sentando-se na cadeira em frente.

Martin esperava muitas coisas, mas não isso.

– Como sabemos que estão falando a verdade? Niclas não poderia estar tentando desviar a atenção de si mesmo?

– É, pode ser, claro – disse Patrik, com voz cansada. – Mas preciso dizer que acredito neles. Se bem que precisamos confirmar essa história. Eles me deram nomes e telefones de pessoas que podemos contatar. E o álibi de Niclas parece ser verdadeiro afinal.

Ele afirma que Jeanette mentiu quando disse que não estava com ela, como uma forma de se vingar, depois que ele a deixou. E também estou inclinado a acreditar, apesar de precisarmos ter uma conversa séria com Jeanette, claro.

– Que confusão... – disse Martin e não precisou terminar sua frase antes de Patrik concordar.

– Sim, a humanidade não tem mostrado seu lado mais nobre nessa investigação – falou, balançando a cabeça. – E por falar nisso, vamos começar aquele interrogatório agora?

Martin assentiu, pegou seu caderno e se levantou para seguir Patrik, que já estava na porta.

– Por falar nisso, Pedersen falou alguma coisa? Sobre as cinzas na roupa do menino?

– Não – respondeu Patrik, sem se virar. – Mas eles iam analisar tanto a roupa dele quanto a de Maja o mais rápido possível. Aposto que vão descobrir que as cinzas vieram da mesma fonte.

– Seja ela qual for – disse Martin.

– Exato.

Eles entraram na sala de interrogatório e se sentaram em frente a Kaj. Ninguém disse nada no começo, enquanto Patrik calmamente olhava seus papéis. Via com satisfação que Kaj estava nervoso, apertando as mãos, e que pequenas gotas de suor tinham se formado em cima de seus lábios. Bom, ele estava com medo. Isso facilitaria o interrogatório. E considerando quantas provas tinham coletado na busca na casa, Patrik não se sentia nem um pouco preocupado. Se tivesse provas tão boas em todas as suas investigações, a vida seria muito mais fácil.

Foi quando seu humor mudou. Ele encontrou uma cópia do bilhete de suicídio do garoto e foi uma lembrança abrupta de por que faziam esse trabalho, e quem era o homem diante deles. Patrik

fechou os punhos com determinação. Olhou para Kaj, que desviou o olhar.

– Na verdade não precisamos falar com você. Temos muitas provas da busca feita em sua casa para colocá-lo atrás das grades por muito tempo. Mas ainda queremos dar uma chance para você explicar seu lado da história. Porque somos assim: caras legais.

– Não sei do que estão falando – disse Kaj com uma voz trêmula.
– Isso é um erro da justiça. Não podem me manter aqui. Sou inocente.

Patrik só assentiu, compreensivo.

– Sabe, quase acredito em você. E poderia até acreditar se não fosse por isto. – Ele pegou algumas fotos de sua pasta grossa e as empurrou para Kaj. Ficou agradecido por ver como o homem ficou primeiro pálido, depois vermelho. Olhou para Patrik com espanto no rosto.

– Falei que tínhamos gente boa com computadores, não falei? – disse Patrik. – E não falei que as coisas não desaparecem só porque você as apaga? Você foi bem eficiente em apagar coisas de seu computador, mas não o suficiente, para seu azar. Conseguimos recuperar tudo que você baixou e compartilhou com seus amigos pedófilos. Fotos, e-mails, vídeos. Tudo. Guardado e catalogado.

Kaj abriu e fechou a boca. Parecia que estava tentando encontrar as palavras, mas elas paravam em sua língua.

– Não tem muito a dizer agora, tem? Dois colegas de Göteborg estão vindo aqui amanhã e também querem conversar com você. Consideraram nossas descobertas extremamente interessantes.

Kaj não disse nada, então Patrik continuou, determinado a chocá-lo de alguma forma. Detestava o homem diante de si, detestava tudo que ele representava, tudo que tinha feito. Mas não demonstrava. Com calma e um tom determinado, continuou falando

como se estivessem discutindo o clima, e não abuso infantil. Por um momento, pensou em tratar diretamente do casaco de Sara, mas decidiu que isso poderia esperar um pouco. Em vez disso, se inclinou sobre a mesa, olhou bem para Kaj e disse:

– Vocês alguma vez pensam nas crianças que são suas vítimas? Pensam por um segundo nelas ou estão totalmente envolvidos na satisfação de suas próprias necessidades?

Ele não esperava uma resposta, nem recebeu uma. No silêncio subsequente, continuou:

– Você sabe o que se passa na cabeça de um jovem quando precisa enfrentar alguém como você? Sabe o que você destrói, o que rouba dele?

Só um leve tremor no rosto de Kaj mostrava que ele tinha ouvido. Sem tirar os olhos do homem, Patrik pegou uma folha de papel e a deslizou pela mesa. No começo, Kaj se recusou a olhar, mas aos poucos foi baixando os olhos até a folha de papel e começou a ler. Com uma expressão incrédula no rosto, olhou para Patrik, que só assentiu, com o rosto triste.

– É exatamente o que parece. Uma nota de suicídio. Sebastian Rydén tirou a própria vida essa manhã. Seu padrasto o encontrou pendurado na garagem. Eu estava lá quando eles o tiraram da força.

– Você está mentindo. – A mão de Kaj tremia enquanto segurava a carta. Mas Patrik podia ver que ele sabia que era verdade.

– Não seria melhor parar de mentir? – Patrik perguntou, com um jeito tranquilo. – Você devia gostar de Sebastian, tenho certeza disso, então faça isso pelo bem dele. Dá para ver o que ele escreveu. Ele queria que isso acabasse. Você pode fazer isso.

Seu tom era falsamente solidário. Patrik olhou rapidamente para Martin, que estava a postos, com a caneta parada sobre o caderno.

O gravador, que fazia um zumbido na sala, também estava sendo usado, mas Martin tinha o hábito de sempre tomar nota.

Kaj alisou a carta com os dedos e abriu a boca para dizer algo. Martin segurou a caneta, pronto para começar a escrever.

Naquele mesmo instante, Annika abriu a porta.

– Houve um acidente lá fora, rápido!

Depois, saiu correndo pelo corredor. Houve um segundo de choque silencioso, depois Patrik e Martin correram atrás dela.

No último momento, Patrik se lembrou de trancar a porta. Teriam de voltar para falar com Kaj mais tarde. Ele só esperava que o momento não tivesse passado.

Mellberg não podia negar que estava um pouco preocupado. Só haviam se passado alguns dias, claro, mas não sentia que já existia alguma verdadeira conexão pai-filho. Claro, talvez devesse ser um pouco mais paciente, mas realmente não achava que estava recebendo a gratidão que merecia. O respeito que um pai merecia. O amor incondicional de que todos os pais falavam, talvez combinado com um pouco de temor saudável. O garoto parecia absolutamente indiferente. Ficava sentado no sofá de Mellberg o dia todo, comendo enormes quantidades de batata frita e jogando videogame. Mellberg não conseguia entender de onde vinha uma atitude tão indolente. Devia ser da mãe. Mellberg se lembrava de como tinha energia quando era jovem. Mesmo com os melhores esforços, não conseguia se lembrar das conquistas esportivas que devia ter tido – na verdade, não conseguia lembrar de si mesmo praticando esportes – mas devia ser por causa do tempo que havia passado. A imagem que tinha de si mesmo quando jovem era definitivamente a de um rapaz musculoso com asas nos pés.

Olhou para o relógio. Não era hora do almoço ainda. Os dedos bateram impacientes na mesa. Talvez devesse ir para casa passar

um pouco de tempo com Simon. Isso deixaria o garoto feliz, provavelmente. Quando Mellberg teve essa ideia, percebeu que o filho devia ser tímido. Dentro de si, desejava contato com seu pai, que estivera ausente por tanto tempo, queria que ele o abraçasse e o tirasse de sua casca protetora. Devia ser isso. Mellberg suspirou de alívio. Tinha sorte por entender crianças, ou provavelmente já teria desistido e deixado o garoto ficar sentado no sofá sentindo-se infeliz. Mas Simon logo descobriria como tinha sorte de tê-lo como pai.

Com grande entusiasmo, Mellberg pegou seu casaco, pensando qual atividade poderia ser boa para os dois. Infelizmente não havia nada que dois homens de verdade pudessem fazer nesse buraco abandonado. Se estivessem em Göteborg, ele poderia levar o filho para a primeira visita a um bar de strip-tease ou ensiná-lo a jogar roleta. Naquele lugar, ele não sabia o que fazer. Oh, bem, pensaria em algo.

Quando passou pela porta de Hedström, pensou que era muito chato o que tinha acontecido com a filha dele. Era outro sinal de que nunca dava para saber o que poderia ocorrer, e era melhor aproveitar a companhia dos filhos enquanto havia tempo. Com isso em mente, ele se convenceu de que ninguém o culparia por ir mais cedo para casa.

Assobiando, caminhou até a recepção, mas parou assim que viu as portas abertas e seus homens correndo para fora. Algo estava acontecendo e, como sempre, ninguém tinha se importado de avisá-lo.

– O que está acontecendo? – gritou para Gösta, que não era tão rápido quanto os outros.

– Alguém foi atropelado bem aí na frente.

– Que merda – disse Mellberg e também começou a correr o mais rápido que podia.

Chegou até a frente da delegacia. Uma minivan preta estava parada no meio da rua.

Um homem, provavelmente, o motorista, estava dando voltas, segurando a cabeça. O *air bag* tinha funcionado no lado do motorista, e ele parecia bem, mas confuso. Na frente do veículo, uma pessoa estava caída na rua. Patrik e Annika estavam ajoelhados ao seu lado, enquanto Martin tentava acalmar o motorista. Ernst estava um pouco afastado, com os longos braços caídos e o rosto branco como uma folha de papel. Gösta o alcançou, e Mellberg viu que falavam baixinho entre si. A expressão preocupada de Gösta incomodou Mellberg. Ele tinha uma sensação desconfortável no estômago.

– Alguém chamou a ambulância? – perguntou, e Annika respondeu que sim. Sem saber o que fazer em seguida, ele se virou para Ernst e Gösta. – O que aconteceu? Vocês sabem?

O silêncio nefasto dos dois mostrou que ele não ia gostar da resposta. Viu que Ernst piscava nervosamente, então Mellberg o encarou.

– Bom, alguém vai responder ou terei de arrancar de vocês?

– Foi um acidente – disse Ernst com uma voz estridente.

– Poderia me dar alguns detalhes desse “acidente”? – perguntou Mellberg, ainda encarando seu subordinado.

– Queria fazer apenas algumas perguntas, e ele ficou doido. Era um psicótico de merda, esse cara. Eu não podia evitar, podia? – Ernst levantou a voz, bravo, numa tentativa desesperada de controlar a situação que tinha, de repente, escapado por entre seus dedos.

O sentimento ruim no estômago de Mellberg cresceu. Olhou para o corpo caído na rua.

– Quem está caído embaixo daquele veículo, Ernst? Pode me contar – estava sussurrando, quase rosnando as palavras, e isso, mais do que qualquer outra coisa, mostrou a Ernst como ele estava afundado na merda.

Respirando fundo, Ernst falou em voz baixa:

– Morgan, Morgan Wiberg.

– Que merda você está falando? – gritou Mellberg tão alto que tanto Ernst quanto Gösta se encolheram, e Patrik e Annika se viraram.

– Você sabia disso, Hedström? – perguntou Mellberg.

Patrik balançou a cabeça, sombrio.

– Não e não dei nenhuma instrução para que Morgan fosse trazido para interrogatório.

– Entããã, você achou que devia se mostrar um pouco. – Mellberg tinha baixado a voz para um tom falsamente calmo.

– Você disse que deveríamos olhar para o idiota primeiro. E, ao contrário de certos colegas – Ernst apontou na direção de Patrik –, eu confio plenamente na sua opinião e sempre ouço o que diz.

Numa situação normal, a bajulação teria funcionado, mas dessa vez Ernst tinha feito uma bagunça tão completa que nem mesmo isso poderia trazer Mellberg para o seu lado.

– Eu disse especificamente que Morgan deveria ser trazido? Bem, eu disse isso?

Ernst pareceu hesitar por um momento e depois sussurrou.

– Não.

– Então está certo – gritou Mellberg. – Agora onde está a merda da ambulância? Os paramédicos decidiram tomar um café?

Sentia sua frustração voando para todos os lados e não ajudou quando Hedström disse, calmo.

– Não acho que precisem correr. Ele não reagiu desde que chegamos aqui. Acho que a morte foi instantânea.

Mellberg fechou os olhos. Em sua mente, viu toda a sua carreira desmoronar. Todos os anos de trabalho duro... talvez não com o trabalho policial diário, mas navegando no meio da selva política e conseguindo ficar bem com as figuras influentes enquanto pisava em quem pudesse colocar obstáculos em seu caminho. Tudo isso não significaria nada graças a um estúpido policial caipira.

Devagar, ele se virou para Ernst. Numa voz fria, disse:

– Você está suspenso até ser investigado. E se eu fosse você, não esperaria voltar.

– Mas, senhor... – disse Ernst, preparando-se para protestar. Ele ficou quieto repentinamente quando Mellberg levantou o dedo indicador no ar.

– Cale a boca – foi tudo que disse e, com isso, Ernst sabia que o jogo estava perdido. Não tinha nada mais a fazer, exceto ir para casa.

Capítulo 30

Göteborg 1957

Agnes se espreguiçou na grande cama. Havia algo no brilho que surgia logo depois de fazer amor com um homem que a fazia se sentir viva e vibrante. Olhou para as costas largas de Per-Erik enquanto ele se sentava na beira da cama e vestia sua calça bem passada.

– Bom, quando vai contar para Elisabeth? – ela perguntou, procurando imperfeições em suas unhas vermelhas. Não encontrou nenhuma. A falta de uma resposta dele a fez olhar para cima.

– Per-Erik?

Ele limpou a garganta.

– Acho que é um pouco cedo. Não passou nem um mês desde que Åke morreu, e o que as pessoas vão dizer se... – deixou o resto da sentença no ar.

– Achei que éramos mais importantes do que o que as “pessoas” podiam pensar – falou, com uma força que ele nunca tinha ouvido antes.

– Nós somos, minha querida, nós somos. Só acho que deveríamos... esperar um pouco – ele falou, virando-se para acariciar suas pernas nuas.

Agnes o olhou com suspeita. A expressão dele era inexpugnável. Ficou incomodada porque nunca conseguia entendê-lo completamente, não da forma como sempre pôde ler os outros homens. Mas era por isso que, pela primeira vez em sua vida,

sentia ter encontrado um homem que podia satisfazer suas expectativas. E já estava na hora. Claro que ainda era muito bonita para seus cinquenta e três anos, mas a passagem do tempo trouxe mudanças indesejadas até para ela. Logo não poderia mais usar sua aparência. Esse pensamento a amedrontava e por isso era importante que Per-Erik mantivesse todas as promessas que tinha feito. Durante esses anos de relação, ela sempre mantivera o controle. Pelo menos era o que achava. Mas, pela primeira vez, Agnes foi tomada por dúvidas. Talvez tivesse se deixado enganar. Esperava, pelo bem dele, que não fosse o caso.

Harald Spjuth estava contente com sua vida como pastor. Mas, como ser humano, às vezes sentia-se um pouco sozinho. Apesar de ter quarenta anos, ainda não havia encontrado ninguém com quem compartilhar a vida, e isso era algo que o deixava muito mal. Talvez seu colarinho de pastor tivesse criado um obstáculo, porque nada em sua personalidade indicava que ele teria dificuldades em encontrar amor. Era uma pessoa verdadeiramente agradável e boa, mesmo se aqueles pudessem não ser os termos que usaria para se descrever, uma vez que também era humilde e tímido. Nem sua aparência podia ser culpada por sua solidão. Apesar de não poder ser classificado exatamente como um galã de cinema, tinha traços agradáveis e uma cabeça cheia de cabelos. Também havia conseguido manter o peso, apesar de gostar de boa comida e dos muitos cafezinhos que a vida de pastor numa cidade pequena exigia, o que era invejável. Mas as coisas pareciam não melhorar.

No entanto, Harald não estava desesperado. Imaginava o que sua congregação diria se soubessem como ele tinha se dedicado a colocar anúncios pessoais nos últimos tempos. Depois de tentar tanto os cursos de dança quanto os de culinária sem sucesso, no

fim da primavera se sentou e escreveu seu primeiro anúncio pessoal. Desde então as coisas tinham começado a acontecer. Ele não tinha conhecido o amor de sua vida, mas tivera agradáveis almoços e adquirira um par de boas amigas de correspondência. Em casa, sobre a mesa da cozinha, estavam mais três cartas esperando ser lidas. Mas primeiro o dever.

Ele havia visitado alguns dos habitantes mais velhos da cidade que apreciavam a oportunidade de conversar por um tempo e geralmente passavam pela casa do pároco a caminho da igreja. Muitos de seus colegas mais ambiciosos provavelmente diriam que a congregação era pequena demais, mas Harald estava adorando. A casa amarela era linda, e ele sempre se maravilhava com a igreja, imponente no alto da colina, quando subia pelo caminho cercado de árvores. Quando passou pela velha escola paroquial, que ficava em frente à sua casa, refletiu por um momento sobre o debate virulento que havia se espalhado pela cidade. Um construtor queria derrubar o edifício extremamente dilapidado e construir um prédio de apartamentos. Mas o projeto imediatamente gerou uma série de artigos contrários no jornal, bem como cartas ao editor de pessoas que queriam que o prédio fosse preservado a qualquer custo. De alguma forma Harald conseguia entender os dois lados. No entanto, o mais espantoso era que a maioria dos opositores não eram moradores permanentes, mas visitantes de verão com residência em Fjällbacka. Naturalmente, eles queriam que seu retiro permanecesse o mais pitoresco e bonito possível. Adoravam caminhar pela cidade nos fins de semana e acreditar que eram afortunados por terem um refúgio tão agradável longe do trabalho e da cidade grande. O único problema é que uma cidade que não se desenvolve cedo ou tarde acaba morrendo; a imagem não podia ser congelada para sempre. Eram necessários apartamentos, e era

impossível transformar Fjällbacka inteira num sítio protegido sem afetar a própria vida da cidade. O turismo era bom, claro, mas havia uma vida depois do verão também, refletia Harald enquanto subia a colina até a igreja.

Antes de entrar, tinha o hábito de parar para olhar a torre, com a cabeça o mais levantada possível. Com o vento que fazia hoje, tinha a ilusão de que a torre estava balançando, e a visão imponente de milhares de toneladas de granito prestes a cair sempre o fazia sentir respeito pelos homens que tinham construído tão majestosa igreja. Às vezes, gostaria de ter vivido naqueles tempos e ter sido um dos escultores de Bohuslän. Esses homens que viveram na obscuridade e usaram as mãos para criar tudo, das mais simples estradas às mais magníficas estátuas. Mas ele era sábio o suficiente para saber que tudo aquilo era um sonho romântico. A vida provavelmente não tinha sido muito divertida para eles, e o pastor apreciava demais os confortos da vida moderna para se enganar imaginando que poderia viver sem aquilo tudo.

Depois de se permitir um momento de devaneio, abriu a porta. Com culpa, ficou torcendo para que Arne não estivesse ali. Não havia nada de errado com o sujeito, e ele fazia um bom trabalho, mas Harald precisava admitir que tinha um problema com os velhos seguidores do luteranismo pietista de Schartau, e Arne era um dos piores. Era preciso procurar muito para encontrar alguém como esse homem sombrio. Parecia celebrar o sofrimento e sempre procurava o lado negativo de tudo. Às vezes, quando Arne estava parado ao seu lado, Harald podia sentir toda a sua alegria ser literalmente sugada por ele. Também não tinha muita paciência com a eterna falação sobre as pastoras. Se Harald ganhasse cinco coroas cada vez que Arne ofendia sua predecessora, seria rico hoje.

Honestamente, não podia entender o que havia de tão terrível em uma mulher pregando a palavra de Deus em vez de um homem. Sempre que Arne lançava um de seus comentários, Harald tinha o desejo de dizer que não era necessário um pênis para pregar a palavra de Deus, mas sempre mordida a língua a tempo. O pobre Arne provavelmente cairia morto no ato se ouvisse um pastor dizer algo assim.

Dentro da sacristia, toda a esperança de que Arne estivesse em sua casa desapareceu. Harald ouviu sua voz e achou que estava provavelmente falando com algum pobre turista que havia conhecido o sacristão mais conservador de todo o reino da Suécia. Por um momento, Harald ficou tentado a sair às escondidas. Depois suspirou e achou que deveria ser um bom cristão e salvar as pobres criaturas.

Mas não havia nenhum turista. Em vez disso, Arne estava de pé no púlpito e pregava numa voz poderosa para os bancos vazios. Harald olhou para ele, sem acreditar, imaginando o que tinha possuído o sujeito.

Arne estava balançando os braços e se empenhando, como se estivesse proferindo o Sermão da Montanha; parou só por um momento quando viu Harald entrar. Mas depois continuou como se nada tivesse acontecido. Agora Harald também via todos os papéis caídos no chão embaixo do púlpito. Era porque Arne, com gestos dramáticos, arrancava páginas do Livro dos Salmos que tinha nas mãos e deixava que caíssem no chão.

– O que você pensa que está fazendo? – disse Harald indignado, caminhando resolutamente pelo corredor central da igreja.

– Estou fazendo o que deveria ter sido feito há muito tempo – respondeu Arne, beligerante. – Estou eliminando essas horríveis novidades. Hereges é o que elas são – gritou e continuou a arrancar

página por página. – Não entendo por que tudo o que é velho de repente precisa ser mudado. Antes tudo era melhor. Agora toda a moralidade foi negligenciada, e as pessoas dançam e cantam independentemente de ser terça ou domingo! Sem mencionar que estão copulando em todos os lugares, fora da santidade do casamento.

Seus cabelos estavam em pé, e Harald ficou imaginando se o pobre Arne tinha perdido completamente a cabeça. Ele não sabia o que havia iniciado esse súbito ataque. Arne sempre repetia as mesmas opiniões havia anos, mas nunca tivera a coragem de fazer nada tão ousado antes.

– Você precisa se acalmar, Arne. Por favor, desça do púlpito, e vamos conversar.

– Conversar? Ha! É o que todos fazem – Arne gritou de sua posição elevada. – É o que estou falando, está na hora de agir! E este lugar é tão bom quanto qualquer outro para começar – falou enquanto as páginas continuavam a cair no chão como grandes flocos de neve.

Então Harald perdeu a paciência. Não podia continuar parado enquanto vandalizavam sua magnífica igreja! Havia um limite para as besteiras desse homem.

– Desça daí, Arne, desça agora mesmo! – ele gritou, o que fez o sacristão parar. O pastor nunca tinha levantado a voz antes. Era normalmente tão gentil, então isso teve algum efeito.

– Você tem dez segundos para descer aqui ou vou subir para pegá-lo, não me importa o seu tamanho! – continuou Harald, agora com o rosto vermelho de raiva. Os olhos do pastor não deixavam dúvida de que falava sério.

A beligerância de Arne diminuiu tão rápido quanto tinha surgido, e ele obedeceu docilmente o comando.

– Está bem, então – disse Harald numa voz consideravelmente mais calma quando colocou um braço ao redor dos ombros de Arne.
– Vamos até minha casa. Vou fazer um pouco de café e vamos comer um pedaço daquele bolo que Signe fez com tanto carinho. Depois vamos conversar, nós dois.

E caminharam pelo corredor central em direção à porta, o pequeno homem com a mão no ombro do homem grande. Como um estranho casal.

Monica se sentiu um pouco tonta quando saiu do carro. Ela não tinha dormido muito bem na noite anterior. Pensar nas coisas horríveis de que estavam acusando Kaj não a tinha deixado pregar os olhos.

A pior parte era, na verdade, a ausência de qualquer dúvida. Quando ouviu o policial contando as alegações, soube desde o primeiro momento que eram verdade. Tantas peças do quebra-cabeça tinham se encaixado. De repente, havia uma explicação para tudo o que havia acontecido durante esses anos juntos.

Um sentimento de desgosto tomou seu estômago, e ela se inclinou contra o carro e vomitou no asfalto. Tinha lutado contra a náusea a manhã toda. Quando chegou ao trabalho, seu chefe disse que não precisava trabalhar se não se estivesse se sentindo bem, considerando as circunstâncias. Mas ela se recusou a ir para casa. A ideia de ficar sentada ali o dia todo era repulsiva. Preferia aguentar os olhares das pessoas do que ficar em casa, sentada no sofá dele, fazendo comida na cozinha dele. A ideia de que ele a havia tocado, apesar de isso ter acontecido há muito tempo, a fazia sentir vontade de arrancar a pele do corpo.

Mas no final ela não teve escolha. Depois de tentar trabalhar por uma hora, o chefe a mandou para casa, e dessa vez ele se recusou a aceitar um não como resposta. Com uma sensação ruim no

estômago, tinha ido devagar para casa. Quando chegou em Galärbacken estava praticamente se arrastando. O motorista do carro atrás dela tinha buzinado reclamando, mas Monica não dera a mínima.

Se não fosse por Morgan ela teria feito as malas e ido para a casa da irmã. Mas não podia abandoná-lo. Ele ficaria louco em qualquer outro lugar que não fosse sua cabana; o fato de terem levado seus computadores já era um caos em seu mundo. Ontem, tinha visto o filho andando incansavelmente entre suas pilhas de revistas. Estava perdido sem suas âncoras no mundo real. Esperava que a polícia devolvesse logo seus computadores.

Monica pegou a chave da porta da frente e estava a ponto de abrir quando parou. Não estava pronta para entrar ainda. Uma forte vontade de vê-lo a fez colocar a chave de volta no bolso, descer a escada da varanda e caminhar até a cabana de Morgan. Ele ficaria bravo por ela interromper a rotina e ir até lá, mas já não se importava. Lembrava como era o cheiro dele quando bebê, como aquele cheiro a fazia querer mover montanhas para o bem dele. Agora sentia a necessidade de sentir o cheiro de seu pescoço mais uma vez, mesmo que ele já estivesse grande, de abraçá-lo como se Morgan fosse a base dela, e não o contrário, como tinha sido durante todos esses anos.

Ela bateu na porta e esperou. Não havia nenhum som do lado de dentro, e Monica começou a sentir um desconforto. Bateu de novo, um pouco mais forte dessa vez e, tensa, esperou ouvir o som de passos do lado de dentro. Nada.

Tentou a porta, mas estava trancada. Procurou até encontrar a chave extra que ficava em cima da porta.

Onde ele poderia estar? Morgan dificilmente ia a qualquer lugar sem levá-la junto ou pelo menos avisar aonde estava indo. O medo

começou a fechar sua garganta, e ela meio que esperou encontrá-lo morto dentro da cabana. Era o que sempre havia temido. O dia em que ele pararia de falar sobre a morte e decidisse tentar algo. Talvez a perda de seus computadores e a invasão de seu mundo o tivessem feito finalmente decidir partir para o lugar do qual não havia retorno.

Mas a cabana estava vazia. Ansiosa, olhou ao redor e logo viu um pedaço de papel em cima de uma pilha de revistas perto da porta. Reconheceu a letra de Morgan antes mesmo de ler o que estava escrito, e seu coração bateu mais rápido. Suspirou aliviada assim que leu o bilhete. Só percebeu quando seus ombros relaxaram como estava tensa.

“Computadores prontos. Fui com a polícia para pegá-los”, dizia o papel, e sua preocupação voltou. Não era o bilhete suicida que ela havia temido, mas algo não fazia sentido. Por que a polícia viria pegá-lo para que ele fosse buscar seus computadores? Eles mesmos não deveriam trazê-los e entregá-los?

Monica tomou uma decisão no ato. Voltou correndo para o carro e saiu cantando pneus. Durante todo o caminho até Tanumshede, acelerou ao máximo, e suas mãos apertaram o volante tão forte que começou a suar. Quando passou a intersecção na Tanum Tavern, ouviu sirenes atrás de si e foi ultrapassada por uma ambulância a toda velocidade. Inconscientemente, acelerou ainda mais e passou voando por Hedemyr. Perto da loja do sr. Li, precisou breicar subitamente, e o cinto de segurança machucou seu peito. A ambulância tinha parado bem na frente da delegacia, e uma fila de carros se formou nas duas direções porque a rua fora bloqueada por o que parecia ser um acidente. Quando colocou o pescoço para fora, pôde ver um corpo caído na rua. Não precisava ver mais nada, sabia quem era.

Como se estivesse em câmera lenta, ela soltou o cinto de segurança, abriu a porta do carro e a deixou aberta. Com uma sensação de tragédia iminente, caminhou devagar em direção ao local do acidente.

A primeira coisa que viu foi o sangue. O vermelho escorrendo da cabeça dele para o asfalto e espalhando-se num amplo círculo ao redor de seus cabelos. A segunda coisa que viu foram seus olhos. Abertos, mortos.

Um homem estava caminhando em sua direção. Os braços prontos para impedi-la. A boca dele se moveu, dizendo alguma coisa. Monica ignorou-o e continuou avançando. Caiu pesadamente de joelhos perto de Morgan. Colocou a cabeça dele em seu colo e a apertou, sem se preocupar com o sangue que ainda estava saindo e agora molhava suas calças. Foi então que escutou o choro. Ficou imaginando quem poderia estar tão triste, tão cheio de dor. Depois percebeu que era ela mesma.

Tinham dirigido acima do limite de velocidade por todo o caminho desde Uddevalla. Lilian havia se certificado de que Albin estava seguro com Veronika e Frida, para que pudessem ir direto para o hospital. Charlotte esperava que não chegasse tarde demais. Sua mãe havia falado como se a vida de Stig estivesse por um fio, e ela se pegou juntando as mãos como se estivesse rezando, apesar de não ser religiosa.

Stig era a pessoa mais amável que já tinha conhecido. Só agora percebia como passara a gostar dele durante esse tempo que tinham vivido juntos. Ela já o conhecia, claro, mas sempre em breves visitas. Foi só quando foram morar na mesma casa que ficaram amigos. Muito de seu sentimento estava baseado no fato de que ele e Sara eram tão próximos. Stig tinha sido capaz de fazer florescer o melhor de sua filha, características favoráveis que

Charlotte sempre soubera que existiam, mas não conseguia alcançar. Sara nunca era insolente com Stig, nunca teve uma explosão de raiva na frente dele, não pulava ao redor dele como louca, incapaz de controlar sua energia. A menina se sentava calmamente na beira da cama e segurava a mão dele, contando como tinha sido o dia na escola. Charlotte sempre ficava espantada com a maneira como Sara se comportava quando estava com Stig e agora se arrependia sinceramente por não ter dito isso a ele. Percebia que quase não falara com ele desde a morte de Sara. Tinha ficado tão imersa em sua própria dor que nem pensou nele. Deve ter sido muito triste ficar ali em seu quarto, doente e com dores, tendo como única companhia seus próprios pensamentos. Ela deveria pelo menos ter ido vê-lo e conversado um pouco.

Assim que o carro parou no estacionamento, Charlotte desceu. Correu até a entrada e não esperou por Niclas. Ele conhecia bem o hospital e a encontraria.

– Charlotte! – Lilian veio em sua direção com os braços esticados quando ela entrou na sala de espera. Sua mãe estava chorando, e todo mundo se virou para olhar. Pessoas chorando tinham o mesmo efeito nos outros seres humanos que acidentes de carro. Ninguém conseguia deixar de olhar.

Charlotte acariciou as costas da mãe. Lilian nunca tinha sido muito emotiva, e o contato físico com ela era estranho.

– Oh, Charlotte, foi horrível! Eu subi para levar um pouco de chá, e ele estava completamente desmaiado! Chamei seu nome e tentei despertá-lo, mas ele não respondeu. E ninguém consegue me dizer o que ele tem. Está na UTI e não me deixam vê-lo. Eu não deveria poder ficar com ele? E se ele morrer?

Lilian falava tão alto que toda a sala ouvia, e por um momento Charlotte ficou embaraçada que todos estivessem olhando para

elas. Depois se recuperou e se lembrou de que sua mãe sempre teve uma tendência ao drama, mas isso não tornava sua preocupação menos verdadeira.

– Sente-se e vou ver se arrumo um pouco de café. Niclas logo estará aqui e provavelmente vai conseguir descobrir algo. São todos colegas dele, afinal.

– Você acha? – perguntou Lilian, agarrando-se ao braço da filha.

– Claro – respondeu Charlotte, soltando com carinho a mão de Lilian. Estava realmente surpresa por estar tão calma e segura. A perda de Sara tinha anestesiado suas emoções, o que permitia que pensasse de maneira prática apesar de suas preocupações com a saúde de Stig.

Ficou grata ao ver Niclas entrar na sala de espera e foi encontrá-lo na porta.

– Mamãe está histérica. Vou tentar conseguir um pouco de café para nós. Prometi que você iria tentar descobrir mais sobre o que está acontecendo com Stig.

Niclas assentiu. Levantou a mão e acariciou o rosto de Charlotte. O gesto pouco comum a fez sentir um arrepio. Não conseguia se lembrar da última vez que ele a havia tocado com tanta ternura.

– Como você está? – ele perguntou com verdadeira preocupação e, apesar da tristeza da situação, Charlotte sentiu algo como alegria em seu coração.

– Estou bem – respondeu, sorrindo para ele como um sinal de que ia aguentar.

– Tem certeza?

– Certeza. Vá falar com seus colegas agora, assim podemos conseguir algumas respostas.

Ele obedeceu. Um pouco depois, quando ela e Lilian estavam sentadas juntas tomando café, Niclas voltou e se sentou ao lado

delas.

– Então? Descobriu algo? – perguntou Charlotte, fazendo pensamento positivo para que ele tivesse algo bom para contar. Infelizmente, não funcionou.

O rosto de Niclas estava sombrio quando disse:

– Infelizmente temos de nos preparar para o pior. Estão fazendo o que podem, mas não têm certeza se Stig vai sobreviver. Temos de esperar para ver.

Lilian arfou e jogou os braços ao redor do pescoço de Niclas. Sentindo-se tão estranho quanto Charlotte, ele tentou consolá-la dando uns tapinhas em suas costas. Charlotte teve uma sensação de *déjà vu*. Lilian tinha ficado nesse mesmo estado quando o pai de Charlotte morreu, e os médicos terminaram dando um sedativo para que ela não desabasse totalmente. A coisa toda era tão injusta. Perder um marido já era ruim. Charlotte virou-se para Niclas.

– Eles não conseguem dizer o que há de errado com ele?

– Estão fazendo muitos testes e provavelmente vão descobrir o que é. Mas, no momento, a coisa mais importante é mantê-lo vivo tempo suficiente para conseguirem descobrir qual é o tratamento apropriado. Do jeito que as coisas estão agora, poderia ser qualquer coisa, de câncer a uma infecção viral. Tudo que dizem é que ele deveria ter vindo há muito tempo para o hospital.

Charlotte viu a culpa atravessar o rosto dele como uma sombra. Deitou a cabeça em seu ombro.

– Você é humano, Niclas. Stig não queria vir para o hospital e não parecia perigoso quando você o examinou, não é? Ele melhorava de vez em quando e parecia bastante bem, também dizia que não sentia muita dor.

– Eu não deveria ter dado atenção a ele. Droga, sou médico, eu deveria saber.

– Não se esqueça de que tínhamos outras coisas nos preocupando – disse Charlotte em voz baixa, mas Lilian conseguiu ouvi-la.

– Por que toda a tristeza do mundo cai sobre nós? Primeiro Sara, agora Stig – disse Lilian chorando, assoando o nariz no guardanapo de papel que Charlotte tinha dado para ela. As pessoas na sala de espera que tinham voltado a ler suas revistas olharam para eles. Charlotte sentiu a irritação tomar conta.

– Você precisa se controlar. Os médicos estão fazendo o que podem – falou, tentando atenuar o máximo possível sua voz, sem tirar a força do que falava. Lilian olhou para ela, magoada, mas obedeceu e parou de chorar.

Charlotte suspirou e virou-se para Niclas. Não duvidava que a tristeza de sua mãe fosse verdadeira, mas sua tendência a transformar cada situação num drama que ela própria estrelava era incrivelmente aborrecedora. Lilian sempre florescia quando era o centro das atenções e usava todo meio à sua disposição para conseguir essa posição, mesmo numa situação como aquela. Era o jeito dela, e Charlotte lutava para aceitar, escondendo sua reprovação. Dessa vez o sofrimento de sua mãe era real.

Seis horas depois eles ainda não tinham nenhuma notícia. Niclas tinha ido conversar com os médicos várias vezes, mas não havia nenhuma novidade. O prognóstico de Stig ainda era incerto.

– Alguém precisa ir para casa dar uma olhada no Albin – disse Charlotte, falando tanto com Lilian quanto com Niclas. Ela viu que a mãe abriu a boca para protestar, pois não queria deixar que sua filha ou genro fossem, mas Niclas se antecipou ao que ela ia dizer.

– Você está certa. Ele vai ficar com medo se Veronika tentar colocá-lo para dormir em sua casa. Eu vou, para você poder ficar.

Lilian parecia contrariada, mas sabia que eles estavam certos e, relutante, desistiu.

Niclas beijou Charlotte no rosto e depois deu um tapinha no ombro de Lilian.

– Tudo vai dar certo, você vai ver. Liguem se ficarem sabendo de alguma novidade.

Charlotte assentiu. Ficou olhando o marido desaparecer no corredor e depois se encostou na cadeira desconfortável e fechou os olhos. Seria uma longa espera.

Capítulo 31

Göteborg, 1958

O desapontamento consumia Mary por dentro. Nada tinha saído como ela imaginava. Nada tinha mudado, exceto que agora nem recebia as breves demonstrações de carinho e ternura que sua mãe tinha dado quando Åke estava por perto. Na verdade, Mary quase nem a via. Ou saía para se encontrar com Per-Erik ou para ir a alguma festa. Sua mãe também parecia ter abandonado todas as tentativas de controlar o peso de Mary, então a menina podia comer o que houvesse na casa. A essa altura, tinha superado em muito seu peso anterior. Às vezes, quando se olhava no espelho, via somente o monstro que crescia dentro dela há tanto tempo. Um monstro voraz, gordo, repugnante, constantemente cercado por um nauseante cheiro de suor. Sua mãe nem se incomodava em esconder o desgosto que sentia quando olhava para ela. Uma vez até tampou o nariz quando a menina passou. A humilhação ainda doía.

Não era assim que sua mãe tinha prometido que seriam as coisas. Per-Erik deveria ser um pai muito melhor do que Åke, sua mãe deveria estar feliz, e eles finalmente viveriam juntos como uma família de verdade. O monstro desapareceria, ela nunca mais voltaria a se sentar no porão e nunca mais sentiria aquele cheiro seco, horrroso de poeira na boca.

Enganada. Era como se sentia. Enganada. Tentou perguntar a sua mãe quando as coisas iam ser como ela havia prometido, mas

só recebia respostas bruscas. Quando insistiu, foi trancada no porão, depois de ter sido alimentada com um pouco de Humildade. Ela chorou lágrimas amargas que continham muito mais desapontamento do que podia aguentar.

Sentada no escuro, sentia o monstro crescendo. Ele gostava da secura em sua boca. Alimentava-se dela e se deliciava.

A porta se fechou pesadamente atrás dele. Movendo-se devagar, Patrik foi até o corredor e largou seu casaco. Deixou-o cair no chão, exausto demais para se dar ao trabalho de pendurá-lo.

– O que aconteceu? – Erica, da sala, com uma voz preocupada, perguntou. – Descobriu algo novo?

Quando viu o rosto dela, Patrik sentiu uma onda de culpa por não ter ficado em casa cuidando das duas. Ele devia estar horrível. Tinha ligado para casa de vez em quando, claro, mas o caos na delegacia depois do que tinha acontecido tornou as conversas extremamente abruptas e estressantes. Assim que confirmava que tudo estava bem em casa, dava uma desculpa e desligava.

Arrastou-se até a sala. Como sempre, Erica estava sentada no escuro assistindo à TV, com Maja no colo.

– Desculpe não falar muito no telefone – ele disse, passando a mão pelo rosto cansado.

– Aconteceu alguma coisa?

Ele caiu no sofá e no começo nem conseguiu responder.

– Aconteceu – disse, depois de um momento. – Ernst teve a ideia de levar Morgan Wiberg para um interrogatório sem falar com ninguém. Conseguiu deixar o pobre rapaz tão estressado que ele acabou fugindo por uma janela, correndo para a rua e sendo atropelado.

– Meu Deus, que horrível! – disse Erica. – O que aconteceu com ele?

– Morreu.

Erica prendeu a respiração. Maja, que estava adormecida, reclamou, mas não chegou a acordar.

– Que coisa horrível, você não iria acreditar – disse Patrik, jogando a cabeça para trás e olhando para o teto. – Enquanto ele estava ali caído na rua, Monica chegou e o viu. Correu até o rapaz antes que pudéssemos segurá-la, colocou a cabeça dele no colo e depois se sentou chorando de uma forma que não parecia humana. Finalmente conseguimos afastá-la. Jesus Cristo, foi medonho.

– E o Ernst? – perguntou Erica. – O que aconteceu com ele?

– Pela primeira vez, acho que realmente vai ser demitido. Eu nunca tinha visto Mellberg tão bravo. Mandou-o para casa no ato, e depois disso não acho que vai voltar. O que seria uma bênção.

– Kaj sabe?

– Sabe, e isso é outra história. Martin e eu o estávamos interrogando quando o acidente aconteceu e tivemos de sair correndo. Se fosse uns minutos depois, acho que poderíamos tê-lo feito falar. Agora ele está totalmente fechado e se recusa a dizer qualquer coisa. Ele nos culpa pela morte de Morgan e, em certo grau, está certo. Alguns colegas de Göteborg viriam interrogar Kaj, mas tiveram de adiar indefinidamente. O advogado de Kaj conseguiu impedir todos os interrogatórios por enquanto, considerando as circunstâncias.

– Então vocês ainda não sabem se ele estava envolvido no assassinato da Sara? E no... no que aconteceu ontem?

– Não – disse Patrik, cansado. – A única coisa de que temos certeza é que não poderia ser o Kaj que tirou a Maja do carrinho.

Ele estava preso na hora. Dan esteve aqui, por falar nisso? – perguntou, acariciando a filha e colocando-a no colo.

– Esteve. Ele é como um cão de guarda fiel – sorriu Erica, mas seu rosto ainda estava preocupado. – Finalmente precisei mandá-lo embora, mais ou menos. Saiu faz uma meia hora. Não ficaria surpresa se ele decidisse passar a noite no jardim, num saco de dormir.

Patrik riu.

– É, parece coisa dele. De qualquer forma, estou em dívida com o sujeito. É bom saber que vocês duas não ficaram sozinhas o dia todo.

– Sabe, estávamos a ponto de subir para ir dormir. Mas podemos ficar um pouco mais se você quiser companhia.

– Não se ofenda, mas eu prefiro ficar sozinho um pouco – respondeu Patrik. – Trouxe algum trabalho para fazer e depois queria assistir a um pouco de TV para relaxar.

– Faça o que quiser – disse Erica. Ela se levantou e pegou Maja do colo de Patrik depois de dar um beijo na boca dele.

– Por falar nisso, como foi seu dia? – ele perguntou quando Erica estava no meio da escada.

– Tudo bem – ela respondeu, e Patrik pôde ouvir que havia uma nova energia em sua voz. – Hoje, ela não precisou dormir no meu colo; dormiu no carrinho. E agora não chora por mais do que vinte minutos. Na verdade, da última vez foram só cinco.

– Ótimo – ele falou. – Parece que você está começando a controlar a situação.

– É, seria milagre se isso realmente funcionasse – disse sorrindo. Depois ficou séria. – Apesar de a Maja só poder dormir dentro de casa agora. Nunca mais vou deixá-la do lado de fora.

– Me desculpe por ter sido tão... estúpido aquela noite – disse Patrik hesitante. Ele não queria arriscar dizer algo errado novamente, o que o deixava todo atrapalhado, até para se desculpar.

– Tudo bem – ela falou. – Eu fui um pouco sensível demais também. Mas acho que a maré mudou agora. O medo que senti quando ela desapareceu teve pelo menos um efeito benéfico. Me fez perceber como adoro cada minuto que passo com ela.

– É, eu sei o que você quer dizer – ele falou e acenou enquanto ela continuava a subir.

Patrik deixou a TV no mudo, pegou o gravador e apertou “rewind” e depois “play”. Já tinha ouvido a fita várias vezes na delegacia. Eram os poucos minutos que estavam gravados do chamado “interrogatório” de Ernst com Morgan. Não havia muita coisa, mas ainda assim algo o incomodava, algo que não conseguia entender.

Depois de ouvir a fita três vezes, ele desistiu, deixou o gravador de lado e foi até a cozinha. Ficou olhando alguns minutos e acabou saindo com uma xícara de chocolate quente e três sanduíches de queijo e caviar num delicioso pão Skogaholm. Aumentou o volume da TV e mudou para *Crime Night* no Discovery Channel. Ver a reconstituição de crimes reais era, talvez, uma forma estranha de relaxar para um policial, mas ele sempre gostou daquilo. Os crimes eram sempre solucionados.

Enquanto assistia à série, um pensamento de natureza altamente particular começou a se formar. Uma ideia muito agradável e revigorante, que reprimiu com eficiência todas as imagens de crime e morte. Patrik sorriu sentado ali na escuridão. Teria de sair para fazer compras.

A luz estava piscando incansável na cela. Kaj sentia que penetrava em cada parte dele, cada recanto e ranhura. Tentou se esconder dela enterrando a cabeça nos braços, mas ainda sentia a luz pinicando sua nuca.

Em poucos dias todo o seu mundo tinha desmoronado. Parecia ingenuidade, olhando em retrospecto, mas ele havia se sentido tão seguro, tão intocável. Fazia parte de um grupo que parecia acima do mundo comum. Não eram como os outros. Eram melhores, mais iluminados do que todo o resto. O que o mundo não entendia era que tudo tinha a ver com amor. Somente amor. Sexo era uma pequena parte do todo. Sensualidade era a palavra mais próxima que ele podia encontrar para descrever aquilo. A pele jovem era tão pura, tão imaculada. A mente das crianças era inocente, não poluída por pensamentos feios como ficava a mente dos adultos, cedo ou tarde. O que estavam fazendo era ajudar esses jovens a se desenvolver para poderem alcançar todo o seu potencial. Ajudavam a entender o que era o amor. Sexo era a ferramenta, mas não o objetivo em si. O objetivo era alcançar um acordo, uma união das almas. Uma associação entre jovens e velhos, tão bela em sua pureza.

Mas ninguém entenderia. Tinham conversado tanto nas salas de bate-papo. Como a estupidez dos outros e a pobreza de espírito os tornava incapazes de imaginar ou tentar entender o que era tão óbvio para os membros do grupo. Em vez disso, os outros só queriam rotular como algo sujo o que estavam fazendo, até rotulavam as crianças da mesma maneira.

Com essa situação ele podia entender por que Sebastian tinha feito aquilo. O garoto tinha percebido que ninguém ia entender, que seria sempre visto com aversão e desdém. Mas o que Kaj não conseguia entender era por que tinha feito aquelas acusações

contra ele em sua despedida para o mundo. Kaj sentia-se machucado. Tinha realmente acreditado que haviam alcançado uma profunda compreensão durante seus encontros e que a alma de Sebastian, depois da relutância inicial que sempre era preciso superar, tinha querido se fundir com a de Kaj. Ele via o ato físico como algo subordinado. Era o sentimento de literalmente beber da fonte da juventude que tinha sido a recompensa verdadeira. Será que Sebastian não tinha realmente entendido isso? Tinha fingido o tempo todo ou eram as normas da sociedade que o tinham feito repudiar a afinidade deles em sua última carta? Kaj sofria ao pensar que nunca saberia.

Tinha tentado não insistir na outra questão. Desde que haviam dado a notícia da morte de Morgan, ele havia tentado afastar todos os pensamentos de seu filho. Era como se seu cérebro não pudesse aceitar a verdade cruel, mas a luz impiedosa em sua cela forçava imagens que ele lutava para esquecer. Mas um pensamento tinha persistido dolorosamente, a ideia de que isso fosse talvez sua punição. Ele logo o descartou. Não tinha feito nada de errado. Durante anos havia amado outros garotos, e eles o amaram também. Assim tinha sido e assim devia ser. A outra alternativa era muito terrível para que pudesse imaginá-la. Devia ser amor.

Ele sabia que nunca tinha sido um pai para Morgan. Era tão difícil. Mesmo no começo era difícil amar seu filho, e ele admirava Monica porque ela era capaz de mostrar afeição por aquela criança intratável e estranha. Teve outro pensamento. Talvez afirmassem que ele tocara em Morgan. A ideia o deixou furioso. Morgan era seu filho, afinal, sua carne e seu sangue. Ele sabia que era o que diriam. Mas isso só provava como eram tacanhos e limitados. Não era a mesma coisa. O amor entre pai e filho era diferente do amor entre ele e os outros. Estava num nível completamente diferente.

E ele amava Morgan. Sabia que Monica não acreditava, mas era verdade. Simplesmente não sabia como se comunicar com ele. Todas as suas tentativas tinham sido rejeitadas, e às vezes ele se perguntava se Monica, de alguma maneira sutil, poderia ser a responsável por isso. Ela queria o menino só para si. Queria ser única para ele. Kaj foi eficazmente eliminado e, apesar de ela sempre censurá-lo e acusá-lo de não se relacionar com seu filho, sabia que secretamente era exatamente assim que ela queria. E agora era tarde demais para mudar qualquer coisa.

Com a luz fluorescente batendo forte contra ele, deitou-se de lado no chão e ficou em posição fetal.

Até então os detetives médicos na TV tinham resolvido três casos em quarenta e cinco minutos. Tinham feito parecer fácil, mas Patrik estava consciente de que não era tão simples. Ele esperava que Pedersen ligasse amanhã com notícias sobre as cinzas nas roupas de Liam e de Maja.

Foi quando começou um novo caso. Patrik assistia ao programa indiferente e sentia o sono tomando controle, por isso se reclinou no sofá. Mas aos poucos os detalhes do caso começaram a penetrar fundo em sua consciência. Ele se sentou e focou a atenção na tela da TV. Era um caso que havia acontecido nos Estados Unidos havia muitos anos, mas as circunstâncias pareciam estranhamente familiares. Correu para apertar o botão "record" no videocassete, esperando que não estivesse gravando por cima do último episódio de um dos *reality shows* de Erica. Se fizesse isso, suas partes inferiores estariam em risco. Era nessas situações que sua caracimete normalmente ameaçava pegar a velha tesoura.

O legista encarregado das análises contou tudo com grandes detalhes. Mostrou diagramas e fotos para explicar o curso dos eventos o mais claramente possível, e Patrik não teve dificuldades

em acompanhar. Uma ideia começou a se formar na sua mente, e ele voltou a confirmar se o símbolo de “record” estava visível na tela do videocassete. Teria de assistir ao programa mais um par de vezes.

Depois de repetir pela terceira vez, teve certeza. Mas ainda precisava de um pouco de ajuda para a memória. Animado e ciente da urgência da questão, subiu e encontrou Erica no quarto. Maja estava ao lado dela, então Patrik presumiu que a filha estava desfrutando de uma pequena recompensa por ter dormido tão bem no carrinho durante o dia.

– Erica – ele sussurrou e tocou gentilmente o ombro dela. Estava com medo de acordar Maja, mas precisava conversar com Erica.

– Hummm – foi a única resposta, e ela não fez nenhuma tentativa de se mexer.

– Erica, você precisa acordar.

Dessa vez conseguiu uma resposta. Ela olhou ao redor, confusa, e perguntou:

– O quê? O que foi? A Maja acordou? Está chorando? É melhor eu dar uma olhada. – Erica se sentou e estava a ponto de sair da cama.

– Não, não – disse Patrik, fazendo-a ficar na cama. – *Shhhh*, Maja está dormindo pesado. – Ele apontou para o pacotinho de roupas que agora se mexia um pouco.

– Então por que você me acordou? – disse Erica, com voz preguiçosa. – Se acordar a Maja, mato você.

– Porque preciso perguntar algo. E não pode esperar.

Ele rapidamente contou o que tinha descoberto e depois fez a pergunta que estava pensando em sua mente. Depois de um momento de silêncio espantado, ela respondeu. Patrik disse a ela para voltar a dormir, deu um beijo em seu rosto e desceu correndo.

Com uma expressão sombria, discou o número que encontrou na lista telefônica. Cada minuto era importante.

Capítulo 32

Göteborg, 1958

Algo estava errado. Ela tinha deixado passar muito tempo. Um ano e meio tinha se passado desde a morte de Åke, e Per-Erik tinha respondido a seus pedidos de ação com desculpas que continuavam cada vez mais vagas. Atualmente, nem se dava ao trabalho de responder, e as ligações marcando encontros no Hotel Eggers eram poucas e espaçadas. Ela tinha começado a odiar aquele lugar. Os lençóis macios contra sua pele e os móveis impessoais agora a deixavam revoltada. Queria algo mais. Merecia algo melhor. Merecia se mudar para uma mansão, poder receber os convidados nas festas dele, ter respeito, status e ser mencionada nas colunas sociais. Quem ele achava que ela era?

Agnes tremia de raiva sentada atrás do volante. Pelo vidro, via a grande mansão branca de Per-Erik e, por trás das cortinas, percebeu uma sombra se movendo pelos cômodos. O Volvo dele não estava estacionado na entrada. Era terça de manhã, então ele sem dúvida estava no trabalho, e Elisabeth estava sozinha em casa, provavelmente devotando-se a ser a excelente dona de casa que era. Costurando as toalhas de mesa ou polindo a prata ou fazendo alguma outra tarefa chata que Agnes nunca se rebaixaria a fazer. Claro que Elisabeth não tinha ideia de que sua vida estava a ponto de ser esmagada.

Agnes não sentiu a menor hesitação. Nem lhe ocorreu o pensamento de que o comportamento cada vez mais evasivo de

Per-Erik poderiam significar que ele estava perdendo o entusiasmo por ela. Não, devia ser culpa de Elisabeth que ele ainda não fosse um homem livre. Ela fingia ser tão desprotegida, tão pobrezinha e dependente, só para prendê-lo. Mas Agnes via esse fingimento, mesmo que Per-Erik não enxergasse. E se ele não era homem suficiente para enfrentar a esposa, Agnes não tinha tais escrúpulos. Saiu do carro com passos determinados, fechou o casaco de pele por causa do frio de novembro e atravessou rapidamente o caminho até a porta da frente.

Elisabeth abriu depois de apenas dois toques na campainha com um sorriso que fez Agnes contorcer-se de ódio. Ela queria tanto apagar esse sorriso daquele rosto.

– Ora, se não é a Agnes! Que ótima visita.

Agnes viu que Elisabeth estava sendo sincera, ao mesmo tempo que demonstrava curiosidade. Claro que Agnes tinha sido convidada à casa antes, mas somente em jantares e comemorações. Nunca tinha aparecido sem avisar.

– Entre – disse Elisabeth. – Terá de desculpar a bagunça. Se soubesse que você viria, teria arrumado melhor.

Agnes entrou no hall e olhou ao redor para ver a bagunça que Elisabeth mencionara. Podia ver que tudo estava no lugar, o que confirmava a imagem de Elisabeth como a dona de casa perfeita e patética.

– Sente-se, vou fazer um café – disse Elisabeth educada e, antes que Agnes pudesse impedi-la, já estava a caminho da cozinha.

Agnes não tinha a intenção de tomar um café com a mulher de Per-Erik. Tinha planejado fazer o que tinha vindo fazer e ir embora o mais rápido possível, mas tirou seu casaco de pele com relutância e sentou-se no sofá na sala. Assim que se sentou, Elisabeth apareceu trazendo uma bandeja com xícaras e pedaços finos de um

bolo. Colocou a bandeja na mesinha escura e polida. O café já devia estar pronto, pois ela demorou poucos minutos.

Elisabeth sentou-se na poltrona perto do sofá.

– Por favor, coma um pouco de bolo. Eu fiz hoje.

Agnes olhou com desgosto para o bolo saturado de manteiga e açúcar e disse:

– Vou tomar só um pouco de café, obrigada. – Ela pegou uma das duas xícaras de porcelana que estavam na bandeja. Deu um gole no café, que estava forte e muito bom.

– É, posso ver que você ainda cuida do corpo – disse Elisabeth com uma risada, pegando um pedaço do bolo. – Perdi essa batalha depois que tive filhos – falou, apontando para uma foto de seus três filhos, que já eram adultos. Agnes pensou por um momento como eles receberiam a notícia do divórcio de seus pais e sua nova madrasta, mas sentiu-se segura de que com um pouco de esforço, seria capaz de conquistá-los. Com o tempo eles provavelmente veriam quanto ela tinha mais a oferecer a Per-Erik do que Elisabeth.

Viu o bolo se desmanchar na boca de Elisabeth e sua anfitriã pegar outro pedaço. A loucura por doces lembrou Agnes de sua filha, e ela precisou se esforçar para não arrancar o bolo da mão de Elisabeth, da mesma forma que costumava fazer com a garota. Em vez disso, sorriu educadamente e disse:

– Imagino que você deva estar achando um pouco estranho que eu tenha aparecido assim, sem avisar, mas infelizmente tenho algo desagradável para dizer.

– Algo desagradável? E o que seria? – disse Elisabeth num tom que deveria ter alertado Agnes se ela não estivesse tão decidida a fazer aquilo.

– Bom, é assim, veja – disse Agnes, colocando a xícara na bandeja. – Per-Erik e eu acabamos... bem, desenvolvemos um

grande carinho um pelo outro. E nos sentimos assim faz um bom tempo.

– E agora querem construir uma vida juntos – completou Elisabeth. Agnes estava aliviada de que toda a coisa estivesse indo mais fácil do que imaginava. Foi então que olhou para Elisabeth e percebeu que algo estava errado. Algo estava terrivelmente errado. A mulher de Per-Erik estava olhando com um sorriso irônico, e seus olhos estavam duros e frios como Agnes nunca tinha visto antes.

– Entendo que isso possa ser um choque... – começou Agnes, agora insegura se seu discurso tão bem preparado ainda tinha validade.

– Minha querida Agnes, eu sei sobre esse pequeno relacionamento de vocês desde que ele começou. Temos um acordo, Per-Erik e eu, que funciona muito bem para nós dois. Você não achou que fosse a primeira, achou? Ou a última? – disse Elisabeth num tom de voz horrível que fez Agnes sentir vontade de levantar a mão e dar um tapa nela.

– Não sei do que você está falando – disse Agnes, desesperada, sentindo o chão se abrir sob seus pés.

– Não me diga que você não notou que Per-Erik estava começando a perder interesse. Ele não liga tão frequentemente para você, é difícil encontrá-lo e parece distraído quando se encontram. Oh, sim, conheço meu marido bem o suficiente depois de quarenta anos de casamento para saber como ele agiria nessas situações. E também sei que o novo objeto de seu desejo é uma morena de trinta anos que trabalha como secretária na empresa dele.

– Você está mentindo – disse Agnes, vendo o rosto de Elisabeth embaçado como se estivesse no meio de uma neblina.

– Pode acreditar no que quiser. É só perguntar para o próprio Per-Erik. Agora acho que você deveria ir.

Elisabeth se levantou, foi até o hall e ficou segurando, para deixar bem claro o que acabara de dizer, o casaco de pele cinza de Agnes. Ainda incapaz de entender o que Elisabeth tinha dito, Agnes seguiu em silêncio sua anfitriã. Em choque ela ficou parada nos degraus da frente e deixou o vento acariciá-la gentilmente de um lado a outro, sentindo a conhecida raiva crescendo dentro dela. Estava ainda mais forte porque sentia que deveria ter sabido. Nunca deveria ter pensado que podia confiar nos homens. Agora estava sendo punida, sendo traída mais uma vez.

Como se estivesse caminhando sobre a água, foi até o carro que tinha estacionado um pouco longe e ficou sentada no banco de motorista sem se mexer por um bom tempo. Os pensamentos passavam por sua cabeça como formigas, cavando túneis profundos de ódio e desejo de vingança. Todos os eventos do passado que ela já tinha escondido nas profundezas de sua memória agora ressurgiam. Os dedos segurando o volante ficaram brancos. Ela encostou a cabeça no banco e fechou os olhos. Lembrou-se de imagens dos horríveis anos na casa do escultor e conseguiu sentir o cheiro de fumaça e suor dos homens que chegavam em casa depois de um dia de trabalho. Ela se lembrava das dores que sentiu quando os garotos nasceram. O cheiro de fumaça quando as casas em Fjällbacka pegaram fogo, a brisa que passava pelo navio a caminho de Nova York, o barulho das multidões e o som das champanhes se abrindo, o gemidos de prazer dos homens sem rosto que se deitaram com ela, o choro de Mary quando estava abandonada no cais, o som da respiração de Åke cada vez mais devagar até parar, a voz de Per-Erik quando tinha feito muitas promessas. Promessas que nunca teve a intenção de cumprir. Tudo

isso e muitas outras imagens passavam por seus olhos fechados, e nada do que via conseguia diminuir sua fúria, que estava crescendo cada vez mais. Ela tinha feito tudo para ganhar a vida que merecia, recriar o luxo para o qual tinha nascido. Mas a vida, ou o destino, tinha brincado com ela. Todo mundo estava contra ela e tinha feito o máximo para tirar o que era dela por direito: primeiro seu pai, depois Anders, os pretendentes norte-americanos, Åke e agora Per-Erik. Uma longa série de homens cujo denominador comum era que a tinham explorado e traído de várias formas. Com o crepúsculo caindo, todas essas ofensas reais e imaginárias se fundiram num único ponto no cérebro de Agnes. Com um olhar vazio ela se virou para a entrada da casa de Per-Erik, e aos poucos uma grande calma desceu sobre ela, ali sentada no carro. Uma vez antes em sua vida tinha sentido a mesma sensação de calma e sabia que vinha da certeza de que agora só havia um curso de ação possível.

Quando as luzes do carro dele finalmente cortaram a escuridão, Agnes estava sentada ali fazia quase três horas, mas não havia percebido quanto tempo tinha passado. O tempo não tinha a menor importância. Todos os seus sentidos estavam focados na tarefa que tinha à frente, e não havia nenhuma dúvida em sua mente. Toda lógica e todo conhecimento das consequências tinham sido erradicados a favor do instinto e de um desejo de agir.

Com os olhos entrecerrados, viu quando ele estacionou o carro, pegou a maleta que sempre deixava no banco do passageiro e saiu. Enquanto trancava o carro, ela deu a partida e colocou o carro em marcha. Depois, tudo aconteceu muito rápido. Acelerou ao máximo, e o carro voou até seu alvo, que não suspeitava de nada. Subiu na calçada, mas só quando o carro estava a poucos metros Per-Erik sentiu que havia algo errado e se virou. Por uma fração de segundo seus olhos se encontraram e depois ele foi atingido no meio do

corpo e jogado contra a lateral de seu próprio carro. Com os braços esticados, sucumbiu sobre o capô do carro de Agnes. Viu seu olhos tremerem e depois se fecharem aos poucos.

Atrás do volante, ela sorria. Ninguém a traía e saía ileso.

Anna acordou com o mesmo sentimento de desesperança de toda manhã. Não conseguia se lembrar da última vez que tinha dormido uma noite inteira. Em vez disso, devotava as horas na escuridão para pensar como podia escapar com as crianças dessa situação na qual ela mesma tinha colocado a todos.

Lucas dormia calmamente perto dela. Às vezes, se virava durante o sono e colocava seu braço sobre Anna, que precisava se controlar para não pular da cama de nojo. Não valia a pena o que se seguiria.

Nos últimos dias, tudo parecia ter se acelerado. As explosões dele tinham ficado mais frequentes, e ela sentia como se, juntos, estivessem presos a uma espiral que estava indo cada vez mais rápido, levando-os direto para o abismo. Só um deles retornaria desse precipício. Qual dos dois seria, ainda não dava para saber. Mas os dois não podiam existir ao mesmo tempo. Ela tinha lido em algum lugar sobre uma teoria de que havia um universo paralelo com um gêmeo paralelo de todo organismo vivo, e se você alguma vez encontrasse seu gêmeo, os dois seriam instantaneamente aniquilados. Era o que acontecia com ela e Lucas, mas a destruição deles era mais lenta e mais sofrida.

Havia vários dias que não saíam do apartamento.

Quando ouviu a voz de Adrian vindo do colchão no canto, ela se levantou lentamente para cuidar dele. Não seria bom acordar Lucas.

Juntos foram até a cozinha e começaram a preparar o café da manhã. Lucas comia quase nada ultimamente e ficara tão magro que suas roupas estavam folgadas. Mas ele ainda exigia ter três refeições diárias na mesa em horários específicos.

Adrian chorou e se recusou a se sentar no cadeirão. Ela tentava desesperadamente fazê-lo ficar quieto, mas o menino estava de mau humor porque tinha dormido mal à noite. Parecia ser sempre assombrado por pesadelos. Agora estava chorando cada vez mais alto, e nada do que Anna fizesse parecia ajudar. Cada vez mais desesperada, ela ouviu Lucas se mexer no quarto e, ao mesmo tempo, Emma começou a gritar. O instinto de Anna lhe dizia para fugir, mas ela sabia que era impossível. Tudo que podia fazer era se preparar e, no melhor dos casos, tentar proteger as crianças.

– *What the fuck is going on here?*¹ – Lucas gritou em inglês. Ele estava parado na porta e o olhar tinha voltado. Era um olhar vazio, insano e frio, e ela sabia que acabaria significando o fim deles.

– *Can't you get your children to shut the fuck up?*² – Agora seu tom não era mais alto e amedrontador, estava quase gentil. Esse era o tom que ela mais temia.

– Estou fazendo o melhor que posso – ela respondeu em sueco e percebeu como sua voz parecia estridente.

Sentado no cadeirão, Adrian tinha agora passado a um ataque de histeria. Ele gritava e batia na mesinha com a colher.

– Não comer! Não comer! – ele repetia.

Desesperada, Anna tentou novamente fazê-lo ficar quieto, mas o garoto estava tão agitado que não conseguia parar.

– Você não precisa comer. Tudo bem. Não precisa – ela disse para acalmá-lo e começou a tirá-lo da cadeira.

– Ele vai comer a maldita comida – disse Lucas, a voz ainda calma. Anna sentiu-se congelar. Adrian agora lutava selvagemmente

porque ela não o colocara no chão como prometido, e ao contrário, estava tentando forçá-lo a voltar para o cadeirão.

– Não comer, não comer! – ele gritava o máximo que podia, e Anna precisou usar toda a sua força para mantê-lo na cadeira.

Com uma determinação fria, Lucas pegou um dos pedaços de pão que Anna tinha colocado na mesa. Colocou uma mão na cabeça de Adrian e segurou forte, com a outra, começou a forçar o pão em sua boca. O menino começou a bater os braços, primeiro com raiva depois com pânico crescente, já que o grande pedaço de pão tomava toda a sua boca, dificultando a respiração.

Anna ficou quase paralisada no começo, depois todo o seu instinto maternal tomou conta, e o medo que sentia de Lucas desapareceu por completo. O único pensamento em sua cabeça era que seus filhos precisavam de proteção, e a adrenalina se espalhou por sua corrente sanguínea. Com um grito primitivo, tirou a mão de Lucas e rapidamente puxou o pão da boca de Adrian, que agora estava chorando. Depois, virou-se para enfrentá-lo.

O vértice estava descendo cada vez mais rápido em direção ao abismo.

Mellberg também acordou sentindo-se estranho, mas por razões bem mais egoístas. Durante a noite, tinha acordado várias vezes por causa de um sonho, e a cena era sempre a mesma. Estava sendo demitido em circunstâncias vergonhosas. Isso simplesmente não devia acontecer. Deveria existir alguma forma de escapar da responsabilidade dos infelizes eventos de ontem. O primeiro passo era demitir Ernst. Dessa vez não havia alternativa. Mellberg estava consciente de que antes poderia ter sido muito indulgente com Lundgren, mas é porque até certo ponto sentia que eram almas parecidas. Pelo menos tinha mais coisas em comum com ele do que com as outras figuras insípidas da delegacia. Mas, ao contrário de

Mellberg, Ernst agora havia demonstrado uma devastadora falta de bom senso, e isso tinha sido um erro fatal. Ele realmente achava que Lundgren fosse mais esperto.

Suspirou e sentou-se na cama. Sempre dormia só de cueca, e então mexeu no saco para se coçar e arrumar seu equipamento. Mellberg olhou para o relógio. Faltava pouco para as nove. Quase atrasado para o trabalho, mas ninguém tinha saído de lá antes das oito na noite passada, porque tiveram de cuidar de todos os detalhes do que tinha acontecido. Ele já tinha começado a embelezar o relatório para seus superiores. A coisa mais importante era manter os fatos bem esclarecidos e não fazer muita besteira. Controle de danos era o jogo agora.

Foi até a sala e parou por um momento para olhar para Simon. Estava deitado no sofá, roncando com a boca aberta e uma perna no chão. As cobertas tinham caído, e Mellberg não pôde deixar de pensar que tinha transmitido seu físico para o filho. Simon não era um magrelo, mas um jovem forte que certamente seguiria os passos do pai se quisesse.

Ele chacoalhou o garoto.

– Ei, Simon, hora de acordar.

O garoto o ignorou e virou de lado, com o rosto para o sofá.

Mellberg continuou cutucando o garoto. Naturalmente, também apreciava a chance de dormir um pouco mais, mas aquilo não era um acampamento de férias.

– Você me ouviu? Hora de levantar, eu falei.

Ainda nenhuma reação e Mellberg suspirou. Bem, teria de usar artilharia pesada.

Foi até a cozinha, deixou a água correr até ficar gelada, encheu um jarro e caminhou tranquilamente até a sala. Com um sorriso

maldoso nos lábios, jogou a água gelada no corpo descoberto do filho e conseguiu o que queria.

– Que porra! – gritou Simon levantando correndo do sofá. Tremendo, ele agarrou uma toalha do chão para se secar.

– Que merda você acha que está fazendo? – disse bravo e colocou uma camiseta com uma caveira e o nome de uma banda de heavy metal.

– O café será servido em cinco minutos – disse Mellberg, que foi assobiando para a cozinha. Por um breve momento, tinha esquecido as preocupações relacionadas com a carreira e estava extremamente feliz com o plano que havia desenvolvido para as futuras atividades de pai e filho. Como não havia clubes pornô nem cassinos, eles tinham de se conformar com o que existia, e em Tanumshede isso significava o museu petróglifo. Não porque estivesse especialmente interessado em rabiscos gravados na pedra, mas ao menos era algo que podiam fazer juntos. Porque tinha decidido que esse seria o novo tema do relacionamento deles – coisas para fazer juntos. Chega de ficar jogando videogame horas a fio, chega de assistir à TV até tarde da noite, já que isso conseguia matar toda a comunicação. Em vez disso, iam jantar juntos e ter ótimas conversas e depois talvez jogassem Banco Imobiliário.

Entusiasmado, ele apresentou seus planos para Simon durante o café da manhã, mas teve de admitir que ficou um pouco desapontado com a reação do garoto. Lá estava ele tentando fazer tudo para que pudessem se conhecer melhor. Estava renunciando às atividades de que mais gostava e se sacrificando para ir ao museu com o filho. A resposta de Simon foi ficar sentado ali, olhando taciturno para sua tigela de Rice Krispies. Mimado, era o

problema dele. Sua mãe tinha enviado o menino no momento certo. O garoto precisava de disciplina e orientação.

Mellberg suspirou ao sair para o trabalho. Ser pai era muita responsabilidade.

Patrik estava no trabalho às oito. Também tinha dormido mal, meio que esperando que a manhã chegasse e ele pudesse fazer o que tinha de ser feito. A primeira coisa era verificar se a conversa da noite passada tinha feito alguma diferença. Com o dedo um pouco trêmulo, discou o número que agora sabia de cor.

– Hospital Uddevalla.

Ele deu o nome do médico com quem queria falar e esperou impaciente enquanto era transferido. Depois do que pareceu uma eternidade, alguém atendeu.

– Isso, olá, aqui é Patrik Hedström. Conversamos na noite passada. Queria saber se minha informação foi útil.

Ele ouviu tenso e depois fez um gesto de vitória com o punho fechado. Sim! Ele estava certo!

Depois de desligar, começou a assobiar enquanto pesava as consequências, agora que seu palpite estava certo. Eles teriam muito a fazer hoje.

A segunda ligação foi para o promotor. Ele tinha ligado com um pedido idêntico menos de um ano antes e, como o que pedia era tão incomum, esperava que o promotor não tivesse um ataque.

– É, o senhor ouviu corretamente. Preciso de permissão para fazer uma exumação. Isso, de novo. Não, não é a mesma sepultura. Já abrimos aquela, não foi? – ele falava de forma tranquila e clara, e tentava não parecer impaciente. – Sim, é urgente dessa vez também, e eu ficaria muito grato se o pedido pudesse ser processado imediatamente. Todos os documentos necessários estão sendo enviados por fax. Você provavelmente já os recebeu. E os

documentos se referem a dois pedidos, tanto a ordem de exumação quanto a ordem de busca e apreensão.

O promotor ainda parecia duvidar, e Patrik sentiu a irritação crescer. Com a voz um pouco dura, falou:

– Estamos investigando o homicídio de uma criança, e a vida de outra pessoa pode estar em risco. Não é um pedido que faço de forma vã. Estou fazendo depois de pensar muito e só porque o progresso da investigação exige. Então, estou contando com o seu escritório para superar as barreiras do processo o mais rápido possível. Gostaria de receber uma resposta antes do almoço. Em relação aos dois assuntos.

Depois desligou e esperou que essa pequena explosão não tivesse o efeito oposto e atrapalhasse a coisa toda. Mas era um risco que precisava correr.

Com a pior tarefa resolvida, fez uma terceira ligação. Pedersen parecia cansado quando atendeu.

– Alô, Hedström – disse.

– Bom dia, bom dia. Parece que você precisou trabalhar a noite passada.

– Sim, aconteceram muitas coisas nas últimas horas. Mas estamos prestes a ver o fim de tudo, só preciso terminar uma papelada e vou embora.

– Parece que foi uma noite difícil – disse Patrik e sentiu-se um pouco culpado porque tinha ligado para o legista para reclamar depois do que tinha sido uma jornada realmente difícil.

– Presumo que você quer os resultados dos testes das cinzas nas roupas. Na verdade, eu os recebi ontem à tarde, mas depois as coisas ficaram loucas por aqui. – Deu um suspiro exausto. – É verdade que o macacão é da sua filha?

– Isso mesmo – disse Patrik. – Tivemos um horrível incidente em casa outro dia, mas ainda bem que ela não se machucou.

– Bom ouvir isso – disse Pedersen. – Entendo por que está tão interessado no resultado.

– Não vou negar isso. Mas na verdade, não achei que você já os tivesse. Então, o que descobriu?

Pedersen limpou a garganta.

– Vejamos... Sim, não parece haver nenhuma dúvida. A composição das cinzas é idêntica às aquelas encontradas no pulmão da garota.

Ao expirar, Patrik percebeu como estava tenso.

– Então é isso.

– É isso – disse Pedersen.

– Você foi capaz de confirmar a origem das cinzas? São de um animal ou de um ser humano?

– Infelizmente, não fomos capazes de determinar isso. Os restos estavam muito deteriorados, e as cinzas são muito finas. Com mais amostras talvez conseguíssemos, mas...

– Vou esperar as informações de uma busca e apreensão que vamos fazer. Procurar as cinzas está no topo de nossa lista. Se encontrarmos, mando diretamente para análise. Talvez você possa encontrar algumas partículas maiores – disse Patrik, esperançoso.

– Claro, mas não conte muito com isso – disse Pedersen.

– Não conto mais com nada. Mas sempre posso ter esperanças.

Com as formalidades resolvidas, Patrik batia o pé impaciente no chão. Antes da chegada da decisão do promotor não havia muitas coisas práticas que pudesse fazer. Mas sabia que não seria capaz de ficar sentado em sua mesa por algumas horas sem fazer nada.

Tinha ouvido os outros chegando para trabalhar, então decidiu convocar uma reunião. Todos precisavam ser atualizados, e ele

percebeu que vários de seus colegas se espantariam com o que ele começara a fazer na noite anterior e naquela manhã.

Ele estava certo. Fizeram muitas perguntas. Patrik respondeu da melhor maneira possível, mas ainda havia muitas coisas que não conseguia explicar. Muitas coisas.

Charlotte esfregou os olhos tentando acordar. Ela e Lilian conseguiram descansar num pequeno quarto perto da UTI, mas nenhuma delas conseguiu dormir direito. Como Charlotte não tinha trazido nada de casa, dormiu vestida e se sentiu toda amarrotada e suja quando se sentou e começou a se espreguiçar.

– Tem um pente? – perguntou à mãe, que também estava sentada na cama.

– Acho que sim – disse Lilian, procurando em sua bolsa velha. Encontrou um lá no fundo e o entregou para Charlotte.

No banheiro, Charlotte parou diante do espelho e se observou, criticamente. A luz era exageradamente brilhante, mostrando claramente os círculos escuros embaixo de seus olhos e os cabelos estranhos, com um penteado meio psicodélico. Ela penteou cuidadosamente os fios emaranhados, até seu cabelo recuperar, mais ou menos, seu estilo normal. Ao mesmo tempo, tudo relacionado a sua aparência parecia tão sem sentido agora. Sara continuava rondando sua cabeça, deixando seu coração apertado.

Seu estômago fez barulho, mas antes de descer até a cafeteria, queria encontrar um médico que pudesse lhe dizer como estava Stig. Ela havia acordado e se preparado para ver um médico com expressão séria no rosto todas as vezes que ouviu passos do lado de fora durante a noite. Ninguém a incomodou, então ela supôs que nenhuma notícia era o melhor que podiam ter nesse caso. Mas ainda queria ouvir algo, então saiu para o corredor, sem saber

muito bem para onde devia ir. Uma enfermeira que passava mostrou o caminho até a sala dos médicos.

Ela pensou se devia ligar para casa antes, mas decidiu esperar até depois da conversa com o médico. Niclas e Albin ainda deveriam estar dormindo, e ela não queria arriscar acordá-los cedo demais. Albin acabaria ficando de mau humor o resto do dia.

Ela enfiou a cabeça na sala que a enfermeira tinha apontado e limpou a garganta baixinho. Um homem alto bebia café e folheava uma revista. Pelo que Niclas tinha contado, era incomum que um médico tivesse tempo de se sentar, e ela sentia-se quase embaraçada por incomodá-lo. Mas lembrou por que estava ali e pigarreou um pouco mais alto. Dessa vez ele ouviu e virou-se com um olhar inquisidor.

– Pois não?

– Desculpe, mas meu padrasto, Stig Florin, foi internado ontem, e não tivemos notícias desde a noite passada. Você sabe como ele está?

Estava imaginando coisas ou o médico a olhou de uma forma estranha? Se foi o caso, ele recuperou a normalidade rapidamente.

– Stig Florin? Oh, sim, nós estabilizamos seus sinais vitais durante a noite, e ele está acordado agora.

– Está? – disse Charlotte, alegre. – Podemos vê-lo? Minha mãe está aqui também.

Mais uma vez a expressão. Charlotte estava começando a sentir-se desconfortável, apesar das boas notícias. Havia algo que ele não estava contando?

A resposta foi hesitante:

– Eu... eu acho que não é uma boa ideia ainda. Ele continua fraco e precisa descansar.

– É, mas você poderia deixar minha mãe entrar por um momento, não? Não seria ruim e poderia até ajudar. Eles são muito próximos.

– Posso imaginar – disse o médico. – Mas infelizmente vai ter de esperar. No momento, ninguém pode ver o sr. Florin.

– Mas por quê...?

– Você terá de esperar – disse o médico, de forma brusca, e ela começou a ficar brava com ele. Não havia algum tipo de treinamento para ensinar como os médicos deviam tratar os parentes? Ele estava à beira de ser rude. Podia agradecer a sorte por ter conversado com ela e não com Lilian. Se tivesse tratado sua mãe assim, ouviria tanto que suas orelhas cairiam no chão. Charlotte sabia que era muito complacente nesse tipo de situação, então simplesmente murmurou algo e depois voltou ao corredor.

Pensou no que ia falar para a mãe. Algo parecia estranho. As coisas não estavam bem, mas ela não conseguia entender o que estava errado. Talvez Niclas pudesse explicar. Decidiu assumir o risco e acordá-los em casa. Discou o número no celular. Quem sabe ele não poderia acalmá-la. Ela já sentia que provavelmente estava imaginando coisas.

Depois da reunião, Patrik pegou o carro e foi até Uddevalla. Era impossível ficar sentado e esperar; tinha de fazer algo. Durante todo o caminho ficou repassando suas opções. Todas eram igualmente desagradáveis.

Falaram onde era a UTI, mas ainda assim ele se perdeu algumas vezes antes de encontrá-la. Por que era tão difícil encontrar o caminho num hospital? Deve ter a ver com seu péssimo senso de direção. Erica era a navegadora da família. Às vezes, pensava que ela tinha algum tipo de sexto sentido para conseguir encontrar a direção certa.

Ele parou uma enfermeira.

– Estou procurando Rolf Wiesel. Onde posso encontrá-lo?

Ela apontou para o fim do corredor. Um homem alto num jaleco branco caminhava ao fundo, e Patrik o chamou:

– Doutor Wiesel?

O homem se virou.

– Sim?

Patrik foi até ele e estendeu a mão.

– Patrik Hedström, polícia de Tanumshede. Conversamos ontem à noite.

– Ah, sim – disse o médico, apertando a mão de Patrik. – Você ligou no momento exato, tenho de dizer. Não saberíamos que tipo de tratamento realizar, se não fosse por sua informação e, sem o tratamento certo, provavelmente ele estaria morto.

– Fico feliz por ter ajudado – disse Patrik, sentindo-se embaraçado pelo entusiasmo do homem. Mas um pouco orgulhoso também. Não era todo dia que salvava a vida de alguém.

– Venha comigo – disse o dr. Wiesel, apontando para a porta que levava à sala dos médicos. Patrik o seguiu.

– Gostaria de um pouco de café?

– Sim, obrigado – disse Patrik, percebendo que tinha se esquecido de tomar café na delegacia. Havia tantos pensamentos em sua cabeça que se esquecerá até dessa parte tão importante de sua rotina matinal.

Eles se sentaram em uma mesa grudada e deram uns goles no café, que tinha um sabor tão ruim quanto o da delegacia.

– Desculpe, acho que foi feito há muito tempo – disse o dr. Wiesel, mas Patrik levantou a mão como um sinal de que não se importava.

– Então, como chegou à conclusão de que nosso paciente tinha sido envenenado por arsênico? – perguntou o médico com curiosidade.

Patrik contou que estava assistindo ao programa do Discovery Channel e tivera a ideia de juntar certas informações que tinha recebido anteriormente.

– Bom, não é uma toxina comum, e por isso foi difícil identificá-la – disse o dr. Wiesel, balançando a cabeça.

– Qual é o prognóstico agora?

– Ele vai sobreviver. Mas vai sofrer os efeitos pelo resto da vida. Provavelmente está ingerindo arsênico há muito tempo, e parece que a última dose foi enorme. Mas só vamos conseguir determinar isso mais tarde.

– Analisando o cabelo e as unhas? – perguntou Patrik, que tinha tirado isso do programa da noite passada.

– Isso, exatamente. O arsênico permanece no cabelo e nas unhas. Analisando a quantidade e comparando com a velocidade de crescimento do cabelo e das unhas, podemos determinar exatamente quando ele recebeu as doses de arsênico e até quanto recebeu.

– E tomaram medidas para que ele não receba visitas?

– Sim, demos a ordem ontem à noite, quando confirmamos que era realmente envenenamento por arsênico. Nenhum visitante foi autorizado, exceto a equipe médica. A enteada acabou de vir aqui perguntar sobre ele. Falei somente que sua condição era estável e que ainda não podiam vê-lo.

– Ótimo – disse Patrik.

– Sabe quem é o responsável? – perguntou o médico cauteloso.

Patrik pensou por um momento antes de responder.

– Temos nossas suspeitas. Espero que possamos confirmá-las hoje.

– Espero que sim. Qualquer pessoa capaz de fazer algo assim não deveria ficar livre. O envenenamento por arsênico desencadeia sintomas bastante dolorosos antes da morte. A vítima passa por terríveis sofrimentos.

– Entendo – disse Patrik, com a cara fechada. – Ouvi dizer que há uma doença que pode ser confundida com envenenamento por arsênico.

O médico assentiu.

– Guillain-Barré. O próprio sistema imunológico do corpo começa a atacar os nervos e destruir a bainha de mielina. Isso produz sintomas muito parecidos com o envenenamento por arsênico. Se você não tivesse nos ligado, não é difícil imaginar que teríamos chegado a esse diagnóstico.

Patrik sorriu.

– É bom ter sorte de vez em quando. – Mas voltou a ficar sério. – Mas, como eu disse, não deixe ninguém entrar no quarto. Vamos tentar fazer nosso trabalho essa tarde.

Eles se cumprimentaram, e Patrik voltou ao corredor. Pensou por um momento ter visto Charlotte a distância. Foi antes de a porta se fechar atrás dele.

1* Que merda está acontecendo aqui?

2** Você não consegue fazer seus filhos calarem a boca, porra?

Capítulo 33

Gothenburg 1958

Foi numa terça que sua vida chegou ao ponto mais baixo. Uma terça fria, cinzenta, enevoada em novembro que ficaria gravada para sempre em sua memória. Apesar de não se lembrar de muitos detalhes, para falar a verdade. Ela se lembrava principalmente que os amigos de seu pai tinham vindo e contado que sua mãe fizera algo terrível e que Mary teria de acompanhar a senhora do Serviço Social. Tinha visto no rosto dele que sentiam o peso na consciência por não quererem levá-la por pelo menos alguns dias. Mas nenhum dos amigos esnobes de seu pai queria, provavelmente, ter uma garota tão horrivelmente gorda como ela em casa. Então, na falta de qualquer outro parente, ela tinha de fazer uma mala com seus pertences mais importantes e ir com a velha senhora que veio pegá-la.

Só se lembraria dos anos seguintes em seus sonhos. Não eram bem pesadelos; ela na verdade não tinha motivos para reclamar das três casas pelas quais passou até completar dezoito anos. Mas elas deixaram uma sensação de que não significava nada para ninguém, a não ser motivo de curiosidade. Pois era isso o que se tornava uma garota de catorze anos obscenamente gorda e filha de uma assassina. Suas várias famílias adotivas não tinham nem o desejo nem a energia para conhecer a garota que lhes tinha sido designada pelo Serviço Social. Por outro lado, não tinha nada

melhor a fazer do que focar sobre sua mãe, quando os amigos curiosos vinham visitar só para espia-la. Odiava todos eles.

Acima de tudo, odiava sua mãe. Porque tinha abandonado sua única filha. Odiava porque Mary tinha significado tão pouco em comparação com um homem; estava preparada para sacrificar tudo por ele, mas nada por sua filha. Quando pensava no que tinha sacrificado por sua mãe, a humilhação parecia ainda maior. Sua mãe a usou, agora podia ver isso. Aos catorze anos, ela também entendeu o que deveria ter visto havia muito tempo. Que sua mãe nunca a amou. Tinha tentado se convencer de que aquilo que sua mãe tinha dito era verdade. Que fazia tudo aquilo porque a amava. As surras, o porão e as colheradas de Humildade. Mas não era verdade. Sua mãe se divertia machucando Mary, porque realmente a desprezava e ria dela.

Foi por isso que Mary decidiu levar somente uma coisa de casa consigo. Tinham deixado que voltasse ao apartamento por uma hora para escolher algumas coisas; o resto seria vendido, juntamente com o apartamento. Ela caminhou pelos aposentos enquanto as memórias voltavam a sua mente: seu pai na poltrona, com os óculos na ponta do nariz, absorto no jornal; sua mãe em frente ao espelho, ocupada preparando-se para uma festa; ela mesma, entrando escondida na cozinha para tentar encontrar algo para comer. Todas as imagens apareceram para Mary como se fosse um caleidoscópio louco, e ela sentiu seu estômago revirar. No segundo seguinte, correu para o banheiro e vomitou uma massa tão fedida que seus olhos se encheram de lágrimas. Limpou a boca com a mão, sentou-se apoiando as costas na parede e chorou com a cabeça apoiada nos joelhos.

Quando deixou o apartamento, só levava consigo uma única coisa. A colher de madeira azul. Cheia de Humildade.

Ninguém fez objeções quando Niclas tirou o dia de folga. Aina tinha até murmurado algo sobre já estar na hora e depois cancelou todas as consultas do dia.

Niclas estava ajoelhado no chão atrás de Albin, que corria como louco ao redor de todas as coisas espalhadas no chão. Ainda estava de pijama apesar de já ser tarde. Mas não importava. Ia ser um dia daqueles; até Niclas ainda estava usando a mesma camiseta e o moletom com que tinha dormido. Albin ria de uma maneira que Niclas nunca tinha ouvido antes, o que o fez perseguir o filho ainda mais rápido.

Com uma pontada no peito, percebeu que não tinha lembranças de brincar com Sara da mesma maneira. Sempre estava tão ocupado. Tão cheio de sua própria importância e tudo que queria fazer e conseguir. Sentindo-se um pouco superior, tinha deixado toda a parte da brincadeira com as crianças para Charlotte, que era boa naquilo. Mas pela primeira vez se questionava se não tinha sido ele quem havia criado aquele espaço vazio. De repente, pensou em algo que o fez parar e respirar rápido. Não sabia qual era a brincadeira favorita de Sara. Ou qual programa de TV ela mais gostava de assistir, ou se ela preferia pintar com o giz de cera azul ou vermelho. Ou qual era sua matéria favorita na escola ou qual livro ela gostava que Charlotte lesse antes de dormir. Não sabia nada de importante sobre a filha. Absolutamente nada. Podia ter sido a filha do vizinho, a julgar pelo pouco que sabia sobre ela. Achava que a menina era difícil, teimosa e agressiva. Que ela machucava o irmão menor, destruía as coisas em casa e atacava os colegas na escola. Mas nenhuma dessas coisas era Sara – eram só coisas que ela fazia. A percepção o fez se encolher no chão

atormentado. Agora era tarde demais para conhecê-la. Estava morta.

Albin pareceu sentir que algo estava errado. Parou de correr como um louco, aproximou-se de Niclas e se aninhou como um pequeno animal contra seu corpo. Os dois ficaram ali parados, juntos.

Vários minutos depois, a campainha tocou. Niclas levantou-se e Albin olhou ao redor, nervoso.

– Não se preocupe – disse Niclas. – Deve ser algum estranho vendendo alguma coisa.

Ele pegou o menino no colo e foi abrir a porta. Do lado de fora, estava Patrik com alguns desconhecidos atrás dele.

– O que foi agora? – disse Niclas, cansado.

– Temos um mandado para fazer uma busca na casa – disse Patrik, levantando o documento como prova.

– Mas vocês já estiveram aqui uma vez – disse Niclas, atônito, enquanto olhava o documento. Quando estava na metade, seus olhos se abriram, e ele olhou confuso para Patrik.

– Que merda é essa? Tentativa de assassinato de Stig Florin? Você deve estar brincando.

Mas Patrik não estava rindo.

– Infelizmente, não. Ele está sendo tratado agora mesmo por envenenamento por arsênico. Quase não sobreviveu à noite passada.

– Envenenamento por arsênico? – disse Niclas, surpreso. – Mas como...? – Ele ainda não conseguia entender o que estava acontecendo e por isso não saía do caminho.

– É o que queremos descobrir. Então, se nos der licença...

Sem falar nada, Niclas abriu passagem. Os homens atrás de Patrik pegaram as maletas e o equipamento e entraram com um

olhar determinado.

Patrik ficou para trás com Niclas no corredor e pareceu hesitar um momento antes de dizer:

– Também conseguimos uma permissão para exumar o corpo de Lennart. Isso também já deve estar acontecendo.

Niclas sentiu o queixo cair. O que estava acontecendo era simplesmente irreal demais para que compreendesse.

– Mas por quê? O quê... quem...? – ele gaguejou.

– Não podemos explicar tudo agora, mas temos boas razões para acreditar que ele também foi envenenado por arsênico. Apesar de não ter tido tanta sorte quando Stig – acrescentou Patrik, com tristeza. – Mas agora eu apreciaria se você ficasse fora do caminho e deixasse meus homens trabalharem.

Patrik não esperou a resposta e foi entrando na casa.

Sem saber o que fazer, Niclas foi para a cozinha e se sentou, ainda com Albin nos braços. Colocou-o no cadeirão e o subornou com um biscoito para que ficasse quieto. Em sua mente, as perguntas voavam.

Martin tremia por causa do vento. Seu casaco não oferecia muita proteção contra os ventos que sopravam no cemitério. Assim que chegaram havia começado a garoar também.

Toda a operação o deixava mal. Ele tinha participado de poucos funerais e ficar ali, parado, olhando um caixão ser tirado da terra, em vez de enterrado, parecia tão errado quanto ver um filme de trás para a frente. Entendeu por que Patrik tinha pedido que acompanhasse o trabalho. O colega já tinha passado por essa experiência uma vez, alguns poucos meses antes, e uma vez na vida era suficiente. Confirmando essa ideia, pensou ter ouvido um dos coveiros murmurar:

– Vocês devem ficar apostando na delegacia para ver quantos presuntos a gente consegue desenterrar em menos tempo.

Martin não respondeu, pensando que provavelmente não valia a pena fazer mais pedidos ao promotor por algum tempo.

Torbjörn Ruud parou ao lado dele. Não pôde evitar o comentário:

– Suponho que seria melhor começar a enterrar os caixões aqui em Fjällbacka com elásticos. Então só seria preciso puxá-los quando vocês quisessem.

Martin não resistiu a dar um sorriso fraco, apesar de não ser o melhor momento, e os dois estavam lutando para não rir quando o celular de Torbjörn tocou.

– Sim, é o Ruud. – Ele ouviu, depois desligou e disse para Martin: – Estão indo para a casa dos Florin agora. Mandamos três homens para lá e dois para cá, depois veremos se será necessário nos reorganizarmos.

– O que exatamente vocês precisam fazer aqui. Agora, quero dizer? – disse Martin curioso.

– Não há muito a fazer. No momento, estamos apenas olhando para garantir que tudo seja removido com o mínimo de contaminação possível. Depois vamos tirar um pouco de amostras do solo também. Mas o mais importante é levar o corpo para o legista, para que ele possa começar a recolher as amostras de que precisa. Assim que o caixão tiver sido despachado, vamos para a casa dos Florin ajudar na busca. Você vem também, não?

Martin assentiu.

– Sim, acho que deveria – ele fez uma pausa. – Que maldita bagunça, isso tudo.

Ruud assentiu.

– Bagunça é pouco.

A conversa terminou ali, e eles ficaram em silêncio enquanto esperavam os homens terminarem o trabalho. Um pouco depois apareceu o caixão. Lennart Klinga voltava à superfície.

Todo o seu corpo doía. Stig vislumbrava sombras borradas ao seu redor que desapareciam repentinamente. Tentou abrir a boca para falar, mas nenhuma parte de seu corpo parecia obedecê-lo. Era como se tivesse lutado um round contra Mike Tyson e perdido feio. Por um momento ele se perguntou se estava morto. Ninguém podia se sentir assim e ainda estar vivo.

O pensamento o deixou em pânico, e ele usou toda a energia que tinha para tentar fazer suas cordas vocais funcionarem. Em algum lugar muito longe pensou ter ouvido um som estranho que poderia ser sua própria voz.

Era. Uma das sombras se aproximou e ganhou contornos mais nítidos. Um rosto feminino apareceu, e ele apertou os olhos para tentar focar.

– Onde? – conseguiu falar e esperava que ela tivesse entendido o que queria dizer. Ela entendeu.

– Você está no Hospital Uddevalla, Stig. Está aqui desde ontem.

– Vivo? – perguntou.

– Está vivo, sim – disse a enfermeira com um sorriso. Ela tinha um rosto redondo e aberto. – Foi por pouco, preciso dizer, mas agora o pior já passou.

Se pudesse rir, ele teria rido. “O pior já passou”. Claro, claro, fácil para ela dizer. Não sabia como cada fibra de seu corpo queimava e como tudo doía, até os ossos. Mas estava realmente vivo, de qualquer forma. Com esforço, tentou formar mais algumas palavras com os lábios.

– Senhora? – não conseguiu falar o nome dela. Por um momento, pensou que uma estranha expressão passou pelo rosto da

enfermeira, mas depois desapareceu. Sem dúvida era a dor brincando com ele.

– Agora você precisa descansar – disse a enfermeira. – Logo poderá receber visitas.

Ficou contente com isso. A exaustão caiu sobre ele, e Stig estava disposto a se deixar levar. Não estava morto, isso era o mais importante. Estava num hospital, mas não estava morto.

Com grande cuidado, vasculhavam todos os cantos da casa. Não podiam correr o risco de deixar escapar nada, mas não tinham o dia todo também. Quando terminassem ia parecer que um furacão tinha passado pela casa, mas Patrik sabia o que precisavam encontrar, e tinha certeza de que estava ali em algum lugar. Não pretendia ir embora até encontrar.

– Como está indo? – era a voz de Martin na porta.

Patrik se virou.

– Estamos na metade do primeiro andar. Nada ainda. E você?

– Bom, o caixão está a caminho. Uma experiência completamente surreal, devo dizer.

– Pode apostar que aquela cena vai aparecer em algum pesadelo, cedo ou tarde. Tive uns dois deles, com mãos de esqueleto saindo do caixão e coisas assim.

– Pare com isso – disse Martin com uma careta. – Ainda não encontraram nada? – ele perguntou, principalmente como uma forma de se livrar das imagens que Patrik tinha colocado em sua cabeça.

– Não, nada – respondeu Patrik, frustrado. – Mas deve estar aqui, eu sinto isso.

– Sempre achei que você tinha um lado feminino forte, então deve ser intuição feminina – disse Martin, com um sorriso no rosto.

– Vá encontrar algo útil para fazer em vez de ficar aqui, parado, insultando minha masculinidade.

Martin obedeceu e foi encontrar um canto para ajudar nas buscas.

Um sorriso surgiu nos lábios de Patrik, mas logo desapareceu. Imaginava diante de si o pequeno corpo de Maja nas mãos de um assassino, e a fúria que sentia era tão forte que via tudo vermelho.

Duas horas depois, ele começou perder o ânimo. Todo o primeiro andar e o porão tinham sido revirados e nada fora encontrado. Mas podiam confirmar que Lilian era uma dona de casa muito zelosa. Os técnicos tinham juntado alguns recipientes no porão, mas seria preciso levar ao laboratório para analisar. Talvez ele estivesse errado, afinal de contas. Mas depois se lembrou do conteúdo da fita de vídeo que havia assistido muitas vezes na noite anterior e sentiu sua determinação voltar. Ele não estava errado. Não podia estar. Estava aqui. A única pergunta era: "Onde?".

– Vamos continuar no andar de cima? – perguntou Martin, apontando para as escadas.

– Exato. Não acho que deixamos escapar algo aqui. A gente olhou cada milímetro.

Toda a equipe subiu. Niclas saíra para passear com Albin, a fim de deixá-los trabalhar.

– Vou começar pelo quarto de Lilian – avisou Patrik.

Ele entrou no quarto à direita da escada e olhou ao redor. O quarto de Lilian estava bem arrumado, como o resto da casa, e a cama tinha sido feita de forma tão perfeita que seria aprovada numa inspeção do exército. Por outro lado, o quarto era bem feminino. Stig não devia se sentir muito confortável ali antes de ser acomodado no quarto de hóspedes. As cortinas e a roupa de cama tinham babados, e havia toalhinhas de crochê no criado-mundo e

na cômoda. Havia pequenos bibelôs de porcelana por todo lado, e as paredes estavam cobertas de anjos de cerâmica e desenhos de anjos. O esquema de cores era predominantemente rosa. Era tão doce que Patrik sentiu-se mal. Achou que parecia o quarto de uma garotinha em uma casa de bonecas. Era exatamente como uma menina de cinco anos decoraria o quarto de sua mãe, se deixassem.

– Argh – disse Martin quando enfiou a cabeça no quarto. – Parece que um flamingo vomitou aqui.

– É, esse quarto nunca estaria na revista *House Beautiful*.

– Se estivesse, seria na foto de “antes”. Esse lugar precisa de um *make-over* – disse Martin. – Diga, você precisa de alguma ajuda aqui? Parece que há muitas coisas para olhar.

– Claro que sim. Não quero ficar aqui mais tempo do que o necessário.

Eles começaram a trabalhar em lados opostos do quarto. Patrik se sentou no chão para espiar o criado-mudo enquanto Martin trabalhava no guarda-roupa que cobria uma parede inteira.

Eles trabalhavam em silêncio. As costas de Martin fizeram um barulho quando ele foi pegar algumas caixas de sapato na prateleira do alto. Ele as colocou com cuidado na cama e depois parou por um momento para massagear as costas. Todo aquele esforço da mudança ainda o estava incomodando, e ele percebeu que deveria ir a um quiroprático.

– O que você tem aí? – perguntou Patrik de onde estava, sentado no chão.

– Algumas caixas de sapato.

Tirou a tampa da primeira caixa, inspecionando com cuidado o conteúdo, e depois a deixou de lado, tampando-a de novo.

– Só um punhado de fotos velhas. – Levantou a tampa da caixa seguinte e tirou uma caixinha azul de madeira. A tampa estava presa, por isso ele precisou usar um pouco de força para abri-la. Quando Patrik ouviu-o assobiar, virou-se para ele no ato.

– Bingo – disse Martin.

Patrik sorriu.

– Bingo – repetiu, triunfante.

Charlotte tinha passado algumas vezes pela máquina de doces até finalmente ceder. Se não podia se permitir um pedaço de chocolate num momento como esse, quando poderia?

Inseriu algumas moedas e apertou o botão para que uma barra de Snickers caísse pela portinha. Um “king size” estaria de bom tamanho.

Pensou em engolir tudo de uma vez antes de voltar, mas sabia que passaria mal se comesse muito rápido. Então se controlou e voltou à sala de espera onde Lilian estava sentada. E foi tiro e queda. Os olhos da mãe foram direto para o chocolate em sua mão, e ela olhou de maneira acusatória para Charlotte.

– Sabe quantas calorias há num desses? Você precisa perder peso, não ganhar. Essa coisa vai direto para sua bunda. Agora que você finalmente conseguiu perder alguns quilos...

Charlotte suspirou. Tinha ouvido a velha canção sua vida toda. Lilian nunca tinha permitido doces na casa, era uma daquelas mulheres que sempre pesava o mesmo e nunca tinha nenhuma grama a mais do que o necessário. Talvez exatamente por isso os doces fossem tão tentadores para Charlotte, que os comia em segredo. Ela roubava trocados dos bolsos dos pais e depois ia escondida até a Central Kiosk para comprar chocolates e balas sortidas, que devorava vorazmente antes de ir para casa. No ensino médio, ela já era gorda, e Lilian ficara furiosa. Às vezes obrigava

Charlotte tirar as roupas e ficar na frente do espelho de corpo inteiro para que pudesse apertar sem perdão o excesso de carne.

– Olhe para você. Parece uma porca gorda! Não quer se parecer com uma porca, quer?

Charlotte odiava sua mãe naqueles momentos. Mas Lilian só ousava fazer isso quando Lennart não estava em casa. Ele nunca teria permitido isso. Papai tinha sido a salvação de Charlotte. Ela já era adulta quando ele morreu, mas sem o pai sentia-se uma garotinha indefesa.

Ela olhou para sua mãe sentada na sua frente. Como sempre, estava impecavelmente vestida, um contraste total com Charlotte, que não tinha trazido nenhuma roupa para trocar. Lilian, por outro lado, tinha conseguido fazer uma pequena mala e trocado de roupa, retocando também a maquiagem.

Charlotte enfiou, desafiadora, o último pedaço da grande barra de chocolate na boca, ignorando o olhar desafiador de Lilian. Não imaginava que ela se importaria com seus hábitos alimentares enquanto Stig lutava pela vida. Sua mãe nunca deixou de impressioná-la. Mas considerando que era sua avó, talvez não fosse tão estranho.

– Quando vamos poder ver Stig? – disse Lilian, frustrada. – Não entendo. Como eles podem deixar os parentes de fora assim?

– Tenho certeza de que têm seus motivos – disse Charlotte, tentando soar reconfortante, mas por um instante, se lembrou do jeito estranho do médico. – A gente provavelmente só atrapalharia.

Lilian bufou e se levantou da cadeira para ficar andando de um lado para o outro.

Charlotte suspirou. Estava realmente tentando manter a compaixão que sentiu por sua mãe na noite anterior, mas Lilian estava tornando tudo muito difícil. Charlotte pegou seu celular para

ver se estava funcionando. Era um pouco estranho que Niclas não tivesse ligado. A tela estava apagada, e ela percebeu que a bateria tinha acabado. Droga. Levantou-se para ligar do telefone público no corredor, mas foi quase derrubada por dois homens. Ficou surpresa ao ver que eram Patrik Hedström e seu colega ruivo olhavam por cima do ombro dela na sala de espera.

– Olá, o que estão fazendo aqui? – ela perguntou, mas depois foi tomada por um pensamento. – Encontraram algo? Alguma coisa sobre Sara? Descobriram, não foi? O que foi? O quê...? – Estava ansiosa e, com uma sensação de medo, olhava de Patrik para Martin, mas não recebia nenhuma resposta.

Finalmente Patrik disse:

– No momento não temos nada concreto para contar sobre Sara.

– Mas por quê...? – ela perguntou perplexa, sem terminar a sentença.

Espantada, Charlotte saiu do caminho quando eles indicaram que queriam passar. Como se estivesse distante, viu as outras pessoas na sala de espera olhando tensas o drama enquanto os policiais se posicionavam na frente de Lilian, que estava parada com os braços cruzados e olhava para eles com as sobrancelhas levantadas.

– Gostaríamos que viesse conosco.

– Não posso fazer isso, tenho certeza de que vocês vão entender – disse Lilian beligerante. – Meu marido está lutando pela vida e não posso deixá-lo. – Ela bateu o pé para enfatizar seu ponto, mas os detetives não pareciam prestar atenção nisso.

– Stig vai melhorar, e infelizmente você não tem escolha. Só vou pedir de forma polida mais uma vez – disse Patrik.

Charlotte não conseguia acreditar em seus ouvidos. Toda a coisa devia ser um enorme mal-entendido. Se Niclas estivesse ali,

certamente ele poderia acalmar todo mundo e esclarecer a situação no ato. Ela não sabia o que fazer. Toda a situação era tão absurda.

– E do que se trata? – gritou Lilian. Ela disse em voz alta o que Charlotte estava pensando. – Deve ser algum tipo de confusão.

– Esta manhã, nós exumamos o corpo de seu marido Lennart. Os legistas estão tirando amostras dos restos mortais. Amostras de Stig já foram analisadas. Também realizamos uma busca na sua casa hoje e... – Patrik olhou para Charlotte, mas voltou-se para Lilian – fizemos algumas outras descobertas. Podemos discutir aqui se você quiser, na frente de sua filha e de todo mundo, ou você pode vir conosco para a delegacia. – A voz dele não tinha nenhuma emoção, e os olhos continham uma frieza que ela não podia imaginar que existisse dentro do policial.

Os olhos de Lilian encontraram os de Charlotte por um momento. Esta não entendeu nada do que Patrik dissera. Uma breve visão da expressão de Lilian aumentou sua confusão e fez um arrepio subir por sua espinha. Algo estava errado, com certeza.

– Mas papai tinha síndrome de Guillain-Barré. Ele morreu de uma doença nervosa – ela falou, tanto explicando quanto perguntando, para Patrik.

Ele não respondeu. Logo Charlotte descobriria mais do que queria saber.

Lilian não quis olhar para a filha e parecia ter tomado uma decisão. Disse calmamente para Patrik:

– Está certo. Vou com vocês.

Espantada, Charlotte ficou ali, insegura se deveria ficar ou ir com eles. No final, sua indecisão foi quem decidiu. Ela ficou olhando os policiais e sua mãe desaparecerem no corredor.

Capítulo 34

Hinseberg 1962

Era a única visita a Agnes que pretendia fazer. Não pensava mais nela como sua mãe. Somente como Agnes.

Mary tinha acabado de completar dezoito anos e deixado sua última família adotiva sem olhar para trás. Não sentia falta deles, nem eles dela.

Nesses anos, as cartas tinham chegado com frequência. Cartas grossas com o cheiro de Agnes. Ela não tinha aberto nenhuma. Mas tampouco as jogara fora. Estavam numa gaveta, esperando para serem lidas algum dia.

Foi também a primeira coisa que Agnes perguntou.

– Querida, você leu minhas cartas?

Mary olhou para Agnes sem responder. Não a via fazia quatro anos e precisava reaprender seus traços faciais novamente antes de poder dizer qualquer coisa.

Ficou surpresa como o tempo na prisão parecia ter afetado pouco sua mãe. Ela não tinha como resolver o problema das roupas, então os vestidos elegantes eram só uma lembrança, mas fora isso parecia ter se cuidado bem, e sua aparência era tão intensa quanto antes. Seus cabelos tinham sido arrumados recentemente, agora com um penteado que era a última moda. O delineador grosso também seguia as últimas tendências, e as unhas estavam tão longas quanto Mary se lembrava. Agora Agnes batia os dedos impacientemente enquanto esperava por uma resposta.

Demorou mais um momento para Mary falar.

– Não li nenhuma delas. E não me chame de “querida” – ela disse, depois esperou com curiosidade a resposta. Não tinha mais medo da mulher na frente dela. O monstro dentro de si tinha, gradualmente, devorado aquele medo enquanto o ódio crescia. Com tanto ódio, não havia espaço para o medo.

Agnes não conseguiu deixar passar a oportunidade para uma cena dramática.

– Você não as leu! – ela falou alto. – Aqui estou eu, trancada, enquanto você está livre e se divertindo e sabe Deus o que mais, e a única alegria que tenho é a de saber que minha querida filha está lendo as cartas que passo tantas horas escrevendo. E nunca recebi uma única carta sua nem uma única ligação em *quatro* anos! – Agnes agora estava chorando alto, mas não tinha lágrimas nos olhos. Elas estragariam o delineador perfeito.

– Por que você fez aquilo? – perguntou Mary, em voz baixa.

Agnes parou abruptamente de chorar. Com grande compostura, pegou e acendeu um cigarro. Depois de algumas tragadas profundas, respondeu com a mesma calma medonha.

– Porque ele me traiu. Pensou que podia me deixar.

– Não podia simplesmente esquecê-lo? – Mary se inclinou para a frente, para não perder nenhuma palavra. Ela tinha repassado esse tópico tantas vezes em sua mente que agora não queria se arriscar a perder nem uma sílaba.

– Nenhum homem pode me deixar – disse Agnes. – Fiz o que tinha de fazer. – Virou seu olhar gélido para Mary e acrescentou: – Você sabe como é, não sabe?

Mary evitou seus olhos. O monstro dentro dela se mexia inquieto. Ela disse, com rispidez:

– Quero que você passe a casa de Fjällbacka para o meu nome. Estou pensando em me mudar para lá.

Agnes parecia querer protestar, mas Mary logo acrescentou:

– Se quiser ter qualquer contato comigo no futuro, então é melhor fazer o que estou mandando. Se passar a casa para o meu nome, prometo que vou ler e responder suas cartas.

Agnes hesitou, então Mary logo continuou:

– Sou a única pessoa que você tem agora. Isso pode não ser muito, mas ainda sou a única.

Por uns segundos incrivelmente longos, Agnes pesou os prós e os contras, avaliando o que seria melhor para ela, e finalmente decidiu.

– Está bem, esse é o acordo então. Não porque eu entenda os motivos pelos quais você gostaria de viver naquele buraco, mas se quiser, então tudo bem... – Ela deu de ombros, e Mary sentiu o prazer crescer dentro de si.

Era um plano que tinha desenvolvido no ano anterior. Iria recomeçar sua vida. Tornar-se uma pessoa diferente. Eliminar o passado que se prendia a ela como uma manta velha. Seu pedido para mudança de nome já tinha sido feito. Ganhar acesso à casa em Fjällbacka era o passo seguinte, e ela já tinha começado a trabalhar na mudança de sua aparência. Nem uma única caloria desnecessária tinha entrado em sua boca no mês anterior, e a caminhada de uma hora a cada manhã também tinha ajudado. Tudo seria diferente. Tudo seria novo.

A última coisa que ouviu quando deixou Agnes sentada na sala de espera foi a exclamação espantada:

– Você perdeu peso?

Mary não se virou para responder. Estava a caminho de se tornar uma nova pessoa.

No dia seguinte, a tempestade diminuiu, e o outono estava mostrando seu melhor lado. As folhas que tinham sobrevivido à ventania eram vermelhas e amarelas e flutuavam na leve brisa. O sol não esquentava, mas ainda assim conseguia levantar o ânimo e espantar o frio no ar – o tipo que entrava por baixo das roupas e gelava o corpo.

Patrik suspirou ao se sentar na cozinha. Lilian ainda se recusava a falar, apesar de todas as provas que tinham contra ela. Pelo menos eram suficientes para deixá-la presa, e ainda tinham tempo para fazer as acusações.

– Como está indo? – disse Annika quando entrou para encher sua xícara de café.

– Nada de novo – disse Patrik com um suspiro profundo. – Ela é dura como uma rocha. Não quer dizer nada.

– Mas precisamos de uma confissão? As provas não são suficientes?

– Na verdade não precisamos – disse Patrik. – Mas falta o motivo. Com um pouco de imaginação poderia imaginar uma série de razões plausíveis para matar um marido e tentar matar o segundo. Mas Sara?

– Como você sabia que foi ela quem matou Sara?

– Eu não sabia – disse Patrik. – Não até agora. Mas tudo isso me fez ver que alguém mentiu sobre a manhã em que Sara desapareceu, e esse alguém tinha de ser Lilian.

Ele ligou o gravador que estava na mesa da cozinha. A voz de Morgan encheu a sala:

– Não fiz nada. Não posso ficar na prisão pelo resto da vida. Não a matei. Não sei como o casaco foi parar na minha cabana. Ela estava usando quando voltou para casa. Por favor, não me deixe aqui.

– Ouviu isso? – disse Patrik.

Annika balançou a cabeça.

– Não ouvi nada especial.

– Ouça mais uma vez, com atenção. – Ele voltou a fita e apertou o “play”.

– Não fiz nada. Não posso ficar na prisão pelo resto da vida. Não a matei. Não sei como o casaco foi parar na minha cabana. Ela estava usando quando voltou para casa. Por favor, não me deixe aqui.

– Ela estava usando quando *voltou para casa* – Annika falou, baixinho.

– Exatamente – disse Patrik. – Lilian afirmou que Sara saiu e não voltou, mas Morgan a viu voltar para casa. E a única pessoa que teria motivos para mentir sobre isso era Lilian. Por que outra razão ela não nos contou que Sara voltara para casa?

– Como alguém pode afogar a própria neta? E por que enfiou cinzas em sua boca? – perguntou Annika, balançando lentamente a cabeça.

– Sim, é exatamente o que eu quero saber – disse Patrik, frustrado. – Mas ela só fica sentada e sorri, recusando-se a dizer qualquer coisa, nem confessa, nem se defende.

– E o garotinho? – Annika continuou. – Por que ela o atacou? E Maja?

– Acho que Liam foi apenas uma decisão aleatória – disse Patrik, girando a xícara de café nas mãos. – Um crime de oportunidade. Foi uma forma de afastar a atenção de sua família – de Niclas principalmente, é o que parece. E atacar Maja foi uma forma de se vingar de mim por investigar sua família.

– Ouvi dizer que você também teve a ajuda da sorte para resolver o crime de Lennart e a tentativa de assassinato de Stig.

– Tive sim e infelizmente não posso dizer que o mérito foi meu. Se não tivesse assistido a *Crime Night* no Discovery Channel, nunca teríamos descoberto. Mas eles estavam mostrando o caso de uma mulher nos EUA que envenenava seus maridos, e um deles foi, primeiro, diagnosticado com Guillain-Barré. Foi quando tudo começou a se encaixar para mim. Erica tinha mencionado que o pai de Charlotte tinha morrido de uma doença nervosa e quando a doença de Stig foi somada a isso... dois maridos com os mesmos sintomas raros; isso me fez pensar. Então acordei a Erica, e ela confirmou que Charlotte tinha dito que seu pai morreu de Guillain-Barré. Mas preciso dizer que não tinha certeza absoluta até ligar para o hospital. Foi ótimo quando os resultados dos testes foram feitos e mostraram uma alta quantidade de arsênico. Mas só queria conseguir que ela me contasse os motivos. Ela se recusa a falar! – passou a mão pelos cabelos, frustrado.

– Bem, há um limite para o que se pode fazer – disse Annika, virando-se para sair. Antes, no entanto, ela se voltou para Patrik e disse: – Você ouviu as notícias, por falar nisso?

– Não, o que foi – disse Patrik cansado, mostrando pouco entusiasmo.

– Ernst foi realmente demitido. E Mellberg recrutou uma mulher para trabalhar aqui. Ele aparentemente recebeu pressão de cima quanto à distribuição de gênero na delegacia.

– Pobre sujeito – disse Patrik. – Espero que essa mulher tenha o couro duro.

– Não sei nada sobre ela, então veremos quando chegar. Evidentemente, ela virá daqui a um mês.

– Tenho certeza de que vai dar tudo certo – disse Patrik. – Qualquer coisa será um avanço em comparação com Ernst.

– Com certeza – concordou Annika. – E você devia se animar um pouquinho. A principal coisa é que a assassina está presa. O motivo talvez fique entre ela e o Criador.

– Ainda não desisti – murmurou Patrik e se levantou para tentar de novo.

Ele foi encontrar Gösta, e juntos levaram Lilian até a sala de interrogatório. Ela parecia um pouco amarrada depois de alguns dias na cadeia, mas estava totalmente calma. Tirando a raiva que mostrou quando eles a tiraram da sala de espera do hospital, Lilian tinha exibido uma fachada de autocontrole excessivo. Nada que tinham dito até o momento a abalara, e Patrik começava a duvidar que fossem conseguir. Mas precisava tentar pelo menos uma última vez. Depois o promotor poderia cuidar do caso. Ele realmente queria ter uma resposta dela sobre Maja. Estava orgulhoso de si mesmo por ter conseguido controlar sua raiva; tinha feito isso tentando manter um objetivo claro na mente o tempo todo. O importante era que Lilian fosse condenada e, se possível, que fornecesse uma explicação. Usar seus sentimentos pessoais contra ela não ajudaria nesse objetivo. Ele também sabia que até mesmo uma pequena explosão significaria que seria excluído do julgamento. Todo mundo já estava de olho nele por causa de sua conexão pessoal com o caso.

Suspirou fundo e começou.

– Sara foi enterrada hoje. Sabia disso?

Ele e Gösta estavam sentados de um lado da mesa, de frente para Lilian. Ela balançou a cabeça.

– Gostaria de ter participado?

Ela só deu de ombros com um sorriso estranho, de esfinge.

– O que você acha que Charlotte sente em relação a você agora?

– Patrik continuou mudando de assunto para encontrar algo que a

fizesse reagir. Mas até agora Lilian tinha mostrado uma indiferença quase inumana.

– Sou a mãe dela – respondeu Lilian calmamente. – Ela nunca vai poder mudar isso.

– Você acha que iria querer?

– Talvez. Mas o que ela quer não muda nada.

– Você acha que Charlotte iria querer saber por que você fez isso? – perguntou Gösta. Estava olhando intensamente para Lilian, procurando uma rachadura no que parecia ser uma armadura impenetrável.

Lilian não respondeu, mas ficou estudando impassível suas unhas.

– Temos as provas, Lilian, você sabe disso. Repassamos tudo antes. Não duvidamos nem por um segundo que você não tenha assassinado duas pessoas e seja culpada pela tentativa de assassinato de uma terceira. O envenenamento com arsênico de Lennart e Stig já dará muitos anos de prisão. Então acho que não vai se importar de falar sobre o assassinato de Sara. Matar o marido não tem nada novo; posso imaginar mil razões para isso, mas por que sua neta? Por que Sara? Ela a provocou? Você ficou brava com ela e depois não conseguiu parar? Ela teve uma de suas explosões, você estava tentando acalmá-la com um banho, e as coisas saíram do controle? Conte-nos!

Mas assim como tinha sido nos interrogatórios anteriores, não conseguiram arrancar nenhuma resposta de Lilian. Ela simplesmente sorria, indulgente.

– Temos as provas! – repetiu Patrik, mais irritado. – As amostras de Lennart mostraram alto nível de arsênico, e com Stig foi a mesma coisa. Fomos capazes de demonstrar que o envenenamento por arsênico ocorreu durante os últimos seis meses e em doses

cada vez maiores. Encontramos o arsênico num velho recipiente de veneno de rato que você guardava no porão. O pulmão de Sara tinha traços das cinzas que você mantinha em seu quarto. Você esfregou as mesmas cinzas numa criancinha para nos enganar e também colocou o casaco de Sara na cabana de Morgan para tentar incriminá-lo. O fato de Kaj ser pedófilo foi um golpe de sorte para você. Mas também temos o testemunho de Morgan em fita, dizendo que ele viu Sara voltar para casa. E isso contradiz o que você nos contou. Sabemos que foi você que matou Sara. Ajude-nos agora, ajude sua filha a se recuperar disso. Conte-nos o motivo! E a minha filha, que motivo você tinha para tirá-la do carrinho? Queria me atacar? Fale comigo!

Lilian estava desenhando pequenos círculos na mesa com o dedo indicador. Tinha ouvido os comentários de Patrik muitas vezes e eram simplesmente tão inúteis quanto antes.

Patrik sentiu que estava começando a perder a cabeça. Percebeu que seria melhor parar antes de fazer algo estúpido. Ficou de pé, repassou as informações necessárias para concluir o interrogatório e caminhou até a porta. Ali, ele se virou.

– O que você está fazendo agora é imperdoável. Você tem o poder de dar à sua filha um pouco de paz de espírito, mas prefere não fazer isso. Não é só imperdoável, é desumano.

Ele pediu para Gösta levar Lilian de volta para a cela. Não conseguia mais olhar para ela. Por um instante pensou que estava olhando diretamente para as profundezas do inferno.

– Malditos defensores da liberação feminina que ficam tentando mandar na gente – murmurou Mellberg. – Agora vamos ter de aguentá-las no trabalho também. Não entendo essa questão do maldito sistema de cotas. Talvez eu seja ingênuo, mas achei que ia poder escolher minha própria equipe. Mas não, em vez disso, vão

me mandar uma dama que provavelmente nem aprendeu a abotoar seu uniforme. Não é mesmo?

Sem responder, Simon continuou com os olhos fixos no prato.

Era estranho almoçar em casa, mas era outra estratégia no projeto pai e filho que Mellberg tinha iniciado. Até fizera um esforço para comprar alguns vegetais, algo que antes nunca tinha nem entrado em sua geladeira. Mas percebeu com raiva que Simon não tinha tocado nem no pepino nem nos tomates. Em vez disso, estava concentrado no macarrão e nas almôndegas, que cobriu com uma enorme quantidade de ketchup. Oh, bem, ketchup também era tomate, pensou Mellberg, então deveria funcionar.

Decidiu mudar de assunto. Só pioraria sua pressão sanguínea continuar pensando na nova colega. Em vez disso, deveria focar nos planos futuros de seu filho.

– Então, pensou em que tipo de emprego você quer ter? Se não acha que fazer faculdade seja para você, posso ajudá-lo a encontrar algum tipo de trabalho. Nem todo mundo é do tipo estudioso e, se você for igual a seu pai, que prefere o lado prático... – Mellberg riu.

Um pai menos experiente poderia ter ficado preocupado com a falta de iniciativa do filho em relação ao próprio futuro, mas Mellberg estava cheio de confiança. Claro que Simon estava passando por uma depressão temporária; não havia nada com que se preocupar. Pensou se queria que o filho fosse advogado ou médico. Advogado, decidiu. Médicos não ganham tanto como antes. Mas até ele poder seguir essa carreira, o importante era pegar leve com o rapaz. Se sentisse o gosto das dificuldades da vida, acabaria ouvindo a voz da razão, no final. Claro que a mãe de Simon contou que o garoto tinha sido reprovado em tudo, e estava claro que isso poderia ser um obstáculo. Mas Mellberg estava pensando de forma positiva. O problema todo sem dúvida tinha a ver com falta de

apoio em casa, porque a inteligência devia estar ali; de outra forma, a Mãe Natureza teria brincado pesado com eles.

Simon mastigava a almôndega e não parecia animado para responder à pergunta do pai.

– Então, o que você acha de um emprego? – repetiu Mellberg, um pouco mais zangado. Estava fazendo um esforço para criar uma ligação entre eles, e Simon não se dava ao trabalho de responder.

Ainda mastigando, Simon disse depois de uns segundos:

– Não, acho que não.

– Como assim, você acha que não? – disse Mellberg, indignado. – Então, o *que* você acha? Que pode viver aqui, embaixo do meu teto e comer minha comida e só ficar sentado sem fazer nada o dia todo? É isso que você acha?

Simon nem piscou.

– Não, provavelmente vou voltar e morar com minha mãe.

O anúncio pareceu um chute na cara de Mellberg. Em algum ponto do coração ele sentiu uma dor estranha, quase perfurante.

– De volta para sua mãe? – repetiu Mellberg, como se não pudesse acreditar em seus ouvidos. Era uma opção que não tinha nem considerado.

– Mas achei que você não gostava de viver lá! Disse que odiava “aquela vadia maldita”, quando chegou.

– Oh, eu gosto da mamãe – disse Simon, olhando pela janela.

– E não gosta de mim? – perguntou Mellberg, mal-humorado. Ele não conseguia esconder o crescente desapontamento. Arrependeu-se de ser tão duro com o garoto. Talvez não fosse realmente necessário que o garoto começasse a trabalhar imediatamente. Haveria muito tempo para as chatices na vida; pegar leve por um tempo não arruinaria suas chances.

Mellberg quis logo mostrar esse novo ponto de vista, mas não teve o efeito que esperava.

– Oh, não é isso. A mamãe também vai me mandar arrumar um emprego. Mas são meus amigos, sabe? Tenho um monte de amigos em casa e aqui não conheço ninguém e... – Ele deixou a sentença morrer.

– Mas e todas as coisas legais que fizemos juntos? – quis saber Mellberg. – Pai e filho, sabe. Pensei que você estivesse aproveitando. Finalmente, estar com seu velho pai. Me conhecer.

Mellberg buscava algum argumento convincente. Não conseguia imaginar por que havia só duas semanas ele sentira tanto pânico, esperando que seu filho chegasse. Claro, zangara-se algumas vezes, mas mesmo assim. Pela primeira vez, realmente sentia ansiedade quando colocava a chave na fechadura depois do trabalho. E agora tudo isso ia desaparecer.

O garoto deu de ombros.

– Você tem sido ótimo. Não tem nada a ver com você. Mas eu nunca me mudaria para cá. É algo que a mamãe diz quando fica brava. Já me mandou para a casa da vovó antes, mas agora ela está doente, então a mamãe não sabia o que fazer comigo. Mas eu conversei com ela ontem. Já está mais calma e quer que eu volte para casa. Então vou pegar o trem das nove da manhã – ele disse, sem olhar para Mellberg. Depois levantou os olhos. – Mas foi muito legal. De verdade. E você foi superlegal e se esforçou de verdade e tudo. Então eu gostaria de poder voltar para visitá-lo de vez em quando, se não for nenhum problema... – fez uma pausa por um momento, depois acrescentou: – Pai?

Um calor se espalhou pelo peito de Mellberg. Era a primeira vez que o garoto o chamava de pai. Droga, era a primeira vez que o chamavam assim.

De repente, sentiu que era um pouco mais fácil aceitar a notícia de que o garoto partiria. Pelo menos ele o viria visitar de vez em quando. Pai.

Era a coisa mais difícil que tinham feito. Ao mesmo tempo, dava uma sensação de conclusão que permitiria construir uma base para o casamento no futuro. A visão do pequeno caixão descendo na terra os fez se abraçarem forte. Nada no mundo poderia ser mais difícil do que isso. Dar adeus a Sara.

Niclas e Charlotte preferiram ficar sozinhos. A cerimônia na igreja foi curta e simples. Eles quiseram dessa forma. Somente os dois e o pastor. E agora estavam sozinhos ao lado do túmulo. O pastor pronunciou as palavras que a ocasião exigia e depois se retirou em silêncio. Tinham jogado uma única rosa no caixão, e ela brilhava cor-de-rosa contra a madeira branca. Rosa era a cor favorita dela. Talvez porque se destacava contra os cabelos ruivos. Sara nunca escolhia os caminhos fáceis.

O ódio deles contra Lilian ainda era recente. Charlotte sentia-se envergonhada por estar dentro do cemitério, sentindo tanto ódio que escapava pelos poros de seu corpo. Talvez diminuísse com o tempo, mas pelo canto do olho via o monte de terra do túmulo de seu pai, formado quando ele foi colocado para descansar pela segunda vez. E se perguntou como seria capaz de sentir outra coisa que não fosse raiva e tristeza.

Lilian não tirara apenas a Sara deles, mas também seu pai, e ela nunca poderia perdoá-la por isso. Como pôde ter feito aquilo? O pastor tinha falado sobre perdão como uma forma de diminuir a dor, mas como alguém pode perdoar um monstro? Ela nem entendia por que sua mãe tinha cometido esses crimes horrorosos. A falta de sentido das ações só alimentava a fúria e a dor que sentia. Lilian estava completamente insana ou tinha agido de acordo com algum

tipo de lógica demente? O fato de talvez nunca terem a possibilidade de descobrir aquilo tornava a perda ainda mais difícil de suportar; ela queria arrancar o motivo da boca da mãe.

Além das flores das pessoas da cidade que queriam mostrar solidariedade, duas pequenas coroas também tinham chegado à igreja. Uma era da avó paterna de Sara, Asta. Fora colocada perto do caixão e depois levada até o cemitério, para ser colocada ao lado do pequeno túmulo. Asta também tinha entrado em contato para perguntar se podia participar, mas eles não permitiram. Queriam ficar sozinhos. Em vez disso, pediram que tomasse conta de Albin enquanto estavam na igreja. E ela concordou com prazer.

A segunda coroa era da avó materna de Charlotte, Agnes. Sem saber muito bem por que, Charlotte se recusou a deixá-la perto do caixão e mandou que a jogassem fora. Sempre achou que Lilian havia puxado a mãe e, de alguma forma, sabia instintivamente que o mal vinha dela.

Eles ficaram parados em silêncio ao lado do túmulo por muito tempo, com os braços ao redor um do outro. Depois se afastaram lentamente. Por um segundo, Charlotte parou diante do túmulo do pai. Ela deu um breve adeus. Pela segunda vez.

Na pequena cela, Lilian sentia-se segura pela primeira vez em muitos anos, por mais estranho que isso pudesse parecer. Estava deitada de lado na cama estreita, respirando calma e profundamente. Não entendia a frustração das pessoas que ficavam repetindo todas aquelas perguntas. Que diferença fazia *por que* ela tinha feito aquilo? O resultado era o que importava. Era assim que sempre tinha sido. Mas, de repente, agora eles estavam interessados na razão por trás das ações, em alguma lógica que acharam que poderiam encontrar, em explicações e verdades.

Ela podia ter falado sobre o porão. Sobre o perfume pesado e doce da mãe. Sobre a voz tão sedutora quando dizia "querida". E podia ter contado sobre o gosto ruim e seco em sua boca, sobre o monstro que vivia dentro dela, ainda vigilante, ainda pronto para agir. Sobretudo podia ter falado de suas próprias mãos, tremendo de ódio, não de medo, cuidadosamente colocando o veneno na xícara do papai e depois mexendo com força, vendo como se dissolvia e desaparecia no chá quente. Tinha sorte que ele sempre colocasse muito açúcar.

Essa tinha sido a primeira lição. Não acreditar em promessas. Mamãe tinha prometido que tudo ia ser diferente. Quando seu pai desaparecesse, elas teriam uma vida completamente diferente. Juntas, próximas. Sem porão, sem medo. Mamãe iria tocá-la, acariciá-la, chamá-la de "querida" e nunca deixaria que nada ficasse entre elas. Mas promessas eram quebradas tão facilmente quanto eram feitas. Tinha aprendido isso naquele momento e nunca esqueceria. Às vezes, deixava sua mente pensar que as coisas que sua mãe tinha contado sobre seu pai poderiam não ser verdade. Mas imediatamente descartava essa ideia, enterrando-a nas profundezas de sua alma. Não conseguia nem pensar nessa possibilidade.

Tinha aprendido outra lição importante também. Nunca se deixar abandonar novamente. Papai a abandonara. Mamãe a abandonara. Depois, tinha passado de uma família adotiva para outra, como uma mala, e todos a abandonaram também, ainda que apenas pela falta de interesse.

Quando ela visitou sua mãe na prisão em Hinseberg, já tinha tomado uma decisão. Ia criar uma vida nova, uma vida na qual tivesse controle de tudo. O primeiro passo tinha sido mudar seu nome. Nunca mais queria ouvir aquele nome que gotejava como

veneno nos lábios de sua mãe. “Mary. Maaaryyy.” Quando ficava sentada no escuro de seu porão, aquele nome ecoava entre as paredes, fazendo-a se curvar e se enrolar como uma bola.

Escolheu o nome Lilian porque parecia bem diferente de Mary. E porque a fazia pensar numa flor, frágil e etérea, mas ao mesmo tempo forte e flexível.

Também tinha trabalhado duro para mudar sua aparência. Com disciplina militar, ela tinha se negado tudo que comia com voracidade antes, e com uma rapidez espantosa, os quilos desapareceram de seu corpo até que sua obesidade tornou-se apenas uma lembrança. E nunca mais tinha se permitido ser gorda. Cuidara escrupulosamente para que seu peso não aumentasse um único quilo e mostrava sua raiva por aqueles que não tivessem o mesmo cuidado, como Charlotte. O peso da filha a deixava desgostosa, trazendo de volta lembranças de uma época em que não queria pensar. Qualquer coisa balofa, solta e frouxa criava um sentimento de raiva, e às vezes era preciso lutar contra o desejo de arrancar a carne do corpo de Charlotte com as próprias mãos.

Eles tinham perguntado se ela ficou desapontada por Stig ter sobrevivido. Ela não respondeu. Para ser honesta, não sabia o que responder. Não era como se tivesse planejado o que tinha feito. Tudo tinha acontecido naturalmente, de alguma forma. E tudo tinha começado com Lennart. Com sua conversa sobre como poderia ser melhor para os dois se separarem. Ele tinha dito algo sobre o fato de, depois que Charlotte se mudou, ter descoberto que não havia mais tantas coisas em comum entre eles. Lilian não tinha certeza se foi naquele momento, com aquelas primeiras palavras, que tinha decidido que seu marido devia morrer. Sentia que era algo que estava destinada a fazer. Tinha encontrado a lata de veneno de rato quando compraram a casa. Não conseguia explicar por que

nunca a jogara fora. Talvez porque soubesse que poderia ser usada algum dia.

Lennart nunca tinha feito nada com pressa em toda a sua vida, então sabia que demoraria para que se mudasse. Precisava começar com pequenas doses, suficientes para que não morresse imediatamente, mas grandes a ponto de deixá-lo seriamente doente. Gradualmente, sua saúde piorou. Ela gostava de cuidar dele. Não se falava mais em separação. Ao contrário, agora ele sentia gratidão quando ela o alimentava, trocava suas roupas e limpava o suor de sua testa.

Às vezes, sentia o monstro se mexendo novamente dentro dela. Perdendo a paciência.

Nunca havia pensado que poderia ser descoberta, por pior que fosse. Tudo aconteceu tão naturalmente, e um curso de eventos se sucederia ao outro. Quando Lennart recebeu o diagnóstico de síndrome de Guillain-Barré, ela tratou isso como um sinal de que tudo estava no caminho certo. Ela estava fazendo o que devia fazer.

No longo prazo, ele a deixaria de qualquer forma. Mas seria nos termos dela – com a morte. A promessa que fez para si mesma, de que ninguém nunca a abandonaria, ainda estava de pé.

E depois, conheceu Stig. Ele era tão leal, tão confiante por natureza que Lilian tinha certeza de que nunca pensaria em deixá-la. Fazia tudo que ela mandava, até aceitou ficar na casa onde tinha vivido com Lennart. Era importante para ela, tinha explicado. Era seu lar. Comprada com o dinheiro da venda da casa que tinha obrigado sua mãe a passar para o seu nome, a casa onde tinha vivido até se casar com Lennart. Depois, para sua grande tristeza, foi forçada a vendê-la. Não havia espaço suficiente. Mas ela sempre se arrependeu, e a casa em Sälvik tinha sido uma péssima substituta. Mas pelo menos era dela. E Stig tinha entendido isso.

No final, com o passar dos anos, começou a perceber sinais de descontentamento nele. Era como se ela não conseguisse ser suficiente para alguém. Estavam sempre querendo outra coisa, algo melhor. Mesmo Stig. Quando ele começou a falar sobre como estavam se afastando, sobre sentir que precisava recomeçar sozinho, ela não tomou nenhuma decisão consciente. Suas ações simplesmente seguiram suas palavras tão naturalmente como as terças seguem as segundas. E foi assim que ele, exatamente como Lennart, tinha sentido gratidão por ela, porque era quem cuidava dele e o amava. Dessa vez, também, ela sabia que a separação seria inevitável, mas isso não importava desde que controlasse o ritmo e determinasse o momento.

Lilian se virou para o outro lado e descansou a cabeça nas mãos. Olhou para a parede, enxergando apenas o passado. Não o presente. Não o futuro. A única coisa que contava era o tempo que tinha passado.

Ela percebeu o ódio em seu rosto quando perguntaram sobre a garota. Mas nunca entenderiam. A criança era tão impossível, tão intratável, tão desrespeitosa. Foi só depois que Charlotte e Niclas vieram morar com ela e Stig que Lilian percebeu como a situação era ruim. Como a garota era má. Ficara chocada no começo. Mas depois tinha visto a mão do destino nisso. A garota era como Agnes. Talvez não em aparência, mas Lilian tinha visto a mesma maldade nos olhos. Porque foi isso que percebeu em todos aqueles anos. Que mãe era uma pessoa má. Ela gostou de ver como o tempo a destruiu aos poucos. Ela tinha colocado a mãe numa casa de repouso ali perto. Não porque podia visitá-la, mas pela sensação de controle que lhe dava negar as visitas que sua mãe tanto queria. Nada a deixava mais feliz do que saber que sua mãe vivia ali, tão perto e tão longe, apodrecendo por dentro.

Mamãe era má, e a garota também. Lilian tinha visto como Sara estava aos poucos destruindo a família e a frágil relação que mantinha o casamento de Niclas e Charlotte. Suas explosões constantes e pedidos de atenção estavam desgastando os dois e logo não veriam outra solução exceto a separação. Ela não deixaria que isso acontecesse. Sem Niclas, Charlotte não seria nada. Mãe solteira de crianças pequenas, sem educação, gorda, sem o respeito que acompanha um marido bem-sucedido. Algumas pessoas na geração de Charlotte provavelmente diriam que essa visão era obsoleta, que não fazia mais sentido obter status social através do casamento. Mas Lilian sabia o que estava fazendo. Na cidade onde vivia, status ainda era importante, e ela gostava que fosse assim. Sabia que as pessoas, quando falavam dela, geralmente acrescentavam:

– Lilian Florin? Oh, sim, o genro dela é médico, sabia?

Isso lhe dava um certo respeito. Mas a garota ia destruir tudo isso.

Então, ela fez o que devia. Percebeu quando Sara voltou, antes de ir para a casa de Frida, porque tinha esquecido seu boné. Na verdade, Lilian não sabia por que tinha voltado. Mas, de repente, a oportunidade se apresentou. Stig estava dormindo profundamente por causa dos remédios e não acordaria nem se uma bomba explodisse na casa; Charlotte estava deitada exausta no porão, e Lilian sabia que poucos sons chegavam ali; Albin estava dormindo também, e Niclas estava no trabalho.

Fora mais fácil do que ela esperava. A garota achou que era um jogo divertido, poder tomar banho de roupa. Claro que ela tinha lutado quando Lilian a fez comer Humildade, mas não era tão forte assim. E segurar a cabeça da garota embaixo da água não foi nenhum problema. A única parte complicada tinha sido levá-la até o

mar sem ser vista. Mas Lilian sabia que tinha o destino a seu lado e que não podia fracassar. Ela envolveu Sara em um cobertor, carregou-a nos braços e depois a levou até a água e ficou vendo como afundava. Só demorou alguns minutos e, como ela havia pensado, a sorte estava a seu lado. Ninguém tinha visto nada.

O segundo incidente fora um mero impulso do momento. Quando a polícia começou a perseguir Niclas, ela sabia que era a única que podia salvá-lo. Tinha de criar um álibi para ele, e por acaso viu a criança dormindo do lado de fora da loja de Järnboden. Era terrivelmente irresponsável deixar uma criança assim. A mãe dela realmente merecia uma lição. E Niclas estava no trabalho, ela tinha verificado isso, então a polícia seria forçada a eliminá-lo da investigação.

Seu ataque contra a filha de Erica também tinha servido como uma lição. Quando Niclas mencionou que Erica tinha dito que estava na hora de ele e Charlotte conseguirem uma casa própria, a fúria que Lilian sentiu foi tão forte que ela viu tudo vermelho. Que direito Erica tinha de ficar dando conselhos? Que direito ela tinha de interferir na vida deles? Tinha sido fácil carregar a criança dormindo para o outro lado da casa. As cinzas tinham a intenção de ser um aviso. Ela não ousara ficar para ver a cara de Erica quando abrisse a porta da frente e descobrisse que o bebê tinha desaparecido. Mas ficou imaginando isso, e a imagem a deixou feliz.

Ficou com sono ali, deitada na cama, e fechou os olhos. Atrás das pálpebras, via uma dança surreal. Papai, Lennart e Sara dançando num círculo. Ao longe via o rosto de Stig, cansado e magro. Mas no centro do círculo estava mamãe. Ela dançava com o monstro num abraço íntimo, apertado, de rosto colado. E mamãe sussurrava: Mary, Mary, Maaaryyy...

Depois a escuridão tomou conta.

Agnes estava sentindo muita pena de si quando se sentou perto da janela na casa de repouso. Do lado de fora, a chuva batia na janela, e ela quase achava que podia senti-la em seu rosto.

Não entendia por que Mary não vinha visitá-la. De onde vinha todo aquele ódio, todo aquele rancor? Ela não tinha feito sempre tudo que podia pela filha? Não tinha sido a melhor mãe possível? Nem tudo que tinha dado errado era culpa dela, afinal de contas. Outras pessoas tinham responsabilidade. Se tivesse tido um pouco mais de sorte, as coisas teriam sido diferentes. Mas Mary não entendia isso. Acreditava que Agnes era a culpada por sua infelicidade, e não importava quanto tentasse explicar, a garota se recusava a ouvir. Tinha escrito longas cartas na prisão, explicando em detalhes por que não tinha sido culpa dela, mas a garota não quis entender de maneira nenhuma, como se tivesse se fechado a explicações.

A injustiça fazia os velhos olhos de Agnes se encherem de lágrimas. Ela nunca tinha recebido nada de sua filha, apesar de ela mesma ter dado tudo que podia. Tudo que Mary via como nojento e horrível era feito para seu próprio bem. Não era verdade que Agnes gostava de punir sua filha ou dizer que ela era gorda e feia. Ao contrário. Não, era doloroso ser tão dura, mas era seu dever como mãe. E produzira resultados. Mary não tinha finalmente tomado jeito e perdido toda aquela gordura? Tinha sim. E era tudo graças à sua mãe, apesar de nunca ter recebido nenhum crédito.

Uma forte rajada de vento do lado de fora fez a janela bater. Agnes pulou em sua cadeira de rodas, mas depois riu sozinha. Estava ficando com medo nessa idade? Ela, que nunca tinha sentido medo de nada. Exceto de ser pobre. Os anos como a esposa do escultor a tinham ensinado isso. O frio, a fome, a sujeira, a degradação. Tudo isso a deixara morrendo de medo de voltar a ser

pobre. Ela acreditara que todos os homens nos Estados Unidos seriam uma passagem para longe da miséria, depois Åke, depois Per-Erik. Mas eles a traíram. Todos quebraram suas promessas, assim como seu pai. E todos tinham sido punidos.

No final, foi ela quem teve a última palavra. A caixa de madeira azul e seu conteúdo tinham servido como uma lembrança de que só ela controlava seu próprio destino. E que qualquer coisa era permitida.

Tinha guardado as cinzas na caixa na noite anterior à partida para os Estados Unidos. Protegida pela escuridão, foi até o local do incêndio e juntado as cinzas do lugar onde sabia que Anders e os garotos estavam dormindo. Na época, não sabia por que estava fazendo isso, mas com o passar dos anos, começou a entender sua ação impulsiva. A caixa de madeira com as cinzas serviam para lembrá-la como era fácil fazer algo para conseguir seus objetivos.

O plano tinha sido armado aos poucos em sua mente com a aproximação de sua partida para os Estados Unidos. Ela sabia que seu destino seria selado se partisse como uma vaca leiteira com a família presa a seus pés como um peso morto. Mas sozinha teria a chance de criar um futuro diferente para si. Um futuro no qual a pobreza seria somente uma memória distante e desagradável.

Anders nunca soube o que o acertou. A faca entrou em suas costas até o cabo, fundo em seu coração, e ele caiu como um pedaço morto de carne em cima da mesa da cozinha.

Os garotos estavam dormindo. Ela entrou em silêncio no quarto dos filhos, tirou o travesseiro com cuidado e colocou sobre a cabeça de Karl. Depois pressionou com todo o seu peso. Foi tão fácil. Ele chutou e lutou por um tempo, mas nenhum som escapou de sua boca, por isso Johan continuou dormindo tranquilamente enquanto o irmão gêmeo morria. Depois foi a vez dele. Ela repetiu o

procedimento, e dessa vez foi um pouco mais difícil. Johan sempre fora mais forte do que Karl, mas nem ele conseguiu lutar por muito tempo. Logo estava deitado sem vida ao lado do irmão. Com olhos vidrados, os dois ficaram ali, olhando para o teto, e Agnes sentiu-se estranhamente vazia. Era como se estivesse colocando as coisas no lugar. Eles nunca deveriam ter nascido e agora tinham morrido.

Mas antes que pudesse seguir com sua própria vida, havia mais uma coisa que ela precisava fazer. No meio do quarto juntou uma grande pilha de roupas dos garotos e foi até a cozinha. Tirou a faca das costas de Anders e arrastou-o até o quarto dos garotos. Era tão grande e pesado que ela ficou totalmente suada quando finalmente o deixou no chão. Pegou um pouco de álcool que tinham na casa, jogou por cima da pilha de roupas e depois acendeu um cigarro. Com prazer, deu algumas baforadas antes de colocar com cuidado o cigarro aceso perto das roupas encharcadas com álcool. A esperança era que estivesse a uma boa distância antes que tudo se incendiasse completamente.

As vozes no corredor da casa de repouso tiraram Agnes de seus pensamentos. Ela esperou, tensa, até passarem, torcendo para que não viessem atrás dela, e não relaxou enquanto não percebeu que as vozes desapareciam no corredor.

Não foi preciso fingir que ficou chocada quando voltou de sua caminhada e viu o fogo. Nunca tinha imaginado que queimaria tão forte e tão rápido. Toda a casa tinha sido destruída, mas pelo menos tudo tinha funcionado de acordo com o plano. Ninguém, em nenhum momento, suspeitou que Anders e os garotos podiam ter morrido de outra forma que não fosse pelo incêndio.

Nos dias seguintes, Agnes sentiu-se tão maravilhosamente livre que às vezes precisava olhar para seus pés, a fim de ter certeza de que eles estavam tocando o chão. Por fora, tinha mantido o

fingimento, dando uma de viúva e mãe sofredora, mas por dentro estava rindo de como era fácil enganar aquelas pessoas estúpidas e simples. E o mais idiota de todos era seu pai. Ela estava com muita vontade de contar o que tinha feito, mostrar o crime para ele como se fosse um escalpo sangrento e dizer:

– Está vendo o que você fez? Está vendo o que me levou a fazer quando me bani como uma prostituta da Babilônia naquele dia?

Mas ela achou melhor não fazer nada. Não importava quanto quisesse compartilhar a culpa com ele, era melhor aceitar sua compaixão.

O plano todo tinha funcionado tão bem. Tinha saído exatamente como ela queria e esperava, e mesmo assim o azar estava sempre rondando. Os primeiros anos em Nova York tinham sido tudo que ela sonhava quando se sentava na casa do cortador de pedras, imaginando uma vida diferente para si. Mais tarde, tinha perdido de novo a vida que merecia. E uma injustiça se seguiu à outra.

Agnes sentia a raiva crescer em seu peito. Ela queria se livrar dessa velha pele repugnante. Sair dessa crisálida e surgir como a adorável borboleta que já tinha sido. Podia sentir o cheiro de velhice em seu nariz e teve vontade de vomitar.

Um pensamento consolador surgiu em sua mente: talvez pudesse pedir para sua filha mandar a caixa azul. Mary não tinha nenhum uso para ela, e Agnes gostaria de tocar em seu conteúdo mais uma vez, uma última vez. O pensamento a animou. Ela pediria que a filha lhe trouxesse a caixa. Se sua filha trouxesse pessoalmente, talvez até contaria o que havia ali dentro. Para sua filha, sempre tinha dito que era Humildade quando a obrigava a comer colheradas no porão. Mas era realmente Coragem que queria dar para a garota. A força de fazer o que fosse necessário para conseguir o que queria. Acreditava que tinha conseguido quando a

garota obedeceu seus desejos de se livrar de Åke. Mas, depois disso, tudo havia desmoronado.

Agora Agnes queria muito recuperar suas cinzas. Ela esticou uma mão trêmula e enrugada para o telefone, mas parou no caminho. Então sua mão caiu de lado e sua cabeça, para a frente, com o queixo batendo no peito. Os olhos miravam vazios para a parede e a saliva começou a cair pelo canto da boca.

Uma semana se passara desde que Patrik e Martin haviam prendido Lilian no hospital. Tinha sido uma semana cheia de alívio e frustração. Alívio por terem encontrado a assassina de Sara, mas frustração por ela ainda se recusar a contar por que tinha feito aquilo.

Patrik colocou o pé em cima da mesa de café e se inclinou para trás com as mãos fechadas atrás da cabeça. Tinha conseguido passar mais tempo em casa essa semana, o que diminuiu um pouco seu sentimento de culpa. Além disso, as coisas estavam começando a ficar mais tranquilas também. Com um sorriso, observava como Erica embalava resoluta o carrinho com Maja por todo o corredor. Agora ela tinha aprendido a técnica e demorava menos de cinco minutos para que Maja dormisse.

Cuidadosamente, Erica empurrou o carrinho até o escritório e fechou a porta. Isso significava que Maja estava dormindo e que eles teriam pelo menos uns quarenta minutos de paz e silêncio juntos.

– Pronto, agora ela está dormindo – disse Erica, acomodando-se ao lado de Patrik no sofá. A maior parte de seu mau humor tinha desaparecido, apesar de ele ainda levar algumas pancadas se Maja estivesse num dia complicado. Mas eles estavam indo na direção certa como pais e ele queria fazer sua parte para melhorar a situação ainda mais. O plano que desenvolvera na semana anterior

tinha funcionado e o último detalhe prático tinha sido feito ontem, com a gentil assistência de Annika.

Ele estava prestes a abrir a boca quando Erica disse:

– Oh, cometi o erro de me pesar hoje de manhã.

Ela ficou em silêncio e Patrik sentiu o pânico tomar conta. Deveria dizer algo? Não deveria? Discutir sobre o peso de uma mulher era como caminhar num campo minado emocional. Ele seria forçado a avaliar cuidadosamente cada lugar antes de escolher onde colocar os pés.

Erica não tinha dito nada mais, e ele achava que estava esperando algum comentário seu. Procurou ardentemente uma resposta correta e sentiu a boca ficar seca quando disse, com cuidado:

– É mesmo?

Ele queria dar um tapa na própria cabeça. Essa era a coisa mais inteligente que podia pensar para dizer? Mas até agora parecia ter evitado as minas, e Erica continuou com um suspiro:

– É, ainda estou pesando uns 10 quilos a mais do que antes de engravidar. Pensei que perderia esses quilos extras mais rápido.

Com muito cuidado, ele tentou encontrar um local mais seguro para pisar. Finalmente, disse:

– Maja ainda não está tão grande. É preciso ser paciente. Tenho certeza de que esses quilos vão desaparecer com a amamentação. Você vai ver, quando ela tiver seis meses, não vai ter nenhum quilo extra. – Patrik prendeu a respiração enquanto esperava a reação de Erica.

– É, acho que você está certo – disse Erica, e ele deu um suspiro de alívio. – Só me sinto muito pouco sexy. Minha barriga está caindo, meus peitos estão enormes e pingando leite, estou sempre

suando, sem falar nessas malditas espinhas que comecei a ter por causa dos hormônios...

Ela riu como se tivesse contado uma piada, mas ele podia sentir como o tom subjacente era desesperado. Erica nunca se preocupara muito com sua aparência, mas ele entendia que deveria ser complicado lidar com isso quando seu corpo e sua aparência tivessem mudado tanto num intervalo relativamente curto. Ele estava tendo dificuldades em aceitar a barriga de meia-idade que se desenvolveu com a de Erica. Não tinha diminuído nem um pouco, mesmo depois que Maja nasceu.

Com o canto do olho, viu Erica enxugar uma lágrima e de repente soube que nunca teria uma oportunidade melhor.

– Fique sentada aqui, não se mova – ele disse excitado e levantou do sofá. Erica olhou curiosa, mas obedeceu. Sentia os olhos dela acompanhando-o enquanto procurava algo no bolso do casaco, que escondeu bem antes de voltar para perto dela.

Com um gesto galante, ele se ajoelhou diante dela e solenemente pegou sua mão. Viu que a ficha já tinha caído e esperava que fosse alegria o que via nos olhos dela. Pelo menos, tinha atraído toda a sua atenção. Ele limpou a garganta, já que tinha ficado repentinamente nervoso.

– Erica Sofia Magdalena Falck, você me concede a honra de me transformar num homem honesto e se casar comigo?

Ele não esperou pela resposta antes de, com dedos trêmulos, tirar a caixa que estava escondida no bolso. Com algum esforço, abriu a caixa de veludo azul, esperando que os esforços combinados com Annika tivessem encontrado um anel de que Erica gostasse.

Suas costas estavam começando a doer, ajoelhado ali, e ele começava a se sentir alarmado, porque o silêncio ainda não tinha sido quebrado. Percebeu que nem imaginara a possibilidade de ela

dizer não, mas agora um sentimento de ansiedade tomava conta dele e desejava não ter sido tão convencido.

Então Erica abriu um enorme sorriso, e as lágrimas começaram a escorrer por seu rosto. Estava rindo e chorando ao mesmo tempo quando esticou a mão para que ele pudesse colocar o anel.

– Isso é um sim? – ele perguntou, sorrindo também. Ela simplesmente assentiu.

– E eu só pediria em casamento a mulher mais linda do mundo, sabe disso – ele completou, esperando que ela ouvisse a sinceridade em sua voz e não achasse que estava mentindo.

– Ah, seu... – ela disse, procurando o epíteto correto. – Sabe, às vezes você sabe exatamente o que deve falar. Não sempre, só às vezes. – Ela se inclinou e deu um longo e doce beijo nele, mas depois se afastou para admirar o anel.

– É fantástico. Duvido que você tenha escolhido sozinho.

Por um instante, ele se sentiu um pouco insultado por ela ter duvidado de seu gosto e estava prestes a dizer “claro que escolhi”. Mas depois pensou melhor e percebeu que ela estava certa.

– Annika foi minha conselheira. Então, tudo bem? Tem certeza? Não quer trocar? Esperei você ver para fazer a gravação, caso não gostasse.

– Adorei – disse Erica com emoção, ele conseguiu sentir que estava falando sério. Ela se inclinou e deu outro beijo, dessa vez mais longo e mais íntimo.

O terrível som do telefone interrompeu-os e Patrik sentiu sua irritação aumentar. Isso é o que chamo de mau momento! Ele se levantou e foi atender, soando um pouco mais ríspido do que o necessário.

– Sim, é o Patrik.

Ficou ouvindo por um momento antes de voltar-se para Erica. Ela ainda estava sentada, sorrindo, admirando a mão com o anel. Quando percebeu que Patrik a observava, abriu um sorriso, que desapareceu quando ele não sorriu de volta.

– Quem é? – perguntou, e havia um tom de ansiedade em sua voz.

A expressão de Patrik ficou mais séria quando respondeu:

– É a polícia de Estocolmo. Querem falar com você.

Ela se levantou lentamente e foi até o telefone.

– Sim, é Erica Falck. – Mil apreensões estavam contidas nessa simples declaração.

Patrik, tenso, ficou observando enquanto ela ouvia o que o homem do outro lado tinha para dizer. Com uma expressão incrédula no rosto, Erica se virou para Patrik e falou:

– Estão dizendo que Anna matou o Lucas.

E deixou cair o telefone. Patrik segurou-a a tempo, antes que caísse no chão.



Camilla Läckberg nasceu em 1974, em Fjällbacka, Suécia. Seus livros já são sucesso mundial, publicados em mais de 30 países, tornando-a uma das mais famosas escritoras de romances policiais.